

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

DALILA ROSA HALLAL

**O CURSO DE TURISMO DA PUCRS:  
A trajetória dos seus 38 anos de existência -  
do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)**

Porto Alegre,  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DALILA ROSA HALLAL

**O CURSO DE TURISMO DA PUCRS:**  
A trajetória dos seus 38 anos de existência –  
do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Maria Helena Camara Bastos

Porto Alegre

2010

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

H416c Hallal, Dalila Rosa  
O Curso de Turismo da PUCRS: a trajetória dos  
seus 38 anos de existência – do Bacharelado (1972) ao  
Tecnólogo (2010) / Dalila Rosa Hallal. Porto Alegre,  
2010.  
468.: il.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e  
Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação,  
PUCRS, 2010.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Camara  
Bastos.

1. História do Ensino Superior de Turismo. 2.  
Turismo – Ensino. 3. Memória. 4. Curso de Turismo  
da PUCRS. 5. História Oral. I. Bastos, Maria Helena  
Camara. II. Título.

CDD 380.8

**Bibliotecária Responsável**

Isabel Merlo Crespo  
CRB 10/1201



DALILA ROSA HALLAL

O CURSO DE TURISMO DA PUCRS:

A trajetória dos seus 38 anos de existência –  
do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)

Tese apresentada como requisito para obtenção do  
grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Mirian Rejowski USP

---

Prof.<sup>a</sup>. Tânia Elisa Morales Garcia UFPel

---

Prof.<sup>a</sup> Susana de Araújo Gastal PUCRS

---

Prof. Charles Monteiro PUCRS

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Helena Camara Bastos PUCRS

## AGRADECIMENTOS

“O pesquisador no país do outro”... Partindo dessa metáfora proposta por Amorim (2004) para definir a natureza da pesquisa em ciências humanas, quero manifestar reconhecimento às pessoas e grupos que tomaram assento ao meu lado, intencional ou inadvertidamente, nessa “viagem” que empreendi.

... à meus pais Maria Gladys e Samir, presenças constantes neste percurso. Pela referência, incentivo, compreensão, paciência e amor em todos os momentos. Sem vocês, hoje não seria quem sou. Não teria feito às escolhas que fiz, não teria concluído mais essa etapa. Me orgulho de tê-los como pais.

... ao Antonio Tiago, meu querido companheiro, minha gratidão pelas nossas conquistas diárias. Esse trabalho foi mais uma delas.

... à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Camara Bastos, que em todos os momentos, me estimulou, acreditou e apostou em mim e na viabilidade deste estudo. Neste tempo de convivência, os desafios propostos pela professora Maria Helena promoveram meu crescimento intelectual e pessoal. Tendo-me desmontado e tendo-me reconstruído, pouco a pouco, compartilhamos a experiência da convivência e da aprendizagem. Agradeço tua efetiva orientação, disponibilidade ao longo da produção do trabalho e, por tudo o que representas como professora e pesquisadora.

... à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Elisa Garcia, minha tutora no sentido real da palavra, pelo incentivo no ingresso no doutorado, pela sensibilidade de visualizar e me indicar, quando ainda não compreendia, o caminho a ser seguido.

... aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, por seu mérito e excelência, que me oportunizaram reflexão, estudo e produção científica em tempos e saberes diversos.

... aos colegas do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS,

... à todos os professores do Curso de Turismo da PUCRS, por continuarem lutando por seus ideais.

... à Universidade Federal de Pelotas, pelo esforço empreendido em conceder quatro anos de licença.

... às/aos colegas do Departamento de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas, com quem vivencio as noções de grupo sujeito, construção coletiva e respeito mútuo.

... aos professores doutores Charles Monteiro, Susana Gastal, e Núncia Constantino, cujos olhares cuidadosos e competentes sobre o projeto de tese contribuíram para que eu reconhecesse novas perspectivas de trabalho.

... aos familiares próximos – pelo amor e confiança inabaláveis.

... ao meu irmão Rafael, pelo carinho como fui acolhida, por ter sido meu anfitrião e me receber em sua casa.

... à Dalila Müller, Débora Clasen de Paula, e, posteriormente Mariluci Vargas, com quem convivi e dividi muito mais que uma morada, pelos diferentes momentos de aprendizagem e partilha. Pela palavra amiga, conselhos de sabedoria feitos com um sorriso de chegada e um abraço de despedida. Pelas muitas horas de partilha, cumplicidade e incentivo. Por tudo que vivemos nessa etapa de nossas vidas, numa amizade que continua para além do ambiente acadêmico.

... às “*gurias*”, incluindo o Edgar, responsáveis por terem me lançado aos vícios... do gosto pelo estudo, da curiosidade intelectual, da atitude investigativa e, sobretudo, do compromisso ético-político com a educação. Com vocês descobri que “é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia” (Clarice Lispector). Por instaurarem ricas

possibilidades de diálogo e aceitarem o deslocamento de lugares, durante nossas saídas, que possibilitam diversos olhares sobre a vida.

... à Ângela Pomati, Débora Clasen de Paula e Sibebe Machado de Freitas, que me ajudaram no trabalho de coleta de dados, transcrição de entrevistas e digitação da pesquisa.

... à Nôris Duarte, pelo carinho e pela correção do português.

... aos amigos, que trilham caminhos diversos, no entanto, nos fazem continuar na certeza que estaremos sempre unidos. Muitos sem saber, de perto ou de longe, estimularam, desafiaram, apoiaram, fortalecendo-me na empreitada.

... especialmente a todos os narradores pelas memórias que comigo compartilharam. Pelo carinho da acolhida, momentos de aprendizagem e cumplicidade na emoção que muitas vezes nos envolveu junto ao ato de recordar. Nosso estudo teve o privilégio de contar com aqueles que com suas presenças fizeram e fazem no cotidiano o Curso de Turismo da PUCRS ser quem é, professores, alunos, servidor técnico-administrativo, que construíram coletiva, árdua e prazerosamente durante quase 40 anos, um conhecimento voltado para a paz, para a justiça social, para o bem comum, creio que estão todos de parabéns. Emprestaram-me suas vozes para que eu pudesse contar essa história. Sem vocês, sua sabedoria, esta Tese não existiria.

Há 50 anos, nas Grandes Veredas do Sertão, Guimarães Rosa dizia que:

*Só quando se tem rio fundo, ou cava de buraco, é que a gente por riba põe ponte...*

Assim, a vida quer da gente coragem. A nossa realidade é funda. Que façamos juntos muitas pontes.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender o percurso institucional do curso de graduação em Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ao longo dos seus 38 anos (1972 – 2010), desde os anseios embrionários de seus fundadores aos discursos de seus protagonistas atuais, trazendo subsídios para reflexões acerca do contexto histórico-social e dos desafios do curso. Apresenta o seu processo histórico, pioneirismo, inserção e relevância para o estado do Rio Grande do Sul, especialmente para a profissionalização qualificada da atividade turística. Além de atentar para a trajetória do curso de turismo – o contexto de criação, a atualidade, a extinção e a criação de um curso de tecnólogo na área –, discorre-se sobre o ensino superior em Turismo no Brasil. A pesquisa adota a metodologia da história oral, destacando-se as entrevistas, que foram realizadas no período de 2008 a 2010. Também foram coletados documentos variados. Este é, pois, um estudo sobre memórias de professores, de ex-professores, de ex-alunos e de pessoas envolvidas com o turismo acerca do Curso Superior de Turismo da PUCRS. Para além da reconstrução da história deste curso, a investigação está interessada nos sentidos e significados atribuídos pelos narradores as suas vivências nesse espaço, nos modos como compõem suas reminiscências, nas lembranças e nos esquecimentos que ativamente construíram quando insitados, provocados, mobilizados pelas memórias, a narrá-las nas entrevistas. Assim, o curso de turismo foi o motivo e o tema das falas, e estas, por sua vez, os fios da trama desta investigação. O estudo acompanha e analisa as três fases do curso: a inicial, de criação, que vai de 1972 a 1976; a segunda, a consolidação – de 1976 ao final da década de 1990; e a terceira, a atualidade – do final da década de 1990 a 2010. Embora o curso tenha se consolidado e contribuído para os avanços nos estudos turísticos no Brasil, em 2010, foi extinto e iniciou o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo. Estes acontecimentos não o aniquilam, eles o tornam inteligível, ao percebermos as relações de um curso com seu tempo. A análise das memórias permite avaliar que o curso seguiu uma trajetória consoante às condições do contexto em que se desenvolveu. O curso foi criado, transformou-se, tornou-se um curso de qualidade, sofreu as mudanças que afetaram o ensino brasileiro em Turismo, enfim, viveu a História em seu sentido pleno, o que permite afirmar que a história do curso de Turismo da PUCRS representa a história da educação superior em Turismo no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História. Ensino Superior de Turismo. Curso de Turismo da PUCRS. História Oral.

## ABSTRACT

This research aims at understanding the institutional route of the undergraduate course in Tourism of the Catholic University in Rio Grande do Sul (PUCRS), along its 38 years (1972-2010), since the embryonic expectations of its founders to the discourses of its present protagonists, bringing subsidies for reflections about the historic-social context and challenges of the course. It presents its historical process, pioneering, insertion and relevance for the State of Rio Grande do Sul, specially for the qualified professionalization of the touristic activity. Besides considering the route of the tourism course – creation context, actuality, extinction, and the creation of a technological course in the area – one writes about the higher Tourism education in Brazil. The research embraces the oral history methodology, by highlighting interviews performed in the period of 2008-2010. Several documents were also collected. Consequently, this is a study about professors', former professors, alumni and people involved with tourism memories concerning the Higher Course of Tourism at PUCRS. Far beyond the reconstruction of history of this course, the investigation is interested in the senses and meanings attributed by the narrators and their personal experiences within this space, in the ways in which they compose their reminiscences, memories and forgetfulness which they actively built when elicited, provoked, and mobilized by their memories, in order to narrate them in the interviews. So, the tourism course was the motive and the theme for the talks, and these in turn were the threads of the web in the investigation. The study follows and analyses the three stages of the course: beginning with its creation, from 1972 to 1976; secondly, its consolidation from 1976 to the end of the 1990's; and thirdly, the present day, from the end of the 1990's to 2010. Though the course has consolidated itself as well as contributed to the advances in the touristic studies in Brazil, it was extinguished and the Higher Course in Tourism Management Technology began. These events did not annihilate it, but they make it intelligible when one realizes the relationships of one course to its time. The analysis of such memories allows us to assess that the course followed a route according to the context conditions in which it developed. The course was created, changed, and became a quality course, undergoing the changes which affected the teaching of Brazilian tourism, and finally lived a History in its full sense, and this allows us to state that the history of the Tourism course at PUCRS represents the history of the higher Tourism education in Brazil.

Key words: History. Higher Tourism Education. Tourism Course at PUCRS. Oral History.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	página
Ilustração 1 – Turismo: a estratégia gaúcha (1972).....	90
Ilustração 2 – Correio do Povo/RS, 06/06/1972, p. 04.....	93
Ilustração 3 – Correio do Povo/RS, 08/06/1972, p. 04.....	94
Ilustração 4 – Correio do Povo/RS, 16/06/1972, p. 08.....	95
Ilustração 5 – Correio do Povo/RS, 21/02/1973, p. 28.....	97
Ilustração 6 – Correio do Povo/RS, 02/02/1973, p. 01.....	100
Ilustração 7 – Correio do Povo/RS, 28/03/1973, p. 13.....	114
Ilustração 8 – Correio do Povo/RS, 22/10/1972, p. 41.....	127
Ilustração 9 – Correio do Povo/RS, 26/10/1972, p. 13.....	129
Ilustração 10 – Correio do Povo/RS, 13/07/1972, p. 13.....	132
Ilustração 11 – Correio do Povo/RS, 16/07/1972, p. 10.....	133
Ilustração 12 – Correio do Povo/RS, 18/02/1973, p. 12.....	135
Ilustração 13 – Obras da FAMECOS/PUCRS – 1972.....	163
Ilustração 14 – Correio do Povo/RS, 06/11/1971, p. 12.....	164
Ilustração 15 – Correio do Povo/RS, 15/08/1972, p. 08.....	174
Ilustração 16 – Correio do Povo/RS, 15/08/1972, p. 09.....	175
Ilustração 17 – Correio do Povo/RS, 07/09/1972, p. 20.....	175
Ilustração 18 – Correio do Povo/RS, 03/08/1972, p. 10.....	176
Ilustração 19 – Correio do Povo/RS, 27/09/1972, p. 09.....	177
Ilustração 20 – Correio do Povo/RS, 18/10/1972, p. 11.....	178
Ilustração 21 – Correio do Povo/RS, 09/06/1973, p. 10.....	182
Ilustração 22 – Correio do Povo/RS, 25/10/1973, p. 16.....	184
Ilustração 23 – Correio do Povo/RS, 12/08/1976, p. 12.....	200
Ilustração 24 – Correio do Povo/RS, 13/08/1976, p. 10.....	201
Ilustração 25 – Convite de Formatura da primeira turma de Turismo FAMECOS/PUCRS, 1976.....	202
Ilustração 26 – Foto da Formatura da primeira turma do Turismo, 1976 (da esquerda para direita – Elisabet Maria Fleck, Ondina Maria O. da Silveira, Diney Adriana Oliveira, Norma Martini Moesch, Ana Luiza de Almeida Oliveira, Carmem Lucia Lima de Oliveira e Dea Lucia Coufal).....	203
Ilustração 27 – Correio do Povo/RS, 15/08/1976, p. 35.....	203
Ilustração 28 – Correio do Povo/RS, 15/08/1976, p. 35.....	204
Ilustração 29 – Correio do Povo/RS, 17/10/1976, p. 10.....	205
Ilustração 30 – Correio do Povo/RS, 16/12/1976, p. 11.....	206



Ilustração 31 – Correio do Povo/RS, 10/07/1974, p. 10.....	213
Ilustração 32 – Correio do Povo/RS, 06/07/1974, p. 10.....	215
Ilustração 33 – Correio do Povo/RS, 10/07/1974, p. 11.....	216
Ilustração 34 – Correio do Povo/RS, 13/08/1974, p. 07.....	220
Ilustração 35 – Correio do Povo/RS, 07/05/1974, p. 11.....	221
Ilustração 36 – Correio do Povo/RS, 28/11/1974, p. 12.....	222
Ilustração 37 – Correio do Povo/RS, 23/01/1975, p. 04.....	229
Ilustração 38 – Correio do Povo/RS, 27/07/1976, p. 12.....	231
Ilustração 39 – Correio do Povo/RS, 07/09/1976, p.06.....	233
Ilustração 40 – Jornal Hipertexto, 2002, p. 07.....	274

## LISTA DE QUADROS

	página
Quadro 1 – Os Narradores da Pesquisa.....	53
Quadro 2 – Alguns Cursos Superiores de Turismo, criados na década de 1970, no Brasil.....	125
Quadro 3 – Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil.....	158
Quadro 4 – Currículo do curso de Turismo – 1972.....	180
Quadro 5 – Coordenadores do Departamento de Turismo – 1972 a 2009....	183
Quadro 6 – Currículo do Curso de Turismo – 1973.....	183
Quadro 7 – Professores e suas disciplinas.....	225
Quadro 8 - Estrutura Curricular do Curso – 1976.....	227
Quadro 9 – Proposta de Currículo Mínimo para os cursos de Turismo do III ENBETUR, 1981.....	239
Quadro 10 – Proposta de Currículo da EMBRATUR para os cursos de Turismo, 1981.....	239
Quadro 11 – Currículo Implantado em 1994.....	250
Quadro 12 – Currículo do Curso 2004.....	267
Quadro 13 – Cursos de Turismo no Rio Grande do Sul.....	272

**LISTA DE ANEXOS**

	página
ANEXO A– Termo de Cessão ou de Autorização.....	339
ANEXO B – Currículo Mínimo de Curso Superior de Turismo.....	371
ANEXO C – II Congresso Nacional de Turismo.....	372
ANEXO D – CELAR – Centro de Estudos de Lazer da PUCRS.....	374
ANEXO E – Folder das Comemorações dos 20 anos do curso de Turismo da PUCRS.....	387
ANEXO F – Discurso da Professora Norma Moesch durante as comemorações dos 25 anos do Curso de Turismo da PUCRS.....	390
ANEXO G – Revista Experiência, 1997.....	392

**LISTA DE APÊNCICES**

	página
APÊNDICE A – Roteiros das entrevistas.....	416
APÊNDICE B – Os Guias da Pesquisa: Os Narradores.....	422
APÊNDICE C – Inscritos no vestibular, matrículas e concluintes do curso de Turismo/PUCRS.....	453
APÊNDICE D – Docentes do Curso, atividades do Departamento de Turismo, Participação do Curso em eventos e Conferências, Palestras ou cursos proferidos pelos docentes.....	457

## LISTA DE SIGLAS

**ABAV** Associação Brasileira dos Agentes de Viagens  
**ABBTUR** Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo  
**ABDETH** Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria  
**ABIH** Associação Brasileira da Indústria Hoteleira  
**ABRAJET** Associação Brasileira dos Jornalistas de Turismo  
**ABRASEL** Associação Brasileira de Bares e Restaurantes  
**ADVB** Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil  
**AIEST** Association Internationale d'Experts Scientifiques du Tourisme  
**AJOTUR** Associação dos Jornalistas de Turismo  
**BNDS** Banco Nacional de Desenvolvimento Social  
**CAAP** Centro Acadêmico “Alberto Pasqualini”  
**CAPES** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
**CBTUR** Congresso Brasileiro de Turismo  
**CCJEA** Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas UFSM  
**CELAR** Centro de Estudos de Lazer e Recreação da PUCRS  
**CENTRETUR** Centro de Treinamento em Turismo  
**CESF** Centro de Ensino Superior Cenecista de Farroupilha  
**CET** Conselho Estadual de Turismo  
**CFA** Conselho Federal de Administração  
**CFE** Conselho Federal de Educação  
**CITUR** Comissão Inter-setorial de Turismo  
**CNE** Conselho Nacional de Educação  
**CNPq** Conselho Nacional de Pesquisa  
**CNTUR** Conselho Nacional de Turismo  
**COC** Instituto de Ensino Superior  
**COMBRATUR** Comissão Brasileira de Turismo  
**COMTUR** Conselho Municipal de Turismo  
**CONFATESP** Conselho das Faculdades de Turismo do Estado de São Paulo  
**CONTUR** Congresso Nacional de Turismo  
**COODESTUR** Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico Ltda  
**COTAL** Congresso Extraordinário das Organizações Turísticas da América Latina  
**CPETUR** Centro de Pesquisas e Estudos Turísticos da Morumbi  
**CRP** Centro de Relações Públicas da USP - atual Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo  
**CRTUR** Companhia Riograndense de Turismo  
**CUPET** Centro Universitário de Pesquisa e Estudos de Turismo da PUCRS  
**DAER** Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem  
**DEATUR** Delegacia Especializada em Atendimento ao Turista  
**DOP** Departamento de Obras Públicas  
**DOU** Diário Oficial da União  
**ECA** Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo  
**EDIPUCRS** Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
**EMBRATUR** Empresa Brasileira de Turismo  
**EMBRATUR** Instituto Brasileiro de Turismo  
**ENBETUR** Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo  
**ENEM** Exame Nacional do Ensino Médio  
**EPATUR** Empresa Porto Alegrense de Turismo

**EPB** Estudo de Problemas Brasileiros  
**EUA** Estados Unidos da América  
**FAACS** Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul  
**FAAPF** Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo  
**FACCAT** Faculdades Integradas de Taquara  
**FACE** Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia  
**FACEBG** Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves  
**FACSALLE** Faculdade de Tecnologia La Salle - Estrela  
**FAMECOS** Faculdade de Comunicação Social  
**FARGS** Faculdades Riograndenses  
**FAT** Faculdade de Turismo do Morumbi  
**FEARTE** Fórum Espírita de Arte  
**FEEVALE** Centro Universitário Feevale  
**FHC** Fernando Henrique Cardoso  
**FIPE** Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas  
**FISUL** Faculdade de Integração do Ensino Superior do Cone Sul  
**FMI** Fundo Monetário Internacional  
**FTECBRASIL** Faculdade de Tecnologia Tecbrasil  
**FUNGETUR** Fundo Geral do Turismo  
**GE** Guia do Estudante  
**GT** Grupo de Trabalho  
**IAST** International Academy for Study of Tourism  
**IATA** International Air Transport Association  
**IBAMA** Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais  
**IBRATUR** Instituto Brasileiro de Turismo  
**IDEAU** Faculdade de Getúlio Vargas  
**IES** Institutos de Ensino Superior  
**INEP** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio  
**INIBERO** Centro Universitário Íbero-Americano  
**INTERCOM** Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação  
**IPA** Centro Universitário Metodista  
**IUOTO** União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens  
**LDB** Lei de Diretrizes e Bases  
**LDBEN** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
**MEC** Ministério da Educação  
**MICT** Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo  
**MTUR** Ministério do Turismo  
**OCDE** Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico  
**OMT** Organização Mundial do Turismo  
**ONGs** Organizações não Governamentais  
**PARANATUR** Empresa Paranaense de Turismo  
**PIB** Produto Interno Bruto  
**PIEM** Programa de Integração Estado-Município  
**PLANTUR** Plano Nacional de Turismo  
**PNMT** Programa Nacional de Municipalização do Turismo  
**PNT** Política Nacional de Turismo  
**PP** Publicidade e Propaganda  
**PPCT** Projeto de Criação do Curso de Turismo  
**PRO UNI** Programa Universidade para Todos  
**PUCRS** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**PUCs** Pontifícia Universidades Católicaas  
**RP** Relações Públicas  
**RS** Rio Grande do Sul  
**SENAC** Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial  
**SESC** Serviço Social do Comércio  
**SESU** Secretaria de Ensino Superior  
**SETUR** Secretaria Estadual de Turismo  
**SETUR** Serviço Estadual de Turismo  
**SUDESUL** Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul  
**TTRA** Travel and Tourism Research Association  
**UAM** Universidade Anhembi Morumbi  
**UCB** Universidade Católica de Brasília  
**UCP** Universidade Católica de Petrópolis  
**UCPEL** Universidade Católica de Pelotas  
**UCS** Universidade de Caxias do Sul  
**UFPEL** Universidade Federal de Pelotas  
**UFRGS** Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
**UFRJ** Universidade Federal do Rio de Janeiro  
**UFRN** Universidade Federal do RN  
**UFMS** Universidade Federal de Santa Maria  
**ULBRA** Universidade Luterana do Brasil  
**UNA** Centro Universitário UNA  
**UNB** Universidade de Brasília  
**UNESCO** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
**UNICRUZ** Universidade de Cruz Alta  
**UNIDERP** Universidade Anhanguera  
**UNIFRA** Centro Universitário Franciscano  
**UNILASALLE** Centro Universitário La Salle  
**UNIPAMPA** Fundação Universidade Federal do Pampa  
**UNISC** Universidade de Santa Cruz do Sul  
**UNISINOS** Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
**UNISUL** Universidade do Sul de Santa Catarina  
**UNIVALI** Universidade do Vale do Itajaí  
**UNIVATES** Centro Universitário Univates  
**UNOPAR** Universidade Norte do Paraná  
**UPF** Universidade de Passo Fundo  
**USAID** United States Agency for International Development  
**USBEE** União Sul Brasileira de Educação e Ensino  
**USP** Universidade de São Paulo  
**VARIG** Viação Aérea Rio Grandense

## SUMÁRIO

	página
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	03
<b>RESUMO</b> .....	05
<b>ABSTRACT</b> .....	07
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	09
<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	11
<b>LISTA DE ANEXOS</b> .....	12
<b>LISTA DE APÊNDICES</b> .....	13
<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	14
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>PARTE I – ITINIRÁRIOS DA PESQUISA</b> .....	33
<b>Capítulo 1 Construindo o Percorso da Pesquisa</b> .....	34
1.1 Trajetos Teóricos da Pesquisa .....	34
1.2 Roteiro Investigativo da Pesquisa .....	42
1.3 Os Guias da Pesquisa.....	52
<b>PARTE II – O TURISMO E OS CURSOS DE TURISMO</b> .....	60
<b>Capítulo 2 Contexto Histórico-social do Turismo</b> .....	61
2.1 O Turismo no Brasil.....	62
2.2 O Turismo no Rio Grande do Sul.....	75
<b>Capítulo 3 Os Cursos Superiores em Turismo</b> .....	107
3.1 Ensino Superior em Turismo no Mundo.....	108
3.2 Ensino Superior em Turismo no Brasil.....	111
3.3 O Turismo como objeto de estudo e o Conhecimento Científico em Turismo.....	149
<b>PARTE III – PERCURSOS DO CURSO DE TURISMO – PUCRS</b> .....	160
<b>Capítulo 4 A Emergência do Curso (1972 – 1975)</b> .....	161
4.1 O Processo de Constituição do Curso.....	165
4.2 A Construção do Currículo do Curso.....	170
4.3 O Curso de Turismo e a FAMECOS.....	185
4.4 Corpo Docente.....	190
4.5 Os Alunos.....	194
4.6 As Turmas Pioneiras.....	198



4.7 Desafios Iniciais.....	207
4.8 O Curso e suas Relações Locais e Nacionais.....	208
<b>Capítulo 5 A Consolidação do Curso (1976 ao final da década de 1990)</b> .....	224
5.1 O Processo de Reconhecimento do Curso.....	224
5.2 O Curso após o Reconhecimento.....	230
5.3 O Processo de Reestruturação Curricular do Curso.....	246
<b>Capítulo 6 O Curso na Atualidade (do final da década de 1990 a 2010)</b> .....	265
6.1 O Constante Processo de Mudanças do Curso.....	265
6.2 Os Alunos e a hospitalidade do Curso.....	279
6.3 A Pós-Graduação em Turismo na PUCRS e o Turismo enquanto Área de Conhecimento.....	281
6.4 Impasses, Crises e Rupturas no Curso.....	289
6.5 Transferência do Curso para a Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Econômicas FACE e seu Processo de Extinção.....	300
6.6 Fazendo às Pontes: entre o Passado e o Presente.....	313
<b>FINALIZANDO: do Bacharel ao Tecnólogo</b> .....	318
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	324
<b>ANEXOS</b> .....	338
<b>APÊNDICES</b> .....	415

## INTRODUÇÃO

### REMINICÊNCIAS

*Cheguei propositalmente mais cedo.  
Necessitava ouvir o silêncio, para lembrar o  
burburinho de vinte anos aqui vividos.  
Ao chegarmos no prédio 7, as lembranças me  
assaltaram.  
Os degraus já gastos.  
O tempo passando em todos os seus pormenores.  
As folhagens imensas, as árvores grandes já dando belas  
sombas.  
Flores e mais flores enfeitando os nossos caminhos.  
Os cabelos brancos surgindo.  
E... a maturidade sendo realidade.  
Foi aqui, exatamente que tudo começou.  
Sou da primeira turma deste prédio.  
Sou da primeira turma de formandos do Curso Superior  
de Turismo.  
Metade da minha vida, literalmente, foi aqui vivida.  
Particpei do coquetel de inauguração da sala de  
turismo, da equipe que foi a São Paulo para o 1º  
Congresso Nacional, secretariei o 2º CONTUR, que, por  
iniciativa do nosso grupo, foi realizado aqui na  
PUCRS.  
Relembro com emoção o prazer em conhecer  
pessoalmente o prof. Luis Fernando Fuster e a  
felicidade de reencontrá-lo em Madrid quando, anos  
após, lá estive estudando como bolsista, na Escuela  
Oficial de Turismo.  
Como esquecer aquela sexta-feira, 13 de agosto?  
Data da nossa formatura.  
Os colegas de então?  
Muitos deles atuando no setor.  
O convívio alegre e descontraído. A tranquilidade de  
possuirmos o mesmo álbum de fotografias. Fotos  
para as quais o Schardong nos ensinou o melhor  
enquadramento.  
Que saudades!  
As sopas tomadas em noites frias, após as aulas; os  
jantares de confraternização.  
Daqui saímos para pequenas e longas viagens.  
Aqui fizemos pequenos e grandes trabalhos. Colocamos  
muito amor e criamos vínculos bem fortes.  
O pós-graduação e o convite para lecionar.  
Jamais esquecerei o orgulho do meu pai. Meu grande  
mestre. A todos contava que sua filha era professora de  
turismo na PUCRS.  
Quantas vezes minha mãe me ajudou a aprofundar  
meus conhecimentos. Enquanto eu lia um livro, ela lia  
outro e nos intervalos do almoço me contava as  
historias de Carlos V, Felipe II. Falava da chegada dos  
espanhóis, da expulsão dos holandeses...  
Os trabalhos em grupo. Muita criatividade, energia. A  
sede de inovação, muito ímpeto e ... muita insegurança.  
O início profissional.  
A equipe que trabalhou na Secretaria de Turismo.*

*Fizemos e acontecemos por todos os rincões desse  
Estado.  
Vimos a bela restauração do teatro São Pedro, o triste  
destino de Leopoldina. E... a **Casa de Cultura Mário  
Quintana**.  
Muita calabresa no "Copa". Feijão mexido no Tio Flor e  
as penhas crioulas no 35, ainda ali, na Cidade Baixa.  
A época dos Campings, a construção dos Hotéis 5  
estrelas, a subida para a serra gaúcha.  
Levamos o Café Colonial por este Brasil a fora.  
Vibramos a cada **Califórnia da Canção Nativa** e  
acompanhamos tantas outras expressões musicais.  
Vimos a geada vestir de noiva os galhos da  
pitangueira.  
Perdemos Lupicínio Rodrigues, e o nosso maior poeta  
ainda caminhando pelas ruas da cidade.  
Foi numa noite de ventos que Erico Veríssimo nos  
deixou.  
Colocamos no peito os adesivos "gaúchos" e  
participamos de Congressos mostrando as belezas de  
"nossa terra" e o nosso potencial turístico.  
Estudamos, aprendemos, transmitimos.  
A batalha pelo reconhecimento da profissão.  
A lástima pelo fechamento da Secretaria de Turismo.  
A participação pela reforma curricular.  
A mão dada na hora certa. E... a emoção de  
paraninfar tantas turmas.  
Na roda gigante, do parque da Redenção, vimos  
surgir o Brique. Nosso mercado das pulgas.  
Deslizamos pelo Guaíba pelo Cisne Branco, hoje  
revestido de plumagem nova.  
Bailamos no Mano a Mano e comemos salada de  
fruta com sorvete no Mercado Público.  
Acompanhamos tantas Feiras do Livro  
e... declamamos nossa "mui leal e valorosa cidade" nos  
concursos, homenageando esta **Porto Alegre**.  
A cada pôr do sol, ao pé da chaminé do Gasômetro,  
renasce a alegria de reviver nossa cultura. Um novo  
espaço se abriu na velha usina.  
A valorização das tradições folclóricas de nosso  
estado, consideradas como expressões mais vibrantes  
destes pagos.  
Do minuano que assovia, das geadas de "renguear  
CUSCO", aos verões que assolam nossas praias,  
atraindo los Ermanos.  
A criação do MERCOSUL.  
Tantos anos se passaram.  
Tantos barcos aqui aportaram.  
Tantos sonhos se concretizaram.  
Não estamos nem na metade, nem no fim do caminho.  
É somente um momento de recordar.  
Os desafios surgem a cada dia.  
Felizes, completamos 20 anos.*

Com essas lembranças, Diney Adriana de Oliveira, ex-aluna e ex-professora do Curso de Turismo da PUCRS, faz uma descrição, no livro organizado por Hilda Flores (1993), de sua trajetória nesse curso e da sua profissão de turismólogo<sup>1</sup>. Escolhemos essas reminiscências, como epígrafe para iniciar este estudo, por ser este o tema do qual vamos tratar – o Curso de Bacharelado em Turismo da PUCRS.

Numa perspectiva aberta para seu tempo, Diney Adriana Oliveira refaz seu percurso e o tempo de suas vivências, revisitando lugares, eventos, emoções, momentos, enfim, espaços e tempos que se encontram presentes no turismo e no Curso de Turismo da PUCRS.

Nas lembranças descritas pela professora, percebemos que é possível desvelar, na memória da educadora, o Curso de Turismo e, para realizar essa viagem, apoiamos-nos em uma colocação de Santos (1986, p. 12), quando assinala que “assim como a ideologia, a memória é um fenômeno sempre atual, onde o passado, mais que reconstituído, é reconstruído, num plano afetivo e mágico, onde os valores ilusórios e místicos de um tempo morto poderiam renascer de uma forma coerente e verossímil através da obra de um escritor”. Percebemos que essas lembranças ajudam a reconstruir o sentido de sua vida e de sua atuação profissional e do Curso de Turismo da PUCRS. Ao mesmo tempo, levantam questões a respeito do turismo no RGS e em Porto Alegre, com os instrumentos e os sentimentos que o presente vivido lhe permitiu perceber.

Essas lembranças representam um *insight* de como foi, para nós, realizar este estudo, pois, através dele, é possível, também, revelar um pouco de nossa vida profissional. Isso nos remete a Ribeiro (1999, p. 191), quando afirma que, “[...] nada é apenas objeto, porque, sempre, de alguma forma, tem a ver intimamente com o sujeito que o está estudando”. Ao elaborar esta tese, também rememoramos, nos construímos, pois, como nos aponta Bastos (2003), produzir a sua vida é também produzir a sua profissão.

Escrever a história é mais do que realizar uma exposição de achados. É o efeito de uma transformação pela qual passamos enquanto sujeitos que nos assumimos e assumimos os riscos pressentidos na escrita. É dialogar, não exatamente com os outros, mas com nosso próprio pensamento. Por esse motivo, escrever é tão deliciosamente perturbador!

Isso dito, passamos a apresentar como fomos compondo a problemática de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Turismólogo é o termo usado para nomear o bacharel em turismo. Esse termo surgiu ainda na década de 1970, na ocasião da formatura da primeira turma. Anteriormente o termo usado era “Planejadores de Turismo”. <http://www.fauf.edu.br/principal/destaques/destaque.asp?wcdnoticia=381>, (25/10/2006).

O turismo apresenta-se como fruto de grandes transformações socioeconômicas, culturais e tecnológicas que se iniciaram no final do século XVIII. No entanto, nos últimos cinquenta anos, vem crescendo significativamente. Enquanto fenômeno social, assume tal complexidade, que a sua influência em diferentes setores da sociedade tem despertado significativo interesse em diversas áreas do conhecimento científico, como objeto de estudo de várias ciências.

Enquanto uma área de conhecimento acadêmico e objeto de conhecimento científico, é um fenômeno relativamente novo. O conhecimento em turismo foi, em grande parte, construído conjuntamente com seu próprio desenvolvimento e prática, ou seja, está em processo de construção. Conforme Solha (2002), no Brasil, apenas alguns períodos referentes ao desenvolvimento do turismo foram estudados de maneira aprofundada, mas, para a maior parte dos acontecimentos ocorridos na área, não existe registro.

A formação educacional em nível superior em turismo, em nosso país, começou no início da década de 1970, motivada pelas múltiplas possibilidades do setor turístico para o desenvolvimento socioeconômico nacional. Em 1990, o turismo despontou como um dos segmentos de maior prosperidade entre as tendências de cursos divulgadas massivamente nos meios de comunicação, o que atraiu a atenção de estudantes, empresários e instituições de ensino.

A Faculdade de Turismo do Morumbi (atual Universidade Anhembi-Morumbi) foi pioneira na área, criando o curso em 1971. Nessa época, surgem outras iniciativas, principalmente nas capitais dos Estados, entre elas o Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o primeiro curso de Graduação em Turismo do estado, aprovado em novembro de 1971. O Curso Superior de Planejamento de Turismo, como era chamado, foi integrado à Faculdade dos Meios de Comunicação Social/FAMECOS (atual Faculdade de Comunicação Social).

A investigação que tinha como foco inicial trabalhar com a memória do ensino superior em Turismo no Rio Grande do Sul foi reinventada, redefinida, e optamos então, por trabalhar a história do curso superior de Turismo da PUCRS, a partir de suas memórias. Antes de iniciarmos o trabalho, pouco conhecíamos sobre o Curso de Turismo da PUCRS, além das referências elogiosas que, frequentemente, ouvíamos sobre ele e do nosso reconhecimento pessoal. Tínhamos consciência de que o Curso se constituía como uma referência na área do Turismo no estado do Rio Grande do Sul por ter sido pioneiro e que parecia ser capaz de fazer, com competência, a interlocução entre

teoria e prática, sendo que seus egressos eram prestigiados tanto pelo mercado de trabalho quanto pela sociedade.

Ao longo dos anos, o Curso de Turismo, através de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, vem procurando consolidar um projeto pedagógico que contemple a formação de um profissional, agente de mudanças, preocupado com os rumos do Turismo na sociedade.

Entre tantas alternativas possíveis, interessou-nos investigar o processo de constituição da memória. A opção foi investigar as memórias dos sujeitos que vivenciaram o curso, portanto, ao definir esse objeto, procuramos valorizar aquela comunidade acadêmica, analisar as particularidades daquele grupo, entender como produzem hoje o passado vivido.

Desse modo, esta pesquisa nasce da necessidade de compreender a razão, o sentido, a finalidade, enfim, a trajetória do Curso superior de Turismo da PUCRS, bem como as transformações que se processaram no tempo, pois permite compreender as causas, os significados e a direção das transformações. Partindo-se do princípio de que cada vez mais a trajetória dos “mais diversos processos” devem ser pesquisados e valorizados, o presente estudo se propõe a analisar a dinâmica de criação e consolidação do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), de 1972 – 2010.

Especificamente, propomos identificar as múltiplas razões que atuaram na sua origem – identificar os objetivos de sua criação; entender em que contexto (histórico, econômico, social, político) surgiu o curso; descrever os pressupostos que deram corpo ao curso; compreender as mudanças pelas quais vêm passando, a partir da memória dos sujeitos envolvidos nesse processo, ou seja, a partir do discurso dos coordenadores, docentes, ex- docentes, ex- alunos e algumas pessoas relacionadas à atividade turística na época da criação do curso de Turismo da PUCRS.

A delimitação deste estudo compreendeu o período de 1972 a 2010. O curso teve um longo percurso desde a idealização, em 1971, concretização e início em 1972. O limite final fixado em 2010 se definiu a partir das entrevistas realizadas, em que os narradores discorrem sobre a atualidade do curso. Em 2009, houve mudanças no curso – que passa a ser lotado na Faculdade de Administração, Ciência Contábeis e Economia - FACE. Em 2010, ele é extinto, e a PUCRS passa a oferecer o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo.

São diversos os motivos que nos levaram a privilegiar a compreensão da Educação em Turismo no movimento histórico. A ligação estreita que mantemos com a

pesquisa, longe de constituir obstáculo, pode se tornar um instrumento que impulsiona a compreensão, afinal, o olhar que olha os outros sente a necessidade de voltar-se para si mesmo.

Desejar compreender a trajetória do curso é o ato inaugural que nos impele a verificar que o desejo que encontrou nos outros a oportunidade de manifestar-se em obras, é o móvel do esforço que nos leva a passar horas consultando arquivos, a permanecer debruçados sobre uma mesa copiando informações, a demandar dias e dias em entrevistas e, posteriormente, transcrições infundáveis, criando e recriando ideias.

O que conduziu a escolha por este tema e objeto de investigação também está relacionado às afinidades e às identificações que temos com o ensino superior em Turismo, pois, desde 2000, na qualidade de docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e envolvidos na elaboração do projeto de criação do Curso de Bacharelado em Turismo naquela Instituição, sempre tivemos como preocupação entender o processo de desenvolvimento dessa atividade, como se vêm se desenvolvendo as pesquisas científicas nessa área, isto é, quando e por que o turismo passou a ser preocupação acadêmica e o significado dos cursos superiores de turismo nesse contexto.

O curso de doutorado foi uma consequência do processo de amadurecimento intelectual. Dois temas nos fascinavam: a Educação e o Turismo. De certa forma, eles se fundem e se complementam no nosso cotidiano universitário, porém entendíamos que não poderíamos perder de vista o aspecto histórico da formação em Turismo. Como não havia cursos de Doutorado em Turismo no Brasil e entendendo que todo o aporte teórico-metodológico estaria alicerçado na história, a procura pelo doutorado em História pareceu o mais adequado e possibilitou novos questionamentos que despertaram outras percepções acerca do conhecimento nesta área. Determinadas temáticas e conceitos que antes não faziam muito sentido deixaram de ser tão nebulosos e assumiram outras dimensões. Os estudos da História Cultural, de Memória e de História Oral, as leituras de diferentes pensadores, ainda que suscitem muitas indagações, permitem outros olhares e possibilitam estabelecer novos entendimentos acerca da ciência, da verdade, do sujeito, da História e do Turismo.

Um estudo de tal natureza justifica-se pela escassa produção de pesquisas na área, em razão, por um lado, da carência de enfoques interdisciplinares que busquem integrar as perspectivas da história, da educação e do turismo. A pesquisa também permite interrogar-nos sobre os "transbordamentos" do curso de Turismo por outras instâncias, na construção e difusão dos conhecimentos, especificamente na área do turismo. Entendemos que o processo de conhecimento histórico é fundamental à

dinâmica do próprio fenômeno em análise e ao contexto mais amplo em que está inserido.

Consideramos importante o significado dos estudos históricos no âmbito do turismo, principalmente quando se tem em conta a necessidade de repensar o ensino superior nessa área de conhecimento, objetivando depurar criticamente determinadas práticas sociais. Naturalmente, essa preocupação distancia-se de uma historicidade “tradicional”. A obtenção de uma leitura histórica do Curso de Turismo da PUCRS, enquanto expressão cultural de ideias, pensamentos e instituições, implica a reinterpretação das fontes do passado sob o viés da interdisciplinaridade e da reordenação metodológica.

Flores (2005, p. 01), na introdução do seu artigo sobre “As fundações historiográficas da turismologia<sup>2</sup>”, deixa claro que:

O conhecimento científico que se produz no tempo presente não pode prescindir do legado cultural que possibilitou as estruturas das revoluções embrionárias da modernidade. Um conhecimento novo herda, pelo menos, as dúvidas e as respostas insatisfatórias daquele que foi capaz de superar. Essa idéia de superação não pode deixar de considerar os próprios mitos que a modernidade criou para explicar fenômenos laicos, profanos e mundanos, sem apelo a quaisquer divindades: a neutralidade axiológica das ciências, a isenção dos pesquisadores em relação aos fatos e a governabilidade em torno dos interesses coletivos. Penso que se deve partir da hipótese de que aquilo que deveria ser (no campo da ciência, da história e da política) pode se processar na dialética das necessidades e dos antagonismos sociais. Por conhecimento novo entende-se a turismologia, vista como a ciência social das viagens que, para fazer avançar a prática turística, necessita de aportes teóricos de outras ciências. [...].

O autor propõe um diálogo com a historiografia, o que tornaria possíveis novas pesquisas sobre o legado patrimonial e as heranças históricas.

A pesquisa histórica, que se renova a partir de contextos historiográficos específicos, torna-se pertinente à turismologia quando consegue elucidar os saberes históricos produzidos por homens e mulheres no tempo. Com efeito, os saberes e práticas históricas podem ser difusos e um tanto caóticos para os profissionais e cientistas do turismo. Por isso mesmo, a apropriação de um pensamento histórico calcado na experiência da prática social requer procedimentos teóricos e metodológicos coerentes com o que se pode chamar

---

<sup>2</sup> É a ciência centralizada no estudo do turismo. Ela se preocupa em conhecer e estudar o turismo em sua totalidade. Relaciona-se com as ciências sociais e as ciências econômicas, e surgiu para que os componentes do turismo não fossem estudados isoladamente. O termo "turismologia" apareceu nos anos 60, mas foi Zivadin Jovicic, o cientista considerado "pai da turismologia", que o popularizou, quando fundou a revista do mesmo nome em 1972. Turismologia foi, para Jovicic e outros cientistas, o termo perfeito para o nome da ciência do turismo, porque é simples e acertado, desde o ponto de vista da linguagem. Em entrevista a revista Partes, a turismóloga Margarita Barretto define a turismologia como: “o estudo do fenômeno turístico enquanto fato social (no sentido dado a esta expressão por Durkheim no século XIX). O turismo é o fenômeno em si. São duas coisas diferentes: o fenômeno e o estudo do fenômeno. Isto trasladado para a vida acadêmica significa que os cursos deveriam diferenciar claramente o que é a formação para trabalhar no mercado turístico (constitutivo do fenômeno social) e a formação para estudar este fenômeno”. (BARRETTO, 2007, s/n).

de patrimônio historiográfico (historiografias clássica e contemporânea) (FLORES, 2005, p. 03).

Para a pesquisa, buscamos aporte no campo histórico, pois este tem uma trajetória sistemática e cumulativa nos estudos sobre memória e história oral. Luna (1993, p. 112) afirma que o principal objetivo das revisões históricas é “a recuperação da evolução de um conceito, área, tema, etc. e a inserção dessa evolução dentro de um quadro de referências que explique os fatores determinantes e as implicações das mudanças”.

O tema e o objeto desta investigação estão intimamente ligados aos estudos da história da educação e da memória. Os trabalhos com memórias e, especialmente, com narrativas de pessoas, por meio da metodologia da história oral, oferecem uma dimensão singular para nos relacionarmos com o tempo vivido. Os encontros com os narradores, quando buscamos capturar seus instantes de memórias, em muitos casos constituíram momentos de fecundidade das relações humanas e profissional. As entrevistas foram momentos preciosos, especiais para nós. A emoção e o sentido de humanidade promovidos pela história oral (PRINS, 1992) foram muito importantes, pois encontramos, nessa metodologia de pesquisa, novas formas de compreensão do passado, formas com as quais se identificou.

Sendo o Curso de Turismo um espaço dinâmico nas memórias evocadas pelos narradores, os questionamentos a que nos propomos responder com esta tese, a partir das narrativas de memórias, são os seguintes: 1. Em que contexto se deu o início do Curso de Turismo da PUCRS e qual o seu significado? 2. Qual a trajetória desse Curso, sua gênese, consolidação e desenvolvimento? 3. Como o Curso se insere no contexto nacional na atualidade?

As respostas a essas questões suscitaram a hipótese de que o Curso de Turismo da PUCRS foi criado em um contexto em que, no âmbito nacional, o CFE, a EMBRATUR, e, no regional, a SETUR, a SUDESUL e o *trade* turístico<sup>3</sup>, permitiram, possibilitaram e incentivaram sua criação, fazendo com que a Universidade abraçasse essa causa e aceitasse tal desafio inovador. Sendo um espaço acadêmico, o curso foi

---

<sup>3</sup> É o conjunto de equipamentos da super-estrutura constituintes do produto turístico. Caracterizados com meios de hospedagem, bares e restaurantes, Centros de Convenções e Feiras de Negócios, agências de viagens e turismo, empresas de transporte, lojas de *suvenirs* e todas as atividades comerciais periféricas ligadas direta ou indiretamente à atividade turística.



criado, se consolidou, transformou-se, tornou-se referência no ensino em Turismo, sofreu as mudanças que o afetaram durante sua trajetória de quase quatro décadas. Emergiu como um curso que contribuiu para a qualificação da atividade turística e a pesquisa em Turismo no seu Estado e no País, por isso sua história se articula, necessariamente, à história da educação superior em Turismo no Brasil.

Durante a pesquisa, algumas afinidades foram se construindo ao longo dos anos de imersão no estudo, e, talvez, uma das mais importantes tenha sido o encantamento de quem pesquisa por uma iniciativa educacional. Histórias de professores, ex-professores, ex-alunos encantam pelos vínculos que percebemos entre as suas e a nossa trajetória como professora. Na etapa inicial da pesquisa, vivenciamos um turbilhão de sentimentos com os quais nos identificávamos, tantas histórias de vida, histórias profissionais, tantas coisas a apreender, a entender, tantos os significados, que nos sentimos um pouco “ansiosas, perdidas no início, mas diante de um grande desafio” e com o constante sentimento de que “isso não pode se perder, tem que ficar registrado”. O que, no início, nos parecia algo simples, tornou-se complexo.

Embora tenhamos a nítida impressão de que o mundo passa por transformações aceleradas, é curioso perceber, nas lembranças dos narradores, semelhanças com o cotidiano do curso de hoje, do qual somos docente. Esse fato nos impressionou. Tempos e lugares diferentes, realidades próximas da nossa. Parece que estamos vendo um filme, em que passa a nossa realidade profissional, o nosso cotidiano, a história do curso em que trabalhamos (UFPEl). Além disso, as narrativas proporcionaram uma reflexão bastante fecunda acerca das implicações presentes nos objetos de nossas pesquisas. Ou seja, nossas escolhas epistemológicas e empíricas identificam-se com os lugares de sujeito que ocupamos e com nossas referências culturais. Ao escutar as narrativas, muitas vezes percebemos, de certo modo, retratada a nossa história, traduzida nas lembranças dos entrevistados.

Conforme a pesquisa avançava, a tarefa de pensar as questões relativas à implicação de pesquisar um universo empírico tão caro à nossa vida profissional se constituía como um risco, e um desafio em descrever a trajetória de um Curso de Turismo, no qual nossos colegas e, muitas vezes, nossos ex-professores (na especialização<sup>4</sup> e no Mestrado<sup>5</sup>), eram os sujeitos da pesquisa, realidade essa tão distante e, ao mesmo tempo tão próxima de nós.

---

<sup>4</sup> Especialização em Gestão e Produção do Turismo. PUCRS, 1999.

<sup>5</sup> Mestrado em Turismo. UCS, 2004.

Então, quando nos aproximamos das pessoas que vivenciaram o cotidiano do curso, duas situações aparentemente contraditórias se apresentaram. Por um lado, a identificação com as histórias dos narradores e, por outro, um sentimento de “viajante - estrangeira”, alguém que vinha de um outro espaço e que desejava estabelecer vínculos para conhecer e pensar o curso, para observar, com algum distanciamento, as narrativas que buscava compreender.

O pesquisador precisa se esforçar para desvencilhar-se daquilo que lhe parecia seguro, da verdade cartesiana, e perceber que vivemos uma época marcada pela subjetividade e pela relatividade dos saberes, pela ausência de certezas, pela fragmentação dos sujeitos, pela heterogeneidade, entre tantos outros conceitos, buscando novos paradigmas que se aproximem de referências mais plurais, menos assentadas em certezas imutáveis, mas pautadas pela perspectiva da descontinuidade.

Como assinala Chartier (2001, p. 116):

[...] o tempo das dúvidas e dos questionamentos é também um tempo de dispersão: todas as tradições historiográficas perderam sua unidade, todas se fragmentaram entre perspectivas diversas, às vezes contraditórias, que multiplicaram os objetos de investigação, os métodos, as ‘histórias’.

Chartier (2002, p.61) aponta para um “abandono dos paradigmas dominantes”, fala em “tempo de incerteza, crise epistemológica, reviravolta crítica” (Ibid., p. 81), buscando definir as novas tendências do conhecimento científico.

Desse modo, longe dos paradigmas do século XIX, amplamente discutidos pela historiografia, para os quais o sujeito pesquisador procurava uma verdade supostamente contida nos documentos, pensando em uma interpretação supostamente correta do que realmente aconteceu, compreendemos que fazer história é, sobretudo, recriação crítica do passado. Como nos aponta Benjamin (1994, p. 224), “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência”.

Não existe uma história, mas histórias. Afinal, “quem conta um conto aumenta um ponto” diz o dito popular, ou, como sugere Fischer (1999, p. 26), “o que existem são criações históricas”. Assim, é preciso considerar os limites teórico-metodológicos de qualquer investigação, pesquisador e relações objeto/campos do conhecimento, donde decorre o acabamento sempre provisório de uma investigação.

Para Sarmiento (2003, p.151), “todo o trabalho investigativo é uma construção com implicação do investigador”. Esta história acerca das memórias de quem vivenciou o curso constitui, em sua formulação, uma das narrativas possíveis, entre outras, de um campo de possibilidades. Procuramos, ao longo da investigação, construir um olhar

sobre o tempo que se passou, definir uma maneira de perceber aquela realidade e de explicar o passado vivido no curso.

Percebemos a subjetividade que envolve a pesquisa científica, e isso se afasta da objetividade e do imediatismo de esperar encontrar “a resposta certa” no passado. Parece-nos fundamental aceitar a incompletude, a falta de inteireza do conhecimento (SARMENTO, 2003), aceitar a impossibilidade de alcançá-lo em sua plenitude, entender que uma investigação não é uma mera transposição da realidade acontecida, mas que sobre ela foram feitos recortes, exclusões, seleções.

A elaboração de uma tese sobre a história do Curso de Turismo da PUCRS, a partir das múltiplas memórias, apoia-se no pressuposto de que um estudo sobre a memória social implica um empreendimento de pesquisa que se baseia numa perspectiva interdisciplinar, já que somente assim captam-se dimensões importantes que configuram sua complexidade, no decorrer do tempo e do espaço. Desse modo, trabalha-se com pressupostos teóricos das áreas da história, da educação e do turismo, uma vez que a investigação que envolve temática a ser analisada numa perspectiva interdisciplinar, é, sem dúvida, uma possibilidade de compreensão mais ampla.

Celeste Filho (2002, p.03) ressalta que, na década de 1970, “praticamente não existiam estudos históricos no que concerne ao turismo no Brasil, muito menos na área de história da educação”. Contudo, a partir da expansão ocorrida nos últimos anos no campo da história e do renovado prestígio dos estudos históricos em geral, parece haver um crescente interesse do turismo pelos aspectos históricos da formação. Recentemente, muitos autores vêm discutindo a educação superior em turismo no Brasil, como: Ansarah (2002), Teixeira (2001), Trigo (2000), Rejowski (1996, 2002), Dencker (2002), Celeste Filho (2002), Santos Filho (2003), Barretto, Tamanini e Silva (2004), Oliveira (2004), Matias (2002, 2005), Rodrigues (2005), Rodrigues (2006), Trigo et al (2005), Catramby e Costa (2005), Mota (2007) Teixeira (2007). E, no exterior: Jafari (1981), Westlake (1992), Cooper e Sheperd (1994) e Leiper (2000).

Alguns pesquisadores começam a analisar o ensino superior em Turismo, a partir de uma perspectiva histórica. Celeste Filho (2002) trata, em sua dissertação, entre outras questões, da criação do curso de Turismo na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP; Rodrigues (2005) conta o desafio de implantar a Faculdade de Turismo do Morumbi no início dos anos 1970; Fonseca (2005) realiza um estudo sobre as Políticas para o ensino superior em Turismo: um estudo sobre um curso de graduação em Belo Horizonte; Mota (2007) em seu trabalho “Formação Superior em Turismo da UNIFOR (CE): proposta, realidade e reflexos”, discute a

trajetória do Curso de Turismo da Universidade de Fortaleza; e Teixeira (2007) analisa, em sua dissertação, os condicionantes sociais de implantação do Curso de Turismo no Brasil, por meio de uma abordagem histórica. Analisa a criação dos cursos de Turismo em três instituições, Faculdade do Morumbi, Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas e a ECA/USP, consideradas, pelo autor, as precursoras do Curso de Turismo no Brasil.

Consideramos a teoria enquanto mediação que nos introduza na rede de significados construídos pelo sujeito que estudamos, sem eliminar a ambiguidade, mas modificando-a qualitativamente. Em outras palavras, servimo-nos de um determinado referencial, não para confinar nele os sujeitos estudados, mas para fazê-los expandirem-se dentro da sua própria ótica.

Desse modo, nosso trabalho destaca preocupações com os processos de criação e de desenvolvimento do Curso de Turismo da PUCRS; com a memória dos docentes, coordenadores e alunos, configurando-se como história da educação e história institucional, uma vez que irá ser balizado por vários preceitos destas áreas do conhecimento. A pesquisa busca inserir-se no campo temático da historiografia – história da educação, ancorado na História Cultural.

Inúmeros outros teóricos contribuíram com significativas parcelas e subsídios ao entendimento do objeto de estudo, verdadeiras chaves de leitura a abrir portas a uma contínua reflexão sobre a história do Turismo no mundo e no Brasil, o ensino superior em Turismo na constituição da memória do curso. Nesse sentido, ampliamos e articulamos outros referenciais teórico-metodológicos que tivessem como ponto de estudo a temática do turismo, da memória coletiva, dos atos sociais de lembrar e esquecer e do uso da metodologia da história oral.

A produção de uma tese, a partir de relatos orais de memórias do Curso de Turismo da PUCRS, aponta um movimento de múltiplas direções e significados. Poderíamos considerar, num primeiro plano, como registros individuais de uma história vivida coletivamente. Por outro lado, como é próprio a todos os relatos individuais, eles também são sociais, na medida em que se constituem nas redes de sociabilidade em que se encontram inseridos. Dessa forma, compreendemos que pensar o individual e o social como indissociáveis possibilita uma riqueza de aspectos para analisar as construções e os movimentos da memória. Sobretudo, porque através de um simples relato de memórias descortina-se, muitas vezes, um amplo espectro de visões e práticas sociais.

Nesse sentido, a memória do curso não pode ser entendida segundo um modelo linear. Não basta, portanto, colhê-la e reproduzi-la em extensas citações para que

efetivamente tenhamos elaborado um conhecimento em História da Educação em Turismo. Impõe-se trazê-la, rica e estranha, composta de reminiscências e esquecimentos, para compor “fragmentos de pensamento”, narrativa do tempo passado e presente. O que os sujeitos das memórias do curso pensam de suas vivências presentes, o que fazem, como veem a si mesmos e o mundo, pois é disso que extraem suas memórias.

É importante salientar que, sendo um estudo de história da educação, a pesquisa não pretende apreender diretamente a vida cotidiana do curso, mas, sim, trabalhar com as memórias das vivências do curso, sendo elas plurais, fragmentárias e imprevisíveis.

Aceitando-se como pressuposto de que a sobrevivência da memória coletiva deriva parcialmente de um inventário das condições e das forças que operaram em uma determinada época, o propósito deste estudo é analisar elementos que contribuíram para a concretização do que hoje se constitui o Curso de Turismo da PUCRS. Em análise diacrônica, procuramos visualizar os processos evolutivos que contribuíram e vêm contribuindo para revitalizar compromissos institucionais e compreender o presente.

Queremos compreender como, no presente, os sujeitos envolvidos rememoram o tempo vivido no curso para recompor sua trajetória. Assim, na pesquisa há de se compreender a complexidade do trabalho com memórias, sua relatividade e sua subjetividade, tanto quanto sua capacidade de constituir-se como documentação histórica.

Constituir as memórias do curso – os projetos e os discursos dos indivíduos ligados à sua criação e funcionamento – é uma maneira de compreender a sua atuação, tanto no contexto acadêmico como profissional, especialmente no sentido do reconhecimento de seus contornos identitários. Deter o olhar na trajetória do ensino de graduação deste curso nos estimula a refletir sobre nosso fazer político-pedagógico e as perspectivas e desafios a serem enfrentados no atual contexto de educação e turismo.

Esta tese foi dividida em três partes, que mantêm, entre si, grande interlocução. Apresenta, na **PARTE I – ITINERÁRIOS DA PESQUISA** – o capítulo 1, “Construindo o Percurso da Pesquisa” que também está dividido em três partes. Na primeira, destacamos as questões teóricas, pressupostos que guiaram essa viagem, e elaboramos algumas reflexões acerca dos sentidos da história e sobre a memória como construção social. Na segunda, “Roteiro Investigativo da Pesquisa”, procuramos mostrar como este processo de pesquisa foi construído, os caminhos trilhados e as questões metodológicas empregadas na investigação. E, na terceira, “Os Guias da Pesquisa”, quando apresentamos os narradores.

A **PARTE II – O TURISMO E OS CURSOS DE TURISMO** – teve como objetivo trazer o cenário da pesquisa, propondo um painel sobre o contexto sócio-histórico que possibilitou a constituição da memória do curso. Está dividida em 2 capítulos. No capítulo 2, descrevemos os aspectos históricos que acompanharam o desenvolvimento do Curso de Turismo da PUCRS, a partir da discussão acerca da história do turismo no Brasil e no Rio Grande do Sul. No capítulo 3, elaboramos uma contextualização da educação superior em turismo no mundo, enfatizando o caso brasileiro, pois o Curso Superior de Turismo da PUCRS, está inserido nesse contexto.

A **PARTE III – PERCURSOS DO CURSO** – é composta pelos capítulos 4, 5 e 6, em que nos propomos constituir a memória do Curso de Turismo da PUCRS. Nosso intuito não é o registro detalhado da história, mas dos principais momentos administrativos, pedagógicos e políticos vividos. Aqueles momentos que estão presentes para os narradores. Nesta etapa, daremos voz aos personagens dessa história procedendo-se à análise propriamente dita das memórias dos sujeitos. Para tanto, contaremos com as entrevistas com os coordenadores, com os professores mais antigos, e, também, com alguns mais novos, os ex-alunos, que ajudaram a contar a história de diversos momentos importantes do Turismo. Os docentes e alunos, inscritos em uma situação social e cultural definida, tendo uma história pessoal e social, articulam, na memória, elementos afetivos e sociais, uma vez que esse é um processo ativo de busca de significados que reestrutura os elementos a serem lembrados. Detivemo-nos nas transformações pelas quais o curso de turismo vem passando, atentando para o fato de que os discursos são construídos historicamente e, a partir daí, como mudam no decorrer do tempo, como são produzidos e circulam, como são usados e se transformam.

No quarto capítulo, apresentamos o início do curso, o primeiro momento (1972 a 1976) que chamamos de *A emergência do Curso*, pois os fatos rememorados naquele período assim o justificam; no quinto capítulo, o segundo momento do curso (de 1976 ao final da década de 1990) que chamamos de *Consolidação do Curso*, porque os acontecimentos narrados assim o requerem; e, no sexto capítulo, um terceiro momento (do final da década de 1990 a 2010) denominado *O Curso na atualidade*, pois, especificamente, na PUCRS é um período em que o curso passa por dificuldades, mudanças, culminado na sua extinção.

Na parte final, retomamos as principais questões investigadas e diretamente implicadas nas experiências que foram rememoradas pelos entrevistados. Voltamo-nos e para o percurso inicial e reconhecemos, apesar de tantos fios já urdidos, que há um

emaranhado ainda a ser tecido. Observamos, por fim, que nenhuma forma escrita utilizada para transcrever a narrativa dos sujeitos da pesquisa poderá dar conta da riqueza da “arte de narrar” desses narradores, na passagem do oral para o escrito. É a partir de limites como esse que iniciamos e finalizamos esta tese.

## PARTE I – ITINERÁRIOS DA PESQUISA

*Falar de itinerário é falar de partida, de estada e de retorno, mesmo que se deva entender que há várias partidas, que a estada é também viagem e que o retorno não é jamais definitivo (AUGÉ, 1999, p.14).*



## CAPÍTULO 1 CONSTRUINDO O PERCURSO DA PESQUISA

É com todo esse sentido que nos propomos a descrever, neste capítulo, o itinerário deste estudo. Inicialmente, procuramos examinar pressupostos teóricos para a pesquisa, as questões metodológicas em que descrevemos o caminho percorrido e, finalmente, apresentamos os guias, os narradores, que nos conduziram no caminho.

### 1.1 Trajetos Teóricos da Pesquisa

A dimensão teórica deste trabalho tem, como pressuposto, pensar historicamente o Curso Superior em Turismo da PUCRS, a partir da memória coletiva, contribuindo, desse modo, para os estudos em turismo. Assim, na condução desta pesquisa, seguimos algumas diretrizes que balizam as discussões.

Dentro da abordagem da história cultural e partindo do uso das fontes orais, teremos um campo de pesquisa denominado história do tempo presente. Nesse campo, o historiador toma os acontecimentos ainda no curso de seu tempo, ou seja, os acontecimentos ainda estão a se desenvolver. Trata-se de uma história não acabada, e o papel do historiador não está em reconstruir uma história cujo final se conhece, mas sim, compreender um processo que ainda se desdobra e do qual é contemporâneo.

Constantino (2004) ressalta que a História atende questões do presente. É do presente que se faz uma pergunta ao passado, iniciando uma investigação que pretende respondê-la. Desse modo, nesta etapa, acreditamos ser oportuno fazer um breve relato do encaminhamento da pesquisa empreendida.

Esta pesquisa se insere no campo da História Cultural, uma vez que nos propomos a abordar o tema da memória do curso. Pesavento (1995) afirma que a História Cultural é uma nova abordagem que não descarta o conhecimento acumulado:

Entendemos a história cultural não como uma “virada de mesa” com relação a pressupostos teórico-metodológicos, mas como uma nova abordagem, ou um novo olhar que se apóia sobre as análises já realizadas, e, por sua vez, avança dentro de um determinado enfoque. Neste sentido, a história cultural realmente vem se somar ao conhecimento acumulado, sem voltar as costas a uma matriz teórica, fruto de uma reflexão cumulativa. (PESAVENTO, 1995, p. 279-80) [Grifo da autora]

Stephanou e Bastos (2005), discorrendo sobre as mudanças que a História vem sofrendo nos últimos anos, destacam suas implicações para a História da Educação, área na qual desenvolvem suas pesquisas. “A história cultural ou o estudo da produção de sentidos sobre o mundo construído pelos homens do passado sinaliza para uma compreensão dos diferentes processos educativos e escolares” (Stephanou e Bastos

(2005, p. 418). As autoras apontam a possibilidade de estabelecimento de íntimas relações entre a História Cultural e a História da Educação, especialmente quando as memórias constituem a documentação privilegiada. Afirmam que a História da Educação é parte integrante da cultura de um povo e, portanto, promove uma compreensão mais fecunda da cultura escolar de determinada época, de determinada instituição.

Assim, as questões no campo da produção historiográfica têm implicações para a pesquisa educacional de caráter histórico. “Isto porque a pesquisa em História da Educação não é uma ciência à parte, não possui um campo analítico exclusivo e sua riqueza teórica e metodológica está justamente no fato de tratar-se de um espaço fronteiro, de pesquisas que se situam na intersecção entre a História e a Educação”. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p.422)

A história das instituições educacionais integra uma tendência recente da historiografia, que confere relevância epistemológica e temática ao exame das singularidades sociais em detrimento das precipitadas análises de conjunto, que, sobretudo na área educacional, faziam-se presentes.

A abordagem dos processos de formação e de evolução das instituições educativas constitui um domínio do conhecimento historiográfico em renovação no quadro da História da Educação. Uma renovação em que novas formas de questionar-se cruzam com um alargamento das problemáticas e com uma sensibilidade acrescida à diversidade dos contextos e à especificidade dos modelos e práticas educativas. Uma abordagem que permita a construção de um processo histórico que confira uma identidade às instituições educativas. (MAGALHÃES, 1996, p.1)

Magalhães (1996) também afirma que:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e reescrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico. (MAGALHÃES, 1996, p.1)

Para Gatti (2001), nas análises que dão conta do presente ou do passado, as escolas são locais que portam um arsenal de fontes e de informações de extrema importância para a formulação de interpretações sobre elas próprias e, sobretudo, sobre a história da educação brasileira.

A história das instituições educacionais almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado desses espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem, por meio da busca da apreensão daqueles

elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela se tenha transformado no decorrer dos tempos (GATTI, 2001, p. 4).

Julgamos importante refletir sobre as relações entre História e memória, a fim de tecer algumas considerações que possibilitarão dar conta da tese elaborada.

Halbwachs elaborou os primeiros estudos sobre memórias sociais (coletivas), na primeira metade do século XX. Foi pioneiro nas análises das diferenças entre História e memória, dando ênfase ao caráter social da memória. É com base em seus estudos, na perspectiva da memória coletiva, que nos propomos analisar a constituição da memória do Curso de Turismo da PUCRS.

Para Halbwachs (2004), memória e história não são a mesma coisa, pois a memória está ligada às lembranças das vivências e só existe quando os laços afetivos criam sentido de pertencimento ao grupo, o que mantém a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradora de uma memória social.

Stephanou e Bastos (2005), descrevendo sobre memória e história, reforçam que à exceção do passado como elemento comum, memória e história operam diferentemente, embora estejam imbricadas e mantenham íntimas relações. A seguir definem o que é História e o que é Memória.

Por História estamos considerando um campo de produção de conhecimentos, que se nutre de teorias explicativas e de fontes, pistas, indícios, vestígios que auxiliam a compreender as ações humanas no tempo e no espaço [...] . A Memória, não sendo a História, é um dos indícios, documento, de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos e daquilo que lembram e esquecem, a um só tempo. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 417)

Nessa concepção de história, a memória é tomada como um documento privilegiado.

A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nosso atos de lembrar e esquecer, pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 420)

A História difere da Memória como campo de produção de conhecimento. A memória pode ser histórica, mas não é história por si só. Assim, fica clara a diferença entre história e memória, uma vez que a memória é um vestígio, um documento.

Vestígios de memórias que são produzidos diferentemente, como são diversas as experiências vividas e as interpelações discursivas individuais e coletivas.

A memória, tecida de lembranças e esquecimentos, diferente da História, não tem compromisso com o trabalho de crítica, de problematização, de interrogação sobre os processos de "transformação marinha" que sucedem no tempo e se expressam em produções discursivas inscritas nos regimes de verdade do presente. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 420).

Para Halbwachs (1990), a memória é sinônimo de “lembrança viva”, ou seja, uma memória está presente na vida das pessoas e grupos, o que seria inútil transformá-la em registro escrito. Dessa forma, quando a memória é transformada em escritura é porque ela já operou a passagem histórica. Assim, o movimento da história tem início quando a lembrança viva desaparece, quando não se encontram mais pessoas ou grupos para recordá-las, para atualizá-las. Ainda na visão de Halbwachs (1990), a história representaria o esforço de salvar as lembranças vivas, ao transformá-las em narrativa.

Ao mesmo tempo, há de considerar-se que a memória e a história, embora para Halbwachs (1990) e Nora (1993) sejam vistas como termos antinômicos, encontram-se para ambos imbricadas, pois é a própria forma de considerá-las que possibilita definir as intersecções. E, nesse sentido, Nora (1993) não se furta em afirmar que “[...] tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade de história”. (NORA, 1993, p. 14)

Trabalhos sobre memória têm feito referência a autores considerados fundadores, como Bergson, Freud, Proust, Halbwachs, dentre outros de diversas áreas do conhecimento. Dentre essas áreas, a história tem procurado, em suas pesquisas, definir alguns contornos conceituais do que seja memória, que tem proporcionado um debate sobre o assunto, configurando variadas tendências e perspectivas.

Durante esse processo de pesquisa, muitos autores e obras dialogavam junto às questões da memória e da metodologia da história oral, porém a noção de memória coletiva e/ou social a partir da obra póstuma de Maurice Halbwachs [1877-1945], *Memória Coletiva* [1950], veio embasar a pesquisa, tornando-se referencial às principais análises dos depoimentos orais. O objetivo central de sua obra é mostrar a impossibilidade de se evocar lembranças individuais e coletivas sem ancorá-las nos *quadros sociais* que funcionam como pontos de referência na tarefa de reconstrução das memórias. De acordo com os estudos de Santos (1993, p.76):

Fiel ao conceito de representação coletiva durkheimiano, Halbwachs não pensa quadros sociais como um somatório de representações individuais.

Apesar da concretude ou objetividade atribuída muitas vezes aos quadros sociais da memória, interessa-me enfatizar a percepção de Halbwachs de que a memória não é e não pode ser considerada o ponto de partida, porque ela nunca parte do vazio; a memória é adquirida à medida que o indivíduo toma como suas as lembranças do grupo com o qual se relaciona: há um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com outros indivíduos.

Desse modo, mesmo que a recomposição de reminiscências tenha um caráter eminentemente individual, toda memória é reconstruída e atualizada na interação social de uma dada coletividade. Ancorando-se aos espaços de sociabilidade, instituições de que faz parte (família, religião, escola, etc.), o sujeito estrutura suas evocações recompondo tempos e lugares onde suas experiências se materializaram para, então, rememorar-las. É na convivência cotidiana, nas interações com o meio que habita que o sujeito reatualiza incessantemente os quadros sociais, dotando-os de significados coletivos. Neste sentido, diz Halbwachs (1990, p. 54):

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta aos pontos de referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Segundo Halbwachs (1990), mais que individual, a memória é relacional. No lugar do fluxo contínuo e perceptível dos atos de lembrar, os seus estudos possibilitaram introduzir o conceito de espaço e tempo social, sendo ambos considerados como sistemas de relações inseparáveis à construção dos quadros sociais de memória.

Bosi (1994), desenvolvendo o conceito de instituições sociais dado por Maurice Halbwachs, diz que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Essas instituições sociais funcionam como espaços de sociabilidade, onde os sujeitos ancoram suas evocações para rememorar, porque, de acordo com a autora, “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos faz lembrar” (Ibid.,p.54). Assim, é procedente pensar que o lugar que o sujeito ocupa quando está narrando suas memórias define a maneira como este narrador recompõe suas reminiscências.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória é um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo, “a memória coletiva é também uma corrente de pensamento contínuo, que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de um

grupo” (Ibid., p. 82). O autor nos faz compreender profundamente que não é o indivíduo em si sem nenhuma identidade social que se recorda; mas que ninguém pode lembrar-se efetivamente, senão da sociedade, pela presença ou evocação e, portanto, pela assistência dos outros ou de suas obras.

Halbwachs (2004, p.29) relata que:

Quando uma pessoa diz: ‘eu não creio em meus olhos’, ela sente que há nela dois seres: um, o ser sensível, é como uma testemunha que vem depor sobre aquilo que viu, diante do ‘eu’ que não viu atualmente, mas que talvez tenha visto no passado e, talvez tenha feito uma opinião apoiando-se nos depoimentos dos outros.

Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo.

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. Nossas lembranças nos são lembranças pelos outros, mesmo que trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. Não é necessário que os outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós, porque temos sempre conosco, e em nós, uma quantidade de pessoas que não se confundem. Por isso, nossas lembranças são sempre coletivas.

Quanto à possibilidade de uma memória estritamente individual, Halbwachs (2004, p. 41) diz que “pode-se falar em memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos e que consideramos ainda agora, no momento que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo”. O autor prossegue ressaltando que, muitas vezes, atribuímos a nós mesmos nossas lembranças, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimento e paixões, que nos foram inspiradas por nosso grupo. Estamos, então, tão afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em unísono e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. De uma forma ou de outra, cada grupo social empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto a seus membros.

Outro aspecto importante, abordado por Halbwachs (2004), é que se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa

de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ele ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantemos com os outros meios. A sucessão de lembranças, mesmo daquelas mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado pelo seu conjunto.

Diante do exposto, ocupar o lugar de narrador como coordenador, ex-coordenador, professor, ex-professor, ex-aluno, funcionário, ou pessoas vinculadas à atividade turística na década de 1970, possibilita ao sujeito que rememora inserir-se numa instituição social e cultural que lhe confere um sentido de pertencimento. O Curso de Turismo da PUCRS é uma instituição de ensino possível de ser reconstruída pelas memórias, porque é um espaço coletivo compartilhado por outros sujeitos que se reconhecem ocupando o mesmo lugar quando rememoram. Mesmo sendo tempos, lugares e grupos heterogêneos, as lembranças, em cada época, marcam os grupos de pertença.

Conforme Thomson (1997), composição e reminiscência são conceitos importantíssimos para que se compreenda o trabalho da memória social/coletiva.

As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes. (Ibid., p.57).

É importante considerar que quem narra sua experiência sobre um momento da vida compõe o que é possível e permitido lembrar psicológica, social e culturalmente no presente. A recomposição das reminiscências, neste sentido, é um processo que possibilita ao narrador selecionar e organizar pontos de referência (temporal, espacial, social, cultural, histórico, etc.) quando rememora, reconstruindo suas experiências sobre o curso.

Na medida em que estamos engajados em grupos e que participamos mais estreitamente em sua memória, nossas lembranças se renovam e se completam. Para Halbwachs (2004), não existem imagens completamente prontas em nosso pensamento, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nós representamos de modo incompleto. Também aponta que

não há memória sem espaço – espaços de trabalho, de lazer e da infância, entre outros. O autor ratifica que a memória coletiva (visão global) é algo que se relaciona direta e intensamente ao espaço onde seja construída. Essa memória, sustentada por um grupo, dado seu valor de coletividade, é extremamente complexa, e, portanto, mais difícil de ser analisada como um todo, uma vez que é composta por estereótipos do passado e por metáforas. Para sua compreensão, um dos fatores de análise imprescindível a ser utilizado é a linguagem, elemento mais importante que veicula a memória.

A linguagem assume essa importância porque nada é exterior a ela: lembramos das coisas do mundo somente porque a elas atribuímos nomes. Assim, a comunicação apresenta-se como fator indissociável à memória. A narrativa em geral traz uma referência ao passado, mas também ao presente vivido. Ela é marcada pela consciência da realidade vivida pelas pessoas hoje. O seu olhar para frente e para trás está marcado pela experiência atual.

Pollak (1989) avança ao problematizar a memória clandestina, proibida. Essas lembranças traumatizantes sobrevivem durante anos à espera do momento oportuno para serem expressas. Também nos fala sobre o esquecimento e diz:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discurso oficial. Ao mesmo tempo ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade [...] (Ibid., p.5).

Resumidamente, o autor destaca três tipos de lembranças: as lembranças proibidas, clandestinas; as indizíveis e a memória envergonhada, as quais são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade globalizante. Ainda discute a questão do “não dito”, ou seja, existem nas lembranças zonas de sombra, silêncios e “não ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão sempre se deslocando.

Podemos observar que a memória é percebida por alguns autores como uma alternativa encontrada para compreender o passado, a partir de uma abordagem que procura o sentido atribuído aos fatos passados por aqueles que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidos com esses mesmos fatos. Através da memória coletiva, o passado é recuperado pelo presente a partir de processos de interação social. A compreensão do passado, desse modo, é composta de uma rede bem mais complexa de significados. São indivíduos em contato com outros indivíduos e em determinados contextos sociais que trazem o passado para o presente. O conceito de memória,



portanto, nos permite entrelaçar passado e presente e ultrapassar a dicotomia teórica entre indivíduo e sociedade.

## **1.2 Roteiro Investigativo da Pesquisa**

São muitos os procedimentos que podem ser seguidos num trabalho focado na constituição da memória. A decisão de entrevistar pessoas que vêm trabalhando no Curso, supostamente desde o seu início, está associada ao fato de acreditarmos que haja um número significativo de informações ainda não documentadas. Deve-se também à importância de se trabalhar com as narrativas, procurando compreender suas interpretações, manifestas nos discursos obtidos nas entrevistas, ou seja, procurando estabelecer a forma como, histórica e socialmente, os sentidos dessas interpretações foram produzidos. Com esse intuito, foram selecionados aportes que, além de permitirem a elaboração de um dispositivo analítico, contribuíram para a própria definição dos procedimentos que antecederam as entrevistas.

Para acessar a memória do Curso de Turismo da PUCRS, optamos pela História Oral enquanto metodologia, para criar novos conhecimentos acerca do passado próximo.

Constantino (2004) deixa claro que a História Oral trata-se de uma metodologia para criar novas fontes à investigação; é metodologia reabilitada em tempos recentes, com características inovadoras. Destaca que o processo de reabilitação da História Oral é convergente com as grandes transformações teórico-metodológicas por que passou a História, no decorrer do século XX, também representando um dos resultados das mesmas transformações. Nesse sentido, a utilização da História Oral, nos últimos anos, pressupõe, sobretudo, uma transformação radical na forma de pensar o objeto da História e no seu método de investigação.

O historiador, colhendo depoimentos, transforma-os em documentos que, como sempre, precisa interpretar. Isso só é possível fazer quando reconhece a necessidade de estabelecer comunicação com outras áreas do conhecimento, daí a importância da interdisciplinaridade. A História Oral possibilita ao historiador captar a experiência do narrador, suas tradições, mitos, narrativas de ficção que se encontram no fundo da memória, assim como as crenças existentes no seu grupo.

Alberti (1989, p.41) ressalta que a história oral não pertence a um campo estrito do conhecimento, sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno pluridisciplinar,

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou

testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc... (Ibid., p.52.).

Alberti (2005, p. 166) destaca vários campos nos quais a História oral pode ser útil e inclui a História de instituições, tanto públicas como privadas; e História da memória. Para a autora, este último campo é, sem dúvida, aquele ao qual a História oral pode trazer contribuições mais interessantes. No início, grande parte das críticas que o método sofreu dizia respeito justamente às “distorções” da memória, ao fato de não se poder confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade. Hoje, considera-se que a análise dessas “distorções” pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo.

Errante (2000) endossa a importância da história oral como metodologia a ser adotada em pesquisas identificadas com a história da educação. Ressalta que “as histórias orais acrescentam uma dimensão não-oficial inestimável” (ERRANTE, 2000, p.146) às investigações educacionais, justamente por viabilizarem as narrativas dos sujeitos envolvidos.

Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência - isto é, de identidade. É porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (ALBERTI, 2005, p. 167).

Há inúmeras classificações de História Oral; a mais simples foi formulada por Meihy (1994):

- História Oral de Vida: valoriza o indivíduo, o ato narrador, sua experiência como resultado de vida. Essa experiência é o ponto crucial da narrativa; o que interessa é a experiência vivencial de determinada pessoa. Nesse caso, a interferência do entrevistador durante os depoimentos é mínima.
- História Oral Temática: preocupa-se com o testemunho sobre um assunto específico. Busca-se principalmente a informação do depoente. Organiza-se roteiro, e a interferência do entrevistador é mais clara e objetiva.
- Tradição Oral: é, sobretudo, utilizada por historiadores que produzem História Cultural.

As entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido. A escolha é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos. Escolhem-se pessoas que dele participaram ou que dele tiveram conhecimento para entrevistá-las a respeito.

O eixo das entrevistas realizadas para este estudo foi o de operar com a perspectiva da história oral temática, tendo como tema o Curso de Turismo da PUCRS, elaborando, também, uma caracterização dos entrevistados (depoentes), o que nos possibilita construir, através desses sujeitos que vivenciaram o processo, a história coletiva do Curso.

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas, ao mesmo tempo, ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, como já discutido anteriormente, as questões sociais neles presentes.

A partir de entrevistas com pessoas envolvidas com o Curso (coordenadores, ex-coordenadores, professores, ex-professores, ex-alunos, uma funcionária e pessoas ligadas à área do turismo no período de criação do Curso), identificamos questões referentes à origem do Curso, à finalidade, à concepção, ao contexto, à trajetória, registradas e reelaboradas pela memória, refletindo a partir da sua pertinência no tempo presente. Tais narrativas, ao mesmo tempo que podem explicar e contextualizar o Curso, podem abrir caminhos que possibilitem a reflexão sobre esses aspectos, uma vez que relacionam a vivência e as memórias como tempo em que viveram, com os tempos anteriores a ele e com o futuro; concepções que associem, em vários níveis e de vários modos, real e simbólico, história e memória.

Foram realizadas entrevistas com pessoas que tiveram participação na elaboração, implantação e construção do Curso. Para selecioná-las, foi necessário um conhecimento prévio do universo estudado; foi preciso conhecer o papel dos que participaram ou participam do Curso, saber quais seriam os mais representativos e quais são reconhecidos pelo grupo, além de conhecer os que são considerados “desviantes”. Estabelecemos uma “cadeia” informacional com esses sujeitos. As entrevistas foram realizadas nos anos de 2008 e 2009, em horários e locais previamente agendados e tiveram um roteiro flexível (APÊNDICE A), isto é, as questões previamente definidas

sofreram alterações conforme o direcionamento que queríamos dar à investigação e conforme a dinâmica da entrevista. Apenas uma entrevista foi realizada em 2006 e outra em 2010.

A partir daí, os contatos iniciais foram realizados, resultando num conjunto de 32 depoimentos. Destes, 19 docentes ou ex-docentes sendo 5 também ex-alunos, 8 ex-alunos<sup>6</sup>, 1 funcionário, 1 professor da USP que atuou na Pós-Graduação em Turismo da PUCRS e 3 pessoas envolvidas com a atividade turística na década de 1970. Algumas vezes, entrevistamos a mesma pessoa duas vezes<sup>7</sup>.

Inicialmente foi realizado um contato com o entrevistado, a fim de consultá-lo sobre a possibilidade de conceder o depoimento, explicando os objetivos da pesquisa e o método de realização de entrevistas, e informando sobre a necessidade de assinar um documento, o termo de cessão.

Cumpramos ressaltar as dificuldades iniciais que se estabeleceram nos primeiros contatos, como dificuldade de localizar as pessoas e de marcar horários com os entrevistados. Alguns narradores não compreendiam a importância de sua fala, no entanto, a maioria dos entrevistados se sentiam honrados e se disponibilizaram para participar da pesquisa. Houve momentos em que pareciam inseguros e receosos, questionaram a validade da participação e, por vezes, era necessário reiterar a importância de suas memórias para a investigação. Os narradores aposentados comumente acentuam um tom nostálgico às suas lembranças, mas em todas as entrevistas, ao rememorem o passado, as questões afetivas pareceram ocupar boa parte das lembranças dos narradores. E, então, eles falavam acerca das impressões que, na posição de alunos ou de professores, tinham a respeito uns dos outros. Vibraram ao relatarem as conquistas; algumas vezes entristeceram-se ao abordar as dificuldades e os impasses que aconteciam.

O contato com ex-alunos foi bastante difícil; muitos e-mails foram enviados, mas não houve retorno. Entrevistamos ex-alunos que atuam na área, pois aqueles que trabalham em outra atividade se recusaram a participar da pesquisa.

Neste processo de ida a campo, aprendemos muito. Caminhos e travessias que ensinavam a pensar para além do conhecimento imediato e da ingenuidade de supor que poderíamos controlar o evento da entrevista sem sermos afetados pelo desejo daquele que presta seu depoimento. Para continuar investigando o trabalho das memórias,

---

<sup>6</sup> Procuramos entrevistar ex-alunos de todas as décadas 1970, 1980, 1990 e 2000.

<sup>7</sup> Thompson (2001, p. 88) analisa a importância da segunda entrevista, mas apenas com alguns dos narradores, acentuando que as informações que já dispunha da primeira entrevista promoveram outras questões mais específicas a cada um dos entrevistados.

haveria de considerar o lugar construído pelo narrador quando reconstrói as suas reminiscências. Por isso tornamos a escutar a gravação das entrevistas que havíamos realizado. Neste retorno, percebemos a fluidez com que a maioria dos entrevistados ocupava o lugar de narrador para recompor suas experiências no Curso, o que nos possibilitou conhecer o percurso do Curso sempre permeado pela suas histórias de vida.

Durante as entrevistas, fizemos anotações em um diário de campo, com as reações, posturas e impressões do entrevistado, dificuldades nas informações obtidas, novidades nas informações e tudo o que julgamos importante. Foi solicitado aos entrevistados que levassem para a entrevista elementos que evocassem a memória, como fotografias, recortes de jornais e periódicos com menção a fatos específicos que poderiam facilitar o desenvolvimento do trabalho. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Após, retornaram aos entrevistados para que assinassem o Termo de Cessão ou Autorização<sup>8</sup> (ANEXO A).

O ambiente onde se desenrolaram as entrevistas foi bastante relevante. O espaço que se mostrou mais adequado para esse fim foi a casa do narrador, pois, no espaço profissional, havia muitas interferências, embora a maioria dos encontros tenha se dado nesse contexto. Mesmo as entrevistas realizadas em espaços profissionais, tensionadas por interferências externas ou com um tempo exíguo, em geral, atenderam aos propósitos almejados. Poucas vezes persistiu a superficialidade e não avançamos na problematização. Avaliando todas essas ocorrências, vemos que, em alguns casos, as pessoas se mostraram disponíveis desde o primeiro contato (por e-mail ou telefônico) e já começavam a contar suas histórias; em outros, as pessoas não se mostraram tão disponíveis, pois normalmente faziam uma série de perguntas e solicitavam alguns dias para se organizarem.

Os depoentes aceitaram o uso do gravador e, aparentemente, não demonstraram qualquer intimidação. Entretanto, em muitas oportunidades pediram-nos para desligá-lo, ao se referirem a episódios que envolviam outras pessoas, ou se consideravam a narrativa demasiado pessoal. Algumas vezes, parecia ser esse o momento em que narravam os aspectos mais importantes. Em todos esses casos foi respeitada a vontade do entrevistado.

Durante as entrevistas, há alguns instantes que são essenciais. É como se o entrevistado “se apossasse” de seu passado e, então, falasse dele fluentemente. Entretanto, por mais envolvidos que ambos estejam na conversa, o cotidiano, os

---

<sup>8</sup> Alguns entrevistados autorizaram a utilização de sua narrativa para a tese, mas preferiram não assinar o Termo de Cessão.

compromissos, o passar das horas chamam o entrevistado de volta ao presente e, rapidamente, as lembranças como que se esvaem. Esse é um aspecto bastante recorrente. Alguns contavam muito sobre sua vida pessoal, sobre seus feitos na área do turismo; outros não viam “utilidade” em falar do que haviam vivido, não entendiam por que falar no passado, e davam muito mais importância à sua narrativa do presente, falavam do Curso ou dos cursos de Turismo na atualidade.

Alberti (2005) chama atenção a um equívoco que, segundo ela, é muito comum e convém evitar: pensar que a entrevista já é a própria história. Assim, procedemos conforme a autora sugere – o pesquisador deve interpretar e analisar a entrevista como fonte, uma fonte oral. Para facilitar esse trabalho orienta-se a transcrição das entrevistas. Estando na forma de texto, deve-se analisar a fonte oral como qualquer documento, fazendo perguntas e verificando como se pode usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuirão para resolver o problema levantado.

Chamamos atenção especial para as entrevistas nas quais fizemos alguns ajustes e usamos, segundo Gattaz (1995, p. 136), a transcrição que surge da necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura. Na transcrição, há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistado ou pela qualidade da gravação; há muitas palavras e expressões, devido à própria dinâmica da fala, características da conversa informal – que é o que tentamos fazer. Há estrangeirismos, gírias, palavras chulas, ou seja, termos que são bastante distintos quando falados ou escritos.

A transcrição das entrevistas, muitas vezes, surpreendeu os entrevistados. Por exemplo, quando enviamos e-mail para a professora Norma Moesch solicitando que lesse a transcrição da entrevista para, posteriormente, assinar o termo de cessão, ela respondeu: *Fiquei impactada com a extensão de nossa entrevista! Creio que necessitamos refazê-la, desta vez com maior objetividade, com foco mais fechado em torno do objeto central do teu trabalho.* Muitos outros entrevistados, quando leram a transcrição de suas manifestações, ficaram “chocados”, alguns pela extensão, pela falta de objetividade, outros pela linguagem utilizada durante o processo. Um e-mail recebido da esposa de um dos entrevistados é extremamente esclarecedor:

“Cara Dalila,

Quem está escrevendo é Glenda Chaves, mulher do Edison. Espero tua compreensão e bom-humor na leitura deste desabafo, pois estamos, Edison e eu, só agora nos recuperando da leitura da transcrição da entrevista. Acho que Edison se sentiu como um índio que pela primeira vez observa a si próprio em um vídeo-tape. Inicialmente, o choque e a incredulidade, pensando *não é possível que este seja eu!*. E a seguir aquela

torrente mental de juízos corroendo a imagem extremamente favorável que cada um gosta de (em segredo!) cultivar a respeito de si próprio: *mas como tenho cacoetes, como hesito, como repito a mesma palavra, como interrompo frases para retomá-las com outro sujeito, ficando então sem concordância, como pontuo as frases com expressões coloquiais inúteis (pô, né, diabo a quatro...)*. Eu fico repetindo para ele que o que estamos lendo é a transcrição fidelíssima de uma conversa cheia de informalidade, onde a excelente entrevistadora (tu, Dalila) conseguiu criar um clima de total descontração e sinceridade. Permitiste que as lembranças viessem aos borbotões, muitas delas à primeira vista nem parecem relacionar-se diretamente com o assunto principal da entrevista, mas são informações que complementam, explicam e (acho eu) merecem registro.

Como não sabíamos até que ponto podíamos "mexer" na transcrição (isto é, se era possível "reescrever" tirando as repetições, os cacoetes, estas coisas comuns quando se fala, para assim melhorar o texto escrito), então apenas revisamos usando aquele programa do Word em que marca-se o que se quer modificar (que fica então em vermelho e com um traço na "cintura" das letras) e aparece ao lado, em vermelho e sublinhado, o que nos pareceu mais fiel, e colocamos entre colchetes coisas que, ao falar, se supunham subentendidas ou que são esclarecimento para melhor compreensão. Aproveita o que achares importante, ou, se achares que é possível, nos autoriza a "reescrever". [...].

Um abraço,  
Glenda”.

Assim como esses e-mails, muitos outros narradores expressaram sua preocupação quanto à transcrição, por vezes não acreditavam que haviam se expressado daquela maneira, não aceitavam, queriam modificar, reescrever. Um dos entrevistados inclusive não concordou e não assinou o termo de cessão, não autorizou usar sua fala e por isso não fez parte dos narradores. Outros autorizaram o uso de sua narrativa para a pesquisa, mas não autorizaram a cessão para o Centro de Documentação de História Oral da PUCRS.

Em todas as entrevistas, tivemos o cuidado de procurar ser fiel às palavras dos informantes e ao contexto do encontro. Informamos oralmente os objetivos da pesquisa, o uso que faria da entrevista, respeitando as solicitações dos entrevistados, especialmente os momentos em que pediam para desligar o gravador, pois não desejavam que aquilo que diziam ficasse registrado.

Foi durante o trabalho de produção das entrevistas<sup>9</sup> que o número de entrevistados foi definido, pois é conhecendo e produzindo as fontes de sua investigação que os pesquisadores adquirem experiência e capacidade para avaliar o grau de adequação do material já obtido aos objetivos do estudo. Esse número só se configura a medida que a investigação avança.

Neste estudo, iremos recorrer ao conceito de "saturação", formulado por Daniel Bertaux (1980). De acordo com esse autor, há um momento em que as entrevistas

---

<sup>9</sup> Algumas fitas encontram-se arquivadas no Centro de Documentação de História Oral da PUCRS.

acabam por se repetir, seja em seu conteúdo, seja na forma pela qual se constrói a narrativa. Quando isso acontece, continuar o trabalho significa aumentar o investimento enquanto o retorno é reduzido, já que se produz cada vez menos informação. Esse é o momento que o autor chama de “ponto de saturação”.

Muitas vezes, após fazer uma entrevista, acabávamos sendo lançados em direção a um documento que, antes, não teria sido usado, ou seja, uma entrevista remetia a uma fonte escrita e vice-versa.

Magalhães (1999), ao analisar a história das instituições educativas, enfatiza o quanto as pesquisas com memórias são estimulantes por permitirem que se busquem outras possibilidades, que podem ir além da história oral para compreender uma realidade educacional. Desafia o historiador a investigar outros suportes de memória, como os registros escritos que tenham relação com o objeto a ser pesquisado, como itinerários dos atores educativos da escola. O autor diz que “a memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais.” E, a partir dessas relações entre memória e documentação, o historiador consegue atribuir um sentido epistemológico para seu trabalho, ou seja, “um sentido para a história das instituições educativas” (Ibid., p. 71).

De acordo com Boaventura Santos (2002, p.48), todo o conhecimento que se produz é um conhecimento sobre as “condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir da relação espaço-tempo local”, e este tipo de conhecimento não pressupõe um método único, e, sim, uma “pluralidade metodológica”, cabendo ao pesquisador criar seus métodos, que permitam responder às perguntas e às inquietações próprias de sua investigação. Assim, “o método é um caminho a linguagem, e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta”. Portanto, a invenção de um método implica constantes escolhas, seleções, exclusões que acompanham o historiador ao longo do desenvolvimento de sua pesquisa.

Entre as incursões que realizamos no trabalho com a história oral, paralelamente foi realizada uma pesquisa documental e bibliográfica. Para subsidiar a investigação, utilizamos várias e amplas fontes que viabilizaram a reflexão sócio-educativo-cultural, para a crítica e interpretação dos documentos coletados.

A pesquisa bibliográfica compreende o levantamento de referências sobre o fenômeno estudado junto a publicações acadêmicas na área da educação e do turismo. Foram pesquisados periódicos, livros, revistas, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, bem como realizadas consultas na Internet.



O referencial teórico foi então sistematizado a partir de um conjunto de conhecimentos produzidos nesses materiais, o que fundamentou o desenvolvimento da pesquisa propriamente dita. As fontes documentais utilizadas para este estudo foram os anuários da PUCRS (de 1971 a 2008); documentos disponíveis no arquivo morto do Departamento de Turismo; notícias da imprensa da época, especialmente do jornal “Correio do Povo/RS<sup>10</sup>” no período 1970-1976, jornal o qual, na década de 1970, diariamente publicava textos sobre turismo, período de criação e implantação do Curso de Turismo da PUCRS, disponíveis no acervo Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, na cidade de Porto Alegre; acervos de Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier, disponível no Núcleo de Pesquisa em Ciências da Comunicação (NUPECC)<sup>11</sup>.

Outro documento relevante para a pesquisa é o livro memorialístico, que foi organizado por Hilda Flores, produzido por diretores da FAMECOS, professores do Curso e pessoas ligadas ao turismo no Rio Grande do Sul. O livro pretende registrar a história do Curso de Turismo da PUCRS e do turismo no Rio Grande do Sul; destaca nomes de diretores, alunos, professores e pessoas importantes para o Curso, e se propõe a preservar lembranças de fatos importantes escritos por essas pessoas.

As fotografias são uma documentação muito preciosa, porém foram pouco identificadas. Embora tenhamos solicitado aos entrevistados, poucos dispõem ou dispuseram suas fotografias para o estudo, apenas alguns têm fotos muito pontuais, como, por exemplo, sua foto de formatura ou sua foto palestrando; dificilmente registrando algum momento do Curso como um todo. Muitos falaram da existência de fotos registrando momentos do Curso, porém não conseguimos identificá-las. Por vezes, as fotos poderiam ter se constituído em evocadores de memórias nas entrevistas. É bom lembrar que as fotos não se apresentam como documentos isolados, precisam estar contextualizadas aos temas apresentados visualmente, e, algumas vezes, ao longo do trabalho, elas aparecem como elementos ilustrativos e alusivos aos temas que estão sendo abordados.

É importante mencionar as dificuldades encontradas durante a coleta de dados e também na análise documental. Ao pesquisar a documentação sobre o curso, tivemos uma série de dificuldades e, muitas vezes, não tivemos retorno das solicitações, impossibilitando o acesso aos dados. A documentação disponível na Universidade sobre

---

<sup>10</sup> O Correio do Povo é um jornal impresso brasileiro em formato tabloide pertencente à Central Record de Comunicação com circulação no estado do Rio Grande do Sul. Fundado em 1º de outubro de 1895 por Caldas Júnior, foi o jornal de mais longa publicação em Porto Alegre, circulando por 89 anos ininterruptamente, até 1984, reiniciando sua publicação em 1986.

<sup>11</sup> Atualmente estes acervos encontram-se na Biblioteca central da PUCRS.

a sua própria história e, especialmente, sobre o Curso de Turismo é insuficiente, além de se encontrar de forma dispersa e desarticulada. Pesquisamos documentos oficiais, que se traduzem em Portarias, Resoluções e Projetos de cursos, Relatórios de atividades, documentos variados, e tivemos acesso a documentos ainda não catalogados. Não tivemos acesso aos dados da Pró-Reitoria de Graduação.

O rastreamento de documentos, como ofícios, grades curriculares, projetos, atas, fotos, material promocional, jornais, matrículas, pertencentes ao acervo do Curso de Turismo da PUCRS foram de inquestionável valia, pois forneceram dados elucidatórios a respeito dessa história.

A análise da documentação foi feita com o entrecruzamento dos fragmentos dos depoimentos orais, respeitando a singularidade de cada uma das fontes. O uso de fontes de naturezas escrita (documentos) e oral (entrevistas) deu-se no sentido de poder abarcar uma amplitude maior de informações. As entrevistas foram fundamentais, porque, através desses depoimentos, obtivemos acesso aos pressupostos não oficiais, ou melhor dizendo, a outros aspectos “ocultos” que, por sua vez, estiveram presentes no espaço institucional, mas não ficaram registrados em documentos oficiais.

Posteriormente, os documentos escritos e o documento oral foram analisados e tomados como um todo. Isso significa ouvir as entrevistas ou lê-las do início ao fim, observando como as partes se relacionam com o geral e como essa relação vai constituindo significados sobre o passado e o presente e sobre a própria entrevista. É atentar também para relatos, interpretações e pontos de vista desviantes, isto é, que não se encaixam nos significados produzidos.

No processo de escrita do texto, utilizamos fontes escritas e fontes orais, diversas vezes, misturadas e entrelaçadas, como uma opção ética e metodológica, apostando num processo mais criativo do que “metódico”.

Em Bardin (1979), encontramos apoio para organizar a imensidão de dados transcritos em torno de categorias que lhes dessem significados. Assim, as informações foram analisadas por meio de análise de conteúdo temática das entrevistas. Essa análise consiste em identificar temas, localizando os “núcleos de sentido” que estão presentes em palavras, frases ou resumos. O tema é a unidade de significação que flui naturalmente de um texto. A análise das informações das ideias expressas nas narrativas, foi realizada mediante procedimentos de análise de conteúdo, incluindo descrições e citações ilustrativas.

Para Bardin (1979, p.42), a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do

conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Bardin (1979) argumenta que as análises de conteúdo temáticas podem ser organizadas em três etapas: a pré-análise, a exploração ou análise do material, e a inferência e interpretação. No presente estudo, essas etapas foram realizadas da seguinte forma: na pré-análise, as informações obtidas foram lidas atentamente para selecionar aquelas de interesse direto para o estudo, com vistas a resultados claramente relacionados com os objetivos. Na etapa de exploração ou análise do material, o texto foi recortado em seus núcleos de sentido, buscando identificar as palavras, frases ou depoimentos (as primeiras categorias) a serem trabalhados. A seguir, novas leituras das entrevistas foram feitas para reavaliar a adequação das primeiras categorias criadas. Por último, na etapa da inferência e interpretação, as informações foram descritas em forma de narrativa histórica.

Procuramos compreender, a partir da “arte de narrar” e de “intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.198), como os narradores construíram seus laços afetivos e simbólicos junto às lembranças universitárias vivenciadas nos tempos/espacos de sociabilidade do Curso.

Os narradores, grupos de pertencimento distintos, têm em comum a experiência de terem vivenciado o Curso e, por isso, são capazes de recompor, pela sua evocação, as memórias sobre a experiência universitária vivida. A forma escolhida para representar os momentos em que ocorreram os processos de interação envolvendo o lembrar/contar/ouvir foi tecendo as memórias dos narradores. Buscamos acompanhar o fluxo narrativo de suas memórias apresentando excertos das entrevistas<sup>12</sup>, retirando, no entanto, alguns excessos pela vulnerabilidade em que esses se colocavam frente às lembranças que fluíam em suas narrativas.

### **1.3 Os Guias da Pesquisa**

Faremos uma apresentação sucinta dos narradores, conforme o quadro a seguir:

---

<sup>12</sup> Destacamos que durante a narrativa histórica, quando a narrativa dos sujeitos da pesquisa, um trecho “citável” estiver incorporada ao texto será apresentada em fonte 12 e em itálico, e quando for superior a quatro linhas, deslocamento de 4cm e espaço simples. Do mesmo modo, as palavras e expressões significativas referidas por estes mesmos narradores.

<b>Categoria</b>	<b>Narradores</b>
Docentes ou ex-docentes do Curso de Turismo/ FAMECOS/PUCRS	Elvo Clemente Renato Batista Masina Antoninho Muza Naime Eugênio Machado Paulo Francisco Rolhano Nardi Cleusa Maria Andrade Scroferneker Julio Balzano Jerônimo Carlos Santos Braga Berenice Mércio Pereira Antonio Carlos Castrogiovanni Marutschka Martini Moesch Leandro Antônio de Lemos Susana de Araujo Gastal Abdon Barretto Filho
Ex-alunos e também docentes ou ex-docentes do Curso de Turismo/ FAMECOS/PUCRS	Norma Martini Moesch Diney Adriana Nogueira de Oliveira Gladis Terezinha Garcia Luis Gustavo Silva Silvana Lehn
Ex-alunos do Curso de Turismo/ FAMECOS/PUCRS	Lenora Horn Schneider Ana Lucia Touguinha Weigdle Márcia Merllo Rita de Cássia Michelin Maurício Schaidhauer Sabrina Gomes Dias Ivone dos Passos Maio Giana Pereira Borges
Funcionária	Flávia Custódio
Professor da USP que atuou na Pós-Graduação em Turismo da PUCRS	Mario Carlos Beni
Pessoas envolvidas com a atividade turística na década de 1970	Edison Baptista Chaves Victor Faccioni Sizenando Venturini

Quadro 1 – Os Narradores da Pesquisa

Fonte: O autor (2010)

– **Irmão Elvo Clemente:** entrevistado no dia 03/06/2006, no segundo semestre do curso de doutoramento, como trabalho final da disciplina História Oral, sob a responsabilidade da professora Núncia Constantino. Foi a primeira entrevista e foi realizada no gabinete do professor que ocupava uma Assessoria Especial da Reitoria da PUCRS. Elvo Clemente é Doutor em Letras Clássicas e professor titular da Faculdade de Letras da PUCRS. Já atuava na PUCRS quando foi criado o Curso de Turismo.

– **Renato Batista Masina:** graduado em Economia. Foi entrevistado no dia 25/03/2008 em sua residência. Em meados de 1971 foi cedido da UFRGS, instituição da qual era docente, para a SUDESUL a fim de trabalhar no Plano Regional de Turismo e, a partir daí, surge o seu envolvimento com o turismo. Atuou no curso desde sua concepção; foi responsável pela organização e também foi o primeiro coordenador do Departamento de Turismo. Atualmente, é professor aposentado pela UFRGS e escreve alguns artigos sobre turismo para jornais.

– **Antoninho Muza Naime:** foi entrevistado em 08/10/2008 na Biblioteca da PUCRS. É bacharel e licenciado em História, pós-graduado em Comercialização pela Fundação Getúlio Vargas - FGV e, de 1978 a 1979, realizou especialização em Administração em Turismo, pela PUCRS. Foi um dos participantes da fundação do Curso, professor e coordenador e vice-diretor da FAMECOS. Ingressou na PUCRS em 1973, assumindo a coordenação em 1977. Em 1990 saiu do Curso, mas permaneceu na PUCRS até 2006 como diretor da EDIPUC. Atualmente é aposentado.

– **Eugênio Machado:** foi entrevistado em 06/06/2008, em seu local de trabalho. Atuou como diretor Exprinter de 1949 até 1995. Foi professor do curso de Turismo da PUCRS durante os anos iniciais.

– **Norma Martini Moesch:** possui graduação em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1974); mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997). Foi aluna da primeira turma do curso de Turismo da PUCRS e docente da mesma instituição no período de 1978 a 2002. Coordenou o curso de Turismo de 1988 a 1997. Atualmente, é consultora externa do Ministério de Turismo, professora do Centro Universitário Franciscano e Secretária de Turismo de Santa Maria/RS. A primeira entrevista com a professora Norma foi realizada em 12/03/2009, no Hotel Itaimbé, em Santa Maria/RS, e a segunda, no dia 06/04/2010, na Secretaria de Turismo de Santa Maria.

– **Paulo Francisco Rolhano Nardi:** foi coordenador do curso por duas gestões. É formado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (1969), fez especialização em Administração do Turismo pela PUCRS, em 1978, especialização em Administração Pública pela Faculdade São Judas Tadeu, em 1982, e mestrado em Comunicação Social na PUCRS, em 2004. Ingressou na PUCRS em 1980 e se desligou em 2007. Atualmente, é professor aposentado.

– **Cleusa Maria Andrade Scroferneker:** graduada em Comunicação Social pela PUCRS (1973), Licenciada em Geografia (1973) e Bacharel em (1976) pela UFRGS, mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS (1983) e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP (2000). Foi entrevistada no dia 11/06/2008 na FAMECOS/PUCRS. Ingressou na PUCRS em 1974, lotada no antigo Instituto de Ciências Humanas, no departamento de Geografia, e atuou como professora no Curso de Turismo durante a década de 1970.

– **Julio Balzano:** foi entrevistado no dia 02/12/2008 em sua residência. É formado em Administração de Empresas, pela PUCRS, em 1970. Em 1976 começou a dar aulas na PUCRS e aí permaneceu até 1980. Atualmente é professor da FARGS e empresário.

– **Jerônimo Carlos Santos Braga:** não foi professor do Curso de Turismo, mas foi docente da FAMECOS/PUCRS e um dos diretores da faculdade. Realizamos a entrevista no dia 11/11/2008 na EDIPUC – PUCRS. Jerônimo Braga é bacharel em Comunicação, especialista em Relações Pública e Publicidade e Propaganda e Mestre em Comunicação Social. Atualmente, é diretor da Editora da PUCRS – EDIPUC.

– **Diney Adriana Nogueira de Oliveira:** foi entrevistada no dia 08/10/2008 na Casa de Cultura Mário Quintana. É bacharel em Turismo pela PUCRS (1976), especialista em Administração em Turismo pela PUCRS (1979), especialista em Desarrollo Turístico pela Escola Oficial de Turismo, EOT, Espanha (1987), mestre em Comunicação Social pela PUCRS (1997) e doutora em Comunicação Social pela PUCRS (2002). Foi professora do Curso de Turismo da PUCRS de 1980 a 2006 e assumiu a coordenação do Curso por um período pequeno. Desde 2007, atua na Castelli Escola Superior de Hotelaria. A professora Diney Adriana também foi aluna do Curso.

– **Berenice Mércio Pereira:** é Bacharel em Jornalismo pela UFRGS. Especialista em Metodologia do Ensino Superior, pela Faculdade de Educação da PUCRS, mestre em Comunicação Social pela PUCRS (2000). Ingressou como professora na PUCRS em 1990 e permaneceu no Curso de Turismo até 2009. Coordenou o Curso de agosto de 1999 a fevereiro de 2006. Nossa entrevista com a professora foi realizada no dia 13/05/2008 no Laboratório de Hospitalidade da PUCRS. Atualmente, é professora na Castelli Escola Superior de Hotelaria.

– **Gladis Terezinha Garcia:** foi aluna e professora do Curso de Turismo. Foi entrevistada no dia 06/01/2009, no seu local de trabalho, na Secretaria Estadual de Turismo. Bacharel em Turismo pela PUCRS (1978) e especialista em Turismo e Lazer também pela PUCRS.

– **Antonio Carlos Castrogiovanni:** é graduado em Geografia pela UFRGS (1980), mestre em Educação pela UFRGS (1995) e doutor em Comunicação Social pela PUCRS (2004). Atualmente, é professor adjunto da UFRGS, professor do Departamento de Humanidades no Colégio de Aplicação e professor titular da PUCRS. A entrevista com o professor foi realizada na PUCRS no dia 03/11/2008. Iniciou seu trabalho na PUCRS em 1984, como geógrafo, do curso de Estudos Sociais e atua no Curso de Turismo desde 1985.

– **Marutschka Martini Moesch:** essa entrevista ocorreu em duas etapas, a primeira no dia 11/09/2008, na sala da coordenação do Departamento de Turismo – FAMECOS – PUCRS e a segunda no dia 06/05/2009 na FACE/ PUCRS. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (1982),

especialização em Educação pela UFRGS (1989), mestrado em Comunicação pela PUCRS (2000) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2004). Coordenou o Curso de Turismo de 2006 a 2009. Atualmente é professora desse Curso.

– **Leandro Antônio de Lemos:** foi entrevistado no dia 24/11/2008 na Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da PUCRS, unidade na qual o professor é lotado. Possui graduação em Ciências Econômicas pela UFRGS (1987), mestrado em Economia pela UFRGS (1993) e doutorado em Turismo pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é professor da PUCRS e Sócio-diretor da Job Labor Desenvolvimento Empresarial. Em 1989 foi convidado para atuar junto ao Curso de Turismo. Esteve um pouco afastado por alguns anos, mas, em 2006, voltou a ministrar disciplinas para o Turismo.

– **Susana de Araujo Gastal:** graduada em Comunicação Social pela PUCRS (1974), mestre em Artes Visuais pela UFRGS (1995) e doutora em Comunicação Social pela PUCRS (2002). Atualmente é professora do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul e do Curso de Turismo da PUCRS, desde 1995. Com a professora Susana também realizamos dois encontros para a entrevista, o primeiro no dia 14/07/2008 no prédio 5 da PUCRS e o segundo no dia 05/08/2008 no Laboratório de Hospitalidade/FAMECOS/PUCRS.

– **Abdon Barretto Filho:** foi entrevistado no dia 11/11/2008 no local de trabalho – Hotel Plaza São Rafael em Porto Alegre. É graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia (1976), especialista na área de Marketing e Negócios Turísticos e Hoteleiros e mestre em Comunicação Social pela PUCRS (2001). Atualmente é professor do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA; professor da PUCRS; conselheiro – Hotel Plaza São Rafael e Diretor de Marketing da Rede Plaza de Hotéis, Resorts & Spas – Brasil. Ingressou como docente na PUCRS em 1996.

– **Luis Gustavo Silva:** é professor e ex-aluno do curso. Realizamos a entrevista no dia 01/10/2008, no Laboratório de Hospitalidade da FAMECOS – PUCRS. É bacharel em Turismo pela PUCRS (2000) e mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS (2009). Atualmente é professor dos Cursos de Turismo e Hotelaria da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia (FACE) da PUCRS.

– **Silvana Lehn:** é ex-aluna e professora do Curso. A entrevista foi realizada em 08/12/2008 na UNILASALLE em Canoas. Possui graduação em Turismo pela PUCRS (1999) e Mestrado em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí/SC (2004). Atualmente é professora coordenadora do Curso de Turismo do Centro

Universitário La Salle (Unilasalle – Canoas/RS) e docente dos Cursos de Hotelaria e de Turismo da PUCRS.

– **Lenora Horn Schneider:** ex-aluna do Curso da década de 1970, foi entrevistada no dia 01/07/2008 em seu local de trabalho, na Secretaria Estadual de Turismo – SETUR. É bacharel em Turismo (1974) e em Economia pela PUCRS, especialista em Gestão Empresarial pela Universidade do Porto. Foi professora dos cursos de Turismo do IPA e coordenadora do curso de Turismo da ULBRA, em Torres. Atualmente, trabalha na SETUR.

– **Ana Lucia Touguinha Weigdle:** ex-aluna do Curso da década de 1970, foi entrevistada no dia 17/07/2008 no seu local de trabalho – SETUR. Ela ingressou no curso de Turismo em 1975. É bacharel em Turismo pela PUCRS (1977) e especialista em Administração em Turismo pela PUCRS, em 1979, e trabalha na SETUR.

– **Márcia Merllo:** ex-aluna, foi entrevistada no dia 03/08/2008 no seu local de trabalho, na SETUR. É bacharel em Turismo pela PUCRS (1987) e especialista em Produção e Gestão do Turismo pela PUCRS (1999). Ingressou no curso em 1984 se formou em 1987.

– **Rita de Cássia Michelin,** ex-aluna, ingressou no Curso de Turismo em 1983. Entrevistada no dia 21/07/2008 em sua empresa. Atualmente, sócia proprietária da MILANO TURISMO & CONSULTORIA e professora do curso de Turismo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Santo Ângelo. É graduada em Turismo pela PUCRS (1986), especialista em Comunicação, Gestão e Marketing Turístico pela PUCRS (2006) e mestranda em Turismo da Universidade de Caxias do Sul.

– **Maurício Schaidhauer:** ex-aluno, foi entrevistado no dia 23/01/2009, na Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico Ltda, COODESTUR. Ingressou no Curso em 1997 e finalizou no ano de 2001. Graduado em Turismo pela PUCRS (2001), mestrando da UFRGS no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural. Atualmente é consultor do SEBRAE/RS e sócio cooperado da COODESTUR.

– **Sabrina Gomes Dias:** ex-aluna do curso, ingressou em 1993 e finalizou em 1996. A entrevista foi realizada no dia 22/01/2009, no seu local de trabalho, no SENAC. Possui graduação em Turismo pela PUCRS (1996), especialização em Produção e Gestão do Turismo (1999), e mestrado em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul/UCS (2005). Atualmente é técnica de Nível Superior do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do RS - SENAC, professora do Centro Universitário Metodista - IPA/RS e docente de Nível Superior do SENAC-RS.



- **Ivone dos Passos Maio:** ingressou como aluna do Curso em 1999. Foi entrevistada no dia 16/12/2008, na residência de seus familiares em Pelotas/RS. É graduada em Turismo pela PUCRS - (2004) e mestre em Turismo pela UCS (2006). Atualmente professora do curso de Turismo da Faccat - Faculdades de Taquara.
- **Giana Pereira Borges:** ex-aluna da década de 1990, foi entrevistada no seu local de trabalho – SESC, no dia 22/01/2009. É Bacharel em Turismo (1996) e pós-graduada em Elaboração de Projetos Sociais e Culturais pela UFRGS e em Administração Hoteleira pelo SENAC.
- **Flávia Custódio:** funcionária, foi entrevistada no dia 23/07/2008 no Laboratório de Hospitalidade – FAMECOS – PUCRS. Ingressou na PUCRS em 1987 para a FAMECOS - Faculdade de Comunicação Social, e não especificamente para o Curso de Turismo.
- **Mario Carlos Beni:** professor na USP, mas atuou na pós-graduação em Turismo da PUCRS e colaborou inúmeras vezes nesse Curso. Nossa entrevista se realizou em 06/05/2009 na Universidade de Caxias do Sul – UCS. Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense (1963) e em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal Fluminense (1968), mestrado em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1981) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1988).
- **Edison Baptista Chaves:** economista, foi entrevistado no dia 06/06/2008 no Hotel Embaixador em Porto Alegre. Foi professor na Faculdade de Economia UNISINOS, atuou na Rede Plaza de Hotéis e no Porto Alegre Convention Visitors & Bureau<sup>13</sup>.
- **Victor Faccioni:** foi entrevistado em seu local de trabalho, Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul, em 06/06/2008. É contador, economista e bacharel em Direito. Foi Deputado Estadual (1967/1969).
- **Sizenando Venturini:** foi entrevistado no dia 08/05/2008 no seu local de trabalho, no Hotel Embaixador do qual é proprietário.

Buscamos informações sobre os personagens da história que estamos analisando e suas relações com o Curso e a Universidade, entremeando os dados obtidos através de

---

<sup>13</sup> Porto Alegre Convention Visitors & Bureau é uma fundação de direito privado, sem fins lucrativos e de natureza cultural, que visa ao desenvolvimento do turismo de eventos, tendo como âmbito de atuação a cidade de Porto Alegre e região metropolitana. Tem como objetivo aumentar o fluxo turístico em Porto Alegre. Atua na captação, geração e apoio a eventos. Além disso, desenvolve ações que resultam na formação de uma imagem favorável à cidade. O Porto Alegre CVB atua como órgão de apoio e dinamização junto aos diversos setores ligados ao segmento turístico, prestando cooperação e apoio técnico, disponibilizando material promocional, acesso ao banco de imagens, estatísticas e outros dados especializados, além de organizar e acompanhar visitas de familiarização e inspeção à Porto Alegre e região metropolitana.

referências bibliográficas, documentos e entrevistas. Utilizamos as narrativas dos entrevistados e algumas informações da Plataforma Lattes para trazer um pouco da história pessoal e profissional dos nossos guias (APÊNDICE B)<sup>14</sup>.

Nosso propósito, ao estudar a memória do Curso de Turismo da PUCRS, a partir de fontes oral, documental e bibliográfica, foi de compreender o passado a partir das memórias coletivas, ou seja, a partir de uma abordagem que procura o sentido atribuído aos fatos passados por aqueles que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidos com esses mesmos fatos. Desse modo, auxilia-nos no entendimento e questionamento do presente, buscando, através da memória do Curso de Turismo, entender o seu contexto e suas transformações, fazendo com que a área do turismo conheça a sua própria história.

Portanto, considerando essas reflexões acerca dos sentidos da História da Educação e dos caminhos trilhados nesta pesquisa, encaminhamo-nos para as outras etapas, nesta relação de partidas, de estadas e de retornos que o *corpus* empírico e a problemática deste estudo se constituíram. Um processo de transformação incessante entre a intenção inicial de pesquisar a História do Curso de Turismo e o desafio de explorar outros conhecimentos, tomando o trabalho da memória social enquanto uma produção humana e coletiva, vão constituindo a história que pretendemos narrar, elegemos uma trajetória possível, na qual percebemos um pouco de nós nela, do que acreditamos, do que fomos, do que estamos sendo, do nosso encantamento com o passado.

---

<sup>14</sup> Apresentamos nominalmente os sujeitos da pesquisa e procuramos explicar a relação dos narradores com o turismo e com o Curso, trazendo um pouco da história de vida desses “companheiros” que nos emprestaram suas vozes para que falássemos nesta tese. Narradores que auxiliaram na definição dos rumos da pesquisa. São eles que ocupam o lugar da experiência, revisitando os espaços/tempos em que participaram do curso de Turismo da PUCRS.

## **PARTE II – O TURISMO E OS CURSOS DE TURISMO**

*Pelo estudo cuidadoso do passado é que poderemos  
conseguir antecipar o futuro e entender o presente.  
Portanto, a melhor das escolas pedagógicas está na história do ensino  
(DURKHEIM, 1995).*

## CAPÍTULO 2 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DO TURISMO

A trajetória do Curso de Turismo da PUCRS, a partir das memórias, precisa ser entendida no contexto que vivenciamos na atualidade. No que diz respeito ao ensino superior em turismo, o qual pode ser compreendido enquanto *locus* de ação social e, assim, histórica e culturalmente construído, entendemos que trabalhar no âmbito da produção do sentido implica retomar também a linha da história, de modo a entender a construção social do curso e compreender as singularidades que o envolvem. Assim, é fundamental pensá-la pelo viés econômico, político, social, observando seu processo histórico.

Julgamos importante contextualizar o objeto de estudo, pois tomamos por base Nóvoa (1994) quando ressalta que

[...] a história da educação não é o “passado”, o que esmaeceu e desapareceu e não volta, mas sim a continuidade que vem ao agora e até ao amanhã, um passado que se prolonga em presente e em projeto: a história é um modo – mais pertinente, o mais adequado – de bem pôr os problemas de hoje graças à indagação científica do passado. (NÓVOA, 1994, p. 111)

A partir das últimas décadas do século XX, as viagens e o turismo começam a ser estudados de maneira científica, enquanto fenômeno social, tornando-se importantes objetos de pesquisa, observado sob os contextos: histórico, econômico, sócio-filosófico e ambiental, além de outros. Esses contextos são interdependentes, cada um interage com o outro, ora se complementando ora se contradizendo.

No caso específico de nosso estudo, o cenário político, social e econômico da época é por demais revelador no que diz respeito à natureza e função da atividade turística, demonstrando as forças sociais que foram responsáveis por sua gênese e posterior desenvolvimento.

Este capítulo aborda uma reflexão a respeito da atividade turística no Brasil e no Rio Grande do Sul, frisando situações históricas do seu início e as implicações daí decorrentes. Julgamos importante analisar os acontecimentos relacionados ao turismo, buscando um melhor entendimento sobre o fenômeno, uma vez que a história do turismo no Brasil se refletiu em ações referentes ao ensino em Turismo. Não se trata, portanto, de uma história do turismo, mas sim de uma apresentação, em forma cronológica, daqueles fatos e acontecimentos significativos, destacados na bibliografia e pelos narradores, neste processo evolutivo.

Isso fica especialmente claro quando observamos as narrativas dos sujeitos, os sentidos atribuídos às atividades turísticas realizadas fora do ambiente acadêmico, que envolvem múltiplas lembranças narradas. É sobre esse contexto que muitos sujeitos refazem a sua trajetória pessoal e profissional.

Como nos diz Moesch (1993, p.07):

Permeável ao arbítrio do pseudo-conhecimento, da apropriação constante e indevida de idéias meritórias, a despeito da legitimação reconhecida de seus verdadeiros autores, o turismo exige vigilância permanente, denúncias corajosas, pleitos árdus e contínuo reavivar da memória coletiva acerca de seu breve passado histórico, seus heróis e seus vilões.

O capítulo está estruturado em duas partes distintas: a primeira, de forma ampla, busca contextualizar a atividade turística no Brasil, e a segunda, no Rio Grande do Sul.

## **2.1 O Turismo no Brasil**

O turismo, como o conhecemos hoje, constitui um fenômeno basicamente do século XX. Os historiadores admitem que o advento do turismo de massa iniciou-se na Inglaterra durante a Revolução Industrial, com o despertar da classe média diante do transporte relativamente barato. O surgimento da indústria aérea comercial, após a Segunda Guerra Mundial, e o subsequente desenvolvimento da era dos jatos, na década de 1950, assinalaram o rápido crescimento e a expansão das viagens internacionais. Esse crescimento conduziu ao desenvolvimento de uma nova indústria, o turismo (THEOBALD, 1997).

O período denominado de turismo moderno ou organizado compreende o período de meados do século XIX até o início do século XX e caracteriza-se pela “implantação e o desenvolvimento da atividade turística como um grande negócio, em decorrência de inúmeros fatores, dentre os quais se destacam as transformações econômicas e sociais, e as novas tecnologias” (REJOWSKI et al, 2002, p. 41).

A partir de 1970, inicia-se uma nova etapa no desenvolvimento do turismo. Vários países, estimulados pelos benefícios que essa atividade pode proporcionar às comunidades receptoras, fundamentalmente no aspecto econômico, começam a fomentá-lo mediante a criação de centros turísticos planejados. Há um crescimento da participação do setor privado na atividade turística.

Concretamente, entre 1970 e 1990, o turismo se consolida como um direito adquirido pela sociedade. Sua expansão é tal que se converte em uma das principais atividades econômicas do comércio internacional (ACERENZA, 2002). Por isso, alguns governos criaram os primeiros organismos especializados na promoção e no

planejamento da atividade. A partir daí, é visto como um fenômeno complexo, gerando amplas discussões em nível mundial.

Os últimos decênios do século XX, de 1974 a 2000, mostram a verdadeira complexidade e abrangência do turismo num mundo em constante mutação, onde tudo é questionado, inovado, criado e reformatado. Duas forças impõem-se e novos cenários surgem: a *sustentabilidade* e a *globalização*. Desafios constantes levam à importância do planejamento e gestão estratégica, à formação e capacitação de recursos humanos de qualidade, e ao desenvolvimento de pesquisas e estudos científicos. (REJOWSKI e SOLHA, 2002, p. 112, grifo do autor)

Krippendorff (1989, p. 24) também ressalta a importância de se conhecer e entender o funcionamento da atividade turística para uma melhor gestão.

O turismo moderno se tornou um dos fenômenos mais formidáveis e mais singulares da nossa época. Para descobrir a natureza de que se reveste, é necessário tentar compreender como se ligam os elementos, quais são as causas e efeitos, os desejos e as realidades. Devemos, antes de mais nada, dominar o funcionamento do mecanismo, antes que possamos determinar os meios de controlá-lo, modificá-lo e aperfeiçoá-lo.

Mais recentemente, a produção pertinente à história do turismo tem se ampliado, trazendo vantagens para a produção de seu saber, como observou Vainfas (1997), quando se refere à historiografia atual, em diferentes escalas ou pontos de observação e adotando tanto uma postura explicativa, como a descrição do detalhe cultural, ou seja, a(s) realidade(s) e suas representações.

No Brasil, o desenvolvimento do turismo não é um fenômeno recente. Assim como ocorreu na Europa e em países do Ocidente, a atividade tem evoluído, com maior ou menor intensidade, acompanhando as mudanças econômicas, sociais e culturais, e os avanços da tecnologia. Barretto (1991, p. 56) explica que no Brasil, “o turismo surgiu vinculado ao lazer; nunca teve cunho de aventura ou educativo, como na Europa. A partir de 1950, grandes contingentes passam a viajar, mas, apesar de ser considerado um turismo de massa, nunca atingiu o total da população”.

No país, a institucionalização do turismo foi se estruturando lentamente. O turismo como fenômeno social começou depois de 1920. Pode-se traçar um marco com a criação da Sociedade Brasileira de Turismo, em 1923, que depois se tornaria o Touring Club<sup>15</sup>. A entidade era dirigida aos poucos proprietários de automóveis dos anos 1920 e foi a primeira a se preocupar com o turismo nacional. Até o fim da década de 1940, o Brasil apresentava muitos problemas de transporte, relacionados não somente aos equipamentos, mas, principalmente, pela inexistência de infra-estrutura.

---

<sup>15</sup> Sobre o Touring Club ver: GASTAL, Susana e CASTRO, Marta Nogueira. A construção do campo do Turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande do Sul. In: CANDIDO, Luciane Aparecida e ZOTTIS, Alexandra Marcella (org.) *Turismo: Múltiplas Abordagens*. Novo Hamburgo, Feevale, 2008, p. 30-41.

Durante muito tempo, os temas referentes ao turismo foram tratados por diferentes setores da administração pública federal, sendo que a primeira experiência foi a criação, em 1934, da Comissão Permanente de Exposições e Feiras. Cinco anos depois, em 1939, através do Decreto-lei nº. 1.915, cria-se a Divisão de Turismo, no Departamento de Imprensa e Propaganda, e, em 1940, realiza-se a primeira regulamentação das atividades das empresas e agências de viagens e turismo (CRUZ, 2000). Já na esfera privada, em 1936 foi fundada a ABIH – Associação Brasileira da Indústria Hoteleira – no Rio de Janeiro, durante o I Congresso Nacional Hoteleiro.

O desenvolvimento da atividade começou a ser discutido no final dos anos 1940, pautado nos princípios do nacional-desenvolvimentismo. Com Getúlio Vargas (1930-1945), o Brasil entra em um processo de transição do modelo agroexportador para o urbano industrial. Para ele, o governo poderia e deveria retomar o crescimento independente da economia mundial. Durante esse período, o foco das ações foram a implementação da indústria de base e a dinamização do mercado interno (SOUZA, 2007).

Para Moesch (1997), pode-se afirmar que, em termos nacionais, a primeira manifestação de interesse oficial frente ao turismo e suas notáveis perspectivas de promoção social só ocorreram em 1937, quando o governo do Distrito Federal instituiu, por decreto, a Temporada Oficial de Turismo, objetivando incrementar, na capital, a frequência de visitantes vindos do interior do Rio de Janeiro e de outros estados da União, para aumentar a receita dos inúmeros cassinos instalados na “Cidade Maravilhosa” à época.

De acordo com Hohlfeldt e Valles (2008), durante a primeira metade do século XX, o turismo no Brasil dependia quase que exclusivamente da iniciativa privada, sendo que o serviço público atuava somente em alguns momentos, em conjunto com instituições como o Touring, não havendo, assim, a institucionalização de uma política turística.

Efetivamente, os primeiros sinais de uma ação mais ampla e sistemática foram durante a década de 1950. A intervenção estatal se fez sentir tanto na criação de órgãos e instituições normativas e executivas, quanto na produção do espaço. Em 1953, as prefeituras de Belo Horizonte, Recife e Salvador criaram seus órgãos municipais de turismo.

A década de 1950 foi o período mais propício para o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, comandado pela indústria, com repercussão nos demais setores e na produção das cidades. Isto se atribuiu, em grande parte ao Plano de Metas 1956-1961, um programa governamental de desenvolvimento, apoiado em investimentos públicos e privados nas áreas de

infra-estrutura, indústrias básicas e de bens de consumo duráveis, recursos humanos [...]. (CAVALCANTI e HORA, 2002, p.56)

No começo da década de 1950, a hotelaria nacional já era de razoável proporção e concentrava-se nas principais capitais do país. As companhias aéreas aumentaram suas frotas. As agências de viagens brasileiras começaram a se organizar, criando associações regionais e participando de eventos internacionais. Em 1953, um grupo de 14 agências fundou a ABAV – Associação Brasileira dos Agentes de Viagens no Rio de Janeiro, buscando consolidar e incentivar o turismo nacional, posteriormente estruturada em outros estados da Federação (SOLHA, 2002).

Também na década de 1950, a Confederação Nacional do Comércio, conduzida por Umberto Stramandinoli, começou uma campanha para oficializar o turismo no país, iniciando com a organização dos Congressos Brasileiros de Turismo, realizados em 1956 e 1957. “De sua iniciativa, também foi a criação do Conselho de Turismo da Confederação Nacional do Comercio, presidida por Corinto de Arruda Falcão” (GOIDANICH, 1993, p.53).

No início de 1958, o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961) teria sondado o governo norte-americano sobre a possibilidade de obter um empréstimo para o Brasil. O presidente Eisenhower<sup>16</sup> empenhava-se no programa *People to people* e criara, em 1957, uma agência de financiamento, o “Development Loan Fund”, com a finalidade de auxiliar financeiramente os países que tivessem interesse em desenvolver o seu turismo. Eisenhower acreditava na importância do turismo como instrumento de paz e enriquecimento das nações. Em lugar do empréstimo, ofereceu ajuda técnica, para que o Brasil se organizasse e explorasse racionalmente o seu potencial turístico. Com o aval de Juscelino, firmou-se um convênio e nasceu o *Tourism Project for Brazil* (GOIDANICH, 1993).

O Decreto nº. 44.863 de novembro de 1958 instituiu, no governo de Juscelino Kubitschek, a COMBRATUR - Comissão Brasileira de Turismo -, vinculada à Presidência da República. Essa pode ser considerada a primeira política pública do estado a serviço do turismo brasileiro, em que o governo enquadrou o turismo pelo viés econômico, trabalhando o fenômeno com uma visão limitada e estreita, uma fonte de receita econômica. A COMBRATUR terá por finalidade coordenar, planejar e supervisionar a execução da Política Nacional de Turismo, com o objetivo de facilitar o crescente aproveitamento das possibilidades do país, no que respeita ao turismo interno e internacional (FERRAZ, 2000).

---

<sup>16</sup> Dwight David Eisenhower foi presidente dos Estados Unidos da América entre 1953 e 1961.



O decreto traz, pela primeira vez, referências às diretrizes de uma política nacional de turismo. Dentre as atribuições da COMBRATUR, destaca-se a preocupação com a ampliação e melhoria da infraestrutura turística nacional, especialmente dos meios de hospedagem. A partir desse momento, transfere-se o eixo prioritário das políticas públicas de turismo da organização do setor – do ponto de vista das agências de viagens e turismo – para ampliação do parque hoteleiro do país.

Esta Comissão, no entanto, não possuía estrutura que lhe permitisse realizar todas as atividades que lhe eram atribuídas, sendo, portanto, extinta em 1961. No seu lugar criou-se, em 1962, a Divisão de Turismo e Certames, pelo Decreto nº 4.408, vinculada ao Ministério da Indústria e do Comércio, com a finalidade de promover, organizar e fiscalizar exposições, feiras e certames no território nacional (SOLHA, 2002).

O Congresso Nacional apresentou, no ano de 1963, após a realização do I Simpósio Nacional do Turismo, em Brasília, por iniciativa do Poder Legislativo, a proposta de criação do IBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo, projeto que foi vetado pelo então presidente João Goulart.

Em 31 de março de 1964, a recente democracia brasileira sofreu um golpe patrocinado por coalizão civil e militar. Segundo Germano (1993, p. 17), “o golpe [configurou] a ascensão de um novo bloco no poder, que [envolveu] uma articulação entre o conjunto das classes dominantes, ou seja, a burguesia industrial e financeira – nacional e internacional –, o capital mercantil, latifundiários e militares, bem como uma camada (de caráter civil) de intelectuais e tecnocratas”. Foi instalada a denominada Ditadura Militar, um regime bem comum no contexto da América Latina no período. Com a Ditadura, além de outras consequências, adveio um acirramento do movimento tecnicista<sup>17</sup>.

Em 1966, uma questão vem à tona: o Governo Federal não podia continuar com suas atividades, no campo do turismo, circunscritas aos estreitos limites de uma divisão, órgão burocrático subordinado a um departamento da Secretaria de Comércio, do Ministério da Indústria e do Comércio, embora algumas coisas tenham sido feitas, independentemente da carência de recursos orçamentários e da falta de pessoal especializado. O turismo necessitava de ações mais objetivas do Governo. Existia somente, no âmbito federal, a Divisão de Turismo e Certames, e, no estadual, duas Secretarias de Estado, a da Guanabara e a de São Paulo. Em outros estados,

---

<sup>17</sup> O tecnicismo, uma concepção epistemológica da prática herdada do positivismo, prevaleceu ao longo de todo o século XX, servindo de referência para a educação e socialização dos profissionais em geral e dos docentes em particular (PÉREZ GOMES, 1995).

departamentos e serviços autônomos exerciam suas atividades, como por exemplo, o SETUR do Rio Grande do Sul, o mais antigo órgão estadual de turismo do Brasil. Alguns municípios, por iniciativa das Câmaras Municipais, possuíam Serviço de Turismo para atendimento das necessidades locais. Em âmbito nacional, uma entidade particular fazia sentir sua presença no campo turístico – o Touring Club do Brasil, “a quem o turismo nacional deve, pelo seu pioneirismo e eficiência, uma incontável soma de realizações” (SILVEIRA<sup>18</sup>, s/d, p. 19).

Em 1966, Porto Alegre sediou o 2º Simpósio Nacional de Turismo, quando foi reiterada, ao governo federal, a proposta do deputado Nelson Carneiro, presidente da associação Parlamentar de Turismo, de criação do IBRATUR.

O crescimento do setor turístico no mundo e as perspectivas de uma atividade econômica promissora estimularam a criação de um órgão público que pudesse atender às necessidades urgentes do setor. O Decreto-lei nº 55, de 18 de novembro de 1966<sup>19</sup>, definiu a política nacional de turismo. Desse modo, em 1966, cria-se a Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, sediada no Rio de Janeiro –, o Conselho Nacional de Turismo – CNTUR –, e começa a ser discutida a necessidade de se traçarem as diretrizes de uma Política Nacional de Turismo.

A EMBRATUR, conforme o Decreto-lei 60.224/67, deveria “estudar e propor ao CNTUR os atos normativos necessários à promoção da política nacional de turismo e, bem assim, aqueles que digam respeito ao seu funcionamento”, enquanto que ao CNTUR caberia formular as diretrizes para uma política nacional de turismo. Em 1967, por meio de decretos-lei, foi criado o Sistema Nacional de Turismo, constituído pela EMBRATUR, pelo CNTUR e pelo Ministério das Relações Exteriores “imprimindo uma mudança substancial na condução das políticas federais de turismo” (CRUZ, 2000, p. 51).

O CNTUR delineava as políticas de turismo, e a EMBRATUR deveria executá-las. Como não dispunha de receita, gerenciava com os recursos oriundos dos incentivos fiscais e financeiros alocados para o setor. Beni (2006) considera este um passo fundamental para o rumo do turismo brasileiro, que até então figurava em uma situação marginal.

O Conselho Nacional de Turismo, como órgão superior à EMBRATUR, era formado por representantes do governo, da própria EMBRATUR e do *trade*,

---

<sup>18</sup> Joaquim Xavier da Silveira foi o primeiro presidente da EMBRATUR, de 1966 a 1971. Ele é autor do livro: “Turismo uma prioridade nacional”, no qual narra o período de criação e consolidação da EMBRATUR no território nacional (SILVEIRA, s/d).

<sup>19</sup> A Lei nº 8.181, de 28 de março de 1991, revoga o Decreto-Lei nº 55, de 18 de novembro de 1966.

especificamente das agências de viagem, da “indústria” hoteleira e das transportadoras; estes últimos formavam o considerado “tripé” da atividade turística.

Santos Filho (2005) argumenta que a EMBRATUR foi criada com outros objetivos, pois, em 1966, o governo Federal, atordoado com o que falavam de seus governantes no exterior, sentiu o incômodo de ter que deixar a farda e governar a sociedade de civis com base na democracia e não no comando de tropas e hierarquias. Pelo menos era essa a pressão e o desejo dos brasileiros que lutaram abertamente ou na clandestinidade. Criou-se a EMBRATUR “com o objetivo *explícito* de coordenar o desenvolvimento do turismo brasileiro. E, *implícito* de refazer a imagem do Brasil no exterior, assim, nada melhor que uma entidade através da qual se divulgassem as belezas naturais de um país exótico, pró-americano [...]”. (SANTOS FILHO, 2005, p.1)

Para o autor, há uma correlação entre a criação da EMBRATUR no período de governo militar no país, e a imagem do Brasil no exterior, preocupação constante dos golpistas que queriam ter em suas mãos um instrumento capaz de conter ou ocultar a crise da sociedade em todos os seus setores. Para isso, começou-se a articular a criação de um órgão que divulgasse a imagem do Brasil em conformidade com os interesses do Estado.

Em 1967, através do Decreto nº. 60.224, foi ampliada a concepção legal da política nacional de turismo, com a criação do Sistema Nacional de Turismo, que indicava a responsabilidade de cada participante (órgãos federais, estaduais, municipais e iniciativa privada) na atividade turística.

Uma das primeiras iniciativas da EMBRATUR foi organizar um encontro, em outubro de 1967, para reunir os estados da União no I Encontro Oficial do Turismo Nacional, no Rio de Janeiro. Essa mesma entidade criaria a SUDESUL<sup>20</sup> – Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul, assumindo os encargos para o desenvolvimento do Plano Regional de Turismo. O turismo já era reconhecido como a indústria sem chaminés, fator que envolvia aspectos como planejamento de infraestrutura, relacionando setores como marketing e outras atividades de promoção do produto turístico.

Esse Encontro contou com a participação de representantes de todos os estados e alguns territórios, além dos delegados representantes dos transportes, hoteleiros e agentes de viagens. Assim, pela primeira vez no País, realizou-se um evento em termos

---

<sup>20</sup> A Sudesul foi criada em 1967 e extinta em 1990 através do decreto 92.240. Nas décadas de 1970 e 1980 proporcionou benefícios para os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, pois tinha como finalidade planejar e promover a execução do desenvolvimento da Região Sul, coordenando e controlando a ação federal nessa região.

nacionais, para discutir a temática turismo.

O Encontro possibilitou à EMBRATUR uma visão geral da problemática do turismo brasileiro e representou uma tomada de consciência, em âmbito nacional, do significado do Turismo para o Brasil, desencadeando um processo de conscientização, no sentido de integrar essa indústria no plano do desenvolvimento do País. Durante o Encontro cada um dos estados brasileiros, através de seus representantes, apresentou como vinha desenvolvendo a atividade turística no seu estado (ANAIS DO I ENCONTRO OFICIAL DO TURISMO NACIONAL, 1967).

Em 1969 foi instituído, pela CNTUR, o primeiro Plano Nacional de Turismo (Plantur), considerado o instrumento básico da Política Nacional de Turismo. No entanto, para Cruz (2000) o Plantur nunca foi posto em prática.

Solha (2002) aponta que o desenvolvimento do turismo no país, no período de 1950 a 1969, ocorreu em consequência da conjugação de diversos fatores: melhoria nos equipamentos e no sistema de transportes; ampliação dos sistemas de comunicação; urbanização e crescimento das cidades; crescimento de uma classe média propensa a viajar. Embora ainda bastante incipiente, quando comparado à velocidade dos acontecimentos mundiais, estimulou o início da organização da atividade nos setores público e privado.

O Governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) foi marcado por um fabuloso crescimento econômico, conhecido como o "milagre brasileiro". Na década de 1970, com muitos investimentos estrangeiros, com baixa inflação, a classe média e os empresários estavam eufóricos com as perspectivas otimistas em relação aos negócios e à economia. Mas, também foi um tempo de repressão, censura e violência, características da linha dura do governo militar. Neste cenário, o turismo aparecia como a atividade econômica do futuro, responsável pelo desenvolvimento do país. Todavia, a viagem ainda não era um hábito popular. "O ritmo do desenvolvimento do setor ainda era lento e muitos dos empreendimentos e das experiências na área eram amadores, caracterizados pela improvisação e pelo autodidatismo" (SOLHA, 2002, p. 134).

Na administração pública, a EMBRATUR estabeleceu como um de seus objetivos ampliar a infraestrutura hoteleira do país, criando, em 1971, o Fungetur – Fundo Geral do Turismo – para financiar a construção, ampliação ou reforma de hotéis, obras e serviços específicos de finalidade turística. O setor privado expandiu e consolidou as suas associações. Da mesma forma, verificou-se um grande incremento nos negócios turísticos e a abertura de um novo mercado de trabalho (SOLHA, 2002).

A imprensa explicita este período da atividade turística:

Não somente sob o aspecto social, educativo e cultural, o turismo deve ser encarado sob os aspectos econômicos e empresariais [...]. A indústria do turismo só perde em importância para a do petróleo que até 1980, segundo a opinião de alguns economistas, deverá ser ultrapassada pela primeira, declarou recentemente o ministro Pratini de Moraes, da Indústria e Comércio. No Brasil, os governos da Revolução de 1964 vem procurando racionalizar e planejar um política turística, sendo que de 64 a 71, nosso País já investiu 400 milhões de dólares na incrementação do turismo nacional. A EMBRATUR, presidida pelo Sr. Paulo Protásio, vem realizando um notável trabalho neste campo, procurando imprimir uma nova imagem no turismo nacional, quando vivemos em 1973 o ANO NACIONAL DO TURISMO, lançado pelo presidente Médici. Desta maneira, forma-se no Brasil, uma verdadeira conscientização que representa a indústria turística dentro do processo desenvolvimentista que vivemos. (O Quero-Quero/RS<sup>21</sup>, 28/09/1973)

Nesse período, a expectativa de um mercado de trabalho promissor restringia-se ao trinômio – agências de viagens, hotelaria, transportes –, que dependia da expansão e consolidação deste mercado. A década de 1970 foi bastante produtiva no que diz respeito às discussões sobre o turismo. Iniciaram-se os primeiros eventos científicos na área, que discutiam a realidade turística brasileira, o mercado de trabalho e as necessidades do setor, encabeçados pelo Contur – Congresso Brasileiro de Turismo –, o primeiro promovido pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (REJOWSKI, 1996).

A crise mundial de petróleo, em 1973, que abalou a economia do país durante alguns anos, refletiu na atividade turística. Observavam-se os primeiros sinais da grave crise econômica interna, que virá a se estabelecer nos anos 1980. Em 1974, assumiu a presidência Ernesto Geisel (1974-1979), que impôs uma nova política econômica para a nação. A partir do seu governo, o Brasil passa por novas transformações: lentamente, começa o processo de condução à reabertura política no país, gradual e progressiva, cujo processo seria concluído, por João Batista Figueiredo, poucos anos depois, quando é promovida a Anistia ampla, geral e irrestrita. Assim, durante a década de 1980, a atividade turística, no Brasil, praticamente, estagnou-se.

Nesse processo, vários seriam os aspectos a serem remodelados e repensados: o planejamento político, o crescimento econômico, a recondução à experiência democrática; um novo país estava requerendo uma nova estrutura. Ao mesmo tempo, sentia-se um desgaste natural do processo vivido no momento imediatamente anterior.

Durante o governo dos militares, através de slogans como *Este é um país que vai pra frente*, construiu-se uma imagem de um país em franco processo de

---

<sup>21</sup> O Quero-Quero é um jornal de Santa Maria/RS.

desenvolvimento, que culminaria no chamado milagre econômico, durante o governo Emílio Médici (1969-1974).

Bringhenti (2007) destaca que, em 1981, foi lançada, pela EMBRATUR, a Política Nacional do Meio Ambiente, através do Decreto nº 6.938; e em 1982, assinou um acordo com o Ministério do Trabalho, com o objetivo de incentivar os sindicatos a organizar viagens turísticas na baixa temporada.

Conforme Cavalcanti e Hora (2002), a partir de 1984, aparece nos planos da EMBRATUR uma preocupação com a qualificação profissional para o setor turístico, no qual se constata uma orientação para incluir o treinamento de mão-de-obra entre as prioridades de infraestrutura. Na verdade, pairava no ar certa descontinuidade na gestão do setor e um desconhecimento sobre a área, pois a entidade foi presidida por vários políticos e, também, por diversos profissionais liberais. Esse fato gerou uma crítica da Associação das Agências de Viagens, em 1989, que denunciou o fato de nove presidentes terem passado pela EMBRATUR sem a qualificação necessária para coordenar o turismo no país.

Apesar de todas as dificuldades deste período, o embrião da atividade turística já estava plantado. As empresas organizaram-se em associações, o poder público começou a perceber que a atividade turística é muito mais do que investir na rede hoteleira. O sonho e a euforia do começo da década de 1970 foram substituídos por uma certa decepção na década de 1980, pois os acontecimentos não seguiram a tendência esperada, mas, ao mesmo tempo, provocaram uma reação importante: o turismo começou a ser visto como uma atividade séria e profissional, que não traz soluções imediatas para problemas estruturais, principalmente os econômicos. (REJOWSKI, 2002, p.140)

Durante o governo de Fernando Collor de Mello (março de 1990 a dezembro de 1992), é aprovada a Lei nº 8.181, de 28 de março de 1991, que dá nova denominação à Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, autarquia especial, criada nos termos do Art. 11 do Decreto-Lei nº 55, de 18 de novembro de 1966, que passa a denominar-se EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo, vinculada à Secretaria do Desenvolvimento Regional da Presidência da República.

O Instituto Brasileiro de Turismo tinha a finalidade de “formular, coordenar e fazer executar a Política Nacional de Turismo” (CRUZ, 2000, p.56). Em 19 de novembro de 1992, passou a vincular-se ao Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. Ainda em 1992, foram estabelecidas as diretrizes para a Política Nacional de Turismo e criado o instrumento para operacionalizar esta política, o Plantur – Plano Nacional de Turismo (CRUZ, 2000).

Na gestão de Collor de Mello, a EMBRATUR muda do Rio de Janeiro para Brasília e perde boa parte de sua autonomia, quando passa de empresa para autarquia. Essa mudança implicou uma reformulação quase que total do corpo técnico do órgão, já

que muitos de seus funcionários preferiram ser transferidos para outros órgãos federais com sede no Rio de Janeiro, evitando, assim, a mudança para a Capital Federal.

Em 1993, foi criado o Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, cuja Secretaria Nacional de Turismo e Serviços teve como seu único titular Caio Luiz de Carvalho<sup>22</sup>, com a incumbência de planejar as ações do setor, enquanto que a EMBRATUR tinha como tarefa executar tais ações.

Em 1994, foi instituído o Plano Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT. O governo Itamar Franco (dezembro de 1992 a janeiro de 1995) decide instaurar:

Um processo de construção de uma diretriz nacional para a política de turismo do país. O PNMT é um plano legal e referencial para todos os segmentos que atuam com turismo no país e que tem como público-alvo o município. Como num efeito dominó, o turismo municipal influi sobre o desempenho do turismo estadual, que por sua vez determina a eficácia do turismo nacional e a conseqüente competitividade internacional do produto turístico brasileiro, através da busca da qualidade na prestação de serviços e no correto gerenciamento dos recursos naturais e culturais por parte de todos os atores envolvidos neste processo, quer sejam eles públicos ou privados. (PEREIRA, 1999, p.17)

Essa política foi construída em acordo com as práticas de descentralização do governo, frente às necessidades reais do turismo brasileiro. Uma tentativa de gestão horizontal, de integração entre público e privado, buscando a participação efetiva de todos os segmentos da sociedade, a começar pelo maior interessado: o município (PEREIRA, 1999).

No governo de Fernando Henrique Cardoso – FHC (janeiro de 1995 a janeiro de 2003), o turismo é pensado como um setor estratégico, capaz de gerar renda e emprego. Para a consecução das propostas para o setor turístico, constantes no documento “Mãos à Obra, Brasil”, o governo de FHC lança, em 1996, sob a responsabilidade do MICT – Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo e da EMBRATUR, a “Política Nacional de Turismo”, a qual deveria complementar as estratégias gerais estabelecidas no Plano Plurianual de Investimentos 1996-1999. Essa política possuía, como principal objetivo, “promover e incrementar o turismo como fonte de renda, de geração de emprego e de desenvolvimento socioeconômico do país” (MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA COMÉRCIO E TURISMO, 1996).

No período FHC, o turismo foi valorizado, o que podemos perceber pela sua inserção, durante os dois mandatos presidenciais, no plano plurianual do governo para o

---

<sup>22</sup> Caio Luiz de Carvalho foi Secretário Nacional de Turismo e Serviços do Ministério da Indústria do Comércio e do Turismo de 1992 a 1995. Em 1995 assume como Presidente da EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo (1995 – 2002).

período – 1996/1999 e no segundo momento – 2000/2003. No segundo mandato, a EMBRATUR esteve ligada ao recém criado Ministério do Esporte e Turismo<sup>23</sup>, sendo sua responsabilidade a elaboração e a execução da Política Nacional de Turismo (PNT).

A PNT balizou cinco macroestratégias, que contemplavam: a implantação de infraestrutura básica e turística, a capacitação de recursos humanos para o setor, a modernização da legislação, a descentralização da gestão do turismo e a promoção do turismo no Brasil e no exterior. Para Cruz e Sansolo (2003), o turismo brasileiro alcançou, através da PNT no Governo FHC, uma visibilidade real, não imaginada antes, fato novo para a historiografia da atividade turística nacional.

A Deliberação Normativa n. 399, de 06 de novembro de 1998, cria o Conselho Consultivo do Turismo Nacional, com o objetivo de cooperar na formulação e no acompanhamento da implementação da Política Nacional de Turismo, promovendo a interface do setor público com o setor privado.

De acordo com Trigo (2003, p. 93-94), o turismo brasileiro passa pela sua segunda fase de grande expansão.

A primeira fase ocorreu nos primeiros anos da década de 1970, em plena ditadura militar, quando tecnoburocratas decidiram organizar o turismo nacional como uma das panacéias milagrosas para resolver os problemas do país. Com entusiasmo pueril e demagógico, implantou-se toda uma estrutura de financiamento hoteleiro, cursos superiores e técnicos de turismo, marketing agressivo porém inócuo, [...]. Apesar do esforço concentrado, a primeira fase do turismo brasileiro acabou fracassando. Dois conjuntos de motivos ocorridos concomitantemente afetaram a área: o primeiro foi estrutural, ou seja, a série de desastres econômicos causados pela crise do petróleo e o aumento das dívidas brasileiras provocaram inflação e recessão que comprometeram o desenvolvimento nacional, inclusive do setor turístico; o segundo conjunto de motivos foi conjuntural, pois os “planejadores” não se importaram com a preservação ambiental, com a conquista de padrões internacionais de qualidade e com a formação intensiva de profissionais qualificados em todos os níveis, o que afetou a operação e a gestão dos serviços turísticos. Todas essas deficiências do setor turístico, aliadas à crise econômica mundial, resultaram em fracasso.

O autor ressalta ainda que, com a abertura da economia e a estabilização da democracia, o turismo encontrou condições propícias para uma segunda onda de crescimento, mais bem estruturada e, provavelmente, duradoura. Pela primeira vez, em 1996, a EMBRATUR embasou a política nacional de turismo; investimentos nacionais e estrangeiros jorraram em hotéis, parques temáticos e projetos ligados a entretenimento; a privatização das telecomunicações e de várias rodovias proporcionou melhoras na infraestrutura; houve o crescimento da formação profissional em todos os

---

<sup>23</sup> A Secretaria Nacional de Turismo e Serviços foi extinta em 1997 e a reforma ministerial, promovida em 1999, criou o MET – Ministério do Esporte e Turismo, ao qual passou a ser vinculada a EMBRATUR, autarquia especial do governo federal.



níveis (superior, médio e básico); novos cursos como hotelaria, gastronomia e lazer somaram-se aos cursos de turismo como formadores de profissionais qualificados; e vários estados, municípios, empresas privadas e ONGs compreenderam a importância do fenômeno turístico como um possível fator de desenvolvimento e inclusão social.

É interessante registrar que o turismo, historicamente, esteve reunido com esportes, cultura ou educação. Manter turismo junto com alguma outra área não significa que sua política ou seu planejamento sejam prejudicados, mas certamente é necessário garantir uma estrutura apropriada, inclusive com profissionais capacitados, para o setor de viagens, turismo e entretenimento em geral (TRIGO, 2000). Até 1999, o turismo esteve junto com esportes, revelando uma dificuldade de se reconhecer que o setor possuía uma dinâmica e complexidade própria.

Em janeiro de 2003, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva criou o Ministério do Turismo (MTur), dando destaque para o setor. Em abril do mesmo ano, foi lançado o “Plano Nacional de Turismo – Diretrizes, Metas e Programas”, criado pela nova Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Este órgão lançou, um ano depois, o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, como instrumento de execução das políticas. No atual governo, com a nova estrutura do MTur, a EMBRATUR passa a cuidar exclusivamente da promoção do país no exterior e a centralizar a elaboração de estudos e pesquisas para orientar os processos de tomada de decisão, avaliar o impacto da atividade turística na economia nacional e formatar novos produtos e roteiros turísticos (BENI, 2006).

Conforme Silveira; Paixão e Cobos (2006, p.133),

Em termos de desenvolvimento turístico, até mesmo o período militar trouxe contribuições na conformação da atividade no país. Entretanto, os dois últimos Governos deixaram marcas inquestionáveis de evolução, ainda que em ambos os casos as “criaturas” tenham superado os “criadores”, ou seja, os programas (PNMT e Roteiros do Brasil), que seriam por definição instrumentos de política, tornaram-se mais fortes que a Política Nacional de Turismo 1996-1999 e que o Plano Nacional de Turismo 2003-2007.

Mario Carlos Beni destaca um ganho para o turismo, a aproximação que vem se efetivando atualmente do governo com a academia – “tudo o que faz busca a consultoria da academia, dos pesquisadores em turismo. Enfim, nós que não éramos ouvidos no passado, nunca fomos ouvidos, hoje somos respeitados, acatados e permanentemente consultados” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 867).

O turismo no Brasil configura-se, inicialmente, como uma iniciativa do meio empresarial e, lentamente, foi se organizando com a participação do setor público. Apresenta-se na atualidade como uma atividade importante para os governos, que

reconhecem-no como um fenômeno amplo e que necessita ser analisado a partir da interação entre a academia, o mercado e o governo.

## 2.2 O Turismo no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul – RS, a atividade turística foi trabalhada por alguns autores, como: Flores (1993), Moesch (1997), Hohlfeldt e Valles, (2008). Porém discutem o turismo no RS até a década de 1970 e um pouco de 1980. Não encontramos trabalhos que retratem o turismo no estado nas décadas de 1990, 2000, aguardando pesquisas que deem conta desse período pouco explorado.

No estado, o turismo começou a ser trabalhado mais ordenadamente em 1935, quando instalou-se a Secção do Rio Grande do Sul do Touring Club do Brasil<sup>24</sup>, com sede em Porto Alegre. Nessa época, o estado era governado por José Antônio Flores da Cunha. O propósito da criação dessa Secção foi cuidar da recepção, assistência e informação turística aos visitantes nas comemorações do Centenário Farroupilha<sup>25</sup>. Nessa ocasião, foram prestados os primeiros serviços aos turistas no RS.

Durante os anos 1930 e 1940, não existia nenhum tipo de preocupação governamental com relação ao turismo, sendo assim, o Touring conduziu sozinho a atividade turística. Foi publicada a primeira revista do Touring e o primeiro folheto turístico no Estado.

Em 1937, foi criado o DAER – Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem, que começou a modificar o panorama rodoviário e, com isso, o turismo ganhou considerável impulso, pois as viagens em automóvel tornaram-se mais fáceis. Em 1938, iniciou-se a sinalização turístico-rodoviária no Estado.

O período compreendido de 1942 e 1945, durante a II Guerra Mundial, foi difícil para o turismo no Estado, pois havia o racionamento de combustíveis, diminuindo o tráfego nas estradas até sua quase total extinção.

No governo de Walter Jobim (26/03/1947 a 31/01/1951), foi criado no estado, um grupo de trabalho para a realização de estudos necessários ao desenvolvimento turístico que culminou na criação o Conselho Estadual de Turismo (CET) e o Serviço Estadual de Turismo (SETUR). Esse grupo enfrentou dificuldades, pois “o Rio Grande

---

<sup>24</sup> O Touring Club era um clube de quem tinha automóvel, mas ele fazia manuais de roteiro, de estradas, tinha uma época que Porto Alegre inteira era sinalizada por placas do Touring, eram placas de madeira, de madeira tratada que então podiam ficar ao relento por muitos anos, placas de madeira branca com uma pintura preta, o emblema do Touring Club (Edison Batista Chaves, 06/06/2008).

<sup>25</sup> A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha foi realizado no Parque Farroupilha, em setembro de 1935. O evento foi tratado como uma grande oportunidade de demonstração do desenvolvimento econômico, social e político do Rio Grande do Sul (CERONI, 2009).

do Sul era o primeiro estado a legislar sobre o turismo, adiantando-se à própria União” (GOIDANICH, 1993, p. 42). Portanto, tiveram que buscar subsídios em outros países, inicialmente no Uruguai e, posteriormente, na Europa.

Goidanich (1993) descreve que, em 1920, Montevideu e Buenos Aires eram duas capitais preferenciais do povo gaúcho e o seu banho anual de civilização, cuja influência fazia-se sentir nos usos e costumes.

Por obra e graça dessa influência, foi que se plantou a semente do turismo no Rio Grande do Sul. Já então o Uruguai se adiantara a todos os países do Continente na exploração turística. A *Suíça-americana*, como era apelidada a vizinha nação, nos dava um exemplo e uma lição. Acordamos com ela e aí reside certamente a razão do pioneirismo do nosso Estado no campo do turismo em relação aos outros Estados da União. Aprendemos cedo com o Uruguai. (GOIDANICH, 1993, p. 18)

Norma Martini Moesch (12/03/2009) também lembra que foi a partir da convivência com os países do Prata, em especial com os uruguaios, que os gaúchos passaram a dar atenção ao turismo, recebendo da Suíça Sul-Americana as primeiras lições acerca da matéria:

*como diz o Oswaldo Goidanich, a história do turismo no Brasil, o pioneirismo do turismo no Brasil começa muito cedo e, curiosamente ela entra pela porta dos fundos, e o Uruguai é o país que nos dá as primeiras lições, porque os uruguaios tinham a famosa semana oficial do turismo, que é a semana da páscoa, que até hoje prevalece, e o grande destino turístico dos uruguaios era Porto Alegre e a Serra gaúcha, eles não iam além desses dois pontos de visita* (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

Em 1950, algumas iniciativas começaram a ser tomadas, quando o Legislativo aprovou e o então governador Walter Jobim promulgou a Lei 997, oficializando o turismo no estado, com a criação do Conselho Estadual de Turismo (CET) e do Serviço Estadual de Turismo (SETUR). Este último, por falta de recursos, naquele momento não se concretizou.

Somente após nove anos, em 1959, através da solicitação do deputado João Caruso, foi editado o Decreto Lei nº. 10.470, o qual transferia o Serviço Estadual de Turismo – SETUR da Secretaria de Obras para a Secretaria do Interior e Justiça e ampliava as suas atribuições, dando-lhe estrutura definitiva. Institucionalizava-se o primeiro órgão oficial de fomento ao turismo por um estado da União. Foi mantido o CET – Conselho Estadual de Turismo, que passou a ser um órgão técnico-consultivo, integrado somente por profissionais da iniciativa privada, tendo apenas um representante do governo. Uma das principais atribuições do SETUR foi promover a

propaganda e informações turísticas do estado. Oswaldo Goidanich foi nomeado diretor do SETUR (1959 – 1963)<sup>26</sup>, e atuava também como presidente do Conselho Estadual de Turismo, órgão consultivo.

Conforme descrito por Goidanich (1993), a década de 1950 foi histórica para o turismo gaúcho, alcançando este Estado a condição de pioneiro na oficialização do turismo em nível estadual. Alguns estados brasileiros despertavam para a atividade turística e se deslocavam ao sul para aprender com essa experiência. Logo foi instalado o Conselho Estadual de Turismo, CET, porque não trazia nenhuma despesa ao Estado, visto que seus conselheiros exerciam seus mandatos sem remuneração, enquanto que o Serviço Estadual de Turismo SETUR só efetivou-se nove anos depois.

Victor Faccioni (06/06/2008) relata que na década de 1960, em Caxias do Sul, também se estruturava um Serviço Municipal de Turismo, que teve a sua frente o professor e jornalista Mário Gardelin. Para ele, esses dois serviços, o Estadual e o Municipal de Caxias, serviram de base, de referência, em âmbito nacional.

Esse pioneirismo do estado do Rio Grande do Sul, de ter o primeiro órgão oficial de Turismo da União, perpassa o discurso de muitos narradores. É motivo de orgulho e sinal de distinção. O próprio título do livro que discute o turismo no estado, “Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil” (1993), já destaca e reforça essa ideia.

No início da década de 1960, o SETUR, juntamente com a COMBRATUR, órgão da gestão federal, promoveu a propaganda e informação turística do Estado. Em 1961 foi fundada a Associação Brasileira de Agências de Viagem, Seção do Rio Grande do Sul – ABAV/RS, colaborando com o órgão estadual na luta pelo Turismo.

Victor Faccioni (06/06/2008), quando Deputado Estadual (1967/1969), propôs uma Comissão Especial de Turismo, na Assembléia Legislativa do Estado, para debater a potencialidade e a necessidade de maior exploração do turismo. Convidou, para assessorar essa comissão, Oswaldo Goidanich, que era, então, funcionário da Assembléia Legislativa do Estado, o jornalista Kleber Borges de Assis e o professor Mário Gardelin, que tinham experiência na questão.

Os trabalhos da comissão estenderam-se de 1967 a 1969. Durante a realização do I Encontro Oficial de Turismo, coordenado pela EMBRATUR, no Rio de Janeiro, representantes dessa comissão participaram e, conforme Victor Faccioni (06/06/2008),

---

<sup>26</sup> Edison Batista Chaves (06/06/2008) relembra que o Serviço Estadual de Turismo – SETUR teve uma participação muito importante, inclusive, a vivência e a sua própria criação na figura do Oswaldo Goidanich, que para Edison Chaves é uma das maiores expressões do turismo, *foi um homem que alertou que existe o turismo, que conseguiu germinar essa idéia na cabeça de todo mundo.*

levaram diversas propostas, sugestões e reivindicações. Muitas delas serviram de base tanto para ações em âmbito nacional, quanto para muitos estados e municípios de todo o Brasil.

Essa comissão levantou o problema da formação de pessoas e do preparo de pessoal especializado para o turismo. A partir disso houve várias sugestões sobre a necessidade não só de funcionamento de cursos especializados para pessoal de hotelaria, agências de viagens e pessoal técnico em turismo, como também da criação de cursos de formação de consciência turística em todos os graus de ensino, desde o curso primário. Também foi sugerida a conveniência do ensino do folclore nos ginásios e faculdades (ANAIS DO I ENCONTRO OFICIAL DO TURISMO NACIONAL, 1967).

Como era assunto fora do temário, mas de grande importância e a todos interessou vivamente, foi sugerida a criação de um grupo de trabalho para estudar o "know-how" desses cursos de turismo, que se constituiu de Wílton Honorato Rodrigues (Goiás), Albino Coelho Ribeiro (Guanabara), Maristela Tristão (Minas Gerais) e João Fontenele (Associação Brasileira dos Jornalistas de Turismo – ABRAJET)<sup>27</sup>. No final foi apresentado, pelo grupo de trabalho constituído, sugestões de um "currículo" escolar com vistas à educação turística<sup>28</sup> (ANAIS DO I ENCONTRO OFICIAL DO TURISMO NACIONAL, 1967).

Azevedo (2002) se reporta que, nesse Encontro, o Conselho de Turismo da Confederação Nacional do Comércio, baseado em uma série de subsídios apresentados, formulou proposta de criação de cursos universitários ou em organismos de grau superior, para formação de profissionais de turismo.

No encerramento dos trabalhos, a Comissão Técnica n.º I, a do RS pede a transcrição dos dois votos de louvor :

A Delegação do Estado do Rio Grande do Sul do I Encontro Oficial do Turismo Nacional congratula-se com os jornais e revistas nacionais que divulguem, periodicamente páginas sobre a indústria turística brasileira, contribuindo, com seus artigos, reportagens e informações, para o fomento do turismo e para a criação da mentalidade turística, e agradece a valiosa colaboração que esses órgãos da imprensa têm dado ao Rio Grande do Sul, para o maior conhecimento dos centros e atrações turísticas gaúchas.

---

<sup>27</sup> Marcelo Maranhão — representante da IATA *propôs a organização de cursos especializados para formação de guias de turismo*, "autênticos", elementos qualificados, capazes de acompanhar turistas de gabarito intelectual, com conhecimentos de arte, história, cultura e falando vários idiomas (ANAIS DO I ENCONTRO OFICIAL DO TURISMO NACIONAL, 1967).

<sup>28</sup> Quanto às escolas de hotelaria, o Pará solicita providência da EMBRATUR junto ao SENAC para que sejam criadas escolas de hotelaria em todos os Estados; o Rio Grande do Sul sugeriu a criação de escolas volantes de hotelaria e o preparo de pessoal especializado; o estado da Guanabara sugere a criação de cursos de formação de consciência turística em todos os graus de ensino desde o curso primário; e uma junta investigadora de Agências de Viagem propôs a organização de cursos especializados para formação de guias de turismo (ANAIS DO I ENCONTRO OFICIAL DO TURISMO NACIONAL, 1967).

A Delegação do Rio Grande do Sul ao I Encontro Oficial do Turismo Nacional propõe um voto de louvor à empresa privada, principalmente aos agentes de turismo de empresas de transportes aéreos e rodoviários, hotéis, restaurantes, bares e demais serviços diretamente ligados à indústria de turismo, pela obra pioneira que vêm realizando no Brasil, em torno da racional implantação da indústria turística nacional. (ANAIS DO I ENCONTRO OFICIAL DO TURISMO NACIONAL, 1967, p.55)

Esses agradecimentos demonstram o apoio dos jornais, revistas, da imprensa em geral e da iniciativa privada ao desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Sul. Durante a década de 1970, reportagens sobre o tema turismo são quase diárias no jornal *Correio do Povo*<sup>29</sup>. A partir de 1943, Oswaldo Goidanich conduziu, pelas colunas desse jornal, uma importante campanha em favor da indústria turística e pela oficialização do turismo.

A Comissão Especial de Turismo entregou o relatório final dos seus trabalhos ao deputado Otávio Germano, presidente da assembléia legislativa em janeiro de 1970. Proferiram discursos, o deputado Victor Faccioni, presidente da comissão; o deputado Osmany Veras, relator; e Walter Seabra, diretor do SETUR – Serviço Estadual de Turismo. Walter SEABRA, no seu discurso, diz:

[...] chega o relatório em momento decisivo para o turismo gaúcho, quando a EMBRATUR, movendo os seus imensos recursos e pondo em prática as altas finalidades para as quais foi criada, apresta-se a materializar o PLANTUR – Plano Nacional de Turismo. O Rio Grande do Sul goza, no seio da EMBRATUR – e disso tivemos inúmeros e eloqüentes testemunhos – o mais alto conceito turístico. Aqui mesmo estão os ilustres técnicos que a EMBRATUR e a SUDESUL nos enviaram para fazer o levantamento integrado do patrimônio turístico do nosso estado, de Santa Catarina e do Paraná (ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1970).

Victor Faccioni (06/06/2008) lembra que o trabalho final dessa comissão redundou na proposta de criação de uma Companhia Riograndense de Turismo – CRTUR e uma Secretaria Estadual de Turismo. Também propôs uma série de medidas de apoio ao setor, que serviram de estímulo e modelo para outros Estados<sup>30</sup>.

Também, nesse período, outras ações em prol do Turismo começam a ser realizadas no estado. Em 1968, o trabalho técnico da EMBRATUR começou a se delinear no horizonte nacional. Foram reveladas as primeiras estatísticas sobre o fluxo de visitantes, e um conjunto de estudos de mercado. Ao começar o seu trabalho de

---

<sup>29</sup> O *Correio do Povo* é um jornal pertencente à Central Record de Comunicações com circulação no estado do Rio Grande do Sul, fundado a 1º de outubro de 1895 por Caldas Júnior. Foi o jornal de mais longa publicação em Porto Alegre, circulando por 89 anos ininterruptamente, até 1984, reiniciando sua publicação em 1986.

<sup>30</sup> O relatório final da referida comissão foi publicado e está disponível na Assembléia Legislativa, na divisão da Biblioteca de Memória Parlamentar.

planejamento em nível nacional, a EMBRATUR propunha à Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul – SUDESUL, celebrar um convênio pelo qual esta assumiria os encargos de desenvolver o Plano Regional de Turismo Capítulo Sul, do Plano Nacional de Turismo. O convênio foi assinado a 15 de agosto de 1969.

Edison Batista Chaves (06/06/2008) explica que a SUDESUL, dentro do Departamento Agrícola Industrial, tinha a missão de desenvolver projetos ou programas relacionados aos incentivos fiscais que existiam para todo Brasil. No que se refere à região sul, ou seja, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, afirma:

*E para cá tinha o incentivo da pesca e o incentivo de turismo, um incentivo fiscal para estes dois setores<sup>31</sup>. Com isso, então, nós começamos a entabular negociações para montarmos uma equipe no Departamento Agrícola Industrial, um voltado para a pesca e outro voltado para o turismo. O Brasil nessa ocasião tinha uma pendência em relação à balança comercial com a Espanha, quer dizer, o Brasil vendia muito café e não comprava nada da Espanha e, então tinha que comprar alguma coisa, e então, foi aberta a possibilidade de se contratar prestação de serviço, porque as importações proibiam a importação de serviços, só podia importar produtos. Então, com isso, abriu uma brecha de ser contratado na prestação de serviços de tecnologia de turismo e de pesca. Dois temas que a Espanha é altamente desenvolvida. Então nós desenvolvemos um grande projeto de turismo para os três estados do sul e, esse projeto levou anos, ele começou em 1966. (Edison Batista Chaves, 06/06/2008)*

Essa parceria RS/Espanha também é destacada por Renato Masina (25/03/2008), que explica como surgiu a ideia da SUDESUL desenvolver esse estudo na região Sul:

*[...] começava na época, fim da década de 1960, início da década de 1970, aquela história, que a gente via lá da Espanha, um país pobre que se desenvolveu plenamente através do turismo, então porque a gente não tenta aqui também, com tantas potencialidades naturais que existem no estado. Começou a fervilhar o pensamento de fazer um plano, um projeto, um plano como parte do projeto, a partir do levantamento exaustivo de toda a potencialidade turística.*

O Ministério do Interior, através da SUDESUL, contratou um consórcio de empresas que eram ligadas a um organismo do governo espanhol que se chamava Tecnibéria:

*A Tecnibéria era um tipo de organização que nós aqui não, não conhecemos porque ela era um organismo que cadastrava empresas por especialidade e o governo da Espanha quando*

---

<sup>31</sup> Ver sobre incentivos para Pesca e Turismo: Correio do Povo/RS, 21/04/1971, p.11; 27/10/1971, p.11.

*precisava de um projeto mandava para a Tecnibéria que era essa organização de um grupo do governo e a Tecnibéria então selecionava entre aquelas empresas já credenciadas a ela quem é que ia elaborar um projeto. Não era por licitação, por exemplo, era por especialização. Então fizemos um acordo com o governo e o governo indicou a Tecnibéria para atender a essa solicitação. (Edison Batista Chaves, 06/06/2008)*

Foi um contrato pago pelo governo federal brasileiro, acionado através de ordens de serviço. Tinha uma equipe técnica da Tecnibéria e uma equipe da SUDESUL, que só definia quais os serviços iriam ser prestados pelo grupo espanhol. Para Chaves, esse estudo foi o maior projeto de turismo, com importância muito forte para o turismo no RS e que na América do Sul não teve nada similar.

No entanto, Norma Martini Moesch (12/03/2009), pondera:

*Lembramos que em 1966 é criada a EMBRATUR, que não consegue decolar, não consegue sair do chão porque não tem casa, porque não tem os recursos básicos exigidos, mas que por volta de 1969 ela já está razoavelmente constituída e leva 1969, 1970, 1971 para acontecer a primeira grande reunião no Rio de Janeiro, onde a EMBRATUR vai apresentar os indicativos iniciais para uma política nacional de turismo, para um plano de turismo. E o que acontece então? Na verdade tinha que haver algum Estado, ou alguns Estados, que pudessem representar o cenário para aquela experiência que o governo queria implantar. Onde é que o governo do nosso país poderia buscar uma referência em inteligência turística ou em know how para esse campo da organização da sociedade, melhor dizendo assim, porque foi muito mais no sentido da organização estruturante de uma sociedade carente de possibilidades, de geração de trabalho, emprego e renda, do que uma iniciativa no âmbito acadêmico, então o Brasil vai buscar na Espanha o modelo que foi criado de uma forma emergencial, o modelo do pós-guerra<sup>32</sup> [...] (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).*

A Espanha recorre a todas as suas províncias e solicita em caráter de urgência que cada governo provincial faça um criterioso inventário turístico para indentificar o

---

<sup>32</sup> A professora prossegue sua narrativa explicando que, no pós-guerra, a Espanha, que tinha um limitado produto para ser vendido aos países europeus, não tem quem tenha poder de compra nesse momento, então, o seu patrimônio natural e histórico passa a ser algo que tem valor de moeda para os americanos. Norma Moesch faz diversas explicações e diz que o que se sabe é que o governo espanhol percebeu que havia um turbilhão de pessoas chegando à Espanha e que esta não estava preparada para receber aquela massa humana que vinha e que necessitava de assistência, de hospedagem, alimentação, cuidados, transportes, etc. A Espanha estava, por um lado, com os cofres vazios, como todos os países; por outro lado, a nobreza que com a sua vivência e o seu requinte em receberem, em hospedar, então teria tudo para receber bem, oferecer festas, banquetes e hospedagem, e desenvolver de fato uma hospitalidade comercial com competência e rapidez. E os americanos tinham a capacidade de treinamento rápido, treinamento de linha. Então somam-se essas três forças, e começa o treinamento emergencial para preparar a Espanha para a recepção turística, norte-americana de modo muito especial, o que gera uma explosão, o famoso *boom* espanhol. (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).



que aquela região tem como perspectivas de atratividade, de equipamentos, de infra estrutura. Esse plano de turismo da Espanha é o somatório das perspectivas e possibilidades de turismo de todas as suas províncias. *Então quando o governo brasileiro decide importar da Espanha algo que está pronto e que já está promovendo resultados, [...], quero crer que a Espanha como tem esse modelo originado de províncias é o que vai responder melhor ao Brasil, porque nós estamos divididos em Estados.* (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

Norma Martini Moesch (12/03/2009) prossegue dizendo:

*mas uma coisa é certa, quando o governo brasileiro, através do Ministério do Interior, importa da Espanha, solicita ao governo espanhol apoio, importa da Espanha esse know how da Tecnibéria que vai formar o consórcio com a empresa brasileira chamada Engevix, até hoje, até onde eu sei ainda existe, e se instala aqui este comite, esse grupo de trabalho que vai inventariar todo o território do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e Paraná, vinculados pela organização chamada SUDESUL, oficial, que tem um comprometimento de acelerar o desenvolvimento destes três Estados, e buscar todas as suas opções possíveis, porque na época de 1970 a região sul era considerada o Celeiro do Brasil, nós alimentávamos o país, tínhamos esse, essa competência e essa responsabilidade, eram os países, os Estados que juntamente com São Paulo representavam todo um processo imigratório, uma nova força de trabalho. Então incorporar o turismo seria de fato dar conta da 31ª meta do governo Jucelino Kubitschek, lembra disso? Então, ele, o voto dele foi o voto perdido, mas as trinta metas do governo JK na verdade eram trinta e uma metas, e a 31ª era apostar no turismo, que foi a resposta que o governo norte-americano mandou quando o Jucelino Kubitschek pediu mais dinheiro emprestado para os americanos e foi o Eisenhower que mandou responder que essa 31ª meta traria ao Brasil aquilo que Jucelino Kubitschek estava esperando com o capital externo, olha só, para acelerar o desenvolvimento da economia, bueno, isso dito, forma-se o consórcio e esse consórcio, essa leitura, esse diagnóstico extremamente favorável às condições, à vocação do território Riograndense para o turismo, assim com Santa Catarina e o Paraná, desperta a necessidade de se indicar como base e fundamentação do êxito desse plano de governo a formação de recursos humanos para gerenciamento do turismo. Então aparece pela primeira, eu não diria pela primeira vez porque o documento base, aquele que é de responsabilidade do Oswaldo Goidanich foi de 1956, que é o Serviço Estadual de Turismo, o documento já preconiza entre as ações e as estratégias a necessidade de se estimular as instituições de ensino, só não estabelece que seja ensino superior, de ensino e formação de mão de obra, diz ali, que se preparem gerentes para o exercício das atividades, mormente no meio hospedeiro, para hotelaria. Está bem pontual,*

*juntamente com os incentivos que são ali definidos, o Fundo de Turismo que já é defendido lá no ditos de 1956, já há uma indicação e um alerta para essa necessidade de capacitar recursos humanos. Bem, essa preocupação se estende e toma, vamos dizer, uma posição de destaque no documento que preconiza o Sistema Estadual de Turismo. (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)*

Conforme Moesch, desde a década de 1950, já se enfatizava a necessidade de se estimular as instituições de ensino a participarem da qualificação de recursos humanos para o turismo.

Observando o desenvolvimento do turismo em países desenvolvidos, sobretudo na Europa, o Governo contratou os serviços técnicos do grupo espanhol-brasileiro Engevix-Tecnibéria para que elaborasse o Plano Regional de Turismo, e o especialista e economista Francisco Menor Monastério para liderar a equipe de trabalho. O grupo de profissionais brasileiros foi chefiado pelo economista Edison Baptista Chaves, pertencente aos quadros técnicos da SUDESUL, cujo superintendente era o engenheiro Paulo Affonso de Freitas Melo.

A SUDESUL priorizou o turismo, e sendo um órgão de pesquisa e planificação, chegou à conclusão de que o turismo era uma área interessante a ser desenvolvida economicamente, pois os três estados do sul do Brasil possuíam uma grande potencialidade turística, e era necessário elaborar um estudo, um diagnóstico do turismo. Como não tinha tecnologia adequada para fazer um estudo dessa natureza, contratou a empresa espanhola. Uma das especialidades dessa empresa era desenvolvimento de projetos e planos turísticos. Veio para o RS uma equipe de espanhóis, entre eles economistas, sociólogos, historiadores, com o objetivo de estudar o turismo no sul do Brasil. Esta equipe foi acompanhada pela SUDESUL, sendo Renato Masina designado, como economista, para fazer parte do grupo. Inicialmente foi realizado um levantamento descritivo de toda a potencialidade turística dos três estados, resultando em vários volumes, com mais de seis mil páginas. Cópias foram entregues para as universidades, para os governos estaduais, para os municípios de interesse, mas Chaves lamenta que muito pouco foi levado em consideração.

No suplemento ZH Turismo de Zero Hora/RS<sup>33</sup> (1/12/1985, p.III), escreveu o jornalista Renato Brenol de Andrade:

No início da década de 70, a SUDESUL (chefiada por Edison Baptista

---

<sup>33</sup> A Zero Hora é um dos maiores jornais de circulação diária do Brasil. É editado em Porto Alegre e mantido pelo Grupo RBS. Foi fundado em 4 de maio de 1964 servindo de porta-voz do Regime Militar (1964-85). Em 1988 o jornal deixa de ter produção artesanal e esta passa a ser padrão e, em 1996 a edição e produção do jornal passa a ser totalmente digital.

Chaves) e a Tecníberia (empresa especializada em marketing), lançaram as bases para a implantação do turismo como atividade econômica no Rio Grande do Sul. Oito volumes continham todas as informações possíveis e imagináveis para que alguém se atrevesse a explorar o turismo no Estado. [...]. Assustador é que nada contido no estudo da SUDESUL está superado, a não ser, talvez, os percentuais. Vejam vocês que o Comitê de Turismo do Rio Grande do Sul recebeu recentemente um estudo sobre o "Acompanhamento do fluxo turístico do Rio Grande do Sul", abrangendo informações das características da demanda turística internacional, do perfil dos visitantes, e destaca os principais mercados turísticos [...] Tais conclusões estão lá, no estudo da SUDESUL, de 15 anos atrás. Cada vez que alguém tenta estudar alguma coisa em turismo no Rio Grande do Sul tão somente repetitivamente conclusões conhecidas há quase duas décadas.

O articulista destaca a atualidade do plano e enfatiza que “o trabalho tinha e tem um perfeito sentido didático. Mesmo que não se tivesse qualquer conhecimento prévio de turismo, bastava começar a ler desde a primeira página e ir cumprindo a orientação. Quando se chegasse ao final dos volumes, certamente o turismo estaria implantado como atividade econômica no Rio Grande do Sul” (Zero Hora/RS, 1/12/1985, p.III).

Edison Batista Chaves<sup>34</sup> (06/06/2008) é bastante saudosista quando nos conta de sua passagem pela SUDESUL e do trabalho desenvolvido, *era um grupo fantástico*. E ressalta, *Francisco Menor Monastério era, indiscutivelmente, em termos técnicos a maior autoridade em planejamento de turismo que tinha na Espanha*. Renato Masina (25/03/2008) também lembra que os laços profissionais com esse grupo de espanhóis, criaram laços de amizade que duram até hoje, depois de quase quarenta anos.

Até então, o que se tinha no Rio Grande do Sul era algumas atividades isoladas, não havia um corpo integrado. O Plano organizou, colocou o governo do estado como órgão institucional do turismo e a iniciativa privada como a executora desse plano, dando uma certa ordenação ao setor.

Partindo de um levantamento sistemático, o Plano Regional de Turismo constatou que um dos entraves do desenvolvimento turístico consistia na falta de pessoal qualificado para desenvolver as atividades turísticas. Mais do que tudo, a região carecia de uma profunda conscientização sobre a importância do turismo, concebido como atividade essencialmente econômica. Evidenciou a necessidade de qualificação de pessoal de alto nível como condição sustentável à obtenção dos objetivos que o Plano

---

<sup>34</sup> Seu nome não aparece no Plano de Turismo, porque quando terminou o projeto em 1972, já havia saído da SUDESUL. Esse projeto o levou a ser convidado pelo governador Euclides Triches (15 de março de 1971 a 15 de março de 1975), para criar a Secretaria de Turismo no Rio Grande do Sul, uma vez que era um técnico que tinha recebido todo um conhecimento dessa equipe que veio da Espanha. Renato Masina, que era professor da área de economia da UFRGS, passou a integrar a equipe da SUDESUL, em 1971, quando foi cedido para trabalhar em projetos de desenvolvimento econômico da região do sul do Brasil.

traçara, levando em conta o exemplo de países como a Espanha, cuja economia organizou-se a partir do desenvolvimento turístico regional (MASINA, 1993, p.127).

Como nada existia até então em termos de centros de formação turística em nível universitário, os resultados da pesquisa apontavam a necessidade da implantação de um Curso Superior de Turismo, aproveitando a estrutura já existente nas Universidades do Estado. Para Masina (1993), este foi o indicativo sinalizador da imediata formação de pessoal de nível superior, com a condição de atender à crescente demanda do setor hoteleiro, transportadoras rodoviárias e aéreas, agências de viagens, operadoras turísticas, ou seja, empresas que formam a estrutura funcional do setor turístico. Na época, o SENAC fazia algum trabalho de formação de garçons, de arrumadeiras, mas era uma atividade básica, faltava pessoal qualificado para gestão.

O Plano não foi implantado no Rio Grande do Sul, porém algumas ações efetivas, que partiram desse diagnóstico, foram desenvolvidas: a criação do curso de Turismo da PUCRS, e a criação da Secretaria Estadual de Turismo. Para Renato Masina<sup>35</sup> (25/03/2008), foi através do Plano, que se despertou a ideia do turismo no estado.

O Plano se reveste de um sentimento muito especial para vários entrevistados. Nas memórias aparecem as narrativas sobre sua elaboração. O sentimento de orgulho é compartilhado por aqueles que, de alguma forma, participaram desse processo. Num fragmento da memória, Edison Batista Chaves registra o sentido com que se reveste o Plano da SUDESUL, nomeando-o como *um exemplo a ser seguido pelo Brasil*, um documento tão aguardado.

No início dos anos 1970, Victor Faccioni (06/06/2008) foi convidado, pelo governador Euclides Triches, para ser Chefe da Casa Civil e estruturar a equipe de Planejamento do Governo. Nessa gestão são criadas e instaladas a Secretaria Estadual de Turismo e a CRTUR – Companhia Riograndense de Turismo, órgão executivo da Secretaria Estadual.

---

<sup>35</sup> Renato Masina (25/03/2008) nos conta que esse Plano era tão bem executado, que a Bahia também estava começando a elaboração de um plano, e quando souberam que aqui tinha sido feito esse Plano, eles vieram conhecê-lo, e o diretor na época da BahiaTursa, Paulo Gaudenzi, solicitou a Masina se ele poderia ceder o Plano a eles, *olha o Plano não é meu, eu trabalhei no Plano, mas é da SUDESUL, se ela concordar, tudo bem*, então a SUDESUL concordou e eles levaram o Plano, e aplicaram o Plano na Bahia. Renato Masina (25/03/2008) enfatiza que até hoje eles não escondem esse fato e dizem: *o Plano é lá do Sul, nós usamos e se adequou muito bem aqui*. E lamenta, *para nós aqui nem tanto, pois entra governo e sai governo, um tem interesse pelo turismo, outro não tem, uns quiseram até extinguir a Secretaria e numa ocasião foi extinta. Mas a atividade privada vendo que o governo também não atuava como devia atuar, como orientador, institucional da criação turística, então começou a agir por conta própria, então a coisa ficou meio solta [...]*.

Moesch (1997) relata que o governador Triches já presidira o CET, quando secretário de Obras Públicas na administração de Ildo Meneghetti. Estava, portanto, familiarizado com o tema. Triches acolheu a proposição e debruçou-se, juntamente com o deputado Faccioni, a traçar a política a ser seguida pelo setor, no documento Diretrizes para a Ação do Governo do Estado.

O governador Triches nomeou o economista Edison Baptista Chaves<sup>36</sup> para conduzir a nova Secretaria, que já atuava na área de turismo como técnico e supervisor geral do Plano Regional de Turismo da SUDESUL. Chaves veio a atuar ainda como presidente da Comissão Inter-setorial de Turismo – CITUR, tendo Luiz Emílio Corrêa Meyer como diretor da Companhia Rio-Grandense de Turismo – CRTUR (HOHLFELDT e VALLES, 2008). Conforme Moesch (1997), a convivência de quase dois anos com a equipe de especialistas espanhóis havia acrescentado preciosos conhecimentos específicos a uma bagagem de amplo espectro no campo da economia, estando preparado para conduzir o processo de instalação, estruturação e funcionamento da nova pasta e do sistema em seu todo.

De acordo com Chaves (1993), a transformação do SETUR em Secretaria de Turismo visava a conferir-lhe “status” de igualdade com as demais secretarias de Estado, porquanto o setor turístico depende do conjunto de serviços e obras de todas. Assim, em 23 de julho de 1971, foi extinto o Serviço Estadual de Turismo - SETUR, e criada a Secretaria de Turismo do RGS, através da lei nº 6.237.

Edison Batista Chaves (06/06/2008) lembra que a Secretaria não seguiu a forma de trabalho e estrutura que se imaginava no começo, concebida com a participação dos técnicos da Espanha. Inicialmente, foi analisado por que uma Secretaria? Chaves esclarece: *a Secretaria tem que ser um órgão muito leve, a grande missão de uma Secretaria de Turismo é fazer com que as outras secretarias trabalhem para o turismo*. Então, era preciso ter acesso aos seus colegas de secretariado para que eles colocassem nos seus programas de saúde, de transporte, de educação, aspectos que envolvessem o setor turístico<sup>37</sup>. E para complementar, a Secretaria tinha a CRTUR, que era responsável pela parte de execução, aquelas mais atinentes ao setor.

---

<sup>36</sup> Desde abril daquele ano ocupava o cargo de Secretário Extraordinário para Assuntos de Turismo, à frente do SETUR (Serviço Estadual de Turismo), até então dirigido por Walter Seabra. Ali atuava como diretor geral o engenheiro Plínio Totta, cuja experiência na administração pública foi fundamental para o trabalho. “A escolha de minha pessoa pelo governador Triches, assim como outras que ele eventualmente faria durante seu governo, era eminentemente técnica, visto que nunca fui filiado a partido político”. (CHAVES, 1993, p. 135).

<sup>37</sup> Nessa época todos os secretários, principalmente o secretário do transporte, deram bastante apoio ao turismo. Foi realizado um programa de sinalização de estrada; a Secretaria de Educação tinha um

Na mesma data em que a Secretaria foi criada, foi assinada a Lei 6.238, que autorizava o Poder Executivo a constituir a CRTUR, que assumiria o papel de instrumento executivo da Secretaria. Em março de 1972, o decreto 21.658 dispôs sobre a CITUR, que era o órgão de apoio e de assessoramento integrado e de alto nível, da qual participavam todas as Secretarias de Estado como membros natos e outros órgãos especializados em diversos ramos de atividades, direta ou indiretamente ligados ao turismo, julgados necessários (HOHLFELDT e VALLES, 2008). Assim, o turismo no estado estava organizado em *três braços*: a Secretaria de Turismo, que era o órgão normativo; a CRTUR, o executivo; e a CITUR, um órgão consultivo.

Edison Batista Chaves (06/06/2008) relata que a Secretaria de Turismo funcionou com a mesma equipe do Serviço Estadual de Turismo, no entanto, passou a ser uma secretaria que tinha acesso aos demais secretários e todo o apoio do governador. Ressalta que a Secretaria e a CRTUR realizaram diversos trabalhos, e a equipe de espanhóis também assessorou a secretaria, por amizade, não por contrato.

*Os espanhóis ficaram bastante orgulhosos porque o chefe deles da SUDESUL havia sido escolhido Secretário de Turismo, e praticamente, isso aí foi o único grande resultado prático de todo projeto, foi a criação da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul e algumas coisas que a Secretaria fez. A Secretaria trabalhava também junto com a SUDESUL, porque quem continuou contratando os espanhóis era a SUDESUL, e como Secretário de Turismo eu me socorria na SUDESUL, não há dúvida de que eu tinha todo um apoio técnico da SUDESUL (Edison Batista Chaves, 06/06/2008).*

Houve empenho da Secretaria de Turismo em tornar realidade as propostas do Plano Regional de Turismo que se materializou em obras e eventos que se tornaram tradicionais no calendário turístico gaúcho. São dessa época as primeiras edições da Califórnia da Canção, em Uruguaiana, da FEARTE e do Festival de Cinema em Gramado, iniciativas locais estimuladas e apoiadas pela SETUR. Dentro do conceito de turismo também como proteção ao meio-ambiente, iniciamos os trabalhos para a implantação do parque da Guarita, em Torres, e foi feito projeto para o Parque do Caracol, precedido de completo levantamento ecológico da área. Através do CITUR, foram realizadas assessorias em prefeituras, entidades e lideranças interessadas em desenvolver o turismo em sua região de atuação (CHAVES, 1993).

Na CITUR trabalhavam juntos governo, entidades e empresas; era o órgão consultivo de assessoramento do Secretário de Turismo. Compunha-se de

---

programa de palestras sobre o tema e a Secretaria de Saúde identificou um problema de higiene, legislação, principalmente no que se refere à higiene alimentar (Edison Batista Chaves, 06/06/2008).

representantes das Secretarias de Estado, da CRTUR, órgãos estaduais e federais, associações de municípios e entidades especialmente convidadas que atuavam direta ou indiretamente na área turística. O editorial do Jornal do Comércio/RS em 20/07/1972, em referência ao I Congresso Extraordinário das Organizações Turísticas da América Latina (COTAL) coloca que: “A CITUR representa o entrosamento Governo-Iniciativa Privada na busca do desenvolvimento estadual na área turística. Isto é inédito. Pela vez primeira coordenam-se os esforços dos poderes públicos e dos empresários objetivando ação comum sobre evento capaz de alterar os fluxos turísticos em demanda ao Rio Grande do Sul”. Edison Batista Chaves (06/06/2008) informa que na CITUR era onde se discutiam todos os programas propostos com diversos representantes de cidades do estado, os quais Edison considerava seus *conselheiros da prática turística*.

Sizenando Venturini (08/05/2008), reportando-se a esse período, ressalta que *Edison Batista Chaves foi o melhor Secretário de Turismo que tivemos*, e lembra que durante a gestão de Chaves houve a criação de um Conselho Consultivo, composto do *trade* turístico, do pessoal do governo e da Polícia Federal. Esse Conselho se reunia uma vez por mês, quando discutiam muitos problemas relacionados ao turismo.

A Secretaria de Turismo e a CRTUR tinham a CITUR que congregava todo o pessoal do turismo, hotelaria, agências de viagem, universidades, operadoras, transportadoras aéreas, em que se discutiam os problemas referentes ao turismo. Porém, com a extinção da Companhia, essa comissão também desapareceu, *esse conselho era muito interessante, pois era um fórum apropriado para discutir os problemas do turismo* (Renato Masina, 25/03/2008).

Nas recordações dos nossos narradores, esse início da Secretaria Estadual de Turismo aparece como um período bastante próspero. Havia toda uma expectativa em relação à atividade turística no estado, todos entusiastas da “causa” turismo. Parecia haver um grande entrosamento entre aqueles que trabalhavam na área do turismo, como Oswaldo Goidanich, Victor Faccioni, Edison Batista Chaves, Renato Masina e os demais “batalhadores” (como eles se denominam) do turismo no estado. Há uma explosão de sentimentos de orgulho, de admiração, de companheirismo, de amizade, de luta por ideais, de sonhos compartilhados.

Todos estavam aprendendo sobre o turismo e cada um contribuía com a sua experiência; havia muito a ser feito e poucos entendiam ou tinham experiência na área. Como o próprio título da matéria do jornal Folha da Tarde/RS<sup>38</sup> (17/04/1972, p. 62)

---

<sup>38</sup> Foi um jornal publicado pela Companhia Jornalística Caldas Júnior em Porto Alegre/RS, de 1936 a 1983.

“Ninguém entende de turismo. Nem eu”, expressão utilizada pelo Secretário de Turismo, no restaurante universitário da PUCRS, durante mais um “nosso almoço e você”, evento promovido pelo centro acadêmico Visconde de Mauá, da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas. Após a refeição, Edison Chaves falou sobre a sua especialidade e as perspectivas da indústria do turismo no estado, destacando a função do planejador e do economista no setor turístico. Ele esclareceu que atualmente (1972)<sup>39</sup> ninguém entendia de turismo, nem ele (Folha da Tarde/RS, 17/04/1972, p. 62).

A linha de ação da Secretaria de Turismo, durante a gestão de Edison Batista Chaves (abril de 1971 a fevereiro de 1973), está definida no documento "Turismo: a estratégia gaúcha".

O prefácio de Paulo Manoel Protásio, então presidente da EMBRATUR, diz: “O presente documento apresentado como “Turismo – a estratégia gaúcha”, lançado pela Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul, coincide com os propósitos da política nacional de turismo. Tanto que serviu de documento básico nas discussões do Congresso Oficial de Turismo, realizado em Brasília, de 05 a 10 de junho de 1972” (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1972, p. 8)

---

<sup>39</sup> Em âmbito local, Porto Alegre também se organizava para desenvolver a atividade turística no município. Em agosto de 1972, a CRTur entregou ao prefeito Thelmo Thompson Flores e ao jornalista Pércio Pinto, do COMTUR de Porto Alegre, os estudos para criação da Empresa Porto Alegrense de Turismo (EPATUR), que foi concretizado no mesmo ano, pela lei nº 3.741.





Ilustração 1 – Turismo: a estratégia gaúcha (1972)

O referido documento tem a seguinte mensagem:

Tudo está sendo encaminhando para fazer com que 1972 seja, realmente, o “Ano do Turismo Brasileiro”. Isto não quer dizer que vamos realizar o suficiente do setor, de maneira definitiva e completa. Mas se tem a certeza de que 1972 caracterizará o empenho do Governo em garantir o básico e o indispensável para a execução de uma política de longo alcance, com peças armadas em curto prazo.

Num País de tamanha dimensão, com regiões heterogêneas, com desenvolvimento em bloco, o turismo nacional pode ser realidade em três etapas: primeira, estabelecendo-se um mecanismo entre órgãos do Governo; segunda, destes órgãos com as entidades privadas; e, finalmente – o grande objetivo – das entidades privadas com o consumidor.

O presente trabalho da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul consiste numa importante contribuição para se abreviar a consecução do projeto, além de fixar-se, desde já como exemplo de pesquisa e definição de metas.

A EMBRATUR não medirá esforços para cumprir a política do Governo. Agora mesmo abrindo oficialmente as comemorações das Sesquicentenário da Independência, o presidente Médici assinalou em sua mensagem: “Com entusiasmo ainda maior, entregamo-nos à realização dos programas nacionais de desenvolvimento e integração, ativando setores ociosos, eliminando desperdícios, recuperando o tempo, a energia e a riqueza malbaratados.

O turismo é um dos programas enquadráveis nessa definição de prioridade do Governo.

Desenvolver e integrar constituem a base de uma ação governamental em que está identificada e empenhada a Empresa Brasileira de Turismo. É preciso, no entanto, dar dimensão nacional a esse empenho, implantando efetivamente

o Sistema Nacional de Turismo. (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1972, p. 7-8)

Logo em seguida, o presidente da EMBRATUR ressalta a contribuição do Rio Grande do Sul:

A contribuição do Rio Grande do Sul, ao fixar um modelo estadual para sua estratégia no desenvolvimento turístico, representa valioso capítulo de um esforço renovador dos instrumentos de fomento e de articulação administrativa.

Outros Estados e Municípios também vêm revendo seus programas inter-setoriais relacionados com o Turismo. A experiência acumulada já sugere a definição de melhores alternativas, para que se tenha, no devido tempo, uma satisfatória uniformização estrutural da agenda intervenientes no desenvolvimento turístico. [...]. (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1972, p.8)

Edison Batista Chaves (06/06/2008) comenta, mostrando o documento:

*Quem assina é o Paulo Manoel Protásio, presidente da EMBRATUR da época. Então nós éramos a figurinha premiada desse Congresso de Brasília para ensinar os outros como, montar a estrutura. A maioria das estruturas turísticas do Brasil foram montadas baseadas nisso aqui, compreende? Só no Rio Grande do Sul foi tremendamente distorcido porque, tinha a estrutura, [...]. Então, em ordenação de turismo, quem é que vai trabalhar em ordenação? Vai trabalhar a secretaria, vai trabalhar as entidades de classe, vai trabalhar ensino e formação profissional, e as outras entidades? [...] quem é que vai trabalhar comercialização de turismo? Era uma matriz que eu tinha para trabalhar, isso aqui foi implantado em quase todos os estados. Aqui morreu, no Rio Grande do Sul morreu completamente. Então, esse documento teve uma importância fantástica nessa época e daqui surgiu essa visão econômica do sistema turístico que também foi o grande, assim, acendeu a lâmpada na testa de todo mundo que isso aqui era um modelo espanhol. (Edison Batista Chaves, 06/06/2008)*

A EMBRATUR promoveu a I Reunião Oficial de Turismo, que ocorreu no período de 5 a 8 de junho de 1972, no Hotel Nacional, em Brasília e reuniu representantes oficiais de vários estados<sup>40</sup>, entre eles, o Rio Grande do Sul. Na abertura dos trabalhos, o presidente da EMBRATUR, Paulo Manoel Protásio, destacou que o principal objetivo do encontro era traçar diretrizes para implantar, efetivamente, o Sistema Nacional de Turismo, criado pelo Governo Federal, “estudando os aspectos de

<sup>40</sup> Guanabara, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Piauí, Sergipe, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Santa Catarina, Paraíba e Alagoas. Estão representados também a SUDESUL, SUDENE, SUVALE, SUDAM, Associação Nacional de Bancos de Desenvolvimento, Hidrominas, Banco do Estado de Goiás, SENAC, Ministério da Indústria e Comércio, Ministério do Interior, COMTUR de Porto Alegre, IBANBRAS, SERFHAU, SUDEPE, Federação de Hotéis e Similares, Confederação das Organizações Turísticas da América Latina e Universidade Federal de Santa Maria, esta através de seu reitor José Mariano da Rocha Filho e dois professores (Correio do Povo/RS, 06/06/1972).

descentralização e as estratégias operacionais voltadas a coordenar os esforços oficiais em só um pensamento e orientação” (Folha da Manhã/RS<sup>41</sup>, 06/06/1972).

A reunião teve por finalidade: I - integrar o sistema nacional de turismo, definido pelos decretos 55/56, e o 60.224/67, dentro de um programa de interesse nacional de empreendimentos turísticos; II - estabelecer bases para a Delegação de responsabilidades executivas, com o objetivo de imprimir um ritmo cada vez mais ativo no desenvolvimento dos planos oficiais de turismo; III - fixar estratégias operacionais conjugando os esforços oficiais em benefício de uma ação permanente, traduzindo um só pensamento e orientação quanto ao Sistema Nacional de Turismo (Diário de Notícias/RS<sup>42</sup>, 02/06/1972; Correio do Povo/RS, 02/06/1972).

Antes da instalação das comissões técnicas, foram realizadas algumas palestras, entre elas “O Turismo e a Estratégia Gaúcha”, apresentada por Edison Baptista Chaves. O trabalho focalizou os seguintes aspectos: introdução, incidência econômica do turismo, visão econômica do sistema turístico; entradas de turistas no Rio Grande do Sul; mercado turístico do Rio Grande do Sul; efetivo econômico do turismo no RS; o papel do setor público no desenvolvimento do turismo; estrutura institucional, funcionamento da estrutura institucional, CITUR – funções; Comissão Intersetorial de Turismo, Relações entre Secretaria e Companhia, características, funcionamento dos contratos, custos, tipos de apresentação de serviços, autorização de serviços e fluxograma (Correio do Povo/RS, 06/06/1972). Estudo considerado pelo presidente da EMBRATUR como “uma importante contribuição para se abreviar a consecução dos objetivos da política nacional, além de fixar-se, desde já, como exemplo de pesquisa e definição de metas” (Folha da Manhã/RS, 06/06/1972).

É interessante lembrar que vários jornais destacam a participação do Rio Grande do Sul na Reunião Oficial de Turismo realizada em Brasília. (Diário de Notícias/RS, 02/06/1972, 03/06/1972; Folha da Manhã/RS, 06/06/1972), revelando o interesse do governo em reunir os estados brasileiros e outras entidades para discutir o turismo no país.

---

<sup>41</sup> Jornal publicado pela Companhia Jornalística Caldas Júnior em Porto Alegre/RS entre 1969 e 1980.

<sup>42</sup> O Diário de Notícias foi fundado em 1º de março de 1925, sob a direção de Francisco de Leonardo Truda, Raul Pilla, Adroaldo Mesquita da Costa, João Pedro Moura e outros. Foi um dos mais importantes jornais do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre trabalhava acompanhado da TV Piratini (pioneira no estado), Rádio Farroupilha e Revista Campo. Funcionou até dezembro de 1979.

# Turismo no RGS é um dos temas do encontro nacional de Brasília

BRASÍLIA, 5 (CP) — Objetivando a implantação de uma estrutura para o turismo nacional, instalou-se na manhã de hoje, nesta Capital, a Reunião Oficial de Turismo, promovida pela EMBRATUR, sob a presidência do titular da empresa, sr. Paulo Manoel Protásio. O conclave, que atende a orientações do governo federal, reúne representantes oficiais de vários Estados, entre os quais Guanabara, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Piauí, Sergipe, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Santa Catarina, Paraíba e Alagoas. Estão representadas, também a SUDESUL, SUDENE, SUVALE, SUDAM, Associação Nacional de Bancos de Desenvolvimento, Hidrominas, Banco do Estado de Goiás, SENAC, Ministério da Indústria e Comércio, Ministério do Interior, COMTUR de Porto Alegre, IBANBRAS, SERFHAU, SUDEPE, Federação de Hotéis e Similares, Confederação das Organizações Turísticas da América Latina e Universidade Federal de Santa Maria, esta através do seu reitor, prof. José Mariano da Rocha Filho e dois professores.

Na tarde de hoje, antes da instalação das comissões técnicas, realizou-se uma série de palestras, assim distribuídas: Integração e Descentralização — Pedro Magalhães Padilha, secretário de turismo de São Paulo; O Turismo e a Estratégia Gaúcha — Edison Baptista Chaves, secretário de turismo do Rio Grande do Sul; Incentivos Fiscais e Política de Crédito — Fernando Talma Sampaio, secretário de Indústria e Comércio da Bahia; Sistema Nacional de Turismo — Olavo Lira Maia, presidente da PARATUR.

## REGIAO SUL

A representação da Região Sul, uma das maiores e mais atuantes, vem desenvolvendo intensa atividade, tendo em vista a existência de seu Plano Regional de Turismo, também conhecido por Capítulo Sul do Plano Nacional de Turismo, trabalho pioneiro no continente e que vem servindo de padrão para vários Estados brasileiros. Elaborado pela SUDESUL, em colaboração com a EMBRATUR, o Plano Regional de Turismo será entregue durante o conclave ao ministro do Interior e da Indústria e Comércio, pelo economista Carlos Alberto da Silveira Goulart, diretor do Departamento Agrícola Industrial da SUDESUL. Integram a delegação da Região Sul os seguintes técnicos: Carlos Alberto da Silveira Goulart e Renato Masina, da SUDESUL; Edison Baptista Chaves, secretário de

turismo do Estado; Marco Antônio Pinto, diretor técnico da CRTUR; professores José Maria da Rocha, reitor da UFPM, Luiz Isala, decano da UFPM e Pedro Aguirre; dr. Gilberto de Abreu Pires e dr. Alberto Garcez Duarte Filho, representantes da PARANATUR; deputado Xengofone Villanueva, da Assembleia Legislativa do Paraná; Felix Eugênio Aelchert de Santa Catarina; dr. Wilson Portes, do Banco de Desenvolvimento do Paraná e dr. Mechlade Straches, do COMTUR.

## A ESTRATÉGIA GAÚCHA

O trabalho apresentado hoje pelo economista Edison Baptista Chaves focalizou os seguintes aspectos: introdução, incidência econômica do turismo; visão econômica do sistema turístico; entrada de turistas no Rio Grande do Sul; mercado turístico do Rio Grande do Sul; efetivo econômico do turismo no RS; O papel do setor público no desenvolvimento do turismo; estrutura institucional, funcionamento da estrutura institucional, CITUR — funções; Comissão Intersetorial de Turismo, Relações entre Secretaria e Companhia, características, funcionamento dos contratos, custos, tipos de apresentação de serviços, autorização de serviço e fluxograma.

# Segurança na tema de pales

RIO, 5 (C. P.) — O procurador-geral do Estado, professor Diogo Figueiredo Neto, disse, hoje, na Escola Superior de Guerra, que a principal característica do Estado, para este fim do século, é a tendência do Poder Legislativo, não como órgão elaborativo de leis, mas como fiscal político de sua conveniência. Abordando o tema — os três poderes e a segurança nacional — o conferencista examinou as principais funções da segurança nacional, como a de julgar, de administrar e elaborar leis, ressaltando que é da segurança que o Estado parte para as definições políticas.

O professor Diogo Figueiredo Neto falou, inicialmente, sobre os três poderes da segurança nacional. Disse que o Estado caminha para um Governo legislador-administrador, voltando à plena realização do homem.

# Plano de Turismo da SUDESUL é apontado como padrão nacional

BRASÍLIA, 7 (C. P.) — O Plano Regional de Turismo elaborado pela SUDESUL, para a Região Sul — Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, deverá servir de padrão para as demais regiões do País. Moção nesse sentido foi aprovada ontem pela Comissão n.º 3, da Reunião Oficial de Turismo, que ora se realiza nesta Capital e que deverá encerrar-se amanhã dia 8.

A apresentação do Plano Regional de Turismo ao Plenário foi feita pelo professor Carlos Alberto Silveira Goulart, diretor do Departamento Agrícola Industrial, da SUDESUL, com base em trabalho do superintendente daquela autarquia subordinada ao Ministério do Interior, eng.º Paulo Affonso de Freitas Melro.

Ocupando-se das medidas prioritárias e indispensáveis à implantação dos planos regionais de turismo, o técnico gaúcho disse, inicialmente, da necessidade de conhecimento das realidades turísticas regionais como suporte de um sistema nacional de turismo.

De imediato, ocupou-se da problemática de ordenação, dizendo que se fazem necessárias as seguintes medidas: ordenação jurídica ou institucional, ordenação urbanística ou territorial, ordenação profissional, ordenação creditícia e ou de financiamentos, ressaltando serem, atualmente, insuficientes os incentivos fiscais, fixação de zonas prioritárias de turismo e execução do Plano Piloto de atividades hoteleiras.

## RECURSOS HUMANOS

No tocante a recursos humanos, a Comissão n.º 2 da Reunião

Oficial de Turismo ora em realização nesta Capital, aprovou o Projeto-Piloto para treinamento de pessoal em programas regionais de turismo, trabalho elaborado pela EMBRATUR com base no Projeto de Treinamento de Recursos Humanos do Plano de Turismo da Região Sul.

O documento que será levado à sessão final do conclave, procura qualificar empresas e profissões à luz das exigências mínimas de classificação dos empreendimentos com sua respectiva modulação de serviços e de pessoal. Tratar ainda de planejamento turístico da Região, destacando os temas de controle de classificação de empresas e a ordenação de profissões turísticas.

O trabalho da SUDESUL — Ministério do Interior — segundo a EMBRATUR, reúne estudos necessários para a melhor fixação do Projeto Piloto de Treinamento e Formação de Pessoal, servindo de roteiro para outras regiões do País. Tal projeto deve ser atuante na formação acelerada de recursos humanos, permitindo a adesão dos órgãos interessados.

A qualidade dos serviços prestados pelas empresas turísticas e bom atendimento ao cliente, por parte das mesmas, reza o documento, depende primordialmente de dois fatores que, em vista destas considerações, possuem caráter fundamental, e são: preparação profissional de pessoal de serviço e dotação de meios materiais e instalações.

A problemática atual da esfera profissional do turismo refe-

re-se aos seguintes pontos: tipificação de funções profissionais, acesso ao ensino e formação profissional, investigação e documentação, relacionamento no período de pós-graduação, institucionalizações, estatutos e regulamentação da profissão turística.

## Cooperação entre Brasil-Bolívia no setor da Saúde

RIO, 7 (CP) — Os ministros da Saúde do Brasil e da Bolívia, srs. Rocha Lagoa e Carlos Valverde Barbery, mantiveram, um encontro reservado no gabinete do ministro brasileiro, tratando de assuntos ligados à cooperação do Brasil à Bolívia, que se concretizaram com a assinatura de um acordo entre os dois países, a ser firmado em Brasília, hoje.

Após o encontro, o ministro Rocha Lagoa convocou, individualmente, a vários chefes do Departamento de Saúde, para um diálogo com o ministro boliviano. Em seguida, todos os diretores de departamentos de Medicina e de administração realizaram uma exposição sobre problemas de saúde no Brasil.

## CORREIO

Clima de Gue

Ilustração 3 – Correio do Povo/RS, 08/06/1972, p.04

A Reunião Oficial de Turismo contou com a participação de representantes oficiais de vários estados e teve como objetivo a implantação de uma estrutura para o Turismo Nacional. O Plano regional de Turismo da SUDESUL foi apresentado pelo diretor do Departamento Agrícola Industrial, professor Carlos Alberto Silveira Goulart.



# Reunião da EMBRATUR apontou o exemplo do turismo gaúcho

Comentando a Reunião Oficial de Turismo, promovida pela EMBRATUR em Brasília, na semana passada, o secretário de Turismo, Edison Baptista Chaves, disse que o Rio Grande do Sul está servindo de exemplo para o resto do País em termos de turismo. O próprio presidente da EMBRATUR, Paulo Manoel Protais, havia declarado que "ao fixar um modelo estadual para sua estratégia no desenvolvimento do turismo, o Rio Grande do Sul representa um valioso capítulo de um esforço renovador dos instrumentos de fomento e de articulação administrativa".

Como consequência dos estudos de Brasília, alguns Estados, como a da Guanabara, e a Prefeitura de São Paulo, vão adotar estrutura idêntica a que foi criada no Rio Grande do Sul. Do encontro, participaram representantes de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Guanabara, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Sergipe, além de 34 órgãos ligados ao turismo e ao setor financeiro do País.

## COMISSÕES

Nas demais comissões, o Rio Grande do Sul também serviu como exemplo. Na Comissão Técnica n.º 2, que estudou a parte de planejamento turístico, foi indicado o exemplo do Plano Regional de Turismo da Sudesul.

Na Comissão Técnica n.º 3, que debateu a ação de órgãos federais a nível de Sudene, Sudam e Sudesul, novamente a Sudesul foi apontada como exemplo, ficando decidido que cada organismo re-

gional faça um plano de integração turística para ser englobado pela Embratur. "Nesse ponto, salientou o Secretário de Turismo", a Embratur conseguiu grande vitória, relativamente à Região Sudeste, que não tem superintendência regional, mas que os Estados integrantes assinaram um acordo, unindo São Paulo, Guanabara, Minas Gerais e Estado do Rio, para integração turística dentro dos moldes da Região Sul, com o fim de estabelecer um Plano Regional de Turismo."

## MAÇONARIA TAMBÉM FESTEJA 150 ANOS

Viajou para o Rio o dr. Frederico Renato Mótola, grão-mestre do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, a fim de participar dos festejos comemorativos ao Sesquicentenário da Fundação do Grande Oriente do Brasil, que se realizarão na Guanabara de hoje a 19 de corrente mês. Após as 30-

tes, chefe do Estado-Maior do Exército.

Os festejos do Sesquicentenário do Grande Oriente do Brasil terão um brilho especial, com a participação de representações oficiais não só dos Estados, como, ainda, do Exterior, inclusive da Europa.

Ilustração 4 – Correio do Povo/RS, 16/06/1972, p. 08

Nesse encontro, podemos verificar que tanto o Plano Regional de Turismo da SUDESUL, quanto o Turismo: estratégias gaúchas, serviram de base para as discussões em âmbito nacional.

A cronologia histórica da organização oficial do Turismo no Brasil remete à década de 1960/70, quando alguns governos estaduais passaram a dar a atenção ao tema, contemplando-o, via decreto ou decreto-lei, a uma singela estrutura orgânica, com sede física e chefia, um ambicioso programa de intenções, mas sem orçamento financeiro compatível. A partir de 1970, entretanto, o setor turístico passa a ser encarado com respeito e responsabilidade, cabendo ao Rio Grande do Sul o papel pioneiro de criar o primeiro modelo de Sistema Turístico Nacional, elegendo o *Turismo: Estratégia Gaúcha* como programa prioritário para o desenvolvimento econômico do Estado. (MOESCH, 2003, p. 32)

Em novembro de 1972, realizou-se, em São Paulo, o I Congresso Extraordinário das Organizações Turísticas da América Latina (COTAL), e a Secretaria de Turismo chefiou a delegação gaúcha, que foi integrada por representantes de agências de viagens, hotelaria e transportes. O objetivo essencial era divulgar o Rio Grande do Sul junto aos setores de viagens reunidos. Chaves (1993, p.140) registra que "lá verificamos o nosso pioneirismo, pois éramos o único estado brasileiro a estar implantando um

Plano de Turismo que, inclusive, vinha servindo de exemplo para outros estados que desejavam criar uma estrutura institucional adequada à importância que o turismo representava e representa”.

Neste sentido, Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008), comentando sobre a Secretaria de Turismo, diz em tom enfático:

*eu vou te ser bem sincera, eu acho que com todos os altos e baixos, com todas as trocas políticas, [...] eu acho que nós sempre tivemos ideais, não é a toa do nosso hino, ser o que é, que eu acho maravilhoso, acho assim, nós não somos nada humildes, “sirvam nossas façanhas de modelo a toda a terra”, e na época nós éramos um referencial, um modelo, não digo para toda a terra, mas para o Brasil sem dívida. Tanto que a Bahia veio copiar, em parte, copiar é força de expressão, mas parte daquilo que estava sendo feito e a Bahiatursa tu sabes, desenvolveu muito mais, [...], então a Bahiatursa nos deu de relho.*

Edison Batista Chaves (06/06/2008) permaneceu na Secretaria de Turismo até fevereiro de 1973 quando assume a Secretaria de Indústria e Comércio. Berenice Mércio Pereira (13/05/2008) se recorda desse momento: *a gente anoiteceu, dormiu com o Edison Baptista Chaves como o secretário e no outro dia de manhã, nos jornais, amanhecemos com outro secretário que era o Roberto Eduardo Xavier*. Plínio Totta ficou interinamente respondendo pela SETUR até que fosse nomeado novo secretário.

Em 20 de fevereiro de 1973, Roberto Eduardo Xavier<sup>43</sup>, Secretário substituto da Indústria e Comércio, foi anunciado, pelo governador Euclides Triches, como o novo Secretário de Turismo do Estado. O Governador Triches acentuou que o até então secretário de Turismo, Edison Baptista Chaves, havia implantado uma organização verdadeiramente modelar naquela pasta e desejou ao novo titular que, na segunda metade do Governo, a conduzisse dentro dos grandes planejamentos estabelecidos, fazendo com que, naquele que era o Ano do Turismo, pudesse apresentar os resultados que todos nós desejávamos (Zero Hora/RS, 21/02/1973, p. 08).

---

<sup>43</sup> Roberto Eduardo Xavier fizera parte do governo antes mesmo de ter assumido, ao ser convocado para integrar a equipe de estudos para a implementação da Secretaria de Turismo. Anos antes, a convite do então Prefeito Loureiro da Silva, integrara o grupo de estudos que elaborou a lei determinando a fundação do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), o qual foi conselheiro de 1961 a 1965 (HOHLFELDT e VALLES, 2008).



Ilustração 5 – Correio do Povo/RS, 21/02/1973, p.28

Sobre o período em que esteve na Secretaria de Turismo, Edison Batista Chaves descreve esse órgão como um espaço de construção, de participação, no qual conquistou muitas amizades que até hoje perpetuam. Evocando seus “consultores”, costurava a este quadro as recordações de tempos difíceis, embora o ambiente de trabalho fosse excelente. Havia muitas dificuldades; todos estavam aprendendo sobre turismo, era uma eterna descoberta, estavam recriando pontos de referências coletivos em um tempo reordenado e almejava a continuidade de um trabalho que estava apenas começando, quando diz que gostaria que ficasse na secretaria alguém que já trabalhava no CITUR<sup>44</sup>.

Edison Batista Chaves (06/06/2008) destaca as pessoas que construíram o turismo no Rio Grande do Sul,

*em primeiro Oswaldo Goidanich, porque é um homem que realmente merece, ele estudou muito, ele era do Touring Club, na época o Touring era um organismo interessante porque ele era um apoio ao automobilista. Era um homem de sensibilidade, um homem culto, viajado, compreende, e que sempre procurava o melhor, ele assessorava a Assembléia Legislativa nessa área, ele conquistou, por exemplo, o Victor Faccioni que era um apaixonado pelo turismo e ganhou prêmios de destaque pela*

<sup>44</sup> Com uma certa nostalgia, recorda: *não há dúvidas, eu sempre, até hoje eu considero um dos meus momentos de maior realização, de maior felicidade, eu trabalhei com a equipe mais motivada que eu já tive esses dois aninhos que eu passei nessa novel Secretaria de Turismo daquela época, realmente nós trabalhávamos sábado, domingo, madrugada adentro por amor a esse tema fascinante que é o turismo.* (Edison Batista Chaves, 06/06/2008)



*assessoria que o Oswaldo Goidanich dava a ele, compreende? Eu tenho quase certeza de que, quem me indicou para secretário de turismo foi o Oswaldo Goidanich, junto com o Victor Faccioni. Mas, por tanto que eu aprendi com ele e, porque ele sabia que eu estava realmente aprendendo, tanto que eu o consultava nessa área.[...].Depois teve os pioneiros, principalmente da hotelaria, [...]. Nessa área de formação de pessoal a Norma Moesch, ela teve uma participação fantástica! Seguido em eventos pelo Brasil a fora, que eu estava junto com a Norma, daqui a pouco levantava um cara lá do Rio de Janeiro, de São Paulo e dizia: a minha professora Norma Moesch, compreende, então ela tinha levado esses ensinamentos pelo Brasil a fora. Eu, como pioneiro, a dona Elizabeth Rosenfeld<sup>45</sup>, lá em Gramado.*

Outro reconhecimento público é para Oswaldo Goidanich, aquele que *alertou que existe o turismo, que foi uma figura muito importante*, um ícone, que representava o grupo que atuava no turismo no RS. Não havia ações de turismo no RS nas quais Oswaldo Goidanich não se fizesse presente, assessorando, coordenando, produzindo material sobre turismo para o Correio do Povo, enfim sua “saga do Turismo no Rio Grande do Sul”, como ele próprio denomina o título do capítulo que escreveu no livro organizado por Hilda Flores (1993).

Edison Batista Chaves (06/06/2008) manifesta o seu reconhecimento a Oswaldo Goidanich, que foi seu “professor”, *por tanto que eu aprendi com ele e porque ele sabia que eu estava realmente aprendendo, tanto que eu o consultava nessa área.*

Moesch (1993) finaliza seu texto “Turismo, uma trajetória de fé”, dizendo:

Esperamos que nossa missão, inspirada na sabedoria e vigorosa energia do mestre Oswaldo Goidanich, através de sua longa e bela peregrinação de amor à causa do turismo rio-grandense e brasileiro, seja vitoriosa, fazendo a comunidade turística futura mais ajustada e mais feliz. (MOESCH, 1993, p. 09)

Hohlfeldt e Valles (2008, p. 38) destacam que as idéias de Goidanich,

fizeram dos cinqüenta anos de dedicação ao turismo, por parte de Goidanich, um acelerado processo de modernização e conscientização do turismo enquanto atividade socioeconômica e cultural. O que, nos primórdios dos anos 1930 e 1940, era uma novidade, com Goidanich e a sua geração de colegas pioneiros no turismo gaúcho, foi tendo ampliado o seu *status* como atividade profissional. Os anos 1970 e 1980 aparecem como um essencial

<sup>45</sup> Chaves lembra que a Dona Elizabeth Rosenfeld fez o Artesanato Gramadense, “*e pegou aquelas coloninhas e os coloninhos e ensinou a fazer artesanato, ensinou a fazer aqueles móveis, móveis de Gramado enfim, e, e aí começou a surgir uma estrutura de gasto para o turista que fosse lá. Então, essa mulher foi fantástica, ela realmente plantou uma florzinha que virou um jardim em um curto espaço de tempo dentro dessa concepção de estrutura de gasto. Ela perseguiu esse lado da estrutura de gasto, de vender um estilo, entendeu, de transformar, dizer: bom, aquela cadeira, aquela mesa é lá do artesanato de Gramado e que treinou aquele pessoal a usar tear para fazer tecidos, para fazer tapetes, tapetes de parede, que são verdadeiros obras de artes plásticas, tudo focando imagens da região, como dizem os artistas plásticos, com factual, local.* (Edison Batista Chaves, 06/06/2008)

complemento e evolução às iniciativas que fizeram do Rio Grande do Sul um estado com conscientização turística.

Em 1973, o Ministro de Indústria e Comércio era Marcus Vinicius Pratini de Moraes, cujo ministério se vinculava à EMBRATUR, e, entre seus diretores, o jornalista gaúcho Kleber Borges de Assis, que sempre lutou, junto ao governo federal, pelos investimentos no Rio Grande do Sul (CHAVES, 1993).

Inúmeros acontecimentos relevantes foram marcando a década de 1970, ano a ano, a começar pela conferência sobre turismo, ocorrida no plenário da Assembléia Legislativa. Esse evento oportunizou a Edison Baptista Chaves, secretário de Turismo, e a Paulo Affonso de Freitas Melo, superintendente da SUDESUL, explanarem a atuação dos dois órgãos, empenhados num trabalho comum em favor do turismo no extremo sul do país (MOESCH, 1997).

Em 1973, o governo Federal, através do Ministério da Indústria e do Comércio, tendo em vista a necessidade de incrementar o turismo interno, instituiu o Ano Nacional do Turismo. A medida foi concretizada pelo Decreto 71.790 de 31 de janeiro de 1973. A EMBRATUR inicia a divulgação do Ano Nacional do Turismo, pelo Sul. Olavo Lyra Maia, Diretor da EMBRATUR, visitou a CRTUR e foi recebido por Luiz Emilio Corrêa Meyer, Diretor Presidente, iniciando pelo RS suas viagens de contatos com áreas turísticas (Jornal do Comércio/RS<sup>46</sup>, 02/03/1973).

---

<sup>46</sup> O Jornal do Comércio é um veículo de mídia impressa brasileiro, editado em Porto Alegre. Foi fundado em 25 de maio de 1933 por Jenor C. Jarros e Zaida Jayme Jarros. A sua circulação é diária, de segunda a sexta-feira, e é voltado para economia e negócios.

# 1973 DECLARADO POR MEDICI "ANO NACIONAL DO TURISMO"

BRASÍLIA, 1.º (C.P.) — O presidente Emílio Médici, em seu despacho de hoje com o ministro Pratiní de Moraes, assinou dois decretos relativos ao turismo: o primeiro dispõe sobre a delimitação de zonas prioritárias de interesse turístico e o segundo declara 1973 "Ano Nacional do Turismo".

A delimitação das zonas prioritárias de interesse turístico será feita pelo Conselho Nacional de Turismo. Para o aproveitamento dessas zonas prioritárias a EMBRATUR celebrará os necessários convênios com os municípios, onde estiverem situadas as mencionadas regiões. Todos os programas decorrentes dos convênios referidos terão tratamento prioritário junto aos órgãos da administração federal.

Quanto ao "Ano Nacional do Turismo", fica estabelecido que o Ministério da Indústria e Comércio, através da EMBRATUR e com o concurso de outros órgãos governamentais, inclusive estaduais e municipais, e entidades privadas, se encarregará da elaboração e implementação de programas, projetos e demais realizações relacionadas com o ano de 1973, declarado como o "Ano Nacional do Turismo". O símbolo oficial do Ano Nacional do Turismo será usado em todos os impressos e publicações de divulgação de órgãos da administração pública.

## HORA DE DESENVOLVER O TURISMO

"Os estudos realizados por esse Ministério através da

EMBRATUR indicam que a partir de 1973 será possível ampliar substancialmente o volume de visitantes do exterior, pelo ingresso do Brasil no mercado do turismo de massa". A afirmação é da exposição de motivos do ministro Pratiní de Moraes ao presidente Médici, encaminhando o decreto que declara 1973 o Ano Nacional do Turismo.

A ação a ser empreendida será possível graças à infraestrutura criada pelo Governo, especialmente na expansão da rede rodoviária e da aviação civil, construção de novos aeroportos, integração da Amazônia, desenvolvimento das comunicações, educação e treinamento da mão de obra. Paralelamente a esta criação, a EMBRATUR realizava um esforço de mobilização do empresariado nacional para a ampliação da rede hoteleira. No exercício de 73, graças a este esforço, entrarão em operação 50 novos hotéis e motéis que acrescentarão 8.204 unidades de hospedagem à rede brasileira de hotéis de turismo. Em função das condições existentes e dos programas e projetos que serão executados, fica prevista a vinda ao Brasil, em 1973, de meio milhão de turistas.

Durante o despacho no Palácio do Planalto, o ministro Pratiní de Moraes fez ao presidente da República uma exposição sobre os principais projetos e programas a serem desenvolvidos pelo Governo e empresas particulares a partir de 1973, Ano Nacional do Turismo.

Segundo informou à imprensa o presidente da EMBRATUR, Paulo Manoel Protásio, um dos principais projetos é o de "Roteiros Turísticos", que prevê a presença de técnicos da EMBRATUR em todas as comunidades do Brasil, no ano de 1973, para contatos de pesquisa e informação junto a prefeitos, vereadores, empresas turísticas, entidades de classe, organismos regionais de turismo, postos de gasolina, universidades, entidades de classe, hotéis e motéis. Serão três grupos, cada um com três técnicos, viajando em "trailers" com o máximo de informações e propaganda sobre turismo. Ao mesmo tempo em que estarão pesquisando, coletando

dados e sugestões, distribuirão informações e orientação, inclusive indicando comportamentos e leis de âmbito municipal que podem servir melhor à política nacional de turismo. Os três grupos percorrerão, separadamente, as regiões: 1) norte-nordeste; 2) centro-sul e extremo-sul; 3) leste-oeste.

Outros programas básicos que começam a ser executados no Ano Nacional do Turismo, são o TURIS (Programa de Turismo Rio-Santos) e o TURSA (Programa de Turismo Rio-Salvador), ambos com a mesma concepção e objetivos comuns de planejamento, racionalização e coordenação para aproveitamento turístico das regiões ao longo das rodovias mencionadas. O ministro Pratiní de Moraes expôs, ainda, ao presidente da República, os objetivos da TURCEN, programa de Centro Turismo. O primeiro, em fase de elaboração de termos de referência do estudo de viabilidade, e o de Fernando de Noronha. Trata-se de montar um complexo idealizado através de projetos integrados de atendimento "vertical" das atividades turísticas: hotel e restaurantes, clubes, camping, shopping-center, posto de gasolina, pequenas farmácias, lojas de souvenir e casas de diversão, tudo voltado para a ação turística. Paulo Protásio citou, ainda, o programa de aproveitamento turístico dos Parques Nacionais, a ser executado em conjunto com o Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal-IBDF, e o Programa de Reconstrução das Cidades Históricas do Nordeste, este integrando os órgãos da própria região e os setores especializados dos Ministérios da Indústria e Comércio, Planejamento e Interior.

## BRUXELAS E ASTA

Está prevista, também, a intensificação do programa — "Conheça o Brasil", a ser desenvolvido no exterior. Seu ponto culminante será a realização, em Bruxelas, da EXPORT 73. Quando a mostra se encerrar, a ação não será interrompida. Ficarão implantadas na Europa agências privadas de promoção turística e ficará instalado o primeiro escritório piloto da EMBRATUR, para divulgação, informação e atendimento ao turista.

## ao Quênia a Amizade

mento no comércio entre o Brasil e o Quênia era improvável, uma vez que os dois países produzem as mesmas coisas.

Gibson Barbosa manteve uma entrevista de uma hora hoje com o chanceler da Etiópia, Menasio Haile, durante sua escala em Addis Abeba a caminho de Nairobi.

Ilustração 6 — Correio do Povo/RS, 02/02/1973, p. 01

Em março de 1973, o professor espanhol José Javier Perez Rodrigues, diretor acadêmico da Escola Nacional de Turismo do Peru e também presidente da Associação Peruana de Escritores e Jornalistas de Turismo, em sua estada em Porto Alegre, mantém

contato com a Secretaria de Turismo, com a PUCRS e com o COMTUR. Em visita ao “Correio do Povo”, elogiou os esforços do governo brasileiro no sentido de implantação de uma estrutura turística e advertiu sobre a necessidade de preparação de mão-de-obra especializada no setor. O professor resume suas impressões sobre o panorama turístico do nosso país:

Não direi que tudo esteja excelente. Mas é excelente que o governo e lideranças do Brasil se hajam engajado intimamente para o impulso inicial e venham trabalhando com firmeza e determinação para implantar uma estrutura turística de que o Brasil não poderia prescindir com condição para alcançar, em breve, posição de destaque no mundo do turismo internacional. (Correio do Povo/RS, 11/03/1973, p. 41)

Prossegue dizendo: “[...] não penso que seja importante apenas a infra-estrutura material. É essencial também o capital humano, o pessoal especializado, aptos a tornarem produtivos os investimentos feitos no setor, criando condições cada dia mais atraentes e remunerativos”. (Correio do Povo/RS, 11/03/1973, p. 41)

Durante a gestão de Roberto Eduardo Xavier<sup>47</sup> (1973 a 1975), inúmeras ações foram realizadas e estão publicadas no livro “Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier”, elaborado por Antonio Hohlfeldt e Rafael Rosinato Valles.

Nesse período, também estava sendo implantado o Programa de Integração Estado-Município (PIEM), com o objetivo de acionar, motivar e estruturar os municípios com potencial turístico no Rio Grande do Sul. Outro aspecto importante, nessa gestão, foram as obras realizadas, como: a construção do Parque da Guarita, em Torres; e do Parque do Caracol, em Canela.

O Rio Grande do Sul teve destacada participação na II Reunião Oficial de Turismo, promovido pela EMBRATUR no Rio, em 1973, onde os técnicos gaúchos tiveram voz ativa nas cinco comissões do conclave. Na ocasião, o Estado demonstrou ter potencialidades turísticas e o único que apresentou um relatório de atividades devidamente impresso.

---

<sup>47</sup> Jornalista, radialista e publicitário, bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Roberto Eduardo Xavier já exerceu o magistério superior na Pontifícia Universidade Católica, lecionando as disciplinas de Técnica de Jornal e Relações Públicas. Na gestão do prefeito Loureiro da Silva, fez parte do grupo de trabalho que elaborou a lei de criação do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), do qual foi também conselheiro. Em outubro de 1970, a convite do então governador eleito, passou a fazer parte do grupo de planejamento do governo Triches. Em 1971, a convite do então secretário da Indústria e Comércio, Roberto Pires Pacheco, coordenou o programa Promoção de Desenvolvimento Comercial e Industrial. Posteriormente assumiu o cargo de assessor especial e secretário substituto daquela pasta (Zero Hora/RS, 21/02/1973). Importante destacar que o acervo de Roberto Eduardo Xavier esta disponível na biblioteca central da PUCRS.

A professora Susana Gastal (14/07/2008), que trabalhou na SETUR de 1973 a 1975, na gestão de Roberto Eduardo Xavier, recorda que foi um trabalho muito instigante, muito denso porque *o Xavier era uma pessoa obsessiva por trabalho e ele tirava o couro da equipe*. Conta, ainda, que, nesse período, a SETUR, na área de Comunicação, produzia a revista técnica “Caminhos do Turismo”<sup>48</sup>.

Foi também nessa gestão que aconteceu o Biênio da Colonização e da Imigração, a partir das comemorações do Sesquicentenário da Imigração e Colonização Alemã, em São Leopoldo, no ano de 1974, e do Centenário da Imigração Italiana, em Nova Milano, no ano de 1975, cuja comissão foi presidida por Victor Faccioni e a coordenação geral pelo jornalista Oswaldo Goidanich.

O evento pretendia, em seus objetivos explícitos, “ser uma verdadeira festa de confraternização e de afirmação de harmonia, de fraterno convívio, de solidariedade e de civismo, que une os rio-grandenses de todas as origens” (MOESCH, 1997, p.151-152). Todo o Estado foi mobilizado para que o evento se transformasse no acontecimento do século.

Durante a gestão de Roberto Eduardo Xavier, em 1974, foram promovidos, pela SETUR, com colaboração da CRTUR, da ABAV/RS, Sindicato das Empresas de Turismo do Rio Grande do Sul e FAMECOS/PUCRS, diversos ciclos de estudos sobre Turismo, tendo como temas: Turismo e Comunicações, Agências de viagem, Hotelaria e Transporte. Esse ciclo de palestras foi muito noticiado pelos jornais<sup>49</sup>.

Hohlfeldt e Valles (2008) descrevem que durante o I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicações, o secretário fez uma análise da evolução do turismo local.

Segundo Xavier, o turismo no Rio Grande do Sul se divide em quatro fases: até 1950; de 1950 a 1970; de 1970 a 1974 e uma quarta fase, a partir de 1974. O turismo, até 1950, contava com iniciativas isoladas, como a primeira publicação de um artigo sobre o assunto, em 1917, pelo Correio do Povo e a criação do primeiro organismo do setor, o Touring Club, em 1936. A fase que compreende 1950 a 1970, Xavier identifica como uma fase marcada por uma extraordinária boa vontade, mas sem *know how* ou recursos financeiros. [...]. Os anos de 1970 a 1974, com a implementação da Secretaria de Turismo, marcaram profundamente o setor ao conseguir atingir o status de secretaria. Ao criar um programa de ação, em conjunto com outros órgãos de turismo, a atividade começa a alcançar sua profissionalização. (HOHLFELDT e VALLES, 2008, p.122)

<sup>48</sup> A revista “Caminhos do Turismo” era editada pela Assessoria de Imprensa da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul.

<sup>49</sup> Folha da Tarde/RS, 12/08/1974, 23/10/1974, 10/12/1974; Folha da Manhã/RS, 16/12/1974; Diário de Notícias/RS, 11/08/1974, 14/08/1974, 15/12/1974, 17/12/1974; Jornal do Comércio/RS 31/07/1974, 13/08/1974, 16/08/1974, 23/09/1974; Correio do Povo/RS, 31/07/1974, 13/08/1974, 14/08/1974, 13/12/1974, 17/12/1974.



Os autores também salientam a importância de Xavier para o turismo gaúcho, segundo Susana Gastal:

A gestão do Xavier foi muito importante porque se estabeleceu uma filosofia de trabalho, e acredito que se fosse retomar muitos dos projetos que ele tinha, daria para pegar e executá-los, até porque muitas coisas não foram executadas como, por exemplo, a política de *campings*, que poderiam ser retomados e que estava lá no início, com o Xavier. As festas regionais também trouxeram a especificidade de cada município, começando assim a se constituir como um produto e buscando o seu espaço, fator este que foi o Xavier que trouxe. (HOHLFELDT e VALLES, 2008, p. 125)

Em 1975, assume o governo do estado Sinval Guazzelli (1975 a 1979) e, no mesmo ano, Roberto Eduardo Xavier deixa a Secretaria de Turismo, para lugar Mário Bernardino Ramos<sup>50</sup>.

Mário Ramos convida Norma Martini Moesch, na época formanda do curso de Turismo da PUCRS, para coordenar a secretaria. Segundo ela *foi um tempo muito rico, conseguimos formar uma equipe respeitável, entre esses componentes da equipe ela destaca Suzana Gastal das Relações Públicas, Vera Regina Morgante como Jornalista, e a Vanessa Silveira que até hoje é responsável pela produção da área.* (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

Em março de 1979, assume a SETUR Lauro Pereira Guimarães, durante o Governo de José Augusto Amaral de Souza (1979-1983). O setor é “desvalorizado”, ao integrar o Turismo na Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, dividindo a Secretaria. Em 1980, Luís Carlos Barbosa Lessa substituiu Lauro Guimarães que assume a diretoria de Planejamento da EMBRATUR.

De acordo com Moesch (1997, p. 167) “Barbosa Lessa não teve muito o que fazer para preservar o modelo turístico montado por Amaral de Souza, pois o próprio caráter híbrido da estrutura adotada se conflitava com os fundamentos essenciais de tal modelo”.

Nesse período havia muitos articulistas que escreviam artigos sobre turismo, especialmente no Correio do Povo, em que pontificavam os jornalistas Oswaldo Goidanich, Kleber Borges de Assis, Lourdes Fellini Sartori, entre outros. Em 1981, foi fundada a Associação dos Jornalistas de Turismo, AJOTUR, a qual se tornou, em 1985, na seção gaúcha da ABRAJET, tendo Renato Brenol de Andrade como primeiro presidente.

---

<sup>50</sup> Durante sua gestão, Mário Ramos realizou diversas atividades – registradas no livro organizado por Hilda Flores (1993) – tendo a cultura como estrutura de gastos e ações para melhorar a estrutura turística no estado.

Na década de 1980, durante o governo de Jair Soares (1983-1987), foi proposta a extinção da Secretaria de Turismo, por Horst Volks. Para Moesch (1997, p. 168) “Soou, assim, no governo Jair Soares, o *requiém* para o Turismo rio-grandense. Reduzida à modéstia de sua unidade executiva – a CRTUR – e a um departamento da Secretaria de Indústria e Comércio, a atividade turística nada mais lembrava dos tempos pródigos [...]”.

Em 1986, Walter Seabra, que já havia dirigido o SETUR, assume a diretoria da CRTUR. Em março de 1987, assume o governo do estado Pedro Jorge Simon (1987-1990). O Decreto nº 32.516, de 15 de março de 1987, mantém desativada a Secretaria de Turismo, permanecendo a CRTUR, durante todo esse período, como órgão executor das políticas públicas de turismo. Em 1989, é fundada a Câmara de Turismo do Rio Grande do Sul<sup>51</sup>, que passou a ser presidida por Flávio Cassacia.

Começa a haver a falta de interesse das autoridades, no sentido de considerar o turismo parte integrante da administração e economia do Estado. Há um total silêncio e um sentimento de decepção, um ressentimento em relação à apatia, à indiferença do governo gaúcho para com o turismo, “uma absoluta falta de vontade política” (GOIDANICH, 1993, p.114).

O turismo para o Rio Grande do Sul se faz praticamente por geração espontânea. Não há investimentos substanciais e ordenados que busquem interessar, no resto do país e no Prata, correntes turísticas que sejam atraídas a visitar e permanecer em nossas cidades, praia, serras e termas [...]. O investimento maior ficou por conta dos empresários. O governo gaúcho precisa acordar para a realidade econômica do turismo. Aperreado por dificuldades financeiras, está sentado sobre uma mina de ouro e não sabe. (GOIDANICH, 1993, p. 115)

Nos anos seguintes, a Lei n.º 9.433, de 27 de novembro de 1991, de iniciativa do Governador Alceu Collares (1991-1995), extingue a Secretaria de Turismo. Em 10 de março de 1995, o Governador Antônio Britto (1995-1999) cria novamente essa Secretaria, através da Lei n.º 10.356 e, em 16 de janeiro do mesmo ano, extingue a CRTUR, através da Lei n.º 10.360.

Atualmente, há uma descrença em relação à atividade turística no estado. Para Renato Masina (25/03/2008), falta um turismo institucional organizado, um Estado que demonstre interesse pelo turismo e que apóie a atividade turística, com mais intensidade.

*Em instâncias regionais o turismo está adormecido, a atividade privada faz esforços significativos, mas não tem apoio*

<sup>51</sup> Sobre a Câmara de Turismo do Rio Grande do Sul ver: PATRUCCO, Luis Gustavo. *O Terceiro Setor no Turismo: o caso da Câmara de Turismo do Rio Grande do Sul (BRASIL)*. Mestrado em Turismo. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

*institucional, e uma base mais sustentável para o desenvolvimento do turismo, faz falta. O estado possui sérias dificuldades financeiras, orçamentárias, mas o turismo está completamente adormecido, atualmente não vejo boas perspectivas. (Renato Masina, 25/03/2008)*

Conforme Edison Baptista Chaves (06/06/2008), atualmente existem inúmeros organismos que tratam do turismo, a Câmara de Turismo, a Associação Brasileira de Indústria de Hotéis, os sindicatos, os Conventions Visitors & Bureau. Sugere que se crie um espaço que congregue todas essas instituições, onde não haja rivalidades e sim todos trabalhando, cada um fazendo a sua parte. Para ele, o setor não está sendo encarado como negócio, onde todo mundo tem que trabalhar para dar certo e ganhar com isso; falta uma grande liderança, uma pessoa que realmente lidere e que consiga agregar.

No momento em que se discute melhorias para a sociedade, não se pode desconsiderar os autores que estão legitimamente dentro dessa sociedade. Diz Leandro de Lemos (24/11/2008),

*então o espírito democrático faz com que se tenha a capacidade de convergir e não de divergir, a divergência leva à cisão, leva à ruptura, leva ao extremo até as vezes da guerra, e o espírito do Turismo, na sua essência e exatamente o oposto, é a atração, a convergência, a democracia, é a paz, onde não há paz não há Turismo, então tem que ser promotor da paz. O Turismo no Rio Grande do Sul, por falta de planejamento, de uma liderança regional significativa, tem rupturas nas associações, com o pessoal da academia, com as agências, existem divergências que podem ser solucionadas, então é muito engraçado, às vezes tu tens na academia uma determinada lógica e o trade turístico não fala com a academia, isso é a mais perfeita, para mim, característica do subdesenvolvimento dos países. Nas regiões subdesenvolvidas existe essa ruptura entre o saber e o fazer, o pessoal que faz acha que quem desenvolve o saber não sabe nada, e o pessoal que desenvolve o saber acha que quem faz, faz errado por não saber, essa era uma característica do subdesenvolvimento. Nas regiões mais desenvolvidas do mundo as universidades estão integradas ao mercado, os governos trabalhando juntos para desenvolvimento local, e a gente está ainda dentro, às vezes, de um ranço acadêmico da velha universidade medieval que se dava ao luxo de refletir por refletir, esse refletir tem um custo, que é a não ação, o sofismo, a reflexão pela reflexão, o academicismo pelo academicismo, da pesquisa pela pesquisa, a gente vai estar sempre se olhando no espelho e se achando lindo maravilhoso, mas não fazendo nada que desenvolva a sociedade.*



Percebemos nas narrativas, como as aproximações afetivas entre os que tinham um envolvimento com o turismo são importantes para a memória. Recorrentes relatos indicam lembranças sobre amizades, lutas, admiração, respeito. Cada narrador conta as suas vivências e, pelo uso da oralidade, o narrador é capaz de “pôr em memória” suas experiências de vida, deslocando-as do ato estritamente pessoal para o âmbito sócio-cultural. Insere-se numa dada coletividade onde se identifica porque busca ser reconhecido publicamente como sujeito da experiência. Percebemos que os sujeitos se julgam importante, querem deixar seus feitos, sua participação registrados. Assim, cada narrador enfatiza as realizações feitas durante sua participação no processo, suas experiências, sejam elas no Plano da SUDESUL, no trabalho realizado durante as gestões da Secretaria de Turismo, de sua participação nas comissões, nos congressos. Também aparece um sentimento comum em relação ao turismo no estado nos últimos anos, um sentimento de desilusão, de frustração de descaso com a atividade.

O plano da SUDESUL ainda está vivo na memória das pessoas, faz-se presente e atual, tal qual a Secretaria de Turismo da década de 1970; ações e conquistas são muito valorizadas pelos narradores. Lembranças que são percebidas como uma etapa do turismo no estado, mas que norteou toda a história do turismo no Rio grande do Sul e a história de vida de muitos dos entrevistados. Mesmo considerando a impossibilidade de aprofundar todos os aspectos narrados, o simples registro dessas reminiscências nos dá o entendimento de que a memória coletiva que se criou em torno dessas instituições resiste e continua sendo muito significativa nas memórias dos diferentes sujeitos.

Estamos nos encaminhando para o próximo capítulo, o qual trata, diante desse contexto, da necessidade de qualificação na área do turismo.

### CAPÍTULO 3 OS CURSOS SUPERIORES DE TURISMO

No bojo da expansão ocorrida nos últimos anos no campo da história e do renovado prestígio dos estudos históricos em geral, parece haver um crescente interesse do turismo por esses aspectos. O incremento que vem ocorrendo na pesquisa acadêmica da área qualifica as escolas de turismo a responder a tal demanda. Para isso torna-se necessária uma reflexão sobre o ensino em turismo no Brasil na perspectiva da história da educação.

Para responder à problemática desta pesquisa, ou seja, para investigar como se constitui a memória do curso de Turismo, sentimos a necessidade de compreender melhor como se produziu o discurso sobre a Educação Superior em Turismo, cujo debate intensificou-se nas últimas décadas. Seu início aconteceu em concomitância com o movimento de profissionalização do ensino superior, com o desenvolvimento da atividade turística e com a criação do currículo mínimo dos cursos de turismo. Sua expansão ocorreu em paralelo à expansão do ensino superior, no Brasil, principalmente do ensino privado.

Assim, no momento em que se discute o *lócus* do saber turístico (a Universidade X o mercado), em que se questiona o projeto pedagógico e os saberes que estão implicados na formação do turismólogo, é de suma importância a construção histórica do ensino superior em turismo, na expectativa de que possa oferecer subsídios para uma melhor compreensão dessa problemática.

Este capítulo objetiva discutir as idéias que nortearam a educação superior em Turismo, tema-chave para se pensar o Curso de Turismo da PUCRS. Apresentamos, ainda, uma breve apreciação sobre o turismo enquanto objeto de estudo/ciência, tema que dialoga estreitamente com o ensino superior em turismo, mais especificamente ao conhecimento em turismo. Embora o enfoque deste trabalho esteja centrado em constituir a memória do Curso de Turismo da PUCRS, não pode ser considerado isoladamente. É preciso lembrar que, sendo um conhecimento em pleno desenvolvimento, está intimamente ligado à questão da pesquisa no âmbito da educação superior brasileira, bem como da própria realidade social de sua ocorrência.

Como todo discurso histórico tem em mira a crítica do presente, dialogamos com a ideia da gênese do ensino superior em turismo, enfatizando como esse discurso não é um arquivo morto, mas permanece entre nós, internalizando nossas identidades sociais e evidenciando a necessidade de historicizá-las.

O capítulo está estruturado em três partes distintas: a primeira, de forma ampla, busca contextualizar o ensino em Turismo no mundo; a segunda analisa o surgimento dos cursos de Turismo no Brasil até a sua estrutura na sociedade atual, e a terceira discute “o estado da ciência do Turismo”. Situamos, dessa forma, o palco onde se desenvolve a trama do Curso de Turismo da PUCRS.

### **3.1 Ensino Superior em Turismo no mundo**

Há um consenso entre os autores que desenvolvem estudos na área de turismo, da necessidade de profissionais qualificados para atuarem na área, em diferentes níveis.

Howel e Uysal (1987) relatam que existem duas áreas básicas em que o ensino em turismo pode ser segmentado: o treinamento vocacional e educação profissional. A primeira se refere ao treinamento do pessoal da linha de frente, de manutenção e de apoio. O conteúdo desses cursos tende a ser pouco teórico e mais voltado para o desenvolvimento de habilidades práticas, como, por exemplo, recepcionistas, garçons, chefes de cozinha, cozinheiros, agentes de viagem, guias de turismo e outros. O segundo, ou seja, a educação profissional é acadêmica por natureza e se destina para os que ocupam atividades de planejadores, gerentes, pesquisadores. Conceitos teóricos são ensinados, assim como a capacidade de interpretar, avaliar e analisar informações para a tomada de decisões tanto no setor privado como no público.

Go (2002) esclarece as diferenças entre educação e treinamento para o turismo. A educação baseia-se no desenvolvimento intelectual da pessoa, e o treinamento é o processo de trazer a pessoa para um padrão desejado de habilidade e eficiência, por meio de instruções.

Para Fúster (1991, p.692), a educação e a formação em turismo são interdependentes. Devem ser complementares e se desenvolverem integradamente no decurso de uma carreira individual, apesar de, em determinados momentos, uma predominar sobre a outra. Teoricamente, existem atribuições bem definidas acerca do espaço de cada uma. No entanto, na prática, verifica-se uma falta de reconhecimento mútuo quanto à validade do respectivo papel desempenhado. A educação, como processo, gera benefícios difíceis de avaliar, que visam aos de longo prazo, contrastando com a formação, que aponta para resultados imediatos e de fácil medição.

Trigo (1998) traça um panorama do ensino de turismo no mundo e diz que a formação de nível superior passou a ser importante em vários países europeus, especialmente após a década de 1960<sup>52</sup>.

Muitas universidades têm gradualmente expandido suas ofertas de cursos para incluir turismo. No início do século XX, universidades da Áustria e da Alemanha já tinham criado cadeiras especializadas em turismo<sup>53</sup>. Em outros países, as universidades “descobriram” essa área muito mais tarde: em 1961, na França (Centro de Estudos Superiores de Turismo na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris); em 1963, nos Estados Unidos (Universidade Estadual de Michigan); em 1964, na Holanda (Instituto Holandês para Estudos de Turismo, Lazer e Transporte, em Breda); e, em 1971, no Brasil (Curso de Turismo da Faculdade do Morumbi, em São Paulo) (REJOWSKI, 1996 p. 25-26).

Nos Estados Unidos e em alguns países europeus, os cursos trataram inicialmente de hotelaria<sup>54</sup>, adicionando turismo em seus currículos. Mais tarde, o turismo penetrou em programas ou departamentos das ciências humanas e sociais. (REJOWSKI, 1996 p.26). É clara a diferença entre os institutos universitários europeus e os americanos: os primeiros orientam-se para a pesquisa teórica, voltada a aspectos sociais e econômicos do turismo, ao passo que os segundos, para a formação da “indústria hoteleira e turística” (SESSA, 1990, p. 9).

É importante apontar a tendência destacada por Alberto Sessa quanto ao direcionamento dos cursos europeus para o gerenciamento dessa “indústria”, isto é, assiste-se o surgimento de cursos na Europa direcionados ao *business/management (administração/gerenciamento)* da “indústria turística”. Rejowski (1996 p. 28) lembra que,

No início, a evolução do turismo na universidade realizou-se sob diversas formas – cursos de hotelaria, disciplinas de turismo nos cursos de hotelaria e de ciências sociais – e, mais recentemente, na forma de cursos de turismo. Isto se deve ao turismo ser um fenômeno complexo, possível de ser estudado e analisado sob múltiplas facetas. O importante dessa inserção do turismo na academia é sua articulação com a pesquisa básica e aplicada.

O turismo é um fenômeno social “total”, no sentido pensado por Marcel Mauss (1974), isto é, um fenômeno em cuja complexidade se condensa toda uma gama de

<sup>52</sup> Para aprofundar sobre o ensino de Turismo no mundo, consultar Trigo (1998).

<sup>53</sup> Na Universidade de Viena, a “cadeira” de turismo existe desde 1937 (MCINTOSH e GOELDNER 1986, p. 428). No entanto, segundo Angers (1990), foi na Suíça que as universidades se voltaram, pela primeira vez, para a pesquisa e o ensino do turismo.

<sup>54</sup> Com relação à hotelaria, “a primeira realização é da Universidade de Cornell que, em 1922, a pedido da *American Hotel Association* e outras organizações profissionais, criou a *School of Hotel Administration*” (ANGERS, 1990).

aspectos da sociedade e da cultura. Dessa multiplicidade de aspectos decorre o fato de o turismo ter se constituído em objeto de diferentes ciências e abordado inicialmente sob os diversos marcos de referência da Economia, das Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia) e da Geografia, aos quais mais tarde juntaram-se outras disciplinas, constituindo, aos poucos, um campo multidisciplinar, cujas diferentes abordagens começam a comunicar-se entre si, ora em diálogo produtivo, ora em disputas acirradas, mas sempre mantendo a distinção entre o turismo como fenômeno e seu estudo.

Cooper, Sheperd e Westlake (2001) afirmam que a educação em turismo tem alguns complicadores: o fato de haver uma abordagem fragmentada do ensino; o estágio muito inicial de evolução como área de estudo; problemas como a falta de metodologia adequada para levantamento de dados históricos numéricos e informações que viabilizem a pesquisa, entre outros. Há, ainda, discussões sobre a área à qual o turismo pertence, pois, enquanto alguns cursos são criados em departamentos de geografia, ou recreação e esportes, outros, na área de administração e negócios.

A preocupação com a formação superior em Turismo e com a sua profissionalização teve início nos anos de 1970, a partir da Organização Mundial do Turismo – OMT<sup>55</sup>, que sempre enfatiza um discurso de qualificação de mão-de-obra, sendo essa uma proposta internacional e nacional. *A OMT tem sempre esse discurso de qualificação de mão-de-obra em todos os níveis, desde um garçom treinado, de uma camareira treinada, até técnicos do planejamento treinados* (Susana Gastal, 14/07/2008).

Desse modo, enquanto o turismo é uma atividade bastante antiga, a educação em turismo é bem mais recente. No mundo, com exceção de algumas instituições, a maior parte dos cursos superiores de turismo apareceu entre 1980 e 2000. Em vários países, esses cursos ainda estão se estabelecendo.

De acordo com Trigo (1998), há várias razões para isso. Apenas nos últimos anos os governos reconheceram o valor do turismo para suas economias e realizaram a

---

<sup>55</sup> A Organização Mundial em Turismo – OMT é uma agência especializada das Nações Unidas e a principal organização internacional no campo do turismo. Funciona como um fórum global para questões de políticas turísticas e como fonte de conhecimento prático sobre o turismo. Sua sede é em Madri, Espanha. Em 2008, a OMT contava como membros 154 países, 7 territórios e mais de 300 Membros Afiliados, representando o setor privado, instituições educacionais, associações e autoridades locais de turismo.

Sua origem remonta ao *Congresso Internacional de Associações Oficiais de Tráfego Turístico*, realizado em 1925, na cidade de Haia, Holanda. Após a Segunda Guerra Mundial, foi rebatizada como *União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens* (IUOTO) e transferida para Genebra. A IUOTO era uma organização não-governamental, que chegou a reunir 109 *Organizações Nacionais de Turismo* e 88 membros associados dos setores público e privado. Em 1974, seguindo uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, foi transformada em um órgão intergovernamental. Em 2003, tornou-se uma agência especializada das Nações Unidas.

conexão entre a formação de recursos humanos (educação e treinamento) e o incremento de produtividade e competitividade no setor. Também destaca que há um consenso sobre a necessidade de a educação direcionada à área de turismo ser bem estruturada e baseada em fundamentos amplamente discutidos e aceitos pela comunidade empresarial, acadêmica e política. Para o autor, a educação em turismo não é importante isoladamente, há necessidade de integração entre governos, academia e empresários para, juntos, melhor equacionar os desafios da formação profissional.

A situação na América Latina marca, de longa data, um certo descompasso que ainda acontece em relação ao turismo. Essa região tem, praticamente, como divisor de águas, os anos 1970 – quando os países começaram a perceber o turismo como instrumento de desenvolvimento econômico e social. Foi quando as atividades deixaram de ser conduzidas de forma espontânea, passando a integrar programas governamentais, sobretudo visando à obtenção de divisas para geração de empregos e melhoria na balança de pagamentos (ACERENZA, 1990). No geral, permanece constituindo ponto crítico, comum à América Latina, a capacitação de recursos humanos, sobretudo em nível superior, e em especial na pós-graduação – exatamente responsável pela formação de massa crítica (AZEVEDO, 2002).

### **3.2 O Ensino Superior em Turismo no Brasil**

No Brasil, conforme já abordamos anteriormente, com o desenvolvimento da atividade turística, nas décadas de 1960 e 1970, e um crescente interesse por viagens e lazer, ampliou a necessidade de formação e de capacitação de recursos humanos, e, conseqüentemente, do ensino e da pesquisa na área. Assim, gradativamente aparecem cursos regulares técnicos, de graduação e pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), a formação e capacitação em diversos níveis, a partir de cursos e programas de formação básica e comportamental, treinamento, atualização, aprimoramento, entre outros, que buscam formar pessoas e gerar mão-de-obra qualificada para o atendimento das necessidades destas demandas.

Em outubro de 1967, o então presidente da EMBRATUR, Joaquim Xavier da Silveira, dizia, no pronunciamento de abertura do I Encontro Oficial de Turismo Nacional: “Nosso País, por sua posição geográfica, pelo potencial turístico e econômico que detém, deve-se aparelhar estruturalmente para obter uma substancial parcela da exploração turística, que atingirá níveis jamais registrados. Esse preparo tem que ser imediato, ou perdemos a corrida para outros países” (SILVEIRA, s/d, p. 39).

Em 10/01/1946, foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), pelo Decreto-Lei n.º 8.621, que é de grande importância na formação – dos níveis básico, médio e superior – de profissionais nas áreas de hotelaria e turismo. O Decreto-Lei n.º 853 de 13/09/1946 criou o Serviço Social do Comércio (SESC). Essa entidade, juntamente com o SENAC, muito contribuiu para a teoria e a prática do lazer social. Lazer e cultura são atividades importantes no SESC, que reúne colônias de férias, balneários, centros campestres e centros culturais para usos de seus associados, em uma prática de lazer e turismo social<sup>56</sup>.

O SENAC – Serviço Nacional do Comércio, em Porto Alegre, iniciou um curso de turismo e hospitalidade e para que os alunos pudessem aprender na prática, a entidade colocou em funcionamento uma Escola de Preparação de Garçons, barmen, maitres, cozinheiros e ajudantes de cozinha, em 1948. Esse foi o primeiro passo de um trabalho sério na preparação profissional para o Turismo e que, ainda hoje, se desenvolve.

O ensino técnico em Turismo do SENAC, em São Paulo, iniciou suas atividades em 1951, com os primeiros cursos de especialização para garçons. Em 1957, o relatório anual de atividades já registrava uma ampla programação de cursos e treinamentos, tanto para a formação inicial quanto para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de turismo e hotelaria. Desde então, o SENAC<sup>57</sup> implantou unidades educacionais em diversas localidades e vem atuando na formação em turismo em diversos níveis.

Em 1961, a partir dos estudos do Conselho Federal de Educação, no sentido de oferecer alternativas de enriquecimento ao nível médio, o Colégio Comercial São Judas Tadeu, instituição privada, sediado em São Paulo, obteve a primeira autorização para funcionamento de curso técnico de turismo. Na ocasião, o relator da matéria, Conselheiro Celso Kelly, considerou o ensino de turismo em grau médio como uma das modalidades mais úteis e necessárias do ensino técnico, em grau colegial, em virtude das possibilidades do país: cidades históricas, sítios naturais, metrópoles equipadas, praias lindas, sem falar dos aspectos culturais, como a arquitetura brasileira e a música popular. Ressaltava, entretanto, que a grande lacuna para o atendimento turístico em nosso país residia na falta de elementos especializados, acentuando que, em vários

---

<sup>56</sup> “O Turismo Social é o conjunto de relações e fenômenos resultantes da participação no turismo das camadas sociais menos favorecidas, participação que se torna possível ou facilitada por medidas de caráter social bem definidas, mas que implicam um predomínio da idéia de serviço e não de lucro”(MACHADO e CARMO, 2006, p. 04).

<sup>57</sup> O SENAC possui experiências com o curso técnico de turismo desde o início da década de 1970, em São Paulo. O curso funcionava em Campinas, de 1972 a 1977, em regime de intercomplementaridade, unindo o SENAC local e a EEPSC Culto à Ciência, que formaram três turmas de técnicos.

países do mundo, o turismo figurava entre as três primeiras fontes de receita, graças ao planejamento, aos elementos naturais e aos recursos humanos (AZEVEDO, 2002, p. 188).

Conforme já destacamos, esse discurso de qualificação era bastante presente, e existiam diversas ações do governo do Rio Grande do Sul nesse sentido, como, por exemplo, os cursos oferecidos pelo secretário de Turismo Roberto Eduardo Xavier para qualificar taxistas, agências, hotéis e outros.

Podemos observar que a idéia da necessidade de qualificação na área de turismo, nesse período, é muito presente, permeando todas as discussões realizadas sobre o assunto. Na reportagem a seguir, Renato Masina argumenta sobre a urgência de qualificar para o turismo, tanto pela deficiência do pessoal que atua na área, quanto pela escassez de especialização tecnológica que põe em risco qualquer tentativa de planejar o turismo. No Brasil, havia toda uma efervescência, movimentação de diversos profissionais em prol do turismo; havia muitos debates, palestras, associações, diversos profissionais discutindo o tema.



# Formação e treinamento de pessoal é a necessidade do setor turístico

Renato Batista Masina

Através de pesquisas, levantamentos e análise de dados, o Plano Regional de Turismo da Região Sul, elaborado pela Sudesul, demonstra claramente que um dos pontos de maior prejuízo que apresenta o setor turístico entre nós é o que concerne à falta de pessoal qualificado para desenvolver atividades derivadas da prática turística. Como é facilmente compreensível, isto se deve sobretudo ao fato de que apenas recentemente o turismo vem sendo considerado como fenômeno econômico-social capaz de, por sua estrutura, dinamizar a economia do país. O tratamento empírico que até então lhe era dotado, reflete-se nitidamente não apenas na deficiência de formação do pessoal que atua diretamente em atividades relacionadas com a prática do turismo, como ainda na escassez de especialização tecnológica que chega mesmo a pôr em risco toda e qualquer planificação que se deseje efetuar no setor.

O problema de formação e treinamento de mão-de-obra especializada para o setor turístico deve, portanto, ser enfocado sob dois prismas: o primeiro diz respeito ao pessoal que já exerce funções em empresas ou organismos de turismo, independentemente da formação que já possuem; o segundo refere-se à formação técnico-científica daqueles que escolhem como profissão o exercício de atividades ligadas ao turismo.

O Plano Regional de Turismo da Região Sul, documentobase como fonte informativa de dados turísticos para a região, estima que o volume de mão-de-obra qualificada até 1975, somente na indústria de

alojamento, seja da ordem de 6.246 empregos, sendo que em administração e gerência hoteleira as necessidades giram em torno de 625 novos empregos. Ora, estes dados enfatizam a necessidade do funcionamento quer a nível universitário, quer real de cursos de formação quer a nível universitário, quer a nível médio profissionalizante, orientados no sentido de promover a formação técnico-científica do aluno, ao mesmo tempo que lhe oferece condições para adquirir uma visão de cultura suficientemente ampla, tão necessária àqueles que atuam no setor. Aliás, foi exatamente para vir de encontro a esta necessidade de formação e treinamento de pessoal para o setor, que o Ministério da Educação e Cultura, através do Parecer de número 35-71 do Conselho Federal de Educação, houve por bem oficializar no Brasil a criação de cursos de turismo em nível superior. Existe entre nós, na Faculdade de Meios e Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica, um curso dessa natureza onde o aluno, após cursar um currículo básico de dois semestres, participa, em quatro semestres, de atividades programadas através de disciplinas de caráter profissionalizante. No final do curso realiza, então, um estágio de quatro meses em empresas turísticas locais onde lhe é oportunizado experienciar diretamente a realidade funcional de uma empresa do setor.

Mas o rápido desenvolvimento do turismo no Brasil exige de nós que pensemos em soluções mais rápidas, visando a suprir as lacunas existentes com a falta de recursos humanos qualificados; a solução en-

contrada, portanto, foi a realização de cursos para aqueles que já possuem titulação superior, onde os mesmos receberiam informações complementares sobre turismo, ampliando suas experiências com relação ao setor. Estes cursos rápidos, a nível de pós-graduação, visam, portanto, a complementar a formação de pessoal, oportunizando aos alunos a aquisição de um enfoque verdadeiramente turístico tão necessário para o cumprimento de atividades de planificação e de projetos.

Voltando ainda aos cursos de formação em turismo, pensa-se também na possibilidade de promover nos mesmos, a especialização do aluno por áreas específicas, abrangendo assim a área de macro e da micro economia turística. Poder-se-ia, portanto, ampliar as possibilidades do currículo criando a especialização em administração ou gerência de hotéis, para fazer frente às necessidades do mercado, e ainda a especialização em planificação turística, para atender à demanda proveniente dos órgãos públicos e entidades privadas, de assessores e elementos para consultorias.

Resta concluir que o turismo, elemento gerador de empregos por natureza, vem de ampliar cada vez mais o mercado de trabalho regional para todos aqueles que se sentem atraídos pelo exercício de atividades ligadas ao setor; mas que esta expansão requer, por outro lado, com exigências crescente, o aprimoramento e a qualificação de pessoal para o desempenho das inúmeras tarefas que a própria estrutura econômica do turismo gera e beneficia.

Ilustração 7 – Correio do Povo/RS, 28/03/1973, p. 13

Verificamos, então, que o ensino do turismo se iniciou com cursos e treinamentos em áreas específicas, de nível técnico, e assim permaneceu até a década de 1970, quando se estendeu ao ensino superior privado, com a atribuição do grau de bacharelado, conforme veremos a seguir.

Embora já houvesse uma preocupação com o ensino do turismo, as propostas eram de treinamento para a atividade turística. A busca de um espaço adequado para refletir sobre o turismo de forma ampla e abrangente só aparece na década de 1970. É importante destacar que a preocupação da sociedade em geral com o problema da

formação em turismo parece acentuar-se nesse período, quando há um crescimento da atividade, gerando uma institucionalização e necessitando de um maior embasamento. No Rio Grande do Sul, essa preocupação foi capaz de desencadear medidas significativas, pois o estudo da SUDESUL sugeria a necessidade de um profissional de gestão, de planejamento do turismo, não mais somente executores e sim profissionais que pudessem pensar o turismo.

Foi no início da década de 1970, num contexto de expansão das escolas isoladas, com o incentivo do governo, que surge o ensino superior de Turismo no Brasil. A institucionalização no âmbito acadêmico se deu a partir de 1971, quando da criação do primeiro curso de Turismo e da definição do currículo mínimo pelo MEC.

Os primeiros cursos superiores de Turismo no Brasil surgem na década de 1970. No entanto, é importante destacar, conforme já abordamos anteriormente, que foi em 1967, por ocasião do I Encontro Oficial de Turismo, que aparece uma proposta de criação de cursos universitários.

Conforme Teixeira (2007), os relatórios para a Reforma do Ensino Superior de 1968 (Lei 5540) incentivavam a criação de cursos para “carreiras prioritárias ao desenvolvimento”, considerando que, na década de 1970, o turismo foi visto como a “solução” para o desenvolvimento econômico do Brasil. Considera também que a demanda por vagas foi essencial para que o curso de turismo se estabelecesse, pois era um curso que chamava a atenção dos empresários da educação, por ser diferente e bom de mercado, necessitava de pouco investimento e teria fácil retorno.

Em São Paulo, a imprensa noticiava: “A criação de Escolas Superior de Turismo decorre da necessidade de o Brasil se aparelhar para desenvolver a chamada indústria sem chaminés” (Folha da Tarde/SP<sup>58</sup>, 03/06/1972).

Conforme Matias (2002, p.3),

A regulamentação do currículo mínimo e a criação de cursos que formassem mão de obra especializada em nível superior, tornou-se necessária devido ao crescimento que a atividade turística apresentava na época. Nesse sentido, podemos destacar a institucionalização do Turismo no Brasil com a criação de Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, em 1966.

Teixeira (2007) analisa a trajetória dos cursos superiores de turismo (1968-1976), bem como seu contexto histórico-social, para entender os condicionantes que levaram um curso, sem tradição acadêmica e desprestigiado intelectualmente, a se espalhar e se consolidar em nível universitário. Considera três variáveis para estudar a

---

<sup>58</sup> Folha da Tarde foi um vespertino brasileiro publicado pela Folha de S. Paulo e distribuído em São Paulo entre os anos de 1945 e 1999. Foi substituído pelo popular Agora São Paulo.

história do curso no Brasil: a primeira é a criação, em 1966, da Empresa Brasileira de Turismo, a EMBRATUR, pois, a partir daí, surgem os investimentos na rede hoteleira, nos meios de transportes e em infra-estrutura básica e turística e, conseqüentemente, a necessidade de formar profissionais capacitados, de nível superior, para fomentar o turismo no Brasil. Logo, há a necessidade de se criarem escolas superiores de turismo. A segunda variável é a expansão do ensino superior privado, em conseqüência de uma série de acontecimentos que “obrigou” o governo a permitir e estimular o ensino superior privado: a Lei 5.540/68 (Reforma Universitária), que autoriza a criação de cursos superiores de profissões não regulamentadas (que é o caso do curso de turismo, que até a presente data ainda não tem sua profissão regulamentada). A terceira variável, que está relacionada à primeira, é a valorização dada ao lazer e ao ócio, no final da década de 1960, com incentivo para que o tempo livre fosse bem utilizado e uma boa alternativa isso é fazendo turismo.

Conforme destacamos anteriormente, na década de 1970, no Brasil, assim como em outros países, existia toda uma expectativa e credibilidade sobre o turismo como uma das “chaves que abririam as portas” do desenvolvimento econômico. Isso em função do *boom* do turismo massivo e a conseqüente movimentação e circulação de capital, cuja importância econômica já era reconhecida em todo o mundo. Informações eram veiculadas tanto em meios de comunicação especializados (revistas e boletins técnico-científicos), quanto em meios de comunicação de massa (jornais diários, programas de rádio e televisão), divulgando os aspectos positivos do turismo em toda a sua plenitude (REJOWSKI, 1996 p. 59).

Diversos segmentos da sociedade, empresários, políticos e estudiosos passam a se interessar pelo tema turismo. Já estavam em atuação o Conselho Nacional de Turismo – CNTur e a Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, criados em 1966. Publicam-se livros sobre temas básicos; fundam-se os primeiros cursos superiores; realizam-se os primeiros eventos acadêmicos de caráter técnico-científico; defendem-se as primeiras dissertações e teses na área. O discurso do professor Mário Carlos Beni, na abertura do I Congresso Nacional de Turismo, em 1975, traduz bem o papel dos cursos superiores.

A partir da instalação do I Curso Superior de Turismo no Brasil, a fase de improvisação, adaptação e repentinidade, começa a ser seriamente ameaçada. O turismo improvidente, desgovernado começa a ser criticamente analisado. São muitos os que hoje se preocupam com sua problemática, mantendo-se em permanente atividade de reflexão e vigília. [...]

O turismo no Brasil deixou de ter somente uma posição política administrativa empresarial e passou a constituir-se também, agora, em um assunto de ordem técnica e científica, e como tal deve ser encarado [...]. (REJOWSKI, 1996 p. 60)

Na década de 1970, houve um incremento na atividade turística – o setor privado expandiu e houve a abertura de um novo mercado de trabalho. Criou-se espaço para a implantação de formação superior na área mediante a necessidade de profissionais capacitados para o setor. Surgem, assim, os primeiros cursos superiores de turismo (bacharelado), inicialmente na cidade de São Paulo, e oferecidos por instituições de ensino privadas.

Conforme Trigo (2000, p. 245):

Foi neste contexto, rico em crises e sonhos, que a educação em turismo foi implantada no Brasil. Um novo curso para um país promissor que se descobria herdeiro das benesses do futuro, um curso que encontrava sua vocação plena em um paraíso tropical repleto de belezas naturais ainda intocadas; enfim, o país do futuro encontrava a profissão do futuro.

O Conselho Federal de Educação – CFE, em fins de 1960 e início da década de 1970, teve papel significativo na expansão do ensino superior e no surgimento de faculdades isoladas privadas<sup>59</sup>. Conforme Celeste Filho (2002), tais estabelecimentos particulares, criados por empresários da educação com a autorização do CFE, diversificaram o campo acadêmico, inclusive com a criação de cursos de Turismo.

Após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional de 1961, o Conselho Federal de Educação (CFE) – órgão criado pela LDB – se preocupou em esclarecer o que ele propunha como currículo. Após vários debates no CFE, ficou decidido que o currículo mínimo seria nacional, basicamente profissionalizante, e especificidades regionais entrariam na parte complementar do currículo. Assim, desde a promulgação da LDBEN cabia ao CFE a fixação de currículos mínimos dos cursos de graduação. Os objetivos da fixação de um currículo mínimo consideravam a uniformização dos cursos em instituições diferentes, fixando, inclusive, disciplinas e carga horária, restringindo as possibilidades de inovação por parte da instituição.

Celeste Filho (2002, p. 33) salienta que,

No final da década de 1960, início da década de 1970, simultaneamente à possibilidade de criação de cursos técnicos de nível superior, se processa a reforma do ensino médio, que passa a fornecer obrigatoriamente formação profissionalizante. É neste contexto da reforma universitária de 1968, anterior à Lei 5692 de 1971 de reforma do ensino médio, que é criado o currículo mínimo de Turismo. Inicialmente para um curso técnico profissionalizante de nível médio, em 1969, e como currículo mínimo para cursos de nível superior em janeiro de 1971.

---

<sup>59</sup> Para aprofundar ver: CELESTE FILHO, Marcioniro. *A institucionalização do turismo como curso universitário: décadas de 1960 e 1970*. Mestrado em Educação. PUC/São Paulo, 2002.

O Curso Superior de Turismo é criado a partir do Parecer nº 35/71, do Ministério da Educação, organizado pelo relator conselheiro Roberto Figueira Santos e aprovado em 28 de janeiro de 1971 (ANEXO B). O Conselheiro Celso Kelly, quando integrava o 1º Grupo da Comissão de Revisão de Currículo Mínimo do CFE, elaborou um estudo que concluía pela proposta de mínimos de duração e conteúdo de um curso de nível superior para a formação de planejadores de turismo. Não obstante, o anteprojeto de portaria Ministerial, incluindo o elenco de disciplinas e a duração que representariam as exigências mínimas para o reconhecimento desses recursos, foi objeto de extensa controvérsia na Comissão e, posteriormente, no plenário do Conselho. Com o intuito de procurar conciliar os pontos de vista adotados por vários conselheiros naqueles debates, foi elaborado um substitutivo à proposta do conselheiro Celso Kelly, que foi submetido ao plenário do CFE.

Esse parecer deu base à Resolução s/nº de 28/01/1971, do CFE, que fixou o conteúdo mínimo de um curso de nível superior para a formação de “planejadores de turismo” e a duração do curso superior de turismo. Ficou estabelecido um mínimo de 1600 horas, com as seguintes matérias: Sociologia, História do Brasil, Geografia do Brasil, História da Cultura, Estudos Brasileiros, Introdução à Administração, Noções de Direito, Técnica Publicitária e Planejamento e Organização do Turismo.

O primeiro currículo foi elaborado pelo professor Domingo Hernández Peña<sup>60</sup>, após obter informações nas escolas europeias, adaptando à realidade brasileira. Os primeiros cursos de turismo foram implementados em unidades universitárias autônomas ou ligados aos igualmente novos cursos de artes e comunicações.

Em uma entrevista com Domingo Hernández Peña, realizada por Camila Lucchesi (2006), questionado sobre o contexto em que ocorreu a criação do primeiro curso superior de turismo no Brasil, responde:

Naquela época, início da década de 1970, ainda não havia no mundo nenhuma instituição do gênero. Entretanto, existiam pessoas, estudiosos que já tinham uma visão mais aprofundada do fenômeno turístico. Eu não fiz outra coisa senão agrupar, estruturar e sistematizar o que aprendi com eles. Assim foram criados o currículo e os conteúdos do curso da Faculdade de Turismo do Morumbi, em 1971. Foi quando aconteceu a grande revolução do turismo brasileiro, pois não havia ensino superior de turismo no mundo, apenas escolas técnicas. Ainda não existe no mundo uma consciência clara do que é um curso superior de turismo, pois as escolas técnicas são maioria lá

---

<sup>60</sup> Assessor das Secretarias de Turismo do Município e do Estado de São Paulo, diretor do escritório de Turismo da Espanha no Brasil que funcionava dentro da Câmara Oficial Espanhola de Comercio no Brasil, na década de 1960, assessor da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), consultor de veículos de comunicação e professor de turismo em diversas universidades. Apesar da diversidade de cargos ocupados, no Brasil, o espanhol Domingo Hernández Peña ficou mais conhecido por um feito inédito: a criação, em 1971, do primeiro curso superior de turismo no Brasil (pioneiro também do mundo), na então Faculdade de Turismo do Morumbi (hoje Anhembi Morumbi) entidade que o contemplou recentemente com o título Honoris Causa (LUCCHESI, 2006).

fora. Mas o técnico não resolve as grandes questões. (LUCCHESI, 2006, p. 1)

Em 1971, a Faculdade de Turismo do Morumbi (FAT), hoje Universidade Anhembi-Morumbi, instituição privada de São Paulo, que tinha como instituição mantenedora a Organização Bandeirante de Tecnologia e Cultura, iniciou seu primeiro curso superior em Turismo, foi aprovado em 24 de janeiro de 1972, pelo parecer nº 108/72, processo 667/71 do Conselho Federal de Educação.

O professor Gabriel Mário Rodrigues, no livro “Se Não Foi a Primeira, Não Foi a Segunda – O desafio de implantar a Faculdade de Turismo do Morumbi, no início dos anos 70”, conta sua trajetória, que se iniciou no segundo semestre de 1970 com o curso preparatório para os funcionários do Departamento de Obras Públicas – DOP; curso ministrado pelos fundadores da Faculdade de Turismo do Morumbi enquanto aguardavam o término das obras para o funcionamento da faculdade.

De acordo com Rodrigues (2005), a ideia de se formar a Faculdade de Turismo do Morumbi surgiu do “acaso”. Gabriel Rodrigues era arquiteto do DOP e juntou-se a dois amigos do Departamento, Vitório Lanza Filho, que era engenheiro agrimensor, e Walter Rodrigues da Silva, desenhista, para fundar uma instituição de ensino superior, a Organização Bandeirante de Tecnologia e Cultura, com a proposta inicial de criar um curso preparatório para os funcionários do DOP ingressarem em cursos superiores, além de cursos técnicos e, futuramente, uma faculdade de Arquitetura. Para formar esse curso, procuraram por locais onde poderiam instalar a escola e conseguiram um prédio que ainda estava em construção, portanto teriam que terminar a obra.

Gabriel Mário Rodrigues era atuante na escola onde suas filhas estudavam, o Colégio Pio XII – dirigido por religiosas norte-americanas. Um dia, uma dessas religiosas, a *sister* Hilda, diretora na ocasião, foi convidada por Gabriel para visitar a obra onde seria o curso para os funcionários do DOP. Após conhecer o local, *sister* Hilda perguntou, por que, ao invés de uma escola para funcionários do DOP, ele não montava uma escola com curso técnico de turismo? Gabriel e seus amigos consideraram a ideia e, após análise de mercado, perceberam que havia sim demanda para estudar turismo, considerando o crescimento do setor na época. A maioria dos interessados no curso já havia terminado o segundo grau. Assim, decidiram formar um curso superior de turismo. Como nenhum dos empreendedores tinha conhecimento dessa área, buscaram ajuda de Domingo Hernández Peña, um cidadão espanhol, que chegara ao Brasil, na metade da década de 1960, profissional de grande conhecimento. De acordo com Mário

Beni, Peña não possuía formação superior, porém teve grande capacidade para organizar o curso de turismo (RODRIGUES, 2005).

Domingo Hernández Peña aceitou trabalhar como coordenador da primeira faculdade de turismo, mas exigiu autonomia para “desenhar” o curso. Ele não queria que se estudasse apenas geografia ou psicologia, mas sim que estudasse geografia turística, psicologia turística. Queria que houvesse integração das disciplinas. Dessa forma, projetou todo o curso<sup>61</sup>, aula por aula, de todas as disciplinas. Enfim, foi o responsável pelo modo como se ensinou turismo na Faculdade de Turismo do Morumbi, nos primeiros anos (RODRIGUES, 2005)<sup>62</sup>.

Norma Martini Moesch (12/03/2009) lembra que a Morumbi atendeu a um pressuposto que era o próprio argumento do professor Gabriel Rodrigues, o seu criador.

*Criar uma faculdade de Turismo no Morumbi, no bairro de elite de São Paulo na época, onde não havia outra forma de acessar o curso a não ser em carro particular ou com seu próprio motorista, e um curso que, digamos quando os estudantes eram perguntados por que haviam escolhido esse curso, eles diziam que não tinham sentido nenhuma atração pelos cursos convencionais, [...] e esse era um curso que preparava as pessoas para as grandes viagens, era um status-quo assim fantástico, extremamente caro, então era um curso de elite, para as elites, aí, eu acho que esta o marco referencial de um ranço, de uma rejeição, que de certa maneira se perpetua até hoje.* (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

Mário Carlos Beni (06/05/2009), quando retornou do seu curso no Japão, também foi convidado para dar aulas na Faculdade Morumbi: *eu fui o professor, o primeiro professor a ser reconhecido e credenciado pelo MEC, para lecionar Turismo: Planejamento e Organização do Turismo foi a primeira disciplina depois, Teoria e técnica do turismo.* Conta que começou a ministrar disciplinas de Turismo na ECA/USP, no curso de jornalismo, com uma disciplina chamada “Turismo e o Desenvolvimento”.

A partir da criação do primeiro curso de Turismo na Faculdade Morumbi, outras instituições, inicialmente em São Paulo e, logo, nos demais estados, começam a

---

<sup>61</sup> Entre as matérias ministradas estão noções sobre Psicologia do Turismo e Psicologia Turística, Transportes, Comunicações, Relações Públicas e Sociologia Turística, Estatística, Pesquisa de Mercado e Mercadologia, História do Brasil e História da Cultura Brasileira, Economia, Política e Administração Turística, Noções de Direito e Documentação Turística. Existe, além da parte teórica, a prática, já havendo convênios firmados com entidades governamentais e particulares para estágio dos estudantes (Folha da Tarde/SP, 03/06/1972).

<sup>62</sup> A supervisão do curso ficou a cargo do eng. Augusto Tafner (diretor); arq. Gabriel Mário Rodrigues (diretor pedagógico); prof. Domingo Peña (consultor de turismo); e prof. Vitório Lanza Filho (diretor-administrativo); e mais 21 professores.

demonstrar interesse, e há uma mobilização no sentido de implantar cursos de Turismo, algumas delas tuteladas ou tomando por base o curso da Faculdade Morumbi. É o caso do Rio de Janeiro, que anuncia, pela primeira vez, um curso de iniciação ao turismo<sup>63</sup>, por iniciativa da Secretaria de Turismo e Faculdade de Turismo do Morumbi, de São Paulo, que é a única existente no Brasil na especialidade. (Correio da Manhã/RJ<sup>64</sup>, 22/05/1972)

Outra iniciativa de criação do Curso de Turismo foi da Universidade Católica de Petrópolis – UCP, no Rio de Janeiro, o segundo estado brasileiro a ter um curso superior de Turismo. Isso aconteceu no ano de 1972, através de autorização concedida pelo Conselho Superior da Instituição, nº 08, do dia 21/08/1971 e publicado no dia 21/08/1971. O reconhecimento ocorreu em 1975, pelo decreto nº 76952 de 30/12/75, publicado no Diário Oficial da União – DOU em 31/12/75, oferecendo vagas no turno da noite. A criação do curso aconteceu através de uma parceria entre a instituição e a Universidad Autonoma de Guadalajara. Dessa parceria veio a professora Rosa Maria de La Fuente, responsável pelas disciplinas de Administração Hoteleira e Alimentos e Bebidas. No ano seguinte ao início do curso, foi criado o Centro de Pesquisas Turísticas (CEPETUR), responsável por reunir dados, publicações e informações em geral que servissem de apoio aos alunos, à comunidade acadêmica e *trade*. Em 1978, o CEPETUR iniciou a publicação de um boletim, com tiragem de 3.000 exemplares, que era distribuído para instituições de ensino, entidades de classe, empresas e órgãos públicos, constando informações sobre eventos, entrevistas e dados relevantes ao setor, servindo como importante veículo de disseminação de informação<sup>65</sup> (CATRAMBY & COSTA, 2005).

Em 1982, o curso deixou de ser oferecido, reafirmando a situação nacional de estagnação econômica e dos cursos de Turismo. Em 2000, através de um dos projetos que constam do Plano Imperial – Plano Diretor de Turismo de Petrópolis (1998) para qualificação da mão-de-obra, o curso torna a ser oferecido.

Outra instituição que também começou a oferecer o curso de Turismo nesse período, foi a Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas, atual

---

<sup>63</sup> A finalidade do curso é mostrar a importância do ensino de turismo, suas vantagens como indústria e o que está sendo feito no momento e o que poderá vir a ser feito, a curto e médio prazos, aqui no Rio, em benefício da cidade e da população. O curso, que será realizado nas novas instalações das Faculdades Integradas Estácio de Sá, na Rua do Bispo, Tijuca, terá, segundo se anuncia, entre seus professores, o próprio secretário de Turismo da GB Ruy Pereira da Silva, e o diretor-presidente da Faculdade de Turismo do Morumbi, Professor Gabriel Mário Rodrigues (Correio da Manhã/RJ, 22/05/1972).

<sup>64</sup> O Correio da Manhã foi um periódico brasileiro, publicado no Rio de Janeiro, de 1901 a 1974. Caracterizou-se por fazer oposição a quase todos os presidentes brasileiros no período, razão pela qual foi perseguido e fechado em diversas ocasiões, e os seus proprietários e dirigentes, presos.

<sup>65</sup> Muitos desses boletins estão disponíveis no arquivo do Departamento de Turismo da PUCRS.



UNIBERO Centro Universitário Ibero-Americano, que tem como mantenedora o Centro Hispano-Brasileiro de Cultura de São Paulo. Essa faculdade teve seu curso aprovado em 13 de janeiro de 1972, tendo como diretor e fundador da Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas o professor espanhol Julio Gregório Garcia Morejón. De acordo com Rodrigues (2005), Morejón formou-se em Filosofia, Letras e Filologia Românica pela Universidade de Salamanca, em 1953, e chegou em São Paulo em 1954, onde inicia o seu trabalho como Professor Catedrático na USP e primeiro diretor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, permanecendo como diretor até abandonar o cargo para criar a sua própria faculdade, ou seja, a Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas.

A Faculdade de Turismo do Morumbi foi a primeira a pedir, ao Conselho Federal de Educação, autorização para o funcionamento do curso, em 19 de fevereiro de 1971, porém, devido ao bom relacionamento de Morejón com personalidades do governo, a Faculdade Ibero-Americana, que pediu a autorização em 17 de agosto de 1971, foi a primeira autorizada a ter um curso de turismo. Para Mário Beni, o fato do professor Peña não ter formação superior, atrasou o processo de autorização da Faculdade de Turismo do Morumbi, por esse motivo a Faculdade Ibero-Americana foi a primeira ser autorizada (TEIXEIRA, 2007).

A matéria do jornal Folha da Tarde/SP (03/06/1972) ressalta que as escolas de turismo iriam suprir a falta de técnicos, destacando o pioneirismo da Faculdade de Turismo do Morumbi. A notícia enfatiza:

Há muito tempo que se fala em turismo no Brasil, sem, contudo, se ter exata noção do que fazer. Se os centros mais avançados do País, como a Guanabara e São Paulo, para onde convergem grandes levas de turistas, empenham-se em implantar uma sólida infra-estrutura nesse setor, que poderemos dizer de outros Estados? Ainda se caminha às apalpadelas. Falta ao País uma tecnologia mais avançada. Não só nas estradas, hotéis, casas de diversões, ou praias, montanhas e outras paisagens, [...]. (Folha da Tarde/SP, 03/06/1972)

E complementa, destacando a importância dos cursos superiores em Turismo para a atividade turística:

Nota-se um esforço geral, desde o município do interior, até as grandes cidades, no sentido de fazer alguma coisa que atraia visitantes. A criação da EMBRATUR representou uma verdadeira injeção para o desenvolvimento turístico, pois veio dar incentivo aos acanhados conselhos, comissões, departamentos ou secretarias de turismo espalhadas pelo Brasil. Agências e empresas de turismo do setor privado também sentiram a influência daquele órgão federal. Estava, porém, faltando algo, que só agora começa a tomar vulto. Trata-se das escolas de turismo em nível superior. (Folha da Tarde/SP, 03/06/1972)

Nesse período, a Universidade Estadual de São Paulo – USP<sup>66</sup> foi a primeira universidade pública a ofertar o curso de Turismo, que nasce de um pedido do presidente da Confederação Nacional do Comércio – Conselho de Turismo, Corinθο de Arruda Falcão.

Em 27 de setembro de 1971, Corinθο encaminhou ofício ao reitor, Miguel Reale, pedindo a implantação do curso de turismo na USP. Nesse ofício, Corinθο retoma o assunto do ensino de turismo em nível universitário, que foi aprovado pelo parecer 35/71, em 28 de janeiro de 1971, relatado por Celso Kelly. Após debates na Câmara do Ensino Superior, recebeu parecer do conselheiro Roberto Figueira dos Santos, homologado pelo ministro da educação, Jarbas Passarinho que se referindo ao turismo assinala a “importância do assunto para o desenvolvimento da economia nacional” e da oportunidade dessa “prestigiosa Universidade” “diversificar” suas atividades. Ou seja, a criação do curso de Turismo na USP surgiu de um pedido externo. É interessante que o Conselho citado pertencia ao estado do Rio de Janeiro, e o pedido foi feito para que o curso fosse criado na USP, em São Paulo. Esse ofício 24 foi recebido pelo secretário geral da USP, José Geraldo Soares de Mello, no dia 05 de outubro de 1971. (TEIXEIRA, 2007, p. 34-35)

No dia 20 de outubro de 1971, Modesto Farina, coordenador do CRP (Centro de Relações Públicas da USP – atual Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo), encaminhou ofício nº 13/71 ao prof. Mário Carlos Beni, solicitando que estudasse e sugerisse uma estrutura de curso de turismo na ECA. Pediu urgência, pois um anteprojeto do curso deveria ser apresentado em reunião de Comissão Diretora, do CRP, no dia 19 de novembro de 1971 (TEIXEIRA, 2007).<sup>67</sup>

Beni conta que quando retornou ao Brasil, após sua qualificação, começou a imaginar um curso de Turismo na Universidade de São Paulo, pois já havia o esboço da Anhembi Morumbi.

*Não foi difícil convencer o diretor da época, o professor Manuel Dias Nunes que nos aconselhou a propô-lo pelo Departamento. Imediatamente por iniciativa do Prof. Dr.*

<sup>66</sup> Sobre a criação do Curso de Turismo na ECA/USP, ver: CELESTE FILHO, Marcioniro. *A institucionalização do turismo como curso universitário: décadas de 1960 e 1970*. Mestrado em Educação. PUC/São Paulo, 2002 e TEIXEIRA, Sérgio Henrique Azevedo. *Cursos superiores de turismo: condicionantes sociais de sua implantação: uma abordagem histórica (1968/1976)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco. Itatiba, 2007.

<sup>67</sup> Mário Beni confeccionou o anteprojeto contendo os “objetivos e necessidades de implantação do curso de turismo na Escola de Comunicações e Artes da USP”, abordando na introdução a importância da Educação como “o fim intermediário rumo à produtividade e bem estar; [...]”. Considerando ainda: “O turismo, entidade aculturadora, vai cada vez mais se definindo como uma poderosa indústria, a ponto de hoje já ser colocada em segundo lugar, entre todas, em movimentação de capitais, só perdendo para a indústria do petróleo” e depois fala dos benefícios econômicos do turismo e diz que só os países que tiverem profissionais especializados gozarão desses benefícios. Beni lembra, em seu anteprojeto, a frase de Jarbas Passarinho, ministro da educação, que diz: “O Brasil precisa de Técnicos de turismo”. Depois, Beni faz a “Adaptação ao esquema do parecer 35/71 do Conselho Federal de Educação”, onde explana sobre o curso e aponta algumas dificuldades encontradas para a sua implantação, a saber: 1) Organizar o currículo, dificultado pelo fato de não haver modelos consolidados para o ensino de Turismo. 2) Adaptar o Curso ao parecer nº 35/71 do Conselho Federal de Educação que impôs as cadeiras obrigatórias a serem ministradas, bem como a carga horária mínima. 3) Adaptar o Curso de Turismo à Filosofia Educacional da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (TEIXEIRA, 2007).

*Modesto Farina Chefe do CRP e aprovado pelo Conselho Departamental e Congregação da Escola, fui designado a propor a primeira estrutura curricular de um Curso de Turismo numa universidade pública que foi, exatamente a de São Paulo que sucedeu a do Anhembi, a Faculdade de Turismo do Morumbi tendo, também organizado o Curso de graduação em Turismo da Faculdade Ibero-Americana. (Mário Carlos Beni, 06/05/2009)*

Mário Beni, sabendo que era um curso novo e que ia ter resistência do Conselho Universitário, estrategicamente procurou trazer professores de outras unidades públicas. O primeiro chefe de Departamento do Curso de Turismo foi o professor Penteado, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Para Beni, foi um curso que começou já com uma característica multi e interdisciplinar, pois, nesse período, já se preocupava com essa questão, porque entendia que o turismo precisava ser desenvolvido com esses enfoques multi e interdisciplinares (PANOSSO NETTO, 2005)<sup>68</sup>.

Para Santos Filho (2003, p.01) “o fenômeno do turismo só vai ser visto epistemologicamente como mais próximo de nossa realidade e cercado como objeto de estudo acadêmico e científico com a criação, em 1973, do curso de turismo na Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes – USP/ECA”.

Nesse período, várias instituições estavam empenhadas em organizar seus cursos de Turismo. “A direção da Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está realizando estudos para fixar o currículo pleno do Curso Superior de Turismo, o primeiro no âmbito estatal promovido no País e que deverá entrar em funcionamento durante o segundo semestre deste ano ou no máximo em março de 1973” (Correio da Manhã/RJ, 27/05/1972).

Em 1972, também há a expectativa de início, para o segundo semestre, ou no mais tardar em março de 1973, do Curso Superior de Turismo<sup>69</sup>, na Guanabara, ligado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Também há informações sobre o funcionamento na capital de Pernambuco de uma Escola Superior de Turismo, para formar técnicos capazes de desenvolver e sustentar uma eficiente estrutura turística no Nordeste (Folha da Tarde/SP, 03/06/1972).

---

<sup>68</sup> Panosso Netto (2005) realizou entrevista com seu orientador de Doutorado, professor Mario Carlos Beni, no dia 09/06/2004 em São Paulo, publicada no artigo “Mário Carlos Beni Fala”, que é parte da história da educação em turismo no Brasil.

<sup>69</sup> O curso destina-se a formar profissionais para o planejamento e organização do turismo, atendendo, assim, à crescente demanda de pessoal especializado para o setor, que vem contatando serviços técnicos no estrangeiro, devido ao crescimento das atividades turísticas. (Folha da Tarde/SP, 03/06/1972)

Outras faculdades de turismo foram criadas por todo o Brasil, e não há consonância, entre os autores, que já analisaram o tema, com relação à ordem cronológica em que essas foram criadas.

Ano	Instituição	Cidade/Estado
1971	Faculdade do Morumbi	São Paulo/SP
1972	Universidade Católica de Petrópolis	Petrópolis/ RJ
1972	Universidade de São Paulo	São Paulo/SP
1972	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Porto Alegre/ RS
1972	Instituto de Cultura e Ensino Padre Manoel da Nóbrega	São Paulo/SP
1972	Associação de Ensino de Ribeirão Preto	São Paulo/SP
1972	Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas	São Paulo/SP
1973	Faculdade de Turismo da Guanabara	Rio de Janeiro/RJ
1973	Faculdade de Ciências Exatas, Administrativas e Sociais – União Pioneira de Integração Social	Brasília/DF
1973	Faculdade Ideal de Letras e Ciências Humanas de São Paulo	São Paulo/SP
1973	Associação Nacional de Ensino e Cultura	São Paulo/SP
1974	Faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Alonso	Rio de Janeiro /RJ
1974	Faculdade da Cidade	Rio de Janeiro/RJ
1974	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	Campinas/SP
1975	Faculdade Niteroiense de Educação, Letras e Turismo <sup>1</sup>	Niterói/RJ
1975	Universidade Católica de Pernambuco	Recife/PE
1976	Faculdade Associação Educacional do Litoral Santista	Santos/SP
1976	Faculdade Capital de Administração e Estatística	São Paulo/SP
1976	Organização Santamareense de Educação e Cultura	São Paulo/SP
1976	Universidade Federal de Pernambuco	Recife/PE
1978	Universidade Federal do Paraná	Curitiba/PR

Quadro 2. Alguns Cursos Superiores de Turismo, criados na década de 1970, no Brasil<sup>70</sup>  
Fontes: Celeste Filho (2002); Trigo (2000); Matias (2002); O autor (2010)<sup>71</sup>

Conforme o quadro, podemos verificar que os cursos de Turismo, na sua maioria, foram criados em instituições isoladas (responsáveis pela formação profissional em larga escala). Poucos foram criados em universidades, especialmente as públicas, que seriam as responsáveis pelas pesquisas.

Convém salientar que muitos estudos não se reportam à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; somente Beni (2003) e Matias (2002) citam a PUCRS.

Os primeiros cursos de Graduação em Turismo foram fundamentados, em parte, pela experiência espanhola; implantados na década de 1970 em meio a uma conjuntura de ditadura militar de modelo desenvolvimentista, voltados para a economia de mercado e criados dentro de uma perspectiva tecnicista e mercadológica.

<sup>70</sup> O quadro não está em ordem cronológica. Os anos de criação de alguns cursos divergem de autor para autor; em alguns casos, a data refere-se ao início do curso e, em outros, ao autorização pelo CFE.

<sup>71</sup> Outros tantos cursos de Turismo foram elaborados, e conforme Celeste Filho (2002) nem todos os processos foram aprovados pelo Conselho Federal de Educação, como é o caso, no segundo semestre de 1972, do Instituto Educacional Tereza Martins – São Paulo/SP e, em 1973, da Sociedade Regional de Tecnologia e Cultura – Recife (PE) que tiveram seus pedidos indeferidos para o funcionamento de Curso de Turismo.

Ao analisar o período de criação de cursos de turismo, Celeste Filho (2002, p.5) resgata o 1º Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), projetado para os anos de 1972 a 1974, por meio do qual se manifestou o desejo do Estado Brasileiro em oferecer “especial apoio ao incremento do turismo, tanto de correntes turísticas internacionais como nacionais, dotando-se as regiões propícias de condições favoráveis”. Na época, o sistema educacional estimulado e orientado pela política oficial procurava priorizar a área tecnológica. Os cursos que formassem profissionais aprimorando a mão-de-obra, como os de turismo, num vínculo entre universidade e empresas, não contrariavam o que o Estado desejava (CELESTE FILHO, 2002).

Nesse período também havia um questionamento se o Brasil deveria criar cursos de graduação em Turismo, ou se deveriam ser cursos de Pós-Graduação. Na reportagem com o título “Profissionalização preocupa a EMBRATUR”, o presidente Paulo Manoel Protásio, durante a I Reunião Oficial de Turismo, manifesta o receio de que “a profissionalização do turismo, apesar de essencial sofra uma proliferação, formando técnicos ‘frustrados’ e não especialistas em turismo”. Acredita que, em vista da necessidade de formação de pessoal especializado no setor de turismo, no Brasil, maior que a nossa capacidade de gerar essa formação, poderia, no máximo, se falar em pós-graduação em turismo, dispensando, no caso, as chamadas faculdades de turismo, cujos planos não foram ainda aprovados pelo Conselho Federal de Educação, mas que, no entanto têm projetos de criação em vários estados (Jornal do Comércio/RS, 07/06/1972).

Defendendo a criação de cursos de pós-graduação em turismo e considerando que não parece ser o melhor caminho para a formação de profissionais a implantação de Faculdades de Turismo, o presidente da EMBRATUR manifesta a preocupação do órgão que dirige em relação às faculdades de turismo que estavam surgindo, acentuando que o principal receio é o de que “elas proliferem de forma inadequada formando pessoal que saiba apenas um pouco de cada setor do turismo, que envolve diversos níveis, contribuindo para a frustração profissional de muitos” (Diário de Notícias/RS, 07/06/1972). Mostra-se frontalmente contrário aos “‘canudos de turismo’, afirmando que ‘de nada adianta um curso universitário sobre turismo’. Acentua que essa área precisa essencialmente de técnicos capazes de assumir papéis concretos, ou de gente altamente especializada num determinado campo – engenharia, economia, administração – que, ao mesmo tempo, se aperfeiçoou em turismo”. (Correio do Povo/RS, 17/07/1972, p. 19)

Conforme Norma Moesch, Paulo Protásio definiu os cursos de Turismo como: “Formação de Doutores em Ciências Incríveis e Absolutas” (Diário de campo, 14/05/2010).



Ilustração 8 – Correio do Povo/RS, 22/10/1972, p. 41

Em 1973, por mais de uma vez, o presidente da EMBRATUR deixa claro que é contrário às Faculdades de Turismo, com exceção da de Santa Maria/RS que tinha como proposta um curso de Pós-Graduação, especialização em Turismo. O diálogo entre as instituições de ensino e a EMBRATUR, nesse período, torna-se difícil, como podemos observar na matéria a seguir:

Certa vez, no aeroporto do Galeão, o dirigente da EMBRATUR [Paulo Manoel Protásio], afirmou-nos que fazia restrições ao currículo das escolas, que não tinha conhecimento da qualificação profissional, do seu corpo

docente e que não via no momento necessidade de sua implantação. Indagamos então do presidente se ele não acha oportuno aceitar alguns dos convites que lhe haviam sido dirigidos pela direção da Faculdade de Turismo do Morumbi, pois assim teria oportunidade de manter um diálogo franco e justificar seu posicionamento. Ele contestou a existência desses convites. Chamou um de seus assistentes imediatos. Esse disse nada saber a respeito. Afirmamos então que em nosso poder, além da cópia dos convites, existem cópias de informações as mais variadas sobre a escola – tudo com o timbre “protocolado” da EMBRATUR. Entre o nosso encontro com o presidente Protásio, o Galeão e o Seminário realizado no SENAC, passaram-se alguns meses. Provavelmente o tempo necessário para o presidente reformular sua posição. Para essa nova forma de ver as coisas do dirigente da EMBRATUR muito colaborou o assessor do presidente José Papa Junior, da Federação do Comércio. Na realidade foi Affonso A. Di Transi Splendore, conselheiro do SENAC quem promoveu o encontro do presidente com os dirigentes das faculdades. Deste primeiro contato saíram alguns acordos, entre eles o da presença da EMBRATUR nas faculdades para uma conversa com os estudantes. Foi um bom começo, embora o órgão federal tenha proposto somente conversar com os universitários. (O Estado de São Paulo/SP<sup>72</sup>, 21/10/1973, p. 2 Suplemento de Turismo)

Norma Martini Moesch (12/03/2009) recorda bem desse fato, que, na época, pareceu uma afronta à educação superior em turismo:

*havia um presidente da EMBRATUR na época, o Paulo Manoel Protásio, que era o terror de todos os estudantes de turismo do Brasil e Argentina, alimentávamos um fervoroso rancor por essa pessoa, porque ele havia dito e dado um pronunciamento que era uma tonteira as universidades abrirem as portas para criarem cursos superiores de turismo, no caso, era assim chamado, porque de acordo com nossos currículos, e aí eu vou chegar aos currículos, as Universidades, as IES estariam se propondo a formar doutores em generalidades, que a rigor não poderiam dar conta de nenhuma missão profissional. Então realmente ele desconstituiu essa inovação, que foi originalmente criada pela Morumbi.*

Diante das dificuldades, a Faculdade de Turismo do Morumbi elabora o artigo “O papel das universidades no desenvolvimento do país” (Correio do Povo/RS, 26/10/1972, p. 13), em que discorre sobre os cursos de turismo no panorama nacional, conforme a matéria a seguir.

---

<sup>72</sup> O Estado de S. Paulo é um jornal fundado com base nos ideais de um grupo de republicanos, em 4 de janeiro de 1875. Nessa época, o jornal se chamava A Província de São Paulo. Ao final do século XIX, o Estado já era o maior jornal de São Paulo. Atualmente, o jornal permanece em circulação no Brasil, com uma média diária de 250 mil exemplares em dezembro de 2007.



# ENSINO DE TURISMO

Considerando o papel importante que aos cursos de turismo cabe no panorama do desenvolvimento brasileiro, a revista "Estudos Turísticos", editada pela Faculdade de Turismo do Morumbi, São Paulo, publicou este editorial, sob o título de "O Papel das Universidades no Desenvolvimento do País":

Um dos principais fatores de desenvolvimento de um país é o sistema educacional. Quanto mais evoluído, mais apurado é a sua cultura e avançada é a sua técnica educacional, cabendo às universidades o papel da formação das lideranças que vão se preocupar com o destino político, econômico e cultural da Nação.

As escolas que se iniciam, procurando encontrar soluções para velhos problemas, sempre são recebidas com uma expectativa, nem sempre alentadora. Com a mesma resistência que os "donos de soluções" receberam a criação da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica de São José dos Campos, a Escola de Comunicações da U.S.P., para não citar outras, assim está sendo acolhida a Faculdade de Turismo do Morumbi.

Apenas pelo fato da Escola ter de se preocupar em estudar e avaliar um determinado fenômeno em termos impessoais, precisando ver apenas o que interessa, ao bem da comunidade, ela pode estar correndo o risco de não encontrar soluções, para quem esteja acostumado a ganhar dinheiro fácil ou tenha preocupações iminentemente pessoais.

Em matéria de turismo, interessa ao país uma filosofia. Emissor ou receptor ou em termos mais simples: ou o país envia pessoas ou as recebe. As características óbvias

do Brasil, estágio de desenvolvimento, natureza privilegiada, país tropical, 350 dias banhados de sol, povo acolhedor, etc., é de país receptor. Análise gritante, sem computadores e sem grandes operações matemáticas. Mas, o que se vê: — uma balança de pagamentos em turismo, onde o saldo desfavorável é de mais de 100 milhões de dólares.

Uma análise comparativa com outros países pode ser feita: vamos fazer com a Espanha, que no após guerra depositou todo o seu esforço no turismo. E o turismo era a sua única saída e todos os planos deram resultado, mas uma grande parte dos empreendimentos turísticos espanhóis, pertence a grupos estrangeiros (alemães, ingleses, holandeses), sendo a fatia do bolo, mais gostosa dos 30 milhões de turistas que deixam seus dólares na Espanha remetida ao exterior.

Cabe às Universidades analisar se esta foi uma atitude certa para não cometer os mesmos erros.

Não somos absolutamente contra a aplicação de capitais estrangeiros no país, o que desejamos é esclarecer que o investimento e o "know how" aplicado numa indústria é completamente diferente no turismo, onde o equipamento mais apropriado não vem de fora: está no país. Turismo é prestação de serviço.

Não vamos agora, no Brasil, propiciar para grupos estrangeiros, associados ou não a empresas brasileiras, os incentivos e as facilidades conquistadas pelos nossos empresários, depois de muitos anos de sacrifício e lutas.

Não vamos nos esquecer dos pioneiros que a risco próprio, com sangue, suor e lágrimas, criaram nos quatro cantos da Pátria, os empreendimentos que até hoje sustentam nossa indústria turística.

O trabalho que as Escolas de Turismo têm de inicialmente suportar é o de formar a mentalidade que possa mostrar aos nossos governantes o caminho certo, por onde o Brasil poderá se desenvolver através do turismo. Por este motivo, nossa preocupação se torna imensamente maior, quando verificamos que, pelo Currículo Mínimo do Conselho Federal de Educação, em apenas 2 anos poderemos formar planejadores de turismo, o que não deixa de ser uma resolução que precisa ser imediatamente revista, pois neste espaço de tempo mínimo de 1.800 horas/aulas, em sua consciência, não dá para formar um profissional que esteja habilitado a lidar com economia, administração, comunicações, planejamento, áreas técnicas específicas da profissão, e tenha uma base cultural alicerçada nos conhecimentos de geografia, história, história da cultura, psicologia, sociologia, etc.

A responsabilidade das escolas de turismo na formação de técnicos que vão lidar com os planos desenvolvimentistas, é imensa, cabendo aos órgãos do Ministério de Educação e Cultura, por seu papel normativo, a incumbência de prover da melhor maneira o elenco de disciplinas capazes de propiciarem um currículo mínimo, dentro das aspirações nacionais.

E preocupação de todas as Nações, conseguirem sua justa parcela na distribuição dos lucros advindos desta indústria, que ano após ano progride de maneira assustadora (Só para exemplo, no ano 2001 teremos 3,5 bilhões de pessoas viajando pelo mundo, carregando cerca de 350 bilhões de dólares).

E esta nossa missão, alertar, ensinar e criar uma filosofia de trabalho. Turismo é atrair pessoas. O resto, é "turismo" para os outros.

Ilustração 9 – Correio do Povo/RS, 26/10/1972, p. 13

Joel Andrade Loes<sup>73</sup>, em outubro de 1973, analisa os caminhos práticos que devem ser trilhados com urgência pelas faculdades de Turismo. Considera o tipo de estudo que as escolas oferecem a seus alunos:

reside aí o "calcanhar de Aquiles" do problema. Pesquisas, trabalhos em grupo e levantamento formam em linhas gerais os trabalhos práticos oferecidos pelas escolas e seus alunos. Ao realizá-los, eles criaram alguma literatura turística que hoje constitui ponto inicial para os que começam o curso. Ninguém ignora que pouco ou quase nada se tem no Brasil a respeito do assunto, em termos didáticos. O que existe é importado e muitas vezes inaplicável à realidade brasileira. O que se reclama para o chamado trabalho

<sup>73</sup> Joel Andrade Loes atuou como locutor de esportes da Rádio Difusora FM e Sete Colinas. Após breve passagem por uma rádio do Rio de Janeiro, retornou à cidade natal para trabalhar no jornal O Correio Católico. Em 1967, ingressou no jornal O Estado de São Paulo, mais precisamente no suplemento de Turismo, atual Caderno de Viagem, onde atuou como repórter e fotógrafo, passando a editor e, mais tarde a editor-chefe, cargo que ocupou até se aposentar. Após sua saída do jornal, durante alguns anos se dedicou a projetos na área de Turismo, além da produção de artigos e matérias para revistas especializadas. Foi também editor do Jornal Panrotas, entre 1993 e 1997, ano de seu falecimento.



prático é bem mais que isso. É a criação de autênticos laboratórios que permitam ao aluno conhecer o funcionamento de uma agência de turismo, a sistemática administrativa de um hotel, o mecanismo de uma transportadora, etc. Estes conhecimentos são de vital importância para os alunos e significam o documento maior para o seu ingresso em qualquer destas áreas. (O Estado de São Paulo, 21/10/1973, p.2 Suplemento de Turismo)

Loes também diz que, até aquele momento, não havia nenhuma participação da EMBRATUR na solução do problema, mas acreditava que poderia atuar junto aos dirigentes das escolas e o MEC na reformulação do que estivesse errado e na adoção de outros esquemas<sup>74</sup>. Lembra que o momento era de entrosamento total e não de defesa isolada desta ou daquela faculdade. “Nos próximos anos, a presença dos primeiros técnicos se fará sentir no mercado turístico e do êxito deles dependerá, em muito, a continuidade da preferência dos jovens pela nova indústria brasileira: o turismo” (O Estado de São Paulo/SP, 21/10/1973).

Todos esses questionamentos podem ter contribuído para que o Secretário de Turismo do Rio Grande do Sul, Edison Batista Chaves, também manifestasse essa preocupação em relação aos cursos de Turismo. Conta que, na época, existiam duas iniciativas no estado, em relação a cursos de Turismo: a iniciativa da Universidade de Santa Maria e a outra da PUCRS. Chaves entende que em função do Plano e dos acontecimentos relacionados ao turismo nesse período, criou-se uma expectativa muito grande de um novo mercado de trabalho e isso lhe causava uma certa preocupação.

*Eu até fui muito criticado na época, porque eu não queria que as universidades criassem o curso só porque tinham uma oportunidade de criar o curso, compreende? Então, tinha a iniciativa da Universidade Federal de Santa Maria, o professor José Mariano da Rocha Filho, e com o Mariano da Rocha, nós discutimos muito esse curso, eu estou falando, em uma época em que a Universidade estava em construção, [...]. Ele me procurou e eu fui diversas vezes e, fui tantas vezes que eu tenho até a medalha do mérito universitário da Universidade de Santa Maria porque eu acho que eu colaborei em algumas coisas lá!.*  
(Edison Batista Chaves, 06/06/2008)

E a outra iniciativa foi a da PUCRS, através de Alberto André, diretor da FAMECOS, que via a possibilidade de uma escola de jornalismo e publicidade ampliar sua área de conhecimento para a área de turismo. Chaves explica que sugeriu à PUCRS que criasse, na cadeira de estatística, uma cadeira de estatística turística; que no curso de

<sup>74</sup> Criando a obrigatoriedade de trabalho prático no mais amplo sentido, a EMBRATUR poderia fazer com que estas áreas absorvessem uma porcentagem de alunos egressos das faculdades. Tal medida beneficiaria o turismo em todo sentido – o aluno teria um diploma que de fato abriria novas oportunidades a ele e as empresas aprimorariam seus serviços tecnicamente. (O Estado de São Paulo, 21/10/1973)

Jornalismo tivesse uma cadeira sobre o que é o turismo, enfim, que cada curso estudasse turismo, e não concentrar em um curso específico, porque para trabalhar em turismo tem que entender de diversas áreas.

Em Santa Maria desistiram de um curso de graduação em turismo. Edison Batista Chaves (06/06/2008) julga essa desistência se deu por suas ponderações, embora as tenham utilizado para a elaboração de outros cursos.

*Eu ponderava o seguinte: eu achava que turismo era um negócio bastante complexo, multidisciplinar, e que era difícil, tentar dar a um curso, para uma única pessoa e que essa pessoa iria sair entendendo tudo de turismo. Essa pessoa tinha que, acima de tudo, saber trabalhar com outras profissões. Então, a minha idéia não era criar o curso, e eu estou te trazendo aqui um recorte de jornal que tem uma manchete só para tu ver como eu fui malhado na época, que eu dizia que “Ninguém entende de turismo, nem eu”, eu sendo secretário. Que realmente, o que eu queria dizer com isso é o seguinte: eu entendia que existia um setor turismo, que tinha que ser econômico, que tinha que ter estrutura de gasto, enfim, tinha que dar uma resposta econômica, não é, para ser auto-sustentável e para enriquecer, dar emprego, enfim, todas as coisas que, que o setor econômico faz. Mas que não tinha todos os conhecimentos do turismo, isso é que eu quis dizer, isso que é manchete. (Edison Batista Chaves, 06/06/2008)*

Durante a entrevista com Edison Batista Chaves (06/06/2008) e nas reportagens dos jornais, podemos constatar a presença constante do reitor da UFSM, José Mariano da Rocha Filho, nas reuniões, encontros, discussões na área de Turismo e de várias visitas ao Secretário de Turismo, o que demonstra que havia um grande interesse e uma participação da UFSM nas ações relacionadas a essa área.

O jornal Correio do Povo/RS (05/05/1972, p.09) anuncia que um Curso de Especialização para Formação de Técnicos em Administração em Empresas Turísticas seria implantado na Universidade Federal de Santa Maria, em julho daquele ano, com duração de quatro meses, sob o patrocínio da SUDESUL e com a colaboração dos governos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, através de seus órgãos especializados. A medida pioneira, oriunda de projeto da SUDESUL, foi aprovada em reunião com a participação do secretário de Turismo do Rio Grande do Sul, prof. Edison Baptista Chaves, prof. Carlos Alberto Goulart, diretor do Departamento Agrícola Industrial da SUDESUL, professores Luiz Gonzaga Isaia e Pedro Lecueder Aguirre, ambos da UFSM; Alberto Garcez Duarte Filho, da PARANATUR; Henrique de Bastos Malta, do DEATUR de Santa Catarina; Renato Masina da CRTUR; Marcello de Moura e Silva Bitencourt, responsável técnico pelo Grupo Técnico de Turismo da

SUDESUL; e professora Dancy Caetano Ramos, assessora técnica da Divisão de Educação do Departamento de Recursos Humanos da SUDESUL. O curso era uma das etapas das atividades conjuntas que objetivavam a implantação do Plano Regional de Turismo elaborado pela SUDESUL.

Em 1973, atendendo convite pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), por meio de seu Presidente, Paulo Antunes Protásio, à UFSM, o Reitor, depois de ouvir o Conselho Universitário, aprovou o funcionamento de um Curso de Pós-Graduação em Turismo (o primeiro do Brasil), que foi instalado no CCJEA – Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas, que teve alunos graduados vindos dos três Estados do Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Para compor o corpo docente, viajei para a Espanha, Itália e Suíça, de onde a UFSM trouxe mestres para lecionar. (ISAIA, 2006, p. 350)

Para sua aula inaugural foi convidado o Ministro de Indústria e Comércio, Marcus Vinícius Pratini de Moraes.



Ilustração 10 – Correio do Povo/RS, 13/07/1972, p. 13

O coordenador do curso, professor Pedro Lecueder Aguirre e o assessor da SUDESUL, Renato Masina, realizaram a seleção dos alunos e explicaram os objetivos e o funcionamento do curso.

# Selecionados candidatos para o Curso de Turismo

O coordenador do Curso de Técnicos de Empresas Turísticas para os Estados da Região Sul, professor Pedro L. Aguirre, da Universidade Federal de Santa Maria e o assessor para assuntos turísticos da SUDESUL, Renato Masina realizaram, na Secretaria de Turismo, a seleção dos candidatos gaúchos que participarão do primeiro curso para graduados que passará a funcionar a partir de agosto próximo. Entre os inscritos, foram selecionados — através de um teste geral e entrevistas individuais — 10 candidatos, correspondentes à quota de participação do Rio Grande do Sul que, com Santa Catarina e Paraná preencherão as 30 vagas existentes.

## FORMAÇÃO DE TÉCNICOS

Segundo adiantou o professor Aguirre, o curso vai dar desenvolvimento ao Plano Regional de Turismo, preparando elementos e credenciando os recursos humanos para a implantação do Plano. — Formará especialistas técnicos de empresas turísticas, que passarão a atuar como assessores de execução. Um período de estágio possibilitará aos formandos a escolha da área onde pretendem atuar: agências de viagens, transportes, hotelaria e outros setores afins. O professor Renato Masina definiu técnico em empresa turística e profissional com título universitário que obtenha capacitação necessária para desempenhar, de forma profissional, os níveis de trabalho diretivo ou gerencial em empresas, atividades ou indústrias turísticas tais como hotéis, agências de viagens, transportes. Disse que este tipo de profissional destina-se a cobrir os mais altos níveis da atividade turística em termos micro-econômicos e que através dos

estudos realizados pela SUDESUL para elaborar o Plano Regional de Turismo ficou constatada a inexistência destes profissionais.

Inicialmente, o curso está aberto a qualquer profissional de nível universitário, mas se destina, preferentemente, a graduados em Economia, Ciências Contábeis e Administração de Empresas.

O curso terá duração de um semestre e uma carga horária, no conjunto das cadeiras, de 600 horas, desenvolvendo-se em jornada integral de oito horas, com uma semana de cinco dias úteis. A dinâmica do currículo obedecerá a um esquema que inclui seminários, conferências, painéis, trabalhos em grupo, visitas a empresas e órgãos de turismo, apresentação de áudio-visuais e realização de planos de trabalhos aplicados à empresa.

Os professores serão o consultor da OEA para Assuntos Turísticos no Brasil e consultor do Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo, Eduardo Rios Neto e professores do Curso Superior do Morumbi (pertencentes à Organização Bandeirante de Tecnologia e Cultura, de São Paulo, e a equipe técnica da SUDESUL e professores da UFSM.

## Palestras na Semana Ruralista de Sobradinho

Inicia terça-feira próxima a Semana Ruralista de Sobradinho, que abrangerá seis distritos e a sede do município, com doze dias de palestras em cada local.

Ilustração 11 – Correio do Povo/RS, 16/07/1972, p. 10

Os professores Luiz Gonzaga Isaia e Pedro Aguirre (coordenador) foram os responsáveis pela montagem do curso, que, além da capacitação técnica, propiciava uma conscientização do turismo como fonte econômica em termos empresariais<sup>75</sup>, através do seguinte currículo: História e Geografia turística – Princípios de economia turística – Contabilidade de empresas turísticas – Direito Administrativo – Direito Trabalhista – Direito Fiscal e Legislação Turística, incluindo ainda Organização e Administração de

<sup>75</sup> O curso tem por objetivo proporcionar uma capacitação profissional aos elementos que atuam ou venha atuar no setor turístico da região sul, capacitando-os para ocuparem cargos de direção, gerência, administração de qualquer empresa, indústria ou atividade turística. (Quero-quero/RS, 29/09/1973)

Empresas Turísticas. Foi ministrado por professores nacionais e estrangeiros, com aulas didáticas e estágios em firmas especializadas no ramo<sup>76</sup>. Durante o curso, os alunos<sup>77</sup> participaram de um congresso de nível internacional em São Paulo, promovido pela COTAL (Confederação das Organizações Turísticas da América Latina), com a presença de sessenta países de todo o mundo. Depois, na UFSM, realizou-se o I Seminário de Estudos Turísticos da região sul, com a finalidade de mostrar a realidade turística de seus Estados. Participaram representantes da EMBRATUR, SUDESUL, DEATUR, PARANATUR, SETUR, CRTUR, Empresas privadas, Banco do Estado de Santa Catarina, Banco de Desenvolvimento do Paraná, Banco Regional de Desenvolvimento Econômico (O Quero-quero/RS<sup>78</sup>, 28/09/1973).

O jornal Quero-quero/RS de Santa Maria/RS, no dia 29 de setembro de 1973, informa que a Universidade Federal de Santa Maria e a SUDESUL, através de convênio, formaram a primeira turma de técnicos para o mercado turístico brasileiro, dentro dos padrões do Plano regional de turismo para a região sul, elaborado pela SUDESUL.

A EMBRATUR proporcionou a vinda de professores da *Cornell University School of Hotel Administration* (EUA), que ministraram um curso de 30 horas/aula sobre Gerência Financeira – Contabilidade Hoteleira e Marketing Hoteleiro –, que foi encerrado em 28 de junho de 1974. Os concluintes do “Curso de Especialização de Técnicos em Empresas Turísticas” receberam Certificados concedidos pela UFSM/EMBRATUR (ISAIA, 2006, p. 350). Falou na oportunidade o secretário de Turismo do Rio Grande do Sul, Roberto Eduardo Xavier, destacando o fato de que 80% dos formados já se encontravam empregados. (Jornal do Comércio/RS, 04/05/1973)

Foi um grande feito, pois, na época, somente funcionava um curso de Turismo (graduação) no Brasil, em São Paulo, Morumbi. A UFSM foi, assim,

<sup>76</sup> No curso de Turismo ministraram aulas os seguintes professores: Arlene Simões, Paulo Veiga Marques, Milton Monteiro, Francisco Fernandes, Antonio Carlos Fraquelli, Jane Aita Fraquelli, Checa de Codes (da Empresa Nacional de Turismo da Espanha) que lecionou a cadeira de Organização e Administração de Empresas Turísticas – Prof. Raul Cuervo, da Empresa Espanhola Tecniberia, lecionando Planos e Projetos Turísticos – Prof. Francisco Monastério, da Empresa Tecniberia – Profª. Otilia Pires Lanza, da Faculdade de Turismo do Morumbi, lecionando Psicologia Turística e o Prof. Eduardo Rios Neto, fundador da EMBRATUR, atualmente diretor de Turismo da Empresa do Estado do Espírito Santo (O Quero-quero/RS, 29/09/1973).

<sup>77</sup> Vinte e oito candidatos frequentaram o curso de especialização de técnicos em empresas turísticas. São eles Algimar Machado (SC) – Agostinha da Silva (SC) – Álvaro Jose Junqueira Nunes (PR) – Ary de Andrade Duarte Nunes (PR) – Celso Ernani dos Santos Netto (RS) – Clemente Consentino Neto (PR) – Deauth Emmendöerfer (SC) – Edson Pilar (RS) – Homero de Miranda Gomes Júnior (SC) – Jaime Roberto Hoffmann (SC) – Jose Cezar Vieira da Cunha (RS) – Leonidas Kravetz (PR) – Luis Carlos Soares Krieger (RS) – Maria Delphina Hulse Schmidt (SC) – Jussara Sabrito (RS) – Berlindo Iop (RS) – Angélica Abaide (RS) – Marise C. Schwieder (RS) – Norberto Eichstaedt (SC) – Norberto Brandi (SC) – Paulo Moura (SC) – Paulo Mascella (RS) – Vera Ohlweider (RS) – Zoerte P. Santos (RS) (O Quero-quero/RS, 29/09/1973).

<sup>78</sup> Jornal editado em Santa Maria/RS na década de 1970.

a primeira a inovar na área de pós-graduação em Turismo. Os egressos do Curso foram disputados no mercado turístico dos estados sulinos. (ISAIA, 2006, p. 350)

A palestra de encerramento do curso foi proferida por Victor Faccioni, conforme a matéria a seguir:

10 DE FEVEREIRO DE 1973

## Chefe da Casa Civil Encerrou em Santa Maria Curso Sobre Turismo

A palestra de encerramento do Curso de Especialização para Técnicos em Empresas Turísticas, ministrado pela Universidade Federal de Santa Maria, foi proferida pelo secretário Victor Faccioni, na tarde de sexta-feira última. A mesma se fizeram presentes o reitor José Mariano da Rocha, o professor Checa de Condes, diretor do Ministério de Turismo da Espanha, Lori Haens, representante da Pasta do Turismo do Estado, o prefeito Arthur Marques Pfeffer, Lourdes Fellini Sartor, da CITUR, professor Pedro Lecueder Agulre, coordenador do curso e outras autoridades.

**VALOR**

Iniciando a palestra, o deputado Victor Faccioni destacou "o valor atribuído a escolha feita pelos participantes do curso, que atingiu os seus verdadeiros objetivos, quais sejam os de propiciar a necessária capacitação profissional aos que atuam ou pretendem atuar na área do turismo no Sul do País, levando-os, não apenas a postos de responsabilidade na direção de atividades turísticas, mas, igualmente, à conscientização de que o turismo é a indústria do futuro." O secretário Faccioni destacou que investir no turismo é investir no futuro "portanto, devemos encarar-lo social, política e economicamente, em termos racionais, dentro de uma sistemática de planejamento objetivo, em termos empresariais."

**TURISMO**

Mais adiante, o secretário Victor Faccioni disse que a evolução do turismo internacional, co-

desse, o elevado custo das passagens aéreas até a realização de investimentos na infra-estrutura, tais como hotelaria e serviços correlatos, comunicações, estradas e meio de transportes."

**HISTÓRICO**

O Secretário da Casa Civil fez, também, um histórico do turismo no Rio Grande do Sul, desde a criação do SETUR, em 1950, até a instalação pelo governador Euclides Triches da Secretaria de Turismo e posteriormente da Companhia Riograndense de Turismo - CR TUR - e a Comissão Intersetorial de Turismo, que é o órgão consultivo e de assessoramento integrado que tem por finalidade a coordenação das atividades desenvolvidas pelos setores públicos e privados, atuantes na área de competência da Secretaria de Turismo.

**EXEMPLO**

"Essa maneira de atuar do Governo do Estado - continuou o deputado Faccioni - está produzindo os seus resultados. A experiência do Rio Grande do Sul, no encontro nacional realizado em Brasília, foi considerada a soma mais válida e apontada como modelo para os demais Estados da Federação. Com o correr de anos, o Governo do Estado, através da Secretaria de Turismo, terá um trabalho de supervisão da política global do turismo no Rio Grande do Sul, de distribuição de tarefas, coordenando e controlando o seu relacionamento com a CR-TUR, CITUR e outros organismos afins, investindo no setor através de uma empresa, com a

**CAPTAÇÃO**

O Plano Regional de Turismo é, no que diz respeito à demanda, um plano que visa à oferta do turismo proveniente de outras áreas do País e do Exterior, mais próximas, principalmente da Baía do Prata. O secretário Faccioni disse que as ações promotoras serão endereçadas a estes mercados e que o período temporal de referência do Plano Regional de Turismo é de quatro anos, abrangendo o período de 1972 a 1976.

**COMPORTAMENTO**

"Segundo dados levantados pela SUDESUL - disse Faccioni - o comportamento turístico na Região Sul apresenta os seguintes algarismos:

a) estima-se em 864.280 os turistas que estarão presentes na região em 1975, 65% dos quais se alojarão em hotéis; b) as necessidades da oferta turística traduzem-se, em termos econômicos, num investimento global que alcança a cifra de 784 milhões de cruzeiros até 1975, compreendendo investimentos em hotelaria, indústria complementar, infra-estrutura e promoção turística; c) as aplicações em hotéis montarão, aproximadamente, a 540 milhões de cruzeiros, 25% provenientes do setor público e 75% do setor privado; d) através do sistema tributário, reverterá aos cofres públicos 25% da renda gerada, ou seja, 500 milhões de cruzeiros.

**TURISMO NACIONAL**

Conselho Nacional de Turismo é órgão de assessoramento e não executivo da política nacional de turismo. "Com efeito - continuou o Secretário da Casa Civil - posto este contexto em sua forma mais genérica não será o momento de, a exemplo de outros países, colocarmos a possibilidade da criação de um Ministério de Turismo, órgão este, capaz de assumir, numa síntese ampla, a execução da política nacional do turismo? É uma questão que se abre diante das novas e constantes perspectivas para o turismo nacional, e instalada sob evidências e necessidades expostas. Considerando que, na medida em que melhoram as perspectivas do desenvolvimento do turismo no País; considerando uma atividade de tamanha importância e valorizada pelo Poder Público na igualdade de outros setores governamentais; enfim, considerando o todo do complexo turístico nacional, de realidade em potencial e de esforços humanos, revela-se em si a necessidade de um organismo de "status" elevado, e nível ministerial."

**INCREMENTO**

Continuando, o secretário Faccioni falou sobre as atribuições do possível ministério, que seriam as de fomento, planejamento, coordenação e execução da política de turismo em termos nacionais, e, ainda, sobre a demanda turística no Rio Grande do Sul, destacando que o turismo exterior propiciou a entrada de 73.561 turistas, apresentando um incremento no Rio Grande do Sul de 9,4% sobre o total de afluência em 1970. Mais adiante,

Ilustração 12 - Correio do Povo/RS, 18/02/1973, p. 12

Como podemos constatar, nesse período estavam sendo criados diversos cursos de turismo no Brasil. Sendo assim, discussões sobre o nível dos cursos de turismo (técnico, de graduação, ou de pós-graduação) eram bastante contundentes, uma vez que, como explica Teixeira (2007), o Brasil foi o primeiro país a formar bacharéis em Turismo, (pois na Europa só havia cursos técnicos de Turismo ou cursos superiores de outras áreas que tinham, em sua grade curricular, a disciplina Turismo ou de

especialização). Também não havia uma tradição acadêmica na área. Os livros estudados nos primeiros anos de curso, aqui no país, eram traduções de autores estrangeiros.

A sugestão de Edison Batista Chaves à PUCRS, foi de que criasse um curso de especialização em Turismo ou que o turismo fosse uma disciplina de diversos cursos, já existentes, assim com era na Europa.

Para Trigo (2000), os cursos de Graduação em Turismo no Brasil foram fundamentados, em parte, pela experiência espanhola, tendo sido pioneira a experiência da Faculdade de Turismo do Morumbi. Sobre as diferenças originais entre os cursos de ensino superior do turismo no Brasil e em outros países, Matias (2002, p. 04) observa:

Diferente do que ocorreu nos Estados Unidos e países da Europa, onde os cursos de Turismo foram criados a partir de disciplinas de outros cursos já implantados e sedimentados, como Administração, Economia, Geografia e Hotelaria, no Brasil, os primeiros cursos de Turismo foram implementados em unidades universitárias autônomas ou ligadas aos igualmente novos cursos de comunicações e artes.

Conforme explicitado anteriormente, os cursos de Turismo no Brasil foram criados dentro de uma perspectiva tecnicista e mercadológica, da qual procuravam atender a mais uma demanda de trabalho. Além disso, os currículos desses cursos foram baseados em instituições europeias. No entanto, não podemos deixar de ressaltar que, na Europa, não eram cursos de graduação, eram cursos técnicos ou de pós-graduação. Domingo Hernández Peña, quando entrevistado por Lucchesi (2006), reitera que, em 1971, aconteceu uma grande revolução do turismo brasileiro, pois não havia ensino superior de turismo no mundo<sup>79</sup>, apenas escolas técnicas.

Sobre a necessidade de qualificar como nível superior em Turismo, Marutschka Martini Moesch (11/09/2008) nos explica que ela pode ser entendida como uma questão mais ampla, *a questão do superior não é uma questão vinculada só ao curso de Turismo, é uma cultura brasileira, onde o tecnológico, o técnico é, e sempre foi visto como operacional, como algo menor, na tradição educacional brasileira*. E complementa dizendo que o Brasil começa a ter formação profissional pelos bacharelados, com as escolas de Direito, e isso demarca toda uma característica de que só é qualificado quem tem um bacharelado.

Mário Carlos Beni (06/05/2009), analisando o porquê da opção pela graduação em Turismo no Brasil, diz que é uma questão cultural, que está no início do processo e

---

<sup>79</sup> Segundo Rodrigues (2005), o Brasil foi o primeiro país a implantar a graduação em Turismo na Faculdade do Morumbi.

que por muitos anos essa situação permaneceu. E explica que o que acontece é que, diferentemente de outros países, o País reagiu de maneira negativa ao curso de tecnólogo, cursos específicos,

*porque é a questão ainda muito voltada aos pais que só entendiam que os filhos, deveriam, na época, ter três cursos, só eram considerados doutores, entre outras, os advogados, os médicos e os engenheiros, os outros cursos eram entendidos como cursos de segunda linha. Agora imagine os técnicos, esses então nem eram cogitados pelas famílias, porque as famílias queriam sempre ter um filho numa universidade e num desses três cursos. (Mário Carlos Beni, 06/05/2009)*

Percebemos que o início dos cursos de Turismo no Brasil tem algumas características muito próprias. Foi o primeiro país a criar cursos de nível superior tomando o modelo espanhol, baseado, por sua vez, nos cursos técnicos; havia um certo preconceito, principalmente de uma elite (que casualmente foram os primeiros alunos dos cursos de turismo), em relação aos cursos técnicos. Desse modo, criou-se um curso técnico mascarado como de nível superior.

Barretto; Tamanini e Silva (2004, p. 29), referindo-se à educação superior no Brasil, na década de 1970, destacam que:

Saberes que eram ministrados ou poderiam ser ministrados no ensino de segundo grau ou em cursos técnicos passaram a ser ministrados no nível terciário, obrigando, dessa forma, quem quiser obter conhecimentos competitivos a continuar os estudos em nível universitário. [...]

Dois fenômenos processam-se em conjunto, o pedagógico e o social. O ensino superior passa a ministrar educação técnica e operacional (deslocada do ensino médio). Forja-se a qualificação “pelo alto”, porque as pessoas acreditam que estão tendo ensino universitário quando estão recebendo capacitação técnica. Ao mesmo tempo, dando-se às pessoas o *status* de “universitários”, forja-se a ascensão social.

Trigo (1998) ressalta que a formação inicial do bacharel em turismo era muito pragmática e, visando a atender a demanda do mercado, utilizava toda uma terminologia economicista e eminentemente tecnicista, menosprezando os aspectos sociais e políticos da sociedade. Essa ênfase nos aspectos técnicos ocorria de forma geral em todos os cursos, segundo a visão desenvolvimentista do período.

No entanto, para Matias (2005), o ensino superior de turismo no Brasil surgiu no momento em que esse nível passava por modificações, isto é, buscava-se dar à formação educacional um caráter profissionalizante, para atender às necessidades do mercado, o qual demandava por profissionais treinados para desempenhar funções de produção em série padronizada. Isso fez com que o curso de Turismo, desde a sua criação, sofresse algumas críticas e preconceitos por parte de outras áreas do ensino acadêmico, que



acreditavam que o graduado no curso superior de turismo seria apenas tarefeiro, sem nenhuma base de conhecimento para desenvolver qualquer trabalho reflexivo. Essa visão deixa muito claro que o preconceito existente em relação ao ensino profissional ainda persiste na academia, dificultando a articulação entre os dois ramos de ensino, o que prejudica a formação profissional.

Houve a necessidade de profissionais para planejar o turismo no Brasil, surgindo assim a necessidade de mão-de-obra de nível superior, ou seja, Planejadores de Turismo, como eram chamados os bacharéis, no início, ou Turismólogos, como são atualmente chamados (TEIXEIRA, 2007). Susana Gastal (14/07/2008) lembra que: *nos anos 1970 temos o auge do endeusamento ao planejamento, o planejamento é a grande sacada, temos que planejar, o planejamento resolve tudo, [...]*. Explica que havia essa crença sobre o planejamento, em função do governo federal, pois era um governo no qual essa área era muito forte, um planejamento centralizado.

Nas décadas de 1960 a 1970, no panorama mundial, as pesquisas em administração priorizam estudos que concebiam “[...] o planejamento do trabalho como um meio de aumentar a produtividade e a satisfação no trabalho, melhorando a qualidade do trabalho, reduzindo o absenteísmo e o giro de mão-de-obra, bem como, acidentalmente, ganhando quase sempre muita publicidade ao fazerem isso” (MORGAN, 1996, p. 46). Os aspectos sociotécnicos tornam-se mais relevantes para os processos administrativos e também para a área de turismo<sup>80</sup>.

A constituição empresarial exigia, cada vez mais, profissionais com domínio das técnicas no turismo, fato significativo para que os primeiros formandos em Turismo de nível superior fossem Planejadores de Turismo. É a partir desse período que se verifica maior emprego do planejamento no discurso, como forma de subsidiar metas econômicas e objetivos socioculturais, entre outros, de organizações, públicas ou privadas, em atividade no Brasil, e esse discurso é incorporado pelo turismo, tornando-se o foco dos cursos superiores de Turismo.

Parece coerente afirmar que, na década de 1970, o planejamento de turismo é uma área fronteira entre o que seria um profissional técnico e um profissional de nível superior. A habilidade de planejar demarca essa diferenciação – que por si só abarca noções bastante amplas – de planejamento e de turismo.

---

<sup>80</sup> Trigo (1998) e Matias (2002) abordam que, na época da criação do primeiro curso de Graduação em Turismo, foi cogitada a possibilidade de incluí-lo nas Faculdades de Administração ou de Educação Física, mas, em vista da realidade do turismo no Brasil, esse projeto foi abandonado.

Podemos retomar a fala de Domingo Hernández Peña, ao ser entrevistado por Lucchesi (2006), que diz “O Brasil tem os dois tipos de profissionais, o de formação superior, que imagina e planeja o que pode ser feito quando a cidade duplica sua população, por exemplo, sabe da economia e do efeito multiplicador do turismo e o de formação técnica, que trata das questões mais superficiais. São perfis complementares”.

Trigo (2000) aponta que havia uma postura dúbia a respeito das novas profissões.

Os ignorantes pensavam que essa nova área de viagens e turismo não levaria a nada, que o ideal eram os velhos e bons cursos de Contabilidade, Datilografia e de Comércio, [...]. Existia também, evidentemente, o fascínio que a Medicina, Direito e Engenharia exerciam sobre os futuros profissionais e suas famílias, ansiosas para que seus filhos fossem "alguém". Havia um outro tipo de ignorantes a respeito das novas realidades que estavam surgindo no mundo desenvolvido e que também criticavam os novos cursos. Eram os antigos empresários de turismo que iniciaram suas atividades no Brasil desde a década de 50. Para eles, turismo era algo que só poderia ser apreendido no trabalho diário. As universidades jamais poderiam ensinar algo tão sutil e complexo nas salas de aula. Um outro segmento era a intelectualidade bem posicionada ao longo de décadas em universidades cartoriais e elitistas, que pontificavam ser o Turismo e alguns outros cursos (Comunicações, por exemplo) algo como perfumaria ou supérfluo. Os alunos de Turismo, [...], também começavam a dar sua opinião sobre o que estava acontecendo e lutavam para abrir espaço em um mercado fechado, atrasado e relutante face aos novos desafios que apareciam no mundo. (TRIGO, 2000, p. 243)

Além do desconhecimento do que viriam a ser e sobre o que se poderia deles esperar, os cursos de Graduação em Turismo enfrentaram, inicialmente, a falta de professores especializados, a ausência de bibliografia nacional e dificuldades de tradução ou de importação de obras, diferenças de duração entre três e quatro anos, o desencontro das disciplinas com seus conteúdos e programas, e “um currículo mínimo humanístico e pouco profissionalizante” (MATIAS, 2002, p. 5).

Nesse período, existiam poucos profissionais formados nessa área no Brasil. O Jornal do Brasil/RJ (11/04/1974, p. 05) traz uma matéria sobre a Faculdade de Turismo do Morumbi, e diz que, no final ano, formaria os primeiros 280 profissionais em turismo do país. Conforme o artigo, o Presidente Ernesto Geisel receberia dentro de poucos meses o primeiro Plano de Turismo para o Brasil, um balanço completo, de Norte a Sul, do que precisava ser feito no país para solidificar o movimento interno e colocar nosso país na relação do roteiro turístico internacional. Esse estudo foi idealizado pela direção da Faculdade de Turismo do Morumbi e realizado por um grupo de professores daquela escola, desenvolvido através do seu Centro de Pesquisas, não sendo uma série de sugestões lançadas a esmo, mas um estudo científico sobre o turismo nacional, fato absolutamente inédito no setor.

Esse Plano de Turismo para o Brasil chegava no momento exato, levando-se em conta que os primeiros profissionais brasileiros formavam-se naquele ano e que as escolas de turismo começavam a proliferar no país – em São Paulo já existiam seis; havia outras no Rio, Recife, Paraná e outros estados (Jornal do Brasil/RJ, 11/04/1974, p. 05).

Outra reportagem, do mesmo jornal, do dia 31 de outubro de 1974, descreve sobre a 1ª turma formada pela Faculdade de Turismo em Petrópolis, cujos integrantes, mais do que um emprego, esperavam conseguir mudança de mentalidade dos dirigentes do turismo nacional, abrindo as portas para profissionais formados em cursos de nível superior<sup>81</sup>. A reportagem destaca que além da Faculdade de Turismo da Universidade Católica de Petrópolis, apenas uma outra, de São Paulo formaria uma turma naquele ano.

Para os formandos da Faculdade de Turismo da UCP/RJ<sup>82</sup>, “as dificuldades existentes em termos de mercado de trabalho são fictícias, exaltadas pelos que trabalham nesse setor com o único objetivo de desestimular os que vão para as faculdades em busca de conhecimentos técnicos, já que a experiência só trabalhando é que poderemos adquirir” (Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974, p. 3). Um dos formandos, Regina Maria Pereira, diz que o mercado de turismo “alega como deficiências nossas a falta de experiência e currículo, que qualificam de furado, além de dizer que as faculdades de turismo formam “em generalidades”, o que eu acho um absurdo” (Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974, p. 3). Outra formanda, Neusa Maria Gall, alinha como opções para o profissional em turismo os seguintes setores: agências de viagens, empresas de transportes, administração em hotelaria, assessoria e planejamento em órgãos oficiais, organizações de congressos e marketing – no sentido de pesquisas e vendas. (Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974, p. 3). Para Fernando Vieira da Silva – também formando – essa turma, por ser a primeira a se formar, pode ser considerada como uma “turma-laboratório”, pois os próprios alunos é que fizeram o currículo da faculdade, acrescentando matérias, retirando outras, modificando algumas. A teoria – diz ele – “a faculdade nos deu, a prática nós mesmos teremos que alcançar trabalhando, embora a UCP nos tenha proporcionado convênios com órgãos estaduais e municipais e empresas de turismo” (Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974, p. 3).

---

<sup>81</sup> A preparação dos alunos é de nível internacional mas “como o Governo está incrementando o turismo doméstico, nós nos voltamos para os problemas brasileiros”. (Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974, p. 03)

<sup>82</sup> A turma tem 37 alunos, com idades variadas entre 21 e 25 anos e apenas quatro já ultrapassaram os 30 anos (Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974, p. 03).

Contudo, a tônica do discurso é uma só. Comprometido em instaurar mudanças, esse agente social, o bacharel em Turismo, espera uma mudança de mentalidade dos dirigentes do turismo, abrindo espaços para a atuação desse profissional e possibilitando a intervenção destes nas políticas de turismo. Também dão destaque às áreas de atuação desses profissionais no mercado de trabalho.

Dessa forma, as narrativas e as páginas dos jornais mostram o fato de o turismo, ao assumir novas características, mais profissionais e científicas, possibilitar a construção de várias representações sociais que encontram nas narrativas e nos periódicos um campo fértil para a proliferação de idéias relativas à necessidade de qualificação da mão de obra.

Conforme Mário Carlos Beni (06/05/2009), apesar do crescimento na oferta de cursos de Turismo, estes não se consolidaram porque faltava um modelo.

*exatamente a USP nesse momento entrou, em setenta e oito mais ou menos, a USP buscou, foi designada pelo Ministério de Turismo para discutir o modelo pedagógico do Curso de Turismo, enfim buscar um projeto pedagógico para um Curso de Turismo. E aí sim, houve uma grande discussão e há um momento interessante que foi exatamente entre setenta e oito, setenta e nove, houve também um divisor de águas e nesse divisor de águas, por um lado a Universidade já na época, ainda Faculdade de Turismo do Morumbi, mas já tinha se associado com parceiros em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, ela foi crescendo com Cursos de Turismo em outros Estados. Então houve um divisor de águas, ou seja, a Universidade até hoje, na Universidade Anhembi Morumbi o Curso de Turismo é mais voltado ao mercado, ele é mais profissionalizante porque foi inspirado na linha do professor Penã que não tinha nível universitário, ele veio da área técnica, apesar de ser um excelente professor, ele não tinha, ele não teorizava turismo, não tinha formação superior de pesquisa para teorizar o turismo. E a linha da USP, que efetivamente assumiu uma postura de pesquisa, buscando desenvolver toda a questão epistemológica do turismo, vendo o turismo através de variáveis sociológicas, econômicas, psicosociais, variáveis de cultura. Para o Curso de Turismo da USP nós fomos buscar professores de diferentes áreas, de outras unidades, fomos buscar professores da geografia, da história, da filosofia, da museologia e criamos o elenco de professores da USP. Então começa a nascer ali, e no divisor da USP a questão da interdisciplinaridade, a multi-interdisciplinaridade que hoje já começa a se esboçar na transdisciplinaridade. Então a USP adotou essa linha e a partir daí então, desse divisor, algumas universidades marcadamente acompanharam a USP, a PUCRS de Porto Alegre foi uma delas.*

A preocupação do Ministério da Educação e da EMBRATUR [Instituto Brasileiro de Turismo], com o ritmo dos cursos superiores de Turismo, levam a designar o curso de turismo da USP para realizar um grande debate sobre o currículo pleno, uma vez que o MEC havia estabelecido o currículo mínimo. A partir desse seminário (1975), ao qual a maioria dos responsáveis pelos cursos existentes compareceu, estabeleceu-se um divisor de águas com duas vertentes educacionais adotadas. A primeira da ECA-USP, que preconizava uma linha filosófica mais acadêmica, voltada à epistemologia, à pesquisa e ao planejamento do turismo. A outra, liderada pela Anhembí-Morumbi, [...] que orientava o conjunto de disciplinas da estrutura curricular para o mercado. A Faculdade Anhembí Morumbi tinha todo seu projeto pedagógico voltado ao modelo espanhol, que era mais dirigido ao mercado, ou seja, à formação profissional e não à pesquisa, à abordagem científica do turismo e ao macroplanejamento, envolvendo aspectos sociais, econômicos, etc. Esta é a linha e que sempre foi da USP. A partir daí, os cursos de Turismo implantados nas universidades, como PUCRS e outras, copiaram o modelo da USP. Os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais seguiram basicamente o modelo da Morumbi. Foi assim que nasceram os cursos e se difundiram em todo o país.

Dáí podemos inferir que, no discurso, o modelo implantado no Brasil foi o “modelo espanhol”; isso aparece de forma recorrente nas narrativas e na bibliografia. No entanto, os cursos de turismo surgem a partir do crescimento da atividade turística, e, baseados na necessidade de qualificar mão de obra para o mercado, nascem em uma lógica dos institutos universitários americanos. Logo, segue-se a ordem americana para a formação em turismo, e não a europeia que, já nos anos 1960, primava pela pesquisa relacionada aos aspectos não só econômicos, mas sociais do turismo, conforme identificou Rejowski (1996).

Em entrevista, Luiz Gonzaga Godoi Trigo narra: “A tradição espanhola analisa o turismo como fenômeno social e não apenas como fato econômico. Então o turismo é analisado de uma forma mais ampla, mais articulada, dentro da sociologia e da história, por exemplo. Enquanto que nos Estados Unidos há uma visão como fato econômico. [...]”. (CELESTE FILHO, 2002, p. 58-59). Nesse sentido, Sessa (1990) também destaca que há uma clara diferença entre os institutos universitários europeus e os americanos: os primeiros orientam-se para a pesquisa teórica voltada a aspectos sociais e

econômicos do turismo, ao passo que os segundos, para a formação da “indústria hoteleira e turística” (SESSA, 1990)<sup>83</sup>.

Quando nos reportamos ao ensino superior em Turismo no Brasil, podemos perceber que, nesse divisor de águas citado por Mário Beni, a USP se posiciona como uma universidade dedicada simultaneamente ao ensino e à pesquisa, aproximando-se em certos aspectos, de um modelo alemão<sup>84</sup> (que privilegia sobremaneira a pesquisa em associação com o ensino). Embora o curso de Turismo estivesse lotado na ECA/USP, conforme afirma Melo (1991), o modelo norte-americano está presente na estruturação, em 1966, da Escola de Comunicações Culturais da USP<sup>85</sup>.

A influência espanhola no ensino superior em Turismo no Brasil pode ser atribuída a alguns fatores: ao espanhol Domingo Hernández Peña que elaborou o currículo do primeiro curso de Turismo no Brasil e influenciou na definição do currículo mínimo para os cursos; ao espanhol Julio Garcia Morejón que elaborou o curso de Turismo na Ibero-Americana e ao pioneirismo do Rio Grande do Sul na institucionalização da atividade turística no Brasil, seguindo o modelo espanhol de desenvolvimento da atividade turística<sup>86</sup>, conforme destacamos no capítulo anterior. Como bem nos explica Norma Martini Moesch (12/03/2009), na década de 1970, a EMBRATUR inicia a estruturação de um plano de turismo e vai buscar na Espanha o modelo que foi criado de uma forma emergencial, o modelo do pós-guerra, uma referência em inteligência turística nesse campo: *foi muito mais no sentido da organização estruturante de uma sociedade carente de possibilidades, de geração de trabalho, emprego e renda, do que uma iniciativa no âmbito acadêmico [...]*. (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

<sup>83</sup> Atualmente, assiste-se o surgimento de cursos na Europa direcionados ao *business/management (administração/gerenciamento)* da “indústria turística”.

<sup>84</sup> Alguns modelos universitários influenciam diretamente o modelo universitário adotado no Brasil, quais sejam: o modelo Napoleônico ou Francês; o modelo Inglês; o modelo Norte-Americano; e o modelo Alemão. Sobre modelos universitários, ver: CHARLE, Christophe; VERGER, Jaques. *História das Universidades*. São Paulo: UNESP Ed., 1996. RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. ROSSATO, Ricardo. *Universidade: nove séculos de história*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

<sup>85</sup> Paula (2010, p.04-05) demonstra a influência das concepções alemã e francesa de universidade sobre a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade do Rio de Janeiro (URJ), atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no momento das suas respectivas fundações e em suas primeiras décadas de funcionamento. Segundo a autora: “Encontramos várias aproximações entre a concepção alemã e a paulista de universidade, na época de sua fundação: preocupação fundamental com a pesquisa e com a unidade entre ensino e investigação científica; ênfase na formação geral e humanista, ao invés da formação meramente profissional; autonomia relativa da universidade diante do Estado e dos poderes políticos; concepção idealista e não-pragmática de universidade, em detrimento da concepção de universidade como prestadora de serviços ao mercado e à sociedade; fraco vínculo entre intelectuais e poder político, ou seja, ligação não-imediata entre *intelligentsia* e poder; concepção liberal e elitista de universidade; estreita ligação entre a formação das elites dirigentes e a questão da nacionalidade”.

<sup>86</sup> A partir do trabalho desenvolvido pelo SUDESUL com a participação de técnicos espanhóis.

Desse modo, o modelo espanhol a que muitos se reportam, refere-se à estruturação da atividade turística no estado do RS, como reforçam Edison Chaves (06/06/2008) e Renato Masina (25/03/2008), e não a um modelo acadêmico de ensino superior em turismo, embora tenha sofrido influência dele.

As oscilações econômicas que o país vivenciou, a partir da década de 1980, atingiram diretamente a indústria do turismo e da hospitalidade, refletindo na expansão dos cursos de turismo e hotelaria. Em razão de acontecimentos internacionais, como a crise do petróleo e as sucessivas crises econômicas pelas quais passou o país, o turismo estagnou-se. Esse movimento refletiu-se também na produção científica da área. Se no início da década de 1970 eram raras as publicações científicas nacionais, no final de 1980 eram poucos os pesquisadores que haviam resistido aos tempos difíceis, produzindo teses e dissertações (SOLHA, 2002, p. 138).

Continuaram a surgir alguns cursos superiores de turismo nos anos 1980, como os do Instituto Newton Paiva, em 1980, em Belo Horizonte; da Faculdade de Turismo da Bahia, em 1984, em Salvador; e da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, em 1985, em Foz do Iguaçu (TRIGO, 1991).

A revista norte-americana *Annals of Tourism Research* publicou, em 1981, uma edição especial intitulada "Tourism education" e um artigo "Framework for tourism education", escrito por Ritchie, editor responsável pela revista, da Universidade de Calgary, no Canadá, em parceria com Jafar Jafari, da Universidade de Wisconsin (Estados Unidos). Os autores preocupam-se em delimitar o campo de sua inserção acadêmica até o nível do detalhamento conceitual e entendem que o turismo deve se valer de algumas disciplinas básicas para seu estudo: economia, sociologia, psicologia, geografia e antropologia.

Trigo (1998) chama a atenção de que essa grade curricular básica, proposta por Jafari, influenciou vários cursos de turismo no Brasil, principalmente no momento da estruturação dos currículos que estavam sendo criados. A partir de meados da década de 1980, vários outros especialistas internacionais passaram a influenciar a formação profissional em turismo, ao lado dos brasileiros que estavam se formando e participando ativamente do mercado de trabalho, compondo o corpo docente das diversas universidades que ofereciam cursos nessa área.

Apesar de todas as dificuldades desse período, o embrião da atividade turística já estava plantado. As empresas organizaram-se em associações; o poder público começou a perceber que a atividade turística é muito mais do que investir na rede hoteleira. O sonho e a euforia do começo da década de 1970 foram substituídos por uma certa

decepção, na década de 1980, pois os acontecimentos não seguiram a tendência esperada. Mas, ao mesmo tempo, provocaram uma reação importante: o turismo começou a ser visto como uma atividade séria e profissional, que não traz soluções imediatas para problemas estruturais, principalmente os econômicos (SOLHA, 2002, p. 140).

Para Trigo (2000), nesse contexto, insere-se a primeira fase do Turismo no País, cujo modelo implementado fracassou, face às diversas crises econômicas que se sucederam, à ausência de programas de qualidade na formação de mão-de-obra (desde a operação, planejamento até a alta gestão) e, fundamentalmente, à falta de consciência na preservação do meio ambiente natural e cultural. Já a segunda fase, considerada a partir dos anos 1990, é o momento em que o setor industrial passa a perder espaço para o setor de serviços. Nesse contexto, acontecimentos mundiais influenciam a economia, mas, sobretudo, o processo de globalização foi mais acentuado. Implantou-se, então, uma política neoliberal com respaldo na Constituição, pela qual uma expansão sem precedentes do ensino superior deu-se, em grande parte, ao ensino privado.

Conforme discutimos anteriormente, na década de 1990 o turismo aparece como prioridade do governo – a EMBRATUR transforma-se em autarquia especial, passando, em 1991, para Instituto Brasileiro de Turismo, e em 1992, são estabelecidas as diretrizes para a Política Nacional de Turismo. Assim, nesse período, houve, novamente, um crescimento da atividade turística no Brasil, aumentando o fluxo e uma diversificação dos empreendimentos e serviços turísticos, tornando-se necessário capacitar recursos humanos. O turismo desponta como um dos segmentos de maior prosperidade, entre as futuras tendências de cursos divulgadas massivamente nos meios de comunicação, o que atraiu a atenção de estudantes, empresários e instituições de ensino.

Parece inegável que a exploração meteórica dos cursos ligados aos diversos ramos aplicados da ciência, como nos campos da saúde (medicina, enfermagem, nutrição, etc), da educação (educação física, educação artística, educação ambiental, etc), da administração de empresas (bancária, escolar, etc), entre outros foi determinada não apenas pela importância científica dos novos conhecimentos, mas também por um contexto ideológico adequado que favoreceu, estimulou e utilizou esses novos conhecimentos presumidos ou reais segundo sua própria lei e lhes conferiu prestígio. (CAMARGO, 2002, p. 14)

No final da década de 1990, houve no Brasil, uma explosão de cursos superiores em turismo. Solha (2002) verificou que, de 52 cursos em 1996, passa para 330, em 2002. Além disso, observamos também, uma oferta de cursos de especialização para os profissionais que já atuavam no mercado e uma demanda crescente por cursos de



mestrado em turismo. Desse modo, toda essa euforia, com relação às oportunidades no setor turístico motiva a explosão quantitativa na oferta de cursos de graduação.

A expansão do ensino superior em turismo ocorreu em quatro fases: a primeira, nos anos de 1970, com expansão moderada, totalizando dez cursos no final da década e com oferta direcionada às grandes capitais brasileiras como SP e RJ. A segunda fase, na década de 1980, foi marcada pela estagnação de oferta de cursos decorrente de problemas econômicos no País, o que ocasionou, inclusive o fechamento de várias instituições de ensino. A terceira fase, na década de 1990, caracteriza-se pela valorização dos cursos no âmbito acadêmico, com aumento do número de cursos nas capitais e com distribuição mais igualitárias nas demais regiões brasileiras. A quarta fase é a atualidade e deverá estabelecer o equilíbrio “quantidade versus qualidade”, com aumento quantitativo de propostas diferenciadas e uma tendência de cursos de turismo com ênfases direcionadas para a flexibilização e a regionalização, como recomenda a LDBEN, de 1996 (ANSARAH, 2002).

Os cursos de turismo passaram por uma fase de expansão, a partir da metade da década de 1990, durante a gestão de Paulo Renato de Souza (janeiro de 1995 a dezembro de 2002)<sup>87</sup>, que teve, como política, ampliar a oferta dos cursos superiores no País e, neste sentido, houve um crescimento quantitativo. Para muitos pesquisadores da área, desafio, hoje, é elevar os padrões de qualidade.

Uma característica do ensino do turismo no Brasil é, portanto, seu aumento quantitativo. Trigo (2006) critica a posição do governo nesse período, em facilitar a abertura de cursos de turismo no país, pois, em 1991, existiam 28 cursos e, em 2002, o número ultrapassou 396, um crescimento equivalente a 1314%, ocasionando diversos problemas, como perda de qualidade, esvaziamento e saturação do mercado. Para o autor (2000), um dos grandes problemas decorrente desse fato é a falta de professores, com consequências diretas para a qualidade dos cursos ofertados pelo país.

Barretto, Tamanini e Silva (2004), comentando sobre a realidade paulista, descrevem que de uma época de grande proliferação, em meados da década de 1990, passa-se para uma fase de retração da demanda, e o conseqüente fechamento ou a diminuição do número de alunos. Entre outras, as causas dessa situação podem ser o caráter generalista desses cursos, a falta de um corpo teórico consistente sobre o turismo, o distanciamento dos modelos de formação frente às necessidades e exigências do mercado de trabalho etc.

---

<sup>87</sup> Foi Ministro da Educação durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

Em consulta a <http://emec.mec.gov.br/>, em 17/03/2010, no site do MEC, pesquisando por cursos, obtivemos os seguintes registros: 505 de Turismo; 1 de Turismo Cultural; 1 de Turismo de Eventos; 1 de Turismo e Administração Hoteleira; 1 de Turismo Ecológico; 4 de Turismo e Hospitalidade; 1 de Turismo e Hospitalidade, Gestão de Empreendimentos Turísticos e em Eventos em Negócios; 18 de Turismo e Hotelaria; 4 de Turismo e Lazer; 3 de Turismo e Meio Ambiente; 1 de Turismo, Gestão em Hotelaria, Turismo e Lazer; e 13 de Turismo Receptivo. Nessa contagem, estão inseridos os cursos tecnológicos.

Para Beni (2006), que realizou uma sondagem junto às IES com curso superiores de turismo, estaria havendo uma grande retração da oferta destes, em praticamente todo o território nacional, de cerca de 40 a 60%. Mesmo sem uma amostra que permita generalizar esse resultado, é um indício importante que mostra um “saturamento do mercado”, com a permanência dos cursos com qualidade; ou, uma maior procura por cursos novos, como os de gastronomia, lazer, eventos etc., que sugerem uma área maior dos negócios do turismo, hospitalidade e lazer.

Panosso Netto (2005), entrevistando Mario Beni, o qual discorre sobre o aumento na quantidade dos cursos de Turismo no Brasil,

Bem, eu diria que o turismo está aí na pauta, se colocando como uma das principais atividades econômicas do mundo. Em razão disso ele adquiriu uma importância econômica [...]. É muito importante se colocar que o Brasil antecedeu a própria Europa em 10 anos com os cursos de graduação. Isso não quer dizer que a Europa não tinha cursos, mas os cursos da Europa eram cursos eminentemente de formação técnica. Tanto é daí aquele divisor de água dos primeiros professores espanhóis que vieram e desenvolveram os projetos, o plano de estudos e o projeto pedagógico da Faculdade Anhembimorumbi, e que depois se tornou um contraponto da USP que não se utilizou desse modelo europeu. Então, na verdade, o que ocorre: por um lado isto se consolidou de uma certa forma criando aí, na década de 1970, toda uma evolução. 1970, 1980 até 1985 há uma estabilidade, depois em 1990 há uma nova ascendência, [...] que, a meu ver, realmente não foi bom ter acontecido. [...] Eu acho que nós estamos em franco declínio! Eu me arrisco a dizer que, dos quase 500 cursos já, há quem diga que ultrapassou a 500, nós já a essa altura devemos ter seguramente tido uma redução acima de 30% de cursos que não abriram novas turmas [...] (PANOSSO NETTO, 2005, p. 865)

Até 1998, a autorização e o reconhecimento de cursos superiores de turismo e hotelaria eram realizados por uma Comissão de Especialistas em Administração; em agosto de 2000, cria-se a Comissão de Especialistas em Turismo, desvinculada desta.

Para Moesch (2000, p. 17):

É impossível separar o ato epistemológico do ato pedagógico. Enquanto proliferam no país cursos que vêm no Turismo um segmento promissor do mercado de ensino, será cada vez maior no ensino e na pesquisa, nessa área, a forte presença de empresas, ligadas à prestação de serviços, mantendo centros próprios de formação profissional, com total confusão sobre os paradigmas utilizados. [...]. Essas empresas vêm impondo temáticas aos currículos

universitários, por os considerarem defasados em relação ao mercado de trabalho [...].

Teixeira (2001), em seu artigo sobre o “Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil: um estudo exploratório”, procurou descobrir as razões que explicam a criação dos cursos nas instituições por ele pesquisadas.

Com 80% das respostas, a existência de demanda surge como a principal razão para a oferta de cursos de turismo/hotelaria no Brasil. No entanto, essa demanda foi explicada de várias formas. Existe a demanda em função da percepção do potencial do mercado, onde a IES já existe e sabe do potencial da oferta de novos cursos para atrair novos alunos. Essa situação é muito comum, pois as instituições que oferecem cursos de turismo/hotelaria são quase sempre privadas e estão constantemente em busca de novos alunos. Sabe-se também que os cursos de turismo/hotelaria são de pequeno investimento e de grande apelo para atrair novos alunos, e muitos cursos foram criados para aproveitar a "novidade". [...] Outra forma de demanda é explicada a partir das potencialidades turísticas de uma região, onde se percebe crescente necessidade de mão-de-obra. [...] Existem outras formas de demanda mais específicas como é o caso de IES que criaram cursos para formar professores em virtude da carência de docentes qualificados na área. Outras razões foram apontadas para a criação dos cursos, como a indicação de reitoria, pedido de empresários, crescimento da rede hoteleira e, finalmente, continuação do curso de tecnólogo, pois o mercado não reconhecia esse profissional e demandava outro com formação plena. (TEIXEIRA, 2001, p. 15-16)

Moesch (2003) lembra que, no Brasil, o fenômeno turístico está ensaiando os primeiros passos, que diversas IES, com diferentes compromissos perante a sociedade, objetivam desenhar o cenário onde a formação profissional se destina a dar conta da função turística. Trata-se de identificar as estufas e os berçários onde estão sendo geradas as consciências transformadoras e a massa crítica para atender um mercado ainda profundamente caracterizado por vícios de interpretação conceitual sobre o Turismo e seu amplo espectro, condicionado a um conhecimento ambíguo e limitado da capacidade transformadora desse marcante fenômeno social.

O que dificulta a situação dos cursos superiores de turismo no Brasil é, praticamente, a inexistência, até a década de 1990, de cursos de mestrado e doutorado, os quais, teoricamente, deveriam formar docentes e pesquisadores para a área. Deixou de existir, portanto, "lócus" próprio para o desenvolvimento de massa crítica que desse suporte à política setorial, inclusive em termos de gestão e planejamento. (AZEVEDO, 2002)

Na atualidade, presencia-se o esforço de alguns pesquisadores em turismo para formação dessa intelectualidade, no sentido de pensar o turismo a partir dos cursos de pós-graduação, maior número de pesquisas, dos encontros, congressos, publicações.

### **3.3 O Turismo como objeto de estudo e o conhecimento científico em Turismo**

Conforme abordamos anteriormente, no meio acadêmico o interesse pela temática “educação em turismo” vem aumentando, o que também se traduz em uma crescente oferta de cursos superiores em turismo no Brasil e em um aumento da produção científico-acadêmica sobre o tema em diversas áreas do conhecimento. Nesta fase do trabalho, iremos tratar da evolução do conhecimento científico em turismo.

O turismo passou a ser objeto de estudo no período entre-guerras, em países como Suíça, França, Grã-Bretanha e Alemanha, inicialmente, como ciência auxiliar da Economia, na análise do movimento de “forasteiros”. No Brasil, recentemente, porém, aparece no meio científico como área de estudo. Segundo Susana Gastal (2004, p. 131), “repensar o turismo como um campo específico do saber é uma tarefa recente”. Regina Schlüter (2004, p. 84) diz que “a produção científica em turismo, realizada nas universidades argentinas, é um fato relativamente novo”.

Assim, embora o turismo, como atividade, tenha uma longa tradição, como assunto acadêmico é um desenvolvimento dos anos 1960. A concentração inicial do desenvolvimento do tema se deu na Europa, mas atualmente pode ser visto como um fenômeno pelo mundo todo. Na década de 1960 havia poucas instituições acadêmicas que ofereciam cursos de turismo (diferentemente dos programas de viagens de negócios e hospitalidade). Conseqüentemente, existiam apenas alguns acadêmicos da área do turismo.

Os primeiros estudos que vão possibilitar uma abordagem científica do turismo são na área da Geografia e da Economia, nas duas primeiras décadas do século XX, na Alemanha. Em outros países, o tema apareceu, em bibliografia especializada, nos anos 1960 e 1970, particularmente nos EUA (REJOWSKI, 1996).

No final do século XX, o turismo, como campo de estudo, passa a ser uma área de conhecimento emergente. Há cursos formais nas universidades, uma crescente produção em publicações sobre estudos turísticos e um número significativo de redes e organizações de pesquisadores (PEARCE, 1993).

Na área de turismo, como em qualquer outra área do conhecimento, o processo de desenvolvimento está profundamente ligado à pesquisa e ao ensino. A pesquisa é que possibilita o estabelecimento de um fluxo contínuo de conhecimento.

O início do século XX é marcado também pelo surgimento de uma preocupação mais séria com o estudo do turismo, apesar das suas primeiras noções na literatura terem surgido na década de 1870 sob a ótica da Geografia (REJOWSKI, 1996).

Um dos primeiros estudos sobre turismo é de Schulliern Zu Schattenhoten, austríaco e economista que, no ano de 1911, publicou uma obra intitulada *Turismo y Economia Nacional*, na qual conceitua o turismo como um fenômeno econômico. Posteriormente, o suíço Kurt Krapf, fundador do Instituto de Estudos Turísticos da Universidade de Berna, incorpora um novo elemento ao estudo do turismo, o conceito *de política turística*. Embora esse novo argumento não tivesse muitos seguidores na área, foi muito bem acolhido pelos políticos,

[...] por imperativo dos políticos, os economistas começaram; a entrar na área da pesquisa sobre o fenômeno turístico, cronologicamente, na primeira metade do século atual, e o fizeram com um fervor tal que pode-se dizer que a Economia Turística é a que oferece mais bibliografia atualmente [...] (FUSTER, 1974, p.18).

O turismo, ainda que seja de interesse da Ciência Econômica, para Acerenza (2002) é evidente que sua raiz não é econômica, mas tem origem no próprio ser humano, que é quem constitui seu elemento fundamental. É assim que surge uma nova corrente de estudo que, baseada na Psicologia, analisa o fenômeno a partir das *motivações* que dão lugar aos deslocamentos por motivo de férias. Os estudiosos do tema consideram Paul Ossipow como precursor desse novo enfoque, pois publicou um dos primeiros trabalhos nessa área.

Segundo Fuster (1974), o turismo analisado como fenômeno, é, na realidade, o resultado e uma soma de visões particulares de um grande conjunto de indivíduos que exercem influências entre si, até formar uma visão geral, universal; em outras palavras: social. Essa característica originou outro enfoque baseado na *Sociologia*, entre cujos pioneiros estão Ramaker.

Existe ainda outro enfoque, fundamentado na *Geografia*, uma vez que turismo tem implicações espaciais importantes. Consideramos que o precursor dessa abordagem é Charles Reau, e, entre seus seguidores, estão Pierre Defert e H. Robinson, ambos autores de trabalhos importantes no campo da geografia turística.

A partir dessas perspectivas, conforme Acerenza (2002), tem surgido, na Europa, uma série de correntes de opinião quanto aos estudos do turismo, identificadas como “escolas”, das quais, segundo o autor, três merecem ser destacadas pela contribuição que representam para o conhecimento do turismo: a *Escola Berlinesa*, que se caracteriza por manter uma orientação basicamente econômica; a *Escola Francesa*, cujo enfoque é eminentemente social, e a *Escola Polonesa*, que introduz o enfoque psicológico no estudo do turismo.

Desse modo, ainda que esses enfoques tenham contribuído para o conhecimento do turismo, seguem as discussões das diferentes disciplinas que se relacionam com ele.

São abordagens que analisam um aspecto do turismo, pois focalizam os interesses da disciplina, o que dificulta o estudo integral do fenômeno. Por essa razão, surgiu outro ponto de vista, nos últimos anos, que pretende analisar a atividade turística em sua totalidade, propondo o estudo do turismo pelo *enfoque de sistemas*, pois permite integrar o conhecimento que as diversas ciências fornecem sobre seus componentes, para conhecer assim o comportamento do conjunto. Apoia-se na teoria geral dos sistemas, da qual a análise da atividade turística toma as bases conceituais e científicas necessárias, sendo um marco de referência coerente que permite identificar os elementos componentes e interatuantes de um dado fenômeno, bem como as funções, relações e interação deste com seu ambiente, entendendo-se por interação a influência recíproca que cada um dos elementos exerce sobre o desenvolvimento do outro (ACERENZA, 2002).

Vários autores destacam a necessidade de se ter uma visão holística do turismo, o que permite compreendermos o seu significado e as interrelações de seu contexto. Para Beni (2001), as definições holísticas procuram abranger um assunto, em sua essência, de forma totalizadora.

Jafari (1994), dissertando a respeito da evolução dos estudos sobre o Turismo, propõe a sistematização desses estudos em quatro grupos denominados “plataformas”, quais sejam: plataforma defensora, plataforma de advertência, plataforma de adaptação, plataforma do conhecimento e, após 10 anos, propõe a quinta plataforma: a pública. (JAFARI, 2004). Cada uma delas defende uma posição distinta em relação ao Turismo, e, apesar de terem surgido cronologicamente, coexistem na atualidade.

Na década de 1960, formou-se a *plataforma de defesa* a partir de ideias de pessoas ou empresas relacionadas com os aspectos econômicos do Turismo. Tal plataforma ressalta e difunde os benefícios do Turismo como atividade econômica, a preservação do ambiente natural e aquele criado pela mão do homem, recria tradições do passado, promove a cultura, estimula o intercâmbio entre culturas diferentes, etc. O autor refere que, em termos gerais, sua mensagem não tem mudado muito ao longo dos anos. Salienta ainda que, com o tempo, a posição adotada pela *plataforma de defesa* começou a ser questionada e recebeu contribuições da comunidade acadêmica, de entidades públicas relacionadas com a natureza e a cultura e dos meios de comunicação. Assim, nos anos de 1970, começaram a ser percebidos os efeitos negativos do Turismo, quando este se mostrou não tão promissor para os países. Foi um período marcado por intensas discussões. Esses efeitos negativos causados pelo turismo de massa definem a *plataforma de advertência*.

A plataforma da advertência diz que o turismo causa inflação, produz fuga de capitais, traz desemprego, por causa da sazonalidade, produz desenvolvimento desigual e dependência externa, polui, destrói, comercializa a cultura e a religião, ameaça a estrutura familiar, estimula a delinquência. (BARRETTO, 2001, p. 132).

De acordo com Jafari (1994), uma vez que as argumentações das *plataformas de defesa e de advertência* se centram nos impactos do Turismo, poderíamos supor que formas de Turismo alternativo teriam menos impactos. Isso fomentou uma terceira linha de pensamento, denominada *plataforma de adaptação*, a qual sustenta que o Turismo tem como centro a comunidade; utiliza recursos locais; assim, beneficia a anfitriões e visitantes por igual.

Na década de 1980, Rejowski e Solha (2002) salientam que questões referentes ao meio ambiente e à qualidade de vida começaram a fazer parte das reflexões sobre Turismo. Surgiram soluções para maximizar seus efeitos positivos e minimizar os efeitos negativos com as suas formas alternativas em contraposição ao turismo de massa: turismo brando, turismo suave, turismo de pequena escala, turismo controlado, ecoturismo, turismo rural, etc.

Jafari (1994, p. 16) indica que a quarta plataforma é a do *conhecimento* e que “esta, em grande parte, é sustentada por membros da comunidade acadêmica e busca apoiar-se em conhecimentos científicos e, ao mesmo tempo, ter laços que a unam às demais plataformas”. Surge, no início dos anos de 1990, quando “as experiências e discussões ocorridas nas décadas anteriores estimularam a produção científica contínua e mais aprofundada sobre o tema, com base na visão holística do turismo e em pesquisas de caráter científico” (REJOWSKI e SOLHA, 2002, p. 111).

Por fim, a quinta plataforma, o Turismo como um bem público, teve seu início, segundo Jafari (2004), na data de 11 de setembro de 2001, e mudou o padrão da atividade. Figuras públicas oficiais começam a falar sobre o Turismo, e torna-se membro das Nações Unidas<sup>88</sup>. Tais abordagens, se consideradas em conjunto, dão um panorama geral da formação e transformação das distintas concepções de Turismo.

As associações científicas que começam a se formar a partir dos anos de 1950 tiveram uma importante participação nesse processo. Tais grupos tinham por interesse pesquisar o turismo e contribuíram significativamente para o desenvolvimento da pesquisa turística. Destacam-se, entre outras: a Associação Internacional de Especialistas de Turismo, (AIEST – *Association Internationale d'Experts Scientifiques du Tourisme*), criada em 1949, por iniciativa de Walter Hunziker e Kurt Krapf, diretores

---

<sup>88</sup> Informação obtida na Conferência “Turismo na Dialética Global/Local” proferida pelo Professor Dr. Jafar Jafari, por ocasião do VI Congresso Internacional da Rede Mercocidades, realizado em Porto Alegre – RS, no período 12 a 15 de setembro de 2004.

de institutos turísticos universitários suíços; a Travel and Tourism Research Association (TTRA) – uma organização internacional (predominantemente norte-americana) de profissionais especializados em pesquisa e comercialização de viagens; e a International Academy for Study of Tourism (Iast) – idealizada em 1985, mas o encontro que deu origem à sua fundação aconteceu em junho de 1988, em Santander (Espanha).

Também começam a ocorrer eventos técnico-científicos tais como congressos, encontros, simpósios; seminários, reuniões etc., organizados por uma série de associações, entidades e grupos de interesse, em particular aqueles relacionados à pesquisa e ao ensino.

Alguns autores começam a se preocupar com a epistemologia do turismo. Moesch (2000), no seu livro *A produção do saber turístico*, inova, entre os estudiosos brasileiros, ao discutir o tema, destacando que, até então, a área tem sido estudada a partir da perspectiva econômica, pragmática e consumista. Argumenta que a produção do conhecimento do turismo está apenas no “saber fazer”, distante do “fazer saber”, que é a base das ciências sociais. Complementa que a academia não está integrada e não partilha dos conceitos epistemológicos existentes, gerando uma confusão de terminologias que dificultam a elaboração e a evolução teórica das pesquisas em turismo. Direciona suas discussões a partir de uma reflexão sociológica, percebendo o turismo como prática social com seus alicerces na cultura. Ao abordar o tema do turismo no Brasil, aponta que é estudado de forma a privilegiar o saber sistemático acerca de um tema específico, ou seja, está ligado ao setor produtivo. Quando ocorre um estudo mais teórico do fenômeno, acaba sendo reduzido à economia, à geografia, à psicologia, e assim por diante, faltando, portanto, uma visão interdisciplinar do objeto de estudo. Entretanto, como a atividade turística de certo modo independe das teorias do fenômeno para acontecer, aquela passa a ter supremacia sobre esta. Em sua interpretação, a lógica de mercado adiantou-se à pesquisa científica sobre o tema turismo. Sua definição do turismo deixa transparecer uma preocupação sociológica e humanista, como pode ser percebida nesta passagem:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade consumido por milhões de pessoas como síntese: o produto turístico (MOESCH, 2000, p. 9).

“Na linguagem da pesquisa em educação superior contemporânea, turismo é [...] uma especialidade com um estilo de aprendizagem concreto e reflexivo” (PEARCE,



1993, p. 27). É uma área aplicada da atividade acadêmica. As disciplinas puras (biologia, filosofia, matemática, física, história, etc.) têm seu próprio corpus e seus métodos específicos para gerar e reproduzir conhecimento em geral. As especialidades (ecologia, publicidade, turismo, informática etc.) são concentrações recentes de atividade acadêmica e compartilham de apenas algumas das características das disciplinas. Elas podem ou não se tornar disciplinas no futuro, sem que isso signifique que são mais ou menos importantes; são apenas diferentes.

Para Jafari (1992), o processo de cientificidade do estudo do turismo

teve início quando pequenos grupos de pesquisadores, freqüentemente separados temporalmente e espacialmente, reuniram-se gradualmente em torno de posições e perspectivas comuns que não poderiam constituir disciplinas. Isto incluiu a participação em problemas comuns a serem explicados ou tratados via determinados métodos, teorias e suposições. Dentro de cada uma dessas áreas métodos e técnicas foram sendo aplicados e aperfeiçoados até serem nativos (ou inerentes) a elas mesmas. Paralelamente, foram-se delineando os parâmetros e identificando-se os seus componentes e dimensões. Significativamente, os princípios fundamentais, baseados em diversos campos com diferentes conteúdos, e a interseção dessas "propriedades intelectuais" gradualmente firmaram uma posição comum para que cada disciplina despontasse. Com o passar do tempo, o novo corpo de conhecimento foi-se nutrindo e avançando cada vez mais pesado, acompanhado pelo reconhecimento, através de institutos de educação superior, sobre cujos campos férteis essas novas disciplinas puderam ser cultivadas (JAFARI, 1992, p. 2).

Panosso Netto (2003) evidencia que a construção de uma epistemologia do turismo deveria ser feita por meio de uma teoria capaz de articular as múltiplas facetas dessa área e que abrangesse desde práticas operacionais como também as disciplinas que discutem questões de aspectos sociais, culturais, psicológicos, econômicos, o planejamento turístico, educação patrimonial, ambiental, sociologia e psicologia do turismo. O autor estabelece em seu estudo problematizações que limitam a criação de uma epistemologia do turismo, tais como: a diversidade de formações dos pesquisadores do turismo (oriundos das mais diferentes áreas das ciências humanas), que olham o fenômeno apenas do ponto de vista de sua formação acadêmica, ocasionando limitações na interpretação e parcialidade no conhecimento produzido; a necessidade de articulação entre turismo e filosofia, pois esta última considera o turismo insignificante e por isso há dificuldade de se constituir uma "ciência turística". Ainda sugere que, para se "fazer" uma epistemologia do turismo, deve-se questionar à luz da razão de determinada pesquisa, não apenas pelos resultados demonstráveis, mas, principalmente, pelas bases teóricas que fundamentam a criação da metodologia que foi aplicada no referido estudo. Assinala a importância da epistemologia aplicada ao estudo do turismo, já que esta promove uma revisão sistemática do que é legítimo no

conhecimento do turismo e por que não há concordância sobre o “mapa” ou os limites dos estudos turísticos, e a epistemologia pode ajudar para que os limites sejam estabelecidos. Para o autor, a epistemologia busca verificar o que é válido no conhecimento de determinado fenômeno. É importante ressaltar que essa realidade das coisas se refere ao sentido filosófico, que busca o fim último das questões da natureza (sua razão de ser e sua essência) e não somente os aspectos superficiais (seus acidentes e externalidades). É nesse sentido que o autor discute a necessidade de se estabelecer uma epistemologia do turismo, considerando esta como um grande avanço para nos aproximarmos de uma “ciência turística”, com a formação de um corpus teórico sólido capaz de auxiliar na evolução de teorias, constituição de novas e ainda sustentar o ensino de qualidade do turismo nos diversos âmbitos da educação.

Jovicic (1988, p.02), partindo da afirmação de que a prática do turismo é muito mais avançada do que a teoria que aborda essa prática, também argumenta em favor do estabelecimento de uma teoria do turismo, que deverá passar, obrigatoriamente, por uma descrição epistemológica. Para ela, tal descrição teria viés fenomenológico e seria a mais apurada e objetiva explanação do turismo como um fenômeno especial, a mais precisa e clara das definições do objeto da pesquisa em turismo (JOVICIC, 1988, p. 03).

Para Magalhães e Branco (2006, p.02), é possível entender o turismo de duas formas:

uma tecnicista, ficando a cargo do ensino superior formar mão de obra qualificada, porém acrítica e domesticada, servindo aos interesses do capital. Considera-se aqui o turismo como uma técnica e como mero instrumento para a profissionalização, sem referências históricas, voltada exclusivamente para atender as necessidades econômicas do mercado. Não se percebe a dimensão econômica, política e cultural do turismo, além de desconhecer o movimento histórico que o engendra. Outra perspectiva é a que entende o turismo como ciência, entendido a partir de sua totalidade histórica, com sua dimensão explicativa partindo da economia, da política, da cultura e dos aspectos sociais que o cercam. Para tanto, é necessário que as disciplinas que constituem esta ciência optem por conteúdo mais politizado e histórico, que busque o conhecimento científico, entendendo o turismo a partir de sua multidisciplinariedade, que tem nos aspectos teóricos instrumental para a leitura do real.

O Turismo, enquanto área de estudo, está inserido no campo das Ciências Sociais Aplicadas, segundo a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, porém é uma área do conhecimento que não pode ser considerada como uma ciência por ser recente o seu corpo teórico, cuja evolução só será possível se os estudos forem desenvolvidos como um capítulo das ciências sociais e não como um conhecimento autônomo (BOULLÓN, 1994).

De acordo com Lima (2003), hoje, como campo de conhecimento, o turismo esforça-se por ser considerado “ciência”, ampliando espaços não só de atuação especial, mas de ricas discussões acerca de seus diversos aspectos e tensas imbricações. Apesar de ir vencendo preconceitos, ao longo dos anos, permanece, no entanto, a suspeição das esferas acadêmicas mais respeitadas de que o turismo não seja tema “sério”, do ponto de vista do rigor científico, assim como o mercado de trabalho não identifica claramente o valor da formação acadêmica nessa área.

No Brasil, em relação à literatura técnico-científica em turismo, percebe-se que houve um aumento, principalmente na década de 1990, quando houve uma explosão de bibliografias na área. Nos primeiros anos da década de 1990, uma série de fatores influenciou o aquecimento do mercado editorial em turismo, mas o principal deles foi a proliferação dos cursos superiores. Esse mercado, estimulado pela expansão dos cursos superiores, se aqueceu. Várias editoras começaram a lançar obras sobre turismo, obras nacionais ou traduções dos principais títulos sobre o assunto (SOLHA, 2002; MATIAS, 2002).

Panosso Netto (2005) lembra que, na década de 1970, período em que surgiram os primeiros cursos de graduação em turismo no Brasil, a bibliografia sobre o tema era escassa. Assim, o corpo docente utilizava textos traduzidos do espanhol, francês e inglês e algumas reflexões de brasileiros que escreviam sobre o assunto. Na década de 1980, começam a surgir publicações brasileiras, mas o mercado editorial brasileiro em turismo ainda era tímido. O autor destaca que a primeira série de livros de turismo surgiu, em 1986, com *Turismo: atividade marcante do século XX*, de Geraldo Castelli, pela Editora da Universidade de Caxias do Sul/EDUCS. Outra importante contribuição, foi a Coleção Turismo, lançada pela editora Papyrus, em 1990.

No começo da década de 1990, também surge a primeira revista científica, “Turismo em Análise”, editada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. No final da década, surgem outras revistas: “Turismo: Visão e Ação”, editada pela Universidade do Vale do Itajaí, “Turismo Tendências e Debates”, pela Faculdade de Salvador e o “Boletim de Administração Hoteleira”, pela Universidade Ibero-Americana.

Em relação à bibliografia em turismo, Yázigi (1999, p.25) destaca que, no que se refere ao Brasil atual,

Do ponto de vista de uma teorização do turismo no Brasil, há uma carência quase total de fundamentos. Desde que o turismo se tornou uma esperança de lucros, multiplicaram-se escolas, congressos e indivíduos que se apresentam como os peritos da área. Quem levantar a bibliografia nacional disponível em livros, revistas e brochuras de resumos de congressos e similares, não

precisará de muito tempo para constatar duas fraquezas. De um lado, o número limitado de publicações; de outro, o caráter genérico dessa literatura, isto é, a superficialidade com que os autores emitem opiniões, muitas vezes, extrapolações de outras áreas do conhecimento. É raro deparar-se com temas que sejam produtos de pesquisas exaustivas e originais. Permanece-se no campo das generalidades e dos achismos.

Para Barretto e Santos (2005), o crescimento da produção editorial em turismo não quer dizer que exista uma produção científica significativa que reflita a pesquisa em torno dos fenômenos turísticos no País. Isto se aplica tanto do ponto de vista da originalidade das pesquisas, quanto no que se refere à construção de conhecimento e à elaboração de teorias ou formação de escolas de pensamento a respeito do fenômeno, embora haja um significativo número de dissertações e teses nas universidades, algumas das quais têm sido publicadas. Essa questão leva a um ponto crucial na busca do "para quê?" da ciência. Embora seus procedimentos possam ser aplicados na gestão e no marketing, os objetivos de explicação, compreensão ou interpretação da realidade não são perseguidos com esta finalidade precípua.

No banco de teses da CAPES (05/04/2010), foram listadas 2869 dissertações e teses defendidas referentes ao assunto Turismo. Desse modo, diversos são os trabalhos que, com olhares e objetivos diferentes, procuram reconstituir os caminhos percorridos na constituição da chamada *Área de Turismo*. Esses estudos, produzidos em contextos e períodos diferentes, utilizando metodologias de pesquisa, referenciais teóricos e questões de pesquisa diferenciadas, trazem importantes contribuições para a constituição da memória da área.

A produção acadêmica sobre o ensino em Turismo no Brasil hoje é bastante visível e deve-se à existência de um número razoável de pesquisadores que se congregam em diversos grupos de pesquisa atuantes no país e que são responsáveis pela organização e edição de revistas, pela criação e manutenção de eventos, projetos e cursos de formação continuada, pela implantação de cursos de pós-graduação *lato sensu* e pelo consequente credenciamento junto aos órgãos normatizadores, principalmente a partir do final da década de 1990, de programas de pós-graduação em Turismo em nível *stricto sensu* existentes no país.

Esses pesquisadores geralmente estão alocados em departamentos de Turismo ou faculdades de Turismo e têm sido responsáveis, no ensino de graduação, por disciplinas envolvendo diversos conteúdos específicos do Turismo. Muitos deles também atuam como docentes e orientadores em programas de pós-graduação e são responsáveis pela formação de mestres e doutores.

PROGRAMA	INSTITUIÇÃO	UF	ANO	NÍVEL	SITUAÇÃO
Hospitalidade	UAM- Universidade Anhembi Morumbi	SP	2002	Mestrado Acadêmico	Reconhecido
Turismo	UNB – Universidade de Brasília	DF	2007	Mestrado Profissional	Reconhecido
Turismo	UFRN – Universidade Federal do RN	RN	2008	Mestrado Acadêmico	Reconhecido
Turismo	UCS – Universidade de Caxias do Sul	RS	2000	Mestrado Acadêmico	Reconhecido
Turismo e Hotelaria	UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí	SC	1999	Mestrado Acadêmico	Reconhecido
Turismo e Meio Ambiente	UNA – Centro Universitário UNA	MG	2004	Mestrado Acadêmico	Reconhecido

Quadro 3 – Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil

Fonte: CAPES (17/03/2010) Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas/ Área: Turismo

Também a Universidade Estadual de Santa Cruz/BA possui um curso de mestrado acadêmico em Cultura & Turismo (2000), cadastrado na CAPES (17/03/2010) na grande área multidisciplinar, na área interdisciplinar.

A UNIVALI, em Santa Catarina, possui um curso de doutorado em Administração e Turismo, que na CAPES (17/03/2010) está vinculado à grande área das Ciências Sociais Aplicadas na área de Administração (2003).

Neste capítulo, buscamos fazer uma reflexão sobre o ensino superior em turismo e também sobre o conhecimento científico em turismo. Estudando esse contexto, encontramos indicação da possibilidade de pensarmos as práticas pedagógicas que cercam o ensino superior em turismo, como resultado de um processo da organização social, política e cultural da sociedade brasileira.

Percebemos que muitos fatores incentivaram a criação dos cursos de turismo no Brasil, dentre eles, o crescimento da atividade turística no País, no final de 1960 e início de 1970; a criação da EMBRATUR; a necessidade de mão-de-obra qualificada; a valorização do lazer; a abertura dada pelo governo para a criação de novas instituições de ensino particulares e o incentivo a novos cursos com carreiras ainda não regulamentadas. Esses fatores, integrados entre si, e, acrescidos do momento histórico que vivíamos, demandaram o surgimento dos cursos de turismo.

Contudo, podemos pensar que, além de todos esses fatores que contribuíram para o início dos cursos de turismo no Brasil, existiam também, interesses políticos. A implantação desses cursos está inserida num jogo de forças, de um lado, o Estado – a EMBRATUR, através de leis, que induz a força de mercado, e por outro, a iniciativa privada, que vê no turismo grandes oportunidades de sucesso financeiro. Essa

“institucionalização simultânea”, ou seja, esse conjunto de forças sociais não existiu apenas no estado de São Paulo, mas se espalha por todo o país.

Desse modo, há uma interrelação entre o desenvolvimento da atividade turística e o trabalho desenvolvido pelos cursos de turismo, pois entendemos que é a partir das pesquisas e do conhecimento gerado nesses cursos que será possível conhecer a realidade e possibilitar a outras esferas interferir nela, percebendo, assim, um potencial transformador de tais cursos. É com esse intuito que, na terceira parte deste trabalho, vamos analisar a trajetória do Curso de Turismo da PUCRS.

### **PARTE III – PERCURSOS DO CURSO DE TURISMO – PUCRS**

*Não é na história aprendida, é na história vivida  
que se apóia a nossa memória (HALBWACHS, 1990, p. 60).*

## **CAPÍTULO 4 A EMERGÊNCIA DO CURSO (1972 – 1975)**

Neste capítulo, abordamos a história da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, especialmente da Faculdade de Comunicação Social – FAMECOS, a fim de situar o objeto de estudo, o Curso Superior de Turismo. A investigação, ao propor uma aproximação quanto às memórias dos sujeitos do curso, não almeja descobrir o que realmente aconteceu na história do curso. Interessa, sim, compreender como as memórias de quem viveu aquele passado são construídas no presente, que implicações têm essas memórias na construção dos significados histórico e educacional atribuídos ao curso.

A história da PUCRS se inicia com a vinda dos Irmãos Maristas para o Brasil – congregação religiosa fundada por São Marcelino Champagnat, em 1817, em La Vallá (perto de Lyon – França). No ano de 1900, os primeiros Maristas chegaram à localidade de Bom Princípio (RS). Nas cidades em que se estabeleciam, iam abrindo escolas, conforme as necessidades de cada região.

Em 1904, usando as instalações da Igreja Nossa Senhora do Rosário, foi aberta a Escola Nossa Senhora do Rosário. Em 1927, se transferiu para a Praça Dom Sebastião. Nesse ano, o Irmão Afonso (Charles Désiré Joseph Herbaux), diretor da Escola, criou o Instituto Superior de Comércio.

Em 1940, foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, seguida pela Escola de Serviço Social, em 1945; pela Faculdade de Direito, em 1947. Com as quatro faculdades, a União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE), entidade civil dos Irmãos Maristas, requereu ao Ministério da Educação a equiparação de universidade.

Em 23 de agosto de 1948 foi aprovado, no Conselho Federal de Educação, o parecer nº 323, que cria a Universidade Católica do Rio Grande do Sul, constituída pelos seguintes estabelecimentos: Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Faculdade de Direito e Escola de Serviço Social. O Presidente da República assinou o Decreto nº 25.794, de 9 de novembro de 1948, com aprovação do estatuto da Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

No dia 1º de novembro de 1950, o Papa Pio XII outorgou à Universidade o título de Pontifícia. Em 7 de março de 1951, foi instalada a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Desde então, a PUCRS vem passando por diversas mudanças, reestruturações, ampliando suas unidades acadêmicas, a oferta de cursos, o desenvolvimento do espaço físico, etc.



A história da FAMECOS – Faculdade dos Meios de Comunicação Social teve início em 1949, quando houve pressão de profissionais da área, entidades (Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre e Associação Rio-Grandense de Imprensa) e empresários (ligados à Cia. Jornalística Caldas Jr. e aos Diários e Emissoras Associadas), para a instalação do primeiro curso de Jornalismo<sup>89</sup> no RS e o terceiro do País (MOURA, 1994). A Associação Rio-grandense de Imprensa, o Sindicato dos Jornalistas e as empresas jornalísticas pressionaram a Universidade para que criasse o curso que daria mais cultura aos profissionais da imprensa.

Em 1964, o Curso de Jornalismo passou a ser Escola, sendo seu primeiro Diretor o professor Cláudio Goulart Candiota e, no ano seguinte, a Escola de Jornalismo transformou-se na Faculdade dos Meios de Comunicação Social, em virtude do título do documento Inter Mirifica do Concílio Vaticano II<sup>90</sup>, em 04/12/1966.

Em 1967, teve início o curso polivalente, de quatro anos, havendo, no último, opções para as especializações em Jornalismo, Publicidade/Propaganda e Relações Públicas. Devido à Resolução nº. 11/69 do Conselho Federal de Educação, em 1970 o curso de Comunicação Social foi reestruturado com especializações em Jornalismo (Impresso, Radiofônico, Televisionado e Cinematográfico), Relações Públicas e Publicidade/Propaganda.

A partir de 30 de dezembro de 1969, assumiu a direção da FAMECOS o professor Alberto André, um dos fundadores do Curso de Jornalismo, em 1952. O Irmão Elvo Clemente, que esteve na vice-direção com o prof. Candiota, permanece com sua função, continuando a responder pela Secretaria Geral da Universidade. Formou-se, então, um triunvirato que traçou novos destinos à FAMECOS: Alberto André (diretor da FAMECOS – 1969 a 1975), Irmão Elvo Clemente (vice-diretor da FAMECOS e

---

<sup>89</sup> No Brasil, o Curso de Jornalismo foi instituído pelo Decreto-Lei 5.480 de 13 de maio e regulamentado pelos Decretos 22.245 de 6 de dezembro de 1946 e 24.719 de 29 de março de 1948. Em 4 de julho de 1949, o Conselho Universitário, por proposta do Reitor Professor Armando Pereira da Câmara, designou o Irmão Faustino João para elaborar o plano de orientação do Curso de Jornalismo, nos moldes apontados pelos Decretos. Com isso, foi elaborado o plano para o Curso, de acordo com a legislação em vigor, sendo aprovada a sugestão pela então Faculdade de Filosofia, integrante da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que organizou uma relação de professores para ministrar as diversas disciplinas. Com o currículo e a seriação das disciplinas aprovadas pela Mantenedora e pelo Conselho Universitário, em 1950, a instituição requereu à Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação a autorização para o funcionamento do Curso de Jornalismo. (JOÃO e CLEMENTE, 1997).

O Conselho Nacional de Educação aprovou a autorização de funcionamento do Curso de Jornalismo, pelo Decreto 29.831 de 31 de julho de 1951 concedido pelo governo federal. O curso começou em março de 1952, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras. Em 11 de abril de 1956, através do Decreto nº 39.008, o Curso de Jornalismo foi reconhecido pelo governo federal. Já em 28 de janeiro de 1964, através do Parecer nº 7/64, o Conselho Federal de Educação autorizou o desdobramento, solicitado pela Direção da Faculdade de Filosofia, para a criação da Escola de Jornalismo.

<sup>90</sup> Decreto do Papa Paulo VI apresentado em 04/ 12/ 1966, se dirige originalmente aos que se dedicam aos Meios de Comunicação Social: a imprensa, o cinema, o rádio, e a televisão.

Secretário Geral da PUCRS) e Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez (diretor da FAMECOS – 1976 a 1994) (DORNELES, 2002).

Em 1971, a FAMECOS mantinha a formação polivalente para todos os alunos, além dos cursos: a) Jornalismo impresso, radiofônico, televisivo e cinematográfico; b) Relações Públicas; c) Publicidade/Propaganda; d) Técnico em Planejamento de Turismo (criado em novembro de 1971 para começar a funcionar em 1972).

André (1993) revela que, quando foi indicado para a direção da Faculdade, tinha como meta sua ampliação e o desejo de torná-la mais prestigiosa perante os veículos de comunicação do Estado. A primeira iniciativa que propôs foi a construção da sede própria para a FAMECOS. O prédio veio a fazer parte da Cidade Universitária, instalada em seu novo campus, no bairro Partenon. O prédio, de número 7, se concretiza, e é onde a FAMECOS está operando até hoje (2010).



Ilustração 13 – Obras da FAMECOS PUCRS – 1972

Fonte: Assessoria de Comunicação Social – Arquivo Fotográfico - PUCRS

Em 1972, dentro do programa da XII Semana de Porto Alegre, foi lançada a pedra fundamental do prédio da FAMECOS, fato bastante marcante para a Instituição.



Ilustração 14 – Correio do Povo/RS, 06/11/1971, p. 12

Conforme abordamos em capítulo anterior, nesse período o Rio Grande do Sul estava vivendo uma fase de deslumbramento com a atividade turística; as notícias sobre turismo, no jornal Correio do Povo/RS, eram diárias. Diversas iniciativas, tanto no âmbito público quanto no privado, estavam sendo realizadas com o objetivo de desenvolver o turismo no estado, como a elaboração do plano da SUDESUL e, junto a isso, diversos estudos estavam sendo realizados que reforçam a necessidade de qualificar a mão de obra para o setor turístico.

Inicialmente, devemos dizer que não consideramos a fundação de uma instituição como um fato, um momento, uma data, mas como um processo, que inclui todos esses elementos referidos e converge para um evento particular, datado, como uma inauguração, uma solenidade, um ritual ou uma lei; que pode ser registrado como uma referência concreta ou formal da gênese de um curso que, entretanto, pode necessitar de algo mais, por exemplo, de mais uma série de fatos ou eventos para consolidar sua existência<sup>91</sup>.

No presente capítulo, partimos da análise das narrativas dos professores, ex-docentes e ex-alunos em suas memórias e de suas interlocuções sobre o Curso de Turismo, buscando mapear os sentidos que produzem em suas primeiras aproximações

<sup>91</sup> São conhecidos exemplos de cursos criados no papel, mas que nunca existiram ou somente vieram a existir de fato tempos depois, como foi o caso do Curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas em 1975, conforme portaria Portaria 04/75 do CONSUN.

com esse curso. Assim, as entrevistas, os jornais, os documentos serão os indícios, pistas, dados de nossa pesquisa, mediados pela teoria.

No caso do Curso de Turismo da PUCRS, parece-nos que uma referência inicial sobre o processo de fundação configura-se com o estudo realizado pela SUDESUL, com a situação do ensino superior no Brasil nesse período, e com todo o contexto do Turismo no Brasil, especificamente, no estado, conforme descritos nos capítulos 2 e 3.

Em novembro de 1971, foi criado e autorizado pelo Parecer 35/71, do Conselho Federal de Educação, o Curso Superior de Planejamento de Turismo, com duração de três anos, no turno da noite, para iniciar suas atividades em março de 1972.

#### **4.1 O Processo de Constituição do Curso**

Interpretando-se as narrativas dos entrevistados, podemos perceber diferentes explicações no que se refere a fatores determinantes da origem do curso. Essas diferenças, provavelmente, devem-se a participações em momentos distintos das discussões. Por exemplo, o professor Masina se aproximou do curso a partir de sua atuação na SUDESUL; o professor Muza a partir de seu trabalho na ADVB – Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil. De qualquer maneira, tanto a iniciativa pública quanto a privada motivou a criação do curso.

O contato com a realidade científica da Espanha fez emergir, em um grupo de pessoas que começava a trabalhar com o turismo no RS, Edison Batista Chaves, Renato Masina, uma expectativa de transformação da realidade turística gaúcha. A partir dos contatos mantidos com o grupo espanhol, começou a se estruturar e institucionalizar essa atividade no estado, com a criação da Secretaria de Turismo e, a partir daí, reivindicar uma maior participação com uma melhor qualificação nessa área.

Para Masina (1993), o Curso Superior de Turismo surgiu como decorrência das necessidades levantadas pelo Plano Regional de Turismo da Região Sul, estudo analítico de alto nível técnico, realizado em 1970/71, pela então Superintendência de Desenvolvimento Econômico do Extremo Sul – SUDESUL. Após a realização desse Plano, foram detectados vários aspectos e, entre eles, talvez o mais importante, o problema da formação profissional, pois havia carência de pessoal para atividades nesse novo setor. Nessa época, o SENAC fazia algum trabalho de formação de garçons, de arrumadeiras, mas era uma coisa em nível básico e faltava a parte gerencial, de gestão e de qualificação. A alternativa encontrada foi a de uma universidade criar um curso de Turismo, permitindo uma formação acadêmica e mão de obra qualificada. A equipe que elaborou o Plano estabeleceu inicialmente um contato com a Universidade Federal do

Rio Grande do Sul – UFRGS, que não mostrou interesse. Então foram à PUCRS, que acolheu a idéia e se colocou à disposição.

Segundo Clemente (1993), as agências de turismo da capital insistiam seguidamente, junto à Direção da FAMECOS, para que se criasse o Curso Superior de Turismo, a fim de preparar mão de obra especializada que o campo da "indústria sem chaminés" estava a exigir. O Conselho da FAMECOS, formado pelos professores Alberto André, Ir. Elvo Clemente e Antônio Firmo Gonzalez, acatou a idéia e examinou sua aplicabilidade.

Para Gonzalez (1993), o Curso Superior de Turismo originou-se de apelo formulado a PUCRS pelo Poder Público e pela Iniciativa Privada, que, decisivamente, colaboraram para a formação de sua estrutura funcional e curricular.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) nos traz outro enredo para essa criação. Conta que a ideia do Curso de Turismo surgiu no escritório de planejamento do governador Euclides Triches e esse projeto passou a ser ampliado através da ADVB, porque no planejamento de governo tudo era por setores, e esta área estava a cargo da ADVB, ligada à Confederação Nacional do Comércio. O professor Muza, na época, era o diretor de capacitação da ADVB, do que decorreu sua participação nas discussões e sugestões do currículo do curso<sup>92</sup>.

A Confederação Nacional do Comércio encaminhou, através da sua presidência, uma solicitação ao Irmão Reitor João Otão, para que a PUCRS se tornasse parceira do programa de governo e criasse o curso superior de Turismo. O reitor, então, instituiu uma comissão e determinou que Alberto André, Elvo Clemente, Renato Masina e Antoninho Muza Naime estudassem a possibilidade de se criar esse curso.

Conforme vimos no capítulo anterior, outras iniciativas de criação de cursos de Turismo também partiram de uma solicitação da Confederação Nacional do Comércio, como por exemplo, a USP.

A PUCRS, atendendo ao apelo do governo do estado, reforçado por reivindicação da Confederação Nacional do Comércio e do empresariado, acolheu o pedido de criação de um Curso Superior de Turismo, destinado a preparar planejadores e organizadores de Turismo em nível superior. Materializava-se, dessa forma, mais um braço da política de Turismo da SETUR, atenta às exigências do mercado profissional.

---

<sup>92</sup> Antoninho Muza Naime (08/10/2008) se dizia um curioso da área, como todos que começavam a trabalhar com o turismo na época, no estado. Para ele, existiam duas pessoas que conheciam turismo, o Walter Seabra, que foi diretor do São Rafael, e o Goidanich, que foi diretor do Serviço Estadual de Turismo. As pessoas que tinham experiência eram eles e mais ninguém. No Brasil, praticamente, todo mundo era curioso, porque formação acadêmica ninguém tinha.

(MOESCH, 1997)

Convém salientar que a legislação, através do MEC, viabilizou essa iniciativa, uma vez que, em 1971, se estabeleceu o currículo mínimo geral para os cursos de Turismo no Brasil, que foi homologado em 19/04/1971 (Jarbas Passarinho).

Para o professor Renato Masina (25/03/2008), a profissionalização em turismo foi uma exigência do próprio mercado; o setor começou a se conscientizar da atividade e notou a falta de pessoal especializado. A administração, a gerência e a gestão turística, tanto na parte de hotelaria como nas agências de viagem, o próprio setor governamental, necessitavam de pessoal especializado na área de turismo. A partir daí surgiu a necessidade da criação de um curso de Turismo que formasse pessoal qualificado para essas diversas atividades.

Alberto André (1993), no projeto de criação do curso, justificou sua criação partir do contexto: os fundamentos eram óbvios, pois, no Brasil, havia sido criada a Empresa Brasileira de Turismo, EMBRATUR, pelo Decreto Lei nº55, de 18.11.1966, que tinha como ementa definir a política nacional de turismo. No Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Canela, Gramado e outras cidades – as condições eram adequadas, especialmente em seu condicionamento geográfico e social, rede hoteleira em expansão, organizações e agências atuantes. Os novos impulsos vieram com o Decreto Federal nº18.908, de 1.2.1968, que estabeleceu estímulos fiscais para hotéis e similares, de interesse turístico. Em nosso Estado, através da Lei 6238, de 23.7.1971, nasceu a Companhia Rio-Grandense de Turismo, CRTUR, que, na primeira etapa, foi colocada sob a Secretaria de Turismo e, extinta esta, transferida para a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo. Também funcionava o Conselho Estadual de Turismo, CET, cujos membros participaram de algumas reuniões como presidentes da Associação Rio-Grandense de Imprensa. Já se preparava o Conselho Municipal e, em seguida, a Empresa Porto-alegrense de Turismo, EPATUR, que só viria a tornar-se realidade pela Lei municipal nº3741, de 28.12.1973. O Curso Superior de Turismo insere-se quando esses três níveis de governo estão empenhados na criação da Indústria Turística e no Desenvolvimento do Turismo. “Situa-se assim, na letra e no espírito do Decreto-Lei 55, de 18 de novembro de 1966, base da legislação e das providências que vêm sendo encaminhadas na formulação da política de turismo no país” (PROJETO DE CRIAÇÃO DO CURSO DE TURISMO - PCCT, 1972, s/p)

Teixeira (2007), analisando a trajetória dos Cursos Superiores de Turismo (1968-1976), também considera a criação, em 1966, da EMBRATUR como uma variável importante para a criação desses cursos no Brasil.

André (1993, p.122) também pondera que, na época de criação do curso, outro fator decisivo foi a pregação de Joaquim Xavier da Silveira, presidente da EMBRATUR, que considerava o turismo "prioridade nacional". Existiam ainda vários artigos nos jornais, especialmente no Correio do Povo/RS, onde pontificavam os jornalistas Oswaldo Goidanich, Kleber Borges de Assis, Lourdes Fellini Sartori, entre outros. Assim, pelo que se observa, o ambiente era oportuno para a efetivação do Curso, pois já se sentia a ausência de mão de obra especializada. “O Curso Superior<sup>93</sup> de Turismo, desde logo, mereceu o apoio do Conselho de Turismo, da Confederação Nacional do Comércio e de várias entidades, das quais cerca de quinze, então em evidência no comércio local apoiaram o turismo, já então considerado uma "indústria sem chaminé", portanto, não poluente”. Havia ainda o Parecer nº35/71, de 28.1.1971, do Conselho Federal de Educação, que fixou duração e conteúdo programático mínimo para o Curso e as exigências de sua constituição.

Lembranças refeitas e recontadas sobre um tempo e uma realidade turística única, Suzana Gastal (14/07/2008), comentando o contexto do turismo no Brasil, no momento da criação do curso da PUCRS, considera que, a partir da criação da EMBRATUR nos anos 1960, o turismo começou a ter visibilidade, com uma articulação em torno da área. Lembra, também, que era sempre o grande acontecimento do ano, o Congresso da ABAV (Associação Brasileira das Agências de Viagens), *o turismo eram os agentes de viagem e estas eram as pessoas que articulavam essa noção de turismo, os hoteleiros mais tímidos, os hoteleiros estavam lá e eles até participavam, mas quem se movimentava, quem se articulava, quem fervilhava digamos assim, em torno da área eram os agentes de viagem.* A professora destaca que, na época, havia alguns agentes de viagem, como Pedro Chaves Barcellos, Deisi Gregori:

*que eram pessoas ilustradas, eram pessoas com uma formação sofisticada, e ai eu não vou te afirmar, mas eu acho que mesmo no resto do Brasil, de pessoas digamos com um bom berço, com uma boa formação, e trabalhavam como agentes de viagem, mas como uma expressão de sofisticação, não como uma expressão de negócio, então eram pessoas muito agradáveis de se lidar, eram pessoas viajadas que conheciam o mundo, as metrópoles, eram grandes pessoas, figuras muito interessantes, e isso se articula, no momento, que mesmo dentro da Ditadura, há uma ..., que isso pouco se diz no sistema da Ditadura, mas que houve muito casos em Porto Alegre, aqui no Rio Grande do Sul, talvez, [...], então por exemplo, na época, como é o nome dele agora, que é o que vai ser o secretário da Industria e*

<sup>93</sup> Berenice Mércio Pereira (13/05/2008) esclarece que foi para diferenciar dos cursos que havia no SENAC que se utilizou o termo “superior”, o qual só foi retirado em 2005.

*Comércio, junto com o Villela, eles são técnicos do BNDS, eles são economistas, eles são do comércio e eles são chamados para a administração. Depois os agentes de viagens passam a ser um comerciante, ele não é elitizado, ele não é um intelectual, ele é o cara ali do balcão do armazém, o negócio dele é vender.*

A narrativa lembra a importância dos congressos da ABAV, momentos de aprendizados, de discussões mais profundas, e de reflexão sobre o papel dos agentes de viagem que se articulavam, incitando a atividade turística.

Assim, o Curso ora criado respondia às inúmeras organizações que sentiam a necessidade e reivindicavam por qualificação na área, a EMBRATUR, a SETUR, a SUDESUL, a Confederação Nacional do Comércio e a iniciativa privada.

Mesmo que diferentes narradores recordem do início do curso de forma diversa e que com suas memórias tragam especificidades que somente a si digam respeito, de alguma forma dividem o curso, um tempo de vida, com um grupo de pertencimento que o reconhece como parte desse Curso. Destacam muito que, nesse período, as pessoas que discutiam e trabalhavam pelo turismo no estado mantinham laços de amizade, eram bastante unidos e formavam “uma família”

Para a professora Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), historicamente há duas pessoas que foram referências quando da fundação do curso, o Irmão Elvo que acreditou nessa idéia do novo, como fundador, e estabeleceu a organização do curso, depois o Antoninho Gonzáles, que foi um homem de visão naquele momento e deu espaço para o turismo crescer dentro da FAMECOS, tradicionalmente voltada à comunicação.

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) se reporta a essa questão dizendo:

*nós tínhamos um diretor que era Antonio Gonzáles, que era uma pessoa de muita visão, e ele tinha por hábito assumir boas idéias. O Antoninho, ele era muito relacionado na questão, ele trabalhava com a área de Turismo também, acho que até foi da SETUR, e a PUCRS sempre teve essa coisa de estar na vanguarda, eu acho que por isso que veio para a FAMECOS, pela acolhida, pelo próprio espaço que poderia ter acolhido o Turismo, hoje não, hoje tem outras áreas que poderiam acolher o Turismo sem problema nenhum.*

Nesse sentido, podemos perceber na lembrança de uma ex-aluna, Lenora Horn Schneider (01/07/2008), que conta como a área da Comunicação chamava sua atenção, pela experiência das pessoas que atuavam, principalmente, Alberto André e Antoninho Gonzáles. *É tão engraçado isso que eu tô te falando, agora que ‘caiu a ficha’, porque*



*naquela época do Turismo, na década de 1970, na SETUR, a imprensa era tão importante quanto o Planejamento, porque na PUCRS o turismo se constitui como um curso da área de comunicação.*

Importa ressaltar que, nessa época, poucas universidades brasileiras ofereciam cursos regulares de Turismo. Isso revela o caráter de vanguarda da PUCRS. Podemos nos questionar o que este fato significou para a época um Curso Superior de Turismo. Uma época em que havia uma euforia em relação à atividade turística, época do golpe militar, o ensino superior em fase de expansão; certamente foi algo inusitado.

Do ponto de vista científico, pedagógico e acadêmico, uma área recém criada e pouco consolidada, por isso foi uma atitude inovadora, aspecto bastante salientado nas narrativas, quando se referem ao irmão Elvo Clemente, Alberto André e Antonio Gonzáles na época de criação do Curso.

#### **4.2 A Construção do Currículo do Curso**

Nesse período não havia muita liberdade em relação ao currículo, porque deviam seguir a resolução 35/71, que estabelecia o currículo mínimo dos cursos de Turismo. Então, era somente transformar matérias em disciplinas e agregar pouca coisa, basicamente aquelas disciplinas que eram do currículo comum a todos os cursos na PUCRS.

Quanto aos encaminhamentos para a construção/elaboração do curso, na documentação aparecem diversas solicitações do Irmão Elvo Clemente para subsidiar a elaboração do currículo do Curso de Turismo da PUCRS. Em 10 de dezembro de 1971, Corinho de Arruda Falcão, Presidente da Confederação Nacional do Comércio – Conselho de Turismo, situado no Rio de Janeiro, encaminha ao Professor Elvo Clemente – Secretário Geral da PUCRS, uma carta atendendo a solicitação anteriormente realizada. Nela consta o material sobre o Currículo Mínimo do Curso Superior de Turismo; uma cópia do parecer da Câmara de Ensino Superior, homologado pelo Ministro da Educação; e publicações da Universidade Católica de Petrópolis<sup>94</sup>,

---

<sup>94</sup> O Curso de formação de profissionais em Turismo, em nível superior, é um dos cursos mais tradicionais da Universidade Católica de Petrópolis. Iniciou-se em 01/02/1972 e foi reconhecido pelo MEC através do Decreto Federal nº 76952 de 30/12/1975 e publicado no Diário Oficial da União em 31/12/1975. A turma formada em 1974 foi a primeira no Estado do Rio de Janeiro e uma das segundas turmas formadas no Brasil. O curso funcionou ininterruptamente até o segundo semestre de 1981 sendo suspenso até o segundo semestre de 2000 quando foi reaberto funcionando até o presente momento. O curso é realizado em oito períodos com a proposta de preparar e formar profissionais de nível superior para atuarem na área de Turismo em qualquer organização afim, seja pública ou particular. ([www.ucp.br](http://www.ucp.br) - 02/06/2009)

explicitando que, “o assunto está, com êxito, alcançando o desenvolvimento esperado, para ser criado em definitivo o Curso de Turismo em nível universitário”.

O Irmão Elvo Clemente juntamente com o Irmão Faustino João, foram visitar o curso de Turismo da UCP/RJ, para conhecerem a experiência de outra realidade. Também não podemos esquecer que já se tinha o exemplo de São Paulo, da Anhembi Morumbi, e da ECA/USP, para sinalizar caminhos.

André (1993) assinala que conheciam o ambiente turístico no Rio Grande do Sul, estavam interados de projeto semelhante iniciado em Petrópolis/RJ, então chegaram à conclusão de que o curso da PUCRS não seria apenas mais um curso, mas um fator básico no preparo da mão de obra turística, como técnicos, auxiliares, planejadores e pesquisadores.

O diretor da FAMECOS, o jornalista Alberto André, conhecia o trabalho do professor Renato Masina na SUDESUL, chamando-o para colaborar na montagem do curso. Renato Masina (25/03/2008) recorda que a partir de então começou a estudar com diversas pessoas do *trade*, até chegar a um projeto de como deveria ser o curso. Durante a elaboração do currículo, não havia muito a ser pesquisado; tomaram por base a bibliografia da Espanha, as informações dos espanhóis que atuavam na SUDESUL.

Norma Martini Moesch (12/03/2009) explica que o modelo espanhol que prevaleceu no Rio Grande do Sul, estava, na verdade, muito vinculado a uma outra origem.

*O Gabriel [Gabriel Mário Rodrigues] levou para São Paulo o que convinha a São Paulo, um espelhamento do que se dava nos Estados Unidos. Por que o curso de turismo no Rio Grande do Sul, ele tem essa, eu diria, essa outra identidade. Porque ele não foi uma criação, uma iniciativa da PUCRS, ele na verdade é um braço, ele representa um braço da política de turismo que foi criada no Estado a partir de 1970, quando se rejeita o órgão, digamos, o governo estadual rejeita as iniciativas anteriores, desde o momento em que se cria um Conselho Estadual de Turismo, depois vem um Serviço Estadual de Turismo para posteriormente ser criado um Sistema Estadual de Turismo [...].*

Dos idealizadores do curso, três são falecidos Alberto André, Elvo Clemente, Antônio Firmo de Oliveira Gonzáles; os demais estão aposentados, Renato Masina e Antoninho Muza Naime. Também aparece, nas narrativas, a contribuição de diversas pessoas ligadas à atividade turística nesse período: Geraldo Castelli, Luis Welp, diretor do Hotel São Luiz localizado na Farrapos, Julio Balzano, Lourdes Fellini. Dentre eles, alguns participaram da elaboração inicial do curso, dando sugestões durante reuniões

realizadas e, posteriormente, passaram a ser professores, sendo incorporados ao corpo docente conforme as necessidades.

Muitas outras pessoas participaram de algumas reuniões, dando sugestões, como Günter Staub, que era o presidente da ADVB e Heitor Kramer que era intendente da ADVB, já falecido. Também registram a presença de representantes da então Secretaria de Turismo do Estado, sobretudo de sua Comissão Intersetorial de Turismo, coordenada pela professora Lourdes Fellini. Durante a elaboração do curso, também mantiveram contatos com a EMBRATUR, com órgãos representativos de classe, como a Associação Brasileira de Agentes de Viagens do Rio Grande do Sul e a Associação da Indústria Hoteleira do Rio Grande do Sul, através de seus dirigentes, conselheiros e funcionários, que se dispuseram a dar uma contribuição efetiva na elaboração do currículo, bem como colaboraram eficientemente com sua experiência, ministrando aulas às primeiras turmas do curso recém criado. Também foi solicitada a colaboração de profissionais de várias outras áreas da PUCRS, como por exemplo, História, Geografia, Jornalismo.

Renato Masina (25/03/2008) diz que chegaram à conclusão de que seriam necessários conhecimentos relativos à Economia Aplicada ao Turismo, à Agência de Viagem, à Planejamento, Promoção Turística, Sociologia Turística, História do Turismo. Dessa forma, o currículo foi sendo estruturado, e o último semestre dedicado ao estágio, quando os alunos deveriam atuar em agências de viagem, hotelaria, setores do governo, etc.

Pelas páginas do jornal Correio do Povo/RS (1972), podemos acompanhar esse processo de estruturação do currículo. A matéria intitulada “FAMECOS intensifica o estudo do Turismo”, ressaltava que, a partir do segundo semestre daquele ano, o Curso de Turismo da FAMECOS/PUCRS, teria seu programa intensificado, com estudo direto da área turística. Foi o que ficou acertado entre o diretor da Faculdade, jornalista Alberto André, e o secretário de Turismo, Edison Chaves. Ponderava que, durante o primeiro semestre, o curso compreendera uma fase de reciclagem, passando, a partir de agosto, a abranger matérias específicas de turismo. Os conhecimentos seriam transmitidos através de uma série de conferências, a cargo do secretário Edison Chaves e da equipe técnica da Secretaria de Turismo. Para tanto, tinha sido elaborado um programa sobre os assuntos a serem tratados. Reforçava que o Curso de graduação em Turismo da FAMECOS havia sido criado em momento adequado, quando o governo do Estado estava dedicando atenção especial ao desenvolvimento desse setor como uma atividade econômica. (Correio do Povo/RS, 13/07/1972, p.13).

Outra reportagem do Correio do Povo/RS (30/07/1972, p.13) destacava que a Secretaria de Turismo colaborara com FAMECOS com a apresentação e o debate do plano de turismo, elaborado juntamente com a SUDESUL e técnicos espanhóis. Também abordava que o diretor da Faculdade, Alberto André, mantivera debate com dirigentes de entidades e diretores de empresas vinculadas ao turismo, na Secretaria, com os quais discutira os diversos aspectos do Curso, sobretudo o currículo dos dois anos de profissionalização, a ser desdobrado nos exercícios de 1973 e 1974. O grupo, que pertencia à Comissão Intersetorial de Turismo, iria fazer sugestões por escrito, colaborando, assim, com sua experiência para o melhor desempenho do Curso.

Pelo jornal Correio do Povo/RS, pode-se constatar que o Secretário de Turismo do Estado realizou diversas palestras no curso de Turismo, e participou ativamente, durante ano de 1972, período em que estava sendo elaborado o currículo do curso. Várias instâncias da sociedade participaram na montagem do currículo.

Embora o curso de Turismo tenha iniciado suas atividades em março de 1972, durante esse ano foram realizadas as discussões sobre o curso e a elaboração do currículo, que culminou no Projeto de Criação do Curso de Turismo em dezembro de 1972.

Edison Chaves proferiu conferências em diversas faculdades na PUCRS, na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, na Faculdade de Direito e na FAMECOS, reforçando seu entendimento de que várias áreas deveriam trabalhar com o tema turismo.



O prof. Edison Batista Chaves, titular da Secretaria de Turismo do R. G. do Sul, quando iniciava as palestras na FAMECOS sobre o planejamento turístico do Estado

## Plano de Turismo está sendo analisado na PUC

A Secretaria de Turismo e a Comanhia Riograndense de Turismo começaram na Faculdade dos Meios de Comunicação Social, da PUC, uma exposição do plano estadual de turismo para estudantes do primeiro ano básico de comunicação social e turismo, estes pertencentes ao novo Curso Superior de Turismo.

Inicialmente, o titular da Secretaria, prof. Edison Batista Chaves, palestrou sobre os aspectos gerais do plano e os trabalhos em andamento sobre turismo, com a participação da repartição e da SUDESUL. Com projeções e apreciações, aquele titular expôs os estudos e projetos elaborados com a colaboração dos técnicos espanhóis. O Curso da FAMECOS é o primeiro de caráter regular no Rio Grande do Sul, com três anos, devendo funcionar no ano vindouro o 2.º ano, já de caráter profissional.

A seguir, serão pronunciadas

dez palestras sobre os projetos, cinco pela manhã e cinco à noite, nas seguintes datas e horários: 1 — pela manhã, das 8h15 min às 9h15min nos dias 22 de agosto, 12 e 26 de setembro, 19 e 24 de outubro, na sala 308 da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas; 2 — pela noite, dias 21 de agosto, 4 e 18 de setembro, 2 e 16 de outubro, às 20h 50min, no anfiteatro da Faculdade de Direito.

As palestras terão este desdobramento: a) — O Planejamento Turístico. O mercado turístico — Marco Antonio Pinto, diretor técnico da CRTUR; b) — A Carteira de técnico de turismo. Opções e perspectivas — Freda Burger, coordenadora da CRTUR; c) — Urbanismo Turístico — arquiteto Antonio Carlos Oliveira; d) — Ordenação Turística e Incentivos Fiscais — Virginia Jacob, assessora jurídica da Secretaria de Turismo; e) — Debates com todos os conferencistas.





### PALESTRA SOBRE TURISMO

O secretário de Turismo, sr. Edison Baptista Chaves, proferiu palestra para os alunos do 1.º ano da Faculdade de Meios de Comunicação Social da PUC, do curso superior de Turismo e Jornalismo. Abordou alguns aspectos do Plano de Desenvolvimento Turístico

do Estado. No próximo dia 22, em continuação ao ciclo de dez palestras sobre a matéria, falará o dr. Marco Antônio Pinto, diretor técnico da CR-TUR, que se dedicará à análise do "Planejamento Turístico". Na foto, o secretário de Turismo falando aos alunos da

FAMECOS

Ilustração 16 – Correio do Povo/RS, 15/08/1972, p. 09

Pelas páginas do jornal, é possível acompanhar a elaboração do currículo e perceber a relevância do curso na atividade local, o que permite aquilatar as expectativas dos empresários com sua implantação.

## Curso Superior de Turismo terá currículo pronto até fim do mês

Até fins deste mês estará definitivamente organizado o currículo do Curso Superior de Turismo, da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC. O curso será de três anos, com o primeiro ano básico, já em andamento, e os dois outros a serem cumpridos em andamento, e os dois outros a serem cumpridos em 1973 e 1974 respectivamente.

Estão matriculados no 2.º semestre básico, ora em realização, sessenta estudantes que passaram nas provas vestibulares. A fim de facilitar a opção, eis que estão juntamente com 120 outros, candidatos aos cursos de Comunicação da Faculdade, como jornalismo, relações públicas e publicidade, a Secretaria de Turismo está aplicando um programa de seis palestras, pela manhã e à noite, durante as quais está sendo apresentado o plano de turismo do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, preparado pela SUDESUL, a Secretaria e os técnicos espanhóis.

Dando sua colaboração à FAMECOS, a Secretaria de Turismo vem promovendo reuniões entre os dirigentes da Faculdade e setores da Comissão Inter-estadual de Turismo. Na próxima terça-feira, às 16 horas, na Secretaria da Faculdade, empresários de viagens, de hotelaria e outras empresas de turismo, estarão reunidos novamente com o diretor da FAMECOS, a fim de reanudar o último debate antes da elaboração definitiva do currículo. Entre as sugestões que os empresários enviaram à PUC estão as relacionadas com a realização do curso pela noite e não de manhã, como estão funcionando os dois semestres básicos. Outra foi a da inclusão de marketing de turismo, de geografia turística e economia do turismo no currículo, cujo projeto foi baseado na Resolução do Conselho Federal de Educação.

Neste encontro de terça-feira, dirigentes e professores da FAMECOS e empresários, além do pessoal da Secretaria de Turismo, farão visita às novas instalações do edifício da referida Faculdade, o qual comportará todos os seus cursos, inclusive o de Turismo. O prédio deverá ser inaugurado em novembro vindouro, por ocasião dos festejos da Semana de Porto Alegre.

Em fins do corrente mês estará sendo realizado na Universidade de Santa Maria o Curso Intensivo de Turismo, com programa de quatro meses e em caráter de pós-graduação. O da FAMECOS, com três anos, é o primeiro curricular que se instala em nosso Estado. Presentemente funcionam cursos de turismo em São Paulo, Guanabara e Estado do Rio, em Petrópolis. Dada a necessidade de mão-de-obra especializada e de administradores, os empresários não somente estão colaborando, mas se puseram à disposição, a fim de que, em 1974, possam os estudantes cumprir estágio mínimo de quatro meses, com treinamento na própria atividade, conforme é de obrigatoriedade do MEC.

Finalmente, em reunião do seu Conselho Departamental, a FAMECOS criou recentemente seu Departamento de Turismo, cuja instalação deverá ser feita em outubro próximo.

Ilustração 17 – Correio do Povo/RS, 07/09/1972, p.20

## PUC organiza o programa de seu curso de turismo

A Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC já está tratando de organizar o currículo do curso de turismo que será brevemente implantado naquele estabelecimento de ensino superior.

Com este objetivo, o jornalista Alberto André, diretor da FAMECOS, esteve reunido na Secretaria de Turismo com o sr. Edison Chaves, titular da Pasta, e os mais importantes empresários de turismo do Rio Grande do Sul.

Ficou acertado, na ocasião, que o secretário Edison Chaves fará palestras aos alunos, oportunidade em que apresentará o Plano de Turismo elaborado para a região Sul pela Sudesul. O assessor para assuntos turísticos da Sudesul, economista Renato Masina, presente à reunião, propôs também que se criassem duas opções para os alunos do referido curso de nível superior: especialização na área de empresas turísticas e de planejador turístico.

Os agentes de viagem, transportes aéreos e terrestres, participantes da reunião na Secretaria de Turismo, integram a Comissão Intersetorial de Turismo — CITUR — fundada a 17 de março deste ano, na terceira etapa da estrutura institucional de turismo no Estado.

### SERRA E MAR

Na última sexta-feira, reuniu-se em Nova Petrópolis a Associação

dos Municípios da Serra e Mar, com a presença do secretário de Turismo, sr. Edison Chaves, que revelou a preocupação de sua secretaria em compatibilizar as datas promocionais, evitando-se, assim, os choques de festas e promoções na mesma área e na mesma data. O calendário será organizado pela Associação em combinação com a Secretaria de Turismo.

## No mundo d

### POSTERGAR & TERGIVERSAR

Para exprimir as idéias de 'preterir, transgredir, desprezar' d

Observe-se bem a forma, p

ternar e prostrar, ou ainda talve

tória do r, ocorre a forma errada

Composto de POST 'após, c

'costas', postergar equivalia origi

das costas". Uma metáfora, port

Lembra semanticamente outro

+ RETRO, pôr para trás, desviar

Um dos "sinônimos" de poste

prefixal. Já pela raiz é cognato ("

Tergiversar? A letra, 'virar (

latinos empregavam também as

RE, DARE, PRAEBERE — dar ou

Figuradamente, tergiversar pa

rodeios ou subterfúgios, procurar

ou reconhecer alguma coisa'. 'Tor

verdadeiro'.

Tergiversam aqueles que não

problemas de frente. Os que não

Ilustração 18 – Correio do Povo/RS, 03/08/1972, p. 10

Também é importante destacar que os profissionais de comunicação tiveram participação na elaboração do currículo e mantinham uma estreita relação com as esferas do governo.



# Famecos e Citur ultimam o curriculum de Turismo

Sob os auspícios da Comissão Intersetorial de Turismo, a direção da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC vem discutindo o currículo profissional, para os segundo e terceiro anos, do seu Curso Superior de Turismo, cujo primeiro ano está em andamento no turno da manhã, na cidade universitária da PUC.

A segunda reunião, com a presença de representantes de entidades e empresas turísticas, te-

ve por local a Reitoria da PUC, tendo participado dos trabalhos os srs. Renato Masina, da Sudesul, Sirdar Guimarães, da Varig, Antoninho Muza Naime, da ADVB, Carlos Alberto Krause, secretário da ABAV, Paulo Renato Paradedda, diretor da Americantur, Roberto Madrid, do Sindicato das Empresas de Turismo, Fausto Gomes da Silva, do Lido Hotel; sra. Lourdes Fellini Sartor, pela Secretaria de Turismo, e os professores Alberto André e Elvo Clemente, diretor e vice-diretor da Famecos.

Foram discutidas e acolhidas diversas sugestões dos empresários para a elaboração final do currículo. Em reunião posterior, os srs. Antoninho Muza Naime, Paulo Renato Paradedda e Roberto Madrid ofereceram os estudos de um grupo de trabalho, que esteve examinando currículos de cursos de turismo brasileiros e do exterior. Depois do encontro da PUC, os participantes visitaram o novo edifício da Famecos, cuja conclusão está marcada para novembro, quando será inaugurado dentro da programação da Semana de Porto Alegre.

O Curso Superior de Turismo da Famecos começou este ano com dois semestres básicos, com uma turma de 60 alunos pela manhã. Será, no total, um curso de três anos, reservando-se os dois próximos, 1973 e 1974, para o currículo profissional. Os trabalhos estão no final, devendo o currículo estar pronto na próxima semana.

## s Lojistas ovo curso de ara sócios

As inscrições para este curso deverão ser feitas na secretaria do sindicato, à Rua dos Andradas, 1234, 9.º andar, durante o horário comercial.

### VITRINISMO

O Sindicato dos Lojistas solicita aos vitrinistas de seus cursos e que não estiveram presentes por ocasião da entrega festiva dos respectivos certificados, que retirem seus documentos na secretaria, durante o horário comercial.

Ilustração 19 – Correio do Povo/RS, 27/09/1972, p. 09

O currículo do Curso de Turismo, quanto à parte profissionalizante, foi elaborado com a participação dos diversos segmentos envolvidos na atividade, cada um sugerindo o que julgava mais adequado. O primeiro e o segundo semestres eram os mesmos dos demais cursos da FAMECOS.



## Curso de turismo da FAMECOS já tem programas para 2.º e 3.º anos

O Conselho Departamental da FAMECOS vem de aprovar o currículo do 2.º e 3.º anos do Curso Superior de Turismo, equivalente a quatro semestres. O Curso, que é de seis semestres, começou em março na Cidade Universitária da PUC, sob os auspícios da sua Faculdade dos Meios de Comunicação Social. Em novembro, os estudantes estarão concluindo o primeiro ano, que é integrado de matérias básicas e de uma série de palestras sobre turismo, produzidas pela Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul.

O Curso Superior de Turismo da PUC é o quarto que funciona no Brasil, de nível superior, e conforme as normas do Parecer 31/71 do Conselho Federal de Educação-MEC. Dois outros estão em São Paulo e o terceiro na Universidade Católica de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

Ao todo são 60 vagas e os dois semestres estão funcionando pela manhã. Em novembro, por ocasião das matrículas, haverá as opções dos 180 participantes do 1.º ano entre as 120 vagas da área de jornalismo, relações públicas e publicidade, e as 60 des-

tinadas à continuação do Turismo.

O currículo foi elaborado em colaboração com a Comissão Intersetorial de Turismo, a Secretaria de Turismo, empresários e entidades turísticas interessadas no preparo de mão-de-obra universitária. Os trabalhos foram conduzidos inicialmente pela direção da FAMECOS e a Secretaria de Turismo, estando agora entregues ao prof. Renato B. Masina, que foi convidado para coordenador do Departamento de Turismo daquela Faculdade, tendo aceito. A criação do Departamento e a nomeação do seu coordenador estão sob apreciação do Conselho Universitário da PUC, onde serão apreciadas na primeira reunião. O prof. Renato Masina pertence à Secretaria de Turismo e está servindo na SUDESUL, onde acompanhou os estudos e o preparo do Plano Estadual de Turismo, sob responsabilidade dos técnicos espanhóis e locais.

O Currículo para os dois próximos anos ou quatro semestres, a serem cumpridos respectivamente em 1973 e 1974, é o seguinte:

**III SEMESTRE** — Geografia do Brasil I; História do Brasil I; Noções de Direito I; História

da Cultural; Introdução à Administração I; Organização de Empresas Turísticas I; Técnicas de Comunicação Social I; Economia Aplicada ao Turismo; Língua Estrangeira III.

**IV SEMESTRE** — Geografia do Brasil II; História do Brasil II; Noções de Direito II; História da Cultura II; Administração de Empresas Turísticas II; Organização de Empresas Turísticas II; Técnicas de Comunicação Social II; Contabilidade de Empresas Turísticas; Língua Estrangeira IV.

**V SEMESTRE** — Estudos Brasileiros e Atualidades I; Promoções Turísticas I; Administração de Empresas Turísticas III; Estatística Aplicada ao Turismo I; Planejamento do Turismo I; Mercado Turística; Organização Turística Brasileira; Técnica Fotográfica.

**VI SEMESTRE** — Estudos Brasileiros e Atualidades II; Promoções Turísticas II; Estatística Aplicada ao Turismo II; Planejamento de Turismo II; Planificação Territorial Urbana; Técnica Fotográfica.

No VI semestre, em 1974, haverá estágio de 4 meses em empresas e organizações turísticas, públicas e privadas.

Ilustração 20 – Correio do Povo/RS, 18/10/1972, p. 11

Algumas questões são significativas na elaboração desse currículo. Está implícito o ponto de vista de que, naquele momento, era evidente a participação do mercado na estruturação do curso, tendo, como ponto de partida, uma perspectiva mercadológica. Cabe ressaltar que o currículo foi concebido não como uma construção específica da esfera educativa, mas como uma adequação dos conhecimentos produzidos fora da universidade.

As discussões sobre o currículo incorporavam, com maior ou menor ênfase, discussões sobre as necessidades do mercado, sobre os procedimentos e técnicas que conformavam o cenário em que os conhecimentos se ensinavam e se aprendiam. Necessitavam de pessoal qualificado, mas, segundo as regras de mercado, sem uma preocupação com as transformações dessa realidade, desse aluno e da sociedade. Um curso extremamente adequado ao período vivenciado no País. Assim, o curso de turismo foi historicamente criado pela própria atividade turística, pelo mercado e para o mercado. Ressaltamos uma certa subordinação dos conhecimentos científicos à atividade turística. Esses conhecimentos sofreram efeitos dessas relações de poder. Nessa hierarquia, supervalorizavam-se as chamadas disciplinas técnicas, secundarizando-se os saberes referentes às ciências sociais e humanas.

Através do currículo, divulgam-se as concepções científicas de cada disciplina e a direção que devem tomar ao se transformarem em saber científico. No processo do curso, o discurso do poder se pronuncia sobre a educação e define seu sentido, forma, finalidade, e estabelece a formação a ser transmitida e pretendida.

A professora Norma Martini Moesch (12/03/2009), falando sobre a elaboração do currículo do curso, diz que essa estrutura tem uma natureza curiosa, e é revivida quando, muitos anos depois, a PUCRS chamou praticamente 70% dos seus cursos, através de suas coordenações, para que criassem a estrutura curricular do curso de Ciências da Aviação. *Então essas pessoas se reúnem para discutir como é que se vê aquele objeto, como é que cada uma das áreas vê a possibilidade de contribuir com o conhecimento para estruturar o currículo do curso.* No Curso de Turismo, ocorreu o mesmo, mas hoje ela não saberia enumerar todos os componentes convidados;

*eu diria que é uma oficina, hoje nós usamos esses termos, mas com certeza estavam presentes ali, a PUCRS; o governo do Estado, através da Secretaria de Turismo e Edson Batista Chaves; a comissão formada por Renato Masina, pelo consórcio; depois nós temos a Confederação Nacional do Comércio, onde se encontravam ancorados os meios de hospedagem<sup>95</sup>, a ABIH, a hotelaria de então, a hotelaria clássica ABIH; as transportadoras aéreas; o SENAC participou, [...]. A partir daí houve um ranking, o profissional de turismo se estiver atuando dentro da área, o que ele requer, que tipo de conhecimento, o que ele precisa saber? [...] Então foi assim que esse curso surgiu, só que claro tinha que caber dentro de um tempo e de um número "X" de semestres.*

O Curso de Turismo inicialmente teve a duração de seis semestres ou três anos (dois semestres básicos e quatro semestres profissionais, sendo o estágio de 4 meses, obrigatório no semestre final). O ingresso seria a partir de exame vestibular promovido pela própria Universidade, em duas entradas, com sessenta alunos em cada turma; e o curso seria noturno. O currículo mínimo era de 147 créditos e 330 horas/estágio prático, fixados pela Portaria 35/71, de 28.1.1971, totalizando 1.600 horas, e sua implantação prevista para o primeiro semestre letivo de 1972, o que de fato ocorreu. O curso foi denominado Curso Superior de Turismo, e o certificado de conclusão indicava que o formando havia se diplomado em Planejador Turístico.

O currículo ficou definido, conforme consta no quadro a seguir.

---

<sup>95</sup>Até bem pouco tempo ainda continuava vinculado à Confederação, parece que agora já houve uma divisão em Brasília, o Conselho Nacional de Turismo deu voto vencedor para São Paulo, para separar os restaurantes e similares da hotelaria, mas todos vinculados à Confederação Nacional do Comércio. (Norma Martini Moesch, 12/03/2008).

I Semestre	Cultura Religiosa I Filosofia I Sociologia ou Psicologia Teoria da Comunicação I Economia Política Língua Portuguesa I Língua Estrangeira I Fotografia (Fora do horário de classe)
II Semestre	Cultura Religiosa II Filosofia II Sociologia ou Psicologia Teoria da Comunicação II Economia Aplicada Língua Portuguesa II Língua Estrangeira II Fotografia (Fora do horário de classe)
III Semestre	Geografia do Brasil I História do Brasil I Noções de Direito I História da Cultura I Introdução à Administração I Organização de Empresas Turísticas I Técnica de Comunicação Social I Economia Aplicada ao Turismo Língua Estrangeira III (fora do horário normal)
IV Semestre	Geografia do Brasil II História do Brasil II Noções de Direito II História da Cultura II Administração de Empresas Turísticas II Organização de Empresas Turísticas II Técnica de Comunicação Social II Contabilidade de Empresas Turísticas Língua Estrangeira IV (fora do horário normal)
V Semestre	Estudos Brasileiros e Atualidades I Promoções Turísticas I Administração de Empresas Turísticas III Estatística Aplicada ao Turismo I Planejamento do Turismo I Mercadologia Turística Ordenação Turística Brasileira Técnica Fotográfica (fora do horário normal)
VI Semestre	Estudos Brasileiros e Atualidades II Promoções Turísticas II Estatística Aplicada ao Turismo II Planejamento do Turismo II Planificação Territorial Urbana Técnica Fotográfica (fora do horário normal) Estágio - 4 meses (fora do horário normal)

Quadro 4 – Currículo do Curso de Turismo – 1972

Fonte: PCCT (1972)

O primeiro e o segundo semestres possuíam disciplinas comuns aos demais cursos da FAMECOS e, a partir do segundo ano, havia um direcionamento para uma área profissional. O currículo elaborado atendia plenamente ao currículo mínimo previsto no parecer 35/71.

O currículo profissional fazia-se acompanhar, desde logo, do conteúdo programático básico ou extenso, de todas as disciplinas. O procedimento justificava-se

pela intenção da FAMECOS em colocar o Curso e suas disciplinas nos devidos lugares, de maneira a evitar distorções. No PPCT (1972) constava que os professores exerciam, por outro lado, sua criatividade ampliando e melhorando os programas, mantidos, no entanto, os elementos fundamentais de cada matéria.

O professor Alberto André (1972), discorrendo sobre o currículo no projeto de criação do curso, chamava a atenção para duas disciplinas, além das disciplinas profissionais do turismo: a disciplina de “Técnicas de Comunicação Social”, que era lecionada nos semestres básicos, para o aluno receber os princípios fundamentais da comunicação coletiva, indispensável ao turismo; e a de “Estudos Brasileiros e Atualidades”, na qual, além do cumprimento das normas federais (na época era obrigatória nos currículos uma disciplina sobre Estudo dos Problemas Brasileiros) abria amplo campo para a participação de empresários, professores e visitantes. Nessa disciplina, para André (1972), o aluno ouviria, como matéria de aula, personalidades que atuavam ou estavam relacionadas ao turismo, em suas modalidades e atividades. As disciplinas técnicas do turismo seriam ministradas por professores relacionados com o turismo (PCCT, 1972).

No último semestre era ofertado o estágio, uma complementação do curso com 330 horas, e, como perspectivas de campo profissional, quatro áreas: a) Órgãos oficiais de turismo, seja do estado, dos municípios<sup>96</sup>; b) Organização de eventos<sup>97</sup>; c) Transporte e Agenciamento de Viagens em especial, e os transportes turísticos rodoviários e aéreos; d) Hospedagem e Alimentação. Esses são os quatro cenários em que o estágio regulamentado era desenvolvido com acompanhamento, disciplinado com instrumentos de controle de desempenho dentro da organização que recebia o estagiário e um professor supervisor. Cada área com o seu coordenador, e um supervisor que circulava nas organizações para avaliar o desempenho do estudante. Conforme Norma Moesch (12/03/2009), havia claramente uma intenção de que o estagiário conseguisse ser contratado pela organização, após o término do estágio e por mais de uma década foi

---

<sup>96</sup> Nessa época havia um programa, PIEM – Plano de Integração Estado Município, que fazia com que cada micro região do Estado do Rio Grande do Sul tivesse a sua coordenação, vinculada com a Secretaria de Turismo do Estado, mas cada recorte desses representava uma micro região com secretarias municipais de turismo, com conselhos municipais de turismo, seguindo o modelo espanhol.

<sup>97</sup> Norma Moesch (12/03/2009) conta que o Rio Grande do Sul sempre foi uma referência em organização de eventos, desde a famosa história da grande festa da Comemoração do Centenário Farroupilha, e da Festa da Uva, como precursora das festas de culto ao vencedor, do processo imigratório, que ela defende em sua dissertação. *Morre o canto do bacharel das coxilhas, que é homem da ruralidade, os latifundiários, e surge o canto do vencedor e, em todas as regiões onde há imigração, surgem as festas para comemorar que realmente os imigrantes venceram as adversidades do meio. Então o governo do Estado tem que proporcionar um grande espaço para as celebrações, as festas, os cortejos, os carros alegóricos, toda aquela, aquela grandiosidade. Então a área de eventos era uma área muito promissora nessa época.*



absolutamente viável essa concepção pedagógica porque não havia profissionais para atuarem na área.

O curso teve como objetivo a formação, em nível universitário, de Planejadores de Turismo. O Parecer 35/71 não definiu as atribuições dessa função, deixando que os peritos e a prática o fizessem, pelo menos nessa fase inicial, em que se buscava a infraestrutura administrativa do turismo e suas instituições. O futuro planejador de turismo, assim, passaria a atuar como assessor, dirigente, pesquisador, dotado do know-how indispensável ao encadeamento da ofensiva turística em suas diferentes modalidades. (PCCT, 1972).

Para Renato Masina (25/03/2008), o profissional que a PUCRS estava propondo, naquele momento, era um planejador, uma pessoa qualificada para trabalhar no setor, na área governamental de planificação e na atividade privada. Começou a formar pessoal para agências de viagem, para gestão hoteleira, para outras áreas, mas, em princípio, era só para o setor governamental, atividades de planificação.

Em 1973, foi criado o Departamento de Turismo da FAMECOS, proposto e aprovado pelo Conselho Universitário, e o nome do prof. Renato S. Masina, assessor de turismo da SUDESUL e do quadro docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, indicado para Coordenador do Departamento.



Ilustração 21 – Correio do Povo/RS, 09/06/1973, p. 10

Os coordenadores foram os seguintes:

Período	Coordenador(a)
1972 a 1976	Prof. Renato Batista Masina
1977 a 1981	Prof. Antoninho Muza Naime
1982 a 1982	Profª Diney Adriana N. de Oliveira
1983 a 1984	Prof. Paulo Francisco Rolhano Nardi
1985 a 1987	Prof. José Pedro Braun
1988 a 1997	Profª Norma Martini Moesch
1998 a 1998	Prof. Paulo Francisco Rolhano Nardi
1999 a 2005	Profª Berenice Curtis Mércio Pereira
2005 a 2009	Profª Marutschka Martini Moesch

Quadro 5 – Coordenadores do Departamento de Turismo – 1972 a 2009

Fonte: Anuários da PUCRS

A estrutura curricular do curso refletia mudanças no ensino de graduação com a inclusão de uma série de disciplinas para atender às exigências mínimas da formação do bacharel em Turismo. Em 1973, começaram os primeiros estudos para analisar o currículo vigente e apareceram sugestões de alterações de algumas disciplinas. Isso ocorreu em função de uma determinação da FAMECOS, pois, a partir de 1972, foi extinto o caráter polivalente, sendo adotada a modalidade de dois anos gerais e dois anos para opção nas três especialidades: Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, que passaram a funcionar em quatro anos ou oito semestres. Essa mudança curricular deu maior ênfase à formação profissionalizante, passando de dois para quatro semestres. (DORNELLES, 2002). Assim, o Curso de Turismo também passou por alteração no seu currículo, tornado-se independente, pois, até então, no 1º e 2º semestres, as disciplinas eram comuns aos demais cursos da FAMECOS.

Conforme a documentação, a proposta de alteração foi a seguinte para o Curso de Turismo:

1º Ano – Básico	Cultura Religiosa - I e II Filosofia - I e II, Língua Portuguesa - I e II, Língua Francesa - I e II ou Língua inglesa - I e II ou Língua Espanhola - I e II ou Língua Alemã - I e II Economia Política – I e II Sociologia Geral Psicologia Geral Técnica a Fotográfica (horário especial) Inclusão da disciplina Introdução ao Turismo. Com base no Parecer 35/71, do Conselho Federal de Educação, entre as matérias obrigatórias estão História do Brasil e Geografia do Brasil, portanto, a sugestão a ser examinada é de colocar História do Brasil e Geografia do Brasil no 1º ano básico.
2º Ano – Profissional	Geografia Turística do Brasil e do Exterior Introdução à Administração I Administração de Empresas vinculadas ao Turismo II Planejamento e Organização do Turismo I e II Noções de Direito aplicadas ao Turismo I e II Teoria e Técnica do Turismo I e II Relações Humanas Técnicas de Comunicação Social
3º Ano	Estudos Brasileiros I e II Planejamento e Organização do Turismo I e II Hospedagem e Turismo I Alimentação e Turismo I Turismo e Agências de Viagem I Promoção Turística I Estágio de quatro meses.

Quadro 6 – Currículo do Curso de Turismo - 1973

Fonte: Acervo do Curso de Turismo da PUCRS

Aparecem algumas modificações e, dentre elas, as disciplinas Hospedagem e Turismo; Alimentação e Turismo e Turismo e Agências de Viagens foram sugeridas com base no Programa da UCP/RJ. A disciplina Promoções Turísticas deveria abordar os elementos do COMTUR local, e destinava-se ao ensino e treinamento em projetos turísticos, como organização de festas, recepções, seminários, etc. O documento também sugeria outras disciplinas a serem estudadas no curso: 1- Administração, contabilidade e organização das empresas de turismo, abrangendo agências de viagem, de transportes, etc; 2 - Técnica Jornalística, Técnica Publicitária, Técnica de Relações Públicas; 3- Teoria da Comunicação Social aplicada ao Turismo; 4 - Turismo, Arte, Folclore, Espetáculos, etc; entre outras.

A proposta era que o curso permanecesse de 3 anos, sendo o 1º básico, modificado, e os dois outros, profissionais. Também aparecia a proposta de funcionar pela manhã – o que não se efetivou – a necessidade de continuidade em horários alternativos do ensino de idiomas e a criação de outras disciplinas que poderiam compor o currículo.



Ilustração 22 – Correio do Povo/RS, 25/10/1973, p. 16

A matéria informava que no próximo vestibular (1974) os candidatos teriam que se inscrever para o Curso de Turismo. Até então, os alunos ingressavam no vestibular na FAMECOS e, posteriormente, escolhiam entre os cursos oferecidos pela unidade.

Como o Curso de Turismo estava lotado na Faculdade de Comunicação, os alunos estudavam a parte teórica da Comunicação, pois tinham como lógica que o turismo é uma *ilha da fantasia*, e que sem a Comunicação ninguém descobre onde está esse destino e esse paraíso. Também estudavam Publicidade e Propaganda; Relações Públicas; Eventos; Administração Hoteleira; Gastronomia; Artesanato; Folclore; os saberes da cultura popular. Norma Moesch (12/03/2009) explica que muitos desses conteúdos eram ministrados em função do diagnóstico dos especialistas espanhóis da SUDESUL, que apontavam o folclore e o tradicionalismo no RS como um dos marcos da atratividade do nosso estado. Ainda estudavam psicologia, sociologia, economia, direito – noções de direito, noções de economia, noções de contabilidade, administração de empresas.

Desse modo, o currículo, inicialmente elaborado, não chegou a ser totalmente efetivado e passou por uma reestruturação, que teve por objetivo adequá-lo ao currículo de outros cursos de Turismo existentes, como o da UCP/RJ.

Podemos observar que a construção do currículo foi um modo de organizar uma série de práticas que vinha sendo realizada pela atividade turística. Esse currículo foi, portanto, expressão de diversos interesses e forças que gravitam sobre o sistema turístico num dado momento, enquanto que, através deles, se realizavam os fins da educação em Turismo.

[...] O currículo, em seu conteúdo e nas formas através das quais se nos apresenta aos professores e aos alunos, é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar; está carregado, portanto, de valores e pressupostos que é preciso decifrar. (GRUNDY apud SACRISTÁN, 1998, p.17)

O processo de criação do Curso de Turismo da PUCRS evidencia a pertinência das colocações do autor acima citado, mostrando que foi um processo de conciliação de forças. Aqui vale analisar como se vai constituindo o curso de Turismo, um espaço de relações de força entre os diferentes segmentos da sociedade, cuja “causa turismo” vai se intensificando a partir da participação desses segmentos que vão se engajando.

#### **4.3 O Curso de Turismo e a FAMECOS**

André (1972) e Masina (1993) comentam sobre a afinidade do turismo com a comunicação em seu amplo leque de abrangência que envolve os setores de informação coletiva. Para eles, o Curso da PUCRS foi incorporado à Faculdade dos Meios de Comunicação Social, ante suas evidentes ligações com a comunicação coletiva e as disciplinas do setor sócio-jurídico-econômico.



O Curso de Turismo teve início no mesmo ano em que foi inaugurado o novo prédio da FAMECOS, e, dentre suas atividades, promoveu dois encontros. O primeiro, com os professores, quando foram discutidos programas, horários e inovações determinadas para o exercício, e o segundo foi a aula inaugural em seu auditório. Nesta, o diretor e o vice-diretor da Faculdade, professores Alberto André e Elvo Clemente, falaram sobre o programa a ser cumprido e deram as boas-vindas aos calouros e veteranos. Também falou o prof. José Javier Perez Rodriguez, chefe do Departamento Acadêmico da Escola Nacional de Turismo, do Peru, que compareceu à FAMECOS em companhia de Adail Moraes, presidente da LBA. (Correio do Povo/RS, 13/03/1973, p.11)

Ana Lucia Touguinha Weigle (17/07/2008), que ingressou como aluna do curso em 1975, narra que, nesse período, a sala do turismo era uma sala única e exclusiva. Cada semestre do curso tinha uma sala no prédio da FAMECOS, cada aluno com seu lugar, e os professores vinham na sala, os alunos não se deslocavam pela faculdade para as aulas.

Marutschka Martini Moesch (06/05/2009), falando sobre a relação do turismo e da comunicação, lembra que o projeto pedagógico da PUCRS era igual ao da USP e que, inclusive, ele nasceu na FAMECOS, como na USP ele nasceu na ECA, e prossegue:

*inclusive o curso, no início, ele tinha o básico de Comunicação Social, os colegas de RP, Turismo e Jornal faziam os dois anos iguais, todo mundo fazia igual, isso é importante lembrar, depois que mudou com o básico, se separou aquele básico dos dois anos, tanto que os professores que se formaram na época, a professora Norma era colega de vários, hoje, professores do jornal, da PP, da PP não, era o Jornal e RP que existiam. Então, me parece que a linha foi da USP, vamos dizer assim, teve como matriz [...].*

Na Alemanha, os cursos são vinculados à Geografia; na Inglaterra, encontram-se na Administração e Negócios. Segundo Marutschka Moesch (06/05/2009), a base epistemológica na América Latina foi a área de Comunicação, na grande maioria. O Turismo, visto a partir de uma ideia de lazer e cultura, acaba, por uma característica do momento político do Brasil, inclusive, surgindo nessa área.

Nos anos 1970, havia um entendimento de que a Comunicação teria uma linha de entretenimento, então o curso de Turismo entra nessa lógica, uma aproximação do lazer e do entretenimento (CAMARGO, 2002). Este trajeto aplica-se integralmente àquilo que se observa ao longo do desenvolvimento dos cursos ligados ao

entretenimento. Emblematicamente surgidos em 1968, os cursos de comunicação (jornalismo, editoração, biblioteconomia, rádio, tevê, publicidade, cinema, teatro, etc.) respondiam não apenas aos conflitos estudantis ocorridos em torno das faculdades de filosofia e ciências sociais da USP, como ao desabrochar da economia da comunicação de massa no país, agora em escala industrial, que posteriormente diversificou-se agregando as áreas de lazer, turismo e hotelaria. O autor prossegue explicando as relações entre os campos da comunicação e do entretenimento.

Os egressos das escolas de comunicação (sobretudo os jornalistas) sentem-se pouco à vontade quando catalogados dentro do campo do entretenimento. Ficariam menos constrangidos se confrontados à evidência de que o lazer das pessoas é na sua quase totalidade vivido dentro das casas, e, dentro das casas, metade desse tempo de lazer é circunscrito por meios de comunicação de massa em geral (tevê, rádio, publicidade, jornais, revistas, games eletrônicos, etc.). Em decorrência, ainda, entenderiam melhor porque os cursos de turismo, lazer e hotelaria surgem nos departamentos de comunicação das universidades, mais até mesmo do que nos departamentos de administração, como seria lógico dentro da ótica mercadológica, ou da educação, como seria lógico dentro da gênese dos problemas (sobretudo o lazer surge em diferentes sociedades como uma preocupação, de início, educacional). Resumindo, poder-se-ia colocar a hipótese de que a Academia ainda é conservadora a ponto de não aceitar o termo entretenimento, mas é lógica o suficiente para entender as afinidades entre os campos da comunicação de massa, do lazer, do turismo e da hotelaria. (CAMARGO, 2002, p. 15)

O Curso de Turismo ficou locado na FAMECOS também em função das pessoas que, na época, estavam na direção da Faculdade, que tinham uma visão multidisciplinar e apostavam na ideia de um novo curso.

O tema e a atividade turística despertavam o interesse da área de comunicação. Inúmeras reportagens de jornalistas, como Oswaldo Goidanich, Eduardo Roberto Xavier, versavam sobre turismo no estado do RGS; entidades associativas relacionadas à comunicação discutiam e participavam dessa atividade, e jornalistas ocupavam cargos importantes em órgão públicos que atuavam na área do Turismo (Secretaria do Estado, Conselho de Turismo, Touring Club). Também os economistas desenvolviam ações nesse sentido.

Em 1973, o jornal Folha da Tarde/RS anunciava que o Secretário de Turismo, Roberto Eduardo Xavier, jornalista, ex-publicitário e professor de comunicação, havia sido convidado pelos alunos da Faculdade de Relações Públicas para um debate, no auditório da FEEVALE. Os acadêmicos pretendiam discutir a possibilidade de ser incluído no currículo do curso, pelo menos um semestre de turismo muito objetivo, incluindo seu planejamento e informações sobre o que se pode fazer nesta área, sobretudo na criação e desenvolvimento da educação turística. Em um estudo prévio concluíram que seria bom terem conhecimento da área turística, mas não uma

graduação superior, pois consideravam que o mercado necessitava, realmente, de técnicos de grau médio, *maitres* de hotéis, gerentes, atendentes, cozinheiros, garçons e outros profissionais. (Folha da Tarde/RS, 16/10/1973).

O jornal Correio do Povo/RS, de 20 de outubro de 1973, também tratou dessa palestra, em que o Secretário analisara o mercado de trabalho no setor turístico e afirmara que existia uma grande carência de mão-de-obra qualificada de todos os níveis, tanto no setor público como no privado. Para o secretário, o campo de trabalho se encontrava em três setores, quais eram: no setor público, tanto a nível federal, estadual e municipal; no setor privado, a níveis de hotelaria, agências, transportadoras e comunicações; e no setor de serviços e fins, que se dedica ao planejamento, organização e administração de eventos (feiras, festas, festivais, etc.).

Nessa perspectiva, Gonzalez (1993) ressalta que o curso da PUCRS possui uma filosofia ímpar. Não está voltado para a formação de cientistas sociais de turismo, mas tem como prioridade a constante preocupação de graduar profissionais bacharéis que, pelo seu conhecimento, dominem o mercado turístico, ajudando-o a crescer sem que por ele seja subjugado. Cleusa Scroferneker (11/06/2008) lembra que sempre houve grande ênfase nessa relação do curso com o mercado e explica,

*isso é uma tendência, eu diria dos cursos aqui da Comunicação, essa preocupação de estar atrelado, de não estar descolado, isso vale tanto para o Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, agora com Áudio Visual, então sempre com essa preocupação, até porque o curso de certa forma era uma marca do diretor, do Gonzáles, isso era a marca, ele não admitia, e acho que ele estava correto, que a universidade ficasse distante do mercado, precisava dessa interlocução, [...].*

Para Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), o curso de Turismo nasce de uma demanda do mercado, pois nos documentos da sua criação está explícito que o mercado turístico do Rio Grande do Sul solicitou à PUCRS, a organização de um curso para formação de profissionais na área. Essa marca acabou sendo uma característica muito forte do discurso da década de 1970; o próprio jornalismo na comunicação também teve essa marca, com a direção do Antoninho Gonzáles, que era um jornalista, um homem de mercado.

Podemos pensar que o Curso de Turismo da PUCRS, estando vinculado à FAMECOS, e sendo idealizado por profissionais da área de comunicação e por pessoas ligadas ao mercado, no seu início, sofreu influência do modelo norte-americano, que era o modelo adotado por algumas Faculdades de Comunicação no país, conforme explicam Baldissera; Flores e Sólío (2008). Para os autores, a busca do modelo norte-americano

deu-se através do projeto que é o mais importante trabalho de transformação universitária do Brasil: projeto da Universidade de Brasília (Projeto Darcy Ribeiro, concebido antes de 1964). Na Universidade de Brasília foi criada a Faculdade de Comunicação de Massa, estruturada por Pompeu de Souza, com uma proposta de faculdade de comunicação calcada na *School of Mass Communication da Universidade de Stanford*.

De acordo com Melo (1991) esse modelo também está presente na estruturação, em 1966, da Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo. É um projeto que procurou resgatar toda a pressão das demandas que vêm de uma indústria cultural já bastante dinâmica em São Paulo. A Escola de Comunicações Culturais estruturou-se com várias carreiras e vários cursos: Jornalismo, Relações Públicas, Rádio e Televisão e Cinema (incorporando inclusive o teatro), com a tentativa de atender às necessidades de formação profissional que ocorriam na indústria cultural paulista. Segundo Melo, a matriz era norte-americana, com certa influência espanhola, uma vez que o primeiro diretor da escola era um catedrático de Literatura Espanhola. Essa influência teve curta duração porque, no ano seguinte ao de sua instalação, a Escola de Comunicações Culturais (hoje Escola de Comunicações e Artes) já começava a fazer mudança de estrutura, conforme o modelo norte-americano.

Melo (1991) destaca que esse mesmo modelo também é encontrado na FAMECOS/PUCRS. É uma escola que se estruturou nos anos 1960 direcionada a formar profissionais com vocação profissionalizante nos moldes americanos.

Dornelles (2002) reforça que o compromisso histórico da Instituição com o mercado e suas necessidades não foi e não é uma mácula, um pecado original que o espírito acadêmico nascente deve menosprezar. A marca profissionalizante dos cursos de graduação da FAMECOS é um patrimônio a ser preservado. Há, nessa definição estratégica, atributos não desprezíveis.

No conjunto dos relatos, observamos que o Curso de Turismo da FAMECOS era marcado pela ênfase da formação voltada ao mercado, o que é percebido como um aspecto positivo. Também aparece a importância de se ter uma visão crítica desse mercado, isto é, *profissionais que dominem o mercado turístico, ajudando-o a crescer sem que por ele sejam subjugados* (GONZALEZ, 1993).

A noção de vanguarda, na década de 1970, do RS na área do Turismo e da FAMECOS foi internalizada pela sociedade, gerando uma expectativa de *glamour* da área, que pode ser percebida na narrativa dos alunos. Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) se recorda muito bem do seu tempo de estudante; estudar na FAMECOS

era o máximo; a vanguarda sempre passou pela FAMECOS; a intelectualidade da área de Comunicação, o que lhe trazia muito orgulho.

É importante também nos reportarmos que o Governo Militar não estava interessado na abertura de cursos que promovessem a reflexão crítica e a mudança. Eram incentivados aqueles que promoviam uma visão otimista do momento político, a esperança no sucesso do modelo econômico e uma visão superficial do funcionamento da sociedade [...]. “Os cursos de turismo, criando o imaginário das viagens, do *glamour* dos lugares exóticos, do luxo, são mais do que adequados à ditadura” (BARRETTO; TAMANINI; SILVA, 2004, p.54).

#### 4.4 Corpo Docente

Durante a elaboração do projeto de criação do curso já começava a se pensar no corpo docente. A contratação dos primeiros professores de Turismo pressupunha a implantação gradativa de várias etapas, sendo que o primeiro resultado mais significativo da equipe contratada foi um projeto de estruturação do Departamento de Turismo. Os professores do curso trabalhavam no regime de horista, e sua formação acadêmica era bastante heterogênea. Nesse período, ainda não havia bacharéis em Turismo para ministrar as disciplinas da área.

As cadeiras básicas, Português, Geografia, História, Línguas, Comunicação, Direito, a Universidade já tinha, com professores lotados em outras faculdades; quanto à parte mais técnica do turismo, os docentes contratados foram pessoas do mercado, aquelas que já tinham experiência nas áreas. Não trouxeram ninguém de outras localidades para ministrar as aulas. De acordo com Renato Masina (25/03/2008), conseguir pessoas para lecionar as disciplinas não foi fácil, mas contou-se com o pessoal do setor – agentes de viagem, operadores turísticos, hoteleiros – para ministrarem as disciplinas, como os diretores de agências Thomé Jacinto Madeira e Eugênio Machado. Profissionais com formação superior, um economista, um advogado, um sociólogo, dando-lhes uma formação específica sobre turismo e transformando-os em professores.

Eugênio Machado (06/06/2008) conta que as suas aulas se desenvolviam da seguinte maneira: *eu dava uma aula, e na outra aula eu chamava um aluno para dar a aula no meu lugar*. Nunca esquece quando chamou a aluna Ondina da Silveira para dar aula e ela disse *a minha aula é uma aula de liberalidade, é tudo liberado*. Segundo o professor “Machadão”, como era chamado pela turma, ele dizia: *vocês não precisam vir*

*aqui, que eu teoricamente dou presença para vocês, não vou cobrar nada.* Ele chegava ao aeroporto e ia direto dar aula, porque o seu trabalho exigia muitas viagens.

Já as aulas do professor Julio Balzano (02/12/2008) eram expositivas: *eu fazia duas coisas: os alunos se dividiam em grupos criados por eles, a fim de elaborarem um projeto para a realização de um evento, escolhiam um evento, um tipo de evento, e tinham que simular na prática como é que era aquele evento, normalmente se fazia no auditório da FAMECOS.* Mas pondera que, nessa fase, o nível socioeconômico e cultural dos alunos era acima da média, então faziam um festival da gastronomia, traziam e montavam tudo. Suas aulas eram baseadas totalmente na prática.

Norma Martini Moesch (12/03/2009), que nesse período era aluna, conta que alguns professores nunca tinham entrado em uma sala de aula, *então, didática, que isso, vamos falar de como eu faço, eu aprendi a empilhar tijolo, tu entende isso?, [...]. eu tenho que entender como é que se constrói um hotel.*

Os docentes, que iniciaram ministrando disciplinas no turismo e que vinham com a experiência do mercado, deixam claro que sua “profissão” não era professor. Julio Balzano, Eugênio Machado, enfim, relatam que seu envolvimento com o curso era muito reduzido, basicamente davam suas aulas, porque as outras atividades que exerciam eram “mais importantes ou lhes traziam melhores rendimentos”; a docência era um “bico”.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) lembra os primeiros tempos:

*a Ipiranga não era asfaltada, só tinha a rua do lado de cá, do lado de lá não tinha nada, era só mato, e o asfalto vinha até a Barão do Amazonas, de lá pra cá, era puro barro, os professores estacionavam o carro aqui na frente do prédio da Faculdade, puro barro aqui dentro. Era tudo difícil, professores todos horistas, então o professor para vir dar duas horas aula à noite, ele quase não ganhava salário, pagava para dar aula, porque no fim quanto os professores gastavam em gasolina, saíam do seu escritório, etc, se somar, gastavam mais do que ganhavam, então tinham muitas dificuldades.*

Outro aspecto lembrado era de que os professores que vinham de suas áreas específicas, sociologia, geografia, história, por exemplo, não tinham formação em turismo. Dessa forma, o coordenador Renato Masina, no início, fazia grupos de estudos com os professores.

Quanto ao aperfeiçoamento do corpo docente na área de turismo, em 1972, o graduado em jornalismo, Geraldo Canali, atualmente professor da UFRGS, realizou

curso sobre jornalismo de turismo e jornalismo científico na Universidade de Navarra, na Espanha. Posteriormente, veio a integrar o quadro docente da FAMECOS.

A professora Cleusa Scroferneker (11/06/2008), que havia se formado em 1973, em Comunicação e Licenciatura em Geografia, foi convidada pelo Irmão Elvo Clemente para ministrar as disciplinas de Geografia do Turismo do Brasil e Geografia do Turismo do Rio Grande do Sul. Lembra que, em 1972 – 73, outra professora, Thais Casagrande, ministrava essas disciplinas.

As ex-alunas do curso citam de alguns professores e com muito carinho recordam. Lucia Touguinha Weidle (17/07/2008), formada em 1977, se recorda de vários:

*da Cleusa dando Geografia; as professoras de espanhol eram a Marina, e a Maria Del Carmem; de eventos era o Julio Balzano que tem uma empresa de organização de eventos; o Renato Masina; o Mozart, um que é Jornalista; o Geraldo Canali; o irmão Mainar que era famoso, irmão Mainar, ninguém esquece as aulas dele, dava a parte de Português, a parte de redação, era um professor muito exigente e muito famoso na PUCRS. Um professor que já faleceu, Luis Welp, que ministrava a disciplina de Administração Hoteleira, era proprietário do hotel São Luís. Outro professor que era muito querido e que continua na ativa, o Geraldo Castelli. E o outro que era de Sociologia ou Política, Geraldo Canali. O Moacir Flores e a Hilda Flores, os dois deram aula.*

Norma Martini Moesch (12/03/2009) também lembra de seu tempo de aluna e recorda de seus professores: Cultura Religiosa, a PUCRS; História, o Braz Brancato; Geografia, a Thais Casagrande, que já era aposentada da Universidade Federal e foi para PUCRS, *ela é uma voyer intempestiva que morava em Viamão, é uma mulher fantástica, enorme, alta, com uma cabeleira cinza fechava num coque, e que era pura energia, entrava na sala de aula era como a luz assim*; Economia, Renato Masina; Planejamento Territorial e Urbano, preliminarmente veio um engenheiro que atuava no governo do Estado e do município, que cuidava dos planos diretores dos municípios, Paulo Leiva, *nós chamavamos Paulão é um arquiteto, magrão alto, que atuava com essas disciplinas de planejamento urbano e planificação, planejamento público e planificação territorial urbana*; as contábeis, transportes aéreos, um representante da Varig, Thomé Madeira.

Diney Adriana de Oliveira (08/08/2008), conta que os professores que mais lhe marcaram no seu período de aluna foram Geraldo Castelli, que recém havia retornado da Europa, recém casado, jovem, naquela época; Renato Masina, que tinha uma visão

muito ampla de planejamento turístico, tinha participado de um dos primeiros planejamentos feitos pelo governo, então ele foi um dos economistas envolvidos; Carlos Kruger, o gerente da VARIG, uma pessoa viajada, conhecia o mundo e era muito comunicativo; Nestor Iosti, na parte de Direito; o professor Braz Brancato; o Mario Frederico Schardong professor de Fotografia.

Uma questão que fica bastante evidente nas narrativas é que os professores da área específica do Turismo vinham da prática, assim suas aulas eram baseadas na prática, nas experiências. Norma Martini Moesch (12/03/2009) relata que, no seu período de aluna, as aulas eram ministradas com vistas à operacionalidade das atividades, ninguém trabalhava base conceitual; Lenora Horn Schneider (01/07/2008) lembra que, como nessa época os professores eram profissionais da área, não havia muita didática, mas existia experiência, e isso é o que eles passavam para os alunos.

A formação de professores na área de turismo, nos anos de 1970, se articulava à estreita relação entre educação e mercado, que tende a secundarizar o conhecimento teórico e sua mediação pedagógica. Nessa concepção, o conhecimento sobre a prática acaba assumindo o papel de maior relevância, em detrimento de uma formação intelectual e política dos alunos. O ser professor assumia uma dimensão extremamente técnica. O currículo do curso de Turismo estabelecia a eficiência do processo de ensino-aprendizagem, com base nas expectativas sociais, centradas no mercado de trabalho.

Porém, essa questão não foi uma especificidade do Curso de Turismo, pois ao abordar o tema da formação pedagógica e a prática cotidiana do professor universitário, Fernandes (1998, p. 97) constata que, “no cotidiano da vida universitária, tem sido possível verificar que há preocupação institucional com a competência do profissional na área de sua formação, sem situá-la historicamente na perspectiva de ser professor”.

São lembranças que singularizam uma prática educativa de uma época reconstruída pelo trabalho das memórias daqueles que participaram e que podem revisitar estes tempos/espacos ocupando o lugar de ex-alunos ou ex-professores, porque se reconhecem como parte integrante dessa comunidade afetiva que se fez durante suas vivências no curso.

Na realidade, a constituição do corpo docente foi, desde o início do curso, um problema para seus fundadores. O professorado foi composto a partir de convite dos mentores do curso, tendo uma formação diversificada, já que a maioria era de outros departamentos da PUCRS, o que dificultava sua adesão completa às propostas do curso de Turismo. Também não havia pessoas com qualificação acadêmica para serem



contratados, portanto, os docentes da área específica do Turismo foram buscados no mercado.

Se não havia professores habilitados para as disciplinas específicas do curso, pode-se concluir que, por serem assuntos recentes para o período, o curso de turismo sofreu uma improvisação curricular, que se refletia nos conteúdos, na bibliografia e inclusive na atuação dos professores. Os docentes de outras áreas ministravam conteúdos de sua área de origem e os específicos de turismo. Como não havia literatura, uma das formas encontradas para contornar esse problema foi associar esses estudos a aspectos utilitários e ligados a um enfoque administrativo.

Em função da falta de formação em Turismo por parte dos docentes, a partir da primeira turma formada o Departamento passou a contratar seus próprios egressos, sinalizando para uma certa endogenia. A primeira professora bacharel em Turismo que ingressou no curso foi a ex-aluna Norma Martini Moesch, em 1977; a segunda foi Ondina da Silveira que permaneceu pouco tempo no curso, e Diney Adriana Nogueira de Oliveira, que veio compor o corpo docente em 1980.

#### **4.5 Os Alunos**

Os alunos ingressavam mediante o vestibular na FAMECOS, para Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Turismo. O primeiro concurso contou com um número bem superior de candidatos para as 60 vagas, sendo totalmente preenchidas, o que evidencia que o curso já conseguira receptividade, tendo uma boa procura decorrente de uma certa expectativa sobre o turismo.

Nessa época, era muito disputada uma vaga em qualquer curso universitário, mas, de um modo especial, na FAMECOS, que tinha grande procura; no caso do Jornalismo e Publicidade, eram em torno de trinta candidatos por vaga. O Turismo, no seu início, também chegou a ter dez/doze candidatos por vaga (Norma Moesch, 12/03/2009).

Muitos alunos eram pessoas que vinham do mercado, *com um perfil de quem realmente vem fazer o curso porque acredita, porque tem essa opção de curso, porque está vinculado à área e queriam desenvolver o conhecimento em Turismo e vinham para buscar esse tipo de respaldo* (Cleusa Scroferneker, 11/06/2008). Mas também tinham como perspectiva a viagem e perguntavam: *quando é que a gente vai viajar?*. A ideia do turista atrelado à viagem, e, além disso, havia os alunos turistas, aqueles que realmente vinham fazer turismo, no sentido literal da palavra, na PUCRS, só vinham, transitavam e iam embora.

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) reforça que *o curso da PUCRS era único, foi o primeiro, era um curso que tinha muita expectativa, os alunos, eles tinham passe quase imediato, para a Secretaria de Turismo – SETUR, então tu tinhas esses espaços que eram ocupados pelos alunos. A ênfase do curso era no ensino de planejamento de Turismo*. Lenora Horn Schneider (01/07/2008), por exemplo, logo que ingressou no curso, começou a fazer estágio na Secretaria Estadual de Turismo<sup>98</sup>, onde permanece até hoje.

A ex-aluna Lenora Horn Schneider (01/07/2008) lembra de alguns colegas que já tinham relação com a área do Turismo, Elisabet Fleck, que sua família tinha a transportadora Ouro e Prata; Beatriz Kunz, que foi da EMBRATUR; algumas pessoas que já tinham outra graduação e optaram por cursar Turismo [...], *mas era muito eclético o grupo, alguns não sabiam o que estavam fazendo, tinham alguns que não sabiam o que queriam*.

André (1972) assinala que, no primeiro processo seletivo realizado, entre os alunos aprovados, destacaram-se pessoas de meia idade, já com experiência no ramo turístico que procuravam uma profissionalização na área. Antoninho Muza Naime (08/10/2008) observa que os alunos já trabalhavam em agências, hotelaria do pai, do tio, ou do irmão mais velho, e vinham para buscar uma forma mais científica aos conhecimentos empíricos que já possuíam [...], mais da metade eram “coroas”.

Nem todos os formandos do curso atuam no turismo. Ana Lucia Touguinha Weidle (17/07/2008) informa que, mesmo a sua turma tendo sido de muitos alunos, vários acabaram não atuando na área de formação; trabalham como Auditor do Tribunal de Contas, na Justiça, no Banco do Brasil, na Companhia Telefônica, nos Correios, etc.

Tendo ingressado em 1975, Ana Lucia Touguinha Weidle apresenta um perfil de alunos quanto, à faixa-etária: poucos alunos eram mais velhos, a maioria era jovem do sexo feminino, apenas alguns homens, e cita o José Fernando, o Leo, o Valdir, o Carlos Augusto, o Nirvaldo, o Vagner e o Alexandre Bastos, que é dono de hotel de Ana Rech.

Entre os alunos havia muito entusiasmo, como Antoninho Muza Naime (08/10/2008) rememora: *entre os mais jovens era aquela euforia, aquela fantasia,*

---

<sup>98</sup> *A SETUR tinha, na época, três anos só, era tudo novo, era uma coisa totalmente nova. Era tudo novo para mim e para o turismo também. Eu sentia assim, dificuldade com relação aos professores, livros, mas no momento que eu ingressei na SETUR, na Companhia Rio Grandense de Turismo - CRTUR, eu iniciei um trabalho novo que era o Anuário Turístico do Estado do Rio Grande do Sul. Esse Anuário Turístico do Estado do Rio Grande do Sul, ele era um trabalho de identificação de todos os municípios, como data de criação do município, população, distância de Porto Alegre, principal economia, principais atrativos turísticos, principais eventos, e aí eu fui tendo noção da importância desses dados, que o turismo poderia transformar o município, [...] para saber que potencial tem esse destino, eu era uma curiosidade, naquela época era uma época que os eventos eram importantíssimos, então começam a surgir eventos nos municípios, a Festa da Uva já era um auge* (Lenora Horn Schneider, 01/07/2008).

*porque ninguém pode negar que essa gurizada mais jovem, de 18 – 19 anos, que entravam no curso de Turismo, imaginava que se formando em Turismo, sairia a viajar pelo mundo. A impressão inicial que eles tinham era essa, completamente absurda, era uma ilusão.*

Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) diz que sua turma era maravilhosa; até hoje encontra algumas colegas trabalhando, atuando na área, e, quando isso acontece, é uma festa. A sexta-feira era sagrada, a turma saía da FAMECOS e ia comer linguíça no Copacabana<sup>99</sup>. Os trabalhos realizados também marcaram a época de estudante.

Quanto à procura pelo público feminino, Renato Masina (25/03/2008) comenta que, *as, mulheres, que queriam ter uma atividade e como o turismo estava surgindo, estava começando, era uma nova área de trabalho promissor. Então vinham com a expectativa de trabalhar na área.* Antoninho Muza (08/10/2008) também destaca que o curso sempre teve mais alunas mulheres, porque gostam de fazer e vender turismo, e explica que não sabe como funciona hoje, mas antigamente a cada X de passagens vendidas, ganhava-se uma.

Julio Balzano (02/12/2008) também percebe essas características femininas no curso:

*eu acho que a mulher é um ser muito sensível, criativo, e no Turismo, tem que ter muita sensibilidade, e a mulher é uma romântica por natureza, e no Turismo a gente tem que ser romântico, então com todas essas características a mulher tem, claro que tem que ser profissional, mas isso aí é outra coisa, eu estou falando das características básicas, e aí, principalmente a sensibilidade, a mulher tem mais sensibilidade, o homem não, o homem é um trator.*

Na totalidade das narrativas observamos essa questão de gênero presente entre os alunos do curso. Lewin (1980, p.55) propõe uma classificação de feminização das carreiras profissionais<sup>100</sup>. De acordo com essa classificação, o Turismo é considerado uma carreira feminina, pois o percentual de mulheres varia de 60 a 100% do total.

<sup>99</sup> O Copacabana é um restaurante existente em Porto Alegre desde 1939, típico italiano.

<sup>100</sup> Carreiras Femininas – cuja predominância percentual de mulheres varia de 60% a 100% do total: Artes, Biblioteconomia, Comunicação, Educação, Educação Artística, Educação Familiar, Educação Física, Enfermagem, Estudos Sociais, Letras, Licenciatura em Ciências, Museologia, Nutrição, Psicologia, Serviço Social, Turismo, Ciências Biológicas, Farmácia, Filosofia, História; Carreiras Mistas – caracterizam-se pelo equilíbrio da presença de homens e mulheres, podendo ser observada uma pequena dominância de um sexo ou de outro, dentro dos limites de 59% a 41 %. Nesta categoria estão: Arquitetura, Desenho Industrial, Direito, Estatística, Filosofia, Geografia, Matemática, Medicina, Música, Odontologia, Química, Teatro, Relações Públicas; e Carreiras Masculinas – a predominância de homens pode chegar de 60% a 100% do total: Administração, Astronomia, Ciências Agrícolas, Ciências Atuariais, Ciências Contábeis, Economia, Engenharia Química, Física, Meteorologia, Veterinária, Zootecnia. (LEWIN, 1980, p. 55)

Barretto, Tamanini e Silva (2004, p. 57) assinalam que os primeiros cursos de Turismo, assim como os de comunicação, eram, na década de 1970, “chamados, jocosamente, de ‘cursos de espera marido’, com predomínio do público feminino, que supostamente os freqüentava enquanto esperava por momentos mais importantes por vir”.

A ex-aluna Norma Martini Moesch (12/03/2009) fazia parte de um pequeno grupo, dentro de um maior, constituído de mulheres com a vida estabelecida, com seus filhos, inclusive uma delas já tinha neto. Eram umas cinco mulheres, cuja faixa etária era totalmente heterogênea em relação ao grande grupo. A professora relata o seu cotidiano de aluna no curso com grande riqueza de detalhes, e é com base no seu relato que continuamos essa narrativa.

Durante a faculdade, alguns grupos se formaram, e um deles era dos alunos com uma faixa etária mais avançada – Norma Moesch, Teresa Oliveira, Ivone Silveira, Sara Pechersky e Pedro Espinosa<sup>101</sup>. Os outros alunos se sentiam protegidos e amparados pela tutela dos mais velhos. Norma era bastante politizada:

*eu sempre fui bastante combativa, não posso negar, é meu perfil e nunca me satisfiz com o que nos era proposto de uma forma e depois nos era cobrado ou dispensado de outra, e sempre que era possível e houvesse a possibilidade de levantar a voz num plenário, num fórum, eu não me omitia, era minha missão, proteger aqueles jovens que estavam ali, já que eles estavam confiando tanto na minha coordenação, eu sempre fui a coordenadora dos nossos trabalhos de grupo. (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)*

O comportamento de Norma foi narrado quase como uma transgressão, pois era comum, durante o período de Ditadura Militar, a existência de um militar disfarçado entre os alunos. Sendo assim, podemos supor que Pedro observava os objetivos e interesses do curso de Turismo, e, que por ser um curso novo, deveria ser “vigiado”, pois poderia propor a formação de pessoas mais questionadoras e participativas, exatamente o que se objetivava calar. Os cursos, vistos como mais técnicos, seriam incentivados, principalmente se procurassem atender às demandas do mercado de trabalho.

---

<sup>101</sup>Pedro Espinosa, na verdade, era um policial, que representava o momento que vivíamos no Brasil. *Era uma figura oculta, mas muito simpático, muito receptivo, muito interessado, sempre querendo agradar os colegas, e se surgisse algo, um tema ou um assunto, que carecia de alguma complementação informativa, ele era a pessoa que seguramente na semana seguinte nos alimentava com esses esclarecimentos. E anos e anos depois soubemos que ele era realmente o sujeito oculto de uma história que não se quer relembrar* (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).

Barretto; Tamanini e Silva (2004) analisam a criação do curso como sendo incentivada pelo governo, pois o governo militar proibia e perseguia os cursos “pensantes”, que poderiam ir contra os projetos políticos. Incentivava os cursos que promoviam a tecnologia e o entendimento superficial da sociedade.

Nesse período, já existia o Centro Acadêmico “Alberto Pasqualini” – CAAP, da FAMECOS, vinculado ao Diretório Central de Estudantes da Universidade, no entanto, sua atuação junto aos alunos do curso de Turismo era praticamente inexistente.

#### 4.6 As Turmas Pioneiras

A primeira turma de bacharéis em Turismo, composta por 67 alunos, foi graduada em 13 de agosto de 1976 juntamente com os que ingressaram em 1972 e 1973, pois tiveram que aguardar o reconhecimento do curso. Teve, como paraninfo, o Ministro do Trabalho, Arnaldo da Costa Pietro<sup>102</sup>. Os homenageados de honra foram os professores Alberto André, Elvo Clemente e Antoninho Muza Naime. Seu orador foi o bacharelado Luiz Fernando Costi .

A formatura já estava sendo organizada quando foram informados de que não poderiam se formar naquele momento. Os alunos se sentiram enganados, pois ninguém os havia esclarecido sobre este fato. Norma Moesch (12/03/2009) conta que promoveu um levante dentro do curso, e sugeriu/convocou/aclamou aos colegas: *vamos para rua*. Souberam disso quando eram dez horas da noite. Como a aula terminava quinze para as onze, ela disse aos colegas *nós não vamos embora, vamos sentar ali abaixo do prédio da Economia, residência do irmão Elvo Clemente, e nós vamos bater panela e fazer o irmão Elvo descer e vai ter que nos explicar o que está acontecendo. Toda a PUCRS em silêncio e nós lá batendo tambor, chamando o irmão Elvo para baixo*. Então o Irmão Elvo desceu e explicou que a estrutura básica do currículo não tinha sido homologada, e a comissão de avaliação exigira que houvesse uma reestruturação. Durante esse período, o curso ficaria em diligência. Como ainda não havia esgotado o tempo da diligência, tinham que esperar para se formar com a segunda turma.

*Aquilo foi mortal, um jato da água fria. Sabe, o princípio da idoneidade da PUCRS entrou em jogo, nós chamamos eles de falsários, estavam ludibriando a ingenuidade dos alunos. Nós ficamos muito furiosos, deles terem somado com a turma dois, porque afinal todo o movimento, todo o esforço foi nosso, porque deu o maior fuzuê, quando terminamos o ano e*

---

<sup>102</sup> Arnaldo da Costa Pietro exerceu funções de Ministro da Previdência e Assistência Social de 01/05/1974 até a posse do primeiro titular, em 02/07/1974 e foi Ministro do Trabalho de 01/05/1974 a 15/03/1979.

*soubemos, nós estávamos com a comissão de formatura se preparando* (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).

Norma Martini Moesch (12/03/2009) presidiu a comissão de formatura, e conta que a turma da vanguarda queria dar um destaque para essa colação de grau, queria mídia, queria ser notícia. No entanto, havia outros colegas que queriam um professor para paraninfo da turma. Estavam cientes de que o irmão José Otão só sairia para presidir a formatura se tivesse um nome muito forte como paraninfo, porque estava doente. Então, a turma foi em busca de uma referência que fosse capaz de despertar esse compromisso do Reitor. O grupo decidiu ter como paraninfo, Arnaldo da Costa Pietro, que, na época, era ministro do trabalho, porque havia descoberto que ele tinha sido assistente de gabinete do Reitor e havia se formado com bolsa, prestando serviços de dia e estudando à noite na PUCRS. Então a vinda do ministro para paraninfo a primeira turma de Turismo seria perfeito.

Lembra, ainda, que quando ficou decidido que as turmas se formariam juntas, a briga ficou pior, porque não chegavam a um consenso quanto ao paraninfo. Enfim, ficou definido o Ministro Arnaldo da Costa Pietro, conforme pensado anteriormente. Na época, a escolha e o discurso do paraninfo passavam pelo crivo e tinham que ser homologados pela Reitoria. O orador foi Luiz Fernando Costi, *porque era a pessoa que tinha a melhor fluência dentro daquela sala de aula, tinha voz, se comunicava bem, não era um aluno de referência, não era um aluno aplicado, enfim, era um empresário e não tinha paciência para estudar, mas tinha uma forte representatividade na sociedade.*

A formatura das primeiras turmas foi bastante noticiada no jornal Correio do Povo/RS.

## Prieto paraninfa os formandos de Turismo da PUC

O ministro Arnaldo da Costa Prieto, do Trabalho, chegará a Porto Alegre amanhã, sexta-feira. À noite, estará paraninfando a solenidade de formatura das duas primeiras turmas do Curso de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC, que teve seu funcionamento reconhecido no início deste ano.

Arnaldo Prieto foi oficialmente convidado para paraninfar esta primeira formatura no início do mês, quando recebeu, em Brasília, uma comissão que representou os alunos.

Ilustração 23 – Correio do Povo/RS, 12/08/1976, p.12



# PUC formará esta noite duas turmas de Turismo

Hoje, sexta-feira, às 20h, estará acontecendo a solenidade de colação de grau das duas primeiras turmas do Curso de Turismo da PUC, no salão de atos, tendo como paraninfo o ministro Arnaldo da Costa Prieto, do Trabalho. As 9h na capela da Reitoria será oficiada uma missa e logo a seguir será feito o ensaio para a cerimônia da noite.

Os homenageados de honra são o prof. dr. Elvo Clemente e o professor Antoninho Muza Naime, enquanto que o ex-diretor da Farnecos, professor e jornalista Alberto André, é o homenageado de honra. Os homenageados especiais são os professores Althair Rech, Ariosto Jaeger, Braz Aquino Brancato, Carlos Miranda Kruger, Cleusa Maria Andrade, Geraldo Canali, Geraldo Castelli, Guido Bakos, Harry R. Bellomo, Júlio Roberto Balzano, Júlio Rubbo, Luiz Gustavo Welp, Melchiades Stricher Filho, Moacir Flores e Paulo Sperry. A homenagem póstuma é para Ligia Martins Costa Nunes Pereira.

Os formandos do Curso de Turismo — 1.a Turma (1974) — são os seguintes: Carlos Crispim Souza Gonçalves, Carmem Lúcia Lima de Oliveira, Celia Mazzeo Oliveira, Clarice Sthal, Claudete Rosa Kaercher, Clovis Renato de Castro Portilho, Dolores Maria do Carmo Backes, Elizete Renate Sprandel, Geni Herrerias Jansen, Helenita Ferraz Severino, Herminia Borba, José Aurélio de Curtis, Loida Streliaev, Luiz Fernando Costi, Maria Cristina Gudolle Dias, Maria de Lourdes Venturini, Maria Hercília de Castro Tarlá, Maria Hordália Cardoso, Maria Terezinha Ouriques Amaral, Mariângela Santos Germano, Marília Luz Fonseca, Marli Pacheco da Silva, Marta Angélica Loureiro Schertel, Mirna Schneider, Nara da Costa Mattos, Neli Terezinha da Silva Tramunt, Norma Martini Moesch, Pedro Ari Gobbi, Pedro Espinosa da Silva, Rosemarie dos Santos, Sara Pechersky de Medero, Sílvia Rosaria Zignago Franco, Tânia Maria Amaral Etchepare, Tania Maria Araujo Lopes Reis, Terezinha Lovatto, Thereza Jesus de Oliveira, Valesca Taye Karan, Vânia Abott Yurgel.

A segunda turma, de 1975, é formada dos seguintes alunos: Alice dos Santos Leiva, Ana Ma-

ria Caldas Scherer, Angela Maria Silveira Moraes, Anna Luiza de Almeida Oliveira, Beatriz Lahorgue Kunz, Bernadete Rausch, Cláudia Leite Guimarães, Dalton Antonio Búrgio, Dea Lucia Coufal, Diney Adriana Nogueira de Oliveira, Elisabet Maria Fleck, Elisabeth Benites Trein, Fausto de Almeida Vieira, Fernando Correa Araujo Lopes, Heloiza Helena Pimenta D'Avila, Iara Gomes de Moraes, Lenora Maia Horn, Mara Regina Gonçalves Bernardes, Marcy Puccini de Faria, Maria Cirila Klein, Maria Luiza Schreinert, Marli Poisl, Nelsa Maria Frozi, Neusa Marques da Rocha, Ondina Maria Ohlweiler da Silveira, Rejane Schlatter Bohrer, Rosângela Cortinhas, Scheila Maria Ramos Schultz e Silvia Martha Oppliger. O orador será o aluno Luiz Fernando Costi.

## Palestras sobre defesa do consumidor

O Diretório Acadêmico das Faculdades de Economia, Contabilidade e Administração está promovendo um Seminário de Debates sobre Proteção e Defesa do Consumidor. De 16 a 18 deste mês, os universitários da URGs ouvirão conferencistas e debaterão a defesa do consumidor com o deputado federal Nina Ribeiro, o sr. Frederico Mottola e o superintendente da Sunab, sr. Noé Wilke.

Segundo os estudantes, é necessária uma tomada de consciência em relação às verdadeiras aberrações que são cometidas, diariamente, contra a população.

## No Mundo de

### DO INFINITIVO FLEXIONA

(1) "São convidados os senhores a se reunirem em Assembléia Geral de discutirem e deliberarem sobre dia: (.....)."

Meu amigo leitor marcaria o risco? (Marcar uma frase com a ingramaticalidade, segundo convenções formacionais)



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO SUPERIOR DE TURISMO



Ilustração 25 – Convite de Formatura da primeira turma de Turismo FAMECOS/PUCRS, 1976



Ilustração 26 – Foto da Formatura da primeira turma do Turismo, 1976 (da esquerda para direita – Elisabet Maria Fleck, Ondina Maria O. da Silveira, Diney Adriana Oliveira, Norma Martini Moesch, Ana Luiza de Almeida Oliveira, Carmem Lucia Lima de Oliveira e Dea Lucia Coufal).



Ilustração 27 – Correio do Povo/RS, 15/08/1976, p.35



A primeira turma formada já manifestava preocupação em relação ao reconhecimento da profissão. Um dos formandos, Fausto Vieira, salienta que um dos problemas dos bacharéis era a disputa por empregos.

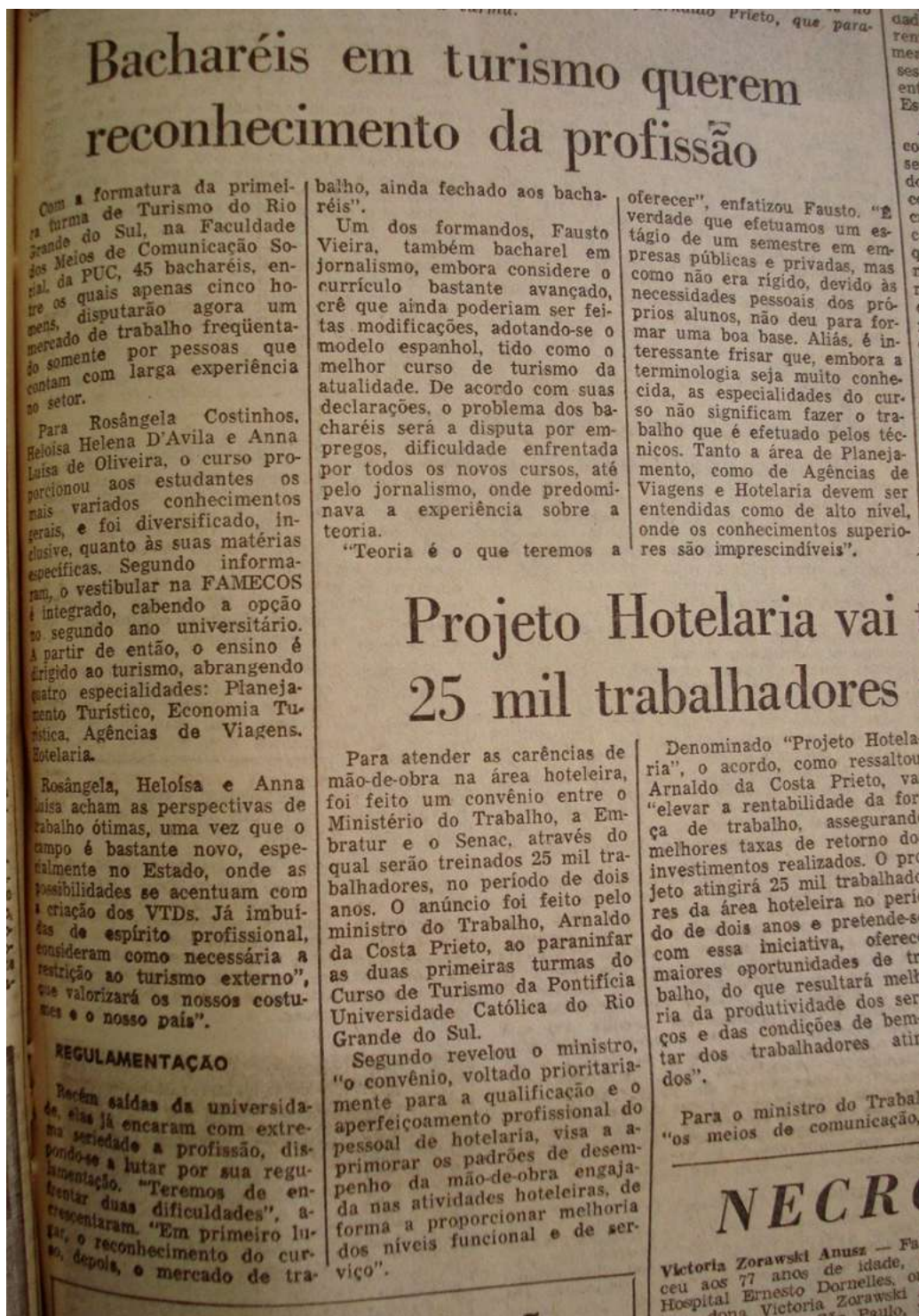


Ilustração 28 – Correio do Povo/RS, 15/08/1976, p. 35

A questão da participação de formandos em Turismo na atividade turística era discutida como sendo um fator decisivo e integrador. Embora, nas narrativas sempre apareça a PUCRS mantendo um bom relacionamento com o mercado, atuando em conjunto, no desenvolvimento da atividade turística nesse período, podemos perceber



que, no contexto geral, lutavam pela regulamentação da profissão. Avaliavam que o mercado ainda estava fechado para o bacharel, que teriam que disputar um emprego. O artigo do Jornal do Brasil/RJ (31/10/1974) comentava sobre a 1ª turma formada pela Faculdade de Turismo em Petrópolis, cujos integrantes, mais do que um emprego, esperavam conseguir mudança de mentalidade dos dirigentes do turismo nacional, abrindo as portas para profissionais formados em cursos de nível superior.

Diante dessas lembranças, os significados de luta, de grupo, de estratégias, de desafios estão implícitos nas narrativas, pois essa turma aparece como bastante politizada, talvez em função do momento político vivido na época. A formatura apresenta-se como um lugar instituído na memória coletiva destes narradores.

Na época, a grande referência eram as agência de viagens e as agências de transporte aéreo. Com o Reconhecimento do Curso, após a formatura a maior parte dos formandos foi trabalhar em agências de viagem.

Alguns alunos optaram por realizar a formatura interna, em outubro de 1976.



#### **COLAÇÃO DE GRAU EM TURISMO NA FAMECOS**

*Em solenidade realizada na Sala de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica, colaram grau os bocharéis em Turismo da turma de 1974 que não compareceram ao ato de formatura por motivos particulares. A cerimônia foi presidida pelo diretor da FAMECOS, professor Antônio Firmo Gonzales, e contou com a presença dos professores Antoninho Naime Musa, Eurico Saldanha de Lemos, Melchiades Stricher Filho, Renato Masina, e Cleusa Andrade. Usou da palavra o orador da turma, Pedro Espinosa da Silva. Os formandos de 1974, que colaram grau nessa ocasião: Ana Maria Scherer, Carlos Crispin Souza Gonçalves, Célia Mazzeo Oliveira, Clarice Stahl, Dolores Maria do Carmo Baches, Fernando C. Araújo Lopes, Geny Herrerias Janssen, Iara Gomes de Moraes, José Aurélio de Curtis, Maria de Lourdes Venturini, Maria Ercília de Castro Tarld, Mirna Schneider, Pedro Espinosa da Silva, Tânia Maria Etchepare, Tânia Maria Araújo Lopes Reis, Teresinha Lovatto e Valesca Tayé Karam.*

Em 16 de dezembro de 1976, colou grau a terceira turma e teve como paraninfo o Secretário de Turismo Mário Ramos.

## Mário Ramos lembra que o campo do turismo é cheio de desafios

Falando no salão de atos da PUC, como paraninfo da terceira turma de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social daquela Universidade, o secretário de Turismo Mário Bernardino Ramos, iniciou seu agradecimento aos 50 formandos pela lembrança de seu nome, fazendo evocação à solidariedade humana, fenômeno que parece desaparecer no mundo moderno, mas que, como no espírito natalino, ressurge cíclicamente, reafirmando os melhores sentimentos entre os homens.

Citando Krishnamurti, Mário Bernardino Ramos disse, a propósito, que "o homem vive procurando novas formas de governo, novas leis sociais, supondo que a reforma das fórmulas externas lhe resolverá os problemas. Esquece-se, todavia, de que ele é quem precisa reformular-se, tornando-se mais humano, mais compreensivo e mais leal. Quando o homem se reformular, não precisará de leis ou de suas reformas".

### Liberação da Usina do Gasômetro pode ocorrer logo

BRASÍLIA, 15 (CP) — A derrubada da velha usina do Gasômetro, está "dependendo apenas de autorização do ministro das Minas e Energia". A afirmação foi feita hoje pelo diretor da Divisão de Concessão de Recursos Hídricos do Departamento de Águas e Energia Elétrica do Ministério.

Ele afirmou que a Companhia Estadual de Energia Elétrica já pediu autorização à Eletrobrás para alienar a usina velha, explicando que a prefeitura de Porto Alegre pretende o terreno para a construção da Avenida Perimetral.

Segundo o diretor da Divisão de Concessão, a autorização deverá ser concedida sem maiores delongas, pois a usina do Gasômetro está paralisada há mais de dois anos. "Ela foi desativada por motivos técnicos e econômicos, não sendo viável em nenhum sentido a sua transformação de 50 para 60 ciclos".

Além disso — ponderou — há um outro fator que tem de ser levado em conta: a inutilidade da manutenção em funcionamento de uma usina obsoleta, de alto custo operacional e pequena capacidade, agora que o Estado está interligado a todo o sistema energético do Sul e do sudeste do País. Por isso, acredita que o Governo federal deverá alienar a velha usina do Gasômetro.

O campo do turismo, disse a seguir o secretário Mário Bernardino Ramos, é realmente um imenso campo de indagações e desafios. Abre-se diante dos estudiosos e interessados, no mundo de hoje, como a soma de amplos e complexos conhecimentos humanos, um campo regido por ciências como a Economia, a Administração, a Sociologia, a Psicologia, a Geografia, o Direito e até mesmo a Medicina, quando se trata do Turismo Saúde.

E é diante de tais indagações e tais desafios — acrescentou Mário Ramos — que uma nova geração de técnicos, como os formandos de Turismo da PUC, está emergindo para essa vida de ação e trabalho, provida dos conhecimentos das ciências exatas que formam o arcabouço do Turismo moderno. Para enfrentar tais indagações e tais desafios, saem aqueles moços para o estudo, a pesquisa e a perseverança em momento tão singular. Sensível por tudo isso às preocupações manifestadas antes pelo formando José Maria Ribeiro, orador da turma, quanto às oportunidades de trabalho, Mário Bernardino Ramos disse que isso tem estado igualmente na lista das grandes preocupações e das grandes iniciativas das autoridades ligadas ao Turismo cientes de que os recursos humanos, especialmente os recursos humanos qualificados, são tão importantes para o desenvolvimento do turismo quanto uma bela paisagem ou qualquer outro apelo. A soma dos apelos com a ação especializada dos técnicos e a infra-estrutura material é que faz um turismo capaz de realmente contribuir para o progresso e a riqueza do País — e é em tal sentido integral e uno que desejamos marchar e já estamos marchando, pois a própria lei que regula e garante o mercado de trabalho para os formandos em Turismo já está no Congresso Nacional.

Mário Bernardino Ramos ressaltou, ainda, no contexto de realizações e nas promissoras realidades abertas à frente dos formandos, que, já em 1977, a Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul estará implantando uma escola de hotelaria semelhante às existentes na Europa, a nível de administração gerencial, enquanto se tomam as primeiras iniciativas no sentido de um esforço conjunto dos países do Cone Sul — Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai e Chile — visando a estudos que possam conduzir à implantação de um turismo integrado, forma de produto compacto capaz de ser oferecido com sucesso nos importantes mercados da América do Norte e da Europa, em luta competitiva por um lugar ao sol jamais antes cogitada em nosso Continente. Mário Ramos destacou, enfim, que, diante de tais complexidades, as novas gerações de técnicos em Turismo precisavam lembrar palavras da Segunda Epístola aos Coríntios segundo as quais "em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desesperados; perseguidos, mas

não desamparados; abatidos, mas não destruídos".

Quando alguém parte para a vida profissional, disse finalmente Mário Bernardino Ramos, e o embate se apresenta mais desafiador e violento, deve lembrar que "a semente primeiro morre na terra escura para que depois nasça do seu silêncio a planta luminosa". Que, portanto, não deveria descansar a mão do jovem formando, não desanimar a sua fé nem perecer a sua força, porque, assim, da própria terra germinará a planta, do brejo nascerá o grão silensioso, do próprio minuto transitório surgirá a eternidade do exemplo — "e, do obscuro esforço deste que hoje te saúda, em nome dos mais humildes, pela tua lição — está a própria continuidade da tua obra".

## Ministro da Saúde de indigentes

RIO, 15 (Sucursal) — O ministro Almeida Machado, da Saúde, ao presidir, hoje, às 11 horas, no Rio Othon Palace Hotel, a solenidade de instalação do Seminário Nacional Sobre Atendimento Médico-Hospitalar, que está sendo promovido no Rio de Janeiro pela Federação Brasileira de Hospitais, disse que o número de indigentes internados em hospitais do País está diminuindo gradativamente, graças à expansão continuada do atendimento através da Previdência Social, e já pode ser previsto — acentuou — o dia em que será obtida a cobertura total no atendimento desse tipo de internado.

"Reconhecendo as deficiências, mas procurando corrigi-las é que o atendimento médico-hospitalar vai melhorando em nosso País com o concurso de todos. É preciso — disse — não ocultar as falhas. É preciso reconhecê-las mas é, igualmente, preciso analisar os progressos havidos e a causa das falhas remanescentes. Em toda a parte e, principalmente no seio de um povo com baixo poder aquisitivo, a saúde só é obtida com a participação de todos: União, Estado, Município, empresa, profissionais liberais e a comunidade. Ninguém — finalizou o titular da Pasta da Saúde — pode permanecer marginalizado, ninguém, pode permanecer indiferente. O esforço conjunto de todos nós é o mínimo que merece o povo brasileiro".

Com a participação de representantes da Costa Rica e do México, a solenidade de instalação do Seminário Nacional Médico-Hospitalar foi iniciada com as palavras, pronunciadas na ocasião, pelo médico Helvé-



Mário Ramos destacou, em seu discurso, a importância da solidariedade humana para qualquer profissional e reforçou que as oportunidades de trabalho para o bacharel em Turismo eram motivo de preocupação das autoridades ligadas à área.

#### 4.7 Desafios Iniciais

Quando os narradores nos contam sobre o curso, nesse período, destacam diversos aspectos que consideram positivos, mas aparecem alguns registros de deficiências iniciais. Conforme Norma Moesch (12/03/2009), os alunos sentiam falta de disciplinas de história da arte e de antropologia. Lenora Horn Schneider (01/07/2008) diz que, como acadêmica, sentia as deficiências do curso, por isso após sua conclusão resolveu fazer um novo vestibular para o curso de Economia. Recomenda, a todas as pessoas que cursam Turismo, que façam outro curso de formação, pois entende que, dependendo da área escolhida para atuar, há a necessidade de um maior aprofundamento. Ela se ressentiu e diz que faltavam conteúdos que o curso não abordava, *conteúdos em geral, faltou prática e faltou teoria, com certeza. Porque a teoria que a gente tinha naquela época, na década de 1970, era o modelo espanhol, era o modelo europeu, não existia o modelo brasileiro, existia um “achismo” “eu acho isso, eu acho aquilo, [...] (Lenora Horn Schneider, 01/07/2008).*

Uma das deficiências destacadas, tanto pelos ex-alunos quanto pelos professores, era a inexistência de uma bibliografia específica de turismo. No início, o livro de Luiz Fernandez Fuster, *Teoria y Técnica Del Turismo* (1974), era a única obra de consulta, uma bíblia para os cursos de Turismo. Trigo (1998) lembra que autores espanhóis, como Fuster, foram lidos por toda a primeira geração de estudantes no início da década de 1970.

Mas essas foram apenas algumas das dificuldades enfrentadas pelos alunos, às quais foram acrescentadas outras, de ordem científica e acadêmica, como podemos ver nas palavras de Norma Moesch (12/03/2009):

*Teoria e Técnica do turismo, a teoria do turismo do Fuster é que nós tínhamos que dominar as técnicas para poder dar conta do turismo, [...] e tenta explicar o fenômeno que ele diz “o turismo é um fenômeno que surgiu para impacto de toda a humanidade”, surgiu na década de, remete ao período do pós-revolução industrial, com o surgimento da ferrovia, turismo do Thomas Cook, que é organizado, e do qual até hoje, ele dizia na época, isso em 1970, muito pouco se sabe, “igual ao brinquedo utilizado por uma criança, hoje desperta muito interesse e amanhã é jogado fora, como um brinquedo que já cansou”.*

*Ouve bem, 'atende um princípio de um modismo e da inconstância; os impactos causados, enfim, pela frequência desse movimento de estranhos, chegam ao lugar, ainda estão muito longe de serem dimensionados'. Então ele percebe que o fenômeno é forte, é impactante, é assustador, mas ele está numa posição de uma limitação extrema, por não conseguir dar conta do espectro né, que ele representa. Então ele ensaia os primeiros insights, tentativas de descrever o turismo.*

Vieram outros conceitos de turismo, no entanto, todos bastante incipientes. Também havia a ideia difundida pela escola de Berlim, em 1919, que reforçava os aspectos econômicos, o que, para Norma Moesch, era uma deturpação do entendimento do turismo: *nós estávamos realmente obliterados com viseiras por todos os lados. E a nossa responsabilidade enquanto alunos, era aprender a fazer.*

A professora explica que, em função disso, a sua geração teve muitas dificuldades no momento de encarar a continuidade de um estudo superior, quando, alguns anos após, a PUCRS contemplou os professores do Curso de Turismo com um curso de pós-graduação *lato sensu*, com especialistas da Fundação Getúlio Vargas e da PUCRS, da área da Economia,

*com forte presença da economia, aí entra Antonio Carlos Fraquesi, a Lucia Caron, professor da área de gestão, nós levamos um trote, nós os bacharéis em turismo, para poder assimilar o que vinha aí, porque esses professores vinham todos com formação de doutorado nos Estados Unidos ou na Europa, e nós não sabíamos pensar, nós não sabíamos identificar quais concepções e correntes da epistemologia do turismo. E, quando veio o mestrado então tivemos que entrar num profundo processo de aprendizado [...]. (Norma Moesch, 12/03/2009)*

#### **4.8 O Curso e suas Relações Locais e Nacionais**

Por serem alunas bastante atuantes e lutarem pelos interesses do grupo, Norma Martini Moesch (12/03/2009) e Thereza de Oliveira estiveram na USP, para participar do I Ciclo Nacional de Estudos Turísticos, que teve como mentor Mario Beni. Contam que ficaram bastante interessadas no tema do evento e na possibilidade de participarem e conhecerem o que a USP propunha. Foi nesse evento que Norma Moesch<sup>103</sup> conheceu Mário Carlos Beni<sup>104</sup> e se construiu um relacionamento profissional e de amizade que dura até os dias de hoje.

<sup>103</sup> Segundo as narrativas, a professora constituiu-se na principal articuladora do Curso de Turismo da PUCRS.

<sup>104</sup> Na época, o único professor referendado pelo MEC para ministrar disciplinas específicas de Turismo no Brasil e, posteriormente, contribuiu no curso de Turismo da PUCRS.

Norma Martini Moesch (12/03/2009) prossegue contando que, durante o evento, ocupavam a mesa das autoridades os acadêmicos da USP, Morumbi, PUCRS e Ibero Americana de São Paulo; e um considerável número de empresários, que representavam as entidades de classe, como a ABAV, ABIH, etc. O primeiro e segundo dia transcorreram normalmente conforme o previsto, embora estivessem no famoso patamar do turismo na sua condição messiânica, como diz Jafar Jafari<sup>105</sup>. O turismo vinha para consertar todas as falésias encontradas no desemprego, na falta de oportunidades, como reforço na economia, a exemplo do que se deu na Espanha do pós-guerra.

*Bem, acontece que aqui no Brasil, o que se tinha com relação ao turismo era muito insignificante, e não se pensava sequer em conceituar turismo, sabia-se que turismo reunia pessoas, promovia encontros, provocava momentos de lazer, momentos de entretenimento, porque acima de tudo o turismo estava ancorado nas famosas semanas de turismo, semanas oficiais de turismo do Rio de Janeiro, de Petrópolis, o famoso cassino da Urca, do cassino de Quitandinha em Petrópolis, da presença das Companhias das Operetas italianas, dos teatros de revista que vinham da França em direção a Buenos Aires e por aqui passavam. Então era toda uma mobilidade do espetáculo, o turismo tinha essa característica, e o ícone do turismo para o mundo era o Pão de Açúcar e a Bahia de Guanabara, era isso que nós tínhamos. (Norma Moesch, 12/03/2009)*

Nesse contexto, pensar o turismo como uma atividade humana, socialmente organizada, com uma forte expressão econômica, um espectro amplo, uma capacidade de geração de emprego, produção e renda se fazia necessário.

*Esse era o pensamento, que para atender tantos visitantes turistas no Rio de Janeiro nas altas temporadas, era preciso muita gente para trabalhar nos cassinos, nos hotéis, e para trabalhar nessa mobilidade, para levar as pessoas ao aeroporto, para passeios, para o hotel, e centrava nestas questões e acabou. O Rio Grande do Sul, por sua vez, tinha uma realidade bastante própria em relação ao turismo. (Norma Moesch, 12/03/2009)*

No último dia do Ciclo Nacional de Estudos Turísticos, os alunos da Morumbi, que estavam sentados na primeira e segunda filas do evento, passaram a questionar os empresários que estavam ocupando a mesa. Até hoje Norma Moesch (12/03/2009) vê essa cena, diz que assumiram uma atitude arrogante, e diziam que não estavam sendo preparados para serem assistentes de turismo e sim gerentes ou diretores de empresa; e

---

<sup>105</sup> As plataformas propostas por Jafar Jafari já foram discutidas no Capítulo anterior.



que nessa profissão nova, nesse novo campo de atuação profissional, seriam muito bem remunerados.

*Esse discurso prevalecia sempre que o curso do Morumbi era apresentado, e os alunos repetiram, e aí começou um refrão que nos perseguiu pela vida a fora, não estamos sendo preparados na Faculdade Morumbi para sermos meros emissores de bilhete de passagem área, nós estamos sendo preparados, estamos estudando para sermos diretores de empresas.*

Assim, frente a uma atividade incipiente, num país que ensaiava os primeiros passos para o turismo profissional, o turismo comercial, gerente, diretores de empresas de viagens, estavam começando também a se consolidarem, pois o setor hoteleiro atuava com *know how* estrangeiro, normalmente português, francês, alemão. Norma conta que esse questionamento foi um desafio, de quem diz *olha, logo logo nós vamos tomar o seu lugar*; e a resposta dos empresários foi imediata. Aquele momento criou uma situação de constrangimento, em outras palavras, o empresariado respondeu,

*respeitamos o projeto que vocês abraçaram, [...] a caminhada ao topo do profissionalismo no turismo exigia, acima de tudo, humildade e persistência, e que o processo de aprendizado se dava no cotidiano, no fazer; e o saber, estaria emergindo dessa vivência e dessa experiência, e não o processo inverso, vocês estão aqui, estão na universidade enchendo a cabeça de teorias”, aí desancaram, “enchendo a cabeça de teorias e desrespeitando as nossas práticas” e aí aquele velho discurso, a teoria na prática é outra. (Norma Moesch, 12/03/2009)*

Naquele momento, ocorreu uma ruptura e, segundo as palavras da Norma Moesch, todo e qualquer curso de turismo passou a pagar um preço pela atitude mal conduzida dos estudantes de turismo do Morumbi, sendo, então, o início desse cenário, comprometido do ponto de vista da aceitação ou de rejeição dos cursos de Turismo.

Mário Carlos Beni (06/05/2009) conta que a PUCRS de Porto Alegre se aproximou da Universidade de São Paulo (USP), quando compareceram, em massa, alunos e docentes, ao I Congresso Nacional de Turismo, primeiro CONTur<sup>106</sup>(1975),

*o primeiro foi em São Paulo em mil novecentos e setenta e quatro ou setenta e cinco, não me lembro, setenta e cinco talvez. E o segundo foi em Porto Alegre exatamente na PUCRS, então veja como havia uma afinidade muito grande. É verdade que nesse período a professora Norma Martini Moesch foi responsável por isso, ela principalmente que era aluna, mas já*

<sup>106</sup> Foi até o décimo oitavo, depois se transformou no que hoje é conduzido pela ABBTur, Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo, passando para CBTur, Congresso Brasileiro de Turismo (Mário Carlos Beni, 06/05/2009).

*compareceu na condição de aluna do último ano na USP, e já propôs o segundo lá e lá estavam todos, Antonio Muza e vários professores da época que compareceram, e Porto Alegre ganhou logo de início a simpatia de todos da universidade e a partir daí nasceu uma relação muito estreita entre o Curso de Turismo da Universidade de São Paulo (USP) e o Curso da PUCRS e um relacionamento pessoal, profissional e acadêmico muito grande com a professora Norma. Então todas as iniciativas, ela como coordenadora depois do Curso de Turismo e também era, uma coisa é preciso ser dito, o Estado do Rio Grande do Sul, nesse período, estava muito mais estruturado do que qualquer outro Estado [...], mas sem dúvida nenhuma o primeiro Estado brasileiro que se organizou e se estruturou para o turismo foi o Rio Grande do Sul e isso em razão da equipe da professora Norma, na época, o então secretário que era aqui de Caxias, o Mário Ramos que se tornou um grande amigo também, um grande incentivador e foi o responsável também por esse elo São Paulo ou USP e PUCRS. (Mário Carlos Beni, 06/05/2009)*

A PUCRS, com seu Curso de Turismo, desde o início percebeu/reconheceu a questão do intercâmbio com a atividade turística como fundamental para o sucesso das atividades educacionais, acadêmicas e científicas na área, como também foi possível, a partir dessas interações, projetar um exercício moderno, científico e profissional para a educação em Turismo.

Renato Masina (27/03/2008) fala dessa interação com o mercado e lembra dos contatos com o Sindicato dos Hotéis, Sindicato das Agências de Viagem, e o estabelecimento de vínculos para os estágios dos alunos. A principal forma de manter vínculos com organizações privadas ou públicas era através de convênio para estágio. Também havia a participação de docentes em reuniões relacionadas à atividade turística, no Conselho Municipal de Turismo, na Secretaria de Estado do Turismo, além de convênios de treinamento e parcerias.

Ruschmann (2002, p. 23) considera que essa integração, entre as empresas do setor e os cursos de Turismo, é fundamental para a capacitação adequada dos alunos para um exercício profissional apropriado. “As escolas propiciam os conhecimentos básicos (acadêmicos) e o conhecimento dos aspectos teóricos específicos da atividade turística. Já as empresas colaborariam com os práticos (técnicos), participando de seminários, palestras e depoimentos nas instituições de ensino”.

O jornal Correio do Povo/RS (08/04/1973) noticiou um Seminário sobre Turismo que foi realizado na FAMECOS, em que o Secretário de Turismo, Roberto Eduardo Xavier, esteve presente, sendo recebido pelos professores Alberto André,

diretor da FAMECOS, Irmão Elvo Clemente, vice-diretor e Antônio Firmo Gonzáles, responsável pelo Departamento de Jornalismo. Durante a visita ficou acertado que a Secretaria de Turismo e o curso de Turismo da FAMECOS iniciariam os estudos para a realização de um Seminário sobre o mercado de trabalho nos diversos setores ligados ao turismo. Ficou, ainda, decidido que a Secretaria de Turismo e a CRTUR iriam realizar um projeto para a sala de turismo da FAMECOS, com o objetivo de lhe dar uma função utilitária e, aos alunos, a oportunidade de se atualizarem no que dizia respeito às novas técnicas turísticas. Em 26 de abril de 1973, o reitor da PUCRS, Prof. Irmão José Otão, assinou um protocolo com a Secretaria de Turismo e também um convênio e um acordo de cooperação técnica com a SUDESUL.

André (1993) reforça que vários fatos ocorridos em sua gestão registraram o dinamismo do nascente curso. Um deles foi a conferência do deputado Victor Faccioni, para professores e alunos, em junho de 1973; outro foi a criação, em novembro do ano seguinte, de uma Agência Experimental de Turismo nas dependências do prédio da FAMECOS, destinada às aulas práticas dos alunos de Turismo, com equipamento doado pelo secretário Roberto Eduardo Xavier, então titular da Secretaria Estadual de Turismo.

No Relatório de atividades da Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul/Secretaria de Turismo (1974), o Secretário do Turismo Roberto Eduardo Xavier comenta que, a partir de 1974, a CRTUR estabeleceu um contrato com o CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola, onde foi estabelecida a abertura de 12 vagas para estagiários na área de Planejamento. No mesmo ano, o secretário de Turismo do Estado proferiu, no auditório da FAMECOS, a aula inaugural do “IV Cursos de Inverno”, que contaram com o patrocínio do convênio celebrado entre o Conselho Federal de Cultura e a PUCRS.

# Aula inaugural dos cursos de turismo

O secretário de Turismo, Roberto Eduardo Xavier, proferiu no Auditório da Faculdade dos Meios de Comunicação Social (FAMECOS), a aula inaugural dos IV Cursos de Inverno da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Falando aos participantes dos cursos e a 80 professores e alunos dos cursos de Turismo da Universidade de São Paulo e Faculdade de Santos e São Bernardo do Campo, que se encontram em visita ao Estado, o Secretário Roberto Eduardo Xavier traçou um painel da situação atual do turismo em todo o mundo e, em particular, no Brasil.

## Férias escolares

A titular da 1.ª Delegacia de Educação comunica as direções que as férias escolares terão início para as escolas de 1.º grau no dia 17 de julho e para as de 2.º grau no dia 14 de julho a fim de dar cumprimento ao Calendário Escolar.

## da UFPel

módulo correspondente aos Departamento de Matemática, Estatística e Física, além do setor administrativo do Instituto de Física e Matemática e o primeiro módulo do Instituto de Química e Geociências, onde funcionará o Departamento de Bioquímica, foram inaugurados recentemente no campus da Universidade Federal de Pelotas.

No prédio correspondente a primeira parte da Biblioteca Central da UFPel será instalado, brevemente, todo o bibliográfico das unidades do campus, num total de 23 500 livros, 14 000 folhetos, 836 títulos de periódicos, 69 mapas, 23 micro-filmes e 89 títulos de publicações seriadas.

A solenidade de inauguração das três referidas obras foi presidida pelo reitor Delfim Silveira, que tem como uma das principais metas a concentração no campus de todas as unidades e setores administrativos, consti-

Dentro desse quadro, o secretário de Turismo destacou o papel do Rio Grande do Sul, Estado pioneiro no Brasil em matéria de legislação turística (a primeira lei de turismo brasileira, do Governo Valter Jobim, completará 25 anos no dia 25 de janeiro de 1975) e que vem aplicando recursos para o desenvolvimento do turismo. Depois de mostrar as diversas formas com que o Poder Público Estadual beneficia, direto e indiretamente, o setor turístico, o secretário Roberto Eduardo Xavier relacionou os principais pontos de atuação de sua Pasta (empreendimentos, legislação, promoção, informação, proteção de recursos e qualificação de recursos humanos).

Após a palestra do secretário de Turismo, o diretor da FAMECOS, jornalista Alberto André, que presidia a instalação dos Cursos de Inverno, convidou o professor José Calander dos Reis, chefe da delegação de professores e acadêmicos paulistas de turismo, a usar a palavra. O professor Calander dos Reis agradeceu a acolhida em Porto Alegre e entregou aos membros da mesa lembranças dos cursos de Turismo de São Paulo.

Ontem o 80 acadêmicos e professores de turismo paulistas animaram com o Secretário de Turismo do Rio Grande do Sul.

A vinda dos estudantes paulistas ao Estado faz parte da "Semana de Inverno Gaúcho" para universitário de Turismo, promovido pelo Curso Superior de Turismo da FAMECOS, com o objetivo de integrar os estudantes de turismo das diversas faculdade do País e promover a oferta turística do Rio Grande do Sul. O programa visa, também, a submeter os roteiros turísticos de inverno à análise e apreciação dos futuros turistólogo e estabelecer uma ação integrada na troca de experiências similares à atual, isto é, dar nova motivação a roteiros já divulgados e criação de novos roteiros dentro dos Estados de origem aos respectivos grupos.

Amanhã, os estudantes de turismo irão a Osório e a Torres; sexta, a Novo Hamburgo e São Leopoldo; sábado, a Caxias do Sul e Flores da Cunha e, domingo, a Canela e Gramado. Segunda-feira, retornarão a São Paulo.

No período de 08 a 22 de julho de 1974, a FAMECOS/PUCRS, juntamente com o Centro Universitário de Pesquisa e Estudos de Turismo (CUPET) e a Secretaria de Turismo, promoveu quatro Cursos de Turismo de Inverno<sup>107</sup>, destinados aos acadêmicos de Turismo e aos interessados em geral, especialmente diretores de empresas privadas e organismos municipais de turismo. Os Cursos foram divididos em duas categorias: Técnicos e de Cultura Geral<sup>108</sup>. A aula inaugural proferida pelo Secretário de Turismo, Roberto Eduardo Xavier, traçou um painel sobre a situação do turismo no mundo e, de maneira particular, no Brasil<sup>109</sup>. Além dos alunos da PUCRS, assistiram a palestra 80 professores e alunos dos cursos de Turismo da Universidade de São Paulo e das Faculdades de Santos e São Bernardo do Campo (Folha da Tarde/RS, 10/06/1974, p. 39).

Esses cursos foram muito referidos pela mídia, que noticiou, em diversos jornais do Estado<sup>110</sup>, tanto a aula inaugural proferida pelo secretário, quanto o andamento dos cursos. Era um período de inúmeras atividades na área de Turismo, e diariamente o jornal Correio do Povo/RS publicava reportagens referentes ao assunto. Os artigos levam a crer que havia aceitação e reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo curso de Turismo da PUCRS e pela Secretaria de Turismo, explicitando o discurso da época de apoio à formação nessa área como solução para o desenvolvimento do setor turístico. O curso de Turismo da PUCRS afirmava-se como um espaço em que se produziam, se difundiam e se legitimavam discursos políticos e educacionais, próprios dos anos de 1970.

---

<sup>107</sup> Para apresentar o programa dos Cursos, estiveram na Secretaria de Turismo, onde foram recebidos pelo titular da Pasta, Roberto Eduardo Xavier, o vice-diretor da FAMECOS, Irmão Elvo Clemente, e a presidente do CUPET, Maria de Lourdes Venturini.

<sup>108</sup> Entre os cursos técnicos tinha-se “Organização de Congressos, Feiras e Convenções”, ministrado pelo professor Bolivar Madruga Duarte, ex-diretor da Agência Alcântara Machado e ex-Secretário de Turismo do Estado de São Paulo, e de “Comercialização Turística”, ministrado pelo professor Geraldo Castelli, técnico da Secretaria de Turismo, que possuía cursos de especialização no exterior. Os cursos de Cultura Geral eram “Porto Alegre: Aspectos Históricos e Turísticos” (pelo professor Moacir Flores, da Cadeira de História da PUCRS) e “Folclore e Gastronomia” (pelo professor Glaucus Saraiva, diretor de Departamento de Cultura do Palácio Piratini) (Diário de Notícias/RS, 07/07/1974).

<sup>109</sup> Dentro desse quadro, o secretário de Turismo destacou o papel do Rio Grande do Sul, Estado pioneiro no Brasil em matéria de legislação turística (a primeira lei de turismo brasileira, do Governo Valter Jobim, completou 25 anos no dia 25 de janeiro de 1975) e que vinha aplicando grandes recursos para o desenvolvimento do turismo. Depois de mostrar as diversas formas com que o Poder Público Estadual beneficiava direta e indiretamente, o setor turístico, o Secretário Roberto Eduardo Xavier relacionou os principais pontos de atuação de sua Pasta (empreendimentos, legislação, promoção, informação, proteção de recursos e qualificação de recursos humanos) (Correio do Povo/RS, 10/07/1974, p. 10).

<sup>110</sup> Diário de Notícias/RS, 13/06/1974, p. 10; Folha da Manhã/RS, 11/06/, p.6; Jornal da Manhã (Ijuí/RS), 18/06/1974; Folha de São Borja (São Borja/RS), 03/06/1974; Jornal do Comércio/RS, 12/06/1974, p. 19; A UNIDADE (Carazinho/RS), 19/06/1974; O Peixeiro (Rio Grande/RS), 23/06/1974; Jornal do Comércio/RS, 28/06/1974, p.31; Diário de Notícias/RS, 29/06/1974, p.11; Correio Rural (Viamão/RS), 29/1974; Folha da Tarde/RS, 10/07/1974. p. 39; Diário de Notícias/RS, 07/07/1974, p.9; Folha de Uruguaiana/RS, 08/07/1974; Jornal do Comércio/RS, 16/07/1974, p. 26; Diário de Notícias/RS, 16/07/1974, p. 5; Folha da Tarde/RS, 16/07/1974, p. 38.

Convém lembrar que, no ano de 1974, esses cursos de inverno foram realizados no mesmo período em que os formandos do Curso de Turismo estavam realizando a promoção “Venha ver as cores do inverno gaúcho”<sup>111</sup>. Os alunos da FAMECOS reuniram, no RS, 80 universitários de cursos de Turismo de outros Estados. A seleção dos participantes foi feita pelo Curso de Turismo da ECA/USP, através do julgamento de trabalhos de estudantes sobre “A Epopéia, as Imigração e a Colonização no Rio Grande do Sul”, alusivos ao Biênio da Colonização e Imigração do nosso Estado.<sup>112</sup>



#### ESTUDANTES DE TURISMO VÊM CONHECER PORTO ALEGRE

Um grupo de 70 universitários, formandos em turismo e jornalismo chegarão à nossa Capital no próximo dia 8 para participar da “Semana de Inverno Gaúcho para Universitários de Turismo”. Trata-se de uma promoção do Curso Superior de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC, visando, entre outras coisas, integrar os estudantes de turismo do País, promover a oferta turística do Rio Grande do Sul na baixa temporada e sub-

meter os roteiros turísticos de inverno à análise e apreciação dos futuros profissionais. O grupo que vem ao Sul representa cinco escolas: Morumbi, USP, Iberoamericana, Ideal e Padre Manoel da Nóbrega-Cubatão. Além da Capital, visitarão Osório, Torres, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Caxias, Flores da Cunha, Canela e Gramado; concluindo o programa dia 14. Na foto as coordenadoras da promoção, Tânia Mariana Lopes Reis, Lígia Encarnação Basto, Te-

reza Jesus de Oliveira e Norma Martini Moesch.

Ilustração 32 – Correio do Povo/RS, 06/07/1974, p. 10

<sup>111</sup> A “Semana do Inverno Gaúcho para a Universidade de Turismo” tinha sete objetivos principais: 1) integrar os estudantes de Turismo das diversas faculdades do país; 2) promover a oferta turística do Estado na baixa temporada; 3) submeter os roteiros turísticos de inverno à análise e apreciação dos futuros turismólogos; 4) estabelecer uma ação integrada na troca de experiências; 5) ampliar as possibilidades de permanência média do turista em nossa Capital, fazendo de Porto Alegre o ponto centralizante desses “tours” radiais; 6) maiores deficiências no que tange à infra-estrutura geral do turismo: alojamento, gastronomia, vias de acesso, prestação de serviços, etc.; 7) estreitar laços de amizade visando, além do aspecto humano, o ângulo econômico, através da divulgação e emissão do turismo receptivo (Correio do Povo/RS, 03/07/1974, p. 12.). Esta programação fazia parte das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração do Estado.

<sup>112</sup> Foi estabelecida a seguinte programação, com visitas a estes locais: dia 8, Vila Manrese, campus da PUCRS e Secretaria de Turismo; dia 9, Catedral Metropolitana, Teatro São Pedro, Palácio Piratini, Assembléia Legislativa; dia 10, Prefeitura Municipal, Correio do Povo/RS, CTG 35 (oferecido um carreteiro com charque), diversos pontos turísticos de Porto Alegre e no Jockey Club, durante uma prova noturna; dia 11, Parque General Osório, em Osório e Torres; dia 12, Novo Hamburgo e São Leopoldo; dia 13 Caxias do Sul e Flores da Cunha; e dia 14 Canela, Gramado e retorno a Porto Alegre (Correio do Povo/RS, 03/07/1974, p. 12).





Ilustração 33– Correio do Povo/RS, 10/07/1974, p. 11

Norma Martini Moesch (12/03/2009) narra suas vivências, durante a comemoração do Biênio da Colonização alemã, e o sexto centenário da imigração italiana no RS, em que participou efetivamente da preparação e da coordenação desse evento:

*Eu era aluna da PUCRS e participei da coordenação de um trabalho interessante, o Rio Grande do Sul comemorava o biênio da colonização alemã no estado, e o sexto centenário da imigração italiana. Então, a comemoração do biênio, atendeu uma organização de comitê muito grande, uma comissão de festejos, e o Victor Faccioni<sup>113</sup> faz parte dessa comissão de festejos, que ele é do gabinete do coordenador, enfim. Eu ainda estou estudando, estou pela finalização do curso, e temos como prefeito Telmo Tompson Flores e o irmão Elvo Clemente como vice-diretor da FAMECOS, e o Alberto André como diretor da FAMECOS, isso acontece há menos de um ano da minha ida e da Tereza a São Paulo para participarmos do I Ciclo Nacional de Estudos de Turismo, e do nosso convite que fizemos naquele momento, de que no ano seguinte, o Rio Grande do Sul estaria realizando esse grande evento comemorativo ao processo imigratório italo-germânico ou germânico-italiano, e seria muito bom se aquela gente maravilhosa que nós havíamos conhecido, pudesse vir a esse evento, e eles então estariam sendo convidados, anunciando e dizendo que gostaríamos de tê-los conosco nessa oportunidade, no fechamento do evento*

<sup>113</sup> O Victor Faccioni é um eterno, um eterno baluarte do turismo (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

*então, registra o convite do Rio Grande do Sul e que eles esperam a oficialização desse convite para virem de fato, em caravana para o nosso estado. Ok, voltamos para o Rio Grande do Sul, fomos ao Palácio procurar o Victor Faccioni, a comissão, nessa comissão fazia parte também a Lourdes Fellini Sartori, que estava na Secretaria de Turismo, também atuava na Comissão Intersetorial de Turismo, e fizemos ao Victor Faccioni essa exposição, a Tereza Oliveira e eu, dizendo que gostaríamos muito de trazer os estudantes de turismo do Brasil, dos cursos de turismo, que não eram tantos, só havia em São Paulo e no Rio, e que para isso nós achamos que deveríamos criar um apelo, uma razão, quem sabe uma monografia temática. E o Victor Faccioni achou a idéia muito boa, de boa pra muito boa, já estávamos com o Roberto Eduardo Xavier na Secretaria de Turismo do Estado, eu já tinha feito um estágio nessa secretaria, estava fazendo um estágio nessa secretaria e a idéia pegou, pegou e colou, então deu-se o título a monografia, e se fez a divulgação às IES de outros estados do Brasil. Os cinquenta melhores trabalhos seriam contemplados com um convite oficial do Rio Grande do Sul, do governo do estado do Rio Grande do Sul e do governo municipal de Porto Alegre e de outros municípios, para que esses vencedores ficassem oito dias no nosso estado, e a promoção chamava “Venham ver as cores do inverno Gaúcho”, eu tenho a medalha guardada até agora do mapa do Rio Grande do Sul. A PUCRS que selecionaria os trabalhos, juntamente com representantes da comissão. Lançamos o evento e a resposta foi formidável, então Mario Beni pela USP, a Celia Portugal, e professores da Ibero Americana, só a Morumbi não veio. Acabou que vieram muitas pessoas (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)*

A fim de tratar da estruturação da viagem dessas pessoas, da permanência delas durante o evento, o Irmão Elvo Clemente e Norma Martini Moesch passaram a contactar com diversos órgãos oficiais de Turismo no estado, para viabilizarem a vinda de 80 estudantes de turismo para o estado. Visitaram a prefeitura de Porto Alegre, falaram com o prefeito Telmo Tompson Flores; foram a Novo Hamburgo, conversaram com Miguel Schimit, que era o prefeito, e nessas localidades tiveram todo acolhimento para o grupo de estudantes que viriam. Posteriormente, foram a Caxias do Sul, e o então prefeito, Mario Ramos, a princípio não se interessou em colaborar<sup>114</sup>. No entanto, Norma argumentou e, no dia seguinte, o irmão Elvo recebeu o comunicado por fax, que Caxias estava à disposição para receber e hospedar os visitantes.<sup>115</sup>

<sup>114</sup> Descartou toda e qualquer possibilidade de se envolver com ações pró-turismo, porque o turismo de Caxias já era, Caxias naquele momento viveu o apogeu da sua ascensão industrial, comercial, exportadora

<sup>115</sup> Passaram o fim de semana com muita festividade para mostrar o gauchismo, foram ao Rincão da Lealdade que Porto Alegre ainda não tinha a casa aberta para o tradicionalismo, o Trinta e Cinco era uma casa lacrada, não era nem só fechada era lacrada, e os agentes de viagem para promover e mostrar as manifestações tradicionalistas, enfim, a projeção folclórica do estado tinham que incorporar uma visita ao



Terminado o evento, Norma Martini Moesch, que ainda era estudante e estagiava na Secretaria de Turismo do Estado, no dia 10 de dezembro de 1974 recebeu um representante de Mario Ramos, futuro Secretário de Turismo do Estado, convidando-a para compor a equipe de governo da secretaria. Norma antes mesmo de finalizar a sua formação, em 1975, assumi a coordenação da CITUR.

Dentre os eventos realizados, ainda no ano de 1974, no mês de agosto, podemos citar, na PUCRS, o I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicações, promovido pela Secretaria de Turismo, FAMECOS/PUCRS, Associação Riograndense de Imprensa e Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre. O Ciclo estava incluído na programação que assinalava o terceiro aniversário da Secretaria de Turismo, que transcorreu no dia 23 de julho. Vale lembrar que, no ano anterior, a USP realizou um Ciclo para discutir Turismo e Comunicação<sup>116</sup>. Podemos perceber que a PUCRS seguia algumas dessas discussões acadêmicas.

As conferências do I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicação foram realizadas na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre e contaram com a participação de Humberto Pelegrini Seabra Fagundes, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Turismo e professor da Escola de Comunicação da Guanabara, que abordou “O Turismo e sua Realidade no Brasil<sup>117</sup>”; do jornalista Joel Andrade Loes, do Suplemento de Turismo de “O Estado de São Paulo”, que falou sobre “Jornalismo de Turismo”; de Mauro Ivã, da Revista “Quatro Rodas”, que tratou dos “Aspectos

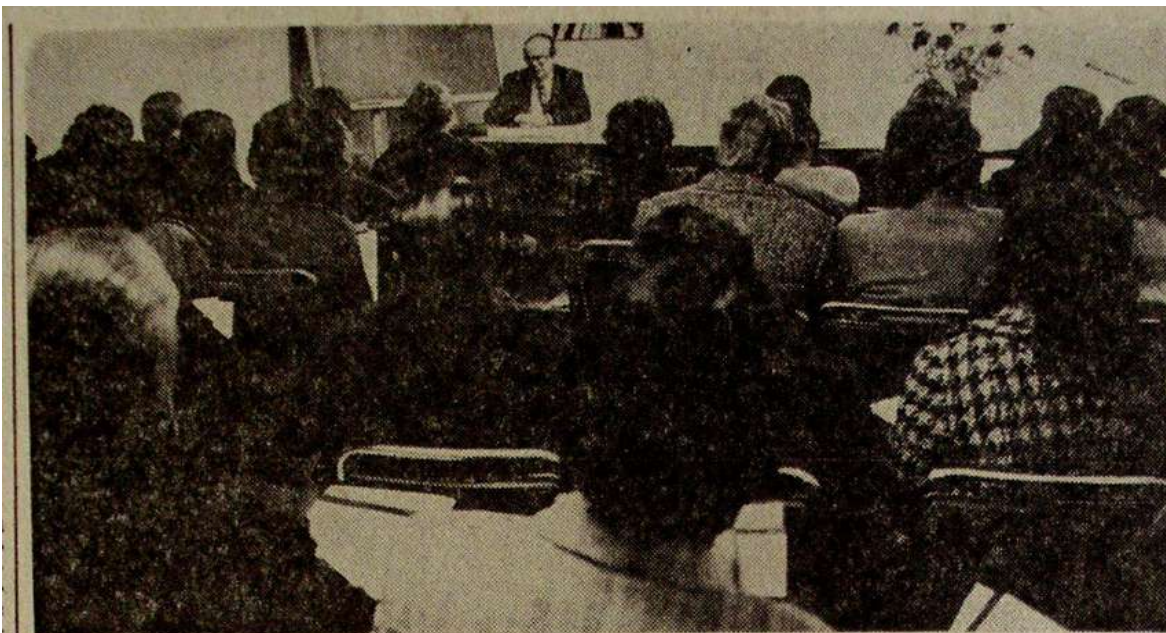
---

Rincão da Lealdade em Caxias, junto com os galetos e polentas, porque senão não se tinha acesso. Assim, abriu-se o Rincão da Lealdade para receber os visitantes, tivemos muito a presença do prefeito, os corais italianos, no meio de muita musicalidade, italianidade, comemoramos portanto a nossa hospitalidade serrana para os visitantes. Aqui deu-se uma semana maravilhosa no fechamento o Roberto Eduardo Xavier desculpou-se por não ter estado em São Paulo, quando o evento que havia acontecido da USP, que ele sabia que não tinha sido muito bem entendido a sua ausência porque ele estava programado, mas que houve uma, um chamamento do qual ele não pode se furtar. Com isso saíram daqui contentes e felizes premiados os nossos amigos, que são amigos até hoje, pelo Brasil a fora. A hospedagem se deu na casa Anchieta, no morro da Glória, um retiro Monte dos Alpes ou qualquer coisa assim, e foi um momento maravilhoso, porque pessoas que não se encontravam, viajaram para dentro de si, ha muito tempo conseguiram fazer isso, acho que catar-se, essa meditação, porque havia o órgão da capela e o professor, as cinco horas da manhã apresentando um concerto de órgão onde as criaturas se levantaram, meio de pijama ainda, todos a volta dentro daquela capela vendo aquela manifestação, porque era hora da missa dos padres jesuítas, são do colegio Anchieta, e nós que recebemos os convidados também dormiamos lá para respeitar a convivência (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).

<sup>116</sup> No dia 22 de setembro de 1973, o jornal Correio do Povo/RS, informou que estavam chegando às mãos da Comissão Organizadora do I Ciclo Nacional Universitário de Turismo e Comunicações, promovido pelo Departamento de Relações Públicas e Propaganda da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, as confirmações de participação dos secretários e diretores de Turismo dos Estados da União, bem como um número elevado de correspondências dos prefeitos de todo o território nacional.

<sup>117</sup> O economista Luis Carlos de Andrade era professor da Universidade do Estado da Guanabara e coordenador dos cursos do Instituto Brasileiro de Turismo e do Centro Técnico de Turismo e Promoções (Correio do Povo/RS, 13/10/1974, p.7).

Peculiares à Comunicação de Turismo”; e do jornalista Roberto Eduardo Xavier, Secretário de Turismo do Rio Grande do Sul, que analisou o turismo no Estado. Também participaram do Ciclo o presidente do Sindicato de Hotelaria da Guanabara, Milton Carvalho, e o presidente do Sindicato das Empresas de Turismo do Estado de São Paulo, Eduardo Nascimento, que vieram para o painel sobre “Equipamento para o Turismo: Transporte, Agências de Viagens e Hotelaria”.



Economista Luís Carlos de Andrade falou sobre turismo atual, na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre

## Instalado ontem o 1.º Ciclo Sobre Turismo e Comunicação

O economista Luís Carlos de Andrade, professor da Universidade do Estado da Guanabara, e coordenador dos cursos do Instituto Brasileiro de Turismo e do Centro Técnico de Turismo e Promoções, abriu, ontem pela manhã, na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, o I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicações, propondo uma conferência sobre "O Turismo e sua Realidade Econômica no Brasil".

O I CETCO foi instalado pelo presidente do Sindicato, jornalista João Borges de Souza, às 10h15min, e a apresentação do conferencista esteve a cargo do secretário de Turismo, jornalista Roberto Eduardo Xavier. O Ciclo, promovido pela Secretaria de Turismo, Famecos, Sindicato dos Jornalistas Profissionais, ARI e Associação dos Bacharéis em Comunicação Social, integra o programa alusivo ao terceiro aniversário da Pasta de Turismo.

### A REALIDADE DO TURISMO

O conferencista destacou os aspectos polivalentes do turismo, ressaltando a importância econômica do setor no desenvolvimento nacional. Segundo ele, a explosão registrada no número de turistas em todo o mundo (215 milhões em 1973, contra 130,8 milhões em 1966) requer um cuidado maior em qualificar as situações, muitas delas ainda não devidamente consideradas na política turística brasileira.

Lembrou, também, a inflação que está desorganizando o mercado externo, tanto em países receptores como em países emissores de turistas. Esse fenômeno — disse — oferece uma possibilidade ao Brasil de se situar em uma melhor posição de alternativa para os fluxos relativamente saturados, intraeuropeus e emitidos pelos Estados Unidos. Acrescentou que a saturação dos destinos e o encarecimento do serviço turístico externo abrem a brecha para o desenvolvimento do turismo no Brasil, mas, para isso, "temos de nos organizar e ajustar o sistema nacional, ainda apoiado em uma legislação que de certo modo envelheceu".

Mais adiante, disse que a atualização exige um mais estreito entrosamento governamental, em sentido horizontal entre órgãos da administração estadual, municipal e federal, e vertical, reunindo empresários e os diferentes setores da atividade governamental intervenientes no desenvolvimento do setor. Para toda essa tarefa — lembrou — é também necessário vender melhor o produto turístico como um elemento de desenvolvimento econômico.

No outro ponto de sua conferência, o economista Luís Carlos de Andrade disse que o turismo impõe também soluções empresariais para a própria aplicação de recursos públicos. A própria mobilização do operador turístico do exterior sugere a necessi-

dade de ajustarmos a comercialização existente no País, dando-lhe o realismo econômico de novas operações a serem negociadas no exterior, a exemplo do que se terá no Brasil, na próxima reunião da ASTA (American Society of Travel's Agents). "Caso a empresa turística nacional não se estruturar para essa nova perspectiva, a reunião da ASTA será simplesmente um balcão para a venda de outros destinos em nosso próprio país" — alertou o conferencista.

Em tudo, afirmou Luís Carlos de Andrade, vale dar ao turismo um sentido amplo, não se limitando a aspectos isolados da oferta, a exemplo de incentivos hoteleiros ou projetos promocionais isolados. Uma visão global de aplicações, reexaminando instrumentos de fomento, e uma agressiva posição nos mercados turísticos externo e interno permitirão implantar o Turismo como uma atividade econômica identificada com o desenvolvimento nacional — concluiu.

### CONFERENCIA DE HOJE

O I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicações prossegue hoje com a conferência do jornalista Joel Andrade Lees, do jornal "O Estado de São Paulo", que falará sobre o "Jornalismo de Turismo no Brasil". Amanhã, haverá um painel sobre hotelaria, transportes e agências de viagens.



Muitas reportagens<sup>118</sup> anunciavam a construção da sala do Curso de Turismo da FAMECOS. O projeto seria elaborado pela Companhia Riograndense de Turismo (CRTUR), por determinação da Secretaria de Turismo, onde funcionaria uma agência de turismo, para proporcionar aos estudantes uma visão prática da área, além de servir para reuniões. Conforme Clemente (1993), para melhor unir a teoria à prática, o curso contava com uma sala que funcionava como mini agência. À sua inauguração compareceram personalidades ligadas ao ramo turístico e promoções de eventos, como Roberto Eduardo Xavier, Secretário de Estado de Turismo, responsável pela doação dos equipamentos e mobiliários do Departamento de Turismo. Porém, o funcionamento como agência de viagens, embora fosse uma reivindicação constante de professores e alunos, nunca se efetivou.



Ilustração 35 – Correio do Povo/RS, 07/05/1974, p.11

<sup>118</sup> O jornal Correio do Povo/RS (07/05/1974, p. 11); Jornal do Comércio/RS (10/05/1974, p. 20).



### **CURSO SUPERIOR DE TURISMO**

Com a presença do titular da Secretaria de Turismo, Roberto Eduardo Xavier e de diversas autoridades representantes da Companhia Rio-grandense de Turismo, foi inaugurado na última terça-feira, o Departamento do Curso Superior de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC. A sala, especialmente montada com o auxílio da Secretaria de Turismo, para funcionar como um "fac-símile" de um departamento ligado ao turismo, destina-se ao aperfeiçoamento dos alunos do curso. O diretor da FAMECOS, prof. Alberto André, falou da importância que representa para alunos e professores do curso, possuir um local adequado para a complementação dos ensinamentos teóri-

cos. O reitor, Irmão José Otão, dirigindo-se ao Secretário, salientou que em breve a Faculdade estará retribuindo o apoio que recebe agora, fornecendo a mão-de-obra qualificada para trabalhar pelo desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Sul. Lembrando que no Brasil os cursos de turismo em nível superior constituem um pioneirismo merecedor de todo o apoio por parte dos governos, o sr. Robert Eduardo Xavier enfatizou que só agora estamos entrando na fase industrial do turismo, e, por isso mesmo, cada vez mais será necessário o técnico especializado que as Faculdades estão formando. Logo após o Secretário e o reitor, descerraram a placa alusiva à inauguração (foto).

Ilustração 36 – Correio do Povo/RS, 28/11/1974, p. 12

Nessa época, o país atravessava uma fase de grande dinamismo e expansão do ensino superior. A regulamentação do currículo mínimo ocorreu paralelamente à expansão da atividade turística no Brasil, quando o governo se conscientizou do potencial turístico nacional com o descobrimento das perspectivas do mercado, e, conseqüentemente, a institucionalização do turismo no Brasil. Assim se fazia necessária a criação de cursos que formassem mão-de-obra especializada em nível superior, capaz de atender aos reclamos do setor em perspectivas. Foi nesse contexto, de efervescência da atividade turística no Brasil e no RS que se iniciou o Curso de Turismo da PUCRS.

A relação do Curso de Turismo com a atividade turística, e a presença constante de representantes de segmentos relacionados ao setor são referências constantes nas recordações do grupo entrevistado. O curso permite integrar outras redes de pertencimento, e vice-versa, ou seja, a participação, a atuação na atividade turística leva, ao curso, tanto os professores quanto os alunos.

Ao mesmo tempo em que lembravam do início do curso também como um espaço apropriado para preparar os profissionais, evocando a necessidade das aulas

práticas, costuravam a este quadro as recordações das atividades turísticas no estado nesse período como retroalimentadora desse processo de ensino. Estavam recriando ideias de referências coletivas sobre o turismo, em um tempo reordenado que almejava a continuidade e o crescimento da atividade no estado e no Brasil.

Em meio às narrativas, cada narrador deixou transparecer, de certa maneira, a condição social ocupada naquela época. O vínculo profissional dos narradores estreitava relações e indicava a condição econômica, social e profissional de cada um: pessoas ligadas à área de turismo, ex alunos, professor, diretores. O discurso era condizente com o cargo/situação ocupado.

Em 1975, o Curso de Turismo da PUCRS encaminha ao CFE o processo de reconhecimento, conforme abordaremos no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 5 A CONSOLIDAÇÃO DO CURSO (1976 ao final da década de 1990)**

Neste capítulo, iremos analisar o processo de consolidação do curso de Turismo da PUCRS, a partir do seu reconhecimento, em 1976, até o período considerado *áureo*, *auge* pelos narradores.

No dia 30 de dezembro de 1975, o prof. Alberto André, diretor da FAMECOS, solicitou demissão, e foi nomeado para o cargo, o prof. Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez, e, como vice-diretor, o professor Eurico Saldanha de Lemos. O Irmão Elvo Clemente deixou a vice-direção por ter sido designado para presidir a organização da superintendência de pesquisa e pós-graduação, hoje a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Assim, em 1976, o professor Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez assume a direção da FAMECOS, recebendo a missão de obter o reconhecimento do Curso Superior de Turismo junto ao CFE, uma vez que já havia graduado duas turmas, aguardando o processo de reconhecimento para realizarem a formatura.

### **5.1 O Processo de Reconhecimento do Curso**

Em 1975 foi encaminhado pedido para o reconhecimento do Curso de Turismo, que decorreu do Parecer nº16.148/75. Na documentação necessária para o encaminhamento do processo, além de inúmeros documentos da universidade e do curso, também era exigido atestado de idoneidade moral de todos os professores indicados para compor o corpo docente do curso, que era composto pelos seguintes professores e suas respectivas disciplinas.

<b>Professor</b>	<b>Disciplina</b>
Alberto André	Contabilidade de Empresas Turísticas I e II
Althair Antonio Rech	Administração I e Administração e Organização de Empresas Turísticas
Anangelo Costa	Cultura Religiosa I e II
Antonio Muza Naime	Mercadologia Turística I e II
Ariosto Jaeger	Estudos de Problemas Brasileiros I e II, Noções de Direito I e II
Braz Augusto Aquino Brancato	História do Brasil I e II, História da Cultura I e II
Cleusa Maria Andrade	Geografia do Brasil I e II
Geraldo Valente Canali	Técnicas de Comunicação Social I e II
Gilberto Scarton	Língua Portuguesa e Redação da Comunicação
Guido Bakos	Administração Hoteleira e Ordenação Turística
Henrique Richter	Sociologia Geral e Sociologia da Comunicação
Iara de Almeida Bendati	Teoria da Comunicação
Ingo Oscar Seitz	Educação Física I e II
Ruan José Mouruño Mosquera	Língua Espanhola A e B
Júlio Rubbo	Planificação Territorial e Urbana
Leopoldo Justino Girardi	Filosofia
Maria Zita Englert	Inglês
Mario Frederico Schardong	Técnica Fotográfica
Melchiades Striches Filho	Promoções Turísticas I e II
Moacyr Flores	Roteiros Turísticos I e II
Osmar Inacio da Silva	Economia Política, Economia aplicada ao Turismo
Paulo Sperry	Estatística I e II
Renato Batista Masina	Planejamento Turístico I e II, Estágio Prático
Roberto José Porto Simões	Psicologia Geral

Quadro 7 – Professores e suas respectivas disciplinas

Fonte: Processo de Reconhecimento do Curso (1975)

Conforme Portaria nº 292, de 07 de novembro de 1975, o presidente do Conselho Federal de Educação, no uso de atribuição legal e tendo em vista o art. 6º da Portaria nº 71/72 – CFE, de 29 de dezembro de 1972, resolveu designar os Professores Adalgisa Maria Vieira do Rosário (presidente) – Universidade de Brasília e Waldir Ferreira – Universidade de São Paulo para constituírem comissão que verificaria “in loco” as condições de funcionamento do curso de Turismo da FAMECOS da PUCRS, objeto do Processo nº 16.148/75, referente ao Reconhecimento do Curso.

No relatório da comissão, foram apontados o não cumprimento de alguns requisitos tais como: disciplinas do currículo, a falta de material bibliográfico, entre outros. O relator, Antônio Martins Filho, foi de parecer que o processo deveria baixar em diligência, para que a entidade mantenedora, dentro do prazo de 60 (sessenta) dias, prestasse esclarecimento e normalizasse as irregularidades detectadas pela comissão verificadora. A Câmara de Ensino Superior, 3º Grupo, aprovou o voto do relator em 9 de março de 1976.

Em 05 de maio de 1976, o presidente da União Sul Brasileira de Educação e Ensino, professor Norberto Rauch, enviou um ofício nº 520/76 ao presidente do Conselho Federal de Educação, José Vieira de Vasconcellos, informando os dados solicitados pelo relator. Em atendimento às ponderações do Senhor Conselheiro, professor Antônio Martins Filho, através do parecer nº 838/76, encaminhou as providências adotadas para o cumprimento das exigências. Tais ponderações se



referiam: a) enriquecimento da bibliografia específica do curso de Turismo (o documento explicava a bibliografia não era grande, mas dela fazia parte praticamente a totalidade de obras editadas em língua nacional sobre o assunto, além de algumas publicações estrangeiras); b) inclusão da sociologia no elenco de disciplinas obrigatórias, uma vez que estava previsto no currículo mínimo (esclarecimento: sociologia não era disciplina opcional, mas obrigatória no currículo; opcional era apenas o semestre em que o aluno iria cursá-la); c) esclarecimento das dúvidas mencionadas nos vários itens do parecer, diferentes ao confronto do currículo pleno com o currículo mínimo fixado pelo Conselho Federal de Educação (a disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros continuava com seu programa normal). Estudos Brasileiros, também disciplina obrigatória, vinha sendo ministrada sob o título de Roteiros Turísticos, a fim de evitar erros de interpretação devido a ter nome semelhante a de EPB. Todavia, em consequência das ponderações e para facilitar o estudo do CFE e do MEC, passaram a adotar, a partir de 1976, a denominação Estudos Brasileiros, ampliando-se, inclusive, seu programa para dar uma visão mais completa da realidade e possibilidades turísticas do Estado e do País. O curso possuía a disciplina Técnicas dos Meios de Comunicação na qual eram tratados jornalismo, publicidade e propaganda, porém, a fim de proporcionar melhor entendimento, a disciplina foi desmembrada em Técnicas Publicitárias e Relações Públicas Aplicada ao Turismo. Também foram mantidas as disciplinas de Teoria da Comunicação e Promoção Turística; d) no que diz respeito ao histórico do ensino das disciplinas, elucidação dos pontos dubitativos, levantados pela comissão verificadora, no que concerne ao programa de estágio supervisionado, sociologia da comunicação e planos e projetos turísticos; e) indicação de professores para a língua francesa e alemã e para planos e projetos turísticos.

Após o cumprimento da diligência, do encaminhamento por parte da entidade mantenedora, dentro do prazo previsto, da documentação, ao Conselho Federal de Educação, o relator julgou satisfatórios os esclarecimentos e deferiu o pedido de reconhecimento do curso. Assim, a meta foi conquistada e, após a aprovação do colegiado e o *referendum* do Ministério da Educação e Cultura, pelo Parecer nº 1658/76, de 10 de agosto de 1976, recebeu a chancela presidencial, através do Decreto nº. 78.266, de 17 de agosto de 1976.

CURSO DE TURISMO PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DE TURISMO	
Reconhecimento: Decreto nº.78.266, de 17-08-76 (Diário Oficial 18/09/76)	
Duração mínima: 1.600 horas-atividades	
Legislação: Res. de 28.01.71 (par. 35/71)	
Nível I	Cultura Religiosa Língua Portuguesa I Psicologia Geral Filosofia Teoria da Comunicação I Técnica Fotográfica Economia Política
Nível II	Sociologia Geral História do Brasil I História da Cultura I Redação da Comunicação Noções de Direito I Economia Aplicada ao Turismo Int. à Administração de Emp. Turísticas Geografia do Brasil I Educação Turística I
Nível III	História do Brasil II História da Cultura II Técnica Publicitária Adm. e Org. de Empresas Turísticas Contabilidade de Emp. Turísticas I Agências de Viagens e Transporte Noções de Direito II Geografia do Brasil II Educação Física II Língua Estrangeira A
Nível IV	Contabilidade de Emp. Turísticas II Mercadologia Turística I Estudos Brasileiros Relações Públicas Aplicadas ao Turismo Promoções Turísticas I Ordenação Turística Brasileira Introdução à Estatística I Língua Estrangeira B
Nível V	Estudo de Problemas Brasileiros I Promoções Turísticas II Mercadologia Turística II Planejamento Turístico I Administração Hoteleira I Introdução à Estatística II Língua Estrangeira C
Nível VI	Estudo de Problemas Brasileiras II Planejamento Turístico II Planificação Territorial e Urbana Sociologia Turística Administração Hoteleira II Estágio Prático Língua Estrangeira D
TOTAL DE HORAS/AULAS	1.875 h
ESTÁGIO PROFISSIONAL	240 h
TOTAL HORAS/ATIVIDADES	2.115 h

Quadro 8 – Estrutura Curricular do Curso – 1976

Fonte: Processo de Reconhecimento do Curso, 1976

O currículo aprovado já havia sofrido algumas alterações em relação ao inicial. No relatório da comissão avaliadora, verificamos que, nos anos de 1972 e 1973 a instituição ofereceu um rol de disciplinas que sofreu alteração em 1974, procurando dar maior autonomia curricular ao curso.

Rodrigues (2005) descreve as dificuldades vivenciadas para a elaboração do processo de reconhecimento do Curso de Turismo do Morumbi nesse mesmo período. Narra suas inúmeras idas e vindas ao Conselho Federal de Educação. Destaca que foi um vaivém interminável, pois quem no MEC estaria habilitado a analisar os conteúdos, a metodologia de ensino, se não havia ninguém que entendia da matéria? Também registra que, no fim de 1971, tinham concluído quase tudo em termos de documentação para a autorização do curso; o projeto estava tramitando e a comissão já havia feito a vistoria quando, de repente, foram atropelados, pois a Faculdade Ibero-Americana<sup>119</sup> conseguiu a autorização para o Curso Superior de Turismo antes, embora a Faculdade Morumbi tenha sido a primeira a entrar com o pedido e a documentação.

Em 1975, foi suspensa a abertura de novos cursos de Turismo, ano em que a PUCRS solicitou o reconhecimento seu. O Ministro da Educação suspendeu a criação de novos cursos a pedido do presidente da EMBRATUR, que, conforme já relatamos, posicionava-se contra a criação de tais cursos. Paulo Protásio sugeriu que fosse realizado um estudo do currículo e entendia que, sendo um curso profissionalizante, seria necessário que o mercado fosse consultado na sua elaboração deste.

---

<sup>119</sup>O professor Júlio Morejón, o idealizador da faculdade, é catedrático de língua espanhola da Universidade de São Paulo. Natural de Valência de Don Juan, Espanha, formou-se em filosofia, Letras e filosofia Românica na Universidade de Salamanca, em 1953. No Brasil desde 1954, é considerado uma das maiores autoridades em Educação e Hispanismo. Ele entrou com requerimento no Conselho Federal de Educação em 17 de agosto de 1971. E nós, na Morumbi, seis meses antes, em 19 de fevereiro do mesmo ano. Então, como o curso de turismo da Ibero Americana pode ser autorizado antes que o nosso? Valeu-se da sua influência para acelerar a aprovação do processo, o que não condeno. Se tivesse o cacife dele, teria feito exatamente o mesmo. (RODRIGUES, 2005, p. 121)

# Suspensão o registro de Faculdades de Turismo

Atendendo a uma exposição de motivos do presidente da EMBRATUR, sr. Paulo Protásio, o ministro Nei Braga, da Educação decidiu suspender, por algum tempo, o registro de novas Faculdades de Turismo no país, até que um estudo profundo da matéria possa orientar a elaboração dos currículos de forma objetiva e profissionalizante.

A medida visa evitar a proliferação de Faculdades cujos cursos não atendem às realidades do mercado, o que prejudica tanto o turismo, que continua sem profissionais especializados, como os estudantes, que saem das faculdades sem condições de serem absorvidos pelo mercado de trabalho.

Conforme explicou o presidente da EMBRATUR, sendo o Curso de Turismo exclusivamente profissionalizante, é imprescindível que os dados do mercado sejam considerados na elaboração dos currículos. Do contrário, que é o que acontece em geral, o estudante sai da Faculdade com o diploma na mão mas sem quaisquer condições de posicionar-se no mercado de trabalho, pois a melhor classificação que se lhe poderia dar seria a de "inexperiente técnico em generalidades".

A atividade turística — continuou — bastante complexa, exige cada vez mais um grau de especialidade suficiente para que o profissional possa se definir e localizar no mercado de trabalho. Daí, a necessidade de se observar na formação dos currículos, o interrelacionamento entre o que se poderia chamar de matérias-meio e matérias-fim.

Uma das presenças mais importantes em qualquer currículo de turismo, por exemplo, é a do "Marketing", tendo em vista o estágio alcançado pela atividade e, sobretudo, pela influência que exerce hoje em dia no desempenho de praticamente todos os setores.

Por outro lado, a tipologia das diversas especialidades operacionais utilizadas na atividade turística, como, por exemplo, análise de projetos, planejamento, legislação, promoção, recursos humanos, comercialização, estatística, informação, etc., exige uma formação profissional cuja solidez requer o conhecimento de diferentes elementos de nível técnico-cultural que, interrelacionados, constituam um currículo realmente capaz de formar um profissional de turismo.

Ilustração 37 – Correio do Povo/RS, 23/01/1975 p.04.

Para Rodrigues (2005, p. 167), havia uma explicação bastante razoável, a EMBRATUR, desde a sua fundação, em 1966, até 1975, teve somente profissionais ligados à economia na sua direção<sup>120</sup>. Na esfera federal, esses profissionais tinham preferência porque se entendia o turismo como fonte estratégica de recursos, portanto ligado à área econômica.

Os coordenadores de curso de Turismo, como da Unimonte, da USP, da Ibero-Americana, da Manuel da Nóbrega, da Ideal, da Guanabara e de Belo Horizonte, encontravam o presidente da EMBRATUR em diversos eventos e tentaram várias vezes uma aproximação, no entanto não tiveram sucesso, pois como já analisamos no capítulo anterior, Paulo Protásio manifestava-se contra os curso de Bacharelado em Turismo.

O homem não entendia absolutamente coisa alguma de turismo e não

<sup>120</sup> Paulo Protásio era economista e assumiu a presidência da EMBRATUR no início do governo Geisel.

demonstrava o menor interesse em querer entender. Desde começo da sua gestão, posicionou-se contra as faculdades de turismo simplesmente por "achar" que o curso não deveria ser de nível superior. Uma posição que assumia somente perante nós, nunca publicamente. Quando pedimos o seu apoio junto ao Conselho Federal de Educação para o reconhecimento do curso, mostrou-se deselegante, fazendo um gesto característico de que nos iria degolar. Mais: disse-nos reservadamente, que ele e a sua equipe acabariam com os cursos superiores de Turismo. Bem, isso não constava na lista de problemas que teríamos de enfrentar. Concluimos, os representantes das outras faculdades e nós, que seria perda de tempo continuar com a aproximação. Então deixamos o homem livre para conspirar. Não é que a figurinha quase conseguiu. No dia 24 de janeiro de 1975, fomos surpreendidos com esta bomba:

Atendendo a ponderações do presidente da EMBRATUR, o Sr. Paulo Protásio, o ministro Ney Braga, da Educação, decidiu suspender, por algum tempo, o registro de novas faculdades de Turismo no País, até que um estudo profundo da matéria possa orientar a elaboração dos currículos de forma objetiva e profissionalizante. (RODRIGUES, 2005, p. 168)<sup>121</sup>

## 5.2 O Curso após o Reconhecimento

Em 1976, aconteceu de 7 a 10 de setembro, o II Congresso Nacional de Turismo – CONTUR foi produzido pela FAMECOS e pela Secretaria Estadual de Turismo. Teve a participação de 1.500 inscritos, no Salão de Atos da PUCRS. A Secretaria de Turismo deu muito apoio através do Secretário de Turismo, Mario Bernardino Ramos e o Presidente da EMBRATUR, Said Farhat. *O Salão de Atos da PUCRS lotado, de empresários, estudantes, interessados das mais variadas origens* (Antoninho Muza Naime, 08/10/2008). O Congresso foi bastante divulgado pela mídia.

---

<sup>121</sup> No entanto, quatro meses e meio depois, o Decreto nº 75.849, de 11 de junho de 1975, concede reconhecimento do curso de Turismo da Faculdade de Turismo do Morumbi, mantida pela Organização Bandeirante de Tecnologia e Cultura, com sede na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.



# Porto Alegre terá em setembro seminário sobre turismo e lazer

Já estão definidos os temas e os conferencistas do Seminário Paralelo do 2.º Congresso Nacional de Turismo a realizar-se de 7 a 10 de setembro próximo, em Porto Alegre. Para o dia 8, sob o título geral "Turismo e Lazer" estão programadas as seguintes palestras: Educação e Turismo, pelo CELAR — Centro de Lazer e Recreação — da PUC; Turismo e Lazer como Fenômeno de Massa, pelo espanhol Francisco Menor Monasterio; Turismo e Lazer, Condições e Inter-relações, pelo francês René Baretje, e Turismo e Lazer como Confraternização Humana, pelo espanhol Luiz Fernandez Fuster.

Turismo e Desenvolvimento

sera o tema do dia 9, quando voltarão a falar Francisco Menor Monasterio, sobre os Custos e os Benefícios do Setor Turístico nos Países em Desenvolvimento René Martejte, Balança de Pagamentos do Setor Turístico nos Países em Desenvolvimento, e Luiz Fernandez Fuster, A Política Turística para os Países em Desenvolvimento.

O 2.º CONTUR, aberto a estudantes, agentes de viagens hoteleiros, transportadores, já recebeu inúmeras inscrições de todo o País. A Secretaria Executiva do Congresso, que funciona à rua Sete de Setembro, 1069, 10.º andar, informa que as inscrições estão abertas até o dia 20 de agosto, ao preço de Cr\$... 200,00 (individual), Cr\$ 500,00 (institucional para três pessoas) e Cr\$ 150,00 para estudantes.

Ilustração 38 – Correio do Povo/RS, 27/07/1976, p. 12

Paralelo ao Congresso, foi realizado um Seminário, e um dos grandes temas foi "Turismo e Lazer". Diversas palestras foram proferidas com a participação do Centro de Lazer e Recreação da PUCRS – CELAR e dos palestrantes Francisco Menor Monastério e Luiz Fernando Fuster.

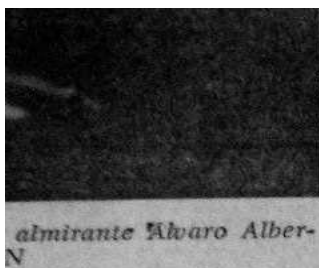
Lourdes Fellini Sartori escreveu a matéria "Ensino de Turismo em Debate" no jornal Correio do Povo/RS (08/08/1976, p. 19) destacando que o II Congresso Nacional de Turismo teria a participação das 13 Faculdades de Turismo existentes no país. Questões relevantes nas discussões foram a preocupação quanto ao currículo e aos programas das disciplinas que são bastante heterogêneos; a carência de formação didático-profissional dos professores e o mercado de trabalho para o profissional. Nesse período, já tramitava na Câmara dos Deputados a regulamentação da profissão<sup>122</sup>. O

<sup>122</sup> No que se refere à questão da regulamentação da profissão vale frisar que a profissão do *turismólogo* não está regulamentada, embora exista, desde 1988, um órgão nacional representativo da classe – a Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo – ABBTUR.<sup>122</sup> O histórico das propostas encaminhadas para a regulamentação profissional do turismólogo encontra-se detalhado em Matias (2002, p. 25-29).

Congresso teve a participação de estudantes, hoteleiros, agentes de viagens e órgãos públicos. (ANEXO C)

Durante o encerramento, foi bastante discutida a relação entre escola e mercado, embora tenham lembrado que esse é um problema que não afeta somente o turismo, mas todas as atividades. Um dos palestrantes destacou que as escolas não se justificam se não atendem às necessidades do mercado. (ANEXO C)

Diversas dificuldades enfrentadas pelo Curso de Turismo da PUCRS, também eram motivo de preocupação nos demais cursos de Turismo no Brasil e foram analisadas durante o Congresso, ao qual se fizeram presentes pessoas influentes na área do Turismo, Said Farhat, presidente da EMBRATUR; os espanhóis, professores Francisco Menor Monastério e Luiz Fernando Fuster; o professor francês René Baretje e Mario Beni, professor de Turismo da USP.



almirante Alvaro Alber  
N

## Brasília: para HPS

DMAE, DMLU e DEMHAB) e sem computar-se o valor das operações de crédito, o Orçamento (então somente na administração centralizada) atingirá de 900 milhões a 1 bilhão de cruzeiros.

Depois de ratificar que a Reavaliação do Plano Diretor da Cidade forçosamente mudará critérios sobre gabaritos (altura, índices de ocupação e uso do solo), o prefeito exemplifica: talvez, em ruas centrais tenham de ser reduzido estes índices, enquanto em outras zonas (4º Distrito) tenham que ser ampliados.

### BAHIA

Finalmente, o prefeito falou sobre sua viagem à Bahia, atendendo a convite da Confederação dos Diretores Lojistas. Em Salvador, pronunciará palestra subordinada ao tema: "Uso do solo na área central de Porto Alegre".

## Congresso de Turismo se instala hoje com mais de mil participantes

Conferências sobre Currículo e Programa, Turismo e Lazer, Integração Escola e Mercado de Trabalho, Formação de Professores, Turismo e Desenvolvimento, Regulamentação Profissional e Organismos de Turismo serão proferidas por especialistas renomados no decorrer do II Congresso Nacional de Turismo, que hoje se inicia em Porto Alegre reunindo mais de mil participantes. A sessão solene de abertura ocorrerá às 20 horas no salão de atos da Pontifícia Universidade Católica, contando com a presença do governador Sinalva Guazzelli; do presidente da Empresa Brasileira de Turismo, Said Farhad, que chega hoje, às 14h30min; e do secretário de Turismo, Mário Ramos, além de outras autoridades.

Os professores espanhóis Luiz Fernando Fuster e Francisco Menor Monastério, que proferirão conferências no II CONTUR, chegaram ontem a Porto Alegre, tendo se avistado com o secretário Mário Ramos, com quem conversaram sobre a necessidade da conscientização comunitária da importância do turismo, sobre as necessidades de investimentos no setor e a deficiência de recursos, mesmo em países que têm no turismo uma das principais atividades econômicas, e ainda sobre problemas ligados ao ensino e formação de técnicos em turismo.

Também ontem chegou a Porto Alegre o professor Mário Carlos Beni, da Universidade de São Paulo.

### PROGRAMA

O programa a ser desenvolvido durante o II CONTUR, elaborado pela Secretaria de Turismo, é o seguinte:

Hoje, das 10 às 18 horas, entrega de credenciais na PUC; às 20 horas, sessão solene de abertura no salão de atos da PUC.

Amanhã, às 8h30min, instalação técnica do Congresso e das comissões especializadas; às 9h30min, conferência a cargo dos professores Francisco Menor Monastério, espanhol e René Baretja, francês, sobre "Currículo e Programa"; às 11 horas, conferência do secretário de Turismo, Mário Bernardino Ramos; às 14h30min, trabalho das comissões especializadas: I) Currículo e Programa; II) Integração Escola e Mercado de Trabalho; III) Organismos Oficiais de Turismo, tendo como locais salas a serem previamente indicadas; às 20h30min, seminário sobre "Turismo e Lazer" a cargo do Centro de Recreação e Lazer e dos professores espanhóis Luiz Fernando Fuster e Francisco Menor Monastério, no salão de convenções.

Quinta-feira, às 8h30min, conferência sob o título "Integração Escola e Mercado de Trabalho" a cargo dos professores René Baretje e Francisco Menor Monastério; às 10 horas, conferência pelo prof. Mário Carlos Beni, de São Paulo, sobre "Currículo e Programa"; às 11 horas, pela equipe do Centro de Pós-Graduação da PUC, no salão de convenções, conferência sobre "Formação de Professores"; às 14h30min, trabalho das comissões especializadas; às 20h30min, seminário sobre "Turismo e Desenvolvimento" a cargo dos professores René Baretje e Luiz Fernando Fuster, no salão de convenções.

Sexta-feira, às 8h30min, conferência sobre "Regulamentação Profissional" pelo dr. Flávio Obino, do SETUR; e professores René Baretje e Luiz Fernando Fuster; às 10 horas, conferência sobre "Organismos Oficiais de Turismo" pelo diretor da EMBRATUR; às 11 horas, "Organismos Oficiais de Turismo e a Comunicação" pelo jornalista Waldyr Figueiredo, no salão de convenções; às 14h30min, sessão plenária com apresentação de conclusões das comissões especializadas; 18 horas, sessão solene de encerramento; e às 20h30min, churrasco de confraternização no Parque de Exposições de Esteio.



Professores espanhóis Luiz Fernando Fuster e Francisco Menor Monastério participando como conferencistas do II CONTUR

Ilustração 39 – Correio do Povo/RS, 07/09/1976, p.06

Quando surgiram os primeiros cursos de graduação em turismo no Brasil, a bibliografia sobre o tema era quase inexistente; o único livro era de autoria de Fuster; o



material bibliográfico utilizado pelos professores eram textos traduzidos do espanhol, algumas normatizações da EMBRATUR e algum material da SETUR.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) conta que, quando os estudantes de Turismo começaram a se formar, alguns foram ao exterior para fazer cursos rápidos, adquiriram alguns livros e começaram a formar uma bibliografia razoável; depois criaram, durante o II Congresso Nacional de Turismo, o Centro de Pesquisas e Estudos de Turismo (CUPET)<sup>123</sup>.

Nesse período, foi criado o Centro de Pesquisas e Estudos de Turismo (CUPET), ou como era chamado por alguns, Instituto, que tinha como objetivo desenvolver estudos na área do turismo. Muitos cursos de Turismo, nesse período, também criaram seus centros de estudos ou de pesquisas. Na Faculdade Morumbi criaram o Centro de Pesquisas e Estudos Turísticos – CPETur (RODRIGUES, 2005); na Faculdade de Turismo em Petrópolis, os alunos do último ano formaram um Centro de Pesquisas Turísticas (Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974).

Conforme o professor Muza Naime (08/10/2008), esse centro envolvia órgãos públicos, privados, acadêmicos, para desenvolver estudos na área do turismo. O Instituto chegou a funcionar, inclusive tem o registro no livro de atas, no entanto, acabou sendo desativado. *Funcionou, eu tenho a impressão que o último presidente deve ter sido o Chaves Barcellos, ele funcionou acho que uns seis, sete anos, a gente fazia convênios, recebia algumas verbas, financiava alguns trabalhos, se recebeu da própria EMBRATUR, da própria SUDESUL, através desses espanhóis algumas obras, que também hoje ninguém sabe onde é que esta* (Antoninho Muza Naime, 08/10/2008).

Em 1977, a ata de reunião do Departamento do dia 5 de abril, registra um debate sobre a possibilidade de aumentar o curso para quatro anos, oportunidade em que o professor Geraldo Castelli apresentou duas sugestões: 1) estudos dos currículos para verificar se em 3 anos, o aluno não poderia adquirir os conhecimentos necessários; 2) caso seja constatada a inviabilidade dos 3 anos, então sim, pensar em aumentar o curso. Nessa reunião, foi formada uma comissão visando a estudar a possibilidade de criar áreas de especialização no curso. A comissão foi composta por Prof. Antonio Muza

---

<sup>123</sup> Conforme a documentação, os alunos do IV Semestre do Curso Superior em Turismo se reuniram no dia 04 de dezembro de 1973 para tratar da Fundação do Centro de Pesquisas e Estudos de Turismo (CUPET), tendo como Presidente a professora Maria de Lourdes Venturin e vice-presidente a discente Norma Martini Moesch. Em outubro de 1974, Maria Zandonai assume a presidência do Centro. Na documentação e nas narrativas, poucas vezes esse centro foi citado.

Naime, Renato Masina e Prof<sup>a</sup>. Ondina da Silveira (ministrava Agência de Viagens), para reestruturação do currículo do curso<sup>124</sup>.

Na oportunidade, o professor Geraldo Castelli comunicou a intenção de criar um Instituto de Estudos e Pesquisas Temáticas. Essa questão retornou à pauta na reunião do dia 3 de maio de 1977, permitindo inferir que, embora tenha sido criado em dezembro de 1973, não estava em funcionamento.

Em reunião de departamento, no dia 4 de abril de 1978, a coordenação informou aos docentes que a reforma do currículo deveria aguardar, pois que a EMBRATUR e o Ministério da Educação organizavam um grupo de trabalho para elaborar diretrizes para os currículos da Faculdade de Turismo.

Nesse ano, a USP foi designada pelo Ministério da Educação, para discutir o Projeto pedagógico do Curso de Turismo e buscar um conjunto de disciplinas e áreas de conhecimento, capaz de formar e capacitar o profissional de turismo para as competências exigidas pelo mercado e para a pesquisa científica do setor. Foi a partir daí que houve um grande debate. Registra um momento importante, um divisor de águas: por um lado, a Faculdade de Turismo do Morumbi, que se associou a parceiros em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, cujo projeto pedagógico é mais voltado ao mercado, portanto, mais profissionalizante. Do outro lado, a linha da USP, que assumiu uma postura de pesquisa, buscando desenvolver toda a questão epistemológica do turismo, vendo o Turismo através de variáveis sociológicas, econômicas, psicossociais, culturais. Tendo adotado essa linha, a USP inspirou algumas universidades, entre elas a PUCRS e as universidades federais (Mário Carlos Beni, 06/05/2009).

Em 1978, a FAMECOS ofereceu um curso de especialização em Administração Turística para qualificar o corpo docente do curso. Alguns narradores se recordam de terem cursado: Antoninho Muza Naime, Ana Lucia Touguinha Weigdle, Diney Adriana de Oliveira, Norma Martini Moesch e Paulo Francisco Rolhano Nardi.

A professora Cleusa Scroferneker foi chamada pelo professor Antonio Gonzáles para montar o curso de especialização em Turismo e Lazer, porque, nesse período, trabalhava nessa área, não especificamente com lazer, mas trabalhava o enfoque do Turismo sob a ótica do lazer.

Na PUCRS, existia o Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR, criado em 1973, que funcionava como órgão suplementar, em caráter técnico científico, diretamente subordinado à Reitoria. É importante destacar que, desde o final de 1973, a

---

<sup>124</sup> Em 06/09/1977 – 14/09/1977 – 22/11/1977 foram realizadas reuniões do Departamento do Turismo com o objetivo de tratar da Reforma do Currículo.

PUCRS já vinha discutindo o tema Lazer (ANEXO D), inclusive promoveu o 1º Encontro Estadual sobre Lazer e Recreação, em março de 1974, através do CELAR<sup>125</sup>. No mesmo ano, foi oferecido um curso de especialização e aperfeiçoamento em Lazer e Recreação<sup>126</sup>. Também o II Congresso Nacional de Turismo, em 1976, teve como tema Turismo e Lazer<sup>127</sup>.

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) recorda que o Centro de Lazer funcionava no prédio três, *até trouxeram Dumazedier<sup>128</sup> para falar na época sobre lazer, que era uma coisa meio emergente, [...], foi exatamente em função do lazer muito presente na questão do Turismo, então o nosso curso foi especialização em Turismo e Lazer, em 1978.*

A professora explica que, em 1978, foram criados, três cursos de especialização na FAMECOS: Administração na área de Jornalismo; Administração Relações Públicas (RP), Publicidade e Propaganda (PP); e Turismo e Lazer, todos com o objetivo de capacitar os docentes,

*tanto é que nós fomos os primeiros, primeira especialização de todo o Rio Grande do Sul [...]. No caso de RP, porque se entendia na época que precisava trabalhar a parte de gestão, e*

---

<sup>125</sup> Werneck (2002)<sup>125</sup> afirma que o primeiro Centro de Estudos de Lazer e Recreação do Brasil foi o CELAR. Nas palavras de Andréa Bonow, em entrevista concedida a Werneck (2002), o CELAR: “[...] foi um órgão suplementar da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) do Rio Grande do Sul. O CELAR foi criado, em 1973, a partir de uma parceria estabelecida entre a PUCRS e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através de sua Secretaria Municipal de Educação e Cultura”. (WERNECK, 2002, p.127) O CELAR da PUCRS funcionou de 1973 a 1978. Nesse período, Joffre Dumazedier<sup>125</sup> se fez presente três vezes nessa instituição, apoiado pelo consulado francês, com o objetivo de ministrar cursos e palestras, demonstrando, assim, a importância que era atribuída aos estudos desse sociólogo pelo primeiro Centro de Estudos de Lazer do país.

<sup>126</sup> Reportagens no jornal Correio do Povo/RS (13/06/1974, p. 12) e Zero Hora/RS (26/05/1974, p. 10), comentam que o secretário Roberto Eduardo Xavier falou em lazer e da existência de um Centro de Estudos e Lazer na PUCRS, com curso de pós-graduação, durante sua visita à sede do CELAR, onde foi recebido pelo Ir. José Otão e pela diretora do centro, Zilah Mattos Totta. A reportagem explicava a relação existente entre o lazer e o turismo, em seguida relatava que já estaria sendo encaminhado um convênio do CELAR e a CRTUR, que viabilizaria a realização de uma pesquisa nas cidades pólos, com a finalidade de levantar a estrutura de lazer para o turismo no Estado, na época.

<sup>127</sup> Lazer é um assunto seríssimo, em termos universais. A grosso modo, a evolução conceitual de turismo pode ser resumida em três fases: 1) Fase da paisagem, onde a falta de conhecimento técnico pressupunha que bastava a uma comunidade haver sido bem dotada pela natureza (cascatas, montes, vales, etc.) para que o “milagre” do turismo acontecesse. 2) Fase da implantação de estruturas de gastos, já com aporte técnico, quando se começou a entender que o turismo é indústria e, portanto, exige investimentos: acessos, infra-estrutura, hotéis, restaurantes, mão-de-obra qualificada, etc. 3) Fase da implantação das estruturas de Lazer, quando se chega, por amadurecimento, a entender que não basta atrair o turista mas que há que conservá-lo, afastando-o do ócio. As três fases coabitam no tempo e no espaço, a termo universal. Enquanto comunidades que já chegaram a fase III prosperam e aceleram geometricamente o seu desenvolvimento, há comunidades que ainda se encontram na fase I, esperando que a paisagem seja instrumento motivador suficiente para atrair grandes massas de visitantes. Na fase II, você tem hotel, tem restaurante, tem paisagem, tem acesso e faz promoção. E atrai o turista. Mas, se não tiver estrutura de lazer, o turista vem, se entendia, abrevia a estada e segue adiante ou volta. (Zero Hora/RS, 26/05/1974, p. 10).

<sup>128</sup> Nesse período, a grande referência teórica para os estudos sobre o lazer foi Joffre Dumazedier.

*porque Turismo e Lazer? Porque exatamente esses discursos, esse discurso de Lazer já tinha uma trajetória, já tinha esses quatro anos, cinco anos de Turismo e que de certa forma já sinalizavam que o Curso tinha atingido uma certa maturidade.*  
(Cleusa Scroferneker, 11/06/2008)

Salienta-se que o CELAR não estava vinculado ao Curso de Turismo na PUCRS. É exatamente em 1978, quando se inicia a especialização em Turismo e Lazer, que o CELAR encerra suas atividades. Camargo (2002) explica que a relação dos cursos de Turismo à área de comunicação está vinculada à idéia de lazer, porém na PUCRS não foi o que inicialmente se verificou.

O Curso Superior de Turismo da PUCRS recebeu destaque, em 1980, com o Prêmio João de Barro, concedido pela Empresa POA de Turismo e conferido por seu reconhecido esforço em prol da qualificação de recursos humanos.

No início dos anos 1980, ocorreram duas tentativas para acabar com a autonomia dos cursos de Turismo, sem que bacharéis e os estudantes de turismo fossem consultados: a primeira foi na área profissional, quando o conselho Federal de Técnicos de Administração criou, por meio das resoluções 27 e 28<sup>129</sup>, nos Conselhos Regionais de Técnicos em Administração, o registro específico para os bacharéis em Turismo, sem a reserva de mercado para esse bacharel e inserindo uma categoria dentro de outra. A segunda tentativa ocorreu na área da formação, por meio da indicação nº 3/81, dos Conselheiros Fernando Afonso Gay da Fonseca, Hélcio U. Saraiva e Esther de Figueiredo Ferraz e com parecer do Conselheiro Paulo Natanael Pereira de Souza. Essa legislação era favorável à reestruturação dos cursos isolados de turismo, para transformá-los em habilitação do curso de Administração ou de outro, onde fossem ministrados, no caso de universidades, a critério da instituição (MATIAS, 2002).

A PUCRS participou ativamente desse processo. Em 17 de junho de 1981, o Prof. Antonio F. O. Gonzalez, diretor da FAMECOS, atendendo ao despacho do Diretor Geral do Conselho Federal de Educação, e por solicitação do Reitor da PUCRS, Irmão Norberto Rauch, decidiu compor uma comissão de professores do Curso Superior de Turismo para realizarem estudos, a fim de propor sugestões ao CFE. Essa comissão foi composta dos Profs. Renato B. Masina, Norma M. Moesch, Diney Adriana Oliveira, Ondina Becker e sob coordenação de Antonio Gonzalez. Sugeriram: 1- não entrar no mérito da reorientação filosófica que entendiam estava sendo dada aos cursos de Turismo, ou seja, da área de planejamento para a da administração; 2- deixar a critério

---

<sup>129</sup> Em 1983, o Ministério do Trabalho torna sem efeito essas resoluções.

dessa direção a vinculação do curso de Turismo a outras Unidades desta Universidade; 3- caso fosse aceita a nova vinculação às cadeiras constantes do currículo básico comum do Curso de Administração de Empresas, agregar as cadeiras profissionalizantes, com a seguinte distribuição: no V Nível: História do Brasil I, Geografia do Brasil I, História da Cultura, Economia Aplicada ao Turismo, Sociologia aplicada ao Turismo, Organização e Administração Empr. Turísticas I (Agências de Viagens e Transporte) e Língua Estrangeira A; no VI Nível: História do Brasil II, Geografia do Brasil II, História da Cultura II, Org. Adm. Empr. Tur. II (Hotelaria), Técnica Publicitária, Mercadologia Turística I e Língua Estrangeira B; no VII Nível: Mercadologia Turística II, Promoções Turísticas, Relações Públicas Aplicada ao Turismo, Planejamento Turístico I, Administração de Pessoal, Ordenação Turística Brasileira, Língua Estrangeira C e Prática Profissional I; no VIII Nível: Promoções Turísticas II, Planejamento Turístico II, Legislação Turística, Projetos Turísticos, Língua Estrangeira D e Prática Profissional II.

O documento destacava que a matéria não se esgotava na sugestão apresentada. Todavia, a Comissão era de opinião que, sendo aprovada a proposta, a composição curricular encerrava todos os elementos necessários à formação do Administrador Turístico, dentro do novo enfoque que entendia estava sendo dado, embasada nas cadeiras de formação básico do Curso de Administração de Empresas.

O Diretor da FAMECOS, Prof. Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez, encaminhou o ofício 539/81 de 16 de julho de 1981, para Brasília, ao Diretor Geral do CFE, Genuino Bordignon, dizendo que, em atendimento à solicitação, esclarecia que aquela Faculdade era contrária à transformação dos Cursos de Turismo em habilitação da área de Administração de Empresas, sendo de parecer de que esses cursos deveriam possuir estrutura própria face aos objetivos, deixando-se às universidades ou instituições similares a opção de vínculos às unidades que julgassem mais adequadas. Sugeriu que o CFE adiasse a discussão da matéria, pois de 16 a 20 de setembro de 1981, em Porto Alegre/RS, seria realizado o III Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo – ENBETUR<sup>130</sup>, que permitiria importantes subsídios para o estudo do tema.

O III ENBETUR teve como desfecho uma manifestação contrária a que o curso de Turismo se tornasse uma habilitação do curso de Administração. Nesse evento foi aprovada uma proposta a ser encaminhada pelo III ENBETUR ao CFE e demais órgãos competentes, conforme segue:

---

<sup>130</sup> O III Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo teve como principais temas o estudo de novo currículo para o Curso Superior de Turismo, regulamentação profissional e abertura do mercado de trabalho.

<b>Matérias do Currículo Mínimo</b>	Sociologia História Geografia Administração Direito Ciência e Técnica da Comunicação Planejamento e Organização do Turismo Estatística Metodologia Científica Economia Psicologia Antropologia Contabilidade
<b>Habilitações</b>	Administração de Empresas Turísticas Planejamento do Turismo Animação Turística

Quadro 9 – Proposta de currículo mínimo para os cursos de Turismo do III ENBETUR, 1981  
Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, 1985.

Conforme essa proposta, os cursos de Turismo poderiam oferecer três habilitações, sujeitas à opção dos alunos: Administração de Empresas Turísticas, para o Planejamento do Turismo ou Animação Turística. Diante dessa posição do ENBETUR, a EMBRATUR realizou vários encontros para discussão e análise com os envolvidos no assunto: instituições de ensino superior, bacharéis e estudantes de turismo, empresários e associações de classe do setor, e órgãos públicos em nível municipal, estadual e nacional. Após consultar esses segmentos, o grupo de trabalho propôs que o curso continuasse autônomo, com sugestão de habilitações optativas.

<b>Matérias Básicas</b>	Matemática Estatística Contabilidade Teoria Econômica Metodologia Científica Planejamento e Organização do Turismo Legislação Aplicada Mercadologia Psicologia
<b>Habilitações Alternativas</b>	<p><b>1ª Opção – Hotelaria:</b> Organização Hoteleira e Técnicas Operacionais Administração Hoteleira Administração Financeira e Orçamento Mercadologia Aplicada Prática - Estágio</p> <p><b>2ª Opção - Agenciamento e transporte:</b> Produção e Organização de Serviços Turísticos Administração Aplicada Administração Financeira e Orçamento Mercadologia Prática - Estágio</p> <p><b>3ª Opção – Planejamento:</b> Sociologia Organização de turismo Interno e Externo Infra-estrutura Turística Equipamento Turístico Elaboração e Análise de Projetos Prática - Estágio</p>

Quadro 10 – Proposta de Currículo da EMBRATUR para os cursos de Turismo, 1981.  
Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, 1985.

Na proposta da EMBRATUR, as habilitações oferecidas pelo curso de Turismo seriam Hotelaria, Agenciamento e Transporte e Planejamento. Se compararmos esse currículo com a proposta do ENBETUR, percebemos o tecnicismo que dominava o entendimento do Turismo pela EMBRATUR, preocupada em atender o mercado, para

que as universidades e faculdades formassem a mão de obra para a qual o importante era sua adequação ao mercado. Esse adestramento dentro dos padrões do tecnólogo, secundariza, oculta, inibe, desestimula a consciência crítica e empobrece a visão de cidadania permitindo a formação de um turismólogo despolitizado. Para Santos Filho (2003), turismo era sinônimo de viagem e entendido como uma atividade eminentemente técnica. O interessante é que assim enxergava a EMBRATUR quando propôs, em 1981, um currículo mínimo exclusivamente técnico (SANTOS FILHO, 2003).

Em 1983, as intenções de transformar o curso de Turismo em Administração ressurgiram, pois ele continuava sem reformulações. As discussões sobre o currículo mínimo continuaram, mas não chegaram a um consenso, permanecendo em vigor a resolução 35/71.

Na primeira metade dos anos de 1980 houve uma série de seminários e debates internos com alunos, professores e externos à Faculdade, promovidos pela ABBTUR, EMBRATUR, Conselho das Faculdades de Turismo do Estado de São Paulo – CONFATESP, Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo. O departamento de Turismo da PUCRS foi chamado, articulado a uma discussão nacional em que os cursos de Turismo do Brasil estavam sendo questionados quanto às propostas curriculares.

Essas questões continuavam pendentes, sem definições. Para Mário Carlos Beni (06/05/2009) houve um ciclo de crescimento na oferta de cursos de Turismo no Brasil: na segunda metade da década de 1970 até mais ou menos 1985, deu-se a primeira etapa desse crescimento. Segundo o professor, nesse momento, o desejável era que eles tivessem se consolidado, porém isso não ocorreu porque faltava um projeto pedagógico capaz de harmonizar o conhecimento teórico com àquele prático, técnico absolutamente necessário.

Paulo Francisco Nardi (16/04/2008) conta que, quando ingressou no curso, na década de 1980, o turismo era uma área nova; a PUCRS era uma universidade pioneira nessa área; não havia um caminho preestabelecido; os professores eram bastante idealistas e havia uma integração entre todos e, enfim, uma doação até, para que o curso tivesse sucesso.

Em 1988, ocorreu a 1ª edição do Festival de Laboratórios em Comunicação – SET UNIVERSITÁRIO. O evento era direcionado a alunos de Comunicação Social e Turismo do país e da América Latina, com inúmeras palestras, workshops e concursos em diversas categorias, e passou a ser realizado anualmente. Esse evento continua

ocorrendo, e, durante um período, nos anos de 2000, tinha um Grupo de Trabalho – GT em Turismo coordenado pela professora Susana Gastal.

Em 1989, o Departamento de Turismo planejou a formulação de um Convênio Técnico entre a PUCRS – FAMECOS e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da EPATUR, com a finalidade de desenvolver projetos integrados no campo do Turismo metropolitano, utilizando a mão de obra estagiária do Curso Superior de Turismo e outros convênios com a CRTUR (Governo Estadual), ABAV e ABRASEL (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes).

Nos anos de 1980, a maioria dos alunos que optava pelo Turismo era do sexo feminino e de diferentes faixas-etárias. Márcia Merllo (03/08/2008) relata que, naquele tempo, era o curso de quem gostava de viajar, não era visto como uma escolha profissional, como uma profissão, ou, então, eram pessoas que já trabalhavam na área do turismo e iam fazer a faculdade.

Essa ex-aluna, no período de 1984 a 1987, diz que o vestibular não era concorrido, era fácil passar, não estava na moda como é hoje. Também narra que, mesmo não sendo das primeiras turmas, ainda era tudo muito incipiente,

*a todo o momento passavam essa idéia de nada formatado ainda, [...] a impressão que se tinha é que era para preencher lacunas, a própria faculdade não tinha certeza do conteúdo, dos professores, era uma coisa que estava em transição, eles tinham percebido nas primeiras turmas algumas coisas, não sabiam certo onde chegar e a gente foi mais ou menos cobaia, nesse meio tempo; e os professores, na verdade, o que eles traziam, traziam da experiência pessoal, na área de cada um, então não era nada teórico, era tudo experiência pessoal.*

Para Márcia Merllo (03/08/2008), a formação dada era basicamente para atuar em agências ou hotéis, não havia outra perspectiva. Não havia aulas práticas, nem estágio ou não era necessária sua realização. O trabalho de conclusão era praticamente o inventário turístico de um município, não tinha que ter um embasamento teórico.

Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) conta que havia muitos alunos no curso nesse período. As turmas eram grandes, e o perfil era bastante variado. Alguns alunos já trabalhavam com turismo, porque na época havia um boato de que a profissão iria ser regulamentada e quem trabalhava com turismo era obrigado a ter curso superior, então, durante alguns anos, muita gente, já com experiência na área, procurava formação.

A ex-aluna Rita de Cássia Michelin (21/07/2008), que também realizou sua formação na década de 1980, nos diz que muitos dos professores não entendiam de



turismo. A bibliografia existente era basicamente do Castelli, bastante utilizada. Para ela, o contexto era nebuloso, ninguém sabia o caminho, as pessoas queriam produzir um conhecimento que não existia. A sociedade não sabia o que era um turismólogo; o mercado não o valorizava e, realmente, não havia uma formação acadêmica forte; era tudo muito empírico; era tudo muito no *achometro*.

Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) diz que a professora Norma sempre trazia muitos profissionais do mercado. *Ela pegava pessoas de experiência do mercado, da prática e trazia para dar aulas nas suas áreas, isso também enriquecia o curso, porque não tinha também metodologia, na realidade não existia teoria [...]*.

Na década de 1980, os docentes continuam sendo pessoas que estavam no mercado; e as disciplinas básicas, Psicologia, Economia, Direito não eram aplicadas ao Turismo. Passavam uma idéia de que Turismo era uma profissão do futuro.

*Não se falava tanto em Rio Grande do Sul na faculdade, como destino, também não se falava o contrário, que não era um destino, que não tinha condições, mas se falava em termos de Brasil, e também tinha naquela época uma coisa muito forte, de recursos humanos gaúchos trabalharem no Nordeste, então naquela época, o turismo no Nordeste já era, diria já era forte como é hoje e se tinha uma expectativa de exportar mão-de-obra gaúcha. (Márcia Merllo, 03/08/2008).*

Norma Martini Moesch (12/03/2009) conta que os ex-alunos, bacharéis em Turismo foram buscando novas perspectivas, houve um grande processo migratório de formandos da PUCRS para outros Estados do Brasil, por inúmeras razões, tanto profissionais quanto pessoais. O Nordeste chamou muitos profissionais, com uma frequência muito grande por longos anos, *e basta dizer que o curso de Turismo ficou por vinte e dois anos único, é um fato inédito, porque não houve outras manifestações de outras instituições em criar cursos de Turismo, isso se deu nos últimos anos agora*. Ainda diz que, nas décadas de 1970/1980, havia claramente a intenção de que o estagiário conseguisse marcar a sua presença em uma organização, de modo que ele fosse absorvido por aquele segmento, e por mais de uma década foi absolutamente viável essa concepção pedagógica porque não havia profissionais.

No ano de 1990, a Coordenação preparou uma série de convênios com as prefeituras de Flores da Cunha, Capão da Canoa e Bom Jesus, por meio dos quais, reformulou a administração do Turismo nos municípios e foi oferecido local de estágio e de emprego para os alunos do Curso. É a universidade desempenhando seu papel social, atuante na sociedade. Para Becher e Silva (2008), o momento de reabertura política no Brasil, a partir de 1985, representa um contexto de reformulação do ensino

superior, a partir de uma proposta de democratização das discussões no âmbito acadêmico e formação de uma universidade voltada para a comunidade. Nesse período, o Curso de Turismo da PUCRS começa a desenvolver ações voltadas para a comunidade.

Até 1991, o Curso de Turismo da PUCRS era o único do Estado. Em 1992, a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) inicia seu curso em Torres, e, em 1994 a Universidade de Caxias do Sul (UCS), no Núcleo Universitário de Canela.

Em 1992, o Curso Superior de Turismo comemorou seus 20 anos com o tema: Turismo – PUCRS: 20 anos conquistando o seu espaço – 1972/1992 (ANEXO E). A comemoração contou com uma diversificada programação: diversos seminários; cursos; oficinas; *city tour* cultural; projetos experimentais e o lançamento do livro “Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil” (FLORES, 1993).<sup>131</sup> <sup>132</sup> Para Edison Batista Chaves (06/06/2008), Oswaldo Goidanich foi pioneiro no turismo no Rio Grande do Sul, *Felizmente ele participou desse livro da PUCRS onde conta essa história porque se não, com a morte dele, nós teríamos perdido toda essa memória.*

Nesses vinte anos que transcorreram, o turismo passou a ser concebido não apenas em seus aspectos exteriores, relacionado com a promoção de eventos, mas como atividade econômica rentável, capaz de gerar empregos e, em última análise, redimensionar uma nova área produtora de bens de serviços. Incluíam-se, pois, as funções sociais do turismo nessa nova concepção. (MASINA, 1993, p.128)

Para André (1993), o Curso Superior de Turismo da PUCRS tornou-se uma das peças relevantes do trabalho da FAMECOS e do aprendizado do turismo entre nós. Gonzales (1993) reforça que o curso vinha ocupando posição invejável entre todos os similares. “A PUCRS, ao considerar a FAMECOS e o seu Curso Superior de Turismo como prioridades, está investindo em sua imagem, é bem verdade, mas a fundamental e maior verdade é que está ajudando o Rio Grande a crescer”. (GONZALEZ, 1993, p.131-132)

Nesse período, observamos que havia uma preocupação do curso em manter convênios com organizações públicas e privadas relacionadas à atividade turística.

---

<sup>131</sup> Destaca na parte inicial o testemunho de Norma Martini Moesch, mentora da obra de resgate histórico, e Oswaldo Goidanich, pioneiro turismo, descreve a trajetória do Turismo no Rio Grande do Sul, desde 1935. Na segunda parte, Alberto André, Irmão Elvo Clemente, Renato Masina e Antônio Firmo de Oliveira Gonzáles, cada um destes personagens escreve um capítulo da história do curso superior de Turismo da PUCRS e na terceira parte trabalha a gestão dos secretários na Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul até 1992.

<sup>132</sup> Esse livro está presente e influencia a memória coletiva, teve e tem uma importância significativa na memória dos narradores; algumas falas são “cópias” de trechos do livro que são transmitidas e reafirmadas diversas vezes.

Havia um relacionamento estreito da academia e o mercado. Para alguns narradores, esse era o perfil da coordenadora, professora Norma Moesch.

Apesar de alguns retoques feitos na sua estrutura, o currículo inicial perdurou até 1993, quando foi reorganizado. Havia uma concepção dicotômica presente no modelo que sempre permaneceu. O curso era, basicamente, dividido em dois blocos distintos e autônomos, colocando de um lado, as disciplinas chamadas básicas (teóricas) e, de outro, as disciplinas profissionalizantes (práticas). Clemente (1993) destaca que, no percurso de mais de 20 anos, atendendo à dinâmica do desenvolvimento, houve várias adequações dos conteúdos curriculares do Curso de Turismo. No ano letivo de 1994, houve uma completa reformulação de currículo e programas, levada a efeito sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Marutschka Martini Moesch.

As discussões sobre o currículo e sobre as dificuldades pelas quais o curso vinha passando já estavam sendo detectadas e analisadas há bastante tempo. Em reunião de Departamento no dia 19/11/1988, o professor Celso Ernani Santos Netto<sup>133</sup>, responsável pela disciplina Economia Aplicada ao Turismo, encaminha uma série de considerações à coordenação do Curso. Dentre outras, de que a representatividade do Turismo no contexto da Universidade e da FAMECOS estaria em função de alguns aspectos sistematizados: a consciência da atividade turística como ciência social e econômica capaz de contribuir decisivamente na formação da renda nacional, etc.; a crise da Universidade como legítima produtora de formação e conhecimento; a necessidade de o Curso Superior de Turismo demonstrar sua auto-afirmação no contexto da Universidade no que diz respeito ao gerenciamento e imposição firme e democrática, sustentado pela magnitude e importância histórica não só da atividade turística; a mudança no conceito de bacharéis sem qualificação à altura das necessidades do mercado, como por muitos era vista, através da participação da Universidade (apoio) outorgando e demonstrando competência, e consciência nesse aspecto que nos parece um dos pontos mais nevrálgicos; a deformação conceitual da real função e formação da atividade turística, que leva o Ensino Superior em Turismo no Brasil (cerca de 20 cursos) a uma preparação de recursos humanos distanciada da realidade concreta, e ao mesmo tempo, frágil em conteúdos de base. O professor sugeriu que fossem realizados um estudo e uma avaliação da qualidade do ensino no Curso Superior de Turismo e da visão da Universidade para o suprimento de vazios; o prosseguimento das atividades extra-aulas com a participação do corpo docente/ alunos/ iniciativa pública e privada; a execução de estudos, trabalhos em nível de assessoramento à iniciativa privada e pública através do

---

<sup>133</sup> Foi aluno do Curso de Especialização em Turismo na Universidade Federal de Santa Maria em 1972.

Instituto de Estudos Turísticos, como também inserção do trabalho de conclusão nesse Instituto que poderia contribuir no processo de dinâmica, qual seja, sair do seio da Universidade (estrita) e ir ao encontro de órgãos e instituições afins; a reativação do Instituto de Estudos Turísticos; um maior intercâmbio com órgãos afins (que poderiam ser filiados ao Instituto) que poderiam atuar interdependente com o curso.

Para os entrevistados, a FAMECOS não priorizava o curso – o primeiro era o Jornalismo, depois a Publicidade, depois Relações Públicas e o Turismo em quarto. Termos como *curso de segunda linha, pertence ao quarto mundo, filho bastardo da FAMECOS, o Turismo ficava sempre em último plano dentro da FAMECOS, os excluídos*, eram comumente utilizados para descrever a situação do curso nessa unidade. Esses fatos são narrados como algo velado e quase sempre dizem: *tu não colocas isso, mas..., desliga o gravador que eu te conto...* Assim, o turismo era relegado sempre a último plano, inclusive as salas eram as piores, tudo o que sobrava era para o turismo. Isso perpassa todas as narrativas, em todos os tempos.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) afirma que as direções davam pouca atenção ao curso. *Houve momentos que eu estava brabo, revoltado, que eu batia na mesa, eu dizia que chegava e se não querem nos dar cobertura então nos mandem para outro lugar, tinham que nos dar atenção, tinham que ter ouvido isso.*

Norma Martini Moesch (12/03/2009) conta que, na verdade, o Curso de Turismo nunca foi aceito dentro da FAMECOS como legítimo, foi imposto, o último curso a chegar e não era reconhecido como um curso que tivesse de fato identidade com a comunicação. *Nós éramos o patinho feio, nós éramos os enjeitados, éramos uma excelente fonte de receita [...] mas, por outro lado, tudo era franqueado para os outros cursos e tudo era dificultado para o Turismo.* Para Susana de Araujo Gastal, (14/07/2008) o curso sempre foi menosprezado como um curso não intelectual, como um curso de segunda linha.

Alguns docentes, no entanto, relatam que nunca se sentiram excluídos dentro da FAMECOS. Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) foi um deles e diz ter sido sempre participava, e que essa questão nunca a incomodou.

Para os narradores, a professora Norma conseguiu vencer diversas dificuldades, estabelecendo um melhor entendimento do curso com a FAMECOS:

*conseguimos fazer com que o curso de turismo deixasse de ser aquele, aquele apêndice, eu acho que uma prótese como era entendido, nós éramos a verdadeira prótese da FAMECOS, para nos verem com outros olhos, mostrando que jornalista pode ter um belo campo profissional no turismo, publicitário pode ter uma agência que se sustente até a partir do turismo*

*como cliente, que relações públicas não pode ficar longe do turismo. Então trabalhando outra concepção, não a do isolamento do curso de turismo que na verdade na concepção da época estaria muito mais bem encaixado na área da atual FACE, certo, porque era entendido apenas como um curso que preparava a operação turismo, e não pensar o turismo, pensar pra que?, nessa época não se era autorizado a pensar, nós eramos autorizados e sim, a aprender a ser comandados, alguém ia nos mandar, então, não perguntar porque e não perguntar como. (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)*

Ao que tudo indicava o curso estava passando por algumas dificuldades, como a inexistência de um quadro de professores com dedicação exclusiva, o que impedia o desenvolvimento de um processo educativo articulado à pesquisa, ou seja, a produção de conhecimento na área do turismo. A maioria dos docentes era ligada ao mercado, mas sem a fundamentação pedagógica necessária para papel de educadores, função esta exercida como mais uma atividade profissional.

As discussões sobre o curso começavam a se intensificar e se aprofundar, e, em 1990, por uma decisão da coordenação, juntamente com seus professores, e pelo desejo e necessidade de mudanças no currículo, foi desencadeado o longo processo de reformulação curricular.

### **5.3 O Processo de Reestruturação Curricular do Curso**

A coordenação da época manifestava preocupação com questões de qualidade e, dentre elas, o viés teórico do curso. Norma Martini Moesch (12/03/2009) conta que, quando assumiu como professora, já percebia que existiam algumas lacunas na estrutura curricular. Quando assumiu como coordenadora, achou que seria o momento de *desmontar essa construção e dar um outro desenho, um outro formato a esse curso*. A professora entendia que não poderia fazer isso sozinha, então buscou uma consultoria pedagógica, convidando a professora Marutschka Moesch, que vinha de uma formação socióloga, tinha mestrado em estruturas curriculares e trabalhava na Secretaria de Educação exatamente nesse campo de orientação, para assumir a coordenação pedagógica do curso. A coordenação instituída tratou de esboçar uma proposta de trabalho, de discussão do novo currículo do Turismo, inclusive ampliando-o para quatro anos<sup>134</sup>, a qual foi apresentada em seminários pedagógicos aos professores e coordenação do curso.

---

<sup>134</sup> Marutschka Moesch (11/09/2008) conta que havia uma discussão do Curso de Turismo, que tinha três anos de duração, e que os professores entendiam que ele não tinha um status para bacharelado, que era de

O Projeto Pedagógico “Reestruturação Curricular do Curso Superior de Turismo/PUCRS – Uma Experiência em Pesquisa Ação” realizou-se no período de 1990 a 1993. O objetivo norteador fora a construção de um novo currículo, que garantisse a qualidade acadêmica necessária aos profissionais que ingressam em um mercado de trabalho dinâmico como o do turismo e que permitisse uma formação teórico-prática crítica e criativa o suficiente para adaptar-se às constantes transformações tecnológicas do mundo do trabalho.

Os professores começaram a trabalhar em grupo e foram para Atlântida passar um fim de semana, no período de baixa temporada, com o intuito de:

*abrir esse currículo, para abrir esse curso, para repensar, para discutir, com todos os professores do cursoe foi muito interessante, porque ao final de dois dias de trabalho nós tínhamos uma reestruturação do curso e houve uma avaliação mais ou menos conduzida da seguinte forma, a professora Maru falou “eu li, interpretei, avaliei a estrutura curricular desse curso de turismo, e quero lhes dizer que de acordo com o projeto pedagógico, que até então era meia dúzia de páginas e não dizia nada, ou quase nada, nós temos aqui uma grande fila, uma penca baiana, sabe?”, ela disse “aquela penca baiana que a gente vai pendurando tudo ali, sabemos que é uma penca, mas para quem tem aqueles objetos pendurados ali não se tem explicação e nós vamos trabalhar numa dinâmica que cada professor vai representar a sua disciplina e vai defender o significado dessa disciplina, desses conteúdos, desses saberes na formação desse profissional e o quanto essa disciplina vai ser necessária para instrumentalizar a suas praxis da vida profissional, se não conseguir dar conta dessa justificativa, sinto muito, essa disciplina precisa sair, esse elemento precisa sair da penca”. Foi assim que começou, ao final de dois dias e meio, amiga, nós tínhamos descartado em torno de 40% das disciplinas totalmente obsoletas e também um bom número de professores que se tornaram também obsoletos porque só concebiam o entendimento da sua presença no curso a partir daquele tipo de trabalho. Então, ressurge daí, até me lembro que eu disse temos que fazer como a Fênix<sup>135</sup>, fazer com que haja um ressurgimento vigoroso, sadio, revitalizado das cinzas de um período de uma história, tempos que não podemos soterrar essa historia, que ela é alimentadora, mas não podemos permanecer naquele cotidiano que ela vinha nos impondo. Então surge daí o novo currículo, a nova estrutura, vamos buscar aquilo que desde o começo entendíamos que fazia falta [...] (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)*

---

quatro anos, então já havia uma discussão interna do grupo de professores, sobre a necessidade de uma reforma curricular.

<sup>135</sup> A fênix ou fénix (em grego φοῖνιξ) é um pássaro da mitologia grega que, quando morria, entrava em auto-combustão e, passado algum tempo, renascia das próprias cinzas. (Enciclopédia Wikipédia, 2010)

As análises realizadas permitiram aos docentes entender a complexidade de um currículo<sup>136</sup>. As conclusões desses encontros indicaram que um novo currículo não depende só de um elenco de novas disciplinas, mas, acima de tudo, de uma nova postura didático-pedagógica dos docentes. Esta nova postura pressupõe um maior comprometimento, enquanto educador e não apenas transmissor de conteúdos. Desse modo, faz-se de extrema importância a participação dos docentes na construção curricular, pois, segundo Masetto (2003, p. 72), “concebe-se o professor como um mediador decisivo entre o currículo estabelecido e os alunos, um agente ativo no desenvolvimento curricular.”

Diante dessas considerações, no Projeto de reformulação curricular do Curso foi organizado, juntamente com a Faculdade de Educação, um “Seminário de Qualificação Docente”, que teve como pressuposto proporcionar aos professores a oportunidade de discutir, analisar e avaliar a sua prática docente na busca da melhoria de sua qualificação profissional enquanto educador.

A proposta desse seminário indicava que existiam conflitos no cotidiano pedagógico do grupo de professores do curso e que estas questões didático-pedagógicas deveriam ser trabalhadas.

Assim, foi dada uma ênfase à questão pedagógica, e realizado o seminário composto por duas etapas. Na primeira etapa, houver duas palestras: uma que visava uma fundamentação filosófica e epistemológica ao grupo de professores e outra que tinha o intuito de contribuir para um entendimento das Teorias do Conhecimento (concepção de conhecimento, método), a fim de subsidiar a concepção de ensino crítico, como expressa o marco referencial da PUCRS, e a proposta metodológica do Curso de Turismo, em que a relação teoria-prática deve ser permanente; e a segunda etapa que visava a instrumentalizar didaticamente o professor, de forma que sua prática contemplasse a filosofia educacional expressa pela Universidade.

No projeto também estavam previstas reuniões com diferentes segmentos com o objetivo de diagnosticar, criticamente, a situação do curso. Nesse sentido, Masetto (2003) considera que o ensino superior não pode deixar de rever seus currículos de formação dos profissionais, não pode também querer revê-los apenas com a visão dos especialistas da instituição (os professores). Há necessidade de a Universidade sair de si mesma, arejar-se com o ar da sociedade em mudança, e então voltar para discutir com

---

<sup>136</sup> Para Masetto (2003, p. 67), “[...] currículo é um conjunto de conhecimentos, de saberes, competências, habilidades, experiências, vivências e valores que os alunos precisam adquirir e desenvolver, de maneira integrada e explícita, mediante práticas e atividades de ensino e de situações de aprendizagem”.

seus especialistas as mudanças curriculares exigidas e compatíveis com seus princípios educacionais.

A construção desse diagnóstico possibilitou a organização de um grupo de trabalho participativo, pois o acesso às informações sobre o tema em estudo, a análise crítica destas informações, bem como a defesa de posicionamentos pessoais, permitiu um processo de conscientização de todos os envolvidos, conseqüentemente, a formação de um grupo comprometido. A análise do diagnóstico do currículo vigente possibilitou identificar os pontos críticos que foram contrapostos com diferentes propostas curriculares de outros cursos no país e com as necessidades do mercado de trabalho. A partir daí desencadeou-se o processo de reestruturação, possibilitando um trabalho interdisciplinar.

A concepção filosófica definida pelo grupo era de que a formação universitária a ser desenvolvida pelo curso deveria ter como objetivo uma educação crítica, criativa, responsável, questionadora quanto ao tipo de indivíduo e de sociedade que se deseja formar, contribuindo com a criação de alternativas para fazer surgir uma sociedade democrática, renovada, mais perfeita, que atenda às aspirações e anseios fundamentais do homem como um todo, e a totalidade social à qual ele está inserido.

Houve uma preocupação em propor um curso que tivesse uma concepção holística a partir da construção de conhecimentos teórico-práticos, da análise crítica da realidade para transformá-la, a fim de que o fenômeno turístico se tornasse uma prática social acessível à maioria da população brasileira, contribuindo na melhoria da qualidade de sua vida.

A nova proposta curricular previa uma carga horária de 2.685 horas, a serem desenvolvidas em 4 anos, no mínimo. A aprovação do novo currículo oficializou-se em outubro de 1993, através do parecer da Câmara Universitária, e sua implantação ocorreu a partir de março de 1994.

O currículo estava dividido em quatro níveis: básico – que garantia a formação humanista do aluno; fundamentação teórica – fundamentar o aluno para a apreensão do objeto turístico enquanto conhecimento científico; habilitação técnica – formação técnica que atendia o fazer turístico; estágio profissional e projetos/monografia – contato com a realidade do mercado de trabalho, relação com a teoria e elaboração de propostas de planejamento críticas as situações estudadas. Buscava uma abordagem interdisciplinar, com a proposta de levar o aluno a uma visão global, integrada e crítica da profissão e da atuação profissional, buscando competência técnico-científica, administrativa e política do bacharel para atuar nos diferentes níveis de complexidade



da atividade turística, evidenciando, também, a relevância da pesquisa para o desenvolvimento da profissão, através dos projetos experimentais e da monografia.

Semestre	Disciplinas
I Semestre	Cultura Religiosa I Língua Portuguesa I Filosofia I Sociologia Geral História do Brasil I Geografia do Brasil I Teoria da Comunicação Fundamentos do Turismo I Noções de Direito
II Semestre	Cultura Religiosa II Língua Portuguesa II Filosofia II Sociologia Geral II História do Brasil II História da Cultura Geografia do Brasil II Fundamentos do Turismo II Legislação Turística Cultura Religiosa I
III Semestre	Língua Espanhola A Língua Inglesa A Patrimônio/Museologia Urbana Turística Recursos Audiovisuais Introdução ao Planejamento Turístico Economia do Turismo Estatística I
IV Semestre	Língua Espanhola B Língua Inglesa B Psicologia Social Mercadologia Turística I Metodologia Científica do Turismo Princípios Gerais da Administração Turística Folclore e Turismo Planejamento Territorial e Urbano Estatística II
V Semestre	Língua Espanhola C Língua Inglesa C Relações Públicas Aplicada ao Turismo I Mercadologia Turística II Sociologia Aplicada ao Turismo Administração de Empresas Turísticas Planejamento Turístico Contabilidade de Empresas Turísticas
VI Semestre	Língua Espanhola D Língua Inglesa D Relações Públicas Aplicada ao Turismo II Promoções Turísticas I Administração Hoteleira I Agências de Viagens e Transportes I Cerimonial e Protocolo Análise Econômica e Financeira da Empresa Turística
VII Semestre	Língua Espanhola E Língua Inglesa E Promoções Turísticas II Administração Hoteleira Agências de Viagens e Transportes II Lazer e Animação Administração de Serviço de Alimentação Relações Humanas Aplicadas no Turismo Estágio A – Marketing Hotel/Restaurante (150h) Estágio A – Agências de Viagens. (150h) Estágio A – Organização de Eventos (150h) Estágio A – Planejamento Público do Turismo (150h) Estágio A – Animação Turística (150h)
VIII Semestre	Realidade Brasileira e o Turismo Estágio B – Marketing Hotel/Restaurante (150h) Estágio B – Agências de Viagens (150h) Estágio B – Organização de Eventos (150h) Estágio B – Planejamento Público de Turismo (150h) Estágio B – Animação Turística (150h) Projeto Experimental - Marketing Hotel/Restaurante Projeto Experimental - Agências de Viagens Projeto Experimental - Organização de Eventos Projeto Experimental - Planejamento Público do Turismo Projeto Experimental - Animação Turística Monografia - Marketing Hotel/Restaurante Monografia - Agências de Viagens Monografia - Organização de Eventos Monografia - Planejamento Público do Turismo Monografia - Animação Turística

Quadro 11 – Currículo implantado em 1994

Fonte: Projeto Pedagógico – Reestruturação Curricular do Curso Superior de Turismo/PUCRS, 1993

Em relação ao currículo anterior, podemos verificar que a nova proposta retoma as disciplinas de História, Geografia e Filosofia e acrescenta várias disciplinas específicas relacionadas à promoção turística: Cerimonial e Protocolo, Relações Públicas, Promoção e Marketing. Divide o estágio por áreas profissionalizantes e acrescenta monografia, o que indica uma ênfase na pesquisa, que deve ser realizada nas áreas de Marketing Hotel/Restaurante, Agências de Viagens, Organização de Eventos, Planejamento Público de Turismo ou Animação Turística.

A disciplina Projeto Experimental é interdisciplinar, em que atuavam cinco professores, com um grupo de alunos. No entanto, essa proposta só foi viável por dois semestres, depois não foi mais possível pela falta de cultura do grupo e da universidade em trabalhar de uma forma interdisciplinar.

Essa reestruturação curricular foi muito lembrada e todos destacam esse como um momento importante do curso, talvez o período mais “fértil” em termos de consolidação, qualificação do corpo docente, entrosamento e comprometimento dos professores, do turismo enquanto ciência. Foi um processo em que o currículo foi construído com base no grupo de professores, em que se discutia porque que as disciplinas eram ensinadas, com que objetivo. Cada professor teve que fazer um exercício para justificar a importância de sua disciplina a partir de uma concepção de turismo que foi construída. Estabeleceu-se um marco referencial e filosófico, e, a partir dele, foram sendo delineadas as disciplinas e não ao contrário, como havia sido feito anteriormente. Mesmo que o grupo seguisse o documento oficial do MEC, as resoluções de 1971, que determinavam o mínimo que deveria ser trabalhado em cada curso, houve liberdade.

*Lembrando que a formação desse turismólogo, o seu diploma, era em planejamento, então essa sempre foi uma diferença na formação da PUCRS, que teve uma ênfase muito grande no processo de planejamento, criação e organização de turismo, e não na área de negócio, não era a ênfase da PUCRS, e mesmo com essa reforma curricular nós entendíamos que essa visão mais sistêmica, ela devia permanecer e não ser abandonada, e ser até aprofundada, ampliada com a criação de projetos experimentais*

*foi um exercício bem interessante que mostrou como o turismo tinha que se desenvolver interdisciplinar, então esse processo foi um processo extremamente rico, porque formou um grupo, com uma concepção clara do que estava atuando, então os alunos tinham um grupo de professores que tinham uma linha comum de concepção do turismo, do fenômeno, e ao mesmo tempo nos projetou como um currículo estruturado a partir de uma fundamentação filosófica e uma concepção de*

*conhecimento sobre turismo, que era muito incipiente ainda (Marutschka Martini Moesch, 11/09/2008).*

Durante esse processo, o cronograma de trabalho era bastante intenso. Passavam finais de semana inteiros discutindo sobre Turismo e trouxeram profissionais de outras áreas para auxiliar nas discussões. Conforme as narrativas, esse foi uma época decisiva para o curso, e aqueles que participaram se recordam dos seminários realizados e do trabalho conjunto. É percebido como o momento em que o curso se consolidou, e que deveria ter dado “o grande salto”, também na sua pós-graduação, no entanto, e com muito pesar os narradores recordam que isso não aconteceu e se ressentem.

Conforme Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), até aquele momento, o curso era mais prático, embora os docentes realizassem algumas discussões mais teóricas,

*a Norma sempre tinha essa preocupação de saber, primeiro de acolher o grupo para sentir o que estamos fazendo, fazíamos várias reuniões, era muito interessante, a gente fazia muito mais do que hoje, fazíamos muitas reuniões sempre levantando questões teóricas, que nós não sabíamos muito bem o que é, na verdade. [...] o curso tinha duas turismólogas, que era a Norma e a Diney, que eram formadas, o resto, todos nós tínhamos experiência em Turismo [...].*

Assim, houve uma construção coletiva da concepção filosófica do curso, o que gerou um envolvimento e comprometimento do corpo docente, pois até então o que havia eram professores oriundos de diferentes formações acadêmicas, muito competentes nas suas práticas profissionais, mas sem formação didático-pedagógica. Não conseguiam relacionar os seus conteúdos com outras disciplinas e com pouco conhecimento sistematizado, teórico sobre o campo turístico.

É nesse momento também que se inicia a qualificação do corpo docente. Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), diz: *eu me lembro que o meu mestrado ele já foi uma provocação nos outros, então eu conclui o mestrado em 1992, e aí todo mundo começou a fazer mestrado, isso mexeu bastante com o curso, produção teórica e tudo mais.* Muitos professores, mesmo tendo formação em outras áreas, começaram a se qualificar em turismo.

Assim como Antonio Carlos Castrogiovanni, a professora Marutschka Moesch (06/05/2009) também optou por se qualificar na área do turismo, porque se identificou e entendia que aquele era um espaço de construção do novo, extremamente desafiador, principalmente na área da pesquisa do turismo. Lembra que também foi um momento

em que a PUCRS teve que atender ao critério do MEC quanto ao número de mestres e doutores, então houve incentivo real que possibilitou essa qualificação. No entanto, alguns professores optaram por não se qualificarem e hoje não estão mais no corpo docente.

Também o professor Leandro Lemos, da Economia, foi fazer o seu doutorado em Economia do Turismo. Enquanto pesquisador, Leandro de Lemos começou a perceber as dimensões do turismo, *não pense que eu não passei lá pelas minhas reflexões, bem será que eu estou no caminho certo, será que o Turismo é ciência, será que o Turismo não é algo pueril, eu passei também pelas minhas crises de pensamento, eu comecei a perceber que sim, que Turismo é uma ciência, porque ele é um fenômeno totalmente atípico, [...]* (Leandro Antonio de Lemos, 24/11/2008).

Assim, a reestruturação curricular efetivou-se e desencadeou um processo de qualificação de alguns professores incentivados também por uma política do MEC, encampada pela Instituição. Importante dizer que também foi o momento em que vários professores, não necessariamente do curso, mas da FAMECOS, começam a fazer pós-graduação, mestrado e doutorado, a cultura da faculdade começa a mudar, porque os cursos da FAMECOS em geral eram muito operacionais, era uma faculdade voltada para o mercado, para a prática.

Norma Martini Moesch (12/03/2009) confessa que efetivamente,

*cria-se uma atmosfera que eles, os meus colegas, dizem que foi única, em qualquer tempo de trabalho que eles compartilharam, era um caso de amor eu acho com o curso de turismo, não havia ninguém que se negasse a essas participações, não havia ninguém que deixasse de priorizar os encontros de sábado especialmente, [...] eu acho que esse foi o momento auge do curso de turismo, que é o marco, a lembrança, que todos os professores compartilharam dessa fase, dessa década.*

Nas narrativas, fica explícito que, naquele momento, houve um trabalho interdisciplinar no curso; aquele era um espaço fértil para se trabalhar o turismo. O grupo de professores, cada um dando a sua contribuição e participando das discussões teóricas, tornou-se um grupo de pesquisadores, mudando o perfil docente. Não era mais aquele que estava no mercado, era aquele que também discutia teoricamente o turismo, que procurava a qualificação acadêmica.

Nas narrativas de ex-alunos, podemos perceber a mudança no enfoque do curso. Giana Pereira Borges (22/01/2009), por exemplo, que se formou em 1996, mas foi da última turma do currículo antigo, confirma que *nos preparavam muito para agenciamento*. Já a ex-aluna Ivone dos Passos Maio (16/12/2008) que ingressou em

1999, no novo currículo, narra que a PUCRS sempre teve ênfase em planejamento turístico, *nós tínhamos um currículo bem amplo, então nós tínhamos desde hospedagem, eventos, agência, transportes, nós tínhamos todas as áreas, mas a ênfase do curso sempre foi planejamento, [...]*.

Assim, o currículo deixou de ser entendido como aquela listagem de disciplinas e passou a ter uma concepção apoiada na interdisciplinaridade, na pesquisa e na epistemologia. É no relacionamento do conteúdo das disciplinas com o contexto social que está o significado e a utilidade do currículo.

O currículo antigo do curso era fragmentado; as disciplinas mantinham-se independentes, havendo pouca ou nenhuma comunicação entre elas; fruto da visão tradicional. Uma abordagem positivista aplicada à educação, que desloca os conteúdos de um contexto social maior para as questões instrumentais e técnicas. A nova proposta rompia com a formação positivista e propunha colocar o aluno numa posição de produtor de conhecimento, questionador, um cidadão mais crítico e participativo. Contudo, o currículo de 1994 não negava a formação técnica do bacharel em turismo, em favor de um humanismo que prescindia desse aspecto, mas demonstrava que ambos são importantes e devem ser desenvolvidos, buscando um currículo aberto, que propiciasse a reflexão e a participação dos sujeitos envolvidos nesse processo.

A partir dessa reestruturação curricular, o curso passou a ganhar destaque na região, tendo uma crescente e considerável demanda, fazendo com que até mesmo alunos da rede privada de municípios vizinhos procurassem a instituição. Para a professora Marutschka Moesch (11/09/2008), esse período foi o de maior crescimento do curso. Também em relação ao número de alunos, as turmas eram de 65, 70 e a procura no vestibular de 1994, 1995, foi de 7 alunos por vaga; era o terceiro curso mais disputado da PUCRS.

Os alunos na década de 1990 eram, na sua maioria, jovens e do sexo feminino. Conforme Sabrina Dias (22/01/2009), a PUCRS, nessa época, representava a elite. Seus colegas – a maioria tinha 18 anos –, tinham o seu carro e não trabalhavam, *não vou dizer patricinha e mauricinho, porque a gente não usava esses termos, mas todo mundo ali era bem...* Acha, no entanto, que hoje mudou esse perfil. A ex-aluna formou-se em 1996, na última turma do currículo de 3 anos. Conta que o Turismo era um curso mais liberal; os professores podiam fumar dentro da sala de aula; alguns permitiam que os alunos fumassem também. Era um curso descontraído, uma convivência muito boa, e essa integração sempre foi o que lhe chamava a atenção na área do Turismo. Destaca a atuação dos seus professores no meio político, porque os docentes da PUCRS atuavam

em Secretarias, em órgãos municipais, e diz que percebia isso como um benefício para a formação, porque muitas vezes estava tendo aulas com aquele que era seu chefe. Segundo ela, a formação que teve durante o curso foi completamente comercial, o turismo era visto como atividade econômica. O forte do curso eram as agências, *tanto é que eu fui descobrir o outro mundo do Turismo após essa experiência acadêmica, que existia educação, acho que o forte mesmo naquela época era agência de viagens, de vender pacotes, roteiros [...]*.

Para a ex- aluna Ivone dos Passos Maio (16/12/2008), que ingressou em 1999, o aluno do Turismo era um aluno mais *relax*, mais descompromissado. Salienta que a estrutura curricular possibilitava uma formação mais ampla, e que as disciplinas tais como Filosofia, Sociologia, possibilitavam uma inserção na comunidade.

O Turismo era um curso considerado *fácil* pelos ex-alunos, pois, nos relatos, aparecem expressões como: *o que menos se fazia era estudar*. Para ex-aluna Ivone dos Passos Maio (16/12/2008), uma das principais limitações do curso *é que os alunos não eram alunos de estudar muito e eu falo por mim mesma, porque os primeiros três anos de curso, era assim, a aula eu freqüentava, mas eu digo aquela coisa de estudar, o curso não exigia isso da gente, hoje sendo professora eu acho isso muito ruim [...]*. Não há relatos de dificuldades de aprendizagem ou de disciplinas muito difíceis ou de noites estudando.

Era bastante frequente a concepção da necessidade do aluno se inserir no mercado antes de se formar, *então a gente entrava na faculdade e em seguida procurava emprego em agência, hotel, então todo mundo trabalhava, e era curso noturno, [...]* (Ivone dos Passos Maio, 16/12/2008).

Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008), falando sobre suas aulas no curso de Turismo, diz que sua experiência foi bastante diferente daquela vivida no Curso de Economia. O padrão de aula era muito mais socrático, era um método muito mais participativo do que o método tradicional expositivo,

*eu quebrei a cara no início, tive que aprender a dar aula, acho que eu me formei como professor no Turismo, o Turismo foi um grande ensinamento para mim como professor, e essa questão da participação te aproxima mais do ser humano que está ali, o aluno e o professor, na aula tradicional expositiva, eu acho que tu tens um afastamento, onde tem agentes quase antagônicos as vezes, um que vai formar e outro que tem que ser formado, aprovado, há uma certa disputa por nota, então ali havia um aprendizado, mas para mim compreender isso, no início eu achava meio anárquico, o pessoal era muito inquieto, aí comecei e reconceituar que eles não eram inquietos, eu que era chato, porque eles eram criativos, eles eram intensos e eu não*

*tinha o que oferecer para eles, então eu tive que adaptar muito meu padrão de aula, para essa inquietude, esse vetor criativo, participativo dos alunos, aprendi muito com isso [...].*

Os ex-alunos recordam das feiras que realizavam nas disciplinas, *desde o segundo semestre nós já tínhamos uma disciplina, que era o Castrogiovanni que dava, nós montávamos estandes, cada grupo era de um estado brasileiro, e aí nós tínhamos que fazer comida típica [...], e depois, nos projetos experimentais também, era uma feira [...]* (Ivone dos Passos Maio, 16/12/2008). Os alunos participavam de vários eventos, promovidos pelo próprio curso (palestras, relatos de experiências), pela Secretaria de Turismo do Estado ou pelo Escritório de Turismo de Porto Alegre. Recorda da vinda de Krippendorf<sup>137</sup> à PUCRS, quando o curso tinha uma ligação com Escritório de Turismo de Porto Alegre.

Outra forma de trabalho, bastante comum, eram os inventários turísticos. Ivone dos Passos Maio (16/12/2008) lembra que *a própria rota Romântica, procurou a PUCRS para fazer [...] muitos projetos dos alunos da PUCRS saíram do papel, muitos mesmo, as vezes pequenas coisas, a propriedade rural de não sei quem e as vezes coisas de município, Triunfo mesmo começou com trabalhos dos alunos, a Ilha da Pintada começou com trabalho dos alunos, depois passou para a prefeitura, então o curso tinha essa relação bem de prática, principalmente de planejamento ligado à atividade turística [...].*

Sabrina Dias (22/01/2009) também recorda dos inventários realizados durante o seu período de aluna do curso, *eu me lembro de Picada Café, Antonio Prado, e era nossa, o máximo!, saída de campo era um momento de bastante aprendizado. Isso sempre foi tradição da PUCRS, levar os alunos para campo para fazer a parte da inventariação.*

Os ex-alunos da década de 1990 dizem que, durante o curso, tinham muitas disciplinas, uma carga horária “pesada”; a turma passava muito tempo junto e convivia

---

<sup>137</sup>Jost Krippendorf, foi Doutor em Ciências Econômicas pela Universidade de Berna. Durante as décadas de 1970 e 1980, lecionou Teoria Política do Lazer e do Turismo e foi diretor do Instituto de Investigação sobre lazer e turismo da Universidade de Berna, Suíça, organização reconhecida mundialmente como um dos Institutos Científicos de Turismo de maior renome. No mesmo período, também foi diretor da Federação Suíça de Turismo.

A partir de 1988 até 1991, lecionou Ecologia Humana, também na Universidade de Berna, e, desde 1992, trabalhou como assessor independente em matérias de ecologia, lazer e turismo, atuando em várias organizações internacionais, tais como UNESCO, OCDE, Conselho da Europa, e diferentes Governos e Instituições. Autor de diversos artigos e livros sobre os aspectos econômicos, sociais e ambientais do lazer e do turismo, assim como a Ecologia Humana. No Brasil, sua obra mais conhecida é “Sociologia do Turismo”.

bastante; realizava diversos projetos e trabalhos fora de sala de aula. Mauricio Schaidhauer (23/01/2009) construiu grandes amizades durante o curso,

*lembro, a gente ficava ali no redondo, ali na frente da FAMECOS, todo mundo se achava, então se construiu uma relação entre todos, a melhor lembrança era dos amigos, claro, depois dos grupos de estudo que a gente fez, e trabalhos que a gente fazia, porque a gente fazia trabalhos bem legais, que além de aprender bastante tu te divertias demais, foi uma passagem bem boa de uma época vivida, bem boa mesmo, muitas coisas aconteceram sabe, acho que foi muito bom.*

Os ex-alunos não se recordam de terem realizado atividades de pesquisa. Conforme Ivone dos Passos Maio (16/12/2008) não havia um incentivo à pesquisa e à continuidade dos estudos em pós-graduação, *se bem que essa história do Leandro Lemos ter feito doutorado era uma coisa assim ó, foi uma coisa bastante comentada pelos alunos, bastante valorizada, assim na época, me lembro que os professores falavam, vocês tem um professor doutor pela USP [...].*

Na segunda metade da década 1990, havia uma expectativa de que o turismo fosse a atividade do futuro. Em uma reportagem sobre o curso de Turismo na Revista Experiência (1997, p.06) era possível perceber esse discurso, “sabe-se que a profissão turística é uma das mais promissoras para o próximo milênio, e é este um dos motivos da grande procura pelos cursos universitários ligados à área”. Esse era o imaginário desde a década de 1970, bastante reforçado pela mídia. A Revista Veja (04/11/1998) divulgou que o turismo era o curso mais disputado pelos vestibulandos da USP. Muitos meios de comunicação apontavam o turismo como uma das profissões mais promissoras.

Quanto aos docentes, muitos relatam que realizavam suas pesquisas “por fora”, e explicam que isso era uma prática no curso de Turismo, porque eram horistas e não dispunham de carga horária para a atividade de pesquisa. Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), como também era professor da UFRGS, realizava suas pesquisas nessa instituição. Nos relatos aparece a necessidade de o curso ter investido em pesquisa. Os docentes se ressentiam de não terem carga horária para pesquisar, o que inviabilizava o aprofundamento da área, e, conseqüentemente, a pós-graduação.

Se a pesquisa não era uma atividade prioritária, a extensão aparece como um ponto forte. As saídas de campo eram consideradas momentos de grande aprendizagem, como, por exemplo os inventários turísticos em muitos municípios. Foram comuns as narrativas que ressaltaram a posição de destaque que assumiam ao chegarem nas comunidades. Os ex-alunos, mesmo alguns sendo muito jovens, se orgulham de terem



sido respeitados, demandados para aconselhamentos, e atribuem a capacidade de enfrentamento a situações adversas, ao preparo pedagógico proporcionado pelas saídas de campo.

Durante a gestão da professora Norma Moesch, foi realizada a inventariação turística em todo o interior do estado, em consonância com a Secretaria de Turismo do Estado. Desenvolveram projetos conjugados com a prefeitura de Porto Alegre, com a Secretaria do Meio Ambiente, com a Secretaria da Cultura, *com o objetivo de tirar o curso de turismo de dentro dos portais da PUCRS e buscar a sua relação com a comunidade externa* (Norma Martini Moesch, 12/03/2009). O curso tornou-se parceiro da Associação Brasileira de Agências de Viagens – ABAV, que ministrava treinamento dos sistemas AMADEUS<sup>138</sup> <sup>139</sup>, outra inovação em termos tecnológicos; da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH onde também havia treinamento para os alunos que quisessem se voltar para a hotelaria.

Para Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), a professora Norma, pela experiência que possuía por ter sido uma das primeiras turismólogas a coordenar um curso de Turismo na época, o que foi uma inovação, manteve essa linha de relação com o mercado, tornando-o muito próximo. Na reforma curricular, realizada no início de 1990, realizaram entrevistas com os dirigentes das diferentes entidades. A PUCRS mantinha convênio com a ABIH, a ABAV, com a Secretaria de Turismo; havia estagiários em todos os setores e uma parceria com a VARIG. Outra marca do curso foi que, entre a década de 1980 e o início de 1990, os municípios tinham poder aquisitivo e bancavam muitos projetos, então os inventários turísticos eram uma prática que se fazia como exercício didático, em qualquer disciplina, porque as prefeituras financiavam o transporte, alimentação e, às vezes, até hospedagem dos alunos, o que facilitava o trabalho.

Outro aspecto que vinha se alterando é que os alunos tinham condições econômicas de pagar o seu curso; muitos não precisavam trabalhar e realizavam estágios não remunerados nas regiões. Esse quadro se modificou muito a partir da década de 1990. O poder aquisitivo dos alunos que hoje ingressam na universidade é bem menor, precisam estagiar e trabalhar, e isso limita a atuação nos municípios. Também há uma regionalização entre as instituições que ofertam cursos de Turismo;

---

<sup>138</sup> O sistema Amadeus disponibiliza informações em tempo real sobre voos e tarifas, além de reserva e emissão de passagens aéreas.

<sup>139</sup> Em 1997, no dia 29 de abril, às 11 horas, nas dependências do Prédio 40, a PUCRS celebrou convênio com a Associação Brasileira de Agência de Viagem – ABAV – RS, visando à efetivação de Treinamento AMADEUS aos alunos do curso. O objetivo do referido convênio foi possibilitar estágio prático.

cada região tem a sua atuação como extensão, e a PUCRS fica muito restrita a Porto Alegre e a alguns municípios da grande Porto Alegre.

Ao completar 25 anos do Curso de Turismo, a coordenadora, professora Norma Moesch, discursa durante comemoração (ANEXO F). A Revista *Experiência*<sup>140</sup>, de 1997, pelos alunos da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, é dedicada ao Turismo (ANEXO G). Destaca que são 25 anos de muita luta para conquistar um lugar ao sol. Sem regulamentação específica, os profissionais que saem deste curso precisam enfrentar a concorrência de amadores ou de pessoas que tiveram a sua formação moldada à força no mercado de trabalho. A falta de regulamentação deixa os profissionais à mercê do mercado, que, na maioria das vezes, oferece remuneração que não valoriza a formação acadêmica.

Com um título bastante sugestivo “Uma utopia transformada em ciência”, Carmem Oliveira e Cristina Teixeira abordam que o desenvolvimento do turismo gaúcho e a história do Curso de Turismo da PUCRS estão intimamente ligados. O esforço oficial, o trabalho acadêmico e a visão empresarial transformaram a utopia de um sonho em realidade. Caminhos convergentes em busca de objetivos comuns desde os anos 1970.

Na reportagem de Ana Cristina Moura, ex-alunos, que atuam na área, dão depoimentos sobre sua trajetória de vida profissional. Elisabet Fleck Diefenthaler, que fez parte da segunda turma do curso, é diretora da Ouro e Prata Turismo; Fernando Corrêa de Araújo Lopes formou-se na primeira turma de Turismo e atualmente é diretor da Aliátur Turismo Ltda; Cláudia Varante Ávila e sua sócia Sheila Gatiboni Barragana, proprietárias da Campo 3 Consultoria em Turismo, Promoções e Eventos Ltda. Conforme Elisabet Fleck Diefenthaler, o mercado de trabalho não valoriza a profissão, “Acho que o profissional de turismo é bem desvalorizado. Paga-se pouco pelo tanto que se trabalha e pela responsabilidade que se tem, ponderou com um olhar reflexivo” (REVISTA EXPERIÊNCIA, 1997, p. 13).

A revista ainda traz uma reportagem sob o título “Uma vida dedicada ao turismo”, em que ex-alunos, colegas e profissionais ligados à atividade turística dão seu depoimento sobre o trabalho desenvolvido pela professora Norma Moesch, não só no aspecto profissional, mas destacam, também, suas características pessoais: o seu esforço em prol da profissão, o seu entusiasmo e sua paixão pelo Turismo, o orgulho de tê-la

---

<sup>140</sup> Revista *Experiência* trata-se da publicação experimental da disciplina de Produção de Revista da FAMECOS/PUCRS, pelos alunos dos últimos anos. A experiência é um veículo que publica textos de cunho mais literário.

como colega, a sua concepção de turismo e o seu apoio a todas as iniciativas relacionadas ao Turismo.

Nesse mesmo ano, a professora Norma Moesch encaminhou às instâncias superiores da PUCRS, um “Relatório de Desempenho do Departamento de Turismo”, no qual registra algumas considerações, que, segundo ela, poderiam contribuir para um melhor rendimento futuro dessa unidade acadêmica<sup>141</sup>. Nesse relatório abordava o Turismo enquanto fenômeno social e a intensificação deste nos últimos 50 anos, e, portanto, da importância de se capacitarem profissionais na área. Destacava que a PUCRS, esteve sozinha no cenário por 20 anos e que, naquele momento, compartilhava o mercado com outras Universidades. Enfatizava que se fazia necessário, para que o corpo docente da PUCRS correspondesse às exigências da realidade descrita, que a instituição disponibilizasse muito mais do que espaço físico, currículo, programas, conteúdos programáticos e ementas – era necessário uma compreensão do fenômeno turístico e suas implicações acadêmicas. Destacava que não bastava contar com o interesse e simpatia dos órgãos superiores da PUCRS, era imperativo que um curso constituído de modo quase “artesanal”, que se sustentava sobre o esforço, a boa-vontade e desprendimento dos professores das disciplinas técnicas, e de uns poucos colaboradores dos institutos, pelo “amor à causa do turismo”, fosse reconhecido e respeitado pela Pró-reitoria de Graduação. Lamentava que jamais, enquanto coordenadora, teve a oportunidade de ter um contato direto com a Pró-reitoria de Graduação.

O professor Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) lembra que quando Norma Moesch deixou a coordenação,

*fez um relatório muito interessante, ela fez questão, eu achei muito válido, ela deixou bem pontuado o que ela fez, e ela é uma grande batalhadora, [...], mas eu acho que essa instituição deve sim, muito a Norma, pela projeção do curso de Turismo, pela manutenção, pela divulgação do curso de Turismo, e pelo empenho que ela tinha sabe, em buscar profissionais, sempre reunir o corpo docente, ela chegava chamava a gente, ela conversava conosco, sobre o que os alunos estavam trazendo para ela, então ela tinha um empenho muito grande, [...].*

Norma Moesch deixou a coordenação do curso, mas permaneceu como professora. Ela confessa que estava muito cansada, estava querendo passar adiante, porque dez anos é muito tempo para ficar em uma coordenação; tinha que renovar.

---

<sup>141</sup> Comunicava também, o desejo de se afastar da coordenação do Turismo, a partir de dezembro de 1997, e continuar a exercer suas funções docentes.

*E eu também estava querendo sair e completar meus setenta anos, e aos setenta anos eu tinha programado deixar a PUCRS, então já tinha que começar a me preparar porque não foi fácil essa ruptura<sup>142</sup>, eu mesmo criava um novo projeto para depois me sentir comprometida e não ter como sair. Enfim, chegou a hora e chegou o momento, mas continuei dando aula por mais três anos, só uma aula na sexta-feira à noite pra não me desvincular de todo. E assim encerrou-se a minha fase aqui no curso de turismo da PUCRS (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).*

Os narradores lembram que o período de coordenação exercido pela professora Norma Moesch foi muito importante para o curso, pois ela agregava as pessoas, e, embora alguns professores saíssem do curso, por diversos motivos, o grupo se mantinha unido, *porque tinha uma certa linha, não sei se de pensamento, mas de atividade, nós pegávamos muitos trabalhos juntos, a gente trabalhava muito e tudo de graça, fazíamos inventários, fazíamos projetos, na Rota Romântica nós trabalhamos horrores, [...] pela experiência, [...]* (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008). Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008)<sup>143</sup> também reforça essa capacidade de agregar, *o grande mérito da Norma é a grande capacidade que ela tem de agregar, e agregar é fundamental dentro do Turismo, fundamental, porque ela tinha na mão um exército trabalhando de graça para ela e para a universidade, que acabava fazendo o curso de Turismo uma consequência, dessa grande causa que era o Turismo [...]*.

Para os narradores, a professora Norma conseguia dar ao curso de Turismo um caráter de que era uma opção de vida das pessoas, e procurava trazer professores que acabavam se apaixonando pelo Turismo. Susana de Araujo Gastal (14/07/2008) cita, como exemplo, quando a Norma Moesch trouxe, na época, o Leandro Lemos, que era professor de Economia na PUCRS,

*um cara jovem, começando, e ela seduz o Leandro no Turismo, ai o Leandro vai fazer o Mestrado, vai fazer o doutorado e vai se especializar como autoridade na área de Turismo, e ter um reconhecimento para além da sua área, por ser um professor da Faculdade de Economia que esta no curso, em outros cursos, dando uma disciplina de Economia, a mesma coisa com o Antonio Carlos, o Castro também se apaixona, ele vem de outra área e também entra nessa paixão pelo Turismo, e eu diria que*

<sup>142</sup> Assim como a professora Norma, a maioria dos ex-professores entrevistados teve esse mesmo sentimento, dificuldade de se afastar do curso e da PUCRS. Alguns nos contam que seguidamente vão a Universidade caminhar, encontrar amigos, conversar.

<sup>143</sup> Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008) diz que aprendeu muito com os colegas professores, *sobretudo com a Norma que é uma, era coordenadora dos tempos áureos do Turismo aqui, sobretudo porque não era um curso, era uma causa, ela colocava bem isso.*

*com a Maru também, então são pessoas que assumem o Turismo como um desafio, um percurso intelectual, um percurso pessoal, para além das suas áreas de base.*

Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008) reforça o seu encantamento com o tema Turismo e com a maneira como a professora Norma coordenava o curso. Ele diz *o Turismo não era um curso, era uma causa*. O professor prossegue contando que a professora Norma envolvia os professores e alunos em ações, projetos de Turismo no Rio Grande do Sul, trazia para o curso pessoas ligadas ao turismo, sejam empresários, representantes de órgãos oficiais, pesquisadores da área do estado do Rio Grande do Sul e do Brasil e isso criava uma efervescência muito grande quanto a pensar e agir sobre o Turismo, sobre o saber e o fazer Turismo, *e isso foi criando um imã, que cada vez mais atraía pessoas, mais atraía profissionais, mais atraía competências, a tal ponto que um determinado grupo de professores se entusiasmou a fazer doutorado em Turismo, dentre eles eu.*

Marutschka Moesch (06/05/2009) diz que, nesse período, o grupo era muito forte, muito unido, talvez por ter sido um grupo que sempre tivesse que sobreviver a uma certa negligência dentro da FAMECOS, e tinha essa linha da professora Norma de buscar autonomia, então acabou criando um grupo que se alimentava e batalhava; havia muitas vitórias coletivas.

*Eu acho que a Norma teve uma liderança, que foi a marca desse curso muito tempo, tanto que se nota que com a saída dela houve uma desagregação, tu nunca ouvia falar de dois grupos, tinha o grupo do turismo. Depois da saída dela tinham dois grupos, o grupo pró-coordenação e o grupo não, o que é muito natural em grupos de trabalho. Por que isso, obviamente é uma marca da liderança e, por ser muito pró-ativa, no momento em que o grupo não tinha mais essa liderança pró-ativa, as diferenças que existiam, óbvio, pessoas diferentes, elas se aguçaram, eu acredito que foi isso que aconteceu.*

Para os docentes do curso, a professora Norma era uma batalhadora. Ela conquistou espaço, na FAMECOS, pois o curso sempre trouxe muito dinheiro para a FAMECOS e para a PUCRS. As turmas eram grandes, e as mensalidades, muito caras. No entanto, o curso não tinha nenhum retorno; os alunos pagavam pelas saídas de campo. A luta era constante por salas de aula dentro da unidade, por laboratórios, por saídas de campo, etc. Antonio Carlos Castrogiovanni, (03/11/2008) lembra que havia muita falta de material; era difícil conseguir máquina fotográfica, por exemplo. Era uma

dificuldade, na época, ter um retroprojektor, então conta que os professores decidiram comprar um retroprojektor para o curso. O professor revela que,

*uma coisa que era muito interessante quando a Norma era coordenadora, é que ela assumia muito conosco, então nos sentíamos muito respaldados, embora não tivéssemos uma convivência com os demais cursos da FAMECOS, o departamento de Turismo era um sala de convivência, impressionante, os alunos ficavam conosco, nós não íamos para a sala dos professores da FAMECOS, nós íamos lá, assinávamos o ponto e íamos lá para a nossa sala do Turismo, é uma coisa sintomática a espaceologia, nós saíamos dali e íamos para a nossa sala que era muito grande, eram três salas grudadas, a coordenação e duas salas e os alunos ficavam ali, os alunos, era bem interessante, ali era o ponto de encontro, aquele canto ali da FAMECOS, no primeiro andar, [...] (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)*

A saída da professora Norma da coordenação trouxe muitas implicações, por que

*no fundo ela era como se fosse uma mãe para a gente sabe, e eram todos nós, o grupo, entramos através dela, naquela época a PUCRS não tinha seleção, era convite, então, ela conhecia a gente por fora e tal e ela ia trazendo, e por ela conhecer e por existir uma certa afinidade, digamos assim, eu acho que a saída da Norma foi uma coisa assim que o grupo sentiu muito. (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)*

Para Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008), o curso entrou em crise, não sabia o que era, não sabia o que ofertava, se fragmentou demais, *mas eu acho que nós nos perdemos, porque aquela energia que a Norma tinha de congregar, chamar para reuniões, participar do pensar junto, foi se esmorecendo, e o curso, apesar de se fragmentar, que poderia virar uma oportunidade, ele acabou na sua alma, se empobrecendo.*

Para Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), a unidade do curso de turismo, nos anos de 1980 e 1990, decorria de muita discussão, o que deixou de ocorrer.

*Eu diria assim, o grupo até a Norma sair, não mudou, daí depois começa a mudar, antes, com a Norma como coordenadora o grupo tinha um ligação muito forte sabe, ela conseguia, embora às vezes a gente fizesse algumas reuniões, nós tivéssemos, digamos, algumas desavenças, mas ela conseguiu unir sempre o grupo, e nos convencia a fazer as coisas, interessante, e se sentia prazer, isso também é interessante, a gente fazia um monte de viagens naquelas combis, quando eu me lembro daquelas combis pra cima e pra baixo, sábado e domingo, [...], e a gente ia com prazer sabe, porque era um aprendizado, e ela motivava, entusiasmava, depois que a Norma saiu, nós temos alguns momentos digamos*

*de dificuldades, de perdas, houve muitas mudanças* (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008).

Mesmo assim, a consolidação do Curso de Turismo da PUCRS se deu a partir de seu reconhecimento em 1976. Nesse período, existia um certo *glamour*, um certo deslumbre com a área de Turismo. No decorrer da pesquisa, foram muitos os momentos das entrevistas em que percebemos o significado e a força desses relatos, expressos nas falas das pessoas, nas lembranças exaltadoras do passado vivido. No entanto, esse discurso não era condizente com a realidade profissional encontrada pelos ex-alunos nas décadas de 1970 e 1980, como podemos observar: *Ninguém sabia o que era o profissional de Turismo [...]*.

Nos anos 1970 e 1980, o marco conceitual do ensino incluía a integração de aspectos (práticos e econômicos) sociais e psicológicos para formação do bacharel, além do enfoque de administração (planejamento). No final dos anos 1980 e início de 1990, iniciava-se um processo de discussão sobre o curso de Turismo e de questões referentes à área que culminaram em uma mudança de foco dessa aprendizagem, do nível pragmático para o acadêmico. Colocaram o turismo num contexto mais amplo de identificar preocupações maiores antes de definir a educação do turismo e o seu currículo; examinaram questões pedagógicas do curso; focalizaram os problemas críticos na educação do turismo; conceituaram o turismo em termos mais gerais; vislumbraram o ensino em turismo como um campo interdisciplinar de estudos.

Entretanto, no final da década de 1990, algumas mudanças começavam a acontecer, e o Curso passou, novamente, por alterações, as quais serão abordadas no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 6 O CURSO NA ATUALIDADE (do final da década de 1990 a 2010)

O objetivo deste capítulo é compreender a situação do Curso de Turismo da PUCRS e as principais dificuldades enfrentadas desde o final da década de 1990 até o seu processo de extinção, em 2010. Também procuramos relacionar os períodos vivenciados, no intuito de ampliar as reflexões e o diálogo acerca dos desafios político-pedagógicos do curso de Turismo da PUCRS e os do Brasil.

### 6.1 O Constante Processo de Mudanças do Curso

Em 1997, o professor Jerônimo Braga assumiu a direção da FAMECOS e logo iniciou-se a elaboração de um novo projeto pedagógico para a faculdade, o qual, posteriormente, serviria de base para que todos os cursos da unidade atualizassem seus projetos pedagógicos, em função da nova LDB de 1996. Quando mudou a direção da FAMECOS, também mudou a coordenação do curso de Turismo. Com a saída da professora Norma Moesch, em 1998 assumiu o professor Paulo Nardi, e, logo em seguida, um ano depois, a professora Berenice Mércio Pereira.

O projeto pedagógico da FAMECOS previa que os currículos deveriam ser realistas e flexíveis, aliando a teoria à prática, buscando o crescimento erudito e o aprofundamento de cada curso, encantando pela possibilidade da prática profissional e, por ela, levar ao interesse na busca do aprofundamento teórico. O Projeto procurou estabelecer um diferencial que caracterizasse seus cursos, tendo, por base, as seguintes premissas: o conhecimento teórico deve estar permeado entre as diversas disciplinas práticas; o conhecimento geral deve ser estabelecido ao longo do curso, fazendo desaparecer o muro que separa esse conhecimento do profissionalizante; perfeito entrosamento entre a graduação e a pós-graduação; oferecer o máximo de conhecimento prático através de laboratórios (PROJETO PEDAGÓGICO DA FAMECOS, s/d).

A mudança do reitor<sup>144</sup>, da direção da FAMECOS e da coordenação do Curso também provocaram transformações no perfil do Turismo. Para os narradores, essas mudanças decorreram do fato de haver consenso de que o curso deveria ter um maior número de bacharéis de Turismo no seu corpo docente. Essa foi uma decisão superior imposta; não foi discutida com os docentes do curso. Alguns professores foram deslocados, perderam carga horária, o que acabou gerando problemas. O professor Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) explica que *nós éramos um grupo que já*

---

<sup>144</sup> O Reitor era o Irmão Norberto Francisco Rauch (1979 a 2004) e, em dezembro de 2004, passou a ocupar o cargo o Irmão Joaquim Clotet.



*estávamos a um certo tempo na instituição, isso vem te fortalecendo, então vem professores novos, e cria certos descontentamentos, algumas disputas, enfim, aí começa uma outra coisa .*

O estudo do currículo do Curso de Turismo durou de três a quatro anos, sendo aprovado pela Câmara de Graduação em 29 de maio de 2003<sup>145</sup>. Mas, em 2004, esse currículo sofreu novamente uma revisão, em cumprimento às regras internas da Universidade. Sua duração passou de quatro para três anos e meio, com uma redução para 7 semestres, com 60 vagas e conseqüente diminuição da carga horária. A revisão curricular teve como objetivos: oferecer uma proposta pedagógica atualizada, de acordo com a agilidade que o mercado profissional estava exigindo e dinamizar a estrutura curricular, atualizando as disciplinas a serem ofertadas, dirigindo-as para o estudo do Turismo, melhorando a qualidade do que até então vinha sendo ofertado. Para o então diretor, *essa revisão do projeto pedagógico do curso de Turismo fez com que nós enxugássemos o curso em tempo, numa determinada carga horária, e toda uma atualização do projeto pedagógico, uma vez que era o projeto que o Curso mantinha era um projeto de muito tempo* (Jerônimo Carlos Santos Braga, 11/11/2008).

A justificativa do projeto destacava que necessária se fazia a implantação de uma nova proposta pedagógica, que viesse a contemplar as exigências que se apresentavam frente às transformações vivenciadas. Apresentava o cenário no qual o curso estava inserido e destacava que, no panorama da época, o Turismo era atividade econômica que mais crescia no mundo. No mercado profissional em expansão, além dos segmentos tradicionais como hospedagem, transporte, agenciamento, alimentação, lazer, eventos, hospitalidade, órgãos oficiais e consultoria, despontavam oportunidades, não só na segmentação representada pelo Turismo ecológico, social, étnico, infanto-juvenil, terceira idade, entre outros, como na possibilidade de atuar na área de magistério, em publicações, em pesquisa, em centros de informação e documentação, em montagem de banco de dados e de sites específicos e de outros ramos do conhecimento humano, o que testemunhava a multiplicidade de aspectos que a atividade englobava e o desafio que tal realidade representava para a Universidade (PROJETO DE REVISÃO CURRICULAR, 2004). Ainda enfatizava que a atualização também se fazia necessária pelo mercado competitivo enfrentado no solo gaúcho e que era representado por instituições congêneres.

---

<sup>145</sup> A comissão organizadora desse projeto era constituída pelos professores Jerônimo Carlos Santos Braga, Berenice Curtis Mércio Pereira e Diney Adriana Nogueira de Oliveira.

Nesse período começava a redução do número de alunos e uma preocupação com a concorrência e a adequação do curso ao mercado. A redução do curso para 3 anos e meio, evidenciava a preocupação de reduzir o tempo de permanência do aluno na Universidade, minimizando os custos para os discentes.

Semestre	Disciplinas
I Semestre	Comunicação e Turismo Geografia das Paisagens Turísticas História da Arte e o Turismo Português: Redação e Expressão Oral Teorias do Turismo
II Semestre	Estatística Aplicada ao Turismo Ética Geral Fotografia e Imagem no Turismo Legislação Turística Língua Estrangeira I Relações Interpessoais no Turismo
III Semestre	Agências de Viagens e Turismo Economia do Turismo Língua Estrangeira II Planejamento dos Espaços Turísticos Sociologia do Turismo e Lazer Turismo e Meio Ambiente
IV Semestre	Contabilidade Gerencial no Turismo Língua Estrangeira III Linguagens Tecnológicas no Turismo Marketing de Serviços Turísticos Pesquisa em Turismo Transportes Turísticos
V Semestre	Empreendedorismo e Negócios Turísticos Gestão das Organizações Turísticas Meios de Hospedagem e o Turismo Organização de Eventos I Serviços de Alimentação e o Turismo Estágio Supervisionado I – 195 h Disciplina Eletiva I
VI Semestre	Elaboração e Análise de Projetos Turísticos Organização de Eventos II Planejamento e Organização do Turismo TCC I Turismo e Cultura Estágio Supervisionado II – 195h Disciplina Eletiva II
VII Semestre	Cultura Religiosa Projeto Experimental I Projeto Experimental II TCC II Turismo Contemporâneo
I a VII Semestre	Atividades Complementares – 120 horas
Carga Horária Total de disciplinas 2175 horas	
Atividades Complementares 120 horas	
Estágio 300 horas	
Carga Horária Total do Curso 2595 horas	

Quadro 12 – Currículo do Curso, 2004

Fonte: Projeto de Revisão Curricular (2004)

Analisando o processo de reestruturação curricular de 2003/2004, observamos que as modificações propostas trataram, basicamente, da reorganização das disciplinas com redução do número de créditos, como possibilidade de otimização do tempo, com remodelação da metodologia de ensino e manutenção da qualidade do processo ensino-aprendizagem, garantindo o conteúdo básico e possibilitando ao aluno concluir seu

curso em menos tempo. Contudo, houve uma redução do número de disciplinas na área das Ciências Humanas, com diminuição da carga horária de disciplinas de Filosofia, de História e de Geografia.

Para o professor Jerônimo Carlos Santos Braga (11/11/2008), essa alteração curricular se fez necessária para proporcionar ao bacharel

*um perfil mais atual e mais atuante, um conhecimento mais profundo do Turismo nacional e internacional [...], e dar a esse profissional a capacidade de intervir no mercado do Turismo, como uma pessoa capaz de pensar, ter uma visão holística do todo, [...], ter esta formação geral, que o profissional é capaz de planejar, e muito especialmente de intervir no processo, de confiar que ele é capaz de planejar em alto nível, de pensar estrategicamente [...].*

Percebemos que houve mudança na concepção filosófica do Curso. A ênfase dessa nova proposta era na prática profissional, mais voltada para o mercado, para negócios. Essa mudança aparecia no projeto de reestruturação que buscava *uma formação diferenciada e qualificada pautada no eixo planejamento e gestão, perpassando pelo empreendedorismo.* (PROJETO DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR, 2003)

Falando sobre a relação do Curso de Turismo com o mercado, Cleusa Scroferneker (11/06/2008) diz que isso é uma tendência dos cursos da Comunicação,

*essa preocupação de estar atrelado, de não estar descolado, isso vale tanto para o Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, [...], sempre tiveram com essa preocupação, até porque o curso de certa forma era uma marca do diretor, do Gonzáles, ele não admitia, e acho que ele estava correto, que a universidade ficasse distante do mercado, precisava dessa interlocução, eu concordo com isso, mas eu penso que a universidade, ela tem que ter muito cuidado em não ficar refém do mercado, por ser universidade tem que estar na vanguarda, ela tem essa possibilidade de estar fornecendo novos conhecimentos, então esse cuidado tem que ter. Eu acho que precisa realmente atender o mercado, mas não ficar refém, isso as vezes acontece, monta um curso em função do que o mercado exige, e o mercado idolatra, daqui a três anos não é mais isso, [...].*

Segundo os narradores, esse foi um momento de muitas discussões pouco produtivas e de desgaste das relações entre os docentes. Nesse período houve um reagrupamento do corpo docente em dois grupos; não era mais o grupo do turismo; criaram-se grupos no Turismo. Houve uma diversificação do corpo docente, um maior número de professores da Administração, um número maior de professores do mercado,

sem mestrado, e, para alguns, isso desqualificou o curso, não garantindo aquilo que vinha sendo pensado.

Muitos veem esse período como um retrocesso. Para Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), na reforma curricular de 2003/2004, *vira-se o curso, que era um curso de fundamentação de planejamento, de uma posição mais crítica, de disciplinas de fundamentação sobre uma visão de território, sobre uma visão das relações da cultura; para um curso de negócios, e no meu entendimento há um retrocesso [...]*.

Leandro de Lemos (24/11/2008) sente que no início dos anos 2000 houve uma ruptura, o que provocou muitas perdas em uma trajetória de sucesso. Diz que não sabe explicar exatamente o que ocorreu. Justifica que estava vinculado à FACE, *e alguma coisa nos bastidores aconteceu, não me comunicaram esses capítulos, mas de alguma forma me senti excluído do processo...* Para ele, institucionalmente, houve uma opção por não dar continuidade ao Turismo, ao crescimento da pesquisa no Turismo, do vetor que o Turismo tinha naquela época, *porque de certa forma nós nos antecipamos no tempo, porque se tivéssemos mantido aquele ritmo [...]*.

Na realidade, depois da saída da professora Norma Moesch há um certo silêncio nas narrativas. Convém analisar o significado desse silêncio, pois é tão importante quanto analisar os discursos. As lembranças que se ocultam, quase sempre, detêm a chave do entendimento da memória de uma pessoa<sup>146</sup>.

O que aconteceu foi revelado pelas narrativas – uma ruptura, um *desmoronamento* de toda uma construção que estava sendo realizada coletivamente, tanto do conhecimento em turismo, quanto das relações entre o corpo docente.

Diferentemente de muitos narradores, a professora Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) considera que esse período foi um momento importante do curso.

*Eu acho que nós tivemos uma fase áurea no curso, uma fase máxima que foi durante a gestão da Berenice. A Berenice, sempre foi uma pessoa muito informada, formação Jornalista [...] acho que foi de 1995 a 2005, ela deve ter ficado uns dez anos, e a Bere vinha de um berço essencialmente turístico, ela trabalhou na EPATUR muitos anos, eu sempre gostei muito da administração dela, [...]. Teve uma fase, no início para mim*

<sup>146</sup> Retomando Pollak (1989), podemos verificar que rememorar também significa esquecer, porque envolve momentos de seleção, ordenamentos e censuras. O ambiente, os sujeitos e os motivos que os levaram a reunir-se no tempo presente vai demandar o que será lembrado, o que poderá ser dito, reiterado ou mesmo silenciado. Mas silenciar não significa esquecer. O autor esclarece que o silêncio sobre si mesmo ou sobre o grupo em questão é um processo distinto do esquecimento. O silêncio pode ser uma condição necessária para a manutenção dos laços afetivos, e esse é o significado do silêncio nesse momento sobre o curso. Silencia-se sobre determinadas lembranças para resistir e preservar aquilo que não deve ser esquecido pelo grupo. São os segredos que dizem respeito ao espaço privado que une e reitera os laços solidários entre os sujeitos.

*marcante, o Muza, a seguir uma pessoa marcante a Norma Martini Moesch, que soube fazer um trabalho muito bom durante uns dez anos e depois a Berenice, também marcou muito [...].*

Durante a gestão da professora Berenice Pereira (1999-20005) foram realizadas reuniões sistemáticas com todos os coordenadores dos cursos de Turismo do Rio Grande do Sul. Essa iniciativa gerou um espaço importante para a discussão de questões pertinentes ao ensino superior nessa área, *tanto é que em uns dos salões, o Salão de Turismo do Rio Grande do Sul, a gente fez um espaço para apresentação de trabalhos e dividiu o espaço com todos os cursos, isso eu fiz com muito prazer, me dava muito prazer ver o pessoal [...].* (Berenice Mércio Pereira, 13/05/2008)

Nesse período, a Universidade começou a exigir que seus docentes tivessem mestrado e doutorado. Muitos entrevistados falam sobre a política da instituição de qualificação do corpo docente, quando foi lançado o programa, “Mil mestres e doutores até o ano 2000”. A partir disso, a faculdade elaborou o seu projeto de qualificação. O curso de Turismo foi chamado e alertado que os docentes com apenas especialização não poderiam permanecer no quadro; era uma exigência do MEC que os professores tivessem, no mínimo, mestrado.

Foi nesse período, em 1999, que a FAMECOS implantou, no seu Programa de pós-graduação, o doutorado, o que possibilitou aos docentes fazerem suas qualificações na universidade ou em outras instituições. A Unidade já tinha o curso de Mestrado em comunicação Social desde 1994.

Essa política da universidade acabou gerando mudanças no curso. Uma das mais importantes é que o Turismo passou a ser abordado de maneira mais científica. A professora Cleusa Scroferneker (11/06/2008) explica que, quando os professores vão fazer mestrado, doutorado, *não tem como passar imune, voltam com outras idéias, com outras possibilidades, outras leituras, então acabam imprimindo isso nas disciplinas e isso de certa forma, acaba desenvolvendo o curso.* O curso passou a ter uma outra concepção de Turismo, tanto que a produção aumentou.

Na mesma perspectiva, Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) diz que a qualificação docente em mestrado e doutorado foi muito rápida, *isso mexe muito com o curso, porque começa a haver uma cobrança interna dos professores, os professores começam a se cobrar, suas posturas, [...] alguns colegas começam a ficar um pouco, talvez inibidos, não sei, há uma cobrança, e os alunos vem e cobram, ah! porque você não fez doutorado!, faz o doutorado, porque sabem que vais trazer outras leituras de*

*mundo*. Alguns docentes do curso que não tinham e não fizeram mestrado, começaram a ser demitidos, *o grupo se desarticulou entraram pessoas novas, ai criaram-se grupos, no grupo. [...] (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008).*

Paralelamente a essa reordenação interna, há a concorrência externa dos novos cursos de Turismo, principalmente pelo preço. A redução da procura e do número de alunos deixou a instituição preocupada, o que pode ser observado no projeto de reformulação curricular: “A concorrência existe e necessita ser considerada, temos que buscar a excelência, renovando o Curso, sob pena de não acompanharmos a rapidez que caracteriza o setor turístico atual e de perdermos um espaço conquistado numa sólida história de 30 anos”. (PROJETO DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR, 2003)

Conforme APÊNDICE C, a procura pelo curso começou a se alterar a partir dos anos 1990. Em 1992, houve uma queda muito grande de inscritos no vestibular, e a redução acentuou-se a partir de 2001, quando o MEC facilitou o registro de novos cursos nas universidades, *não se tem mais todo aquele processo que se tinha antes, e as universidades vêem que é um curso, praticamente barato de montar, que na realidade não exige laboratórios, poucos custos de trabalho de campo [...]. (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)*

Para os narradores, as instituições de ensino superior, principalmente as privadas, cientes de que era um curso barato de se constituir em termos de proposta e a legislação facilitava, começam a abrir vários cursos de Turismo no interior do Rio Grande do Sul. De 1992 a 2010, foram criados 35 cursos, sendo 23 bacharelados, 4 deles a distância; 12 tecnólogos, 3 a distância.

INSTITUIÇÃO	MUNICÍPIO	ANO DE INÍCIO	SITUAÇÃO	GRAU
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS	Porto Alegre	1972	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL - ULBRA	Torres	1992	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS	Canela	1994	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC	Santa Cruz do Sul	1997	Reconhecido	Bacharelado
CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE - FEEVALE	Novo Hamburgo	1999	Reconhecido	Bacharelado
CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO - UNIFRA	Santa Maria	1999	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA - UNICRUZ	Cruz Alta	1999	Reconhecido	Bacharelado
CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA - IPA	Porto Alegre	2000	Reconhecido	Bacharelado
FACULDADES RIOGRANDENSES - FARGS	Porto Alegre	2000	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS	Bento Gonçalves	2000	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL	Pelotas	2000	Reconhecido	Bacharelado
FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA - FACCAT	Taquara	2001	Autorizado	Bacharelado
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR CENECISTA DE FARROUPILHA - CESF	Farroupilha	2002	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL - ULBRA	Canoas	2003	Autorizado	Tecnológico
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE - UNILASALLE	Canoas	2004	Autorizado	Bacharelado
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES - UNIVATES	Lajeado	2004	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO - UPF	Casca	2004	Reconhecido	Tecnológico
UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL - ULBRA	Guaíba	2004	Autorizado	Bacharelado
UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ - UNOPAR	Alegrete, Butiá, Cachoeirinha, Camaquã, Canguçu, Canoas, Carazinho, Caxias do Sul, Crissiumal, Cruz Alta, Erechim, Frederico Westphalen, Gramado, Guaíba, Ibirubá, Ijuí, Lagoa Vermelha, Lajeado, Morro Redondo, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Rosário do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa, Santiago, São Lourenço do Sul, São Luiz Gonzaga, Três de Maio, Três Passos, Tupanciretã, Uruguiana e Veranópolis	2004	Reconhecido	Tecnológico – Educação a Distância
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA - UCB	Porto Alegre	2005	Autorizado	Bacharelado - Educação a Distância
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS - UCPEL	Pelotas	2005	Autorizado	Bacharelado
FACULDADE DE GETÚLIO VARGAS - FACULDADE IDEAU	Getúlio Vargas	2006	Autorizado	Bacharelado
FACULDADE DE INTEGRAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR DO CONE SUL - FISUL	Garibaldi	2006	Reconhecido	Tecnológico
UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA - UNISUL	Caxias do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Santa Maria e Santo Ângelo	2006	Reconhecido	Bacharelado - Educação a Distância
FACULDADE ANGLO-AMERICANO DE CAXIAS DO SUL - FAACS	Caxias do Sul	2007	Autorizado	Bacharelado
FACULDADE CENECISTA DE BENTO GONÇALVES - FACEBG	Bento Gonçalves	2007	Autorizado	Bacharelado
INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR COC	Porto Alegre	2007	Autorizado	Bacharelado - Educação a Distância
INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR COC	Santa Maria	2007	Autorizado	Bacharelado - Educação a Distância
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA - UCB	Porto Alegre	2007	Autorizado	Tecnológico – Educação a Distância
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS - UCPEL	Pelotas	2007	Autorizado	Tecnológico
FACULDADE DE TECNOLOGIA TECBRASIL - FTECBRASIL	Caxias do Sul	2008	Autorizado	Tecnológico
FACULDADE ANGLO-AMERICANO DE PASSO FUNDO - FAAPF	Passo Fundo	2009	Autorizado	Bacharelado
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM	Silveira Martins	2009	Autorizado	Tecnológico
UNIVERSIDADE ANHANGUERA - UNIDERP	Bagé, Cachoeira do Sul, Caxias do Sul, Erechim, Faxinal do Soturno, Gravataí, Ijuí, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Bárbara do Sul, Santa Maria e Santana do Livramento	2010	Autorizado	Tecnológico – Educação a Distância
FACULDADE DE TECNOLOGIA LA SALLE - ESTRELA - FACSALLE	Estrela	Não Disponível	Não foram encontrados dados legais	Tecnológico
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA	Jaguarão	Não Disponível	Não foram encontrados dados legais	Tecnológico
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS	Porto Alegre	Não Disponível	Não foram encontrados dados legais	Tecnológico

Quadro 13 – Cursos de Turismo no Rio Grande do Sul

Fonte: <http://emec.mec.gov.br/> (17/03/2010)

A expansão dos cursos de Bacharelado no RS se deu, portanto, a partir do final dos anos 1990 e 2000. Atualmente, os que estão sendo criados são, na maioria, Tecnológicos, e, muitos, na modalidade de educação a distância.

Atualmente, conforme o INEP, o Rio Grande do Sul possui 30 instituições de Ensino Superior que oferecem cursos de Turismo. Estas instituições, geralmente particulares, estão distribuídas pelo interior do Estado, formando uma rede em expansão<sup>147</sup>, de caráter diversificado.

Para Beni, o próprio Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PMNT<sup>148</sup> foi responsável pela criação de muitas faculdades. Com a interiorização e a conscientização do turismo em todo território nacional, todo mundo achou que turismo era um grande negócio, campo de trabalho e atividade profissional, se esquecendo que é um curso complexo que envolve sempre a inter e a transdisciplinaridade (PANOSSO NETTO, 2005).

Grande parte desses cursos tomou por base o currículo da PUCRS, um aspecto lembrado com muito orgulho pelos narradores. Segundo Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), *pode ser que não se mantenham mais, não sei, mas na época a gente fez até um estudo, acho que foi em 1995, por ai, mas era o modelo PUCRS, que a gente brincava que era o modelinho Chanel PUCRS.* (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008) O professor explica que talvez isso tenha ocorrido em função de que foram os ex-alunos da PUCRS que criaram esses cursos no interior do estado. Berenice Mércio Pereira (13/05/2008) também destaca que o grande mérito do Curso da PUCRS foi ter servido de base para todos os demais cursos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e que muitos desses cursos são coordenados por ex-alunos da PUCRS.

Em 2001, o Ministério da Educação, através da Portaria N° 1.945, de 29 de agosto de 2001, estabeleceu prazos para a solicitação de reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores. Assim, todos os cursos superiores integrantes do Sistema Federal de Ensino reconhecidos por prazo indeterminado deveriam solicitar, no prazo de 30 (trinta) dias a contar da publicação daquela Portaria, abertura de processo de renovação de reconhecimento, nos termos do Decreto n° 3.860, de 9 de julho de

---

<sup>147</sup> Em maio de 2004, o Ministro da Educação decretou a suspensão por 180 dias da abertura e reconhecimento de novos cursos, em todas as áreas, como forma de rever critérios de qualidade estabelecidos para a abertura desses cursos face ao crescente número já existente e da necessidade de uma constante avaliação destas IES e da forma como tem ocorrido.

<sup>148</sup> O Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) foi implantado no Brasil entre os anos de 1994 e 2001. Foi elaborado pela EMBRATUR, tendo a Organização Mundial de Turismo – OMT como consultora, para orientar o planejamento da atividade turística em âmbito municipal.



2001. É importante salientar que o curso de Turismo da PUCRS nunca passou pelo processo de renovação de reconhecimento.

Em 2002, o curso completou 30 anos. Para comemorar, foram realizadas diversas programações, entre elas, homenagens, palestras, divulgação e exposições.

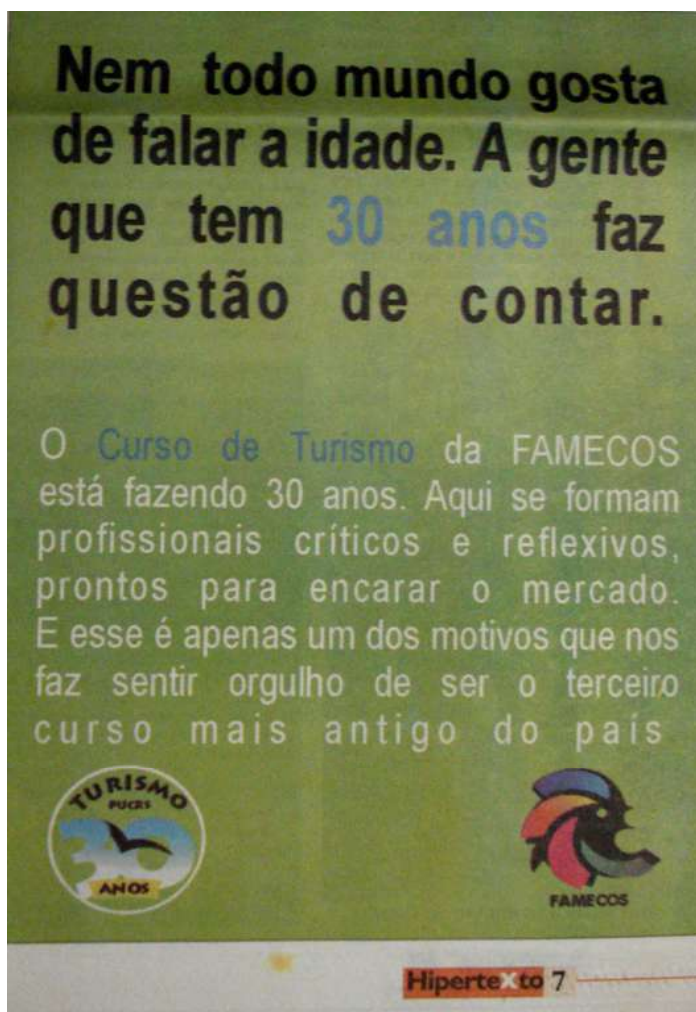


Ilustração 40 – Jornal Hipertexto, 2002, p. 7

Naquele momento, tinha, como proposta, formar profissionais críticos e reflexivos. Prevendo uma nova mudança em seu currículo, passando por várias dificuldades e ciente da necessidade de avançar na produção e difusão do conhecimento na área, o curso encontra-se em um impasse – como aliar a tradição às atuais exigências de mudanças.

Enquanto o Curso de Turismo buscava alternativas para minimizar os problemas pelos quais vinha passando, a FAMECOS iniciou um estudo para a criação de um curso de Hotelaria. Conforme Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), o curso de Hotelaria nasceu de uma idéia anterior, a qual estimulava a criação de um hotel albergue para receber professores na Universidade. Dentro do Curso de Turismo, pensavam na possibilidade de oferecer algumas especializações de gestão na área da hotelaria, mas,

por pesquisas sabiam que existia uma demanda momentânea em Porto Alegre por Hotelaria, e que isso não iria se manter.

Contudo, o Curso de Bacharelado em Hotelaria foi criado pelo parecer do Conselho Universitário nº 07/03, na sessão nº 02/03 de 16/10/03 e, posteriormente, reconhecido pela Portaria nº 1030, de 7 de dezembro de 2006, publicada no Diário Oficial da União em 8 de dezembro de 2006. Demorou alguns anos (de 2000 a 2004) para se efetivar e, apesar do alto investimento da instituição, não teve a procura que se imaginava. O primeiro coordenador do Curso de Hotelaria foi o professor Marcelo Azambuja.

Jerônimo Carlos Santos Braga (11/11/2008) conta uma versão um pouco diferente sobre a ideia do Curso de Hotelaria, a qual teria surgido das discussões e nas reuniões departamentais com os professores de Turismo. Explica que Porto Alegre estava sendo, nesse período, a terceira cidade mais procurada para turismo de negócios. Muitos hotéis nascendo e uma grande previsão da necessidade desses estabelecimentos. Então, se fazia necessário um maior conhecimento nessa área. Surgiu daí a necessidade de um curso especializado, o curso de Hotelaria, o qual teve todo o apoio da Universidade, criando, inclusive, um Laboratório de Hotelaria.

Conforme as narrativas, o projeto do Curso de Hotelaria foi feito por professores que tinham formação na área. Basicamente, o professor Marcelo Azambuja montou o curso. Houve um grupo de professores que julgava interessante que esse curso fosse criado, porém muitos outros achavam que foi um equívoco, porque acabou dividindo os alunos.

Como o Curso de Turismo estava lotado na FAMECOS, a Hotelaria acabou ficando na mesma unidade. Teixeira, Fletcher e Westlake (2000) destacam, em seu estudo, as diferenças entre os cursos de turismo e hotelaria:

Eu acredito que hotelaria é uma das partes do turismo, que é o ambiente maior, sendo hotelaria um setor dele. Existem muitos pontos em comum, muita transferência de uma área para outra. Mas a cultura dos dois é bem diferente, pois hotelaria originou-se de ciências aplicadas, tipo economia doméstica e nutrição, enquanto turismo originou-se de ciências como antropologia, geografia, sociologia e economia (T. Barum, Strathclyde University). (TEIXEIRA, FLETCHER E WESTLAKE, 2000, p. 20)

Em 2003, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo<sup>149</sup> foram aprovadas pelo Parecer CNE/CES nº 288/03.

---

<sup>149</sup> A Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (ABBTUR) congrega os profissionais em turismo no Brasil e a Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria (ABDETH), os responsáveis pelos cursos de turismo. As associações realizam encontros anuais e discutem questões referentes à formação profissional em turismo no Brasil. Em 1996, ocorreu o Encontro Nacional de

Na FAMECOS, em 2004, também foram implantados novos projetos pedagógicos das Habilitações (Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda) do Curso de Comunicação Social, bem como a criação de dois novos cursos: Bacharel em Hotelaria<sup>150</sup> e Tecnólogo em Produção Audiovisual – Cinema e Vídeo.

Em 2005, o Curso Superior de Turismo passou a denominar-se Curso de Turismo. Essa alteração foi justificada pelo fato de que há três décadas, no Rio Grande do Sul, os cursos de "preparação de mão-de-obra" para a área eram oferecidos por instituições como o SENAC e o Touring Club. Em função da proposta de cunho acadêmico, a Universidade optou pela denominação de Curso Superior de Turismo, mas posteriormente, não se justificava tal titulação.

No dia 09 de dezembro de 2005, tomou posse a nova diretora da Faculdade de Comunicação Social, professora Máгда Rodrigues da Cunha, e, como coordenadora do Departamento de Turismo, a professora Marutschka Moesch. No ano seguinte, o professor Luis Gustavo Silva assumiu a coordenação do curso de Hotelaria.

Essa nova coordenação enfrentou um momento de dificuldades – reduzido número de alunos e, desde 2003, não era mais oferecido no vestibular de inverno da PUCRS, por falta de procura. Uma fala define esse momento: *estávamos com uma*

Bacharéis e Estudantes de Turismo (Enbetur), realizado pela ABBTUR em São Paulo, e vários encontros da ABDETH, com o intuito de discutir as novas diretrizes curriculares a serem apreciadas pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) com base na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996.

Em 1996, os cursos de turismo no Brasil estavam sob a responsabilidade da Comissão de Especialistas em Administração, por intermédio do seu presidente, o bacharel Rui Otávio Bernardes de Andrade, acumulando cargo de presidente do Conselho Federal de Administração (CFA), que convidou o Prof. Luiz Gonzaga Godoi Trigo para participar.

No ano 2000, por meio da Portaria nº1.518/00, foi criada a Comissão de Especialistas de Ensino de Turismo. A partir dessa portaria, os cursos superiores de turismo e hotelaria deixaram de ser competência da área de administração. Os bacharéis em Turismo nomeados foram: Luiz Gonzaga Godoi Trigo, Miriam Rejowski e Miguel Bahl.

As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo foram aprovadas pelo Parecer CNE/CES nº 288/03 e constituem um conjunto de indicações que devem direcionar o processo educacional do ensino superior, orientando o planejamento acadêmico dos cursos de graduação. Caracterizam-se pela flexibilidade, buscando romper com o modelo rígido de ensino, trazendo o Projeto Pedagógico como base de gestão acadêmico-administrativa de cada curso e fornecendo os elementos das bases filosóficas, conceituais, políticas e metodológicas que definem as competências e habilidades essenciais à formação dos profissionais.

<sup>150</sup> No dia 12 de julho de 2000, os professores Abdon Barretto Filho, Diney Adriana Nogueira de Oliveira e Marcelo Schenk de Azambuja encaminham ao diretor da FAMECOS, Jerônimo Carlos dos Santos Braga, o estudo para implantação do Curso de Hotelaria nesta Universidade. Nesta etapa dos estudos surgem dúvidas quanto à constituição do curso, havia duas possibilidades: o Bacharel em Hotelaria (habilidades teóricas, práticas e de negócios) com 3.000 horas no mínimo ou o Tecnólogo em Hotelaria (ênfase em habilidades práticas) com o mínimo de 2.300 horas. A modalidade que seria implantada coube às instâncias superiores, que optaram pelo Bacharelado.

*espada em cima da cabeça*. O Curso tentava retomar algumas iniciativas que haviam sido interrompidas anos atrás.

A professora Marutschka aceitou a coordenação no intuito de retomar aquilo que entendiam ser uma diferenciação do curso – um aporte acadêmico, com ênfase no planejamento e que os alunos saíssem com olhar mais reflexivo. A PUCRS adotava a política de ter menos professores com maior carga horária para que fossem mais engajados, mais disponíveis, e isso aconteceu também no Curso de Turismo, alguns professores saíram ou se aposentaram.

Para Mário Carlos Beni (06/05/2009) houve um momento de incertezas no Curso de Turismo da PUCRS; ele não manteve a produção que vinha desenvolvendo, houve um hiato, e, quando a professora Marutschka assumiu a coordenação, buscou, já nas primeiras semanas, estabelecer convênio com a USP para tentar um mestrado inter-unidades, mas, logo em seguida, o próprio programa da USP foi suspenso, infelizmente, pela aposentadoria de professores<sup>151</sup>. Havia toda uma expectativa dos narradores de que aquele seria o momento de o curso retomar o que havia sido perdido anos atrás, quando estava em ritmo ascendente<sup>152</sup>.

Nesse ano de 2006, a Universidade solicitou um novo projeto para os cursos de Turismo e de Hotelaria. A proposta foi de unificação dos dois cursos com uma terminalidade em Hospitalidade. Desse modo, o curso passou, novamente, por uma adaptação curricular<sup>153</sup>, buscando a essência do turismólogo na área do planejamento e um maior envolvimento com a comunidade. O grupo de professores estava sentindo uma defasagem do currículo, uma necessidade de retomada, então reestruturaram o curso, tendo como proposta pedagógica uma fundamentação baseada nas novas áreas de atuação do turismólogo, e revendo as disciplinas do currículo. Se dependesse do professor Leandro de Lemos (24/11/2008), retornaria a ideia de transformar o curso de Turismo em um centro de pesquisa, de desenvolvimento de projetos, de inovação, que pudesse responder às necessidades do Rio Grande do Sul.

Essa adaptação curricular foi proposta para o segundo semestre de 2006, objetivando a retenção de um maior número de alunos matriculados no desenrolar dos

---

<sup>151</sup> *Eu acho que retorna no próximo ano, decorrido o tempo e a produção desse novo corpo docente, e aí sim eu acho que a PUCRS pode retomar aquilo que havia imaginado que era um convênio com a possibilidade de um curso inter-unidades, até pelo seu próprio curso.* (Mário Carlos Beni, 06/05/2009)

<sup>152</sup> *Porém a coordenadora lamenta: Mas eu tenho que ser muito honesta, por maior liderança que eu tenha tentado ser, eu ter sido indicada ou referendada a escolha do meu nome por ser liderança, eu não tive a habilidade, a competência dessa unidade que já houve antes no grupo.* (Marutschka Martini Moesch, 06/05/2009)

<sup>153</sup> A Comissão Organizadora dessa adaptação foi composta pelos professores: Marutschka Martini Moesch, Antonio Carlos Castrogiovanni, Luis Gustavo Silva e Susana Gastal.

semestres. Teve como objetivos: reconstruir as competências necessárias aos egressos do Curso de Turismo, dentro de paradigmas de um conhecimento inovador, articulando teorias e práticas; reordenar as disciplinas, por níveis, antecipando as essencialidades no aprendizado da área, de forma a criar e aprofundar vínculos profissionais desde o início da formação acadêmica; minimizar a evasão entre o segundo e terceiro níveis, facilitando o ingresso dos alunos no mercado de trabalho e permitindo sua sustentação econômica, em consequência de saberes já adquiridos nos primeiros níveis acadêmicos; incentivar a conclusão do curso no prazo estipulado. A justificativa para tal adaptação foi a de construir uma nova compreensão do real, levando o educando a vê-lo e vivenciá-lo na sua totalidade transdisciplinar – que só é apreendida em retrototalidades permanentes –, permitindo retomar o caminho da utopia. (PROJETO DE ADAPTAÇÃO CURRICULAR, 2006). Essa alteração curricular nunca foi aprovada.

No que se refere à estrutura curricular dos cursos de Graduação em Turismo, Ansarah (2002) avalia como importante a questão da “reflexão multidisciplinar” com aplicação interdisciplinar:

... os conteúdos programáticos das disciplinas componentes da estrutura curricular dos cursos de turismo devem abranger aspectos econômicos, sociológicos, culturais, ambientais, geográficos, políticos, legais, tecnológicos, administrativos, históricos, do produto turístico, institucionais e muitos outros, com integração e coerência, proporcionando enfoques interdisciplinares e sistêmicos. (ANSARAH, 2002, p. 24)

Quando assumiu a coordenação, Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), tinha como uma de suas metas retomar o trabalho de extensão, base da formação do turismólogo e que o curso entendia como essencial. O objetivo do Curso de Turismo, segundo as narrativas, seria de formar bacharéis em Turismo, trabalhando no processo de planejamento e organização do fenômeno turístico, além de formá-lo enquanto cidadão (Abdon Barretto Filho, 11/11/2008). Para Berenice Mércio Pereira (13/05/2008), o compromisso do curso é formar profissionais críticos, com uma visão de cidadania, de inclusão social, um profissional responsável, que pense, que empreenda e saiba gerir com responsabilidade; que seja empreendedor mas não mercantilista.

Outro fato importante foi quando as coordenações do Curso de Turismo e do curso de Hotelaria transferiram-se para o Laboratório de Hotelaria<sup>154</sup> a fim de unirem forças. Durante vários anos, as aulas do Curso de Turismo eram ministradas em diversos prédios espalhados pela PUCRS. Isso era uma reclamação constante dos

---

<sup>154</sup> No dia 28 de abril de 2005 foi inaugurado o Laboratório de Hospedagem da FAMECOS. O Laboratório localizava-se no andar térreo do prédio 41 e, posteriormente, foi denominado Laboratório de Hospitalidade.

alunos. A partir de 2006, mesmo que o curso Turismo tenha permanecido vinculado à FAMECOS, não estava fisicamente dentro da FAMECOS, mas no Laboratório de Hotelaria, possuindo uma vinculação administrativa com a Faculdade.

## 6.2 Os Alunos e a hospitalidade do Curso

Os alunos do curso, nos anos de 2000, mantinham as características dos anteriores: eram jovens e a maioria do sexo feminino. Um grande percentual fazia parte do Programa Universidade para Todos (ProUni)<sup>155</sup>.

Conforme Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), o Curso de Turismo era procurado por dois tipos de alunos: um que queria fazer Turismo, que chegava com uma leitura sobre Turismo; e outros que iam fazer Turismo, porque não sabiam o que era Turismo, não sabiam por que vinham, acham que era uma área nova.

Nas narrativas, diversas vezes os docentes comparavam os alunos do curso nos diferentes períodos. Marutschka Martini Moesch (06/05/2009) explica que, como os saberes são interdisciplinares, há alunos mais politizados que outros, porque discutem globalização, crise, cidadania, desenvolvimento endógeno e exógeno, pobreza, enriquecimento, meio ambiente, realiza saídas de campo. *Há uma avaliação dos professores que atuam menos no nosso curso e que são de outros cursos, da qualidade desse aluno, da qualidade como crítico, como aluno que lê mais, como aluno que estuda mais que muitos cursos* (Marutschka Martini Moesch, 06/05/2009).

Berenice Mércio Pereira (13/05/2008) salienta que uma característica do Curso era ser hospitaleiro, sempre acolheu muito bem o aluno, tinha muito respeito e uma relação muito próxima com ele.

Os ex-alunos frequentemente reforçam o empenho do corpo docente do curso: Giana Pereira Borges (22/01/2009) percebe que os professores, mesmo quando não estavam ministrando disciplina, acompanhavam os alunos, se interessavam pelo que estavam fazendo, tinham todo um carinho. Havia um comprometimento dos professores com o Curso e com a Universidade.

Marutschka Martini Moesch (06/05/2009) também ressalta a proximidade entre professores e alunos. *Acredito, cada vez mais que o tema do turismo, ele permite isso até porque o que se faz é uma construção de relacionamento. Então, a gente é sempre muito próximo*. Essa proximidade se dá tanto na questão intelectual, como na vida pessoal. A professora acredita que as experiências vivenciadas no curso aproximavam

---

<sup>155</sup> Tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior.

docentes e alunos que permaneciam muito tempo próximos, compartilhando, dormindo e realizando todas as refeições juntos; isso aproxima.

Esses vínculos afetivos, nas relações entre professor e aluno, são considerados importantes. Muitas vezes a qualidade do vínculo com o professor acabava influenciando diretamente no interesse do aluno pela disciplina, pela área e pela profissão. Assim, alguns ex-alunos enfatizam que simplesmente não poderiam ser alunos relapsos, porque estabeleciam um outro canal de comunicação, além da sala de aula. Entretanto, não se omitiram em comentar, sem citar nomes, que havia também professores individualistas, que ficavam somente na exposição de suas aulas e que acabavam desmotivando os alunos. Nesse ambiente de constantes aproximações e trocas afetivas, era importante a troca de vivências, experiências. Mauricio Schaidhauer (23/01/2009) lembra que, durante as aulas, as histórias que os docentes contavam, as vivências que possuíam, as discussões que faziam, criavam oportunidades de ampliar a visão de mundo. Também destacam que, mesmo depois de formados, sempre mantiveram vínculo com professores, seja na sua atuação profissional, na pós-graduação, ou, simplesmente, durante sua trajetória de vida.

Muitos dos professores do Curso, por serem oriundos de outras áreas do conhecimento, da geografia, da sociologia, do jornalismo, entre outros, tiveram que construir, a partir daí, um conhecimento turístico. Isso fez com que esse grupo de professores se unisse e construísse uma identidade,

*é um grupo que tem uma identidade, é um grupo que estabelece acordos para que o curso seja qualificado. Há um compromisso eu diria, muito maior e um amor pelo que se faz, acho que essa é a diferença desse curso, e eu posso dizer que, inclusive quando eu trabalhei em Santa Maria, também com o curso de graduação, eu senti o mesmo empenho dos professores nessa construção. Então, me parece que o tema do turismo, o saber turístico, ele acaba quebrando essa barreira disciplinar e fazendo com que a gente se construa como um grupo coletivo e solidário e isso os alunos sentem e então se reproduz uma relação. (Marutschka Martini Moesch, 06/05/2009)*

A ex-aluna Giana Pereira Borges (22/01/2009) se considera “filha da PUCRS”, *a gente fala eu sou filha da PUCRS, falo isso com orgulho*. Conta, em tom de brincadeira, *Turismo é uma cachaça, se tu passar na faculdade, do segundo semestre, te identificou com aquilo, e melhor ainda se conseguir um estágio ou um trabalho e gostar, tu não larga nunca mais*.

Para o professor Mário Beni (06/05/2009) o turismo interno, doméstico, estava crescendo no país, absorvendo mão-de-obra e retomando uma perspectiva de

aproveitamento do bacharel nestas novas oportunidades. *Mas, exatamente por ter passado um período longo onde turismólogos foram alocados em outras atividades acabou criando um desgaste, se criou um hiato difícil, que comprometeu a formação e a capacitação em si, as pessoas passaram a desacreditar, e com muita razão em alguns casos, porque eram maus profissionais que estavam no mercado.* Para o professor, os cursos de Turismo, em nível de graduação deixaram muito a desejar, no entanto, salienta que isso não é exclusivo do Turismo.

### **6.3 A Pós-graduação em Turismo na PUCRS e o Turismo enquanto Área de Conhecimento**

A pós-graduação foi ponto importante no caminho pelo qual o curso trilhava, confirmando o processo de cientificidade do estudo do turismo, conforme proposto por Jafari (1992).

Conforme já abordamos no capítulo 5, no final da década de 1970, a PUCRS iniciou o curso de especialização em Lazer e Turismo, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Cleusa Maria Andrade Scroferneker, mas o objetivo era qualificar o corpo docente da instituição. Nos anos de 1997, 1998, 1999 foi oferecido o curso de Especialização em Produção e Gestão do Turismo (Parecer nº 15/96, 05/05/96), sob a coordenação da professora Susana Gastal. Constatamos que houve um esforço do curso no sentido de qualificar o profissional da área, oferecendo a oportunidade de continuidade dos estudos em turismo.

Norma Martini Moesch (06/04/2010) diz que o curso de pós-graduação *lato sensu* em Turismo foi o primeiro projeto de curso de pós-graduação encaminhado à FAMECOS, *razão pela qual causou grande impacto a falta de modéstia do curso de Turismo em querer criar um curso de pós-graduação*, quando os demais cursos da FAMECOS ainda não haviam se mobilizado nesse sentido. O projeto de curso de especialização levou dois anos e meio para ser aprovado, para que desse tempo para que os demais cursos elaborassem o seus.

Alguns narradores qualificam esse nível de especialização como um momento interessante do curso de Turismo. Na leitura de Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), a especialização possibilitou a vinda de pessoas de fora para ministrar disciplinas, tais como o professor Mário Beni, a Taís Russo, o Wilson Bueno da Costa, que colaboraram para que os docentes do Curso de Turismo fizessem uma reflexão, começassem a escrever, a produzir conhecimento nessa área.



Posteriormente, o curso de Especialização Comunicação, Gestão e Marketing Turístico, foi oferecido em duas edições, 2004 e 2005, tendo um enfoque mais vinculado a marketing e negócios.

Mário Carlos Beni (06/05/2009) salienta que a PUCRS lançou, quase concomitante com a USP, o primeiro *Lato Sensu*, com professores da USP dando aulas na PUCRS e os da PUCRS, na USP. A partir desse relacionamento, surgiu a ideia do curso de pós-graduação *Strito Sensu*. Participaram da elaboração desse projeto, juntamente com as professoras Susana, Norma e Marutschka,

*naquele período nós nos empolgamos e achávamos, a USP já tinha implantado o seu pós-graduação Strito Sensu em nível de mestrado e doutorado. Também a UNIVALI que foi posterior, [...] nós imaginávamos que era a hora da PUCRS, fizemos o projeto, a professora Norma, a professora Susana e eu apresentamos o projeto, que durante algum tempo tramitou e enfim, era para ter nascido na PUCRS, mas como houve resistências de toda ordem. (Mário Carlos Beni, 06/05/2009)*

Para a professora Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), quando se mudou o enfoque do Curso na reforma curricular de 2003/2004, perdeu-se o viés de um aprofundamento mais teórico da área e, por isso, talvez, não tenham garantido o mestrado, *porque não se tinha uma base de produção de conhecimento, de pesquisa, e o mestrado não tinha como ser alimentado.*

Inicialmente, a proposta era que a área do Turismo se integrasse ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social<sup>156</sup> e que esse Programa expandisse suas atividades para contemplar a área. Em 2001, foi apresentado um projeto de Curso de Mestrado Profissional em Turismo, cujo relator foi o professor Thadeu Weber. Seu parecer recomendava que a aprovação fosse condicionada à conclusão do Doutorado de 03 professores e à alteração do regime de trabalho para 40 horas desses docentes. O projeto foi aprovado, sendo homologado por unanimidade pela Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação em 22/10/2001.

Em dezembro de 2002, durante a tramitação do projeto, como a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, se mostrava titubeante em relação ao encaminhamento de processos e consequente aprovação de propostas em torno de Mestrados Profissionais, realizou-se um reexame da situação. Também havia resistência dos consultores da CAPES em aceitarem a inclusão do curso de Turismo no

---

<sup>156</sup> O Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRSRS (Mestrado) nasceu em 1994 e o Doutorado surgiu em 1999.

âmbito os Programas de Comunicação, dando-se preferência à constituição destes novos cursos em Programas, junto à Câmara de Administração.

Tudo isso levou a uma nova proposta de criação de um Programa de Mestrado Acadêmico, “Mestrado em Gestão e Marketing Turístico”, em um Programa de Pós-Graduação em Turismo. Proposta que também não se efetivou.

Em 2005, retomou-se a idéia de propor um curso de Mestrado Profissional na área de Turismo, que, nesse período, era uma tendência da CAPES. A professora Marutschka Moesch foi convidada a assumir quarenta horas<sup>157</sup> para desenvolver esse projeto, que foi apresentado à Pró-reitoria de Pós-graduação. O projeto estava se encaminhando para ser implantado, quando houve mudança de Reitoria, e a gestão seguinte fez uma nova avaliação sobre os mestrados, e o curso acabou não se efetivando.

Uma das exigências da CAPES para abertura de mestrado era que o corpo docente tivesse dedicação exclusiva e o Curso de Turismo teve seu primeiro professor com quarenta horas em 2005. Essa sempre foi uma reivindicação do curso.

Para Cleusa Scroferneker (11/06/2008), a implantação de um mestrado apresentava dificuldades, embora a universidade apostasse nesse Projeto. O mestrado profissional tinha alguns entraves, porque não exigia dedicação, tinha que ser à noite, mudava a qualidade do trabalho. Um mestrado acadêmico não tinha massa crítica suficiente para sua constituição, e exigia profissionais com titulação na área, *e quem tem titulação na área sou eu, a Claudia Peixoto de Moura e o Leandro de Lemos, que temos Turismo no nome dos nossos cursos*<sup>158</sup>, *depois têm vários professores que fizeram doutorado em outras áreas com interface com o Turismo*<sup>159</sup>.

Desse modo, foram elaborados diversos projetos de Mestrado, acadêmico, profissional, mas, a cada novo projeto, novas dificuldades e entraves se apresentavam. Inicialmente, não possuíam doutores suficientes para ter um Mestrado, depois, doutores com 40 horas e dedicação exclusiva precisavam ter produção teórica, e, assim por diante, sempre surgiam novas exigências, e o resultado, foi que o curso nunca se efetivou.

Marutschka Martini Moesch (11/09/2008) acredita, inclusive, que o *retrocesso do curso de Turismo*, decorreu do fato de que não conseguiram manter o crescimento

<sup>157</sup> Foi a primeira e única professora do Curso de Turismo a ter regime de trabalho de 40 horas.

<sup>158</sup> Os três professores cursaram o Doutorado em Ciências da Comunicação, na área de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, pela Escola de Comunicações e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo – USP.

<sup>159</sup> Posteriormente, a professora Marutschka Martini Moesch também cursou esse Programa no seu Doutorado.

que vinha ocorrendo na área e que culminaria na abertura do Mestrado. O que acabou acontecendo foi que a UCS<sup>160</sup>, em 2001, criou o mestrado em Turismo. Alguns dos docentes do curso de Turismo da PUCRS participaram ou participam do Curso de Mestrado da UCS, Susana Gastal, Marutschka Martini Moesch, Leandro de Lemos.

Mário Carlos Beni (06/05/2009) lembra que o que ocorreu foi que a professora Norma se afastou da PUCRS e assumiu a coordenação do Curso de Turismo da UCS, no campus de Canela, oferecendo, também, os cursos *Lato Sensu* e o Mestrado em Turismo.

Leandro de Lemos (24/11/2008) destaca que, no resto do Brasil, o Turismo começou a crescer na área de pesquisa, nas grandes universidades como a USP, na FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, que têm hoje um grupo de pesquisa na área, *e nós acabamos ficando, perdemos o trem da história, nós que de certa forma provocamos no Brasil um movimento de pesquisa de Turismo, de produção científica, acabamos ficando de fora do trem da história, acho que o Turismo evoluiu muito na sua área de pesquisa no Brasil, mas a PUCRS optou por não entrar nessa caminhada, e a gente perdeu muitas oportunidades*. O professor diz que até hoje está tentando montar um Observatório de Turismo, pois há verbas, mas ainda não se efetivou.

A professora Marutschka Martini Moesch (11/09/2008) lembra que o que mantém os mestrados são as graduações, *nós ficamos prejudicados também por uma crise que o curso teve em número de alunos, o último decréscimo foi muito grande, então tudo isso marcou um contexto que freou o desenvolvimento, ou a implantação do mestrado. Acho que isso foi uma questão bem conjuntural do momento*.

Beni, reportando-se ao divisor de águas, diz que aquelas instituições que seguiram o modelo da Anhembi-Morumbi, estão tentando há muito tempo, mas até hoje não têm o curso de mestrado, porque não conseguiram formar massa crítica de pesquisa para consolidar o curso. Ao passo que o Sul, que seguiu a orientação da USP, principalmente a PUCRS de Porto Alegre, a Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI<sup>161</sup> e a Universidade de Caxias do Sul – UCS, já vêm se destacando como centros de excelência em pesquisa e pós-graduação em turismo (PANOSSO NETTO, 2005).

---

<sup>160</sup> Norma Martini Moesch (06/04/2010) explica que quando saiu da PUCRS, passou a se dedicar a UCS, e como não havia conseguido aprovação do projeto de mestrado em Turismo, que havia idealizado na PUCRS, entendeu que esse projeto não deveria morrer. Então, conversou com o professor Mario Beni e o convidou para migrar para a UCS a fim de viabilizar o projeto de mestrado. Trabalharam no projeto Mário Beni, Mirian Rejowski e Margarida Barretto.

<sup>161</sup> O Curso de Mestrado em Turismo e Hotelaria teve início em agosto de 1997. A UNIVALI possui Doutorado em Administração e Turismo, desde abril de 2007.

Com a consolidação de cursos de Pós-Graduação, a publicação editorial nacional sobre Turismo ampliou-se significativamente. No Curso de Turismo da PUCRS, além dos avanços na qualificação do corpo docente, outro aspecto a ser considerado foi o aumento da produção intelectual do corpo docente e a preocupação de divulgar a produção científica, como parte da institucionalização da pesquisa.

Nesse período, o corpo docente começou a discutir, por iniciativa do professor Antonio Carlos Castrogiovanni, a necessidade de organizarem um livro que registrasse as discussões que estavam sendo realizadas,

*e nós começamos a fazer, no princípio de maneira muito singela, porque era uma preocupação tirar o hábito do xerox, vamos colocar nossos textos em livro. Produzimos dois livros, o Nove Propostas, e depois Cidade: sites de excitação, que foram livros cooperativados, nós pagamos a edição do livro e posteriormente os dois livros foram reeditados por editoras, um a editora da PUCRS e o outro a Contexto, compram os livros, compram no sentido de assumirem os livros e fazem edições oficiais, digamos assim desses livros. (Susana de Araujo Gastal, 14/07/2008).*

A professora Susana Gastal complementa dizendo que foi um processo muito interessante, porque inseriu o professor na prática de pensar. A partir disso, alguns professores começaram a construir toda uma teorização em torno do Turismo. Os docentes percebiam que uma cientificização do Turismo era necessária, fenômeno que estava acontecendo no mundo inteiro, e começaram a interagir com pesquisadores de outras universidades, tais como Jafar Jafari, Jost Krippendorf, Lionel Punzo, que começaram a criar uma rede com suas pesquisas,

*eu obviamente sobre economia do Turismo, que é muito carente, ainda é, porque tradicionalmente os economistas aplicam a teoria econômica ao Turismo e a minha visão sempre foi distinta, de enxergar no Turismo uma economia própria, com suas especificidades, sua distinção, as teorias tradicionais da economia não se aplicavam, então cada um de nós, com a sua abordagem, com suas visões, via no Turismo a necessidade e oportunidades de pesquisas e nós começamos a nos movimentar nesse sentido, a publicar, a escrever livros, a escrever artigos, a participar de congressos, de seminários, sempre pilhados pela Norma, sempre provocados, estimulados e motivados pela Norma, porque ela abriu muitas oportunidades para nós todos no Brasil, ai foi criando um corpo de conhecimento ali, a tal ponto que eu me lembro que os alunos do interior vinham estudar aqui, porque os nossos livros eram utilizados nas faculdades do interior, os nossos artigos, e eles diziam que é melhor estudar com os originais, do que estudar com quem esta reproduzindo o conhecimento, então tinha uma procura muito*

*grande pelo Curso de Turismo quando ele se vocacionou para essa área mais científica, de pesquisa* (Leandro Antonio de Lemos, 24/11/2008).

Antonio Carlos Castrogiovanni, (03/11/2008) recorda que há alguns anos atrás, uma aluna veio de Cruz Alta para cursar Turismo na PUCRS, e o professor questionou, *por que tu não fizesse em Cruz Alta o curso de Turismo?*, pois existia o curso de Turismo em Cruz Alta, e a aluna respondeu *ah, eu disse para o meu pai que eu não quero estudar onde se lêem livros, quero estudar onde se escrevem livros*. O professor achou bastante interessante, porque o corpo docente estava produzindo bastante.

O professor Abdon Barretto Filho (11/11/2008) salienta que *a marca PUCRS, é inconfundível, 60 anos, já dá um diferencial muito grande ao Curso*. Também ressalta como importantes para o posicionamento do Curso, as realizações durante o percurso. É um curso que tem história; os ex-alunos ocupam espaços relevantes; a maioria dos outros cursos são coordenados por ex-alunos da PUCRS; todos os docentes possuem mestrado ou doutorado, com produção de livros e artigos. *Eu sempre digo isso na PUCRS você aprende com quem escreve, você está na sala de aula com autores de livros e palestrantes, e isso sem sombra de dúvida é uma diferença*.

A partir dos anos de 1990 ampliou-se a produção dos docentes do Curso<sup>162</sup>, considerada como uma referência na área, motivo de orgulho, de reconhecimento para muitos.

O conhecimento começou a ser produzido no interior das estruturas acadêmicas do Curso de Turismo da PUCRS. Mesmo os docentes não possuindo projetos de pesquisa e nem horas destinadas à pesquisa. Nesse sentido, o saber e o conhecimento sistematizado das práticas cotidianas começavam a ser teorizados; as regularidades eram aprendidas dando lugar às leis, expressões da base teórica, que passavam a ser

---

<sup>162</sup> Já nos anos de 1977, 1984 e 1991, na Revista *Veritas*, fundada em 1955, organizada pelo programa de Pós- Graduação em Filosofia da PUCRS, encontramos quatro artigos dos docentes do curso de Turismo, mas que não refletem a produção docente.

Em março de 1977, o professor Elvo Clemente escreve o artigo “A Formação do Professor para o curso de Turismo”, no qual discute as características que deve possuir o professor do curso de Turismo: vocação; conhecimento e preparação profissional; disposição e amor ao magistério; senso crítico; e abertura para renovação e atualização.

Na revista *Veritas* de setembro de 1984, encontramos um artigo “O conceito de Turismo”, escrito pela professora Cleusa Maria Scroferneker, que discute o Turismo atrelado ao Lazer. No mesmo ano, no mês de dezembro, a professora escreve outro artigo na revista, “Breve Retrospectiva Histórica do Turismo”, no qual aborda algumas fases do Turismo e destaca os fatores que tiveram papel preponderante na dinamização e transformação do turismo em um fenômeno da sociedade contemporânea.

Outro artigo “Educação – cultura – turismo”, da mesma revista, em dezembro de 1991, foi escrito pelo professor Elvo Clemente, e afirma, entre outros aspectos, que na base do turismo está a sede de saber, de conhecer, de ver novas coisas, novas culturas, novas tradições, novos lugares, novas pessoas... o turismo faz parte da difusão e do consumo dos bens criados pelo folclore, pela cultura do povo, pela cultura artística e científica.

desvendadas e compreendidas. Os docentes começaram a publicar seus estudos. Os primeiros foram organizados, financiados e publicados pelos próprios autores.

O livro “Turismo – 9 Propostas Para Um Saber-Fazer” foi organizado pela professora Susana Gastal, editado pelos próprios autores, em 1998, e vem sendo reeditado pela EDIPUCRS. Foram reunidos textos de professores que trabalhavam junto ao curso de Turismo da PUCRS, em níveis de graduação e especialização.

Outro livro, editado, inicialmente, pelos próprios autores em 1999 e, posteriormente, pela editora Contexto, foi “Turismo Urbano – Cidades, Sites de Excitação Turística”, organizado pelos professores Antonio Carlos Castrogiovanni e Susana Gastal, em que professores da PUCRS e USP expõem suas preocupações voltadas à cidade auxiliando na construção de uma Teoria do Turismo<sup>163</sup>.

A professora Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) fala sobre a obra, “Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas”, lançada em 2008 pela editora Manole. O livro foi editado pelos professores doutores Alexandre Panosso Netto (USP) e Marília Gomes do Reis Ansarah (UNIP) e conta com a participação dos 33 bacharéis em Turismo do Brasil, com título acadêmico de doutorado:

*uma das minhas honras é que aqui tem Marcelo Ribeiro foi meu aluno, Carlos Alberto Tomelin foi meu aluno, Mary Sandra Guerra Asbton foi minha aluna, Liciane Rossetto Ferreira, então dos cinco doutores do Rio Grande do Sul que estão nesse livro, eu fui professora de quatro na PUCRS, então o que eu posso te dizer, eu sei que eu fui motivadora, fui inspiradora de muitos deles, então, isto começou há trinta anos.*

Diante desses dados, podemos afirmar que o Curso de Turismo da PUCRS, a partir do esforço de seu corpo docente, conquistou e contribuiu para um avanço

---

<sup>163</sup> Os professores Antonio Carlos Castrogiovanni e Susana Gastal também organizaram os livros “Turismo, Investigação e Crítica”, editado pela Contexto; “Turismo na Pós-Modernidade (Des) Inquietações”, editado pela EDIPUCRS.

“A Produção do Saber Turístico”, livro elaborado pela professora Marutschka Martini Moesch, editado pela Contexto.

O professor Leandro de Lemos publicou dois livros, “Turismo que negócio é esse?” pela editora Papyrus e “O Valor Turístico na Economia da Sustentabilidade”, na coleção ABC do Turismo da editora Aleph.

Os livros “Turismo, Imagens e Imaginários” e “Alegorias Urbanas - O passado como subterfúgio”, da professora Susana Gastal, o primeiro publicado na Coleção ABC do Turismo da Aleph e o segundo da editora Papyrus.

“Um Outro Turismo é Possível”, livro organizado por Marutschka Martini Moesch e Susana Gastal, editado pela Contexto. Ainda pelas mesmas autoras, o livro “Turismo, Políticas Públicas e Cidadania” foi editado pela Aleph.

O livro “Turismo e a Ação de Variáveis Controláveis e Incontroláveis”, de Marcelo Schenk de Azambuja, editado pela EDIPUCRS.

O professor Abdon Barretto Filho editou o livro “Marketing Turístico” pelo SENAC e recentemente lançou o livro de “Economia & Turismo”.

Jacques A. Wainberg, professor da Faculdade de Comunicação da PUCRS, publicou “Turismo e Comunicação: A indústria da Diferença”, pela editora Contexto.

significativo na pesquisa e na produção acadêmica da área. São profissionais, muitas vezes de outras áreas, que se dedicaram a pensar e entender o fenômeno turístico.

O professor Mario Beni destaca que muitos pesquisadores, na área do Turismo, ficavam mais na interpretação e nos avanços voltados à gestão empresarial e mercadológica, preocupando-se fundamentalmente, com o mercado. No entanto, aos estudos que discutiam especificamente a epistemologia do turismo, como assunto de interesse eminentemente acadêmico, eram poucos os autores que tinham se dedicado. Reporta que, dentre esses autores, a professora Marutschka Martini Moesch vinha se preocupando e produzindo nessa linha mais científica. (PANOSSO NETTO, 2005)

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) acredita que uma preocupação teórica com o fenômeno turístico no Brasil, se iniciou na USP. Para a professora, o fato de existirem poucos cursos de mestrado e de doutorado, a falta de um espaço acadêmico exclusivo para discussão do Turismo, comprometeram a produção de pesquisa, embora houvesse uma sociedade como o INTERCOM, Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação, com um núcleo de pesquisas de Turismo, coordenado, na época, pela professora Susana Gastal.

O professor Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) considera que estamos nos encaminhando cada vez mais, pelos encontros, pelos congressos, pela apropriação de algumas teorias, inclusive com algumas releituras, para uma ciência do Turismo. Para o professor, infelizmente, ainda são poucos turismólogos, que seriam os sujeitos com mais competência teórica, produzindo teoria. O Turismo tem sido uma área de conhecimento que busca, em outros campos, uma teorização sobre a própria área. Julga que a academia deveria realizar um esforço no intuito de fazer discussões mais teóricas e epistemológicas do Turismo. Como exemplo, cita que o conceito de paisagem usado é o da Geografia, mas tem que ser do Turismo, porque a Geografia diz que o Turismo destrói as paisagens, pelo contrário, acredita-se que o Turismo reconstrói novas paisagens<sup>164</sup>; então o conceito não é o mesmo.

Susana Gastal (14/07/2008), discorrendo sobre o turismo enquanto área de conhecimento, ressalta que temos as ciências do século XIX como a Sociologia, a Antropologia, a Economia, que se constituem cartesianamente por áreas muito bem delimitadas. Por outro lado, as ciências do século XX – Ecologia, Comunicação, Turismo –, constituem-se num campo multidisciplinar, nascem dessa integração. Para a

---

<sup>164</sup> O professor explica que *a Geografia vem de uma leitura de conservacionismo, e nós temos uma leitura de transformar a paisagem, a partir, enfim, de metodologias, que nós consideramos mais justas, corretas, ou sustentáveis, de certa forma desgastada, mas que nós temos que preparar para receber as pessoas, porque vai ter uma concentração de pessoas [...] (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)*

professora, o turismo trabalha com a circunstância histórica, com o sociólogo, com diversos grupos, pelo discurso multidisciplinar para construir esse objeto, que não existe dentro de uma área, existe no diálogo com as áreas. Explica que, *para quem vem de um olhar cartesiano de ciência do século XIX não consegue entendê-lo como troca de conhecimento, num olhar de século XX, de transdisciplinariedade, multidisciplinaridade, complexidade. No olhar de Morin, ele se constitui sim como área de conhecimento*<sup>165</sup>.

#### 6.4 Impasses, Crises e Rupturas no Curso

Apesar de diversas tentativas, os problemas no Curso de Turismo vinham se acentuando. Para os professores, a problemática do curso era bastante complexa e atribuída a diversos aspectos, tanto internos, quanto externos, tais como: falta de legitimidade do Turismo dentro da FAMECOS, a concorrência, o mercado de atuação para o profissional, o valor das mensalidades, o curso de Hotelaria, estagnação da pesquisa e a não efetivação da pós-graduação.

Para Abdon Barretto Filho (11/11/2008),

*Há uma demanda crescente nessa área, essa demanda foi tão grande que gerou inclusive uma oferta desnecessária, hoje o Brasil tem 540 faculdades de Turismo, e exatamente por esse boom, e por essa promoção de cursos no país todo, que se tornou coqueluche, principalmente na década de 1990, teve um excesso de oferta, isso se tornou um problema. Hoje, em 2008, já está existindo uma acomodação e uma revisão desse governo, para que possam adequar-se melhor, em primeiro lugar para o próprio aluno, o acadêmico e depois pela sua participação na sociedade, na economia.*

Para alguns entrevistados, o Curso da PUCRS vinha perdendo alunos porque era caro e havia um incremento na oferta de outros mais baratos, o que prejudicou a área do turismo em geral apesar de a PUCRS não abrir mão da qualidade de seu Curso, que tinha um custo bem alto. Para Berenice Mércio Pereira (13/05/2008), a maior dificuldade enfrentada eram os valores das mensalidades, porque depois que se formavam, o mercado não pagava, não reembolsava os alunos. Lembra que acontecia de alguns alunos começarem a empreender, abrindo sua empresa ou consultoria.

---

<sup>165</sup> A interdisciplinaridade ganha importância crescente – e urgente – no contexto universitário atual, “Cada vez é maior a consciência de que as fronteiras históricas entre as diferentes disciplinas necessitam ser ultrapassadas e que, mais importante do que a exata delimitação do campo específico de cada disciplina, é a exploração da articulação entre os diferentes campos do conhecimento, tendo por objetivo uma visão dos problemas numa perspectiva de totalidade”. (CANDAUI, 1997, p. 39)



Falando sobre a proliferação dos cursos de Turismo no estado, o professor Jerônimo Carlos Santos Braga (11/11/2008) ressaltava que as universidades precisavam cumprir determinados padrões, como contarem com 33% de doutores e 33% de carga horária completa, quarenta horas, ou dedicação exclusiva. Obrigatoriamente tinha que oportunizar pesquisa, pós-graduação, e isso resultava um custo nas mensalidades do curso, diferente das entidades de ensino que não são universidades e não tem essas exigências, sempre bem mais baratas. A sociedade, não tendo recursos financeiros suficientes para escolher o melhor, escolhe o possível, e, escolhendo o possível, vai optar por um curso mais barato.

Em relação ao grande número de cursos de Turismo no Brasil e ao mercado de trabalho para esse profissional, Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) manifesta preocupação. Julga o turismo ainda uma atividade recente no País e está formando um grande número de bacharéis. *Dizem que o Brasil, [...] é o país do mundo que tem mais cursos universitários de turismo, um país que recebe menos visitante que o Empire State nos Estados Unidos, por ano. Então, tem alguma coisa errada. Os cursos foram criados mais por oportunidade e, por um conjunto de pessoas querendo lecionar, do que realmente por uma necessidade de mercado.*

Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) pondera que o que falta mesmo é mão-de-obra mais técnica. *Sempre coloquei isso, eu acho que o curso de bacharel em Turismo é uma necessidade, mas tem que ser com uma formação mais reflexiva em termos de planejamento, pessoas que pensem o Turismo. Para o professor, uma coisa é o técnico, que, na realidade, é uma pessoa muito mais pragmática, e outra coisa é o bacharel, que tem uma formação muito mais cognitiva.*

*Eu acho que foi um equívoco durante um tempo essa questão, porque tem muitos países que não tem bacharel em Turismo, eu sou contra formar bacharéis em Turismo (o professor esta se referindo à explosão dos cursos de Turismo, é contra formar esse número exorbitante de bacharéis), eu penso que foi uma irresponsabilidade desse governo, ou dos governos brasileiros, deixar essa quantidade de cursos, chegou a ter, me parece mais de 400 cursos no Brasil. [...] eu sempre achei isso um absurdo, mas, é que na realidade a pessoa virou mercadoria, então, essa irresponsabilidade não é só no Turismo. Há um descompasso, uma certa irresponsabilidade, é a universidade mercantilizada, o aluno como uma mercadoria. (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)*

Ivone Maio (16/12/2008) também manifesta preocupação em relação à quantidade de cursos de Turismo, e pondera que não tinha mercado em termos de

formação superior, no entanto, havia uma carência de profissionais com outro nível de formação no Brasil.

A disseminação de cursos de Turismo no Rio Grande do Sul, a partir do final dos anos 1990, promoveu uma maior concorrência entre as instituições e, conseqüentemente, reduziu a procura pelo curso da PUCRS. Por outro lado, a remuneração inicial destes profissionais, sofreu, de um lado, o problema do baixo salário, e de outro, a concorrência de pessoas que não possuíam esta formação, que não é exigida no mercado.

Conforme Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) o grande problema em relação à baixa procura, tem duas questões,

*uma questão é geral, houve uma propaganda, não totalmente honesta, faziam promessa que não é bem assim, lógico que tem empregos, mas o salário é baixíssimo, e o mercado não respeita muito o profissional do Turismo, o Bacharel, e na minha leitura não precisariam tantos cursos de bacharelado, mas poderiam ter cursos de técnicos em Turismo, e enfim, seria muito mais propício, [...]. Por outro lado o custo era caríssimo [do Curso de Turismo da PUCRS], embora se tenha a qualidade, aqui temos doutores, tínhamos um grupo qualificado, os professores com doutorado, mas no fundo, no fundo, as pessoas vêem o bolso.*

De acordo com Leandro de Lemos (24/11/2008) o curso estava, em 2008, em franca decadência. Quanta às matrículas do vestibular, *saíram os dados recentes, são horripilantes!*. No entendimento do professor, se o curso tivesse mantido um ritmo crescente na pesquisa, na produção, na atração de projetos, seu status seria outro. No entanto, isso acabou não acontecendo e *o resto do Brasil acabou fazendo o que a gente optou por não fazer, agora quem optou não sei, quem apertou o botão, não sei.*

Alguns narradores são docentes em outros cursos de Turismo do estado e relatam que essa situação de baixa demanda não é um problema isolado da PUCRS, *quem dá aula aqui, dá aula lá, sabe que as coisas estão assim, não só nesses cursos mas em todos, é uma crise que estamos passando* (Silvana Lehn, 08/12/2008). Salientam que a baixa procura não é exclusiva do curso, mas está inserida em uma problemática geral do ensino superior, que se transformou em mercadoria.

Nessa busca de caminhos, a PUCRS criou o curso de Hotelaria, o que, na percepção de muitos narradores, foi um equívoco, porque acabou dividindo os alunos, o que reduziu mais ainda a procura pelo Turismo. Nesse sentido, a professora Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) avalia que *o momento em que a PUCRS desmembrou o curso de Turismo e o curso de Hotelaria, abriu a sua derrocada, no momento em que*

*tem uma super oferta de cursos, ao invés de centralizar e manter uma excelência, ela abriu e de certa forma também perdeu essa excelência [...] menos gente vai para o Turismo, porque nós tínhamos esse pessoal concentrado.*

Marutschka Martini Moesch (06/05/2009) também avalia que foi um equívoco o curso de Bacharelado em Hotelaria, e questiona o que é um bacharelado. *É um espaço de construção acadêmica de um profissional que tem uma área de conhecimento. Nós já estamos, nesses últimos dez anos, fazendo uma discussão árdua, às vezes até solitária, sobre o turismo como um campo de ciência. Então, imagina incluir a hotelaria como um campo próprio de conhecimento.*

Luis Gustavo Silva (01/10/2008) acredita que seria necessário uma reestruturação, inclusive uma fusão de Turismo e Hotelaria. Para o professor, o curso de Hotelaria está equivocadamente lotado na FAMECOS, o que acabou ocorrendo em função de sua afinidade com o Turismo, mas a Hotelaria deveria estar na Administração.

*Hoje existe uma discussão dentro da Universidade para saber o que fazer com os cursos, se ficam ou se não ficam na FAMECOS. Se vão os dois para a FACE, se vai só a Hotelaria e fica o Turismo, então existe hoje essa discussão na Universidade e em nome dessa discussão a gente não consegue transcender, enquanto isso não se resolver... (Luis Gustavo Silva, 01/10/2008)*

Há muito tempo se discute a hipótese de o Curso de Turismo ser lotado na Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE, como acontece em outras unidades da Federação. Na Universidade Federal Fluminense – UFF, o curso de Turismo está lotado junto à Faculdade de Administração, Contabilidade e Turismo; na Universidade Federal de Pernambuco – UFP, o curso é vinculado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas, no Departamento de Ciências Administrativas.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) conta que, desde o início do Curso, existiam dois grupos, um defendia que o curso deveria ser lotado na FAMECOS, e outro na Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia. *Já naquela época tinha gente que pendia por um lado e para o outro. Eu achava que o curso tinha muito mais de administração porque a resolução 35/70, fala em planejamento turístico, então tem que ser na Faculdade de Administração, e não na Faculdade de Comunicação.* Diz ser contra a especificidade exagerada na formação superior. Defende que o turismo devia ser apenas uma derivação do curso de administração, como tinha Administração

de Empresas, Administração Pública; ou uma especialização, pós-graduação em Administração. Para ele, não há necessidade de se ter um curso de Turismo.

Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) confidencia que sempre vivenciou essa dualidade,

*por vezes eu não entendia porque que o Curso de Turismo estava na Comunicação, teve uma época que nós chegamos a fazer um pequeno movimento para que fosse para Administração e não foi. Até bem pouco tempo ouviu-se um comentário, de novo, mas não foi. Eu acho que nós temos um ganho de estar na Comunicação, sem dúvida, até por toda a minha trajetória, depois eu fui fazer mestrado, doutorado, e sempre analisando coisas correlacionadas ao Turismo, mas, se fosse para Administração, eu vou te ser sincera, eu acho que nós teríamos muito mais mercado, gerenciamento, empreendedorismo, marketing, eu acho que seria mais apropriado [...].*

Susana de Araujo Gastal, (14/07/2008) lembra que, nos anos 1970, já havia uma visão dessas duas vertentes – os cursos de turismo deveriam estar lotados nas faculdades de comunicação ou administração. Dentro da Comunicação, entraria o Turismo como uma versão do entretenimento. No entanto, hoje, para a professora, essas relações se tornaram mais complicadas, porque, conforme o MEC, o Turismo está na área de Administração.

O professor Antonio Carlos Castrogiovanni, (03/11/2008) pondera:

*não sei se hoje se faz toda uma discussão, que talvez tivesse com a Administração, talvez tivesse com a Geografia, talvez tivesse criado junto com o curso de Ciências Aeronáuticas, eu não sei se seria melhor ou se seria pior, isso eu não posso dizer, mas na época os alunos tinham orgulho de ser da FAMECOS, a grife FAMECOS é muito forte, então os alunos diziam “eu sou da FAMECOS”, agora era uma luta constante para nos fazer incluir na FAMECOS definitivamente.*

Nas narrativas aparecem muitas dessas dúvidas e questionamentos, porque não basta ter uma vinculação administrativa, tem que ser *de fato e não só de direito*. Essa discussão perpassa toda a trajetória do curso, que, em determinadas épocas, foi retomada internamente.

Durante as entrevista foi possível identificar dois grupos entre os professores do curso, duas visões de ensino superior em Turismo, aqueles que se posicionam, entendem e lutam por um curso mais prático, mais pragmático, que tinha como função preparar para o mercado; e o outro grupo, composto de docentes que acreditam que o curso deveria discutir o fenômeno turístico como um todo, trabalhar questões mais

amplas e complexas da atividade, mais humanista, conforme podemos observar na narrativa a seguir, quando o professor Paulo Nardi fala sobre os objetivos do curso:

*O Curso da PUCRS sempre teve uma característica que foi de formar, tanto profissionais para o mercado, como profissionais que ultrapassassem um pouquinho essa visão mercadológica da atividade, e procurassem contribuir para que, justamente, essa área fosse considerada como uma área de conhecimento, [...]. Então o curso de Turismo aqui na PUCRS, até onde eu sei, sempre procurou balancear essas duas vertentes. No que eu acho que ele se saiu bastante bem, porque o profissional que tem formação superior ele deve se preocupar, tanto com a aplicação prática dessa atividade no mercado ou na sociedade, como também com o desenvolvimento dessa atividade no sentido de dar mais base teórica, pesquisas para essa atividade. (Paulo Francisco Rollano Nardi, 16/04/2008)*

A discussão sobre os professores do curso serem do mercado ou não é bastante antiga. Algumas coordenações entendiam que era importante para o curso, docentes que atuassem no mercado; outras davam maior ênfase à qualificação acadêmica do professor. Isso é reflexo e reflete uma determinada visão do papel do ensino superior, do ensino superior em Turismo, de uma determinada filosofia de curso. Assim, nesses dois campos, alguns defendem um curso de Turismo mais voltado para o mercado, enquanto outros defendem que um curso superior em Turismo deve voltar-se para discussões teóricas e epistemológicas do Turismo, embora no discurso a totalidade julgue teoria e prática como necessárias e complementares.

Para Berenice Mércio Pereira (13/05/2008) o Curso tem que ter a parte prática com embasamento teórico, e o Curso da PUCRS tinha uma trajetória de inovar, se atualizar, de não se desvincular da realidade. Conforme a professora em outras épocas o curso trabalhou muito com o mercado, mas era outro momento no qual os docentes participavam de muitas reuniões conjuntas com a ABAV, a SETUR, ABIH, Câmara de Turismo, e hoje estão muito dispersos.

A importância de o Curso contar com professores que atuam no mercado é reforçada por ex-alunos e alguns professores. Nesse sentido, a ex-aluna Giana Pereira Borges (22/01/2009) julga esse um aspecto também importante. Explica que, logo que ingressou no curso, começou a trabalhar na área, e percebia um distanciamento da teoria e da prática. Isso, em alguns momentos, chegou até a desmotivá-la. Para ela, os professores não deveriam atuar somente na academia, deveriam atuar no mercado. *Eu acho que sempre que possível o professor ele tem que se envolver mais com a prática, não só com a academia, eu sei que as vezes é difícil, em função de todo o trabalho, mas*

*de alguma maneira se envolver, porque o aluno valoriza mais, porque o aluno enxerga o mercado, [...].*

Para a ex-aluna Sabrina Dias (22/01/2009) é essencial que os professores possuam um embasamento teórico e que consigam aliar a prática. Conforme Ivone Maio (16/12/2008), sempre foi e é uma preocupação da PUCRS, ter professores mais acadêmicos, que não estavam no mercado, *não trabalhavam, que nem dizem os alunos, que a gente não trabalha quando é só professor*, e também professores do mercado, que facilitassem o acesso dos alunos a estágios e empregos na área.

De acordo com Ansarah (2002), a relação teoria e prática é imprescindível no ensino do turismo,

[...] o ensino do turismo deve atingir dimensão tanto teórica como prática e que o docente poderá aprofundar-se nos conhecimentos e direcionar o ensino quando tiver domínio do conteúdo e vivenciar a prática do turismo, realizando visita in loco, antes da abordagem em sala de aula ou em visita técnica com os alunos para aplicação da teoria na prática [...] para que tal situação ocorra, é preciso que o docente mantenha-se atualizado no que concerne à teoria, adequando-a à prática [...] (ANSARAH, 2002, p.29).

Na narrativa dos ex-alunos é comum expressões *hoje já penso diferente, a gente era muito imaturo, agora tenho um outro entendimento*. Manifestam orgulho do que são hoje e do crescimento profissional e intelectual que tiveram, do maior entendimento da complexidade do fenômeno turístico. Alguns contam que com o tempo e as experiências de vida passaram a ter uma outra percepção sobre o curso. Luis Gustavo Silva (01/10/2008), ex-aluno e atualmente professor, diz que quando cursou pensava que quatro anos era muito tempo, *na época, enquanto alunos, as pessoas ainda discutiam bastante, um curso muito longo, [...] porque quando a gente tem uma visão de aluno é uma visão bem curtinha, equivocada, a gente não valoriza, então hoje, na condição, de professor [...] vejo que o curso era longo, mas era o mínimo que tinha que ser na época*. O ex-aluno Mauricio Schaidhauer (23/01/2009) diz que atualmente consegue perceber a importância das teorias para qualificar a prática profissional.

Silvana Lehn (08/12/2008), que é ex-aluna e também docente do curso, nos confidencia emocionada, *foi muito bom ter voltado, porque tu voltas com um outro olhar, voltar para o lugar de onde tu saiu pequeno e voltar quer dizer, um pouco maior, isso é muito legal, porque tu vê que poxa, um dia eu também vou crescer, isso é teu crescimento profissional, isso foi muito bacana*.

Para Ivone Maio (16/12/2008), *não dá para dizer que surge o curso superior em função do aumento de pesquisa, por exemplo, [...] então eu acho que ela vem já com esse pezinho no mercado, com a idéia que vai atender um mercado futuro*. O Curso não

vem de uma construção, como ocorreu com outras ciências, como a antropologia que se tornou independente da Sociologia, ou por uma construção científica própria que lhe deu condições para se tornar uma disciplina. Para ela a formação superior deveria estar mais ligada à idéia de universidade, que seria uma formação mais universal, que abordasse Filosofia, Sociologia.

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) questiona muito a visão instrumental de alguns cursos de ensino superior. Diz estar cada vez mais convicta de que hoje, o mercado está buscando profissionais que pensem, não profissionais que façam, *eu diria profissionais que também façam, mas pensem, e que talvez antes a questão era muito mais do fazer, então se eu tenho um Curso de Turismo vai preparar esse profissional para pensar o Turismo, em todas as suas possibilidades, até mesmo em seus impactos efetivos sobre o meio ambiente.* Para ela, é necessária a formação superior em Turismo, mas se a intenção é formar um técnico, talvez não precisasse um curso superior. Pensa que o turismo poderia sim ser um curso superior, voltado para a questão do pensar, não só do fazer e salienta que isso não é uma exclusividade do Turismo.

Para muitos, o grande problema do curso foi não ter conseguido espaço na FAMECOS para criar o Mestrado, o que possibilitaria o aprofundamento da área. De acordo com Marutschka Moesch (11/09/2008), a tendência é que o curso não tinha, no cenário, mais esse papel de vanguarda como teve antes,

*o que me deixa muito triste, porque acho que é um desperdício de todo um capital humano que se estabeleceu aqui, e de referência histórica, que acaba não tendo espaço para se colocar e a tendência é que essas pessoas acabem se aposentando, saindo daqui, vão atuar em outros lugares e posso te dizer que nesse momento eu não estou vendo um momento mais esperançoso para nós, acho que é um momento bem difícil que estamos vivendo, mas está muito marcado por um impasse institucional, para onde a área das humanas da PUCRS vai caminhar, não é só o Turismo da PUCRS [...], porque há um financiamento das pesquisas tecnológicas, e as áreas das humanas estão bastante..., sem referencial para onde vão caminhar, acho que é um momento que acabou nos pegando junto, talvez pela nossa linha, se nós fôssemos uma linha de negócios, vinculados a negócios, talvez nós tivéssemos na Administração muito bem, mas foi uma opção na época que se fez e acredito que acertada, e que agora nós vamos ter que nos rever dentro da instituição.*

No entanto, percebe como um equívoco dar aos cursos de Turismo a visão muito de negócio, porque acaba concorrendo com a administração, e fazendo com que o curso

perca espaço na sua originalidade que é a produção do objeto turístico, que é o fenômeno, não é o negócio,

*o negócio nós podemos procurar os profissionais da administração, agora o objeto, essa relação entre cultura, homem, espaço e território, esses desafios que estão estabelecidos por sustentabilidade, desenvolvimento local e mercado global, tudo isso é muito complicado, [...], nós estamos mantendo a graduação nisso, nosso aluno tem um diferencial na sua formação, ele tem uma formação, um embasamento mais crítico sobre o desenvolvimento turístico, então, ao mesmo tempo nós estamos com 70% dos alunos hoje estagiando já no primeiro nível, porque continua uma grande procura desse aluno da PUCRS, então nós temos essa responsabilidade de manter essa qualidade e talvez até atendendo hoje esse mercado diferenciado que não é o mercado operacional da década de 1970 e 1980, que é um mercado que necessita de uma competência para resolução de problemas, de conflitos, muito mais presentes do que um início, meio e fim dos modelos anteriores do trabalho. (Marutschka Moesch, 11/09/2008)*

O Curso também é reconhecido por outras áreas do conhecimento. Ivone Maio (16/12/2008) assinala o preconceito de outras áreas, como da Antropologia em relação ao Turismo, *os antropólogos têm preconceito com os turismólogos, mas quando eu apresentei minha dissertação na ABA (Associação Brasileira de Antropologia), [...] os professores vieram falar comigo, me deram parabéns, e disseram turismóloga, mas onde é que tu te formou?, eu disse na PUCRS, ah bom!, te formou na PUCRS! Então tinha um espaço, era valorizado.*

Leandro de Lemos (24/11/2008), fazendo um balanço dos 15 anos, avalia que, o grupo de professores já haviam chegado a um consenso de que os cursos de Turismo tradicionais, voltados para a operacionalidade do Turismo, já tinham encerrado seu ciclo.

*nós já tínhamos gerado uma quantidade significativa de profissionais nessa área, e de certa forma, a gestão do Turismo, [...], então quem era administrador de uma empresa, ele poderia tranquilamente fazer a gestão do Turismo porque, como a Administração se padronizou com técnicas, como a gestão da qualidade total, técnicas como a ISO 9000, tudo isso tem cheiro, tem metro, tem processo de padronização e o Turismo incorporou essas técnicas, não fazia mais sentido nós gerarmos gestores especificamente para essa área e qual é a lacuna que existia? Entender o Turismo como um vetor de desenvolvimento econômico. Se você pegar ainda hoje os mais de 5 mil municípios existentes no Brasil nós temos poucos profissionais que desenvolvam projetos turísticos, que saibam captar recursos financeiros, e transformar esses recursos em realidade.*



*Então esse tipo de profissional há 12 anos atrás a gente já via que havia necessidade de gerar, só que esse tipo de profissional ele só seria viável com um outro tipo de desenvolvimento, que era o desenvolvimento do nível de informação científica, de estatística econômica, social, ambiental sobre o Turismo, para embasar [...].*

O professor explica que isso, de certa forma, é o Observatório, mas não somente o Observatório. A partir da criação do mestrado, formar pesquisadores, formar uma base metodológica que pudesse gerar conhecimento.

*Hoje o Rio Grande do Sul, é uma vergonha dizer isso, mas está totalmente abandonado em termos de monitoramento estatístico sobre o Turismo, sobre o desenvolvimento econômico, até os parques de visitação estão descobertos, não sabemos quantas pessoas entram, quantas pessoas saem, então não tem monitoramento de controle quantitativo em áreas muito sensíveis, então a gente pode até perder alguns e estamos perdendo alguns parques, algumas áreas de proteção ambiental, áreas de proteção verde para visitação monitorada com manejo ambiental do Turismo, porque a gente não tem uma coisa ridícula que é o controle de entrada e saída, para ter um dimensionamento da capacidade de recepção das localidades, então, de certa forma, a gente ficou para trás, e eu vejo, felizmente vejo que alguns seguidores de nossas idéias em Santa Catarina, Paraná, em São Paulo, na Bahia, em Tocantins, no Acre, Roraima, em Mato Grosso, profissionais que passaram pela PUCRS estão lá trabalhando com as nossas idéias e conseguiram criar centros de pesquisa, conseguiram criar cursos avançados, conseguiram criar, com as próprias secretarias de Turismo locais e com o Ministério do Turismo, mecanismos de avaliação, de monitoramento, de desenvolvimento sustentável do Turismo e a gente infelizmente ficou para trás nessa caminhada<sup>166</sup>.*

De fato, na estrutura da educação superior brasileira, a pesquisa científica é obrigatoriedade das instituições credenciadas como ‘universidades’, sendo as demais desobrigadas à produção do conhecimento. A necessidade de uma maior produção de conhecimento em Turismo na PUCRS é apontada por muitos narradores como imprescindível, não só para a formação superior, mas também para o desenvolvimento da atividade turística no estado e no Brasil. Para Trigo (2003, p.97), a responsabilidade das universidades é tratar teoricamente dessas questões, exatamente o oposto das

---

<sup>166</sup> O professor Leandro de Lemos (24/11/2008) relata que em determinado momento, *apesar de termos a visão, não houve a implementação, [...], depois a Maru assumiu e de alguma forma tentou dar um resgate nessa movimentação da compreensão do Turismo, do entendimento científico dele, mas ai eu acho que já havia uma força ladeira abaixo maior, [...].*

críticas de alguns que encaram os cursos superiores de turismo como muito “teóricos” e pouco direcionados ao “mercado”.

Embora os narradores sejam *apaixonados* pelo curso e pelo tema turismo e queiram acreditar em uma perspectiva nova, acham esta fase bastante delicada. O curso passou por momentos muito difíceis no final de 2007, decorrentes de desentendimentos entre o corpo docente, o que ocasionou demissões. Os narradores manifestaram preocupação sobre o futuro do Curso de Turismo da PUCRS e os do Brasil em geral. O professor Paulo Francisco Rollano Nardi (16/04/2008) reflete: *tive bastante sorte de conviver numa época que as vantagens, que os aspectos positivos sempre foram bem maiores que os negativos. E de alguma forma nós aqui na PUCRS, conseguimos montar uma base profissional, teórica, de conhecimento, um núcleo bastante importante não só para o nosso Estado, mas para o turismo brasileiro em geral.*

Conforme Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), hoje o curso está se questionando,

*como conseguir a partir da sua história, da sua competência, da experiência dos professores, conseguir transformar tudo isso realmente em um curso que tenha alunos. É um curso que está novamente tentando se reconstruir, com propostas, com pessoas que tem muita vontade, professores engajados, o corpo docente tem alguns que se mantém, mas são poucos, tem alguns novos, mas, a idéia do curso hoje é um curso enxuto, que tem poucos professores.*

Para Leandro de Lemos (24/11/2008)<sup>167</sup>, era necessário qualificar o curso para formar profissionais de alto nível, no que se refere ao desenvolvimento de projetos, pesquisas, a complementaridade entre ciência, extensão, educação e desenvolvimento. O papel da universidade é gerar educação, pesquisa, desenvolvimento e inovação, e o Turismo tinha tudo para contemplar essas áreas com alto padrão. Reforça que há uma carência enorme na sociedade por *profissionais de elevada envergadura*, uma vez que para lidar com o Turismo é necessário entender de relações internacionais, de legislação internacional, de línguas, de economia, de ambiente, de história, de arquitetura, de cultura, de gestão pública, política, capacidade de interação com pessoas.

O Curso de Turismo da PUCRS foi estrelado na avaliação de cursos superiores realizada pelo Guia do Estudante (GE) e consta da publicação GE Melhores

---

<sup>167</sup> Durante as discussões sobre o que fazer com o Curso de Turismo, alguns professores, dentre eles Leandro de Lemos, foram chamados pela gestão superior, como especialistas na área, para opinar, para dar uma contribuição sobre a ida do Turismo para a FACE, em função da problemática pela qual o curso estava passando, pelo declínio de matrículas.

Universidades 2008. A PUCRS também conquistou o Prêmio Melhores Universidades do Guia do Estudante Abril/Banco Real nas três categorias em que participou – entre eles o principal, de Sustentabilidade. Os dois outros foram de Melhor Universidade Privada da Região Sul e o da categoria Serviços. Na categoria Melhores por Área de Conhecimento, os cursos foram agrupados em 13 áreas, tendo a PUCRS conquistado o título na categoria Serviços, que inclui os cursos de Ciências Aeronáuticas, Gastronomia, Hotelaria, Secretariado Executivo e Turismo. Este último recebeu a categoria cinco estrelas, a mais elevada para cursos superiores.

Jerônimo Carlos Santos Braga (11/11/2008) lembra que o Curso era reconhecido, pelo guia do estudante, como de cinco estrelas,

*o que para mim prova que não estava errado colocá-lo dentro da faculdade de Comunicação Social, e que pese, a grande maioria dos cursos no Brasil estão dentro das faculdades de Administração, porque se tem enxergado o Turismo mais como um processo de negócio administrativo do que como um processo de comunicação. Nós conseguimos provar que a visão via Comunicação Social também atende essas necessidades, foi daquele curso, do tempo que a professora Norma Moesch era coordenadora que nasceu a Rota Romântica e outras rotas da área, o que significa que sob esse ponto de vista, ele é de excelência [...].*

### **6.5 Transferência do Curso para a Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia FACE e seu Processo de Extinção**

No final de 2008, o Curso de Turismo, passou a ser lotado na FACE, física e administrativamente. Para os alguns narradores, essa decisão foi pouco discutida pelos docentes, foi uma decisão superior, e os professores foram comunicados. Vêm que a transferência para a FACE foi feita de uma forma abrupta, por uma necessidade de sustentabilidade econômica, o que foi traumático.

Para Marutschka Moesch (06/05/2009), o processo foi equivocado, porque ficaram discutindo muito se o curso deveria permanecer na FAMECOS ou ser deslocado para FACE,

*nós somos mais comunicação ou somos mais um negócio ou somos mais pessoas ou [...] quem nós somos? Isso desgastou, não teve a discussão, eu acho que no fórum adequado, [...] ficamos discutindo o problema da crise da universidade, da PUCRS como um todo, que é a concorrência, como responsabilidade do curso de turismo, sem discutir, na verdade, posicionamento do que nós queríamos com essa área dentro da universidade, que provavelmente ela seria maior do que ficar na FAMECOS ou estar dentro da FACE. Então o processo foi equivocado, desgastante, porque desconstituiu todo um grupo*

*de professores que, ao longo desses anos, 2006, 2007, fez três projetos pedagógicos alternativos, inclusive chegando a conclusão que deveríamos fechar a hotelaria, transformar em um curso só e depois fazer uma especialização em gestão hoteleira.*

Nessa entrevista, realizada logo após o Curso de Turismo ter ido para a FACE, a professora acreditava que a filosofia do Curso não iria se alterar. A concepção de um saber interdisciplinar, a necessidade de práticas, de trabalhar com resolução de problemas, situações problema, ênfase na pesquisa, o aluno construir esse conhecimento, isso continuaria e, *há uma tendência, inclusive que isso dissemine até nos outros cursos da FACE. Porque, na verdade, isso é o que está sendo apontado como a forma de ensinar hoje, diante desse desafio do inusitado* (Marutschka Martini Moesch, 06/05/2009).

Para Susana Gastal (14/07/2008), a expectativa dos cursos de Turismo *é de tentar passar esse tsunami e a gente conseguir voltar e sobreviver, então se inicia uma série de mudanças e tentando fazer toda uma aproximação para que o aluno realmente se sinta bem, e fique no curso, que não provoque desistência [...].*

O professor Leandro de Lemos (24/11/2008) manifesta preocupação em relação aos alunos nessa mudança do Turismo para a FACE,

*eu acho que quem mais vai sentir é o aluno, talvez se assuste um pouco porque nosso padrão aqui de tribo, é uma tribo completamente diferente da tribo do Turismo, a gente vai ter que administrar muito bem essa aproximação, para que não gere mais uma sensação de exclusão, de conflito [...]. Aqui, queira ou não, nós somos mais formais, mais cabulatórios, mais controladores, mais disciplinadores, porque é o que a gente lida, administração [...].*

Em 2009, o Curso de Turismo da PUCRS, inserido em uma nova unidade, tendo um corpo docente com experiência histórica, teórica e profissional na área, poucos alunos, redução de carga horária dos docentes e a dúvida no final do semestre de quais os professores permaneceriam e quais seriam demitidos, discutiu incessantemente alternativas para seus problemas. Em muitas narrativas aparece o sentimento de que o curso de Turismo da PUCRS estagnara e perdera espaço, e estava fazendo um esforço para retomar.

Para os docentes, o Curso de Turismo foi literalmente acolhido pela FACE. A narrativa da professora Marutschka Martini Moesch (06/05/2009) é bastante elucidatória sobre essa questão:

*ingressamos num debate maior que a própria FACE está fazendo, de posicionamento da FACE, porque já que a administração também é um curso que tem muita concorrência, então é um debate mais qualificado nesse sentido e amplo, de futuro, não de resolver o problema para um ou dois vestibulares, e nesse futuro o quanto a universidade vai investir num projeto que tenha o tamanho da PUCRS. Então eu acho que a última reunião, nós estamos nos reunindo, o grupo de professores, agora ampliado com colegas da FACE e outros coordenadores, discutindo a formatação, o novo projeto para esse ano apresentar até junho e uma das questões que está sendo colocada é essa, o novo projeto tem que ser do tamanho da PUCRS, não pode ser menor. Então não é só mudar o currículo novamente, é mudar toda a estrutura de como vai se estabelecer a imagem desses cursos. Há uma tendência de nós propormos um tecnológico para hotelaria e mantermos o turismo na linha de bacharelado, mas com uma possibilidade de disciplinas comuns, num tronco comum entre tecnológico e bacharelado. Talvez alguma coisa modular, aí é nosso receio que o aluno não tenha maturidade para o modular e ache que dois anos são suficientes, porque se ele ficar no mercado que está dado, ele não precisa mais do que isso, porque ele não vai muito além, então essa é uma discussão que está se fazendo, mas eu acho que é uma discussão, pelo menos agora, permeada, vamos dizer assim, de uma intenção de permanência dos cursos. Então a ameaça de fechamento não existe, a universidade quer manter os cursos, mas como é que nós vamos manter esse curso que tem um custo de universidade, não tem um custo de uma pequena faculdade, mas que precisa, obviamente, inovar suficientemente para ter a sustentabilidade econômica e no nosso entendimento precisamos pensar graduação e educação continuada, extensão e mestrado.*

Nesse contexto, era urgente criar um espaço coletivo de diálogo que promovesse a discussão do fazer político-pedagógico do Curso, envolvendo distintos atores, tomando como eixo os parâmetros presentes nas então atuais diretrizes curriculares: projeto pedagógico construído coletivamente, flexibilidade, formação integral, incorporação de atividades complementares em relação ao eixo fundamental do processo de formação, interdisciplinaridade, predominância da formação sobre a informação, articulação entre teoria e prática e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Em 2009, a direção da FACE montou um grupo de trabalho para fazer um novo projeto que deveria ser apresentado à Pró-reitoria de Graduação, do qual todos os professores foram convidados a participar. Em dezembro de 2009, foi encaminhado o projeto que tinha como proposta unir os cursos de Turismo e Hotelaria.

Porém, a situação não se encaminhou na perspectiva que o grupo de docentes estava articulando e, logo em seguida, em janeiro de 2010, sem uma consulta ao grupo de docentes que atuava, o Curso entra em processo de extinção.

A PUCRS lança, para o vestibular de 2010, o novo curso, Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, que é um curso de graduação com duração de dois anos e meio, noturno, com 60 vagas, tendo como coordenadora a professora Ellen Regina Mayhé Nunes. Algumas narrativas já haviam sinalizado nesse sentido. Mário Beni (06/05/2009) destaca que isso aconteceu com os cursos de turismo na grande maioria das universidades brasileiras. Após o grande crescimento de 1974 a 1985, houve uma estabilização, e um novo impulso no final da década de 1990 a 2000. A partir desse período, alguns começaram a fechar. Susana Gastal (14/07/2008) aponta que, no ensino superior no Brasil, há uma pressão do MEC, para cursos mais operacionais, mais curtos.

Podemos constatar que muitas IES do RS entendem que o Turismo necessita dessa formação técnica, e vêm criando cursos de tecnólogos em Turismo a Faculdade de Integração do Ensino Superior do Cone Sul – FISUL, a Universidade Anhanguera – UNIDERP, a Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, entre outras, inseridas em uma Política do Ministério da Educação que vem incentivando e investindo na criação de cursos técnicos e profissionalizantes em todas as áreas, como reforça a Zero Hora/RS (25/04/2010, p.1 e 3, do Caderno Empregos e Oportunidades), inclusive na área do Turismo (Zero Hora/RS, 05/05/2010, p.7).

Há uma pressão do mercado de São Paulo, das grandes fábricas de alunos de São Paulo que querem cursos mais curtos e mais operacionais, e, nessa política do MEC, quem perde são as privadas sérias, tipo as PUCs, porque têm estruturas acadêmicas, pós-graduação, estruturas pesadas e, portanto onerosas, e isso acaba incidindo no preço da mensalidade. Os cursos chamados “periféricos” não têm nenhum comprometimento nem de estrutura, nem de formação de professores, portanto acabam tendo um preço bem mais acessível e as PUCs não conseguem concorrer. Por outro lado, as universidades públicas não dão muita atenção às exigências do MEC. *A USP não dá a mínima para nota do MEC, nem para a CAPES, nem para os controles de graduação.* Então as privadas que atendem às exigências do MEC e, ao mesmo tempo, não conseguem ter o preço do mercado, ficam no meio do problema e, no Curso do Turismo, isso parece bem significativo (Susana Gastal, 14/07/2008).

Conforme consta na página oficial do curso [www.pucrs.face.br](http://www.pucrs.face.br) (15/05/2010),

a evolução tecnológica e a dinamicidade presente na sociedade global impõem novos padrões e requisitos ao mundo do trabalho, exigindo que a formação profissional oferecida aos educandos se alinhe a estes novos contextos e atenda ao conjunto de habilidades e competências requeridas aos egressos. Em função deste cenário, a Universidade optou por construir um novo projeto pedagógico.

Visando continuar formando profissionais para atuarem neste segmento, de forma ajustada à realidade e às novas necessidades presentes nas atividades do Trade Turístico, a Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia da PUCRS está oferecendo, a partir de março de 2010/1, o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo.<sup>168</sup>

Mário Carlos Beni (06/05/2009) conta que hoje está convencido de que a Faculdade Morumbi tinha razão. Lembra que, na época, a USP questionou muito esse modelo porque a universidade achou que havia pouca teoria e que deveriam aprofundar os estudos epistemológicos do turismo, e a Faculdade Morumbi, ao contrário, estava preocupada em preparar para o dia a dia, para o mercado, seguindo o modelo espanhol, só que o grande diferencial é que, na Europa, não existia formação superior em turismo, tinha formação em nível de tecnólogo. Podemos perceber como o trabalho da memória constrói uma rede de novas lembranças (no sentido de atualizar a experiência) que com o passar dos anos são refeitas pelo lugar que, no presente, ocupamos (HALBWACHS, 1990), quando Mario Beni pondera, *hoje eu estou convencido que ele não estava errado*, fazendo uma releitura sobre a experiência.

Para Mário Beni (06/05/2009) a grande maioria dos cursos não tinha corpo docente da qualidade da USP, da PUCRS de Porto Alegre, da PUC de Minas, de Poços de Caldas, que recentemente teve a maior nota no exame do ENEM, e é coordenado pelo professor Renê Correa Nascimento. Esses cursos diferenciados sobreviverão. Embora, recentemente, tenha surgido a triste notícia, pelo próprio professor Renê, que nem o curso que obteve a nota máxima no ENEM vai sobreviver, porque o interesse caiu radicalmente; praticamente não houve candidatos em número suficiente para formar uma turma.

*Isso está acontecendo em todo o território nacional, eu acho que esses cursos vão migrar, em sua grande maioria, para as universidades tradicionais. Eu acho que as Universidades Federais já estão se organizando, se preparando para isso. As universidades privadas vão passar para nível de tecnólogo para sobreviver [...] e as universidades públicas vão manter ainda o Curso de Turismo, a tendência é essa.* (Mário Beni, 06/05/2009)

---

<sup>168</sup> Após concluir com aprovação todas as disciplinas previstas para os dois primeiros semestres, os alunos obterão o Certificado de Qualificação Profissional Modular em Gestão de Empreendimentos Turísticos Sustentáveis. Desta forma, ao final do primeiro ano do curso, o educando já estará apto a ingressar no mercado de trabalho portando um certificado que oficializa sua formação e competência.

No entanto, os narradores aventavam essa possibilidade para outros cursos de Turismo do país, mas não, naquele momento, para o da PUCRS. Destacam a carência de profissionais técnicos na área do Turismo, porém acreditam que, no caso da PUCRS, na concepção de turismo e de Curso de turismo que sempre trabalhavam, com a formação e qualificação do corpo docente, seria adequado uma retomada do curso na perspectiva da pesquisa e geração de conhecimento, um curso de bacharelado para formar pesquisadores que contribuíssem para a construção de uma teoria do Turismo, de uma ciência do Turismo. Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) acredita que *a instituição, pela história dela tem tudo para continuar, pela sua história, na realidade a história te ajuda efetivamente, mas quiçá, com muito mais tranquilidade, [...]*.

Embora reconheçam a importância de uma formação técnica para o Turismo, os professores se posicionaram contra a decisão da PUCRS de extinção do Curso de Bacharelado em Turismo. Para eles foi um longo e desgastante processo, em 2009. O grupo de professores trabalhou muito em projetos de reestruturação e em uma proposta que foi entregue em dezembro, quando de repente, ficam sabendo do novo curso. Não tiveram participação na elaboração deste, que não leva em conta tudo o que o grupo de professores do Turismo estava pensando, construindo; não leva em conta a trajetória da PUCRS na área de Turismo, simplesmente desconsidera, nega o trabalho desenvolvido por esses profissionais durante 38 anos e a contribuição do curso na atividade turística do estado.

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo é composto por um conjunto de disciplinas que trabalha o conhecimento de forma equilibrada entre a teoria e a prática, possibilitando que os alunos desenvolvam o aprendizado em laboratórios especializados e experienciem o conhecimento realizando atividades práticas em organizações que ocupam posições destacadas no segmento de atuação, com as quais a Universidade possui convênios. Assim, através de aulas em laboratórios, visitas técnicas, saídas de campo e ambientações profissionais, vivenciando situações reais na área, espera-se que os egressos deste Curso sejam capazes de adquirir as competências e habilidades necessárias para desenvolver suas atividades com qualidade, criatividade, inovação e empreendedorismo. ([www.pucrs.face.br](http://www.pucrs.face.br) , 15/05/2010).

Tem, como objetivos, oferecer uma proposta pedagógica de excelência, contemporânea do seu tempo, com uma estrutura curricular dinâmica e disciplinas ministradas por professores com competência acadêmica, mas também com vivência de mercado; preparar profissionais com autonomia de pensamento e ação, capazes de agir nas diferentes áreas do Turismo com responsabilidade, competência, crítica, ética e



solidariedade; oferecer discussões, textualizações, possibilidades experimentais e vivências profissionais nas áreas que contemplam as atividades relacionadas ao profissional de nível superior em Turismo; promover a construção do conhecimento, estimulando a transposição do campo teórico acadêmico para a prática profissional por meio de metodologias que permitam a constante reflexão-ação; propiciar situações pedagógicas que contemplem as exigências do mercado de trabalho, em especial, no que se refere às novas tecnologias; discutir, vivenciar e analisar a necessidade de um comportamento profissional calcado nos processos de construção teórica e no emprego constante da ética profissional, perpassado e enfatizado em todas as disciplinas; incentivar a pesquisa, contribuindo para construção do campo epistemológico do Turismo.

Esse profissional pode atuar em diversas áreas, entre elas órgãos e organismos oficiais de Turismo e hotelaria, associações de classes e clubes, agências de viagens, companhias aéreas e de navegação, restaurantes, bares e casas de shows, empresas organizadoras de eventos, consultorias, planejamento de estrutura de lazer e de hotéis, entre outros.

Não está disponível na página oficial do curso toda a estrutura curricular, apenas o nível I, com as seguintes disciplinas: Fundamentos Econômicos do Turismo; Introdução à Administração; Sistema Turístico; Práticas de Sustentabilidade Ambiental; saída de campo I; Oficina de Hospitalidade; e Gestão de meios de Hospedagem.<sup>169</sup>

Podemos questionar quais as semelhanças/diferenças entre o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo e o Curso de Bacharelado em Turismo, no que tange à sua estruturação administrativa, pedagógica e curricular, aos seus objetivos e perspectivas profissionais?

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo se propõe, dentre outros aspectos, a promover a construção do conhecimento, estimulando a transposição do campo teórico acadêmico para a prática profissional por meio de metodologias que permitam a constante reflexão-ação; incentivar a pesquisa, contribuindo para construção do campo epistemológico do Turismo. Pode-se observar que existe certa similaridade entre os profissionais graduados em Cursos de Bacharelado em Turismo e os Tecnólogos em Gestão de Turismo. Essa “rivalidade” pode se acirrar, ainda mais,

---

<sup>169</sup> Salienta-se que, junto com o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, também foi criado o Curso Superior de Tecnologia de Hotelaria, que, conforme consta na página oficial da FACE, tem a mesma proposta, disciplinas do nível I idênticas, modificando, apenas, quando se refere às áreas de atuação do profissional.

quando os egressos dos referidos cursos se depararem como concorrentes no mercado de trabalho.

Um curso de Tecnólogo deve ser mais voltado para a prática, reduzindo o tempo de duração, o que pode se constituir como um dos “atrativos” que aumenta sua demanda. Porém, pode haver, para a sociedade, uma falta de uma definição dos referidos cursos.

Coincidentemente, ou não, muitos dos conteúdos do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo são idênticos aos contemplados pelo Curso de Bacharelado em Turismo. Podemos pensar, como pode um Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo ter um direcionamento específico, e, ao mesmo tempo, possuir uma dimensão ampla, peculiar ao Curso de Bacharelado em Turismo? Podemos pensar que o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo foi elaborado fazendo-se uma síntese/compactação do Curso de Bacharelado em Turismo. Dessa forma, preterizam-se as Diretrizes para a Formação de Tecnólogos, que expressam que “Importa, sobremaneira, a identificação de critérios e referenciais claros e de responsabilidade das instituições de ensino na oferta de cursos de formação de tecnólogos”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010 [Parecer CNE/CP n. 29], p. 21) Dentre as peculiaridades do Curso de Tecnólogo, o referido documento menciona que as demandas do mercado de trabalho e da sociedade devem ser consideradas.

Entendemos que diversas especificidades do Curso de Bacharelado em Turismo se prestam a cursos de tecnólogos. Consideramos que os cursos direcionados a uma formação específica, como deve ser o caso dos tecnólogos, devem ter o cuidado de não adentrar no campo dos cursos de bacharelado. O Parecer CNE/CES n. 436/2001 reconheceu que os Cursos Superiores de Tecnologia se constituem como graduações com características específicas, bem diferenciadas das da graduação plena.

Em síntese, podemos afirmar que a diferença principal entre o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo e o Curso de bacharelado em Turismo está basicamente centrada na diferenciação de tempo, a eles conferidos. Por outro lado, as Diretrizes para a Formação do Tecnólogo enfatizam que: “[...] é muito difícil precisar a duração de um curso de formação de tecnólogo, objetivando fixar limites mínimos e máximos. De qualquer forma, há um relativo consenso de que o Tecnólogo corresponde a uma demanda mais imediata a ser atendida, de forma ágil e constantemente atualizada”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010 [Parecer CNE/CP n. 29], p. 21)

A diferenciação também se dá, sobretudo, no campo das disciplinas de cunho humanístico, que não são ministradas no Curso Superior de Tecnologia em Gestão de

Turismo, e esse fato, indubitavelmente, prejudica à formação ético-cidadã dos alunos. Se na década de 1970 tínhamos um curso, um currículo, uma proposta, uma filosofia de um curso de Tecnólogo em Turismo, mascarado de Bacharelado, atualmente a situação é a mesma, só que invertida, temos um curso, segundo os objetivos de Bacharelado em Turismo, mascarado de Tecnólogo.

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo viabiliza uma formação rápida; possui um custo mais baixo; sintonizado com o mercado de trabalho e com as demandas do setor produtivo, possibilita aos trabalhadores-alunos o aproveitamento e a valorização de suas práticas e saberes tácitos. O que de acordo com Campos (2005) não é uma solução nova. “Não é um pensamento muito diferente daquele que permeava o empresariado de 1946, que chamou o governo federal à criação de serviços educacionais destinados a *atenuar a complexidade crescente das funções especializadas na área mercantil*. [...]. Já se pensou, até mesmo no século XIX, na tentativa de copiar-se o modelo dos *Community College* dos Estados Unidos”. (CAMPOS, 2005, p. 892)

Tinha que ser um curso economicamente viável, e essa configuração surgiu como uma opção, para que a área de Turismo permaneça na PUCRS. Porém em nenhum momento apareceu, nas narrativas dos docentes da PUCRS, a expectativa ou o desejo de que o curso se encaminhasse nesse sentido. A PUCRS cria o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, não em função de um entendimento do fenômeno turístico, mas, basicamente, por uma decisão relacionada muito mais a uma questão de orçamento da universidade, uma decisão tomada em função da planilha de custos. Campos (2005) destaca que quem mais está investindo nos cursos de nível tecnológico, são as instituições privadas que encontraram aí um nicho de mercado.

Realizamos uma entrevista com Norma Martini Moesch (06/04/2010), após a extinção do Curso de Bacharelado de Turismo da PUCRS. A professora inicia dizendo que, nesse tempo, em que estivemos separadas, fisicamente e também do objeto de estudo da entrevista, muita coisa aconteceu afetando este curso. *São os tsunamis da nossa sociedade e da nossa vida*. Para a professora, é muito curioso, estranho, e de certa maneira, incompreensível, o que está se passando, porque é difícil acreditar que tenha sido concluído o episódio de mudanças na PUCRS, tentando redefinir os campos destinados à formação nas áreas do turismo, este importante campo do conhecimento que é a formação dos profissionais a nível superior na área do turismo.

*Qual é o paradoxo que tanto me inquieta, de fato me deixa eu diria confusa, e com pouca clareza? Não tenho como interpretar o que se passa hoje com a PUCRS porque sempre foi*

*uma instituição de vanguarda. O propósito de ter assumido o curso de Turismo numa época que era tão incipiente o conhecimento que se tinha dessa área e de ter enfrentado heroicamente, em torno de ¼ de século a sustentação de uma formação acadêmica nesse campo, onde a PUCRS atuou sozinha por quase 30 anos, e hoje, passado esse momento em que seria eu diria a etapa ou a meta desejada de qualquer instituição que tivesse se envolvido numa área nova, na busca de conhecimento, de saber e de formação, acho que seria o coroamento de uma vanguarda, de apostas num cenário e num segmento da sociedade que ainda poucos acreditavam, que era o Turismo como uma perspectiva de desenvolvimento, numa sociedade em transformação no século XX.*

Para a professora é difícil entender essa decisão da PUCRS, porque exatamente no momento em que o turismo supera a fase inicial para a qual poucas instituições de ensino se voltavam, a fase da efervescência desenfreada da proliferação de cursos de forma ingênua, romantizada, ou empírica, para o enxugamento e uma ordenação, talvez fosse o momento de se valorizar um curso de bacharelado em Turismo. Temos cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, temos um Brasil diferente, que tem o privilégio de apresentar-se diante do mundo como um país que acredita no Turismo, que tem uma Política Nacional de Turismo fortemente estabelecida, que tem um Ministério de Turismo.

*Eu diria que é praticamente inédito o que se dá hoje no nosso país, dentro do Ministério do Turismo em todas as áreas temos hoje egressos dos cursos superiores de Turismo. Concursos se repetem todos os anos, tentando buscar uma formação profissional que possa espelhar esta linguagem que foi criada e que alimenta o próprio plano nacional de Turismo, os seus grandes programas, projetos e o grande diálogo que o governo federal, que o Ministério do Turismo criou com a sociedade brasileira. (Norma Moesch, 06/04/2010)*

No Programa Nacional de Regionalização do Turismo, em todas as ações e os subprogramas que o alimentam, temos a presença de Bacharéis de Turismo, e das IES que se ocuparam com a formação profissional em turismo.

*Hoje é possível falar nacionalmente nessa linguagem que está alimentando o turismo nacional, porque as universidades lograram e acolheram os cursos superiores de Turismo e oferecem a sua contribuição a esse magnífico programa que hoje o governo enseja que é o Programa Nacional de Regionalização do Turismo. Então eu pergunto se esse é o momento de uma universidade de vanguarda que é responsável por boa parte das grandes inteligências do turismo deste país, que prospectou, projetou na sociedade esse capital humano*

*admirável que hoje se multiplica e que dá sustentação aos órgãos oficiais do setor empresarial, ao terceiro setor, enfim, que de forma inequívoca está hoje permeando todas as iniciativas por políticas públicas, privadas, que fazem do turismo um grande vetor do desenvolvimento do nosso país, da nossa nação? Por que a PUCRS se retira de um cenário tão importante que levou em torno de 40 anos para se configurar, se consolidar, um momento tão decisivo, tão expressivo, deixando espaços para que se questione se esse objeto chamado Turismo, se esse fenômeno chamado Turismo, que inspirou, que alimentou, e que entusiasmou a PUCRS do saudoso Irmão Ottão, hoje não tem mais significado como objeto de estudo superiores em turismo? (Norma Moesch, 06/04/2010)*

Nessa fase do conhecimento em turismo se faz necessário a presença permanente e comprometida da academia. Para Norma Moesch (06/04/2010), é nesse momento, em que o Brasil mais precisa dessa inteligência humana em favor do turismo, que a PUCRS se retira e entrega a competência e a responsabilidade de gerar esse conhecimento a uma esfera do ensino das tecnologias. *Eu vejo com muita tristeza que nós estamos voltando pelo mesmo caminho, ou seja, fizemos uma trajetória de três décadas ou quatro décadas, e eu gostaria de continuar a avançar em direção a linha do horizonte que tanto me seduziu quando eu escolhi essa carreira e essa profissão.*

A presidente Nacional da ABBTUR, professora Tania Omena, ao discursar na 28ª reunião do Conselho Nacional de Turismo<sup>170</sup> em Brasília, no dia 27 de abril de 2010, encaminhou a solicitação de aproximação urgente do MTur com o MEC. Falou sobre a necessidade de uma maior interlocução entre os Ministérios na discussão da formação na área de Turismo, uma vez que o campo eminentemente técnico vem sendo a tônica da atuação do MEC, o que não é coerente com as ações e encaminhamentos do MTur. Salientou que a atuação do MEC está desconexa da Política Nacional de Turismo e do Plano Nacional de Turismo; o MEC desconhece oficialmente o Turismo como formação ampla quando trabalha centrando suas orientações, políticas e recursos, no campo das Escolas Técnicas.

Estamos, novamente, na discussão realizada na década de 1970, quando o MEC e a EMBRATUR, debatem sobre o nível dos cursos de turismo (técnico, de graduação, ou de pós-graduação).

Nesse sentido, Norma Moesch (06/04/2010) reforça:

---

<sup>170</sup> O Conselho Nacional de Turismo é um órgão colegiado com a atribuição de assessorar o ministro de Estado do Turismo na formulação e a aplicação da Política Nacional de Turismo e dos planos, programas, projetos e atividades derivadas. Esse Conselho é formado por representantes do governo federal e dos diversos segmentos do turismo. O Conselho é hoje integrado por 67 conselheiros de instituições públicas e entidades privadas do setor em âmbito nacional.

*A PUCRS parece que na leitura que nos é permitido fazer nesse momento, a PUCRS está totalmente dissociada da Política Nacional de Turismo. A PUCRS não está associada com a Política Estadual de Turismo. A PUCRS não está vinculada as políticas emanadas pela Organização Mundial do Turismo. Com quem a PUCRS está sintonizada no momento em que ela extingue um curso de bacharelado em turismo, ela atende a que lógica, a que premissas? É o fato de não ter mais hoje 60 alunos na sala de aula, como era na década de 1970, 1980? É o fato dela não poder trabalhar com um universo tão dilatado quanto àquele que alimentava os cursos universitários há anos passados? Essa mudança, que ocorreu em todas as IES. (Norma Moesch, 06/04/2010)*

Se o Brasil necessita da formação tecnológica, e essa formação é importante, não encontramos lógica para entender por que essa formação tem que tomar o lugar de um bacharelado. Parece que não existe mais na PUCRS o interesse em tratar o Turismo no contexto científico.

Norma Moesch (06/04/2010) lamenta que a PUCRS, neste momento, pelo pouco entendimento do turismo e do efetivo papel que a instituição desempenhou na formação desta consciência científica nacional que, e talvez por desconhecer a magnitude desse esforço da PUCRS, estejam se adequando a uma situação que talvez não tenha sido devidamente estudada, avaliada e compreendida. *Eu quero registrar o meu desconforto, meu desalento, a minha melancolia, a minha tristeza, porque acho que é uma luz que se apaga no horizonte do Rio Grande do Sul. A extinção do curso de bacharelado de Turismo da PUCRS é um adeus que cada um de nós tem que dar a si mesmo.* (Norma Moesch, 06/04/2010)

Para a professora, a PUCRS, deixou de arcar com o seu débito social, a sua contribuição social no campo do Turismo; retirou-se da área, por uma medida, eminentemente, econômica. No entanto questiona: por que não foram extintos os cursos de Geografia, de Filosofia, de Ciências Sociais, Serviço Social, Letras, são tantos os cursos deficitários da PUCRS, por que só o Turismo?

A área de turismo inicia uma outra etapa na PUCRS, com um curso tecnológico, retomando a idéia de um curso técnico, próximo ao dos anos de 1970. Exatamente aquilo que o corpo docente, que atuava no curso, entendia como sendo inadequado para um Curso de Bacharel em Turismo. Alguns consideram que o novo curso é uma contradição, é tudo aquilo que há décadas o Curso de Turismo vinha se questionando e tentando superar.

Para Norma Moesch (06/04/2010), os docentes do curso foram bastante afetados com esta mudança, especialmente aqueles que investiram longa e penosamente no seu doutorado e que hoje são tratados com indiferença imperdoável. No entanto, entende esse como um momento formidável para que o grupo de professores do Turismo da PUCRS, que são parte da grande inteligência nacional, do conhecimento em turismo<sup>171</sup> e que não podem ficar distante da linha de frente da formação acadêmica em turismo, se organizem e estruturarem um Instituto de Estudo Superior em Turismo.

*Eu não posso entender, não aceito, na cabeça, na mente, no coração, se eles não agirem dessa forma, [...] Porque eu não posso pensar em uma dessas criaturas sentadas numa mesa de professores, [...] fazendo tempo para cumprir suas 40 horas semanais por regimento e por contrato. [...]. Então penso que é a hora de criar uma instituição que possa complementar o que os bacharéis em turismo já incorporaram, já tem como saber e como conhecimento, e que aqueles que vão fazer o curso de tecnologia necessariamente vão sentir necessidade, vão sentir o desejo de avançar, de aprender, porque vão sentir o mesmo que eu senti quando fiz um curso que era o chamado bacharelado, mas que tinha uma estrutura de tecnologia, que era um curso de tecnólogo [...]. (Norma Moesch, 06/04/2010)*

O professor Leandro explica que, como participa de fóruns internacionais, verifica que outros países enxergaram o Turismo como um braço para o desenvolvimento sustentável e se responsabilizaram por formar profissionais,

*os cursos de Turismo tem um calibre diferente dos nossos cursos de Turismo, de maneira geral no Brasil, estão num nível de excelência superior ao nosso, inclusive aqui na Argentina, então acho que a gente teria que provocar, até repensar os discursos do Brasil, mas acho que o Rio Grande do Sul, falando pela PUCRS, acho que estamos com uma dívida enorme para o resgate do curso. (Leandro de Lemos, 24/11/2008)*

Para a professora Marutschka Moesch (06/05/2009), o Curso de Turismo da PUCRS vinha desempenhando a sua função social em todos os projetos realizados. Na extensão, nos estágios, na relação com as comunidades, o curso deixa os resultados, atua e contribui. Cita como exemplos a Rota Romântica, a Ilha da Pintada, os Caminhos Rurais, a Rota das Especiarias – projetos que nasceram dentro da PUCRS. Recorda que, em 2008, foi fazer uma apresentação em Nova Petrópolis,

*e foi tão inédito ouvir os elogios ao nosso trabalho, coisas que eu nem me lembrava que nós tínhamos feito, o grupo da PUCRS tinha feito e o agradecimento à PUCRS pelo trabalho de*

---

<sup>171</sup> Norma Moesch nomeou: Leandro de Lemos, Marutschka Martini Moesch, Susana Gastal, Antonio Carlos Castrogiovanni e Diney Adriana de Oliveira e outros professores mestres.

*turismo do município, da região..., então eu entendo que, todo o Curso de Turismo que tenha na sua concepção o turismo como forma de desenvolvimento e não apenas negócio, ele contribui, e é isso que o curso da PUCRS, tem mérito nisso.*

Também não podemos deixar de considerar que a extinção do Curso de Turismo da PUCRS será sentida por todos os envolvidos; pelos docentes e ex-alunos, pelos pesquisadores da área do Turismo, pelos cursos de Turismo dos estados que o referendaram ao utilizarem o seu currículo como base e pelos diversos segmentos da atividade turística no estado. Pensamos que essas situações devem ser levadas em conta, pois elas nos dão, de certo modo, o tom daquilo que é possível, nesse momento, nesse contexto, porém não as tomamos como imobilizadoras da “utopia”, talvez essa seja uma decisão necessária para angariar, conquistar novos caminhos.

#### **6.6. Fazendo as Pontes: entre o Passado e o Presente**

Um problema sempre presente na escrita é a necessidade de lidar com estruturas sequenciais, quando queremos, na verdade, mostrar estruturas simultâneas.

É importante esclarecer que a formação de profissionais para a “indústria do turismo” não se dá imediatamente na Universidade; ocorre, inicialmente, fora, em todos os setores. A Universidade, tardiamente, recupera essas experiências que acontecem “fora das suas muralhas”. É só lembrarmos que, desde 1948, o SENAC já ministrava cursos nessa área, porém esse “conhecimento” era basicamente prático, não sistematizado.

Interpretando-se as narrativas dos entrevistados, podemos perceber explicações diferentes no que se refere a fatores determinantes da origem do curso de Turismo da PUCRS. Essas diferenças, provavelmente, devem-se a suas participações em momentos ou circunstâncias distintas, tanto de sua inserção no mundo acadêmico, quanto do período histórico em que suas preocupações com a produção de conhecimento sobre turismo se iniciaram.

Não podemos esquecer que o fato de vários narradores serem aqueles que inauguraram o curso, mostra um forte significado em reconhecerem-se como “pioneiros da educação superior em Turismo no Rio Grande do Sul”. É assim que se autodenominam. Ou seja, inicialmente, nos primeiros anos de funcionamento da instituição, eram poucas as pessoas que compartilharam aquele ambiente pequeno, adaptado para um curso que proporcionava um contato muito próximo entre todos, professores, alunos e pessoas que trabalhavam com o turismo no estado.



Ao mesmo tempo em que lembram do início do curso como um espaço apropriado para preparar os profissionais, evocando a necessidade das aulas práticas, costuravam a este quadro as recordações das atividades turísticas no estado nesse período, como retroalimentadoras desse processo de ensino. Estavam recriando ideias de referências coletivos sobre o turismo, em um tempo reordenado que almejava a continuidade e o crescimento da atividade no estado e no Brasil.

Ao vasculhar o jornal *Correio do Povo*, deparamo-nos com uma gama variada de reportagens sobre turismo, capaz de instaurar com competência um discurso propício à implementação de novas práticas relativas à atividade no estado no período de 1970 a 1976. Nos anos 1970, os jornais tiveram uma participação e contribuíram na construção da memória do Turismo no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, do Curso de Turismo da PUCRS e de suas práticas relativas à formação profissional.

Num mundo no qual a imprensa exerce papel preponderante ao popularizar e divulgar ideias, sentidos, conceitos transferíveis para os diversos campos que constituem o social, percebemos que, no Rio Grande do Sul, as reportagens sobre a atividade turística é legitimada pelos agentes envolvidos com a atividade turística. Salientamos, no entanto, que muitos desses agentes que trabalham com a atividade turística e no curso de Turismo da PUCRS são jornalistas e, muitas vezes, são eles próprios que escrevem sobre turismo. Isso nos possibilita compreender a construção social do turismo no estado, pois sabemos que o poder de um periódico é proporcional ao reconhecimento que recebe do grupo<sup>172</sup>.

O Curso de Turismo da PUCRS estava inserido em um contexto político, econômico, social e educacional, em que se insistia na valorização da profissão, na exaltação da educação em turismo como uma espécie de “redenção” ou de “salvação” frente aos problemas enfrentados pelo país. Na década de 1970, o reconhecimento acadêmico da comunidade ao curso de Turismo da PUCRS não teria ocorrido sem que, paralelamente à luta desenvolvida para implantar uma nova área de conhecimento na universidade, não tivesse também se constituído entre os grupos sociais que naquele momento histórico detinham o poder político e econômico e se apresentavam como os definidores dos destinos políticos da sociedade brasileira e que viabilizavam um projeto político modernizador e desenvolvimentista.

A década de 1970 tornou-se especialmente importante se pensarmos que, nesse período, formaram-se as relações entre aqueles que seriam os “teóricos”, estudiosos da

---

<sup>172</sup> Sugerimos estudos sobre a circulação destes pioneiros na atividade turística, junto ao empresariado, no comércio, nos meios de comunicação, na política, no ensino em Turismo, etc, reforçando sua estreita ligação com as conjunturas do poder político do período.

área do Turismo que permanecem até hoje. Por exemplo, Norma Moesch, que conhece e inicia um relacionamento profissional com Mario Beni, com Mirian Rejoswski professores da USP. Foi nesse período que sugeriram essas redes de sociabilidades que influenciaram toda uma geração sobre o ensino em Turismo.

Observamos que o pioneirismo do curso trouxe consigo algumas dificuldades, particularmente, em relação ao corpo docente, que, devido ao caráter inovador, implicou a vinda de professores de outras áreas, além de pessoas que atuavam no mercado, para dar conta das demandas exigidas. Situação inversa a que enfrenta hoje, quando as demandas institucionais são supridas com corpo docente qualificado. Os professores do curso de turismo se constituem, enquanto docentes da área, a partir de sua história de vida ou história profissional.

Alguns narradores, por terem passado muitos anos no Curso e na PUCRS, combinam sentimentos de pertencimento múltiplos em relação à instituição. Não querem esquecer o que viveram, almejam a lembrança.

Mesmo que a história do curso esteja amalgamada pela mesma matriz de fundação, o sentido valorativo do ensino se mistura com a própria história da educação superior em turismo no Brasil. As memórias sobre o início do curso são articuladas ao discurso de um curso de tradição e referência, o que se tornou senso comum na evocação dos narradores. Até a atualidade, ainda é difundido e reatualizado por diferentes sujeitos e instâncias institucionais, não só no estado, como no Brasil.

O Curso Superior de Turismo da PUCRS tornou-se a célula-mãe de irradiação do ensino em turismo no Rio Grande do Sul. Muitos outros cursos foram criados, tomando-o por base e tendo como docentes ex-alunos da PUCRS.

No Curso, o currículo é sempre resultado de uma constante luta e conflitos, e até esse momento, na construção e reformulação do currículo, por mais que o contexto e os atores envolvidos sejam considerados, ele reflete sempre a concepção daqueles que estavam na gestão do processo. São recorrentes reformas curriculares como busca de aprimoramento e adequação ao contexto socioeconômico regional e nacional. Mas, ao mesmo tempo, pode significar a fragilidade teórico-metodológica do Turismo, como área de conhecimento.

Durante sua trajetória, o curso desenvolveu inúmeras atividades, acordos de cooperação para estágios e ações na área do turismo, criação de laboratórios, semanas do turismo, palestras, promoções do departamento. Os professores sempre participaram de eventos relacionados ao Turismo pelo Brasil e, constantemente, eram convidados a proferir palestras nos mais diversos eventos pelo país (APÊNDICE D). A PUCRS

sempre esteve presente nas discussões referentes aos cursos de Turismo no Brasil, participando e influenciando nos seminários, congressos, nacionais e internacionais que, desde a década de 1970, definiram os rumos da educação superior em Turismo.

De maneira geral, o Curso de Turismo da PUCRS caracterizou-se por uma maior ênfase nas atividades de ensino e, fundamentalmente, na realização de várias ações de extensão, envolvendo vários segmentos da comunidade. A PUCRS, especialmente a FAMECOS, tem tido, desde as suas origens, uma constante preocupação com o desenvolvimento socioeconômico sul rio-grandense. Instituição comunitária e confessional, sempre criou faculdades e cursos em atendimento a reivindicações da sociedade em que está inserida. No curso de Turismo, esse diálogo entre o dentro e o fora do curso sempre foi intenso, frequentemente eram buscados interlocutores fora do espaço da sala de aula: afinal, tratava-se de um curso de portas abertas para a sociedade.

Apesar do predomínio do pensamento funcionalista, vigente no Curso de Turismo nas décadas de 1970 e 1980, novas preocupações começam a surgir como questões didático-pedagógicas; amplia-se o entendimento do turismo como um fenômeno social. A docência do professor do Curso anteriormente vinculada ao saber aprofundado de uma dada atividade profissional, logo ao domínio de um conhecimento prático, gradativamente foi sendo transformada pela cada vez mais exigente formação do exercício acadêmico de produção do conhecimento. O corpo docente começa a discutir e teorizar, buscando um turismo mais consciente, envolvendo todos os aspectos do fenômeno. No entanto, os estudos no país revelam um recorrente privilégio dos aspectos econômico-mercadológicos do setor, em detrimento da apreensão e condução de inúmeras e significativas dimensões nas demais esferas: ambiental, socioespacial, antropológica e epistemológica, prejudicando o avanço do conhecimento na área.

Outro aspecto relevante é que o conhecimento de teorias e a experiência profissional são vistos, muitas vezes, como perspectivas concorrentes, e a visão teórica, voltada a uma ciência social, e a visão das necessidades do mercado, vinculadas à reprodução técnica, determinam a concepção, os objetivos e a organização curricular, e os professores encontram-se enquadrados em uma destas perspectivas. Parece haver no interior do curso, o mesmo divisor de águas ao qual Mario Beni se reporta. Ao mesmo tempo, também aparece nas narrativas que o curso possui esse duplo papel, de proporcionar, ao discente, o conhecimento através da pesquisa e a experimentação prática de sua formação, mas, muitas vezes, na tentativa de solucionar alguns problemas, como por exemplo a baixa procura, acaba tendenciando mais para o mercado. No entanto, isso não é um fato isolado, pois Chauí nos alerta que:

Adaptando-se às exigências do mercado, a universidade alterou seus currículos, programas e atividades para garantir a inserção profissional dos estudantes no mercado de trabalho... Regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional e, portanto, pela particularidade e instabilidade dos meios e dos objetivos. (CHAUI, 1999)

Estava presente na PUCRS a ideia de que a constituição do fenômeno turístico exige, cada vez mais, profissionais com domínio das técnicas, fato relevante para que, em 2010, a instituição criasse o curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, e determinasse que o curso de Bacharelado em Turismo entraria em processo de extinção.

Percebemos nas memórias uma possibilidade para enfrentarmos os dilemas do ensino superior em Turismo no Brasil, pois as narrativas desta pesquisa contribuem nesse sentido. Deter o olhar na trajetória do ensino em Turismo da PUCRS nos estimula a refletir sobre nosso fazer político-pedagógico e as perspectivas e desafios a serem enfrentados no atual contexto de educação e turismo. Parece inegável que a pesquisa histórica da educação em Turismo seja essencial para o desenvolvimento do turismo enquanto ciência, não com a pretensão de resolver todos os seus impasses, mas pelo ensejo de inculcar o debate sobre novas possibilidades.

A luta por uma concepção e formulação mais elaborada de um futuro coletivo impõe um esforço crítico e reflexivo sobre os caminhos que nos trouxeram à realidade presente, e sobre as possibilidades de ruptura, ou seja "de poder fazer ver e fazer crer". E aqui se coloca a questão da esperança, que a incerteza do devir histórico nos permite.

Consideramos que a tão desejada retomada do curso ficou mais uma vez na "esfera do desejo", demandando transformações na ação político-pedagógica, transformações essas que se inserem, inclusive, em um processo mais amplo de necessidade de mudanças no contexto educacional.

## **FINALIZANDO: do Bacharel ao Tecnólogo**

*Quando secam os oásis utópicos estende-se um deserto de banalidades e perplexidade (HABERMAS, 1987)*

A educação superior como um todo no Brasil vem passando por várias e significativas modificações ao longo dos anos. O início dos cursos de Turismo teve como objetivo atender necessidades emergentes do mercado de trabalho; assim, há uma relação direta, do ponto de vista histórico, entre a formação de profissionais para atuarem no turismo e o desenvolvimento da própria atividade turística. Nesse contexto, a Universidade brasileira teve um papel de omissão em relação a essa nova atividade pois, ao invés de se antecipar para estudar esses fenômenos e, ao mesmo tempo, começar a formar profissionais qualificados, ela viria a reboque.

O constante repensar do Curso de Turismo implica uma análise que extrapola o curso e mesmo a PUCRS. Ambos estão inseridos em um contexto que contempla uma gama complexa de esferas e nuances. É preciso pensar, por exemplo, as (re)configurações experimentadas pela sociedade contemporânea, em tempos que se está denominando de pós-modernidade. É necessário repensar o fazer científico – e os paradigmas que o sustentam – e, portanto, a Universidade e de seus cursos; atentar para as articulações entre o local e o global, as partes e o todo, e as razões de sua existência. É necessário atualizar-se como curso articulado à sociedade, dela interdependente. Nas mais diversas áreas do conhecimento (e essa divisão é cartesiana), o ser humano começa a perceber sobreposições que provocam algo como fusões, simbioses, tensões e transformações.

A história do ensino superior em Turismo está marcada por conflitos e problemas que se apresentam tanto nos domínios da teoria como no da prática, no institucional e no social, no político e no cultural.

O que foi realizado durante o longo percurso de quase quatro décadas pretende estar registrado e analisado neste trabalho. A conclusão que se pode tirar é de que, apesar das dificuldades encontradas, sua consolidação foi garantida, embora sua manutenção não. Experiências, tanto na graduação como na pós-graduação, testemunham a necessidade de um estudo aprofundado do fenômeno turístico. Porém, o que continua e continuará a ser problematizado é a adequação dos métodos e técnicas desse ensino, ou seja, como trabalhar o campo complexo e abrangente que envolve o fenômeno turístico – social, cultura, econômico, ambiental, jurídico, frente às condições

muitas vezes adversas, especialmente no que se refere ao ensino superior em geral no Brasil, que gera, muitas vezes, a mercantilização da educação, a competição entre instituições de ensino superior, com currículos de ensino cujas estruturas privilegiam o conhecimento a partir de uma perspectiva de mercado, cedendo pouco espaço às questões sociais, culturais, ambientais, de cidadania e a quase inexistência da pesquisa. O curso objeto desta pesquisa não está descolado de outros cursos de Turismo; seus problemas, inquietações, dúvidas, discussões, fazem parte de um contexto mais amplo.

O Curso seguiu uma trajetória consoante às condições do contexto em que se desenvolveu. Trabalhar com o curso de Turismo, suas práticas educativas e refletir sobre elas significa trabalhar com as rupturas e as (des)continuidades, como podemos perceber analisando a trajetória do curso que, se não é apenas um reflexo dos ajustes determinados pelas contingências históricas, antes mostra a busca intencional da construção de uma cidadania real.

A história do Curso de Turismo da PUCRS não significa apenas a história da instituição universitária; representa a história do Turismo no Brasil. Seja na formulação de interpretações ou análises que deem conta do presente ou do passado, o curso apresenta-se como local que porta um arsenal de fontes e de informações fundamentais para a formulação de interpretações sobre ele próprio, e, sobretudo, sobre a história da educação superior em Turismo no Brasil.

Para pensar um curso integrado com a sociedade é preciso, antes, saber que sociedade é essa e que fenômeno é esse – turismo. Há opção: ou se continua a reproduzir um modelo esgotado, ou se trabalha como turismólogos na transformação desse modelo, para, então sim, como curso articulado à sociedade, contribuir para a formação de profissionais críticos e conscientes de seu papel histórico. Esse vinha sendo o rumo das reflexões do curso de Turismo da PUCRS.

O Curso passa por uma profunda crise, o que ameaçou a sua sobrevivência e culminou na sua extinção em 2010. Porém, a área de turismo inicia outra etapa na PUCRS, com um curso tecnológico. O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo<sup>173</sup>, com certeza, é um desafio que vai exigir mudanças na área de turismo da PUCRS, nas relações com outros setores e entre os atores, envolvendo a construção de novos papéis para professores e alunos.

---

<sup>173</sup> O MEC estabelece que os cursos de Graduação em Turismo podem contemplar duas fases: uma, com formação em “Tecnologia em Turismo”, considerada a parte mais operacional do bacharelado, e outra, complementar, com a finalidade de preparar o “bacharel” para a atuação no planejamento, gestão, pesquisa e docência da área de turismo, tendo como foco o turismo como fenômeno econômico e social.

Simbolicamente, nas memórias destes grupos de pertencimento, o curso de Turismo na atualidade – tecnológico – se aproxima do curso da década de 1970, quando era referência de ser uma instituição de ensino, pesquisa e extensão na área da formação técnica em Turismo. Podemos perceber que, no decorrer do tempo, muda o enfoque dado pelo curso ao fenômeno turístico, inicialmente bastante preocupado com questões econômicas, logo em seguida aparece preocupação com o social, conscientização, educação, e há um período fortemente marcado pelo foco no marketing, na qualidade, na gestão do turismo. Notamos ora uma proposta mais teórica, direcionada para pesquisa; ora mais direcionada para o mercado, mais prática. Esse processo é constante no curso; ora as discussões avançam no sentido da necessidade de aprofundamento epistemológico do Turismo e ora há um retrocesso e começa outro processo; anda em espiral. Poderíamos pensar e questionar em que medida todos esses fatos e contradições que ocorreram contribuíram para que ele não se afirmasse dentro da própria universidade e procurasse, durante toda sua trajetória, uma definição e reafirmação de sua identidade, através de várias reformas curriculares, culminando em sua extinção.

Em sua própria gênese, o Curso de Turismo já revelava muitos dos problemas que o acompanharam ao longo do tempo. Criou um Bacharel, sem apresentar elementos que pudessem auxiliar na caracterização desse novo profissional. A referência é muito vaga para a identificação de um profissional criado naquele momento e que não possuía ainda suas funções definidas, na medida em que não dispunha de um campo profissional que o demandasse. A atividade era desempenhada por profissionais sem qualificação. Consequentemente, a prescrição de um currículo mínimo para a formação de um profissional ainda não claramente identificável, só poderia resultar inadequada. Essa inadequação é representada, principalmente, pela tensão provocada, de um lado, pela expectativa do exercício de funções de natureza técnica a serem realizadas por esse bacharel e, de outro, pelo caráter exclusivamente generalista das disciplinas fixadas para a sua formação. Mas se problemas de várias ordens já eram vividos pelos bacharéis em turismo, forçoso é admitir que, além dos problemas relacionados à sua formação e área de conhecimento, possuía também problemas relacionados ao seu campo de trabalho, pois não tinha o curso de turismo um campo exclusivo de atuação.

Atualmente o MEC vem incentivando a criação de cursos tecnológicos. Através dessa Política Pública para a Educação Profissional as instituições privadas vêm ofertando Cursos Técnicos e de Tecnólogos, racionalizando os gastos do Governo com essa modalidade de educação. No Turismo existe uma antiga promessa de futuro e de mercado de ocupação e trabalho, atualmente reforçada pela Copa do Mundo no Brasil

em 2014, que promete aquecer toda a cadeia de empregos relacionados ao turismo. Diante disso, inúmeros cursos tecnológicos em Turismo vêm sendo criados.

É provável, contudo, que o momento atual, vivido pela atividade turística e pelos cursos de bacharelado em Turismo no Brasil, esteja permitindo a construção de outra etapa dessa história que busca na reflexão teórica a aproximação mais consistente com a prática. Os narradores contribuem na construção desta outra etapa, como atores que participam do movimento da história e como estudiosos que pretendem compreender o que ocorreu e o que ocorre, posto que (parafrazeando Hobsbawm) somos parte dessa história e ela é parte de nós.

Um aspecto que se torna importante lembrar é que a área de Turismo na PUCRS permanece, e que não importa onde se localiza, qual a filosofia ou há quanto tempo existe, importa se está onde estão as pessoas, se está com elas, e se sua presença qualifica a vida humana e indica rumos para o amanhã. Fundamentada no significado histórico já construído, ciente de que o desafio se impõe aqui e agora, a área de turismo na PUCRS sempre esteve comprometida com a qualificação social pelo valor do ensino que desenvolveu e por seu nível cultural e científico. Talvez essas exigências instiguem posicionamentos e soluções, e acabem por gerar conflitos no interior do novo curso e tensão na sua relação com a sociedade. Surgem algumas dúvidas que põem à prova a coerência institucional com relação às suas finalidades, manifestadas no fortalecimento do interesse econômico e do mercado, do valor ético e da promoção humana, ou ainda, da conjugação do desenvolvimento econômico em favor da equidade social.

Importante se faz também salientar alguns limites da pesquisa, pois ao compartilhar com a comunidade de historiadores de que devemos continuamente reescrever a história por acreditar que os documentos e as obras dos autores são históricos, entendemos que toda a interpretação do passado parte de uma posição do presente, que é o lugar da problemática da pesquisa. Trabalhar com História Oral é, sobretudo, não querer uma história totalizante a partir dos depoimentos; tampouco provar uma verdade absoluta. Escrever história sem sacramentar certezas, mas diminuindo o campo das dúvidas.

O prazer de interpretar emerge do trabalho delicado e dedicado de conhecer, aos poucos, o Curso de Turismo da PUCRS, num jogo de aproximações e distanciamentos. Por este motivo interpretar a História é voltar a um começo possível. O caminho de volta, no entanto, não é um simples retorno. O começo ao qual retornamos, avançando, já é um ponto diferente do inicial. Esta tensão se insinua na efetiva dificuldade que é problematizar o instituído e pensar simultaneamente nas diversas faces do problema



construído. Da mesma maneira que tentamos encaminhar uma finalização, ficamos a indagar-nos sobre as possibilidades que o Curso ainda suscita. Cada uma das questões trazidas poderia suscitar muitos aprofundamentos, no entanto, optamos por trazer a trajetória do curso, durante todo o seu período.

Enfim, chegamos ao final da jornada (e o que muito nos inquieta, junto conosco, chega ao fim o Curso de Turismo da PUCRS) e são inúmeros os sentimentos que se fazem presente neste momento: desde a profunda sensação do seu inacabamento/incompletude (tanto do trabalho, quanto do Curso), da necessidade de continuar o seu aprofundamento, até a angústia de ter que dar o seu fechamento. Esse curso que me acompanhou nos últimos quatro anos, e que me possibilitou “viajar” tanto, hoje chega a uma outra etapa. É possível que muitas dessas sensações tenham a ver com a perspectiva com que terminamos essa etapa de aprimoramento profissional com a sensação de que, junto conosco, termina (ficou para trás, findou) também o Curso, que é uma referência para nós pesquisadores da área e um espelho para professores de cursos de Turismo do estado. É possível encontrar algumas pistas para essa atitude: uma questão de custos? Baixa demanda? Também podemos pensar que o Turismo é uma prática social que não está ainda nem topologicamente diferenciada das demais no interior do espaço acadêmico, nem juridicamente estabelecida como campo profissional autônomo, nem, portanto, institucionalmente reconhecida como ciência. Além disso, embora o turismo já tenha construído as suas sociedades científicas, as suas revistas especializadas, os seus congressos específicos e os seus grupos de pesquisa no interior de algumas universidades, não existe um consenso, no centro da própria comunidade, se de fato deveríamos nos engajar coletiva e solidariamente em um projeto de cientificização do turismo. Prova disso é que a maioria das pesquisas em Turismo tem um enfoque mercadológico.

Consideramos os resultados como referentes e desafiantes para o conhecimento e a crítica de um processo de discussão sobre a educação superior em Turismo no Brasil, a partir do qual se deve exercitar a isenção e liberdade na mediação crítico-reflexiva sobre o valor dos atos e dos fatos revelados nessa trajetória. A própria educação superior em Turismo é confrontada, portanto, com desafios consideráveis e tem de proceder a mais radical mudança e renovação que por ventura lhe tenha sido exigido empreender, para que, assim como nossa sociedade, atualmente vivendo uma profunda crise de valores, possa transcender as meras considerações econômicas e incorporar outras dimensões fundamentais.

Sem a ingenuidade de que é tarefa fácil ou imediata, mas também comprometidos com o que sabemos, que estamos num momento de transição, que nos tira "o chão" e que precisamos enfrentá-la para continuar acreditando e participando da construção do conhecimento em Turismo. Um conhecimento que compreende um movimento de partida, viagem (percurso) e não contempla o retorno – é migrar, chegar a um novo lugar. Utopia? Por que não? O curso de Turismo da PUCRS: desafio de todos nós. A “utopia” se faz necessária na educação superior em Turismo, enquanto comunidade científica. Trazer à luz para uma discussão aberta no interior de nossa própria comunidade, na esperança de que tal reflexão possa representar uma contribuição a mais dentre as inúmeras outras que já foram e têm sido realizadas por nossos colegas. Ideais, utopias se fazem necessárias à educação – afinal, um ensino que não inclua a utopia, não vale a pena ser ensinado! Impõe-se reinventar um futuro, abrir um novo horizonte de possibilidades. Só há uma solução: a utopia.

Este momento final nos faz entender que, muitas vezes, aquilo que é inesperado torna-se possível e se realiza; e que, em outras, o improvável se realiza mais do que o provável, e que, portanto é preciso estar aberto para esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável (MORIN, 2001).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACERENZA, Miguel Ángel. *Administração do Turismo*. Tradução Graciela Rabuske Hendges. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- ACERENZA, Miguel Angel. *El Turismo: su dinámica latinoamericana y sus limitaciones em el área de recursos humanos*. México. 1990.
- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassnezi. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155 – 202.
- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro – Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- ANDRÉ, Alberto. *O Curso Superior de Turismo da PUCRS. Razões do Curso*. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p.121–124.
- ANDRÉ, Alberto. Projeto de Criação do Curso, 1972.
- ANGERS, Michel Bonneau. Lês formations superieures em tourisme à l’université. In: *Aiest. Formation supèrieure en matière de tourisme: sa necessite – ses exigences*. Saint-Gaallen, Aiest, 1990,v. 31, p. 59–79.
- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2002.
- AUGÉ, Marc. *O Sentido dos Outros*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- AZEVEDO, Julia. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não*. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Victor Civita, 1974.
- BALDISSERA, Rudimar; FLORES, Silvana Padinha; SÓLIO, Marlene Branca. 35 anos do Curso de Relações Públicas da Universidade de Caxias do Sul – UCS. In: MOURA, Cláudia Peixoto (Org.). *História das relações públicas: fragmentos da memória de uma área* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 518–535.
- BARDIN, I. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 1979.
- BARRETTO, Margarita e SANTOS, José dos Santos. Fazer Científico em Turismo no Brasil e seu reflexo nas Publicações. *Turismo Visão e Ação*. Itajaí, vol. 7, n. 2, maio/ago, 2005, p. 357 – 364.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 11 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- BARRETTO, Margarita. *Planejamento e organização do turismo*. Campinas: Papyrus, 1991.
- BARRETTO, Margarita. *Revista Partes*. Entrevista realizada por Ana Marina Godoy. ISSN 1678-8419, 2007. Disponível em: [www.partes.com.br/entrevista](http://www.partes.com.br/entrevista) Acesso em: 15/03/2010.

- BARRETTO, Margarita; TAMANINI, Elizabete; e SILVA, Maria Ivonete Peixer da. *Discutindo o ensino universitário de turismo*. Campinas, SP: Papyrus, 2004. (Coleção Turismo).
- BASTOS, Maria Helena. Memórias de Professores: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, Ana Cristina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 167 – 183.
- BECHER, Gisele e SILVA, Carla Lemos da. O campo profissional de Relações Públicas e o momento de reabertura política no Brasil: Uma análise através da perspectiva da Pesquisa Histórica (1979–1985). In: MOURA, Cláudia Peixoto de (Org.). *História das relações públicas: fragmentos da memória de uma área* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 154 – 155
- BENI, Mário Carlos. A política de turismo. In: *Turismo como ensinar e como aprender*. v. 2, Porto Alegre: SENAC SP, 2001.
- BENI, Mário Carlos. *Globalização do turismo*. 2. ed.atual. e ampl. São Paulo: Aleph, 2003.
- BENI, Mário Carlos. *Política e planejamento de turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2006.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1975, p.1–85.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. (Obras Escolhidas, v. I). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTAUX, Daniel. *L'approche Biographique: sa validité methodologique, ses potencialités*. In Cahiers internationaux de Sociologie .[S.l.: s.n], 1980. v. LXIX.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOULLÓN, Roberto C. *Planificación del espacio turístico*. México:Trillas, 1994.
- BRINGHENTI, Alice do Amaral. *Turismo Internacional No Brasil: 1995–2002*. O Papel do Estado na História, Conquistas, Retrocessos. PUCRS. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Mestrado em História. Porto Alegre, 2007.
- CAMARGO, Luis Otávio de Lima. Turismo, Hotelaria e Hospitalidade. *Turismo em Análise*, São Paulo,13 (1): 07–22, maio 2002.
- CAMPOS, José Ruy Veloso. Educação Profissional no Brasil. In: In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. et al. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005, p. 886 – 917.
- CANDAU, Vera .M.F. Universidade e formação de professores: Que rumos tomar? In: CANDAU, Vera. M.F. (org.) *Magistério, construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CATRAMBY, Teresa Cristina Viveiros; COSTA, Stella Regina Reis da. Estudo de Caso sobre a Capacitação Docente na área de Turismo no Estado do Rio de Janeiro. *Caderno Virtual de Turismo*. Vol. 5, Nº 2 (2005). ISSN: 1677–6976. Disponível em: [www.ivt-rj.net/caderno/anteriores/16/catramby/catambry.htm](http://www.ivt-rj.net/caderno/anteriores/16/catramby/catambry.htm) Acesso em: 11/09/2007.
- CAVALCANTI, Keila; HORA, Alberto S. da. Política de turismo no Brasil. *Revista Turismo em Análise*. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 54–73, nov. 2002.
- CELESTE FILHO, Marcioniro. *A institucionalização do turismo como curso universitário: décadas de 1960 e 1970*. Mestrado em Educação. PUC/São Paulo, 2002.

- CERONI, Giovani Costa. *A exposição do Centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em História, PUCRS. Porto Alegre, 2009.
- CHARLE, Christophe; VERGER, Jaques. *História das Universidades*. São Paulo: UNESP Ed., 1996.
- CHARTIER, Roger. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra J. (org). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001, p.115–140.
- CHARTIER, Roger. *Do palco à página*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- CHAUÍ, M. A universidade operacional. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 maio 1999.
- CHAVES, Edison Baptista. Turismo – Do Planejamento a Atividade Econômica – Uma Experiência Gaúcha. 1993 In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993, p.135–141.
- CLEMENTE, Elvo. A formação do professor para o Curso de Turismo. *Veritas*. Porto Alegre. v. 22, n. 85, março, 1977, p. 5 – 14.
- CLEMENTE, Elvo. Educação – cultura – turismo. *Veritas*. Porto Alegre. v. 36, n. 144, dez, 1991, p. 577 – 580.
- CLEMENTE, Elvo. O Curso Superior de Turismo da PUCRS. Esforço Histórico. In: In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993, p.125 – 127.
- CONSTANTINO, Núncia Santouro de. Teoria da história e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A Aventura (auto)biográfica: teoria & empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 37–74.
- COOPER, Chris; SHEPERD, Rebecca; WESTLAKE, John. *Tourism and Hospitality Education*. Guilford, Reino Unido: The University of Surrey, 1994.
- COOPER, Chris; SHEPHERD, Rebecca; WESTLAKE, John. *Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade*. São Paulo: Roca, 2001.
- CRUZ, Rita de Cássia e SANSOLO, Davis Gruber. *Plano nacional de Turismo: uma análise crítica*. Instituto Virtual de Turismo. Disponível em: [www.ivt.coppe.ufrj.br](http://www.ivt.coppe.ufrj.br), Acesso em: 04/12/2003.
- CRUZ, Rita de Cássia. *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo*. São Paulo. Aleph, 2002.
- Dicionário Digital Aurélio Século XXI, CD-Rom, 2003.
- DORNELLES, Beatriz (org.). *PUCRS: 50 anos formando jornalistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- ERRANTE, Antoinette. Mas, afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. *Revista da Educação*. Pelotas: Ed. UFPel, ASPHE, n.º 8, 2000, p. 141–174.
- FERNANDES, C. M. B. Formação do Professor Universitário: tarefa de quem? In: MASETTO, M. (Org.). *Docência Universitária*. Campinas, Papirus, 1998. p. 95–112.

- FERRAZ, Joandre. Regime jurídico do turismo. In: LAGE, Beatriz; Milone, Paulo (Orgs). *Turismo teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2000, p. 151-161.
- FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Tese. Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- FLORES, Elio Chaves. *As fundações historiográficas da turismologia*. *Saeculum – Revista de História*. [12]; João Pessoa, jan./ jun. 2005, p. 142 – 163. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum12\\_art10\\_flores.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum12_art10_flores.pdf). Acesso em: 12/04/2007.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- FONSECA, Márcia Mascarenhas da. *Políticas para o ensino superior em Turismo: um estudo sobre um curso de graduação em Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005.
- FÚSTER, Luis Fernandez. *Introducción a la Teoría y Técnica del Turismo*. Alianza, Madrid, 1991.
- FUSTER, Luis Fernandez. *Teoría e técnica del turismo*. Madri: Madrid, 1974.
- GASTAL, Susana e CASTRO, Marta Nogueira. A construção do campo do Turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande do Sul. In: CANDIDO, Luciane Aparecida e ZOTTIS, Alexandra Marcella (org.) *Turismo: Múltiplas Abordagens*. Novo Hamburgo, Feevale, 2008, p. 30–41.
- GASTAL, Susana. Da prática à teoria: pensando o turismo. In: MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana (orgs.). *Um outro turismo é possível*. São Paulo: Contexto, 2004. p.131–137.
- GATTAZ, André C. Lapidando a fala Bruta: a textualização em história oral. *I Encontro Regional de História Oral/ Sudeste – Sul*. São Paulo: 26, 27 e 28 de abril de 1995. p. 135–140.
- GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos Souza e JUNIOR, Décio Gatti (orgs.). *Novos temas em História da educação Brasileira*. Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Editora autores associados, 2001, p. 3–24. (Coleção Memória da Educação).
- GERMANO, José Willington. *Estado Militar e Educação no Brasil (1964–1985)*. São Paulo: Cortez, 1993.
- GO, Frank M. A globalização e os problemas educacionais do turismo emergente. In: THEOBALD, William F (org.). *Turismo Global*. Trad. Anna Maria Capovilla, Maria Cristina Guimarães Cupertino, João Ricardo Barros Penteado. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002, p. 459– 485.
- GOIDANICH, Oswaldo. A saga do Turismo no Rio Grande do Sul. . In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p.11–117.
- GONZALEZ, Antônio Firmo de Oliveira. O Curso Superior de Turismo da PUCRS. Ajudando o Rio Grande a Crescer. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no*

- Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 131–132.
- HABERMAS, Jünger. A nova transparência. *Novos Estudos*. São Paulo, CEBRAP. N.18, setembro, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/ Editora dos Tribunais, 1990.
- HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século 20 (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul : Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 131 p. – (Coleção NUPECC)
- HOWEL, R. e UYSAL, M. Tourism education for developing countries. *Tourism Management*, vol 8, n. 1, p 62–64, 1987.
- ISAIA, Luiz Gonzaga. *UFSM Memórias*. Santa Maria. 2006.
- JAFARI, Jafar. La Cientificacion del Turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*. Buenos Aires: CIET, v.3 (1), janeiro 1994.
- JAFARI, Jafar. The scientification of tourism. In: *Congresso Internacional del Turismo*. 1. Havana, 1992, 27p., mimeo.
- JAFARI, Jafar. Tourism education. *Annals of Tourism Research*. Edição especial. V. VIII, n. 1. Editada por Brent-Ritchie e Jafar Jafari. Alberta, Canadá: University of Calgary. 1981.
- JAFARI, Jafar. Turismo na Dialética Global/Local. *VI Congresso Internacional da Rede Mercocidades*. Porto Alegre, 2004.
- JAFARI, Jafar; RITCHIE, J. R. Brent. Toward a framework for tourism education: problems and prospects. *Annals of Tourism Research*. Menomonie, 1981. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em 12/01/2003.
- JOÃO, Faustino; CLEMENTE, Elvo. *História da PUCRS (1951 a 1978)*. vol.2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- JOVICIC, Z. A plea for tourismological theory and methodology. In: *Revue du Tourism*. v. 43, n. 3, p. 2–5, 1988.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LEIPER, Neil. An Emerging Discipline, *Annals of Tourism Research*, Vol. 27, No. 3, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em 12/01/2003.
- LEWIN, Helena. *Educação e Força de Trabalho Feminino no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, fevereiro, 1980, n.32.
- LIMA, Valéria Maria de Souza. *Educação e turismo no Estado do Rio de Janeiro: um olhar panorâmico do ensino superior*. Dissertação (mestrado). PUC/Rio. Departamento de Educação. Rio de Janeiro, 2003.
- LUCCHESI, Camila. O tamanho do turismo brasileiro. *Revista Host17 - Hospitalidade e Turismo Sustentável*. Dez 2006/Jan 2007. Disponível em: [www.revistahost.uol.com.br](http://www.revistahost.uol.com.br) Acesso em: 20/01/2010.



- LUNA, Sergio Vasconcelos de. A Elaboração de Revisões de Literatura: Notas de Aula. *Chronos*. Caxias do Sul, v. 26, n. 1 e n. 2, p. 109 –122, jan/dez. 1993.
- MACHADO, Jr; CARMO, Jonas do. *Programa de turismo social do SESC-SP no contexto da hospitalidade*. São Paulo: SESC, 2006.
- MAGALHÃES, Justino. Breve apontamento para a História das Instituições Educativas. In: SANFELICE, José Luis, SAVIANI, Dermeval e LOMBARDI, José Claudinei. *História da Educação; perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: Autores Associados, 1999, p.67–72.
- MAGALHÃES, Justino. *Contributo para a História das Instituições Educativas: entre a memória e o arquivo*. Minho: Universidade de Minho, 1996. Mimeo.
- MAGALHÃES, Leandro Henrique; BRANCO, Patrícia Martins Castelo. Patrimônio, Memória e Turismo: Um Exercício do Olhar. *Revista Perspectivas Contemporâneas*. Campo Mourão, v.1, n.1, jan./jul . , 2006.
- MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003
- MASSINA, Renato Batista. O Curso Superior de Turismo da PUCRS. Origens e Criação. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p.127–130.
- MATIAS, Marlene. Formação Profissional em Turismo no Brasil no Início do Século XXI. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. et al. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005. p.199 – 219.
- MATIAS, Marlene. *Turismo: Formação e Profissionalização/(30 anos de história)*. São Paulo, Barueri: Manole. 2002
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- McINTOSH, Robert W. GOELDNER; Charles R. *Turism – Principles, practices, philosophies*. 5 ed., Nova York, John Wiley & Sons, 1986, p. 415– 455.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom . *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MELO, José Marques de. *Comunicação e Modernidade – o ensino e a pesquisa nas escolas de Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1991
- MOESCH, Marutschka. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.
- MOESCH, Norma Martini. *Cortina de Cristal: Processo Imigratório, Identidade Cultural e Comunicação Turística*. Faculdade dos Meios de Comunicação da PUCRS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 1997.
- MOESCH, Norma Martini. O Turismo no Século XXI: por uma concepção holística. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e GASTAL, Suzana. (orgs). *Turismo na Pós-Modernidade (Des)inquietações*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 31 – 41.
- MOESCH, Norma Martini. Turismo, uma trajetória de fé. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 07– 09.
- MORGAN, G. *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas, 1996.
- MORIN, Edgar. *O método 3: O conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 1999.



- MOTA, Karol Monteiro. Formação Superior em Turismo da UNIFOR (CE): proposta, realidade e reflexos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. 2007
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07–28, dezembro de 1993.
- NÓVOA, Antônio M. S.S.da. *História da Educação*. Tese de Livre Docência. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.
- OLIVEIRA, Maria Angélica Rovina Galvão de. *Panorama do Ensino Superior em Hotelaria no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba Pós-Graduação em Educação. Piracicaba, SP, 2004.
- PANOSSO NETTO, Alexandre. Mário Carlos Beni Fala. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. et al. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005. p. 859 – 868.
- PANOSSO NETTO, Alexandre. O problema epistemológico no Turismo: uma discussão teórica. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi e PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo Turismo: Política, Ciência e Sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003. p. 57–86 (Série turismo).
- PATRUCCO, Luis Gustavo. *O Terceiro Setor no Turismo: o caso da Câmara de Turismo do Rio Grande do Sul (BRASIL)*. Mestrado em Turismo. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.
- PAULA, Maria de Fátima Costa de. *A Influência das Concepções Alemã e Francesa sobre a Universidade de São Paulo e a Universidade do Rio de Janeiro quando de suas fundações*. Trabalho apresentado na ANPED – GT 11: Política da Educação Superior. <http://www.anped.org.br/reunioes/25/mariafatimapaulat11.rtf>. Acesso em: 11/03/2010.
- PEARCE, Philip. *Defining tourism stud as a specialist: Justifications and implications*. *Theoros* 1, p. 25. Montreal: Université de Québec. 1993.
- PEREIRA, Cássio. Políticas públicas no setor de turismo. *Turismo em Análise*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 7–20, nov. 1999.
- PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A.(Org.) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol 8, n. 16, 1995. p. 279 – 290.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 03 – 15.
- PRINS, Gwin. História Oral. In: Burke, Peter (org.). *A escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 163–198.
- REJOWSKI, M. et al. Desenvolvimento do Turismo Moderno. In: REJOWSKI, M. (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002, p.41–70.
- REJOWSKI, Mirian e SOLHA, Karina Toledo. Turismo em um cenário de mudanças. In: REJOWSKI, Mirian (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 71 – 116.
- REJOWSKI, Mirian. *Turismo e Pesquisa Científica: Pensamento Internacional x situação Brasileira*. 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Turismo)

- REVISTA EXPERIÊNCIA. Revista dos alunos da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. 1º semestre, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. *Tempo Social*; *Revista de Sociologia/USP*, São Paulo, 11(1) maio de 1999, p.189–195.
- RODRIGUES, Daniela Maria Lucena. *O Perfil Acadêmico-Profissional do Bacharel em Turismo Docente nos Cursos de Turismo de Santa Catarina*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2006
- RODRIGUES, Gabriel Mário. *Se não foi a primeira, não foi a segunda: o desafio de implantar a Faculdade de Turismo do Morumbi no início dos anos 70*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.
- ROSSATO, Ricardo. *Universidade: nove séculos de história*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- RUSCHMANN, Dóris van de Meene. *Turismo no Brasil: análise e tendências*. Barueri: Manole, 2002.
- SACRISTÁN, G. *O Currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 1988.
- SANTOS FILHO, João dos. 27 de Setembro Dia do Turismólogo: Festejar ou Organizar? *Revista Turismo*. Out, 2003. Disponível em [www.revistaturismo.com.br/index.html](http://www.revistaturismo.com.br/index.html). Acesso em 28/06/2007.
- SANTOS FILHO, João dos. Espelho da História: o fenômeno turístico no percurso da humanidade. *Revista Espaço Acadêmico*. Maringá, nº 50, julho de 2005. Acesso em: 20/03/2006.
- SANTOS FILHO, João. *Por que a ação da Embratur torna-se preocupante para a formulação de políticas públicas internas em turismo?* Disponível em: [www.espacoacademico.com.br/048/48jsf.htm](http://www.espacoacademico.com.br/048/48jsf.htm). Acesso em: 14/11/2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Da Idéia da Universidade à Universidade de Idéias. In: PINTO, Cristiano P.A. (org.). *Redefinindo a relação entre o professor e a universidade*. Brasília: Faculdade de Direito/CESP. 2002.
- SANTOS, Carlos Afonso Marques dos. Memória, história e nação: propondo questões. *Revista Tempo Brasileiro*. n. 87, out./dez., 1986, p. 5–12.
- SANTOS, Myrian. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS, n.º 23, ano 8, 1993, p.70–84.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto e VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.135–179.
- SCHLÜTER, Regina G. A investigação turística nas universidades argentinas. In: MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana (orgs.). *Um outro turismo é possível*. São Paulo: Contexto, 2004. p.89–93.

- SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. Breve Retrospectiva Histórica do Turismo. *Veritas*. Porto Alegre. v. 29, n.116, dez, 1984, p. 569 – 580.
- SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. O conceito de Turismo. *Veritas*. Porto Alegre. v. 29, n.115, dez, 1984, p. 409 – 419.
- SESSA, Alberto. *La situation du système éducatif touristique et ses lignes de tendance*. Revue de Tourism. Saint-Gallen, n° 1, 1990.
- SILVEIRA, Carlos Eduardo Silveira; PAIXÃO, Dario Luiz Dias; e COBOS, Valdir José. Políticas Públicas de Turismo e a Política no Brasil: singularidades e (des)continuidade. *Ciência & Opinião*. Curitiba, v.3,n.1, jan/jun.2006. p. 120 – 135.
- SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *Turismo Prioridade Nacional*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, s/d.
- SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: In: REJOWSKI, Mirian (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 117–153.
- SOUZA, Wilson Araújo de. *Economia Brasileira Contemporânea: de Getúlio à Lula*. Rio de Janeiro, Ed. Atlas, 2007.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, Memória e História da Educação In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). *História e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, v. III. P. 416 – 429.
- TEIXEIRA, Rivanda Meira; FLETCHER; John, WESTLAKE, John. Ensino Superior em Turismo: Experiência do Reino Unido. *Turismo em Análise*. Escola de Comunicação e Artes – ECA. USP. v. 11, n. 2, nov. 2000. p. 14 – 37.
- TEIXEIRA, Rivanda. Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil um estudo exploratório. *Turismo em Análise*. Escola de Comunicação e Artes – ECA. USP. São Paulo. v. 12, n. 2, nov. 2001. p. 07 – 31.
- TEIXEIRA, Sérgio Henrique Azevedo. *Cursos superiores de turismo: condicionantes sociais de sua implantação: uma abordagem histórica (1968/1976)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. Itatiba, 2007.
- THEOBALD, William *et alli*. *Global Tourism. The next decade*. Oxford: BH, 1997.
- THOMPSON, Edward P. As peculiaridades dos ingleses. In: SILVA, Sergio & NEGRO, Antonio Luigi (orgs.). *As peculiaridades dos ingleses e outros textos*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. Revista do Programa de Estudos em História: PUC/SP, São Paulo, n.º 15, 1997, p. 51–84.
- TRIGO, Luis Gonzaga Godoi. *Cronologia do Turismo no Brasil*. São Paulo, CTI: TERRA, 1991.
- TRIGO, Luiz Godoi. *Viagens na memória: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2002.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi & PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo turismo*. São Paulo: Aleph. 2003.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1998. (coleção turismo).

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A importância da educação para o turismo. In: LAGE, Beatriz Helena Gelas. e MILONE, Paulo César (org). *Turismo: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2000, p. 243 – 255.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. et al. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Turismo Brasileiro e a Questão Social. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi e PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo Turismo: Política, Ciência e Sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003. p. 87–109 (Série turismo).

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. *Turismólogo in foco*: revista mensal. Belo Horizonte: ABBTUR, mai. 2006.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127 – 162.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Trajetória do primeiro Centro de Estudos de Lazer no Brasil (1973 – 1978): conversando com Andréa Bonow. In: LICERE, *Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, vol.5, n.1. 2002. p.127–133.

WESTLAKE, John. *Education for tourism*. Tourism Management, Butterworth-Heinemann, 1992. Acesso em 12 de Janeiro de 2003, disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 11/09/2007.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

## **Documentos**

ANUÁRIOS PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, 1971 – 2008.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório a Comissão Especial de Turismo*, 1970.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DE GRAÇA. São Paulo, Disponível em: [www.fauf.edu.br/principal/destaque.asp?wcdnoticia](http://www.fauf.edu.br/principal/destaque.asp?wcdnoticia) Acesso em: 25/10/2006.

CONSELHO DAS FACULDADES DE TURISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, Paulo. Minuta Ante-projeto resolução do CFE sobre currículo mínimo dos cursos de Turismo, 1985.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução s/nº de 28/01/1971.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório de Atividades da Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul*. Secretaria de Turismo, 1974

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Turismo: a estratégia gaúcha*. Secretaria de Turismo, s/d.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO . Parecer CNE/CES nº436/2001. Disponível em [www.portal.mec.gov.br](http://www.portal.mec.gov.br) . Acesso em: 05/05/2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Parecer CNE/CP nº29. Disponível em [www.portal.mec.gov.br](http://www.portal.mec.gov.br) . Acesso em: 05/05/2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Cursos de Pós-graduação em Turismo. Disponível em: [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br) Acesso em: 17/03/2010 e 05/04/2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Cursos Superiores de Turismo. Disponível em: [www.emec.mec.gov.br](http://www.emec.mec.gov.br). Acesso em: 17/03/2010.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA COMÉRCIO E TURISMO. “*Mãos à Obra, Brasil*”, 1996.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA COMÉRCIO E TURISMO. *Política Nacional de Turismo: diretrizes e programas 1996–1999*. Brasil: MICT, 1996.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO; CONSELHO NACIONAL DE TURISMO – CNTUR; e EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO – EMBRATUR. *Anais do I Encontro Oficial do Turismo Nacional*. 1967.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia. Site oficial do curso de Turismo. Disponível em: [www.pucrs.face](http://www.pucrs.face) . Acesso em: 15/05/2010.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto de Criação do Curso, 1972.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Disponível em: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br). Acesso em: 27/06/2007.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Livro de atas de reunião do Departamento de Turismo 1976 a 1984.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto de Adaptação Curricular, 2006.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Processo de Reconhecimento do Curso de Turismo, 1976.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto de Revisão Curricular do Curso de Turismo, 2004.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto de Reformulação Curricular do Curso Superior de Turismo, 2003.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto Pedagógico, Reestruturação Curricular do Curso Superior de Turismo, 1993.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto Pedagógico da FAMECOS, s/d.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Site oficial do curso de Turismo. Disponível [www.pucrs.famecos](http://www.pucrs.famecos). Acesso em 25/08/2008.

REVISTA VEJA, 04/11/1998, Edição 1571.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS. Site oficial do curso de Turismo. Disponível em: [www.ucp.br](http://www.ucp.br) . Acesso em: 02/06/2009.

### **Jornais**

A Unidade (Carazinho/RS), 19/06/1974

Correio da Manhã/RJ, 22/05/1972

Correio da Manhã/RJ, 27/05/1972  
Correio do Povo/RS, 21/04/1971  
Correio do Povo/RS, 27/10/1971  
Correio do Povo/RS, 06/11/1971  
Correio do Povo/RS, 05/05/1972  
Correio do Povo/RS, 02/06/1972  
Correio do Povo/RS, 06/06/1972  
Correio do Povo/RS, 08/06/1972  
Correio do Povo/RS, 16/06/1972  
Correio do Povo/RS, 13/07/1972  
Correio do Povo/RS, 16/07/1972  
Correio do Povo/RS, 17/07/1972  
Correio do Povo/RS, 30/07/1972  
Correio do Povo/RS, 03/08/1972  
Correio do Povo/RS, 15/08/1972  
Correio do Povo/RS, 07/09/1972  
Correio do Povo/RS, 27/09/1972  
Correio do Povo/RS, 18/10/1972  
Correio do Povo/RS, 22/10/1972  
Correio do Povo/RS, 26/10/1972  
Correio do Povo/RS, 02/02/1973  
Correio do Povo/RS, 18/02/1973  
Correio do Povo/RS, 21/02/1973  
Correio do Povo/RS, 11/03/1973  
Correio do Povo/RS, 13/03/1973  
Correio do Povo/RS, 28/03/1973  
Correio do Povo/RS, 08/04/1973  
Correio do Povo/RS, 09/06/1973  
Correio do Povo/RS, 22/09/1973  
Correio do Povo/RS, 20/10/1973  
Correio do Povo/RS, 25/10/1973  
Correio do Povo/RS, 23/12/1973  
Correio do Povo/RS, 22/01/1974  
Correio do Povo/RS, 21/02/1974  
Correio do Povo/RS, 15/03/1974  
Correio do Povo/RS, 16/03/1974  
Correio do Povo/RS, 17/03/1974  
Correio do Povo/RS, 20/03/1974  
Correio do Povo/RS, 07/04/1974  
Correio do Povo/RS, 21/04/1974  
Correio do Povo/RS, 24/04/1974  
Correio do Povo/RS, 07/05/1974  
Correio do Povo/RS, 13/06/1974  
Correio do Povo/RS, 03/07/1974  
Correio do Povo/RS, 06/07/1974  
Correio do Povo/RS, 10/07/1974  
Correio do Povo/RS, 31/07/1974  
Correio do Povo/RS, 13/08/1974  
Correio do Povo/RS, 14/08/1974  
Correio do Povo/RS, 13/10/1974  
Correio do Povo/RS, 28/11/1974  
Correio do Povo/RS, 13/12/1974

Correio do Povo/RS, 17/12/1974  
Correio do Povo/RS, 23/01/1975  
Correio do Povo/RS, 09/05/1976  
Correio do Povo/RS, 27/07/1976  
Correio do Povo/RS, 08/08/1976  
Correio do Povo/RS, 12/08/1976  
Correio do Povo/RS, 13/08/1976  
Correio do Povo/RS, 15/08/1976  
Correio do Povo/RS, 07/09/1976  
Correio do Povo/RS, 10/09/1976  
Correio do Povo/RS, 17/10/1976  
Correio do Povo/RS, 16/12/1976  
Correio Rural (Viamão/RS), 29/06/1974  
Diário de Notícias/RS, 02/06/1972  
Diário de Notícias/RS, 03/06/1972  
Diário de Notícias/RS, 07/06/1972  
Diário de Notícias/RS, 13/06/1974  
Diário de Notícias/RS, 29/06/1974  
Diário de Notícias/RS, 07/07/1974  
Diário de Notícias/RS, 16/07/1974  
Diário de Notícias/RS, 11/08/1974  
Diário de Notícias/RS, 14/08/1974  
Diário de Notícias/RS, 15/12/1974  
Diário de Notícias/RS, 17/12/1974  
Folha da Manhã/RS, 06/06/1972  
Folha da Manhã/RS, 11/06/1974  
Folha da Manhã/RS, 16/12/1974  
Folha da Tarde/RS, 17/04/1972  
Folha da Tarde/RS, 16/10/1973  
Folha da Tarde/RS, 10/06/1974  
Folha da Tarde/RS, 10/07/1974  
Folha da Tarde/RS, 16/07/1974  
Folha da Tarde/RS, 12/08/1974  
Folha da Tarde/RS, 23/10/1974  
Folha da Tarde/RS, 10/12/1974  
Folha da Tarde/SP, 03/06/1972  
Folha de São Borja/RS, 03/07/1974  
Folha de Uruguaiana/RS, 08/07/1974  
Jornal da Manhã (Ijuí/RS), 18/06/1974  
Jornal do Brasil/RJ, 11/04/1974  
Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974  
Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974  
Jornal do Comércio/RS, 02/03/1973  
Jornal do Comércio/RS, 04/05/1973  
Jornal do Comércio/RS, 07/06/1972  
Jornal do Comércio/RS, 10/05/1974  
Jornal do Comércio/RS, 12/06/1974  
Jornal do Comércio/RS, 13/08/1974  
Jornal do Comércio/RS, 16/07/1974  
Jornal do Comércio/RS, 16/08/1974  
Jornal do Comércio/RS, 20/07/1972  
Jornal do Comércio/RS, 23/09/1974

Jornal do Comércio/RS, 28/06/1974  
Jornal do Comércio/RS, 31/07/1974  
Jornal Hipertexto, 2002  
O Estado de São Paulo/SP, 21/10/1973 (Suplemento de Turismo)  
O Peixeiro (Rio Grande/RS), 23/06/1974  
O Quero-Quero/RS, 28/09/1973  
Zero Hora/RS, 21/02/1973  
Zero Hora/RS, 26/05/1974  
Zero Hora/RS, 1/12/1985 (Suplemento de Turismo)  
Zero Hora/RS, 25/04/2010 (Caderno Empregos e Oportunidades)  
Zero Hora/RS, 05/05/2010



**ANEXOS**

ANEXO A – Termo de Cessão ou de Autorização

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, RENATO BATISTA MASINA,  
CPF número 000213000/97, Carteira de Identidade número  
1000942746, emitida pelo SECRETARIA SEGURANÇA PÚBLICA/RS  
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 06 de maio de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 06 de maio de 2009.

Renato Batista Masina  
assinatura

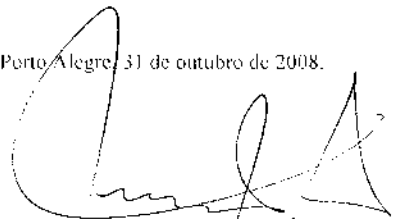
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Antoninho Muzza Raimo  
CPF número 003221300-00, Carteira de Identidade número  
9007977219, emitida pelo SSP-RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 31 de outubro de 2008, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2008.



assinatura

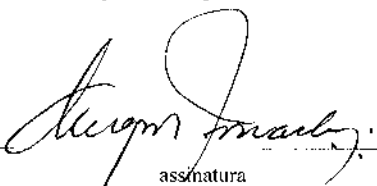
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL.

Pelo presente documento, eu, EUGÊNIO MENDES MARINO  
CPF número 001743600.10, Carteira de Identidade número  
4007407291, emitida pelo DPC-04/02-RGS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 02 de agosto de 2008, perante a  
pesquisadora \_\_\_\_\_.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 02 de agosto de 2008.

  
\_\_\_\_\_ assinatura

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral**

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, **Paulo Francisco R. Nardi**, CPF nº 082.215.290-87, Carteira de Identidade nº 1005501927, emitida pela SSP/RS, domiciliado (a) e residente na cidade de Canela (RS), declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 29 de abril de 2010, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 29 de abril de 2010.



---

assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Julio Roberto A. Babaro  
CPF número 016341290-72 Carteira de Identidade número  
9022290986, emitida pelo SJS-RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 12 de janeiro de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 12 de janeiro de 2009.

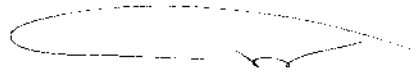
  
assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Pelo presente documento, eu, Cherise Glauco Franco Siqueira  
CPF número 03903280/84, Carteira de Identidade número  
8003751644, emitida pelo SSP-RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro autorizar a  
utilização de minha entrevista, pela doutoranda Dalila Rosa Hallal, para a realização de sua  
tese no Programa de Pós-graduação em História da PUCRS.

Porto Alegre, 03 de agosto de 2009.



assinatura



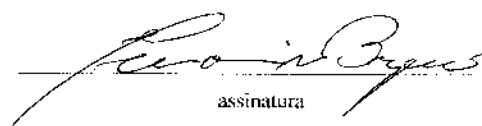
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL.

Pelo presente documento, eu, Jerônimo Cavalari Santos Braga  
CPF número 10638113091, Carteira de Identidade número  
1003397187, emitida pelo SSP/RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro cedor ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 27 de março de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 27 de março de 2009.

  
assinatura

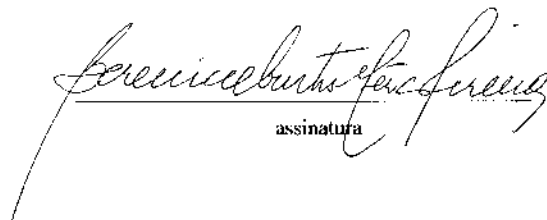
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, BERENICE CUNHA MÊRCIO FERREIRA  
CPF número 178.523.150-20, Carteira de Identidade número  
7002070513, emitida pelo SSP RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 16 de maio de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 16 de maio de 2009.

  
assinatura

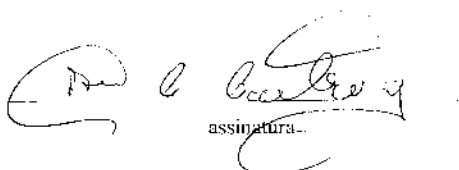
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Antonio Carlos Castrogiovanni CPF número 264117760-91, Carteira de Identidade número 42.143, emitida pelo CREA/RS, domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre/RS, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 14 de setembro de 2009, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 14 de setembro de 2009.

  
assinatura...

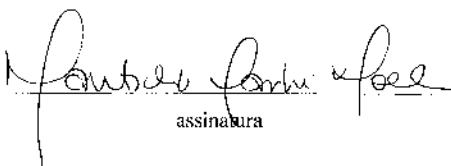
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MARUTSCHKA MARTINI MOEJCH  
CPF número 2004858868, Carteira de Identidade número  
339.587.500-87, emitida pelo SSP. Polícia Civil,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 29 de março de 2010, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 29 de março de 2010.

  
assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, LEANDRO ANTONIO DE LEMOS,  
CPF número 512970350 20, Carteira de Identidade número  
6027281036, emitida pelo SSP-RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 21 de agosto de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 21 de agosto de 2009.

  
\_\_\_\_\_  
assinatura

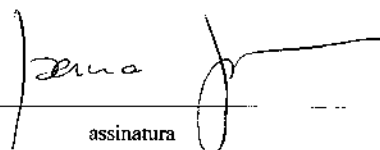
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Suzene de Araújo Gastel  
CPF número 253 627 630-91 Carteira de Identidade número  
4005630 654, emitida pelo SSP/RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 29 de março de 2010, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 29 de março de 2010.

  
assinatura

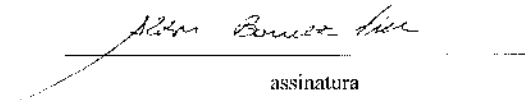
**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral**

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, Abdon Barretto Filho, CPF número 080509455-53, Carteira de Identidade número 547045-53, emitida pelo SSP-BA, domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 19 de maio de 2009, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 19 de maio de 2009.

  
assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Pelo presente documento, eu, Jerma Martinini Haese,  
CPF número 250996630/89, Carteira de Identidade número  
2002371496 emitida pelo GGP-RS,  
Jomiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre-RS, declaro autorizar a  
utilização de minha entrevista, pela doutoranda Dalila Rosa Hallal, para a realização de sua  
tese no Programa de Pós-graduação em História da PUCRS.

Porto Alegre, 30 de abril de 2010.

Jerma Martinini Haese  
assinatura



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Diney Adriana N. de Oliveira,  
CPF número 292231130/91, Carteira de Identidade número  
7011385015, emitida pelo SJS/Instituto de Identificação  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 10 de novembro de 2008, perante  
a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 10 de novembro de 2008.

Diney Adriana N. de Oliveira

assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Gláucio Torres da Silva,  
CPF número 144.212.430-07, Carteira de Identidade número  
1007090414, emitida pelo SSP,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre - RS declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 17 de abril de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 17 de abril de 2009.

\_\_\_\_\_  
Gláucio Torres da Silva  
Assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Luis Gustavo Silva,  
CPF número 92994560-53, Carteira de Identidade número  
106146434, emitida pelo SSB - RJ,  
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 21 de junho de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 21 de junho de 2009.

  
assinatura

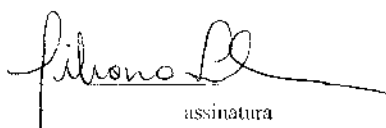
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL.

Pelo presente documento, eu, Silvana Lehn, CPF número 640602680-20, Carteira de Identidade número 4044653865, emitida pelo SSPRS, domiciliado (a) e residente na cidade de Novo Hamburgo, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 30 de abril de 2009, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hailal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 30 de abril de 2009.

  
assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, LENORA HORN SCHWEIDER  
CPF número 220275050-91, Carteira de Identidade número  
2012047615, emitida pelo \_\_\_\_\_,  
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 02 de dezembro de 2008, perante  
a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2008.

Lenora Horn Schneider  
\_\_\_\_\_

assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Amor Lucas Touquenho Weidde  
CPF número 26512700022, Carteira de Identidade número  
6000540937, emitida pelo SSP-PS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 31 de outubro de 2008, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Halla.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2008.

Amor Lucas T. Weidde  
assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MARCIA COLAO MERLO,  
CPF número 453 697 470-91, Carteira de Identidade número  
1029357561, emitida pelo SIS/RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 31 de outubro de 2008, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2008.

Marcia Colao Merlo

assinatura


Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Rita de Cassia Micholon,  
CPF número 418.227.730-91, Carteira de Identidade número  
9029333201, emitida pelo SSP/RS  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 02 de dezembro de 2008, perante  
a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2008.

  
\_\_\_\_\_  
assinatura



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MAURICIO SCHAIDHAUER,  
CPF número 920.700.860-20, Carteira de Identidade número  
50.55.52.35.53, emitida pelo SEF/RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 04 de março de 2010, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 04 de março de 2010.

  
assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Sabrina Gomes Dias,  
CPF número 89306872020, Carteira de Identidade número  
1056460098, emitida pelo SSP RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de POA, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 17 de abril de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 17 de abril de 2009.

Sabrina Gomes Dias

assinatura

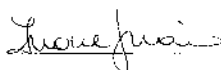
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL.

Pelo presente documento, eu, Ivone dos Passos Mano,  
CPF número 99694816068, Carteira de Identidade número  
8081493705, emitida pelo SSS/RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 17 de abril de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 17 de abril de 2009.

  
\_\_\_\_\_

assinatura

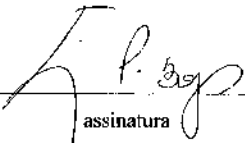
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Giana Pereira Borges,  
CPF número 666.828.190-72, Carteira de Identidade número  
8051.816117, emitida pelo GSP-RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 17 de abril de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 17 de abril de 2009.

  
\_\_\_\_\_ assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Flávia D da Silva Custódio  
CPF número 528369240/04, Carteira de Identidade número  
2035293x32, emitida pelo SIS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 27 de março de 2009, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 27 de março de 2009.

Flávia D da Silva Custódio  
assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MARIO CARLOS BENI, CPF número 060818948-00, Carteira de Identidade número 1952532, emitida pelo SSP/SP, domiciliado (a) e residente na cidade de São Paulo, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 03 de agosto de 2009, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 03 de agosto de 2009.



assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, EDISON BAPTISTA CHAVES,  
CPF número 003839830, Carteira de Identidade número  
1002396446, emitida pelo SSP-RS,  
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 07 de outubro de 2008, perante a  
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 07 de outubro de 2008.

  
assinatura

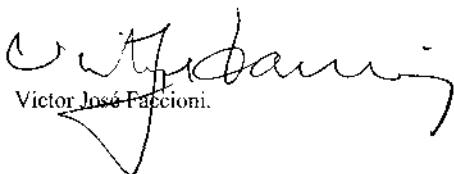
**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral**

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, Victor José Faccioni, CPF nº 002.250.370-68, Carteira de Identidade nº 5001498749, emitida pela SSP/RS, domiciliado e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, inclusive com as alterações contidas no documento escrito, que se encontra em anexo, na cidade de Porto Alegre, no dia 02 de agosto de 2008, perante a pesquisadora Dalila Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 02 de agosto de 2008.

  
Victor José Faccioni.



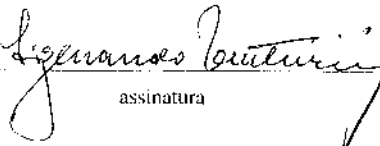
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em História  
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, SIZENANDO VENTURINI,  
CPF número 001501500-91, Carteira de Identidade número  
500723898, emitida pelo SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA,  
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao  
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que  
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 03 de novembro de 2008, perante  
a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente  
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no  
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para  
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 03 de novembro de 2008.

  
assinatura



## ANEXO B – Currículo Mínimo de Curso Superior de Turismo

O Curso Superior em Turismo começou a existir a partir do parecer nº 35/71 do Ministério da Educação, aprovado em 28 de janeiro de 1971, dando base à Resolução sem número de 28 de janeiro de 1971 do Conselho Federal de Educação, que fixou o conteúdo e a duração do curso superior de turismo, que dispõe *in verbis*:

“O Presidente do Conselho Federal de Educação, na forma do que dispõe o art. 26 da Lei 5540, de 28 de novembro de 1968, e tendo em vista as conclusões do Parecer nº 35/71, que a esta se incorpora, homologado pelo Exmo. Sr, Ministro da Educação e Cultura. Resolve: **Art. 1º** - A formação em nível superior de profissionais para o planejamento e a organização do Turismo será feita em curso de graduação em turismo. **Art. 2º** - O currículo do curso compreenderá no mínimo, as seguintes matérias e atividades: Matérias: Sociologia, História do Brasil, Geografia do Brasil, História da Cultura, Estudos Brasileiros, Introdução à Administração, Noções de Direito, Técnica Publicitária, Planejamento e Organização do Turismo. Estágio em entidades oficiais e privadas de Turismo e Hotelaria. **Art. 3º** - No ensino da matéria Geografia terá ênfase a Cartografia. **Art. 4º** No ensino da matéria História da Cultura terá ênfase a Cultura Brasileira, com especial referência às artes. **Art. 5º** - A matéria Noções de Direito incluirá o Direito Constitucional, Direito Fiscal e Alfandegário, da Legislação Trabalhista, Estatuto Jurídico do Estrangeiro e da Legislação específica do Turismo. **Art. 6º** - A duração mínima do curso será de 1.600 horas, as quais serão integralizadas em dois e no máximo quatro anos. **Parágrafo único** – O estágio a que se refere o item b do Art. 2º desta Resolução terá a duração mínima de quatro meses, podendo realizar-se mediante convênios entre a instituição responsável pelo curso e entidades especializadas. **Art. 7º** - Ao organizar o currículo pleno, a instituição responsável poderá desdobrar as matérias do currículo mínimo e acrescentar disciplinas complementares”.

# Ensino de Turismo em Debate

Lourdes Fellini Sartor

Aproxima-se a realização do II Congresso Nacional de Turismo, a desenvolver-se de 7 a 10 de setembro próximo. Estudantes e professores das 13 faculdades de turismo do País voltam suas atenções para esse conclave, que reúne os mais significativos interesses e objetivos dos estudos turísticos a nível superior.

Uma das preocupações básicas refere-se aos enfoques sobre currículo e programa, que, segundo pensamento generalizado, carecem de unificação, acarretando muita heterogeneidade, tanto na administração da matéria, como entre os alunos. Esta diversidade, de escola para escola, de Estado para Estado, torna-se profundamente marcante no decorrer dos cursos e, principalmente, na atuação profissional posterior. Medidas de adequação na ordenação dos currículos do ensino turístico superior do País, são as metas principais do encontro de setembro, na capital gaúcha. Estarão reunidos, além de estudantes e professores, técnicos estrangeiros, organizações privadas e oficiais de interesse direto no setor.

A formação didática-profissional dos professores também é fator de interferência na evolução das faculdades de turismo brasileiros. Os professores das cadeiras de turismo e áreas similares desses cursos desenvolvem sua função, na maioria dos casos, baseados em suas origens profissionais, experiências no setor, seja no campo privado ou público. A busca de especialização é tida como a melhor solução para a formação de professores. Graduados em outras áreas e dos próprios cursos de turismo, realizariam estudos específicos no campo turístico, de forma a responderem pela instrução e formação turística a nível superior. A especialização não significa a unidade de pensamento no sentido coercitivo, mas a elevação do nível de formação, atualmente perseguida individualmente por esforços unilaterais, beneficiando aque-

les profissionais que assim se dedicam e procuram seu melhor aperfeiçoamento, mas prejudicando os próprios estudantes, através de outros, cujo comportamento difere.

Paralelo ao II Congresso Nacional de Turismo se desenvolverão dois seminários: "Turismo e Lazer" e "Turismo e Desenvolvimento". Oportunamente dedicados a um menor grupo de participantes, ou seja, justamente para professores e técnicos especializados e/ou atuantes nestas áreas.

Os cursos superiores de turismo existentes no Brasil são recentes. Nenhuma das faculdades conta com mais de 10 anos. Igualmente a atividade turística como tal, no País, é muito nova. Desta forma, o setor, ainda embrionário, provocou a origem de formação superior a profissionais, cuja atuação prática específica não se encontra exatamente definida. Portanto, o aspecto do mercado de trabalho também é tema de estudos e análise no II Congresso Nacional de Turismo. Algumas considerações serão inevitavelmente submetidas a debate, como por exemplo, o fator número de vagas. Embora com uma quebra de cerca de dez por cento, são uma média de 100 vagas oferecidas anualmente em cada faculdade de turismo. De outra forma, não existem estudos muito precisos sobre mercado de trabalho para aproveitamento desses técnicos superiores que a cada ano saem das escolas.

Encontra-se na Câmara dos Deputados e, certamente, será motivo de reflexão no encontro de setembro, o projeto de lei que regulamenta a profissão de bacharel em turismo. Caso vigorar, a regulamentação tornará privativas dos diplomados em cursos superiores de turismo numerosas atividades específicas do setor turístico, seja nas áreas privadas ou oficiais, seja em gênero de estabelecimentos tu-

risticos, planejadores, assessores, enfim, responsáveis técnicos em funções inerentes a este campo.

Cabe perfeitamente aos estudantes das faculdades de turismo um estudo criterioso do mercado de trabalho, a fim de adequar as normas da regulamentação profissional, que atualmente percorre os caminhos oficiais para sua aprovação, à realidade da nascente atividade turística brasileira. Porque, se não ficam dúvidas, quanto à necessidade de técnicos, resta saber se o aproveitamento real de seu trabalho especializado terá a compensação desejada, bem como, se as organizações, no estágio em que se encontram, suportarão o preço desse profissional, embora justamente amparado pela legislação.

Outro fator de valiosa importância para os bacharéis em turismo parece ser a formação de nível médio, aspecto em que o projeto-de-lei já recebeu emenda, referindo-se aos instrutores e professores com responsabilidade pela formação de profissionais médios. É do conhecimento de qualquer organização, privada ou oficial, que se dedica às atividades turísticas, da grande carência de profissionais de nível médio e até primário, especificamente preparados e informados para atuarem no setor. Quem sabe, a inclusão da formação didática nos cursos superiores de turismo, viria trazer grandes benefícios para os novos bacharéis em turismo, enquanto abriria mais uma área de atividade profissional.

Inúmeros são os itens, objeto de estudo e análise. O II Congresso Nacional de Turismo poderá provocar uma série de novas medidas e nova orientação, aperfeiçoando estes novos cursos, de um setor de atividade também recente no País, cujo desenvolvimento, metodologia e conceitualização ainda não atingiram o estágio científico desejado.

## II CONTUR debateu integração da escola e mercado de trabalho

Encerra-se hoje o Congresso Nacional de Turismo — II CONTUR, que vem se desenvolvendo com grande destaque nesta Capital. Na programação de ontem, constou: "Integração Escola Mercado de Trabalho e Currículo e Programa".

O primeiro assunto foi abordado pelos professores Eldenyr Machado do Contretur, René Baretje e Francisco Menor Monastério. Ao iniciar Eldenyr Machado lembrou que a Integração Escola e Mercado de Trabalho não é fácil nem simples, que o problema não está afeto apenas ao turismo, mas a todas as atividades em função da atual conjuntura universitária brasileira.

Ao discutir se as escolas realmente se integram ao mercado, destacou que elas não se justificam se não atenderem às necessidades das empresas. E as empresas, não se desenvolverão se não incorporem em seus quadros técnicos com conhecimentos científicos. Citou como uma das formas de integração Escola-Mercado de Trabalho; aos estágios, que trazem vantagens para todos. A escola, pela oportunidade de permitir a formação de técnicos qualificados; ao aluno, pela possibilidade da experiência prática e à empresa pelo uso da mão-de-obra com redução de custos. Mostrou uma esquisa feita em São Paulo, onde as cinco escolas de turismo têm cerca de mil alunos, cerca de 500 no primeiro ano, que representarão em 1977 mais 500 profissionais em responsabilidade no mercado,

litativa e quantitativa do mercado atual, para determinar os diferentes tipos de serviço. Como a formação era única, não conseguia atender as diversas áreas do mercado.

Baretje destacou que, para que haja uma integração escola-mercado de trabalho, é necessário que o governo determine quais as necessidades reais para a formação dos quadros primários, secundários e superiores. Para ele, o governo brasileiro e autoridades regionais deveriam estabelecer um plano de desenvolvimento, onde a prioridade seria dada para a avaliação dos quadros. O professor francês concluiu afirmando que o Brasil pode lançar-se numa política de vanguarda que lhe permitirá explorar da melhor forma seus recursos turísticos naturais, mas principalmente seus recursos humanos.

A última conferência da manhã, quando o professor Mário Carlos Beni abordou "Currículo e Programa", gerou uma nova polêmica envolvendo o aprovei-

tamento de técnicos formado pelas escolas superiores, entendo o conferencista que o setor empresarial não é ainda suficiente receptivo aos estudos feitos nas faculdades, e abordando a seguir outros lados do problema, tais como a remuneração do estágio e o aproveitamento da mão de obra especializada.

Em sua palestra, fez uma apresentação geral, caracterizando a situação atual do ensino do turismo no Brasil, que é um ensino caracterizado pelo ineditismo, não tendo chegado ainda a um modelo didático definido, mas que permite uma visão global e especializada em alguns setores do turismo. Beni fez também a análise do parecer 35/71 do Conselho Federal de Educação, que instituiu o currículo mínimo para os cursos de turismo e que apresenta com um plano de estudos ecléticos, humanístico e pouco profissionalizante, cabendo a Faculdade complementar este currículo acrescentando disciplinas específicas no currículo pleno.

## Henning anuncia planos para fazer de Aratu a grande base da Marinha

## ANEXO D – CELAR – Centro de Estudos de Lazer da PUCRS

O CELAR – Centro de Estudos de Lazer da PUCRS funcionou de 1973 a 1978. Percebe-se que o tema Lazer já tinha uma trajetória na instituição. Começam a perceber uma associação do lazer com o Turismo, ambos incipientes nos anos de 1970. Reportagens do jornal Correio do Povo/RS tratam sobre estudos e eventos de Lazer na PUCRS (1973 – 1976).

# Em torno do lazer normal e do lazer forçado

Irmão José Otão

A medida que nos detemos no exame da situação da sociedade atual, tanto nos grandes centros como nos pequenos, embora mais naqueles que nestes, nos damos facilmente conta do volume de problemas que afligem a humanidade e estão a reclamar solução.

Não me refiro aos problemas já clássicos e crônicos das grandes aglomerações humanas, englobados na rubrica genérica de "poluição", os quais, embora tendam a aumentar sempre mais em número e em variedade, estão sendo estudados e analisados por especialistas, num esforço considerável para solucioná-los pela eliminação das causas, quando possível, ou, pelo menos, pela amenização, por processos técnicos, dos efeitos desagradáveis que produzem.

A sociedade humana, todavia, e nela a própria tecnologia e o progresso, se encarregam de fazer surgir aqui ou ali novas dificuldades que se constituem em constante desafio ao engenho humano, interessado em tornar mais amena a vida em sociedade.

Lembro um simples noticiário que a imprensa mundial está agora a comentar: val falta gasolina, fato aparentemente banal; mas que, na atual estrutura da sociedade, se torna trágico, difícil de enfrentar podendo perturbar o sistema de vida de povos de regiões e de continentes.

Falta gasolina por quê? — Porque alguns homens não se entendem ou não conseguem se entender.

Em consequência o dinamismo da vida de hoje, dinamismo já incorporado à sociedade, vai sofrer uma alteração, diria mesmo um impacto, pois os carros e automóveis que dominam as estradas, e os aviões e os transportes aéreos que dominam os ares vão sofrer pesadas restrições: os primeiros já foram ou poderão ser suprimidos aos domingos e feriados, e os segundos deverão contar com redução do número de vôos nacionais ou internacionais.

O fato, já palpável na Inglaterra e na Europa em geral, já se faz sentir também nos Estados Unidos, podendo estender-se ao mundo todo de um momento para o outro, o que mostra uma vez mais que "a humanidade é cada vez mais solidária".

Não há nos hábitos modernos, que o homem constrói a própria história e ele contribui para o andamento da humanidade na linha do progresso e da melhoria social ou, em sentido contrário, no desgoverno da sociedade, perturbando-lhe a paz e a tranquilidade.

De fato Deus deu ao homem a inteligência para conhecer, a vontade para agir e o coração para amar. As três operações ou funções devem desenvolver-se concomitantemente. O exercício de uma só dessas funções, essenciais ao homem, pode perturbar não só a harmonia da vida, como impropriadamente lhe o pleno desenvolvimento.

A humanidade passa positivamente ante o esforço intelectual desenvolvido hoje pelo homem e

reforçado de maneira gigante pela cibernética, através de mil e uma tecnologias que lhe permitiram alcançar um estágio de grande desenvolvimento.

A humanidade passa, também positivamente, ante o esforço que o homem continua a desenvolver no sentido de abrir novas perspectivas à exploração da natureza em seu benefício, fazendo do trabalho, cada vez mais racionalizado, a fonte de sustentação da vida e do bem-estar dos povos.

A humanidade, todavia, passa negativamente, ante a incapacidade do homem de, ao lado da "força da inteligência", não ser capaz de fazer funcionar a "força do coração" isto é, de conseguir a aproximação tranquila dos povos e o entendimento pacífico da sociedade humana.

Mudou, por acaso, o homem moderno? Será o homem dos nossos dias diferentes do homem do passado ou deverá o "estado de tensão" ser apontado como uma das notas intrínsecas à condição humana?

É claro e evidente que a resposta só pode ser dada tranquilamente. O homem é portador de uma vida interior que transcende a temporalidade e de uma vida exterior que mergulha no tempo e a ele se limita. Se ele for apreendido apenas à luz da sua estrutura biológica difícil será assinalar soluções para os problemas de hoje como para os problemas próprios de cada época.

Se ele for considerado em face de sua estrutura global e complexa encontrar-se-ão aberturas para todos os problemas e soluções para todas as dificuldades.

Estas considerações suscitadas pelo exame da atual situação do mundo vem reforçar a idéia da necessidade de um esforço conjugado para tentar resolver os problemas existentes na sociedade e também os problemas decorrentes das soluções mal postas ou incompletas.

Tratando frontalmente do assunto vai se impor de forma cada vez mais imperativa uma solução para os problemas das tensões dos grandes aglomerados humanos: como utilizar os tempos de lazer normal ou forçados supervenientes, impostos pelas novas situações? Como empregar os dias de folga, nos grandes centros, com a parada, por hipótese, dos carros e automóveis, sabendo-se que a população que tem recursos está habituada a "um programa fora da cidade"?

Imagine o leitor o que vai acontecer com a população de um grande centro urbano se for obrigada por dificuldades supervenientes a passar "também" os dias de folga e de descanso no ambiente de cada dia sem trazer algo de novo que venha a possibilitar "uma ddiante", uma recuperação biopsicológica que lhe permita um re-equilíbrio das forças físicas e psíquicas e, assim, recomençar na semana seguinte as atividades cotidianas habituais?

Essas considerações são de grande importância e responsáveis pelo governo da sociedade a preparar derivativos válidos para as situações novas já existentes em alguns lugares do mundo e, amarradas, também possíveis entre nós.

O esforço do CELAR, Centro de Lazer e Recreação da PUC-

RS, no sentido de estudar o tema do lazer e da recreação em todos os seus aspectos, com vistas a preparar recursos humanos capazes de trazer soluções adequadas às situações e às circunstâncias atuais e supervenientes, se torna cada vez mais oportuno e mais necessário, tendo agido com sabedoria a Secretaria de Educação do Município de Porto Alegre em promover a sua criação e compreendido a PUC o alcance da medida pela aceitação desse novo compromisso.

O futuro se encarregará de justificar o acerto e a oportunidade dessa medida, devendo o CELAR continuar, com esforço redobrado, o trabalho que já iniciou, pois os seus serviços serão reclamados muito breve.

## Mensagens do Ano Novo a

O "Correio do Povo" continua recebendo votos de Boas Festas, os quais agradecemos e retribuímos. Aqui, o registro das mensagens que nos chegaram ontem:

dr. Werner von Beyne; SENAC; Bandeirantes do Distrito Jônathas Serrano; HPA; Reflexus Publicidade Ltda.; Gilberto Borges Fortes, da ELEITROBRAS; engenheiro Dagoberto Guimarães de Faria, da Administração de Vias Fluviais; Cícero Carvalho Leal; Esquadriha da Fumaca; Luiz Louruz; diretor Albero André, da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC; Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul; Polimed; Cautol; delegado Domingos Fernandes de Souza, do Departamento de Polícia Metropolitana; CRT; Conselho Municipal de Desportos de Pelotas; Pagadoria Regional de Inativos e Pensionistas da 3ª Região Militar do III Exército; Prefeitura Municipal de Iral; Família Topchev; Maquimotor; Sociedade Cultural e Beneficente Padre Reus; Banco Mercantil de Minas Gerais S/A; Araújo Vianna Corretora de Valores Mobiliários S/A; Rádio Sociedade Sobradinho Ltda.; Oscar Alves da Silveira, da SEC; CREDICARD Companhia de Turismo; Trimag Ltda.; União Gaúcha de Criadores de Canários; Rádio Jornal do Brasil — Agência JB — Superbaucax; Fecotrig; Consulado da Espanha; Intersul; Gráfica Editora Fotogravura do Sul

Ofereça um  
Como Presente  
Uma iniciação  
Associação Po  
de Cic



# Ainda em torno do Lazer

Ir. José Otão

1 — Em uma obra que honra a cultura brasileira, o sociólogo Gilberto Freyre ("Além do Apertado Moderno", José Olímpio, 1973) destaca o fato de que a evolução do mundo contemporâneo se desenvolve na linha de uma verdadeira revolução bio-social, a qual está destinada a sobrepujar as grandes revoluções anteriores, a industrial de 1789, e a sócio-política de 1917. Trata-se da revolução bio-social.

Quais, segundo o pensador de Apipucos, os fundamentos dessa importante revolução bio-social?

— "Liga-se essa revolução ao crescente aumento de automação, ao crescente aumento de lazer e ao crescente aumento de média da vida humana."

Os três pilares assinalados sobre os quais assenta a mudança, em perspectiva acelerada, parecem corresponder à realidade.

Para a compreensão exata do primeiro tópico, um exame superficial do que ocorre nos países superdesenvolvidos, desenvolvidos ou mesmo em vias de desenvolvimento, nos leva a constatar que a automação toma cada vez mais conta do setor do trabalho, substituindo progressivamente o esforço humano pelo trabalho da máquina, em todos os setores de operação tanto da cidade como do campo, caminhando rapidamente a humanidade para uma época na qual bastará o trabalho de um pequeno grupo ou de uma minoria de homens para sustentar toda a sociedade, aumentando, assim, e mesmo democratizando, o lazer. Numerosos autores, em todos os países vêm estudando o assunto procurando chamar a atenção para os efeitos benéficos, que deverão advir da nova situação, destacando também, as dificuldades e os problemas que, igualmente, poderão surgir se a sociedade não se preparar para enfrentá-los, corrigi-los ou contorná-los.

2 — O exame do segundo tópico, "o crescente aumento de lazer" já está atingindo a consciência dos responsáveis pela condução da sociedade, pois, o fato é real, e agudamente presente nos grandes centros urbanos, consequência da nova organização da sociedade baseada particularmente na estrutura industrial.

Na sociedade de hoje tanto os organismos públicos como as instituições privadas, obedecem cada vez mais ao rigor do relógio, ao império dos horários, com tendências antes a diminuir do que a ampliar as horas do efetivo trabalho cotidiano.

As horas de atividade obrigatória, as ocupações funcionais exigidas para a manutenção própria e da família, seguem-se horas de folga, horas de atividade não obrigatória, não compensada, horas de ação que se enquadram na categoria de lazer, com tonalidade e aspectos variadíssimos, consoante a situação funcional de cada um, consoante a escala cultural e o "background" técnico-científico, econômico e outros fatores numeráveis, a mostrar a infinita gama das possibilidades a serem dadas ao lazer se houver um plano racional para o seu aproveitamento.

Parece que um dos aspectos a salientar é a possibilidade de cada um, no lazer, poder realizar livremente aquilo de que sente falta, aquilo que sempre desejou fazer, mas, que o tra-

balho, a profissão e os compromissos não lhe permitiram realizar.

Agora com horas de lazer certas, regulares, numerosas, livres, independente e soberano, vai fazer o que lhe parece corresponder mais e melhor aos seus anseios íntimos para a sua complementação formativa e a sua realização pessoal.

Surgem, assim, vocações tardias em muitos setores, aparecem esforços múltiplos de formação secundária ou mesmo universitária por parte de pessoas de idade madura, manifestando-se o fato em todas as camadas sociais e em todas as direções, o que vem confirmar as exigências crescentes da educação permanente já desencadeada e organizada em numerosos países.

O lazer poderá ser, porém, arma de dois gumes: poderá servir à sociedade para o seu "crescimento sócio-econômico-cultural" ou poderá ser um instrumento de tédio, de enfado e de "fugas" perigosas para o aviltamento e a degradação.

3 — O terceiro tópico assinalado pelo autor supra-referido diz respeito ao crescente aumento da média de vida humana, consequência dos progressos da medicina, dos esforços dos poderes públicos em favor da saúde do povo, esforços preventivos, defensivos e curativos, e da melhoria da educação das grandes massas humanas, incluídas nelas os princípios fundamentais da educação sanitária.

A escola sempre mais expandida, atingida a quase totalidade das camadas da população por meios adequados, e a instrução e a educação por ela levadas a um número sempre crescente de lares, têm contribuído igualmente, para a difusão dos princípios básicos essenciais à saúde, à sua conservação, e quando necessário à sua recuperação.

Prolonga-se, assim, a vida média humana, tendo alcançado no Brasil a taxa superior a 60 anos.

Pode-se deste modo falar em um crescendo contínuo do número de pessoas com mais de 60 anos, pessoas com boa saúde e com possibilidade real de continuar a trabalhar para provar às necessidades próprias e às da sociedade.

Esta classe de pessoas, porém, como é natural já não poderá desenvolver o mesmo ritmo de trabalho, sobrando, destas, muitas horas, horas de lazer, que devem ser preenchidas adequadamente.

4 — Em síntese, as presentes reflexões, relacionadas com os tópicos um e três supra-mencionados são de molde e aumentar os compromissos contidos no tópico dois, isto é, estão a exigir estudos detalhados, ponderados, intensivos e extensivos, dos problemas do lazer. E esta exigência não pode ficar para ser solucionada no ano 2000; deverá ser atendida desde logo, pois, assim como, em tudo o mais, será sempre melhor prevenir do que remediar, será sempre melhor fazer algo, embora, talvez, fraco, incompleto, mas que, aos poucos, e, com base na experiência superveniente, seja de molde a sugerir alguma coisa mais conforme às necessidades e às possibilidades (Do CELAR, especial para o "Correio do Povo").



# 1.º Encontro de Lazer tem fixado o temário

Foi definitivamente fixado o calendário com o respectivo temário, do 1.º Encontro Estadual Sobre Lazer e Recreação, que se realizará em Porto Alegre, de 13 a 16 de março, promovido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, através do Centro de Estudos de Lazer e Recreação — CELAR — e pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, representada pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Em 13 de março, às 19h30min, terá lugar a recepção aos participantes e apresentação de credenciais. Uma hora após, o Encontro será oficialmente instalado, sendo que na oportunidade o reitor da PUC, Irmão José Otão, proferirá conferência sobre "Lazer e Educação Permanente". Na mesma noite, através de comunicações especiais, as coordenadoras gerais, professoras Zilah Mattos Totta e Andréa Bonow Salgado, fornecerão orientação específica a todos os inscritos.

Às 8 horas de 14 de março, será procedida a apresentação e discussão do regimento interno, seguindo-se um painel sobre "Lazer e Recreação", abordando diferentes aspectos: o enfoque filosófico, por Dom Antônio Cheuiche, bispo auxiliar de Porto Alegre, coordenador arquidiocesano da Pastoral e vigário episcopal dos religiosos; o enfoque psicológico, pelo dr. Luiz Antônio Meira, ex-presidente da Sociedade dos Psicólogos do Rio Grande do Sul e criador e atual coordenador geral do "HELP"; o enfoque histórico-cultural, pelo prof. Hélgio Trindade, do LESPE, e o enfoque sócio-econômico, pelo prof. Francisco Ferraz, também do IESPE. Logo após o painel, será efetuada uma mesa redonda. À tarde, das 14 às 16 horas, os participantes farão trabalhos em

grupo e, posteriormente, das 16h30min às 18h30min, estarão em sessão plenária.

No dia 15 de março, pela manhã, haverá visita aos Centros de Comunidade de Porto Alegre, por grupos, seguindo-se avaliação do que foi observado, nos próprios locais. À tarde será ocupada, das 14 às 15h30min, com o relato das avaliações. Às 16h, o professor Hugo Ramos proferirá palestra sobre "O Trabalho e o Lazer". Ao encerrar seu trabalho, terá início um outro tema — "Lazer em Experiências" — com observações de todos os participantes do encontro.

Na data de encerramento, 16 de março, a professora e escritora Ethel Bauzer Medeiros, fará conferência sobre o "Lazer no Mundo Atual", principiando às 8h30min, seguindo-se a avaliação do encontro e a apresentação de suas conclusões e recomendações. Às 11h, o Secretário Municipal de Educação e Cultura, prof. Frederico Lamachia Filho, fará o pronunciamento final.

O 1.º Encontro Estadual Sobre Lazer e Recreação contará com a participação de especialistas em diferentes áreas, como a presidente da Associação dos Orientadores Educacionais, Valquíria Barbieri; o psiquiatra Isaac Pechansky e jornalistas de Porto Alegre, entre outros.

As inscrições deverão ser efetuadas na sede do CELAR, sala 303, prédio da Reitoria da PUCRS, na Av. Ipiranga, no horário das 8 às 12h e das 14h às 18h. A taxa de inscrição, com direito a almoços e materiais do encontro, é de 80 cruzeiros. Os estudantes pagarão somente 30 cruzeiros, mediante a apresentação de suas credenciais distribuídas pelas entidades acadêmicas ou colegiais.

## Lazer e recreação

Se, tempos atrás, alguém falasse em estudos científicos sobre recreação e lazer, não seria levado a sério. Não que a folgança e o passatempo fossem menosprezados, que a humanidade sempre foi mais inclinada ao recreio do que ao trabalho. Mas o divertimento era algo que nascia espontaneamente nas entranhas do ócio, cultivado pelos homens livres, sem manuais, sem regra e sem estatuto.

Bastava não possuir a condição de escravo para que o indivíduo fizesse jus à folga e à recreação como direitos naturais. Apenas os escravos se viam privados oficialmente das alegrias do lazer. "Que os negros não façam bailes em Lisboa" — disciplinava o Livro 5.º das Ordenações em um de seus títulos. E as posturas municipais cuidavam de proibir os ajuntamentos de escravos, suas festas e batuques.

Mas estava escrito que chegaria o tempo de tutelar e medodizar até o ócio dos cidadãos livres, deteriorado e frustrado pela sociedade da máquina.

A cidade que emergiu da revolução industrial, embora tenha aglutinado os homens em massas compactas, lhes amarrrou no pé a corrente do autismo e da solidão. Os horários rígidos de trabalho lhes subtraíram o tempo de lazer. A ocupação de todos os espaços livres da urbe fez da casa de moradia um abrigo de dormir e terminou com os divertimentos campestres. A dissociação das relações de parentesco e de vizinhança fez rarear a reunião de família e a rodinha de jogo.

A solidão talvez induzisse a fortalecer o passatempo individual: a leitura, o quebra-cabeça, as palavras cruzadas, a ginástica individual. Mas tal não aconteceu. Tudo cedeu caminho às diversões de massa, em que o cidadão se transformou em mero espectador, sem participação direta, contido na estreiteza de arquibancadas e platéias ou acomodado na imobilidade da poltrona doméstica. O homem da sociedade industrial não cultiva a recreação; ele a consome.

A PUC promove agora um Encontro Estadual sobre Lazer e Recreação, onde certamente essa problemática está sendo debatida com método e profundidade. Lá não fui, não pude ir. Por falta de lazeres. Mas aguardo com ansiedade suas conclusões, que há de envolver um alto interesse humano.

SERGIO DA COSTA FRANCO





O reitor Ir. José Otão quando proferia a conferência inaugural do Encontro sobre Lazer e Recreação

## PROSSEGUE NA PUC ENCONTRO SOBRE LAZER E RECREAÇÃO

Mais de 800 pessoas estão regularmente inscritas e participando do 1.º Encontro Estadual Sobre Lazer e Recreação, promovido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, através do seu Centro de Estudos de Lazer e Recreação, e pela Prefeitura de Porto Alegre, representada por sua Secretária Municipal de Educação e Cultura.

O encontro foi oficialmente instalado na noite de quarta-feira, sendo o ato presidido pelo cardeal Dom Vicente Scherer. Na oportunidade, usaram da palavra o Secretário do Trabalho e Ação Social, deputado Nelson Marchezan, que leu mensagem especial do governador Euclides Triches; o Secretário Municipal de Educação e Cultura, professor Frederico Lamachia Filho, que deu as boas-vindas a todos os participantes por delegação do prefeito Telmo Thompson Flores, e a professora Zilah Mattos Tot-

ta, diretora do CELAR. O reitor da PUCRS, irmão José Otão, proferiu conferência sobre "Lazer e Educação Permanente".

Na manhã de ontem foi aprovado o regimento interno do conclave. Logo após, passou-se ao tema da sessão sobre "Lazer e Recreação". O enfoque filosófico e antropológico do assunto foi tratado pelo prof. Luiz Oswaldo Leite, enquanto que o enfoque psicológico pelo dr. Luiz Antonio Meira, criador e coordenador geral do HELP. Ainda na mesma sessão, os aspectos histórico-cultural e sócio-econômico foram abordados, respectivamente, pelos professores e sociólogos Helgö Trindade e Francisco Ferraz, ambos pertencentes ao IESPE e docentes da URS e da PUCRS.

Ainda pela manhã, os participantes do encontro foram divididos em quatro mesas redondas, ocupando o salão nobre da PUC e os auditórios das Faculdades de Direito, Economia e FAMECOS,

quando debateram os temas propostos pelos painelistas momentos antes. A tarde, ocorreram reuniões com pequenos grupos de trabalho, seguindo-se uma sessão plenária, orientada pelas professoras Zilah Mattos Toita e Andréa Bonow Saigado, dirigentes do CELAR.

Hoje, sexta-feira, organizados em grupos e ocupando ônibus especiais, serão feitas as visitas aos centros de comunidade, organizados pela SMEC, seguido de avaliação dos trabalhos nos próprios locais. Durante a tarde, será apresentado o relato das avaliações e a conferência do prof. José Hugo Ramos sobre "Trabalho e Lazer". O conferencista é doutorado em Sociologia do Trabalho pela Sorbonne, além de bacharel em Direito pela URS.

No sábado, o encontro será encerrado com a apresentação das suas conclusões, a palestra da psicóloga Ethel Bauer de Medeiros sobre "Lazer no Mundo Atual" e o pronunciamento do secretário Frederico Lamachia Filho. A prof. Ethel Bauer de Medeiros, autora de diversas obras, entre as quais "Lazer no Planejamento Urbano", é professora de psicologia da Secretaria de Administração da Guanabara, chefe do Departamento de Psicologia do Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas, onde também leciona. Colaborou e coordenou vários projetos, inclusive no plano de facilidades materiais para recreação de Brasília e no de urbanização do bairro Glória-Flamengo. É ela o único membro brasileiro do Conselho Diretor da International Recreation Association, sendo "master of arts in education" pela Northwestern University de Evanston, Illinois, Estados Unidos.

## Atividades do Conselho Estadual de Cultura

Como acontece todas as quartas-feiras, reuniu-se antigamente, numa das dependências da SEC o Conselho Estadual de Cultura.

Na última reunião teve a palavra o conselheiro Guilherme Cesar que deu conhecimento do conteúdo da notícia publicada no "Jornal do Brasil" de 18 de cor-

rente mês, "na qual é plano do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional restaurar de maneira definitiva as estruturas das velhas igrejas de Ouro Preto, através da substituição da madeira por estruturas metálicas. Estas estruturas, contudo, não prejudicando em nada a estética dos templos". A notícia aborda ainda as regulamentações técnicas que serão utilizadas para preservar as pinturas. O conselheiro Maria Alves Paquinhos acrescentou que a notícia é de

da Oração

## Encerra hoje Encontro sobre Lazer

Será oficialmente encerrado na manhã de hoje, o 1.º Encontro Estadual Sobre Lazer e Recreação, com conferência da professora e psicóloga Ethel Bauzer de Medeiros e pronunciamento do secretário municipal da Educação e Cultura, prof. Frederico Lamachia Filho.

A conferência da professora Ethel Medeiros, versando sobre "O Lazer no Mundo Atual", tem seu início marcado para às 8h 30min. Assim, que a psicóloga e escritora encerrar seu trabalho, os participantes farão a avaliação do encontro e serão obtidas as conclusões finais, a serem examinadas por uma comissão especial do Centro de Estudos de Lazer e Recreação da FUCRS, que promoveu o conclave juntamente com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da SMEC.

Às 11h 30min, o professor Lamachia fará seu pronunciamento, encerrando oficialmente o encontro. À noite, os participantes poderão assistir, como convidados especiais, a peça "Arranque a Máscara e Improvise", encenada pelos atores do Grupo Província, no Teatro de Câmara, à Rua da República.





### ENCONTRO SOBRE LAZER TERMINOU ONTEM

Terminou ontem, às 11h30min, o "1.º Encontro Estadual Sobre Lazer e Recreação", que se realizou no período de 13 a 16 do corrente no Salão Nobre da PUC, numa promoção da Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica. Representantes de vários Estados (Bahia, São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro), ultrapassando a 800 pessoas, prestigiaram esta realização do município. O orador oficial por ocasião do encerramento, ontem, foi o prof. Frederico Lamáccchia Filho, titular da SMEC, que destacou ao plenário as presenças de representantes do MEC, SUDESUL, ESEF. Neste 1.º Encontro tornou-se possível,

consoante frison a psicóloga e escritora Eteí Bauzer de Medeiros (ela proferiu palestra sobre "O Lazer do Mundo Atual") a elaboração do programa básico que vai propiciar ao CELAR (Centro de Estudos de Lazer e Recreação) criar o curso de formação de especialistas em Lazer e Recreação. O secretário municipal de Educação e Cultura, prof. Frederico Lamáccchia Filho, observou que a administração Telmo Thompson Flores sente-se duplamente recompensada, porque em 1970 iniciou as construções dos Centros de Comunidade, e trouxe agora até a PUC a idéia que pôde ser desenvolvida tranquilamente e que, certamente, haverá de ser seguida e aplicada por outros Estados.

# Lazer e Recreação

Estamos assistindo ao grande interesse que o tema Lazer e Recreação vem tendo em vários níveis. Recentemente a PUCRGS realizou, nesta Capital, de 13 a 16 do corrente, o 1.º Encontro Estadual Sobre Lazer e Recreação. O tema foi ali tratado sob os mais variados enfoques: filosófico, psicológico, histórico-cultural e sócio-econômico. O assunto foi tratado, sem dúvida, por bons estudiosos do mesmo, entre eles se destacando, a nosso ver — convidado especial que fomos do referido Encontro, por gentileza muito especial da abalizada prof<sup>a</sup>. Zilá Totta, que se encontrava à frente dos trabalhos — a palestra do jovem professor Helgio Trindade, do quadro docente da mesma PUCRGS.

Sempre nos preocupou, desde os primeiros dias, quando há mais de um ano atrás escrevíamos sobre o assunto, nesta mesma coluna, a tendência generalizante em nosso meio para as ações programáticas de atividades lúdicas. Isto porque não possuíamos, segundo sempre nos pareceu, conhecimentos teóricos ou experiências práticas bastantes para desenvolver, em termos públicos ou privados, uma programação e a competente implantação de atividades de recreação e cultura.

Sempre agimos com certa improvisação arbitrária (no sentido acadêmico do termo) ao tratarmos do assunto. Convenhamos que por aqui pouca ou nenhuma literatura especializada ainda havia surgido. Só nestes últimos dias isto começa a ocorrer, com a tradução de obras como as de Huizinga, Dumazedier, Mag-nane, Butlher e a publicação da patricia Ethel Bauzer Medeiros (1971) através da Fundação Getúlio Vargas.

Confessamos, sinceramente, que por todas essas razões temíamos o apressado de quaisquer programações à revelia de um estudo mais acurado da questão. Em boa hora, porém, devemos à inteligência ponderada dessa insigne educadora que é Zilá Totta, a iniciativa de organizar esse 1.º Encontro. Mais satisfeito, ainda, nos encontramos ao verificar, na Folha da Manhã de 19/3, que após a primeira abordagem do assunto, após a avaliação dos conhecimentos existentes, não só em nosso meio mas em outros Estados do Brasil, depois de avaliados também os resultados desse Encontro, parte a PUC para a iniciativa de criar cursos, em nível de pós-graduação, destinados à habilitação necessária dos que pretendam se dedicar mais conscientemente a uma ação efetiva de trabalho nessa área complexa.

M. ARIAS PEREZ

## Curso de pós-graduação sobre Lazer na PUC abre inscrição amanhã

Estarão abertas, a partir de amanhã na PUC, as inscrições à seleção para o Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Lazer e Recreação, sendo que o número de vagas foi fixado em 40 a fim de prestar melhor assistência aos alunos, pois cada grupo de 20 terá um tutor com a finalidade de ser o orientador escolar.

O curso, a nível de pós-graduação, foi criado com base no artigo 17 da Lei Federal n.º 5540, de 28 de novembro de 1968, e no regimento geral e estatuto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul à qual está integrado o Centro de Estudos de Lazer e Recreação, órgão promotor da iniciativa e que supervisionará todas as atividades docentes e discentes.

O principal objetivo do curso, que terá como área de influência preferencial o Rio Grande do Sul, com ênfase à Grande Porto Alegre, será o de formar recursos humanos para a área do Lazer e da recreação, visando a capacitação de administradores e supervisores com função de macro e/ou micro administração e supervisão. Estes futuros profissionais atuarão como diagnosticadores da situação psico-social das comunidades a serem atingidas, como programadores e coordenadores das atividades específicas no campo do lazer e da recreação. Uma das finalidades do CELAR é a formação e o treinamento de corpo técnico para o CELAR.

### INSCRIÇÃO

Diploma ou atestado de conclusão de curso superior e a indicação de autoridade competente, que comprove o atual ou futuro aproveitamento do candidato em lazer ou recreação, são pré-requisitos para todos os que desejarem realizar o curso. Todo o candidato, no período de 23 de março a 5 de abril de 1974, deverá requerer a direção do CELAR a sua inscrição à seleção, anexando ao requerimento a seguinte documentação: certificado de conclusão, com histórico escolar de curso superior de graduação; "curriculum vitae" com indicações sobre cursos feitos e atividades exercidas; indicação de autoridade competente. Na mesma oportunidade, marcará, junto à sede do CELAR (sala 303 do prédio da Reitoria da PUC), data e horário para a entrevista que se efetuará de 1.º a 17 de abril, inclusive. A seleção dos candidatos será procedida com base na documentação exigida, na entrevista com os interessados e numa prova de conhecimento numa língua, a ser escolhida entre o inglês, francês, alemão ou espanhol, conforme a preferência do candidato. Os conhecimentos linguísticos exigidos se limitarão a compreensão do texto técnico de autor atual, que possibilite a tradução.

Os candidatos selecionados poderão concretizar sua matrícula entre 22 a 26 de abril, na sede do CELAR, apresentando o certificado de conclusão com histórico escolar do 2.º grau, em duas vias; certificado de conclusão com histórico escolar de curso superior de graduação; fotocópia autenticada da certidão de nascimento ou casamento; comprovante do pagamento das taxas correspondentes; três fotos 3x4; carteira de identidade; título eleitoral e documento do serviço militar. Os três últimos documentos serão devolvidos no próprio ato de matrícula, após as necessárias anotações em ficha especial.

As aulas terão início em 29 de abril, estendendo-se até 19 de julho, quando terminará o primeiro período letivo, para férias de inverno. O segundo período iniciará em 1.º de agosto, prolongando-se até 20 de dezembro. O curso funcionará, de segundas às sextas-feiras, no período noturno, e nos sábados, pela manhã. Os estágios, inclusive o de observação, a dissertação, projeto ou trabalho de conclusão, serão desenvolvidos em períodos distintos do escolar.

### BOLSAS DE ESTUDO Supletivo e Pré-Vestibular

das 8 às 20 horas  
ANDRADAS, 1646 —  
1.º and. - conj. 18

### BOLSAS CPS SUPLETIVO E PRÉ-VESTIBULAR

Inscriva-se até 31 de  
março para garantir  
sua vaga.

(POLIGRAFOS —  
adquira-os ou peça pelo  
reembolso postal).

CPS: Rua Riachuelo, 1590  
Fone: 24.41.96 —  
P. Alegre — R.S.

# Curso de pós-graduação em lazer inicia dia 29

A prof.<sup>a</sup> Zilah Mattos Totta, diretora do CELAR da PUCRS, informou que dia 29 do corrente será oficialmente instalado o 1.º Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Lazer e Recreação, a nível de pós-graduação, promovido por aquela instituição de ensino superior.

Falando sobre a receptividade da iniciativa, a professora disse que "se prende ao fato de que talvez ainda se considere o lazer como um fenômeno novo em nossa cultura. A realidade, no entanto, está mostrando que o problema é fundamental e urge a busca de um atendimento cada vez mais científico, face as exigências de um mundo altamente tecnificado e pleno de apelos à criatividade do homem. Assim, explico a imediata receptividade que teve o curso, a nível de pós-graduação, que será realizado pelo Centro de Estudos

de Lazer e Recreação da PUCRS. Afirmaria, mesmo, que tudo é um prolongamento do que já nos foi dado a constatar durante o 1.º Encontro Estadual sobre o tema, efetuado em março com a participação de 800 pessoas".

## MOTIVOS DA PRORROGAÇÃO

"A busca de informações é uma constante. Pedidos de inscrições e reservas se processam diariamente na sede do CELAR, sala 303 da Reitoria da PUC, no horário das 8 às 12 e das 14 às 18 horas, de segundas às sextas-feiras. Uma nota significativa é a solicitação de inscrições que estamos recebendo do interior e de outros Estados, como Goiás, Guanabara e São Paulo, além de Brasília. Tal fato levou-nos a prorrogar o prazo das inscrições para seleção de candidatos até o dia 18 do corrente, a fim de que possa ser ultimada a documentação dos que nos procuram, tanto do interior como de outros Estados. Com isso, os candidatos da Capital também serão beneficiados, pois em vários contatos mantidos com titulares de Secretarias de Estado, do Município e dirigentes de empresas industriais e comerciais, sentimos o interesse dessas instituições em enviar elementos credenciados para participarem do curso. Mas, essas circunstâncias demandam um pouco mais de tempo para recrutamento de pessoal a ser submetido (como os demais) à seleção para preenchimento das vagas".

## APROVEITAMENTO DOS PÓS-GRADUADOS

Prosseguindo, a diretora do CELAR falou sobre o aproveitamento dos pós-graduados, esclarecendo três questões: "1.ª - O acompanhamento posterior dos pós-graduados mediante o assessoramento técnico, que é uma das tarefas que se propõe o CELAR; 2.ª - Levantamento do mercado de trabalho, tarefa esta em que já nos lançamos, com vistas a um possível aproveitamento dos candidatos nas diversas áreas, uma vez que o objetivo primordial do curso é do próprio centro é formar recursos humanos, visando a capacitação de administradores e supervisores para funções de macro e micro supervisão, a de diagnosticadores da situação psico-social das comunidades a serem atingidas, bem como programadores e coordenadores de atividades específicas a serem desenvolvidas nos diferentes campos: educacional, empresarial, industrial, saúde mental e física, área religiosa, cívica, etc.; 3.ª - A capacitação e treinamento de pessoal para o atendimento aos centros de comunidade da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que a nosso ver constituem uma das grandes realizações da atual administração, através da Secretaria Municipal Educação e Cultural, e que são no encontro das necessidades de lazer da população. Cabe aqui, ressaltar a iniciativa dessa administração, que nutre fortes intercâmbios com a Pontifícia Universidade Católica, do Rio de Janeiro, através do CELAR, órgão diretamente ligado à Reitoria".

## CURRÍCULO

# don abrirá inscrições para o Congresso Regional

XIII, necessitarão apenas atualizar sua inscrição quanto a escolaridade, dispensando assim os demais documentos.

Para a referida Operação poderão inscrever-se técnicos de nível superior, e universitários que tenham a seguinte escolaridade:

A partir do 2º ano dos cursos de 3 e 4 anos.

A partir do 3º ano dos cursos de 5 e 6 anos.

Por outro lado, não será aceita, sob hipótese alguma, inscrições sem a documentação acima mencionada.

Esclarece ainda a Coordenação Regional Sul que, para efeito da seleção dos candidatos inscritos, terão prioridade os estudantes dos últimos anos desde que tenham participação ativa durante o treinamento, a ser realizado durante os meses de maio e junho.

Os universitários de menor escolaridade só serão selecionados para casos específicos de convênios ou de atividades programadas compatibilizem com seus graus de ensino.

## Inscrições para o congresso de Odontologia

Continua abertas as inscrições para o Plano elaborado pela ABOBRS para o fim de atender as demandas de insufladas organizações em participar do "22º Congresso Odontológico Mundial da Federação Dentária Internacional", a realizar-se de 8 a 14 de setembro, deste ano, em Londres. Coordenado mais uma vez com a colaboração da TURISPRE, a ABOBRS está a aceitar inscrições até o dia 5 de setembro e retornará no dia 20, incluindo em 18 dias de...



## 50 classificados para a pós-graduação em Lazer e Recreação

A direção do Centro de Estudos de Lazer e Recreação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul divulgou, na tarde de ontem, a relação dos candidatos classificados para o preenchimento das cinquenta vagas, abertas para o "Curso de Especialização em Lazer e Recreação", a nível de pós-graduação.

É a seguinte a relação dos candidatos habilitados: Celina Soares, Emilio Daiochi, Sérgio Antônio Carlos, Ernesto Costella, Ana Maria da Rosa Ferlauto, Brigida Bantel Wihan, Alice Opala, Fernando Ferreira Lopes, Carmem Darcy Weizenmann, Vilmar Figueiredo de Souza, Darly Salazar Pereira de Souza, Marília Lazzarotto Fernandes, Jayme Tolpolar, Luiz César dos Santos, Neda Stocker dos Santos, Diva de Lara, Sérgio Becker, Ivo Carlos Bender, Irmã Angela Daga,

Alirio Almeida Coral, Maria Atenais Pibernat Veiga, Cecília Ephigênia Finckler, Vera Beatriz F. Henrique dos Santos, Arno José Ciulla Raupp, Júlio César Terra, Ana Maria Rangel Paradedda, Modesto de Albuquerque Caetano, Bento Dallabona, Mari-tânia Schmaedecke, Maria Talita Xavier Welker, Ziláh de Freitas Ros, Helga Maria Kehl, Hamilton Dias Braga, Adroaldo Diesel, Charles Mc Mannis, Vitor Hugo Santa Maria, Doralice Pereira Neves, Iolanda Nunes da Rosa, Enio Cassol, Iria Isoar Medeiros Veiga, Carmem Terezinha Cezar Chaves, Alda Neves Godoy, Acélia Noswitz Diesel, Lígia da Silva Castro, Ary Scheid de Braga, Vera Beatriz de Oliveira Santos, Ubirajara Perce Borne, Elmo Souza Dutra da Silveira, Angela Alice Novelli e João Francisco de Abreu Gutterres.

Todos os candidatos aprovados deverão efetuar sua matrícula de 22 a 26 do corrente, na sede do CELAR, sala 303 do prédio da Reitoria da PUCRS, das 9 às 11 e das 16h30min às 20 horas. O curso será instalado a 29 de abril.

A classificação, em número de pontos, encontra-se à disposição de todos os candidatos na sede do CELAR, sendo que os que não constam da presente relação, serão chamados por ordem de classificação, no caso de existência de vagas.

A direção do CELAR ainda comunica que estão ao dispor de todos interessados os certificados de frequência relativos ao I Encontro Estadual de Lazer e Recreação, realizado de 13 a 16 de março.

### **BOLSAS CPS**

#### **SUPLETIVO E PRÉ-VESTIBULAR**

Inscreeva-se até 15 de abril  
(POLÍGRAFOS —

Adquira-os ou peça pelo  
reembolso postal).

CPS: Rua Riachuelo, 1590

Fone: 24.4196

P. Alegre — RS.

PROF.<sup>a</sup> ZILAH TOTTA

## À Universidade compete formar uma nova mentalidade no campo do Lazer

A profa. Zilah Mattos Totta, diretora do Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, regressou de viagem à Europa, onde foi participar, como representante da PUC do II Congresso Mundial do Lazer, em Bruxelas.

Sob o tema geral "Tempo Livre e Realização pessoal", o congresso se realizou de 5 a 7 de abril, reunindo especialistas de 43 países, sendo que a maior delegação foi a do Brasil, tendo sido apresentado o relatório do mesmo pelo assistente social de São Paulo, Renato Requiya. Realizado pela Fundação Van Clé (Bélgica), contou com o copatrocinio da Unesco e do governo belga, sendo denominado de "Congresso para uma carta do Lazer", pois entre os trabalhos programados para o evento estava incluída a elaboração de uma carta que "expresse uma concepção universal do tempo livre". As técnicas utilizadas pelos organizadores do congresso abrangeram discursos, conferências, relatos continentais, trabalhos de comissões, sessões plenárias e comunicações diversas. Os temas foram debatidos em oito comissões, que abordam: Organização do Trabalho e Tempo Livre; Esportes, Fisiologia e

Lazer; Culturas, Atividades Culturais e Tempo Livre; Turismo e Lazer; Poderes Públicos e Lazer; Educação e Lazer; Populações Rurais e Tempo Livre e Ética e Tempo Livre.

### PARTICIPAÇÃO

"A existência do CELAR — afirmou a profa. Zilah — foi divulgada através da distribuição feita entre todos os organizadores, promotores e participantes do congresso, de um trabalho em forma bilingue (francês e inglês) onde se encontram relatadas todas as iniciativas e atividades do CELAR até o momento presente, a partir da natureza e objetivos desse Centro".

Em sessão plenária, a diretora do CELAR expôs sua preocupação de que na carta do lazer, proposta à discussão dos participantes, "fosse dada mais ênfase ao papel da Universidade como agente formador de uma nova mentalidade propiciada pela pesquisa científica no campo do lazer. Mantivemos inúmeros contatos individuais com os representantes dos diferentes países num intercâmbio valioso de experiências e troca de opiniões, quando nos foi dado sentir o vivo interesse que manifestaram nossos companheiros de congresso pelo posicionamento do Brasil em face do problema do Lazer e, mais particularmente, pelo trabalho que vimos realizando em nosso Estado, na PUC".

### CONTATOS

"Nos relatórios continentais — segundo Zilah Totta — podemos inferir os rumos que o problema do Lazer, em seu aspecto científico, está tomando no mundo moderno. Duas características foram enfatizadas: o enfoque psicológico e sociológico do Lazer, alicerçado na pesquisa, num

mundo em acelerada transformação e a preocupação de criar condições na sociedade pós-industrial em que nos encontramos, para evitar as tensões e a defasagem entre o trabalho e o tempo livre, com vistas à melhoria da qualidade de vida do homem".

Depois do congresso, a profa. Zilah Totta foi à França, onde manteve entendimentos com Mlle. Charlepeau e Mr. Fayol da organização "Peuple et Culture" e com Mme. Claire Guinchard, do "Centre National de la Recherche Scientifique" a qual se mostrou muito interessada em conhecer de perto o trabalho do CELAR.

Em São Paulo houve contato com o Movimento Pró-Idosos, através de sua presidente, Suzana Franke, em vistas a trazer subsídios dessa experiência para o CELAR, que se inicia no estudo do problema do lazer para a 3.ª idade. O MOPI realizará, de 21 a 26 de junho, o I Seminário Regional sobre o Idoso na Sociedade Brasileira, no qual o CELAR terá participação.

Além de Zilah Totta, participaram do congresso a aluna diplomada pelo curso de pós-graduação da PUC, de especialização em lazer e recreação, Celina Soares, atualmente diretora da Divisão de Lazer do Sesi e Léo Verbist, atual aluno do curso, vereador em São Leopoldo.

## Museu abre exposição sobre Comunicação

O Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, vinculado ao Departamento de Assuntos Culturais da SEC, estará promovendo, a partir de



À prof.ª Zilah Totta (foto) retornou da reunião internacional em Bruxelas e fala da importância do Lazer, particularmente na sociedade pós-industrial

## Avisos das Delegacias de

A 1.ª Delegacia de Educação, com sede na Rua Cel. Vicente, 281, 5.º andar do Edifício Mesbla, chama interessados, e faz os seguintes comunicados:

### CAMPEONATO ESTUDANTIL

— As Áreas Educacionais estão recebendo inscrições de escolas participantes do Campeon-

cos e orientadores educacionais das escolas oficiais do 2.º grau, em encontro que tem como objetivos realimentar a dinâmica da estrutura e funcionamento dos serviços de coordenação pedagógica e de orientação educacional; acompanhar a aplicação do sistema de avaliação

### DECORAÇÃO

CURSO POR CORRESPONDÊNCIA  
Foram abertas 120 vagas para todo o Rio Grande do Sul. Programa de autoria do arquiteto Simão Goldman. Informações e matrículas: Escrever para E.D.I. — ESCOLA DE DECORAÇÃO DE INTERIORES (Deplo. dos Cursos Superiores de Psicológica das Cores) — CAIXA POSTAL, 2206 — Porto Alegre.

Correio do Povo/RS, 09/05/1076, p.12

Assim como o Turismo, o Lazer também começa a ser analisado cientificamente na PUCRS na década de 1970, oferecendo inclusive, um Curso de especialização na área, em 1974. Constatamos, no entanto, pouca relação entre o CELAR e o Curso de Turismo da PUCRS.



## ANEXO E – Folder das Comemorações dos 20 anos do Curso de Turismo da PUCRS



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**FAMECOS**



40 anos  
1952 - 1992  
A. IDADE DA COMUNICAÇÃO  
PUCRS

**CURSO SUPERIOR DE TURISMO**



1972

FAMECOS  
PUCRS

1992

*Conquistando o Seu Espaço*

## O TURISMO E AS PARCERIAS ESTRUTURAIS

O turismo é uma atividade humana de natureza econômica.

Como qualquer atividade, requer reflexão, decisão, ação e avaliação para atingir objetivos e sua uma vez propostos.

A política destinada a orientar o setor precisa ser clara e abrangente, indentificando áreas e dificuldades, ao mesmo tempo em que aloca os meios necessários às intervenções oportunas, e fins operativos e soluções pragmáticas.

Consubstanciando esta visão conceitual, em 1972 a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul firmou um acordo de parceria com o Poder Público e a Iniciativa Privada tomando-se a forma, um agente interagente do processo produtivo do turismo.

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul anunciava à época o seu Plano Estadual de Turismo, através de um corajoso slogan, que se intitulava **TURISMO: A ESTRATÉGIA GAÚCHA**.

Entre os inúmeros programas a serem atacados com urgência e seriedade o documento fundamental priorizava a necessidade de formação de recursos humanos a todos os níveis, em especial e terceiro grau.

A PUCRS - FAMECOS coube então, o papel de criação do Curso Superior de Turismo, visando a preparar profissionais para as diversas áreas do setor.

Hoje, considerando-se a dimensão universal que o turismo alcançou na escala econômica e no fenômeno de comunicação de massas; considerando que, mesmo definido como a "indústria dos chamimês", o turismo está integrado ao setor terciário, dado o fato de ser representado basicamente por serviços; que a Organização Mundial de Turismo - OMT, prevê uma tendência crescente das ferências dos viajantes pelo fator qualidade do produto turístico ofertado; que essa preferência situará fatalmente o índice de carência profissional já existente no setor, e que será da ordem de 5 milhões o número de empregos disponíveis no mercado na virada do terceiro milênio; que a PUCRS - FAMECOS, consciente dessa perspectiva e das mudanças que essa previsão impõe, está se preparando para aprimorar cada vez mais a sua formação acadêmica, partindo para um novo programa curricular, baseado por convênios com as entidades de classe e instituições afins; e, finalmente, considerando a distribuição que a nossa Universidade, de forma modesta mas decisiva, tem oferecido ao mercado profissional ao longo de duas décadas, é que apresentamos com satisfação este **CALENDÁRIO DE EVENTOS comemorativo aos 20 ANOS DO CURSO SUPERIOR DE TURISMO**.

Esperamos que ele possa ser um marco energético de aproximação entre os públicos internos PUCRS e a laboriosa comunidade turística rio-grandense.

**Profª Norma Martini Moesch**

Coordenadora do Curso Superior de Turismo.

## PROGRAMA

- 10 - do Curso Superior de Turismo, a ser implantado a partir de 1993.
- 15 - ABERTURA OFICIAL
- 30 - MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS  
Local: Capela do Campus, oficiada pelo Padre Tarcisio de Nadel, com a participação do Coral N. Sra. das Dores, de Caxias do Sul.
- 30 - PLENÁRIO  
Local: Divulgação do Programa Oficial  
Local: Teatro da OSPA
- Local: Auditório da FAMECOS
- HOMENAGEM AOS 20 ANOS DO CURSO SUPERIOR DE TURISMO  
Regência: TULLIO BERRARDI  
Coordenador: Prof. CARLOS ALBERTO KRAUSE  
Local: Teatro da OSPA

De 17 a 21 - XII EMBETUR - Encontro Brasileiro de Bachareis e Estudantes de Turismo  
Local: Camboriú - SC

Dia 28 - SEMINÁRIO sobre POSTURA PROFISSIONAL VERSUS MERCADO DE TRABALHO  
Coordenadora: Profª ELAINE MACHADO

Carga Horária: 03 horas  
Local: Auditório da FAMECOS  
Horário: 19:30 às 22:30 horas

Dia 30 - SEMINÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE EMPRESAS DE TURISMO  
Tema: TURISMO - PERSPECTIVA DO MERCADO DE TRABALHO  
Coordenador: Prof. PAULO FRANCISCO NARDI

Carga Horária: 04 horas  
Horário: 08:30 às 12:30 horas

## JUNHO

Dia 16 - CITY TOUR CULTURAL  
Tema: PORTO ALEGRE HISTÓRICO - CENTRO  
Coordenadora: Profª HILDA FLORES

Duração: 04 horas  
Horário: 09:00 às 13:00 horas

Dia 06 e 07 - PROJETO EXPERIMENTAL  
Tema: TURISMO ECOLÓGICO - BOM JESUS  
Coordenadora: Profª NORMA MARTINI MOESCH

Duração: 02 dias  
Local: Fazenda do Anovredo - BOM JESUS - RS

Dia 13 - CITY TOUR CULTURAL  
Tema: PORTO ALEGRE HISTÓRICO - ZONA SUL  
Coordenadora: Profª HILDA FLORES

Duração: 04 horas  
Horário: 09:00 às 13:00 horas

Dia 20 - SEMINÁRIO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA APLICADA AO TURISMO  
Coordenadores: Prof. LEANDRO LEMOS  
Prof. LUIZ GUSTAVO PATRUCCO

Carga Horária: 08 horas  
Local: Auditório da FAMECOS  
Horários: 08:30 às 12:30 horas  
14:00 às 18:00 horas

Dia 27 - SEMINÁRIO SOBRE TURISMO CULTURAL  
Coordenadora: Profª NORMA MARTINI MOESCH  
Local: Parque Aldeia do Imigrante - NOVA PETRÓPOLIS - RS

Dia 28 - SEMINÁRIO sobre ANIMAÇÃO TURÍSTICA E LAZER  
Coordenadora: Profª MARUTSCHKA MARTINI MOESCH

Carga Horária: 30 horas  
Local: Auditório da FAMECOS  
Horário: 18:00 às 22:30 horas

Dia 25 - OFICINAS  
Horários: 08:00 às 12:00 e das 13:30 às 19:30

AGOSTO  
Dia 08 - FÓRUM  
Tema: ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS REFLEXOS DA RIO/92  
Coordenadora: Profª MARUTSCHKA MARTINI MOESCH

Carga Horária: 06 horas  
Local: Auditório da FAMECOS  
Horários: 09:00 às 12:00 horas  
14:00 às 17:00 horas

Dia 29 - SEMINÁRIO SOBRE FOLCLORE E TRADICIONALISMO  
Coordenação: Profª NORMA MARTINI MOESCH  
Local: Auditório da FAMECOS

Carga Horária: 10 horas  
Horários: 08:00 às 12:00 horas  
13:30 às 19:30 horas

Atividade Paralela: Mostra de Habilidades dos Alunos

## SETEMBRO

Dia 24 - NOITE SOLENE  
ENTREGA DE TROFÉUS E DIPLOMAS À PESSOAS E ENTIDADES QUE SE DESTACARAM NOS ÚLTIMOS VINTE ANOS, APOIANDO O CURSO SUPERIOR DE TURISMO.  
Coordenador: Prof. JOSÉ FERNANDO F. DA SILVEIRA

Apoio: Profª NORMA MARTINI MOESCH  
Local: Salão de Atos da PUCRS

Horário: 20:30 horas  
Dia 19 - SEMINÁRIO SOBRE SEGURANÇA NO TURISMO  
Coordenadora: Profª BERENICE PEREIRA

Carga Horária: 08 horas  
Local: Auditório da FAMECOS  
Horários: 08:00 às 12:00 horas  
14:00 às 18:00 horas

Dia 26 - PROJETO EXPERIMENTAL  
Tema: SERRA GAUCHA  
Coordenador: Prof. CARLOS ALBERTO KRAUSE

Duração: 01 dia  
Local: Hotel Continental - CANELA - RS

Dia 28 - PALESTRA COMEMORATIVA  
Tema: DIA MUNDIAL DO TURISMO  
Coordenadora: Profª NORMA MARTINI MOESCH  
Local: Auditório da FAMECOS

Horário: 20:00 horas

## OUTUBRO

De 09 a 12 - PROJETO EXPERIMENTAL  
Tema: BRASIL/URUGUAI  
Coordenador: Prof. CARLOS ALBERTO KRAUSE

Duração: 04 dias  
Local: Montevideo - URUGUAI

Dia 17 - SEMINÁRIO SOBRE MARKETING TURÍSTICO  
Coordenadora: Profª ADRIANA OLIVEIRA

Carga Horária: 06 horas



Local: Auditório da FAMECOS

Horários: 08:30 às 12:30 horas

14:30 às 17:30 horas

**De 20 a 22 - SET UNIVERSITÁRIO**

Local: PUCRS - Porto Alegre -RS

**Dia 24 - LANÇAMENTO DO LIVRO**

**TURISMO PUCRS - VINTE ANOS DE TENTATIVAS, EQUÍVOCOS E ACERTOS**

Coordenadora: Profª HILDA FLORES

Local: ARI - Associação Riograndense de Imprensa

Horário: 10:00 horas

**Dia 31 - SEMINÁRIO CONTABILIDADE DO**

**TURISMO**

Tema: **DE OLHO NO BALANÇO**

Coordenador: Profº PAULO FRANCISCO NARDI

Carga Horária: 04 horas

Local: Auditório da FAMECOS

Horário: 08:30 às 12:30 horas

**NOVEMBRO**

**Dia 07 - ENCERRAMENTO OFICIAL**

Coordenador: Profº JOSÉ FERNANDO F. DA SILVEIRA

Apoio: Profª NORMA MARTINI MOESCH

**CONGRACAMENTO COM O MERCADO**

**Dia 21 - FÓRUM DE AVALIAÇÃO**

Tema: **TURISMO: PERFIL PROFISSIONAL E MERCADO DE TRABALHO**

Coordenadora: Profª NORMA MARTINI MOESCH

Participação: ABBTUR-RS, PR E BR

Carga Horária: 06 horas

Local: Auditório da FAMECOS

Horários: 09:00 às 12:00 horas

14:00 às 17:00 horas

**Atividades paralelas:**

Vivi Vídeo Tour - FAMECOS - PUCRS - todas as 3as.,

4as. e 5as., 19:00 horas

Roda de Chimarrão - Aos domingos em Praças Públicas de Porto Alegre.

**PROMOÇÃO**

**CURSO SUPERIOR DE TURISMO - FAMECOS - PUCRS**

Coordenadora de Departamento: Profª NORMA MARTINI MOESCH

**COMISSÃO ORGANIZADORA**

Coordenador Geral: Prof. JOSÉ FERNANDO F. DA SILVEIRA

Coordenadores: Profª ADRIANA OLIVEIRA

Profª BERENICE PEREIRA

Profº CARLOS ALBERTO KRAUSE

Profª ELAINE MACHADO

Profª HILDA FLORES

Profº LEANDRO LEMOS

Profº LUIZ GUSTAVO PATRUCCO

Profª MARUTSCHKA MARTINI

MOESCH

Profª NORMA MARTINI MOESCH

Profº PAULO FRANCISCO NARDI

Monitoras: ADRIANA S. PINHEIRO

MARIA DE FÁTIMA ALEIXO

Estagiários: ANDREA DA CRUZ TELLITU

CLAUDIA COSTA COREZOLA

ELIANE GAMBOA MENEZES

JOSÉ CARLOS CARDOSO COSTA

LICIANE ROSSETTO

LUCIANA SOARES ETZBERGER(RR PP)

MARTA CRISTINA BARBOSA BECKER

(RR PP)

VANIA OLIVEIRA ANTUNES

**Observações:**

1. Em todos os eventos de Extensão Universitária que integram o presente Programa serão conferidos Certificados de Participação.

2. Os cinco alunos com maior número de participação receberão o certificado VIP que dará preferência na indicação para os melhores estágios.

**INFORMAÇÕES:**

Secretaria da FAMECOS, fone: (051) 3391511, ramal 3269, no horário comercial,inclusive à noite.

**INSCRIÇÕES:**

Departamento de Turismo, FAMECOS-PUCRS - Prédio 07, no turno da noite.

ANEXO F – Discurso da Professora Norma Moesch durante as comemorações dos 25 anos do Curso de Turismo da PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul  
Faculdade dos Meios de Comunicação Social  
Curso Superior de Turismo

TURISMO - 25 ANOS EM RETROSPECTIVA

- “ - *Que fazes?*  
- *Faço Turismo.*  
- *Que maravilha!*  
- *Deves viajar muito, és uma privilegiada!*”

Este pequeno diálogo foi a característica marcante do início da década de 70-80, quando surgiram os cursos superiores de turismo no Brasil.

*Fazer turismo*, no sentido de ingressar na universidade com a finalidade de buscar uma formação à nível de 3º grau, era então uma idéia muito remota, que jamais passaria pela imaginação de uma amiga reencontrada ao acaso, em algum não-lugar qualquer.

No meio familiar, a reação não era diferente.

O melhor que se poderia esperar, ao se comunicar tal escolha para o vestibular, era a expressão “...este curso existe?”, ou “desde quando é preciso frequentar faculdade para se *fazer turismo?*”

Passado um quarto de século desde a criação do Curso Superior de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, primeira a instituir um curso desta natureza na Região Sul, hoje responsável pela graduação de 1.380 bacharéis em Turismo, habilitados como planejadores e organizadores, em bom número responsáveis por cargos, funções e atividades no setor público, no meio empresarial, na docência e área de consultoria, a incômoda ambigüidade tende a tornar-se cada vez menos presente nas conversações eventuais.

“*Fazer Turismo*”, hoje, pode levar o interlocutor à inúmeras conjecturações, e a resposta enunciada nesses termos vai requerer uma complementação que explicita melhor em que área de atuação a pessoa pratica tal atividade. (Entre elas, obviamente, pode estar implícita a idéia de “eu viajo”, simplesmente).

Ao que me diz respeito, "*FAZER TURISMO*" não foi uma decisão aleatória. Foi escolha consciente, alicerçada em perspectivas animadoras, estimulantes, capazes de conferir um sentido mais edificante à vida e à profissão abraçada.

Poder caracterizar o trabalho não como uma contingência baseada na necessidade de fazer para ter, e sim muito mais direcionado a um conhecimento contínuo, permanente, onde identidade própria e auto-estima pudessem ser fortalecidas no dia-a-dia de um novo ser.

Acredito decisivamente que "*FAZER TURISMO*" pode propiciar àqueles que optaram (e optam) pela carreira um espaço de atuação favorável para um processo de desenvolvimento notável à nível psico-social.

Os pressupostos disponíveis para que esse processo se consubstancie existem, fazem parte do meio-ambiente onde as práticas do "*FAZER TURISMO*" se concretizam, facilitam, instrumentalizam e sustentam a gênese do próprio fenômeno turístico em seu amplo espectro.

Patrimônio Natural, Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural; Ciência, Tecnologia e Acontecimentos Programados; Base Sócio-Econômica e Legal, Normas e Procedimentos; Ordenação Política e Espacial, Infra-Estrutura, Demandas, Relações de Mercado, Estratégias Profissionais, Habilitação Profissional, Variáveis Endógenas e Exógenas, Projeções e Tendências, Presente e Futuro; Ano 2000, virada do Século, Convulsões Sociais, Violência Urbana, Globalização Econômica, Massificação, Poluição Ambiental, Desenvolvimento Sustentável, Metrôpoles Saturadas, Estresse, Sexo, Drogas, Fracasso, Impotência, Exclusão, Homem, Sonhos, Ansiedade, Angústia, Tédio, Desejos, Expectativas, Esperanças, Aventuras, Descobertas, O Outro, O Diferente, O Após Fronteiras...

É neste universo que se conota o "*FAZER TURISMO*" do presente, em meio às contradições produzidas pela sociedade pós-moderna, contradições que necessitam ser administradas com percepção, sensibilidade e firmeza, razão e coração, perseverança, criatividade e muita astúcia para apreender toda a sinergia que essa dinâmica dos contrários é capaz de gerar.

"*FAZER TURISMO*", a partir de agora, é participar de um grande projeto universal, onde o principal personagem é o homem em busca de si mesmo, dos seus tesouros - não perdidos, mas descontraídos, cabendo ao profissional fazer de sua viagem uma trajetória mais segura e prazerosa, alertando-o de que independente de toda a assistência prestada, o seu destino, mais do que nunca, está na sua própria mão.

**Norma Martini Moesch**  
Professora Universitária  
Coordenadora do Curso Superior  
de Turismo da PUCRS

ANEXO G – Revista Experiência, 1997



















































## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Roteiros das entrevistas

**ENTREVISTA****(Roteiro para professores e ex-professores)****Identificação:**

Número da entrevista:

Nome:

Data de Nascimento:

Endereço:

Fone:

Data da Entrevista:

Local da Entrevista:

Formação (graduação e pos graduação):

Ano que ingressou e se desligou da PUCRS?

E no Curso de Turismo?

Motivos do ingresso no curso?

Funções que desempenhou no curso:

**Roteiro das Entrevistas:**

1. Que atividade desempenhava antes de trabalhar no curso? Já tinha alguma relação com a área de turismo?
2. Qual era o contexto de criação do curso (da atividade turística no Brasil, e no RS) (do ensino superior no Brasil e no RS)?
3. Quando e como se deu o seu ingresso no curso. Qual sua qualificação?
4. Qual sua participação no curso de turismo?
5. Como surgiu a preocupação com uma formação superior em turismo na PUC? Qual sua participação?
6. Como se deu a profissionalização do turismo (no Brasil e no RS) ?
7. Quem são as pessoas que construíram o curso na PUC?
8. Como se deu a trajetória do curso? E a sua, no curso?



9. Principais impasses/dificuldades para a criação e consolidação do curso?
10. Porque na PUC o curso de turismo está lotado na Famecos? Como se dá esse relacionamento Faculdade X curso?
11. Como você vê o turismo enquanto área de conhecimento?
12. Onde o curso se insere, enquanto área de conhecimento, na PUC? Porque?
13. Qual a objetivo do curso da PUC?
14. Que profissional é esse formado pela PUC?
15. Quem são os alunos que procuravam e procuram o curso de turismo?
16. O que entende por ensino superior em turismo?
17. Como o curso se relaciona com a atividade turística? Qual a participação do curso na atividade turística no estado?
18. Como se dá a relação do curso com os demais cursos de turismo do estado.
19. Quais as principais mudanças que o curso sofreu na sua trajetória?
20. Como é o curso de turismo da PUC, hoje?

Indicar outras pessoas que possam contribuir para contar a historia do curso

As entrevistas foram transcritas e posteriormente retornaram para assinatura do Termo de Consentimento.

**ENTREVISTA**  
**(Roteiro para ex-alunos)**

**Identificação:**

Número da entrevista:

Nome:

Data de Nascimento:

Endereço:

Fone:

Data da Entrevista:

Local da Entrevista:

Formação (graduação e pos graduação):

Ano que ingressou e formatura no Curso?

**Roteiro das Entrevistas:**

1. Porque escolheu o curso de Turismo? Já tinha alguma relação com a área de turismo?
2. Qual era o contexto de criação do curso (da atividade turística no Brasil, e no RS) (do ensino superior no Brasil e no RS)?
3. Quando e como se deu o seu ingresso no curso.
4. Qual sua participação no curso de turismo?
5. Para você, como surgiu a preocupação com uma formação superior em turismo na PUC?
6. Como se deu a profissionalização do turismo (no Brasil e no RS) ?
7. Quem são as pessoas que construíram o curso na PUC?
8. Como se deu a trajetória do curso? E a sua, no curso?
9. Principais impasses/dificuldades para a criação e consolidação do curso?
10. Enquanto estudante, como se dava o relacionamento Famecos e o curso?
11. Como você vê o turismo enquanto área de conhecimento?
12. Qual a objetivo do curso da PUC?

13. Que profissional é esse formado pela PUC?
14. Quem são os alunos que procuravam o curso de turismo?
15. Quais suas lembranças do período universitário? (professores, aulas, da turma, eventos....)
16. O que entende por ensino superior em turismo?
17. Como o curso se relaciona com a atividade turística? Como você percebe a participação do curso na atividade turística no estado?
18. Como se dá a relação do curso com os demais cursos de turismo do estado.
19. O curso contribuiu para sua vida profissional? Como?
20. Quais as principais mudanças que o curso sofreu na sua trajetória?
21. Como é o curso de turismo da PUC, hoje?

Indicar outras pessoas que possam contribuir para contar a história do curso

As entrevistas foram transcritas e posteriormente retornaram para assinatura do Termo de Consentimento.

## ENTREVISTA

(Roteiro para pessoas envolvidas com o Turismo no RGS na década de 1970)

### Identificação:

Número da entrevista:

Nome:

Data de Nascimento:

Endereço:

Fone:

Data da Entrevista:

Local da Entrevista:

Formação (graduação e pós-graduação):

Ano que iniciou as atividades relacionadas ao turismo:

Quando soube da existência do curso de Turismo da PUCRS?

### Roteiro de entrevista:

1. Qual sua relação com a área de turismo? Quais as atividades que você desempenhou e desempenha relacionadas ao turismo?
2. Qual o seu envolvimento com curso de Turismo da PUCRS? Você teve alguma participação nas atividades do Curso?
3. Na área do Turismo, quando e porque se começa a se discutir questões referentes a necessidade de qualificação na área?
4. Como surgiu a preocupação com uma formação superior em turismo na PUC? Qual sua participação?
5. Como se deu a profissionalização do turismo (no Brasil e no RS) ?
6. Qual foi o contexto de criação do curso da PUC (Como era a atividade turística no Brasil, e no RS na década de 1970) (e do ensino superior em Turismo no Brasil e no RS)?
7. Quem são as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento do turismo no RS? E quais as pessoas que construíram o curso na PUC?
8. O que você recorda sobre a trajetória do curso de Turismo da PUCRS?

9. Como você percebe a relação do curso de Turismo da PUCRS com o mercado?
10. Como você vê o turismo enquanto área de conhecimento?
11. Na sua concepção qual o objetivo do curso de Turismo da PUC?
12. Que profissional é esse formado pela PUC?
13. Quem são os alunos que procuravam e procuram o curso de turismo?
14. Como o curso se relaciona com a atividade turística? Qual a participação do curso na atividade turística no estado?
15. Qual a trajetória do turismo no RS?
15. Quais as principais mudanças que o turismo no RS sofreu na sua trajetória?
16. Como é a atividade turística no RS, hoje?

Indicar outras pessoas que possam contribuir para contar a historia do curso

As entrevistas foram transcritas e posteriormente retornaram para assinatura do Termo de Consentimento.

## APÊNDICE B – OS GUIAS DA PESQUISA: OS NARRADORES

Neste ano, 2010, o Curso de Turismo da PUCRS estaria completando 38 anos de existência e teria muitas lutas e conquistas a comemorar. A atuação dos profissionais que construíram este curso está inscrita para sempre na história da educação em Turismo do estado do Rio Grande do Sul e do Brasil. Este é um grupo "mapa de referência", isto é, "mapas" de ideias, de lutas, de produção acadêmica, política, cultural sobre o Turismo. Esta tese é um enredo contado pelos narradores<sup>174</sup> que participaram e participam do curso de Turismo da PUCRS.

Pelo uso da oralidade ou da escrita, o narrador é capaz de “pôr em memória” suas experiências de vida, deslocando-as do ato estritamente pessoal para o âmbito sócio-cultural. Insere-se numa dada coletividade onde se identifica porque busca ser reconhecido publicamente como sujeito da experiência. Nesta investigação, professores, ex-professores, ex-alunos e pessoas envolvidas com o Turismo no Rio Grande do Sul, na década de 1970, são concebidos como narradores.

Sendo o curso um espaço de responsabilidade acadêmica e social, no momento em que alcançaria seus 38 anos de pioneirismo, avaliado nacionalmente por seus pares como de elevada qualidade e lutando pela manutenção e pelo aprimoramento da qualidade alcançada, nesse ano entra em processo de extinção.

Pensar sobre os narradores desta pesquisa nos faz retomar o texto de Walter Benjamin “*O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*”, pois nele o presente é refletido a partir de um olhar sobre o passado, motivado por uma força em direção ao futuro. O narrador, andando pelas ruas da cidade, vai ressignificando o presente a partir do passado, tendo em vista o futuro por meio da narrativa. Segundo Benjamin (1994, p. 198), *narrar é desenvolver a faculdade de intercambiar experiências que passam de pessoa a pessoa*. As experiências narradas nunca estão acabadas, elas alimentam sua continuidade.

Assim como Benjamin, pressupomos que a narrativa:

Não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

---

<sup>174</sup> O verbo transitivo narrar vem do latim *narrare*, significa “expor, contar, relatar; referir, dizer”. Significa ainda, “pôr em memória, registrar, historiar”. (Dicionário Digital Aurélio Século XXI, CD-Rom, 2003). Narrador é, neste sentido, aquele (ou aquela) que ocupa o lugar de sujeito da experiência trazendo a sabedoria em forma de narrativa sobre os tempos, lugares, espaços e eventos recompostos pelo trabalho das memórias.

Neste estudo, entendemos que toda entrevista é, ao menos em parte, autobiográfica, pois, quando a pessoa evoca suas memórias, ela exercita uma tentativa de explicar o que pensa que foi, o que pensa que era, desenvolvendo, assim, a construção de uma verdade sobre si mesma. Cada um, então, escolhe o que lembrar conforme o lugar que ocupa. Mais uma vez, nos reportamos a Errante (2000) para reiterar a importância de dizer que, ao narrarmos nossas memórias, estamos construindo nossas identidades.

Acreditamos que a história do curso de Turismo necessita ser reconstituída. E o espaço dessa reconstituição é a Universidade. Professores, ex-professores, ex-alunos e pessoas diretamente envolvidas com o turismo no Rio Grande do Sul no período de criação do curso, são os artífices, os personagens dessa reconstituição. Para tanto, contamos com a ajuda de um dos principais personagens dessa história, pois participou dela desde o início – o Ir. Elvo Clemente – falecido em 19/09/2007, que no quarto capítulo desta tese destaca os principais momentos do curso. Em seguida, os professores mais antigos, e também alguns mais novos e os ex-alunos, nos ajudaram a contar a história de diversos momentos importantes do curso de Turismo.

As narrativas permitiram a constituição do curso, desde o contexto de sua fundação, suas relações com a atividade turística no Estado, sua organização pedagógica, seu corpo docente e discente, sua consolidação e crise. Uma vez que este estudo tem as memórias como sua matéria primordial, consideramos que as informações colhidas constituem elementos fundamentais que permitem conhecer um pouco o contexto histórico do curso e as vivências dos sujeitos entrevistados. Tais informações possibilitam, ainda, estabelecer redes de relações entre as vivências e as lembranças dos entrevistados e, assim, promover a ampliação do campo de significações de cada depoimento colhido.

Assim, neste estudo, os sujeitos efetivamente falam, e suas narrativas são tramadas, reiterando-se a concepção de Bachelard (1974, p. 322) acerca da “trama de relações”, que constitui o fenômeno investigado, uma vez que este deve estar inserido em um sistema complexo de pensamentos e de experiências.

Talvez bastasse, para que compreendêssemos a inteireza do significado desses 38 anos, se dêssemos voz a cada um dos que participaram dessa caminhada e reconhecêssemos o significado do que aqui estamos analisando. Essas pessoas congregam significativos nomes do Turismo Gaúcho e Brasileiro, um grande número de intelectuais rio-grandenses, cuja luta pela educação em Turismo, de qualidade

socialmente referenciada, iniciaram a construção daquilo que os identifica, com a feição que hoje lhes é próprio, dos cursos de Turismo do Rio Grande do Sul.

Entretanto, não há como abdicar do privilégio de contar esta história, prestando uma reverência profundamente afetiva, mas também institucional, a todos que, para o engrandecimento deste curso, ao longo dessas quatro décadas, empenharam o melhor de seus esforços. A história de cada uma das pessoas que possibilitaram esse trabalho é uma história de enfrentamentos: dos conflitos e das contradições inerentes a qualquer atividade humana em sociedade; dos desafios de algo novo; das malhas da burocracia; enfrentamento dos ataques de todas as ordens ao ensino superior em Turismo; das dificuldades das instituições privadas diante da demanda; da manutenção e da qualidade deste curso. Como diria Guimarães Rosa, no seu Sertão, enfrentamento do "vai-vem da vida burra", e nesses, enfrentamentos, permitindo que chegassem até aqui.

A história do curso de Turismo da PUCRS começou há 38 anos atrás, carregada pela visão sempre contemporânea do Reitor da PUCRS Irmão José Otão e do Irmão Elvo Clemente, do então Diretor da FAMECOS, Alberto André, de Renato Masina, "pai" do primeiro projeto do curso e primeiro coordenador do curso e Antoninho Muza Naime, um dos idealizadores do curso.

O Irmão **Elvo Clemente**, falecido em 19/09/2007, que tivemos o privilégio de realizar a entrevista no dia 03/06/2006. O professor lembrou de como nasceu a ideia do curso. Contou que, no ano de 1971, era vice-diretor da FAMECOS Alberto André que tinha sempre *essa idéia e essa inclinação de ir à frente, de propiciar coisas novas*. Então se questionaram por que não criar um curso de Turismo, já que o mercado estava solicitando e existia a necessidade de um melhor preparo para essa área. Nessa época, a filosofia da PUCRS *era crescer, abranger tudo de melhor. A ideia era contemplar o desejo das pessoas, o que a sociedade precisava*. Elvo Clemente salienta que *a PUCRS nunca fez uma coisa assim para ela, foi para atender uma demanda social. Na questão do turismo também, o pessoal das companhias de turismo precisam de gente bem mais preparada!*

Outro professor pioneiro foi **Renato Batista Masina** (25/03/2008). É lembrado como aquele *a partir do qual tudo começou*. Os entrevistados, quando questionados sobre quem foram as pessoas que construíram o curso de turismo na PUCRS, dizem, na sua maioria, *primeiro o Masina*.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) diz várias vezes em sua entrevista que o Renato Masina vai se lembrar de muita coisa. Cleusa Scroferneker (11/06/2008) também diz que em relação à documentação: *O Masina deve ter, conseguiu falar com o*



*Renato?* Para Paulo Nardi (16/04/2008) *o professor Renato Masina foi um dos fundadores do curso, também foi outro grande batalhador.*

O professor **Antoninho Muza Naime** (08/10/2008) nessa época, era diretor de capacitação da ADVB que era ligada à Confederação Nacional do Comércio, e em função disso, participou da criação do curso. Foi convidado pelo Irmão Elvo Clemente para integrar o corpo docente, ministrando a disciplina Marketing, nos últimos semestres. Mas também ministrou, no segundo semestre, a disciplina de História da Cultura.

**Eugênio Machado** (06/06/2008) conta como iniciou o seu envolvimento com a área de turismo:

*A minha atividade começou de uma maneira tão original que é impressionante, eu estava pescando no Guaíba, no fim da Rua Cipriano Ferreira, tinha um cidadão que estava ao meu lado, também pescando e eu disse, “você me arruma um emprego? Porque eu estou estudando a noite, [...] e preciso trabalhar” e o senhor tem carteira, “não, não tenho carteira, mas eu tiro”, tirei carteira e me apresentei no outro dia na Andradas, 1079, na Exprinter Turismo, embaixo do Clube do Comércio, lá fiquei quase sessenta anos. (Eugênio Machado, 06/06/2008)*

Atuou como diretor da Exprinter de 1949 até 1995. Foi professor do curso de Turismo da PUCRS durante muitos anos. Iniciou por volta de 1974, quando foi convidado por Melchiades Striches, da Zero Hora, por Alberto André, e pelo *querido e saudoso irmão Elvo Clemente*. *Então a primeira coisa que eu disse, olha meus queridos amigos eu, dizer que conheço turismo conheço, porém, eu acho que ser professor é uma arte, mas....* Ele diz que foi convidado a dar aula no curso em função das entrevistas que dava sobre turismo, na Guaíba, e para os os jornais:

*porque o Melchiades Striches, de vez em quando, um repórter muito conhecido na época, era uma pessoa sensacional, da Zero Hora, da Rádio Zero Hora, da Rádio Gaúcha, ele tinha um programa a meia hora, Cruzeiro Dalte, então essas pessoas eram muito prestigiadas, claro eu estudava no Júlio de Castilhos, depois passei a estudar contabilidade no Rosário. [...]. então, o turismo me ajudou muito, me desenvolveu muito, me abriu, o turismo na vida é uma escola, por incrível que pareça, pelas pessoas que se conhece, o ensinamento que tu tens, e eu era muito tímido, então o turismo me deu.... me deixou agora falante, antigamente eu tinha muito medo. Eu fazia vários programas com o Flávio Gomes, nas sextas-feiras, sobre turismo, na Guaíba. (Eugênio Machado, 06/06/2008)*

Eugênio Machado diz sentir saudades da sala de aula e lembra que quando lecionava chegava ao aeroporto e ia direto dar aula. Ele viajava bastante a São Paulo, em função do seu trabalho e chegava no horário das aulas. Decidiu abandonar a docência porque necessitava de uma maior dedicação ao seu trabalho e, às vezes, tinha que faltar a aula porque estava viajando, *mas foi um período muito feliz da minha vida.*

Eugênio Machado rememora as mudanças ocorridas no Turismo, principalmente nas agências de Turismo, e nos conta com orgulho que, em 1979, foi indicado para ser Secretário de Turismo, mas não chegou a atuar.

Também naquele momento, como discente e depois como docente e coordenadora, uma pioneira incansável, com sua figura quase "quixotesca", marcou para sempre a história deste curso e desta universidade: professora **Norma Martini Moesch** (12/03/2009 e 06/04/2010), que, por si mesma, declara seu valor para a Educação em Turismo no Rio Grande do Sul. As entrevistas com a professora Norma foram realizadas, após inúmeros contatos e desencontros, em Santa Maria/RS.

Para contar como a professora Norma começou a se interessar pela área do turismo, faz-se necessário descrever um pouco de sua trajetória de vida. Cumpre destacar que a professora é uma excelente narradora, conforme ela mesmo desconfia: *acho que eu tenho qualquer inclinação pela narrativa e eu visitava locais, contava como eram esses locais e as pessoas passavam a se interessar por eles e eu acabava organizando visitas coletivas e como a minha família morando no Alto Taquari na época, atuava com hotéis* (Norma Martini Moesch, 28/02/2007).

Norma conta que chegou ao turismo um pouquinho antes dos anos de 1970. No entanto, desde tenra idade participava da atividade turística, mas, não tinha consciência que já transitava nesse universo. Ela exercitava uma prática de viagens, viajar sempre foi uma grande paixão para ela o que a levou a desempenhar a função de guia de turismo sem saber que estava dentro desse campo. Também sua família trabalhava com a hotelaria: *Era Hotel Martini, sempre era organização Martini, Hotel Martini, trazia o nome do meu pai, trazia o nome dos meus tios, mas era Hotel Martini, Hotel Avenida e assim, não lembro de todos os nomes. Houve uma época,[...], em que a minha família tinha onze hotéis [...].* (Norma Martini Moesch, 28/02/2007)

Norma deixou de estudar cedo e aprendeu a costurar; tornou-se uma boa modista, uma boa cozinheira, dona de casa e se caso. Não demorou muito tempo foi morar em Porto Alegre e o tempo passou, os filhos cresceram e não dependiam mais dela, então decidiu que iria voltar a estudar. A partir daquele momento mudou o rumo de sua vida, *o que era para ser apenas uma busca de uma ocupação digamos, [...],*

*passou de fato a ser um objetivo maior. [...] Eu já estava com trinta e seis anos, e decidi buscar a retomada da minha escolaridade [...].(Norma Martini Moesch, 28/02/2007)*

O Curso de Turismo foi um acaso curioso, porque, como Norma tinha um forte desejo de aprender línguas estrangeiras, em 1969 ingressou no curso de língua espanhola do Instituto de Cultura Hispânica da PUCRS, e fez dois anos no Instituto e achou que não era exatamente o que ela estava querendo. Queria também um aprendizado que permitisse ampliar a sua cultura. O Instituto de Cultura Hispânica era dirigido pelo irmão Dionízio Alvarez *que eu amei essa criatura de paixão, [...], ele deu um rumo a minha vida [...] eu acho que o professor, o Irmão Dionízio Alvarez me apresentou ao mundo do turismo [...].(Norma Martini Moesch, 28/02/2007).*

Terminado esse curso, decidi que iria fazer uma faculdade, queria fazer psicologia. No entanto, quando foi se inscrever para o vestibular, encontrou o Irmão Dionízio que lhe perguntou o que ela estava fazendo: *e aí eu disse bom, agora eu vou me inscrever para o vestibular. 'Que vestibular vais fazer?'. Eu disse, vou fazer para psicologia. Ele disse 'Não, negativo, não é psicologia', me deu a mão e disse 'Vem comigo, eu vou te mostrar o curso que está destinado a ser o teu futuro' e me levou para ver o curso, o que era o programa do curso de turismo que estaria sendo criado na PUCRS naquele ano (Norma Martini Moesch, 28/02/2007).* Assim, se inscreveu no vestibular para o curso de turismo.

Norma passou no vestibular na Faculdade dos Meios de Comunicação Social:

*Fiz a escolha, não me arrependi e entrei numa faculdade, Faculdade dos Meios de Comunicação Social, assim chamada na época, onde o vestibular era único, para Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Turismo. Frequentávamos os primeiros semestres sob um currículo que nos disponibilizava um conjunto de disciplinas de tronco comum. A partir do segundo, terceiro, quarto semestres fazíamos a nossa, a nossa escolha, o nosso direcionamento, não era ainda nem, o que nós diríamos hoje, ênfase ou, não era habilitação, era, era um processo de, eu diria, redirecionamento. Bom, na época, disputasse muito uma vaga em qualquer curso universitário, mas de um modo especial na FAMECOS, os cursos da FAMECOS eram cursos que tinham em torno de, no caso do Jornalismo e Publicidade eram trinta candidatos por vaga, era uma coisa assim assustadora, o Turismo no seu início também, chegou a atuar com doze candidatos por vaga, dez candidatos por vaga, ao mesmo tempo em que ofertava um campo absolutamente desconhecido enquanto campo de conhecimento, por outro lado também exercia um fascino muito grande porque viviasse o paradigma de que estudar turismo ou buscar conhecimento no campo do turismo era penetrar no mundo dos*

*sonhos. Então, de certo modo hoje já superamos essa, essa ilusão, que era a grande característica de todo calouro quando entrava em sala de aula, por vinte anos quando perguntasse “o que o trouxe aqui?”, a resposta era “o turismo é um sonho, e eu tenho muita vontade de viajar, a viagem é sonho”. Então esse romantismo todo que caracterizou a interpretação desse campo de saberes.[...], passei a ser uma acadêmica, uma aluna dedicada, interessada, entusiasmada [...].(Norma Moesch, 12/03/2009)*

Durante a segunda entrevista, comentando sobre o que vem ocorrendo com o curso de Turismo da PUCRS na atualidade, destaca:

*A extinção do curso de bacharelado de Turismo da PUCRS é um adeus, é um adeus que cada um de nós tem que dar a si mesmo, e eu por ser, sem dúvida, a mais idosa das alunas da PUCRS, que ainda prevalece no mercado de trabalho, quero registrar que esta minha passagem nesta universidade, como aluna desse curso, me permitiu preparar-me não só para o trabalho, como para a vida. Eu me tornei uma cidadã consciente das minhas obrigações, dos meus deveres, para comigo, com minha família, com a sociedade, e sem dúvida nenhuma eu tenho no curso de Turismo da PUCRS o caminho encontrado para a minha formação e minha plenitude humana; e é toda essa essência, a alma dessa instituição que agora é sacrificada, eu diria, é extinta, e nós temos que compactuar com esta decisão de que esse projeto que lamentavelmente não merecerá continuidade, mas que não será esquecido, porque através desse relato, dessa pesquisa científica, ele será registrado. (Norma Martini Moesch, 06/04/2010)*

Em muitas entrevistas, os narradores sugerem que eu pergunte para a professora Norma, que eu fale com a professora Norma, *isso ela tem, isso ela sabe, eu acho que a Norma tem essa documentação, a Norma vai te contar, a Norma vai lembrar*, como por exemplo, quando Cleusa Scroferneker (11/06/2008) salienta diversas vezes durante a entrevista:

*mas a Norma com certeza tem tudo isso muito vivo, [...] a Norma é a história viva do curso. [...] para mim a Norma é a principal referência, porque ela foi aluna, foi professora, ela de certa forma, ela que deu essa..., ela que tornou o curso conhecido, muito da projeção do curso se deve a Norma, por isso que para mim, talvez seja, neste mundo, a pessoa mais importante de entrevistares agora [...].(Cleusa Scroferneker, 11/06/2008)*

Flávia Custódio (23/07/2008), que foi secretária do curso de turismo durante muitos anos, sempre indica: *Quem pode ter isso é a Norma. Acho que ela que teve mais*

*tempo, acho que ela guardou bastante coisa, eu acho que tu podes conseguir bastante coisa com a Norma.*

Norma Moesch, por seu pioneirismo, é amplamente reconhecida no meio acadêmico e profissional, conforme as narrativas a seguir:

*Na realidade o curso tem muita gente envolvida, mas, sem sombra de dúvida, me parece que teve um papel de grande importância a professora Norma Martini Moesch como coordenadora [...] (Abdon Barretto Filho, 11/11/2008).*

*a Norma sempre tinha essa preocupação de saber, primeiro de acolher o grupo para sentir o que estamos fazendo, fazíamos várias reuniões, era muito interessante, [...] mas eu acho que uma coisa importante e também bem interessante, porque na realidade a Norma, ela era muito assim, de juntar as pessoas, me faltou a palavra... agregadora, então isso é importante, embora saíssem alguns de nós, saia porque tinha um outro emprego e tal, o grupo se mantinha, porque tinha uma certa linha, não sei se de pensamento, mas de atividade, nós pegávamos muitos trabalhos juntos, a gente trabalhava muito e tudo de graça, mas com certeza eu não consigo ver o curso de Turismo, sem a Norma, é ela [...] Ela é uma grande batalhadora (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008).*

*Eu diria que a professora Norma Moesch foi uma batalhadora, que garantiu determinadas posições para o Turismo [...] (Jerônimo Carlos Santos Braga, 11/11/2008). [...] a Norma me deixa encantada, levantando e sentando, a bandeira na frente, lá vai ela, e ela foi e desfraldou a bandeira do curso, desfraldou, não só em nível nacional (Berenice Mércio Pereira (13/05/2008). [...] adoro a Norma, ela fez um trabalho magnífico, o turismo deve muito a ela (Edison Baptista Chaves, 06/06/2008).*

Para Luis Gustavo Silva (01/10/2008), a professora Norma Moesch, *sempre passou aquele amor, aquela paixão pela área, [...].*

Paulo Rollano Nardi (16/04/2008) diz que uma das principais pessoas do curso foi a Norma, *professora Norma Moesch que esteve aqui desde o início do curso foi sempre, a grande batalhadora da formação superior de turismo aqui no nosso estado. [...] estava sempre lutando, para que, tanto, se montasse um curso que fosse exemplo, como foi, para todo país, como esse curso desse condições para que o profissional que saísse daqui fosse um profissional diferenciado.*

O professor **Paulo Francisco Rolhano Nardi** (16/04/2008) atuou no Governo do Estado do Rio Grande do Sul como técnico em Planejamento de 1984 a 1996. Ingressou na PUCRS em 1980 para dar aulas no curso de Turismo em função da especialização em Administração do Turismo que fez e foi convidado, pelo então

coordenador do curso, professor Antoninho Muza Naime, para lecionar. Paulo Nardi (16/04/2008) lembra que, nesse período, trabalhava na EPATUR, como contador com a professora Norma Moesch, que foi quem o convenceu a fazer especialização em turismo, com o argumento de que ele estava trabalhando em uma empresa de turismo e que seria bom se ele conhecesse um pouco da área.

Paulo Nardi ministrava as disciplinas de contabilidade e de administração. Coordenou o curso de turismo em duas oportunidades, em 1981- 82 e de 1997-98. Conta que quando Muza convidou-o para dar aulas, alegou que não iria aceitar porque nunca havia lecionado e não sabia como entrar em uma sala de aula, no entanto, Muza insistiu e *aí eu fiz um acordo com ele, digo, bom eu vou tentar por uma semana, se eu não gostar eu vou embora, [...] então fui bem, fui por uma semana e fiquei vinte e seis anos, parece que eu gostei não é?* (Paulo Nardi, 16/04/2008).

Outra narradora que nos surpreendeu pelo tanto que tem a contar e que com muita disponibilidade aceitou nos receber foi a professora **Cleusa Maria Andrade Scroferneker** (11/06/2008). Cleusa Scroferneker (11/06/2008) conta com orgulho: *tenho mestrado na área de Planejamento Urbano e Regional (UFRGS), a minha dissertação foi, segundo pesquisa feita pela Mirian Rejowski da USP, a primeira dissertação sobre Turismo no estado, eu defendi no ano de 1983.* O título de sua dissertação é “Proposição de uma Tipologia Turística e de um Modelo de Avaliação Qualitativa no espaço turístico”.

Ingressou na PUCRS em 1974, lotada no antigo Instituto de Ciências Humanas, no departamento de Geografia e atuou no início do curso de turismo. Em 1973, se formou tanto em Comunicação, quanto em Licenciatura em Geografia, e quando estava terminando o curso de Comunicação, o irmão Elvo Clemente, que na época era vice-diretor, a convidou, *olha, de repente, já conheces a cultura da faculdade, estás concluindo a Geografia também, a gente precisa de uma pessoa que trabalhe a visão da Geografia no curso.* Cleusa aceitou o convite e ficou no curso de Turismo em torno de dez anos.

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) rememora o início de seu trabalho como docente:

*Eu comecei a dar aula com vinte e um anos e isso é um dado interessante porque meus alunos, eu me lembro o primeiro dia que eu entrei em aula, os alunos só foram se dar conta que eu era professora, quando eu larguei os livros em cima da mesa do professor, os meus alunos eram mais velhos do que eu, então as observações eram assim, “uma guria dando aula pra nós!”, e eu só fui ter o respeito efetivo da turma, depois de uma aula no*

*laboratório, eu me lembro até hoje a situação, essa aluna era modelo e eu sempre a via sentada no fundo, e conversando o tempo todo, e eu mandei ela sair. Imediatamente eu pensei, e se ela não sair, vou ter que sair eu, mas ela saiu e ela era imensa, ela tinha quase dois metros [...] e, partir daí, quando eu tomei essa decisão, foi interessante, por que com isso, eu tive um balizador, a partir de então, os alunos, de certa forma começaram a me respeitar como professora, a questão da autoridade, e depois foi uma experiência interessante, porque os alunos vinham com uma ideia equivocada de Geografia, Geografia como decoreba.*

O professor **Julio Balzano** (02/12/2008) conta como chegou a ser professor da PUCRS. É formado em Administração de Empresas, pela PUCRS, em 1970. Foi da segunda turma, e era funcionário da Companhia Estadual de Energia Elétrica – CEE; atuava no planejamento da empresa de 1962 a 1972. No entanto, achava que não fazia parte do seu temperamento ficar atrás de uma mesa. Como havia estudado e se formado com um colega, que era filho de um político do interior, foi convidado para ser diretor técnico da então recém criada Companhia Rio-Grandense de Turismo - CRTUR, no governo do Euclides Triches. Luis Emilio Correa Meyer, já falecido, foi presidente da CRTUR, e o diretor técnico era Marco Antonio Pinto, que foi presidente da Federação Nacional dos Lojistas, *bom esse rapaz me convidou. Na época não existiam empresas organizadoras de eventos*, assim foi criado o departamento de Feiras e Congressos da CRTUR onde permaneceu até dezembro de 1973. Posteriormente, abriu sua empresa de eventos, a Bureaux Congressos.

Em 1976, começou a dar aulas na PUCRS, *porque eu fiquei conhecido no mercado como um bom organizador de eventos* e Renato Masina foi procurá-lo e o convidou-o para ser professor. Julio aceitou e permaneceu na PUCRS até 1980, porque não estava mais sendo possível conciliar ambas as atividades. Lembra que, quando ministrava suas aulas ou suas palestras, dizia *eu não sou um professor profissional, eu sou um profissional professor*.

**Jerônimo Carlos Santos Braga** (11/11/2008) conta que sua participação no curso de Turismo foi durante sua gestão como diretor da FAMECOS.

Outra narradora que lembra de seu período de aluna e de professora do Curso de Turismo da PUCRS, com uma riqueza de detalhes é a professora **Diney Adriana Nogueira de Oliveira**, que nos recebeu com muita disposição no dia 08/10/2008.

Diney Adriana (08/10/2008) conta um pouco de sua história de vida profissional e como iniciou o seu envolvimento com a atividade turística. Como sempre foi uma pessoa muito comunicativa, gostava muito de eventos, queria alguma coisa na área da

Comunicação. Então, para se inscrever no vestibular de Comunicação da PUCRS, perguntou quais eram as áreas, e mostraram o que seria desenvolvido no currículo do curso de Turismo.

*Bom eu não me inscrevi naquele momento, eu simplesmente voltei para casa, meu pai era economista e professor universitário, meu pai era professor na UNISINOS, estava recém começando também a UNISINOS, então eu fui conversar com o pai, e disse para ele “eu digo, olha pai, inicialmente eu imaginava alguma coisa de Relações Públicas, [...], então, eu não me escrevi, quis primeiro falar contigo, olha essa coisa Turismo é uma coisa muito nova, já imaginou, eu posso trabalhar num hotel, posso trabalhar em agência, que isso já existia, eu posso trabalhar em Porto Alegre, eu posso trabalhar no mundo. Eu fiquei enlouquecida, sabe aquela coisa da ansiedade, daquela angústia, [...], no dia seguinte fui me inscrever para Turismo e meu pai foi a única pessoa, em toda a minha vida até hoje que me disse “filha, isto é uma coisa de investir”, [...], então, a partir daí, me escrevi, fui aprovada e toquei ficha (Diney Adriana, 08/10/2008).*

Diney Adriana, quando se formou, já estava trabalhando na Secretaria de Turismo e logo foi trabalhar no Plaza São Rafael. Quando abriram as inscrições do primeiro pós em Turismo na PUCRS, ela resolveu cursar e, quando estava na metade desse pós, foi convidada pelo Antoninho Musa Naime para dar aula no curso de Turismo da PUCRS. Então em março de 1980 ela começou nas disciplinas de eventos<sup>175</sup>, substituindo o professor Julio Balzano.

Diney Adriana (08/10/2008) conta sobre sua vontade de ser professora. Fez o curso normal e na sua formatura, foi a oradora da turma. Em entrevista para Zero Hora, declarou que queria ser professora.

Diney Adriana (08/10/2008) prossegue contando que ingressou no curso no segundo semestre de 1972, então, já havia um semestre em andamento.

Também recorda do seu curso de especialização:

---

<sup>175</sup> *Eu peguei, porque eu sempre gostei muito e trabalhei muito em eventos, e no Plaza eu trabalhava na parte de organização de festas e eventos, inclusive na época do Plaza, assim no auge, eu organizava o chá, tinha e até hoje se mantém a tradição dos chás às quartas-feiras à tarde. Então as senhoras da alta sociedade reservam mesas, vão em grupo, tem todo um menu especial, e na época tinha desfile de modas, então eu organizava, o chá, como evento, a parte da alimentação desse chá, a montagem deste salão para o desfile de modas com equipamento, iluminação, som, microfone e eu fazia a apresentação dos modelos, arrumava os camarins, fazia o contato com as Butiques e foi uma época de um glamour que eu amava, e depois terminava o desfile do salão de chás seis da tarde e eu ficava no hotel porque a meia noite tinha o salum, e no salum geralmente tinha o desfile para os jovens, que era um desfile de jeans, de não sei mais o que e aí eu organizava também toda essa apresentação, os bastidores dessa apresentação, e apresentava no microfone também (Diney Adriana, 08/10/2008).*



*aqui do sul que eu me lembre eu fui a primeira a fazer especialização fora, foi em 1987, eu fui à Espanha, para “Escuela Oficial de Turismo”, sendo eu em um grupo de Latino Americanos, 27 alunos, e o meu trabalho foi o escolhido para ser apresentado na OMT – Organização Mundial de Turismo, bom, que emoção que foi, menina, tremia as pernas, eu me lembro, eu fui com um tailler todo vermelho, e uma bota de salto alto vermelha que eu comprei lá, [...] Fico emocionada, eu apresentei um trabalho na OMT em 1987, falando em espanhol, por supuesto, foi um sucesso, falando sobre sinalização turística, foi muito emocionante, e foi a minha primeira ida a Europa [...] (Diney Adriana, 08/10/2008).*

Diney Adriana mostra-se uma apaixonada pelo que faz e por suas conquistas, o trabalho com o turismo lhe traz muito prazer e satisfação:

*eu iniciei o curso como aluna e dei continuidade nesse curso, durante 26 anos como professora, sei que fiz um caminho importante, acho que é um processo de crescimento, e nesse processo tem pessoas que crescem de uma forma, e outras de outra, eu te digo uma coisa, eu cresci e me fiz doutora numa PUCRS, e muito feliz, muito realizada, eu tive o privilégio e ter como orientação, no mestrado, o Juremir Machado da Silva, e tenho a honra de ser orientada, na tese de doutorado, pelo Hohlfedt, que para mim é uma sumidade, de circular pela faculdade com Assis Brasil, então tem alguns expoentes, que eu te digo, não tem como negar, foi muito bom. [...]. Não posso me queixar, eu tive uma vida profissional, eu sou encantada com o que faço, com o que eu tenho, com o que eu adquiri e principalmente com o que eu adquiri na minha maneira de ser, mas não sou modesta, [...] eu tenho uma vida boa, proporcionada pela minha formação, pela minha instrução, pelo meu trabalho, mas eu acho que o maior ganho que eu tenho é essa coisa que eu gosto muito de estudar, de gostar de viajar, de me comunicar [...] (Diney Adriana, 08/10/2008).*

Diney Adriana (08/10/2008) também fala sobre o processo de sua formação, tanto no mestrado quanto no doutorado. Ela trouxe para a entrevista a sua dissertação e sua tese e, folhando-as, ela vai nos explicando como foi o processo de pesquisa em cada uma delas. Ela também mostra e fala sobre o livro recém lançado, do qual faz parte, “Segmentação do mercado turístico.” A obra é composta por trinta doutores, todos bacharéis em Turismo no Brasil, *então hoje nós já temos trinta, eu fui a 11º, e a primeira no Rio Grande do Sul, a terminar um doutorado* (Diney Adriana, 08/10/2008). Também nos conta que já está se preparando para fazer um *pós doctor*.

A professora guarda fotografias da época em que foi estudante do curso, dos congressos de que participou, exhibe medalhas de distinções e livros publicados. A ex-

aluna e ex-professora, revisita o tempo no curso usando as fotografias, levadas por ela na entrevista, como um evocador à experiência de retorno ao passado. Através da imagem representada, foi capaz de trazer à lembrança cada um dos seus colegas do tempo de aluna, suas vivências afetivas, de onde seleciona e produz lembranças e esquecimentos sob o viés do presente. Neste processo é capaz de olhar para este passado reconstruindo um desafeto, como ela anuncia: *Agora já passou, era tudo maravilhoso* (Diário de Campo, 08/10/2008)

A professora **Berenice Mércio Pereira** (13/05/2008) coordenou e contribuiu sobremaneira com o curso e, em momento de fragilidade, sustentou-o, procurando alternativas. Berenice ingressou na PUCRS em 1990 e permaneceu no curso de turismo até 2009 quando se desligou daquela universidade. Coordenou o Curso de Turismo de agosto de 1999 a fevereiro de 2006. Também coordenou o Curso de Especialização em Comunicação, Gestão e Marketing Turístico do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da PUCRS de março de 2005 a fevereiro de 2006.

Berenice Mércio Pereira (13/05/2008), logo que se formou, fez estágio na antiga TV Gaúcha, no Departamento de Eventos, e chegou à conclusão de que gostava de trabalhar com fonte de informação. Em 1972, estava acontecendo o I Encontro de Organismos Oficiais de Turismo do Rio Grande do Sul do qual ela participou. Nesse período, começou a trabalhar na CRTUR e, durante esse evento, aproximou-se do pessoal que trabalhava com turismo. Berenice permaneceu até 1978 na CRTUR, quando saiu o secretário de Turismo Mario Ramos, que levou boa parte de sua equipe para a EMBRATUR. Berenice foi para a Embratur no Rio, trabalhar no centro brasileiro de informações turísticas. Ficou três meses, mas não se adaptou e retornou para Porto Alegre. Logo foi convidada para trabalhar na EPATUR, na organização do carnaval de Porto Alegre. Permaneceu na EPATUR até 1997, onde trabalhou muito com a Norma, que conhecia desde a época da Secretaria e, em 1990, a professora Norma a convidou para dar aula no Curso de Turismo da PUCRS.

A professora Berenice também é lembrada em diversas narrativas: *Berenice, também marcou muito o curso [...] (Diney Adriana Nogueira de Oliveira, 08/10/2008); a professora Berenice era bastante aberta (Gladis Terezinha Garcia, 06/01/2009); eu tive a sorte, de ter profissionais importantes como a Berenice, que era da área de Comunicação (Lenora Horn Schneider, 01/07/2008); Ah! Tinha umas pessoas bem fortes ali do curso de Turismo da PUCRS, e que marcaram muito, que digamos era aquela que, em pensamento, eu quero ser uma profissional que nem a fulana, que nem a*

*beltrana, então, duas referências que eu tenho muito forte, é a Berenice e a Diney, essas duas sempre foram, digamos assim, um espelho, [...] (Sabrina Dias, 22/01/2009).*

Outra entrevistada foi **Gladis Terezinha Garcia** (06/01/2009), que foi aluna e professora do curso de Turismo. Ela conta que, quando o curso surgiu, ela se interessou e começou a pesquisar *é o meu perfil, eu sou muito da área das humanas, é uma coisa que eu me apaixonei, comecei a pesquisar e fui vendo como era o curso*. Nessa época, somente a PUCRS oferecia curso de Turismo e ela ingressou. Antes de sua formatura, Mario Ramos, que era o secretário de Turismo do estado, foi na universidade e aplicou um teste para as pessoas que quisessem fazer um estágio e trabalhar na Secretaria, então ela fez, foi aprovada e começou a trabalhar na SETUR, onde permanece até hoje, *e sou bem feliz, sou bem realizada*.

Ingressou na PUCRS no final dos anos 1990, a partir de um convite feito pela professora Berenice Mércio, quando era a coordenadora do curso, e permaneceu como docente na PUCRS por cinco anos e meio. Gladis e Berenice já haviam trabalhado juntas na SETUR.

O professor **Antonio Carlos Castrogiovanni** (03/11/2008), que mesmo sendo de outro departamento abraçou o turismo, sempre primou por manter a alegria no mesmo compasso do trabalho sério.

O professor começou a trabalhar na PUCRS em 1984, como geógrafo, no curso de Estudos Sociais. Como tinha alguma experiência em planejamento, em 1985 a professora Norma Moesch solicitou ao departamento um professor que tivesse experiência em Turismo, para trabalhar no curso. Como Castrogiovanni gostava de viajar, já tinha alguns projetos, já havia realizado alguns trabalhos na área de planejamento e pesquisa em Turismo, ligado à espaceologia, então começou a ministrar disciplinas no Turismo, e, em seguida, Norma o convidou para participar efetivamente dos projetos. Faz 23 anos que ele atua no curso de Turismo, inicialmente com as cadeiras de Geografia do Brasil I e II e, mais adiante com Planejamento Territorial Urbano.

O professor já tinha alguma experiência no magistério desde os anos 1970 e, a professora Norma, que era a coordenadora do Turismo, descobriu que ele já tinha experiência e que os alunos falavam sobre as suas aulas. A partir daí, Castrogiovanni foi se engajando com pessoal do Turismo.

Sabrina Dias (22/01/2009) recorda as aulas do professor e comenta: *a Geografia do Castrogiovanni, nossa, nota 10! people, entenderam people?*

A professora **Marutschka Martini Moesch** (11/09/2008), Maru, como é chamada por todos, conta que, em 1984, atuava como professora na rede de ensino público, trabalhava num projeto no SESI, em atividades vinculadas à educação, fazia mestrado em Educação na UFRGS e trabalhava com currículos. Houve um problema com uma professora de Sociologia no curso de Turismo da PUCRS e, então, a coordenadora, Norma Moesch solicitou a Maru um socorro para que ela assumisse a disciplina, já que sua área de formação era sociologia e já havia trabalhado com algumas áreas de turismo no ensino profissionalizante, no Colégio Anchieta. Maru diz que, no início, resistiu um pouco,

*até pela nossa relação de mãe e filha, achei que não seria interessante, não gostava muito do nepotismo, mas acabei cedendo ao apelo dela por uma circunstância, vi que eles estavam numa situação muito difícil de substituição, acabou que dessa disciplina eu comecei a me dar conta de um campo na área do turismo que era pouco estudado no Brasil, e até mundialmente, que era essa relação da Sociologia e Turismo, e, principalmente, a questão do Lazer, que no Brasil tinham pouquíssimos autores que discutiam a questão do lazer (Marutschka Moesch, 11/09/2008).*

Então, Maru começou a trabalhar, a ler sobre Turismo, a pesquisar, a escrever algumas coisas, *mas nesse meio tempo, eu tive um desvio na minha trajetória, terminei o mestrado, [...], e eu resolvi mudar e mudar minha vida um pouco e fui embora para o Rio Grande do Norte, eu sai da PUCRS, [...].* No Rio Grande do Norte acabou trabalhando em educação, trabalhou no SENAC na área de turismo, desenvolvimento de projetos e cursos na área de turismo. Voltando para o Rio Grande do Sul, foi para Caxias trabalhar também em educação formal e reingressou na universidade em 1991, assumindo a disciplina de Sociologia, e também a disciplina de Lazer que havia sido criada. Também foi Diretora Geral do Escritório Porto Alegre Turismo de 1999-2004.

O professor **Leandro Antônio de Lemos** (24/11/2008), durante a entrevista, conta que *com a vinda do Turismo recentemente para a FACE comecei a refletir se eu que sempre corria atrás do Turismo, mas eu percebi que o Turismo é que sempre está correndo atrás de mim, é, mais ou menos foi assim, há 19 anos atrás, quando eu entrei na PUCRS.* Foi convidado para ministrar uma cadeira de Micro-economia na graduação de Economia da PUCRS, e, no meio do semestre de 1989, houve um problema com um professor de economia do turismo, e o professor foi afastado, então Leandro foi convidado para dar aula no Turismo,

*havia um preconceito enorme com relação ao Turismo, porque chamavam aqui de quarto mundo, não era muito nobre*

*ministrar aulas no Turismo, porque não era considerado um curso de primeira grandeza, dentro da PUCRS, e eu achava isso um absurdo, até porque eu na verdade, coincidentemente fui chamado porque eu já havia começado a pesquisar sobre Turismo na minha dissertação de mestrado. (Leandro Antônio de Lemos, 24/11/2008).*

Pesquisou, em sua dissertação, as potencialidades econômicas do Rio Grande do Sul no período de 1955 a 1985 e começou a observar o potencial que tinha o Turismo. Assim, passou a ministrar aulas no Curso de Turismo,

*um jovem professor de 22 anos de idade, estava, ainda não tinha terminado minha dissertação de mestrado, era extremamente CDF, e ao mesmo tempo que eu fui transformando um pouco lá, os alunos do Turismo, também o Turismo foi me humanizando um pouco mais, as aulas eram sexta feira à noite, os dois últimos períodos e sábado de manhã, os dois primeiros de Economia, então para a gurizada era um horror, então eu tive, eu aprendi muito com os alunos e aprendi muito com os colegas professores, sobretudo a Norma que é uma, era coordenadora dos tempos áureos do Turismo aqui, sobretudo porque não era um curso, era uma causa, ela colocava bem isso. (Leandro Antônio de Lemos, 24/11/2008).*

A professora **Susana de Araujo Gastal** (14/07/2008 e 05/08/2008) trabalhou de 1973 a 1975 na Secretaria de Turismo do estado, nas gestões de Roberto Eduardo Xavier e posteriormente de Mário Ramos, onde conheceu Norma Moesch, *eu sai da administração Mario Ramos, quando ela tomou um perfil muito político e não técnico, não me interessava o trabalho político, eu gostava do trabalho técnico* (Susana Gastal, 14/07/2008).

Nesse período, Guilherme Socias Villela assumiu a Prefeitura de Porto Alegre (1975-1983) e Roberto Eduardo Xavier foi chamado para criar a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, a SMMA. Por sua vez, convida a Susana para trabalhar na implantação da Secretaria que é criada em 1976 e passa a funcionar em janeiro de 1977. Susana trabalhou na SMMA, durante toda a administração do Xavier, porém ele passou para secretário de governo, e entrou, como secretário do meio Ambiente, Larry Pinto de Faria, que pede à equipe que permaneça. No entanto, Larry fica pouco tempo na secretaria e passa para a Secretaria da Indústria e Comércio, SMIC, e leva a equipe junto. Susana vai trabalhar com o Bric da Redenção que estava se constituindo; já existia, mas ainda não era o que é hoje. Susana ficou pouco tempo na SMIC, e foi trabalhar no departamento de Cultura da Secretaria de Educação, quando começa um movimento político para criar a Secretaria. Então, novamente, ela se envolveu com a

criação e a implantação da Secretaria da Cultura, que é onde permaneceu por mais de vinte anos.

Susana Gastal conta que, em 1995, o Mohr, que era da Varig, em Porto Alegre, ministrava uma disciplina no curso de Turismo. Por uma alteração na diretoria da Varig, o Mohr foi convidado para assumir uma diretoria no Rio de Janeiro, conseqüentemente teve que se retirar da PUCRS e isso ocorreu no meio de um semestre letivo,

*e a Norma, que era coordenadora, fica meio desesperada, quem é que pode assumir a disciplina em meio de semestre, e eu tinha terminado meu mestrado em 1994, e na época a PUCRS começou a exigir, que para entrar na universidade tinha que ter o mestrado, então ela me trouxe teoricamente para terminar o semestre, eu trabalhava na prefeitura, então eu vim para quebrar um galho para ela, daquela disciplina naquele semestre e daí eu estou aqui até hoje, retomei, comecei a trabalhar bastante na área.[...]. Mas enfim, eu estou aqui até hoje, fazendo o que eu faço, porque houve uma alteração na diretoria da Varig, [...]. (Susana Gastal, 14/07/2008)*

O professor **Abdon Barretto Filho** (11/11/2008) ingressou como docente na PUCRS em 1996, para ministrar a disciplina de Marketing Turístico. Ele conta que, em 1979, morava na Bahia, e trabalhava na atividade de turismo, no governo da Bahia, na Bahiatursa. De 1979 até 1983, assumiu vários cargos nesse governo, dentre eles o trabalho de promoção, divulgação e de marketing turístico daquele estado no mundo. Assim, esteve em vários países, divulgando a Bahia, e, em 1982 conheceu uma gaúcha na Universidade de Sorbonne e casaram-se em 1984. Em função disso, o professor veio morar no sul, onde atuou durante um ano na área de marketing da RBS, e foi chamado para cuidar das organizações de Santa Maria do grupo JLP (Planalto Turismo e Itaimbé Palace Hotel). De 1984 a 1996 atuou nessas empresas, e, em 1996, foi convidado para ser professor da PUCRS, pois já participava de vários eventos da Universidade, encontros, palestras, sempre que foi solicitado, *os convites muito amigáveis, realizados pela professora Norma Moesch*. Assim, em 1996, quando se afastou definitivamente do JLP de Santa Maria, foi chamado para fazer um trabalho de consultoria na rede Plaza de Hotéis, e, ao mesmo tempo, aceitou convite para dar aula no Curso de Turismo da PUCRS.

**Luis Gustavo Silva** (01/10/2008) professor e ex-aluno do curso. Ingressou como aluno em 1996, mas já havia iniciado outros cursos e desistiu, *e naquelas alturas eu disse vai ter que ser esse mesmo, eu nem sabia exatamente o que eu ia..., eu tinha a mentalidade que a maioria das pessoas tem, que vai fazer Turismo achando que vai viajar, viajar, viajar, e entrei mais por essa linha e acabei entrando e me*

*conscientizando que eu tinha que terminar e depois eu passei a gostar, a amar, enfim.* Nesse período, o curso era de quatro anos e era coordenado pela professora Norma Moesch. Luis Gustavo lembra que o curso lhe parecia mais “completo”,

*nós tínhamos uma base maior no sentido de ter filosofia, se eu não me engano, tinha ética, tinha uma série de outras coisas que hoje não tem, [...]. Mesmo na época, enquanto alunos, as pessoas ainda discutiam bastante, um curso muito longo, ou isso aqui não precisa ter, porque quando a gente tem uma visão de aluno é uma visão bem curtinha, equivocada, então a gente não valoriza. Hoje, na condição de professor, eu vejo nossa!, e achava que o curso era longo, mas era o mínimo que tinha que ser na época. (Luis Gustavo Silva, 01/10/2008)*

Durante seu período de aluno, começou a estagiar em um hotel. Logo que se formou, morou algum tempo fora do Brasil, e, ao retornar, voltou a trabalhar com a hotelaria, inicialmente em Curitiba e depois em Porto Alegre. Ele conta que já estava cansado de trabalhar em hotéis e, em 2004, *eu disse não eu tenho que fazer alguma coisa pela minha vida, ou eu vou entrar para o mestrado, para buscar a academia que sempre foi meu sonho ou eu vou embora do país, e aí investi num projeto de dissertação, que foi ser aprovado na UFRGS.* Ingressou na PUCRS como docente em agosto de 2004 para os cursos de Hotelaria e de Turismo.

*Como aconteceu isso, como é que eu vim parar aqui. Bom primeiro porque na época que eu tinha as minhas aulas com a Norma, sempre fui muito apaixonado pela Norma e eu sempre dizia assim, eu quero trabalhar aqui, ainda vou trabalhar nessa universidade, aqui na PUCRS, e enfim, adiei isso na minha vida e depois eu retomei e eu sempre tive um relacionamento muito legal com os professores. Na época, quando eu entrei, eu concorri, fiz uma seleção, tinha gente com doutorado na Suíça e acabou que eles me escolheram para valorizar um ex-aluno, e me deram uma oportunidade, até porque o que queriam era um professor para o curso de Hotelaria, e eu tinha um conhecimento vasto, porque já tinha trabalhado em vários hotéis de categoria internacional, vivências internacionais, etc., então, isso que eles estavam querendo, para a disciplina que eu assumiria na Hotelaria. (Luis Gustavo Silva, 01/10/2008)*

Conta que foi um processo bastante difícil, mas, com o tempo, foi melhorando. Começou a trabalhar com projetos, depois a professora Maru assumiu a coordenação, *e ela apostou em mim, a gente trabalhava lado a lado, porque a gente se dedica muito mais para o curso de Turismo, do que para o curso de Hotelaria, e depois na seqüência, em 2006, enfim a um ano e meio, eu fui convidado para assumir a*

*coordenação do curso de Hotelaria com a direção da FAMECOS, na verdade não foi um convite, foi um comunicado que eu passaria a assumir o curso.*

**Silvana Lehn** (08/12/2008), quando ingressou como aluna no curso de Turismo da PUCRS, não sabia exatamente o que queria fazer, mas como seu pai trabalhava com exportação, ela foi cursar Comércio Exterior na UNISINOS, mas desistiu do curso, *o que eu tinha na minha cabeça é que eu queria morar no exterior, isso eu tinha certo, mas eu precisava chegar a este sonho.* Em 1992, foi para os Estados Unidos onde permaneceu por um ano e quando retornou:

*eu gostei dessa coisa da viagem, consegui viajar muito, enfim, então, entrei com aquela expectativa, que na época, o Turismo é uma atividade do 3º milênio, Turismo atividade do futuro, e eu gostando de viajar, assim como vários alunos entram com a ideia de que vão viajar muito, enfim, eu resolvi fazer o vestibular, foi no inverno, e eu já estava com 24 anos, então já tinha tido toda uma história, e comecei mais tarde a faculdade, mas, ainda não sabia se era aquilo que eu queria. Então, o Turismo apareceu assim, foi dessa forma para mim, como atividade promissora, porque nos Estados Unidos eu tive a oportunidade de ver isso [...].*

Silvana Lehn (08/12/2008) relata o que significou cursar uma faculdade:

*acho que eu aprendi muita coisa, eu acho não, eu tenho certeza, porque quando eu fui para o mercado, eu estava muito preparada, e assim, talvez eu tenha feito a faculdade na hora certa, porque eu já tinha vivido muitas experiências, então quase 25 anos, terminei com quase 30 anos, então tu tem uma outra cabeça para fazer as coisas. Tu consegues visualizar, eu sempre fui uma aluna assim de primeira, sabe aquelas que sentam na frente, que conversam com o professor, de me dedicar, eu não estava ali porque meus pais me disseram para fazer, então foi um outro aproveitamento, tudo que eu fiz ali dentro foi com muita vontade. [...]eu acho que o ensino superior de Turismo ele é muito importante. Porque te prepara para atuar, claro vai depender da tua vontade, mas ele te prepara para atuar, ele te dá ferramentas, claro que tu tem que buscar, porque todos saem iguais, deveriam sair ou enfim, com o mesmo conteúdo, agora o que tu faz com aquele conteúdo, como é que tu aproveitou, como tu usou isso, aí é outra história, também tem aquela coisa de tu procurar, fazer com que as coisas aconteçam na tua vida [...].*

Após o término do curso, Silvana Lehn começou a trabalhar na rede Plaza, já havia trabalhado em agência de viagens e realizado o estágio na área de hotelaria, *só que eu na minha cabeça eu queria dar aula, desde que eu saí da PUCRS, eu sabia que eu queria trabalhar com educação porque, porque meu pai era professor, minha mãe*



*foi professora, [...], e naquela época, em 2000, o ensino superior estava carente, porque o que aconteceu, vários cursos de Turismo abriram, e precisavam de pessoas qualificadas, e eu sabia que eu tinha que fazer um mestrado.* Então foi fazer o Mestrado em Turismo e Hotelaria na UNIVALI. Concluiu o mestrado e queria voltar para Porto Alegre, mas, durante todo esse período, continuava trabalhando na rede Plaza. Chegou um momento que decidiu que não queria mais trabalhar em hotel, e começou a dar algumas aulas na FEEVALE, em 2003. Depois passou para a UNILASALLE, mas, ao mesmo tempo, a PUCRS estava criando o curso de Hotelaria em 2004 e chamou Silvana para dar aulas na Hotelaria e no Turismo.

*Eu fui pra lá em 2004. Mas muitas coisas permaneciam, até algumas eu não gostaria de mencionar aqui, muitas coisas permaneciam, eu acho que o currículo mudou, enfim. Mas foi muito bom ter voltado, porque tu voltas com um outro olhar, voltar para o lugar de onde tu saiu de lá pequeno e voltar quer dizer, um pouco maior, isso é muito legal, porque tu vê que poxa, um dia eu também vou crescer, é teu crescimento profissional, isso foi muito bacana (Silvana Lehn, 08/12/2008).*

**Mario Carlos Beni** (06/05/2009) era professor da USP, porém foi professor na pós-graduação em Turismo da PUCRS. Decidimos entrevistá-lo em função de seu pioneirismo na docência em turismo no Brasil e de sua participação constante, inclusive nos rumos do curso de graduação em Turismo da PUCRS, mantendo um contato permanente com os docentes. O professor Beni foi referido na quase totalidade das entrevistas realizadas, por seu pioneirismo na área acadêmica do turismo e pela sua contribuição na produção científica na área.

Mario Beni iniciou a docência na FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo quando aceitou o convite do Prof. Dr. Lauro Bastos Birkolz para colaborar em sua disciplina de Planejamento Urbano e Regional como auxiliar de ensino. Sua formação em Engenharia Civil o levou a estagiar no escritório de Arquitetura do Prof. Nestor Goulart Reis, também Professor da FAU na área de Arquitetura no Brasil e, como sempre se interessou por planejamento urbano e regional, acabou se aproximando dos professores Lauro Bastos e Nestor Reis, que, naquela época, já falavam em desenvolvimento sustentável, na Geografia e no Programa de Pós Graduação da FAU na disciplina Planejamento Territorial. Trabalhou na equipe desses docentes pesquisadores durante quase dois anos, enquanto aguardava a abertura de concurso naquela Unidade da USP. Foi quando surgiu um concurso público na ECA – Escola de Comunicações e Artes para provimento de uma disciplina de Turismo e Desenvolvimento, coincidindo com o início dos encartes, suplementos de turismo nos

jornais. Essa disciplina seria oferecida para o Curso de Jornalismo e Relações Públicas no então Departamento de Relações Públicas e Propaganda. Aprovado, Mario Beni começou a ministrar aulas nos respectivos cursos, e, como já havia trabalhado com planejamento regional, começou a se interessar pela área de Turismo. No ano seguinte (por volta de 1970), foi selecionado num concurso internacional oferecido pela JAICA – Japan International Agency Corporation, uma instituição da Universidade de Tóquio, onde teve a oportunidade de se aprofundar na área de Turismo. O Japão estava se preparando para um grande desenvolvimento nessa área.

*Então ele vinha da experiência da Expo-70 e a Universidade então, desenvolveu esse curso, onde tivemos a oportunidade não só de estudar todo o sistema de Turismo, envolvendo todos seus segmentos específicos de: Hospitalidade e Hotelaria, Agências de viagem, bares e restaurantes, Modais de transportes, Lazer, recreação e entretenimento, enfim toda a análise estrutural do turismo, e de conhecer outros países que estavam avançados nessa área de conhecimento. (Mario Carlos Beni, 06/05/2009)*

Na volta do Japão, permaneceu dois meses em Aix- Provence com o professor Rene Baretje onde se aprofundou na epistemologia do Turismo. Quando voltou ao Brasil, foi convidado para também dar aula no curso de Turismo da Faculdade de Turismo do Morumbi. A partir daí iniciou a sua participação em vários cursos de Turismo no Brasil.

Todavia, o curso de Turismo da PUCRS não é feito só de grandes professores mas também de grandes alunos. Iniciamos mencionando os ex alunos entrevistados que se tornaram professores do curso já referendados: Norma, Diney Adriana, Gladis, Luis Gustavo, Silvana. Os demais ex-alunos narradores foram: Márcia, Ana Lucia, Lenora, Rita, Sabrina, Giana, Mauricio, conforme veremos a seguir.

A ex-aluna **Lenora Horn Schneider** (01/07/2008) ingressou na Comunicação Social, no curso de Jornalismo, mas como as disciplinas do primeiro e segundo ano eram comuns nos cursos da FAMECOS, e estava surgindo o curso de Turismo, optou por fazer as disciplinas específicas do curso de Turismo. *Então, eu imediatamente pensei que seria uma boa oportunidade de profissão, e porque eu, a princípio pensei, é um curso novo, uma profissão nova.*

Confessa que, quando ingressou no curso, não sabia exatamente do que se tratava, mas logo começou a estagiar na SETUR, e aí teve a certeza de que havia feito a opção certa. Seu estágio durou 2 anos, *eu acho que foi muito bom para mim, aprendi muito, e eu tive que lutar para ser efetivada, aí em 1976, eu fui efetivada.*

Outra ex-aluna da década de 1970 entrevistada foi **Ana Lucia Touguinha Weigdle** (17/07/2008). Lembra que, na adolescência, não sabia que curso queria realizar. Optou por Oceanologia, em Rio Grande, porém ficou sabendo que o curso teria muita biologia, matéria da qual ela não gostava; mas tinha facilidade para História, Geografia, para os componentes do Turismo e acabou optando por Turismo, embora não soubesse exatamente do que se tratava, [...] *porque o curso era muito novo, eu me lembro que eu vi, numa revista da época, que estava surgindo o curso em São Paulo, e depois aquilo ficou, depois eu descobri que tinha na PUCRS, tanto que eu sou da quarta ou quinta turma.*

Escolheu o curso de Turismo por acaso, *talvez alguma coisinha de DNA, meu pai trabalhou em companhia aérea, na época que eu nasci, depois saiu quando fechou em Rio Grande, ele não quis ir para Porto Alegre. Então tinha aquela coisa, meu bisavô era fundador da Varig, então tinha algumas coisas assim na família.* Recorda que, na época em que ingressou no curso, o Secretário de Turismo era um dos melhores amigos do seu tio, porque eram da mesma cidade, de Rio Grande, era o Roberto Xavier, então falavam sobre turismo em casa, o turismo estava na mídia. *Então o contexto do turismo era esse na época que eu entrei, tinha um Secretário, era glamoroso o Turismo, tinha muito glamour. Comecei a trabalhar como recepcionista da SERTUR, e naquela época nós tínhamos uniforme, melhores sapatos, tinha estilista, era um charme, as nossas roupas eram feitas sob medida em estilistas* (Ana Lucia Touguinha Weigdle, 17/07/2008).

Depois de formada, foi trabalhar fora da área, em bancos. Em 1979 resolveu fazer uma pós-graduação e foi trabalhar na agência de turismo de um colega, e, posteriormente, começou a dar aulas de Turismo no Ensino Médio. Quando tinha uns quarenta anos, fez concurso na SETUR, local onde permanece trabalhando até hoje. Ana Lucia Touguinha mantém contato com muitos dos seus ex colegas, tem inclusive uma lista para contato da maior parte deles. Conta que realizaram um encontro para comemorarem os 30 anos de formados.

A ex-aluna **Márcia Merllo** (03/08/2008) ingressou no curso em 1984 se formou em 1987. Na verdade, queria cursar Serviço Social, mas como não foi possível e *diante deste contexto de não fazer nada ou fazer alguma coisa, escolhi turismo, mas confesso que sem convicção, eu queria fazer uma faculdade. Nada glamoroso!*

Quando estava cursando a faculdade, já havia sido aprovada em um concurso na prefeitura de Porto Alegre, em cargo administrativo. Então se formou e não foi trabalhar no turismo, *porque não valia a pena, as áreas eram bastante restritas, naquela época*

*era hotel e a agência, pagava-se muito mal, tanto no hotel, como na agência, e como eu tinha esse cargo concursado na prefeitura, não valia a pena largar [...].* Em 1995, surgiu a oportunidade de concurso, o primeiro concurso para turismo do Governo do Estado. Márcia fez, foi aprovada e ingressou na SETUR em 1997, onde permanece até hoje.

**Rita de Cássia Michelin** (21/07/2008), ex-aluna, é presidente da ABBTUR/RS. Ingressou no curso de Turismo em 1983, na época, com duração de três anos. Decidiu cursar turismo, porque sua mãe sempre viajou muito e costumava contar suas viagens quando retornava. Rita se entusiasmou e foi cursar Turismo achando que iria viajar bastante. Antes de ingressar no curso ela morava em Erechim e trabalhava em eventos agro-industriais, trabalhava como recepcionista nesses eventos, fazia cursos no SENAC de recepcionista de hotel, recepcionista de eventos. *O turismo era uma área muito nova, tanto é que quando eu falei que eu ia fazer turismo, meu pai quase teve um surto, ele queria que eu fizesse medicina, direito, 'não vou pagar essa faculdade, nem pensar, tu vai ser? Turista?', e eu também não tinha claro o que era, eu não sabia que não era nem regulamentada a profissão.* (Rita de Cássia Michelin, 21/07/2008)

Quando se formou, foi para a Itália, onde morou um ano e começou a se interessar pela geografia do turismo, queria fazer mestrado, doutorado nessa área. Porém, logo engravidou e adiou seus planos e foi ser mãe. Quando retornou ao Brasil, começou a trabalhar em agência de viagens, e, nos últimos anos, retomou seus planos e foi fazer mestrado em Turismo na UCS.

O ex-aluno **Maurício Schaidhauer** (23/01/2009) ingressou no curso em 1997 e finalizou no ano de 2001. Conta que tentou vestibular na UFRGS em Administração e não foi aprovado e, na PUCRS, achou interessante a área de Turismo, para tentar trabalhar na área de Administração Hoteleira. Fez o vestibular, foi aprovado e iniciou o curso. Mauricio buscou informação de onde poderia trabalhar, mas, segundo ele, não compreendia o todo da área.

No primeiro ano de curso, começou a estagiar em Hotelaria onde permaneceu até 2001. Nesse período, ele e alguns colegas começaram a formar e constituíram uma cooperativa – a Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico Ltda – COODESTUR que iniciou dentro da PUCRS, com os estudantes de Turismo:

*a gente começou a COODESTUR em março de 2000, através de seis colegas que se reuniram, porque na verdade a gente queria construir uma empresa Junior, justamente para suprir essas demandas que a gente criticava na universidade, que não tinha oportunidade de ter a vivência da agência, do hotel, então, como é que a gente poderia fazer alguma coisa, fizemos uma*

*empresa Junior, que a gente propôs isso para diretoria. [...] eu não me lembro como é que foi a negociação, mas não tivemos respaldo da universidade. Então depois de uma conversa, até acho que foi através de um professor que sugeriu uma cooperativa. Daí a gente foi pesquisar, seis pessoas se reuniram e na outra reunião me chamaram, na segunda reunião, e começamos a ver que oportunidades tinham, [...], decidimos debater com um grupo de vinte pessoas, nos reunimos toda a semana de março até julho de 2000, em julho de 2000, a gente abriu a cooperativa, com estatuto. (Mauricio Schaidhauer, 23/01/2009)*

Formou-se e permaneceu trabalhando na cooperativa, e, em 2009, por incentivo de uma colega mestre, começou a fazer mestrado. Diz que não lembra de colegas fazendo mestrado; vários fizeram especialização.

**Sabrina Gomes Dias** (22/01/2009) conta que, quando ingressou no curso de Turismo, não tinha nenhuma experiência profissional na área, mas seus familiares são proprietários de um hotel no Rio Grande do Norte, e ela havia passado uma temporada por lá; também sua mãe trabalhava na área da alimentação. Sabrina estava fazendo cursinho pré-vestibular e, no meio do ano, tinha o vestibular de inverno da PUCRS. Ela resolveu fazer para conhecer; olhou a relação de cursos ofertados e optou pelo Turismo, *mas sem nenhum compromisso, tanto é que em casa, como era “paitrocínio”, ele não queria uma filha, de jeito nenhum, fazendo Turismo, porque a proposta inicial era fazer Psicologia, [...], no meio do ano fui lá, testei o Turismo e passei e quis fazer, aí consegui me matricular, consegui convencer todo mundo que eu queria já entrar na faculdade.*

Quando Sabrina ingressou, no segundo semestre de 2003, o curso estava num momento de transição porque era a última turma do currículo de três anos, e, logo em seguida, em 1994, já passou a vigorar o de quatro anos.

No início, não sabia quase nada da área, a ideia que passavam era a de que era uma área mais descontraída, que não teria muita dificuldade em relação às ciências exatas, cálculos. Logo que ingressou, começou a estagiar nos postos de informações turísticas da SETUR, e se sentiu obrigada a buscar informações sobre o turismo e sobre os roteiros. No entanto, só começou a se dedicar aos estudos e a entender o turismo, no final do curso,

*eu entrei com 17 anos, então, a imaturidade fez com que eu tivesse ali mais pensado na saída depois do que no conteúdo das disciplinas, enfim, eu não tinha muita responsabilidade, mas com a história do estágio eu comecei a mudar um pouco a postura porque eu via quem estava ali na PUCRS eram os meus*

*chefes, todo mundo transitava, todo mundo se conhecia, eu tive que, digamos não só, entrar no ritmo da festa e, pelo menos mostrar que tinha algum conhecimento. (Sabrina Gomes Dias, 22/01/2009)*

Sabrina Dias retornou à PUCRS para fazer a especialização e diz que a proposta da pós era diferente, muita leitura, então ali ela começou a despertar um olhar mais reflexivo, mais sociológico da área do turismo,

*comecei a sair da imaturidade, de só pegar e receber um monte de informação. Vou começar a pensar o que eu acho, com quem eu me identifico, com o Beni, o Kripperdorf, esse aqui eu concordo, esse aqui eu discordo, então eu acho que a pós me deu uma base mais reflexiva, a gente trocava muito, e ali sim tinham pessoas recém começando e pessoas que já tinham uma caminhada no Turismo, foi muito legal. (Sabrina Gomes Dias, 22/01/2009)*

Desde que se formou em Turismo, sempre atuou na área, *sou completamente apaixonada, descobri depois de começar a cursar, quando entrei não tinha noção, não sabia que eu iria gostar de trabalhar, de pensar o Turismo. Depois despertou, e tu vais crescendo, amadurecendo e hoje não me vejo em outra área.* Lembra e imita os professores, recorda de cada detalhe, cacoetes, entonação de voz e de termos utilizados nas aulas.

**Ivone dos Passos Maio** (16/12/2008) terminou o ensino médio em Pelotas, e fez cursinho sem saber o que queria no vestibular. Um dia uma amiga lhe deu uma reportagem de uma revista, talvez da Veja, do vestibular mais concorrido da USP que era Turismo na época; eram 72 candidatos por vaga. Em 1998, tinha sido o vestibular mais concorrido da USP, e, junto à reportagem, veio uma cartinha que dizia ‘*amiga, tu que não sabes o que fazer, eu me lembrei de ti porque eu acho que esse curso tem tudo a ver contigo*’. Ivone leu um pouco sobre o curso nessa revista, viu que tinha na PUCRS, e se inscreveu para o vestibular em 1999 no curso de Turismo. Um ano depois, começou a trabalhar na Rio Sul, que era um braço da Varig, que fazia algumas linhas regionais, depois trabalhou na Secretaria do Município de Porto Alegre.

Quando ingressou no curso, não sabia exatamente o que era; tinha a ideia de trabalhar com viagens, mas não pensava que iria ficar viajando. As pessoas sempre lhe diziam *tu és muito comunicativa, você tinha que fazer alguma coisa da comunicação*, mas ela não se interessava por Jornalismo, e o Turismo na PUCRS era na faculdade de Comunicação Social. Como não sabia o que fazer no vestibular, queria sair de Pelotas,

tudo contribuiu para que ela optasse pelo curso de Turismo. Lembra que quando ingressou na universidade foi um deslumbre,

*quando eu entrei na PUCRS porque estava acostumada a ir para o campus da Católica, só um prédio, então, desde que eu cheguei lá para fazer vestibular, eu achei tudo lindo, lá na PUCRS, e como o Turismo é na Comunicação Social, também, é um pessoal muito diferente, muito criativo, os professores também, os professores da Comunicação, então foi, para mim o início foi bem, como posso te dizer assim, efervescência, [...].*  
(Ivone dos Passos Maio, 16/12/2008)

Logo que se formou, foi direto fazer Mestrado em Turismo na UCS e começou a se dedicar à área de Antropologia, porque, segundo ela, *o Turismo não consegue se sustentar, é difícil fazer uma dissertação sem ter uma outra área teórica.*

A ex-aluna **Giana Pereira Borges** (22/01/2009) tinha certeza de que na área de ciências exatas não se encaixava, então, procurando opções de cursos – ela já havia tentado vestibular na UFRGS para Administração e não foi aprovada – resolveu tentar a PUCRS e viu a opção do curso de Turismo, pois até então não sabia da sua existência. Relacionando o Turismo com agências de viagens, muito bem identificadas, com cartazes de lugares maravilhosos, disse: *nossa! deve ser muito legal trabalhar com isso, eu já sabia que trabalhar não queria dizer que eu iria viajar constantemente, nessa época eu já sabia muito bem a diferença de ser turista e trabalhar com o Turismo, de ser um agente de viagens, claro que nessa época eu não tinha idéia que existia o Turismólogo [...].* Então foi procurar informações sobre o curso, fez vestibular e ingressou na universidade. Logo depois, o seu pai tinha um amigo que era proprietário de uma agência de Turismo, então surgiu a oportunidade de trabalhar na área. Posteriormente foi trabalhar na Stella Barros Turismo, que era uma agência bem conhecida, uma franquia da de São Paulo que tinha todo um *know how* da área de agência de Turismo. Nessa agência aprendeu muito, mas não estava conseguindo conciliar estudo e trabalho, então deixou o trabalho e só atuava na divulgação de produtos e, alguma vezes, como recepcionista em eventos. Nesse período surgiu um estágio no SESC; aprovada na seleção, começou a trabalhar.

A funcionária **Flávia Custódio** (23/07/2008) indicou várias pessoas a serem entrevistadas e salientou que atua na Faculdade de Comunicação Social, e não especificamente no curso de Turismo.

As razões que influenciaram a escolha do curso de Turismo, narradas pelos ex-alunos, se apresentam variadas. Há uma predominância de razões externas que interferiram na opção pelo curso, isto é, não são razões referentes à essência, como por

exemplo: influência de outras pessoas, indecisão quanto ao que cursar, gostar de viajar. Nas narrativas aparece um total desconhecimento do curso e da atividade profissional que desempenhariam no futuro, antes do ingresso.

As entrevistas realizadas com algumas pessoas envolvidos com o Turismo na década de 1970 tiveram por objetivo ampliar a rede de conhecimento sobre o contexto sociocultural e histórico do Turismo no Rio Grande do Sul, nesse período. Neste intento, foi difícil selecionar que pessoas entrevistar: Edison Batista Chaves, Victor Faccioni e Sizenando Venturini são personagens reais que trouxeram a sabedoria em forma de narrativa, articulando-as entre a lembrança de suas histórias de vida, familiar e profissional, à própria história do Turismo no estado. Confessamos nosso encantamento pelo tanto que eles têm a nos dizer sobre a História do Turismo no Rio Grande do Sul.

**Edison Baptista Chaves** (06/06/2008) explica que sua ligação com o turismo iniciou quando era diretor do Departamento Agrícola Industrial da SUDESUL, com a missão de desenvolver projetos ou programas relacionados aos incentivos fiscais, existentes para todo Brasil, destinados à região sul, ou seja, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Então foi desenvolvido um plano de desenvolvimento Turístico para os três estados do sul. Esse projeto levou Edison Chaves a ser convidado pelo governador Euclides Triches para criar a Secretaria de Turismo no Rio Grande do Sul. Foi professor na Faculdade de Economia UNISINOS, atuou na Rede Plaza de Hotéis e no Convention de Porto Alegre.

**Victor Faccioni** (06/06/2008) conta que, desde a sua infância, em Carlos Barboza, residia em frente à viação férrea, na quadra onde se localizavam dois hotéis, o Hotel Guerra e o Hotel Siiaitr e convivia com os turistas de Porto Alegre, que, na década de 1940, frequentavam muito a Serra, principalmente no verão. Então, quando criança, aprendeu a importância da movimentação do turismo, inclusive muitas vezes trabalhou de maleiro, carregando malas do trem até o hotel.

Recorda que, em Caxias, tinha o Serviço Estadual de Turismo sob a responsabilidade do jornalista Mário Gardelini, que, simultaneamente, era seu professor da Faculdade de Ciências Econômicas, de História do Pensamento Econômico, e diretor do Serviço Municipal de Turismo de Caxias. A partir dessa época, começaram a se criar conselhos municipais de Turismo. Na Assembléia Legislativa, onde Victor Faccioni atuava, sentiu que poderia ajudar na valorização e na maior atenção ao setor, tanto por parte do governo, quanto da sociedade, chamando a atenção para a área, para estruturar uma sociedade organizada para o turismo. *Sai na busca da criação dessa consciência política, e na busca de um fortalecimento dentro da própria estrutura do poder público,*



*é que propus a criação da Comissão Estadual de Turismo, para a Assembléia Legislativa ser o centro do debate.* A Comissão se instalou no dia 6 de setembro de 1967.

**Sizenando Venturini** (08/05/2008) conta que se casou em 1946, e o pai de sua esposa era proprietário de um hotel, onde se conheceram. Logo após o casamento, começaram a procurar um negócio; tinham uma pequena economia, saíam aos sábados e domingos para ver diversos tipos de negócios, até que encontraram uma pensão e a transformaram em hotel, o Hotel São Jorge. Depois comprou o Lagache, um hotel antigo, posteriormente comprou um terreno e construiu o Hotel Embaixador. Sempre participou de encontros, reuniões, entidades de classe, na atividade turística no estado.

Esses pioneiros do Turismo no estado lembram pouco do curso e bastante da sua trajetória e da história do Turismo RS. Narraram tantos fatos interessantes e importantes, no entanto, muitos destes não podemos trazer nesta pesquisa, por não ser o foco de nosso estudo.

Importante destacar que, durante as entrevistas, muitos outros professores, ex-alunos e pessoas relacionadas à atividade turística foram lembrados, no entanto, não foi possível entrevistar todos, alguns já são falecidos, outros não se dispuseram, outros não conseguimos contato e outros tantos tornou-se inviável pela premência de tempo.

Nas memórias, a década de 1970 se reveste de especial importância para os narradores. Aqueles que vivenciaram a atividade turística contam com muito prazer sobre essa fase, um período de vontade, de anseios, de esperanças, de expectativas em relação ao turismo; parecem ser “apaixonados” pelo turismo. Quando questionados sobre o curso de Turismo da PUCRS, as lembranças extrapolam esse espaço e parece não haver uma clara distinção do curso e da atividade turística no estado, todos lutavam juntos, havia uma sintonia, até mesmo uma dependência entre o mercado e a academia, não estava claro qual a função e o papel de cada um destes no desenvolvimento da atividade turística. Trabalhar com o turismo deixava de ser meramente um trabalho para ser quase uma missão; carregavam a bandeira do turismo.

Há um sentimento de respeito e orgulho entre os envolvidos na atividade turística no estado na década de 1970, como por exemplo, Edison Chaves em relação à Norma Moesch, pelos ensinamentos sobre turismo que ela disseminou por todo o Brasil, construindo e conquistando nacionalmente a admiração e o respeito de profissionais da área. Recordações que evocam quase lágrimas de Edison Batista Chaves ao revisitar sua experiência na Secretaria de Turismo. Reconhece que todos foram importantes durante sua gestão, inclusive nomeando muitos deles. O sentimento de “paixão pelo turismo”

era um sentimento compartilhado pelos envolvidos. Reconstrói esta lembrança evocando a presença de muitos que atuaram com ele na Secretaria, que continuam presentes em suas reminiscências. Pela sua narrativa, continua “um apaixonado pelo turismo” e, pela suas vivências na secretaria, continua expressando seu fascínio pelo turismo quando recompõe suas memórias.

Momento de conquistas, dificuldades e superação eram resolvidos no confronto, entre erros e acertos, frente aos processos de interação com seus pares. Memórias com sentimentos de carinho e respeito uns aos outros também se fazem presentes durante as narrativas. Uma convivência que foi sendo reforçada na medida em que até hoje esse grupo, aqueles que estão vivos, mantêm laços de amizade, se visitam, trocam telefonemas, cartas, e-mails, alguns ainda participam de eventos da área de turismo. Pelo tempo presente, tomando suas próprias trajetórias de vida, reiteram os laços afetivos do que viveram e do como assimilaram e acomodaram cada lembrança narrada. Temporalidade que foi dilatada para outras instituições sociais da vida profissional fora da área de turismo, criando outros laços de pertencimento que também os envolvem.

Pela narrativa dos entrevistados, observamos os diferentes caminhos que cada um trilhou para chegar a um ponto comum, que é o curso de Turismo. Essa diversidade a que cada um se dedicou está ligada a uma das características bem marcantes da profissão, pois é um curso que abrange vários campos do conhecimento e abre possibilidades para que a especialização e o direcionamento da carreira aconteçam em áreas bem diferentes.

Durante as entrevistas, por conta do contexto que o circunda, o espaço do curso se ampliou nas memórias dos entrevistados, principalmente daqueles que participaram do seu início, muitas vezes tornando-se o foco da entrevista. Parece que o contexto no qual o curso estava inserido era o próprio curso, havia um deslumbramento com o turismo na década de 1970. Esses espaços que circundam o curso de Turismo da PUCRS foram os que mais resistem nas lembranças de todos os entrevistados. Não é nele, mas foi a partir de sua evocação, localizando-o num quadro social de memórias, que os narradores ancoraram seus campos de significados para rememorar suas experiências profissionais na área de turismo.

Assim, as lembranças do curso levam os narradores a muitos outros espaços de memórias, esses espaços geralmente eram espaços de embates, lutas e conquistas da atividade turística. Remetem ao início do curso de Turismo da PUCRS, que se confunde com a própria atividade turística nesse período. Sua relação com o mercado é tão importante quanto suas experiências profissionais, aliás, não é possível uma separação

entre ambos, tamanho é o sentimento de pertencimento desse grupo. A luta pelo turismo é a grande base comum desse sentimento de pertencimento.

Nas recordações algumas experiências vivenciadas no curso pulsam com toda a força e avidez. Extrapolam o ambiente interno, ancorando suas lembranças também para os espaços que o circundam. Também observamos que as memórias estavam atravessadas pelas questões diretamente relacionadas ao pertencimento narrador àquela comunidade acadêmica a partir do lugar de trabalho que ocuparam ou ainda ocupam.

Entre os professores, houve lembranças que demonstravam o quanto sua dedicação e trabalho haviam sido relevantes para a história do curso rememorada e, por isso, de certa maneira, misturavam os espaços/tempos da recordação. Talvez uma maneira inconsciente de deixar à posteridade um pouco daquilo que foram buscando publicizar suas memórias. Entre aqueles que não estão mais no curso, aparece algumas vezes, um sentimento de não reconhecimento, de não valorização do trabalho por eles realizado para e pelo curso. Um aspecto bastante interessante é que, embora muitos dos narradores não participem mais do curso (ex-alunos e ex-professores), eles continuam alimentando laços de pertencimento através de eventos ligados a área de Turismo e outros vínculos.

Ao traçarmos a constituição do Curso de Turismo da PUCRS, estamos possibilitando que novos atores sejam inseridos no processo de elaboração e seleção da memória, vinculados à constituição de novas identidades e novas leituras, que pressupõem novos interesses que, não raro, pressupõem conflito em relação aos já existentes.

Considerando que a memória envolve lembranças e esquecimentos, incessantes e a um só tempo, e idealizações, vemos, nas falas, principalmente dos professores e ex-professores, um desejo de voltar ao tempo em que o curso estava em ascensão, enfrentando desafios, mas, também, sonhos, expectativas em relação ao turismo, ao Curso de Turismo e a própria profissão.

Esses narradores que conviveram no curso, na condição de professores e/ou alunos, reverenciam o curso de Turismo como um marco em suas vidas. Esses narradores deram à pesquisa a possibilidade de compor, junto aos documentos pesquisados, o percurso do curso nas diferentes épocas que se articularam neste trabalho. Integram o grupo de narradores apresentados em diferentes momentos nas partes II e III desta tese.

## APÊNDICE C – Inscritos no vestibular, matrículas e concluintes do curso de Turismo/PUCRS

Vestibular	Semestre	Masculino	Feminino	Total
1974	Verão	-	-	82
1974	Inverno	-	-	88
1975	Verão	-	-	139
1975	Inverno	-	-	121
1976	Verão	-	-	128
1976	Inverno	-	-	111
1977	Verão	-	-	135
1977	Inverno	-	-	134
1978	Verão	-	-	167
1978	Inverno	-	-	116
1979	Verão	-	-	185
1979	Inverno	-	-	165
1980	Verão	-	-	193
1980	Inverno	-	-	198
1981	Verão	-	-	191
1981	Inverno	-	-	167
1982	Verão	-	-	212
1982	Inverno	-	-	184
1983	Verão	-	-	208
1983	Inverno	-	-	139
1984	Verão	-	-	-
1984	Inverno	-	-	-
1985	Verão	-	-	130
1985	Inverno	-	-	129
1986	Verão	-	-	196
1986	Inverno	-	-	224
1987	Verão	-	-	-
1987	Inverno	-	-	-
1988 <sup>176</sup>	Verão	54	164	218
1988	Inverno	50	111	161
1989	Verão	45	169	214
1989	Inverno	47	120	167
1990	Verão	55	150	205
1990	Inverno	61	134	195
1991	Verão	52	159	211
1991	Inverno	44	114	158
1992	Verão	29	105	134
1992	Inverno	16	44	61
1993	Verão	26	65	91
1993	Inverno	10	61	71
1994	Verão	32	77	109
1994	Inverno	24	49	73
1995	Verão	42	125	167
1995	Inverno	32	109	141
1996	Verão	78	218	296
1996	Inverno	44	131	175
1997	Verão	72	206	278
1997	Inverno	53	143	196
1998	Verão	69	211	280
1998	Inverno	54	151	205
1999	Verão	129	326	455
1999	Inverno	-	-	-
2000	Verão	95	238	333
2000	Inverno	63	122	185
2001	Verão	50	130	180
2001	Inverno	46	75	121
2002	Verão	50	97	147
2002	Inverno	30	44	74
2003	Verão	31	88	119
2003	Inverno	26	31	57
2004	Verão	29	39	68
2004	Inverno	14	21	35

Quadro 1 – Inscritos no vestibular para o Curso de Turismo – 1974 a 2004

Fonte: Anuários da PUCRS

Até 1979 eram ofertadas 60 vagas e a partir de 1980 passaram a ofertar 66 vagas, no vestibular de verão e no de inverno; em 2004, volta a oferecer 60 vagas. Com relação às inscrições no vestibular, podemos verificar que a procura pelo curso aumentou até o início de 1990. No entanto, nos períodos de 1992 à 1994 e a partir de

<sup>176</sup> Somente a partir de 1988, o número de inscritos no vestibular é apresentado por sexo.

2001, há uma redução na procura, chegando a ser menor que o número de vagas oferecidas. De 1974 à 1979 a média de candidatos por vaga no vestibular era de 2,17. A partir de 1980, a média de candidatos por vaga é de 2,6. A maior relação candidato/vaga 6,9, foi no vestibular de verão de 1999 e a menor 0,53 candidatos por vaga foi em 2004.

No que se refere às matrículas efetivas no Curso, verifica-se no quadro a seguir que a média de matrículas no curso no 1º período é de 377,8 alunos e no 2º período de 380,8 alunos. Podemos constatar que o número de alunos matriculados no curso oscila pouco, o período de maior número de matrículas é de 1996 a 2003 e o menor índice de matrículas é em 1975.

Matrículas no Curso de Turismo	1º Período	2º Período
1975	229	272
1976	-	-
1977	-	-
1978	315	302
1979	306	323
1980	-	352
1981	-	353
1982	-	-
1983	-	-
1984	311	320
1985	318	336
1986	327	357
1987	380	360
1988	342	353
1989	364	375
1990	402	397
1991	355	371
1992	308	328
1993	320	330
1994	335	347
1995	345	363
1996	373	401
1997	404	443
1998	479	489
1999	516	507
2000	502	508
2001	511	501
2002	480	469
2003	471	408
2004	373	335

Quadro 2 – Matrículas do Curso de Turismo – 1975 a 2004

Fonte: Anuários da PUCRS

Ano	Semestre	Masculino	Feminino	Total
1976	1º Período	09	58	67
1976	2º Período	07	43	50
1977	1º Período	-	-	-
1977	2º Período	04	36	40
1978	1º Período	-	-	39
1978	2º Período	-	-	48
1979	1º Período	0	21	21
1979	2º Período	03	28	31
1980	1º Período	-	-	-
1980	2º Período	03	29	32
1981	1º Período	-	-	-
1981	2º Período	-	-	28
1982	1º Período	-	-	-
1982	2º Período	-	-	77
1983	1º Período	-	-	-
1983	2º Período	-	-	-
1984	1º Período	-	-	-
1984	2º Período	-	-	-
1985	1º Período	-	-	-
1985	2º Período	-	-	-
1986	1º Período	-	-	-
1986	2º Período	-	-	-
1987	1º Período	-	-	-
1987	2º Período	-	-	-
1988	1º Período	-	-	-
1988	2º Período	-	-	-
1989	1º Período	-	-	-
1989	2º Período	-	-	-
1990	1º Período	-	-	-
1990	2º Período	-	-	-
1991	1º Período	06	34	40
1991	2º Período	11	28	39
1992	1º Período	07	35	42
1992	2º Período	10	16	26
1993	1º Período	03	24	27
1993	2º Período	05	17	22
1994	1º Período	08	23	31
1994	2º Período	16	38	54
1995	1º Período	01	20	21
1995	2º Período	08	28	36
1996	1º Período	04	15	19
1996	2º Período	04	16	20
1997	1º Período	03	07	10
1997	2º Período	-	14	14
1998	1º Período	02	18	20
1998	2º Período	07	21	28
1999	1º Período	05	16	21
1999	2º Período	08	36	44
2000	1º Período	07	23	30
2000	2º Período	08	32	40
2001	1º Período	05	32	37
2001	2º Período	16	48	62
2002	1º Período	06	27	33
2002	2º Período	14	19	33
2003	1º Período	09	34	43
2003	2º Período	11	35	46
2004	1º Período	06	30	36
2004	2º Período	13	48	61
2005	1º Período	-	-	55
2005	2º Período	-	-	30
2006	1º Período	-	-	30
2006	2º Período	-	-	22
2007	1º Período	-	-	31

Quadro 3 – Concluintes do Curso de Turismo – 1976 a 2007

Fonte: Anuários da PUCRS

Com relação ao número de formandos, verificamos que houve oscilação entre 10 e 67 formandos por período, tendo o mínimo de 10, no 1º período de 1997 e no máximo de 67 alunos no 1º período de 1976.

A partir de 1991, os anuários da PUCRS, trazem uma lista completa do nome dos formandos de todos os cursos, por semestre.

APÊNDICE D – Docentes do Curso, atividades do Departamento de Turismo, Participação do Curso em eventos e Conferências, Palestras ou cursos proferidos pelos docentes.

Inúmeros docentes contribuíram para a constituição do curso (Quadro 1). Durante toda a trajetória do curso aconteceram fatos marcantes em sua história como encontros profissionais e diversos eventos, que iremos apresentar a seguir, inicialmente aqueles promovidos pelo Departamento de Turismo (Quadro 2), em seguida os eventos que os docentes participaram (Quadro 3) e eventos que os docentes foram conferencistas, palestrantes ou ministrantes (Quadro 4).

O quadro 3 mostra eventos em geral, congressos, simpósios, conferências, promoções, homenagens, etc, em que o curso, através de seus docentes, esteve presente. Podemos observar que a participação dos docentes do curso em eventos da área é bastante freqüente, e no decorrer do tempo, essa participação vem aumentando.

Podemos observar nos quadros 3 e 4 que, a partir de 1987 há um grande número de eventos na área do Turismo e a participação dos docentes do curso, tanto como ouvintes, quanto como palestrantes é muito freqüente. Assim, os professores deixam de participar apenas como ouvintes e passam a participar como conferencistas. Isso demonstra que os professores passam a ter maior qualificação na área o que permite a elaboração de artigos, *papers* e conferências. Percebemos também que até a década de 1970 a maioria dos conferencistas pertencia ao mercado e os eventos na área não tinham propriamente um enfoque acadêmico. A partir de 1990 os eventos passam a ser mais acadêmicos, alguns promovidos por Faculdades ou Universidades.

Abdon Barretto Filho
Alberto André
Alice Bringuenti
Althair Antonio Rech
Álvaro Luis de Melo Machado
Ana Cláudia Nascimento
Ângelo Costa
Antoninho Muza Naime
Antônio Pinto Gomes
Ariosto Jaeger
Arnoldo Doberstein
Berenice Pereira Mércio
Braz Augusto Aquino Brancato
Carlos Alberto Krause
Carlos Miranda Kruger
Celso Ernani Santos Netto
Cleusa Maria de Andrades Scroferneker
Dilita Silveira Martins
Diney Adriana de Oliveira
Elaine Machado
Elvo Clemente
Eugênio Machado
Flávio Paim Falcetta
Geraldo Castelli



Geraldo Valenti Canali  
 Gilberto Scarton  
 Gladis Terezinha Garcia<sup>177</sup>  
 Gladis Wohlgemulh  
 Guido Bakos  
 Helaine Rosa  
 Henrique Richter  
 Hilda Flores  
 Iara de Almeida Bendati  
 Ida Elisabeth Boa Nova  
 Ingo Oscar Seitz  
 Irmão Mainar Longhi  
 Jorge Paterson  
 José Fernando Fonseca da Silveira  
 José Pedro Braun  
 Julio Roberto Balzano  
 Júlio Rubbo  
 Julio Segismundo Collares Alvares Pereira Lima  
 Leando de Lemos  
 Leopoldo Justino Girardi  
 Luis Gustavo Silva<sup>178</sup>  
 Luiz Gustavo Patrucco  
 Luiz Gustavo Welp  
 Manoela Carrillo Valduga  
 Marcelo Schenk de Azambuja  
 Maria Del Carmen  
 Maria Helena Costa Lima  
 Maria Helena Marques  
 Maria Helena Vacaro  
 Maria Zita Englert  
 Marina T. Volp  
 Mario Frederico Schardong  
 Marutshcka Martini Moesch  
 Melchiades Striches Filho  
 Moacyr Flores  
 Mozart Victor Russomano  
 Neka Machado  
 Nestor Iosti  
 Norma Martini Moesch<sup>179</sup>  
 Olmiro Gomes  
 Ondina Maria Ohlweiler da Silveira<sup>180</sup>  
 Osmar Inacio da Silva  
 Paulo Afonso  
 Paulo Francisco Rolhano Nardi  
 Paulo Sperry  
 Ramon Franco  
 Renato Batista Masina  
 Roberto José Porto Simões  
 Roberto Rossi  
 Rogério Maliski  
 Ruan José Mouruño Mosquera  
 Sergio Capanell  
 Silvana Lehn<sup>181</sup>  
 Susana de Araújo Gastal  
 Thais Casagrande  
 Thomé Jacinto Madeira  
 Wilson Sander

Quadro 1 – Alguns docentes que ministraram disciplinas no curso de Turismo da PUCRS

Fonte: O autor (2009)

<sup>177</sup> Ex-aluna do curso de Turismo da PUCRS.

<sup>178</sup> Ex-aluno do curso de Turismo da PUCRS.

<sup>179</sup> Ex-aluna da primeira turma do curso de Turismo da PUCRS.

<sup>180</sup> Ex-aluna da segunda turma do curso de Turismo da PUCRS.

<sup>181</sup> Ex-aluna do curso de Turismo da PUCRS.

Ano	Eventos
1974	Curso sobre Aspectos Históricos e Turísticos de P. Alegre, de 8 a 22 de julho, pelo Prof. Moacyr Flores; Curso de Folclore e Gastronomia, realizado pelo Prof. Glaucus Saraiva, de 15 a 31 de julho; Curso de Congressos, Convenções e Feiras, realizado de 8 a 12 de julho pelo Prof. Bolivar Madruga Duarte; Curso de Comercialização Turística, de 22 a 26 de julho.
1976	“Roteiros Turísticos de Porto Alegre” curso ministrado pelo Professor Moacyr Flores, de 12 a 17 de julho; “Aspectos Físicos do Planejamento Turístico”, sob a orientação do Professor Lineu Castello, de 19 a 26 de julho; “Lazer e Turismo”, pela Professora Lúcia Gavello Castillo, de 26 a 30 de julho; II Congresso Nacional de Turismo, de 7 a 10 de setembro.
1979	Curso de Especialização em Turismo, coordenado pela Profª Cleusa Maria Andrade Scroferneker; Curso de Especialização em Comunicação Social e Especialização em Turismo, coordenado pela Profª Cleusa Maria Andrade Scroferneker, abril/maio de 1979; o professor Antoninho Muza Naime manteve contatos com a Diretoria de Planejamento da EMBRATUR com vistas aos programas e atividades do Centro de Treinamento em Turismo (Centretur), para aproveitamento e aplicação de recursos em andamento; realizado intercâmbio com as Faculdades de Turismo do Morumbi e Padre Manoel da Nóbrega em São Paulo; colaboração do curso no “Seminário de Turismo”, promovido pelo SENAC; cadastramento de bacharelados em Turismo para colaboração, junto ao SENAC, como instrutores; assistência junto à Associação Profissional dos Bacharéis em Turismo no Estado do Rio Grande do Sul, em processo junto ao Ministério do Trabalho; negociações sobre estágio junto as Agências de Turismo, Hotelaria, Órgãos Públicos, Fundações, Museus, Agências de Publicidade e Propaganda, empresas privadas, para aproveitamento de estagiários; exposição e debates, através do CAAP – Centro Acadêmico Alberto Pasquali, sobre estrutura dos cursos de Turismo, sua origem e bases legais, bem como sobre o Projeto de Regulamentação Profissional, em tramitação no Congresso Nacional; foram feitos contatos com parlamentares federais do Rio Grande do Sul sobre o andamento do projeto referido acima, bem como quanto ao processo de concessão de “Carta” à Associação Profissional dos Bacharéis em Turismo; foi feito o planejamento, organização e execução das atividades referentes ao 2º Congresso Regional Latino-Americano de Psicologia, pois o curso contava com uma Agência Experimental de Turismo, sob a coordenação do Prof. Antoninho Muza Naime e com participação de professores e alunos, passou a atuar e viabilizou a organização do Congresso Latino-Americano de Psicologia.
1981	Semana do Turismo
1989	23 autoridades convidadas proferiram palestras aos alunos; o Departamento planejou a formulação de um Convênio Técnico entre a PUCRS – FAMECOS e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da EPATUR, com a finalidade de desenvolver projetos integrados no campo do Turismo metropolitano, utilizando a mão-de-obra estagiária do Curso Superior de Turismo (será assinado até 31/12/89); Convênio com a CRTUR (Governo Estadual) ABAV e ABRASEL.
1990	Projetos vinculados ao curso, desenvolvidos pelos docentes: Plano de Desenvolvimento Turístico de Bom Jesus; Projeto de Implantação da Cartilha do Turismo nas Escolas de Capão da Canoa; Projeto de Apoio Técnico, convênio com as Prefeituras de Flores da Cunha e Capão da Canoa; Projeto de Implantação do Ensino da Língua Espanhola no 1º Grau, Capão da Canoa; Projeto de Convênio PUCRS – FAMECOS – TURISMO e Prefeitura Municipal de Porto Alegre EPATUR, Formulação do Calendário de Eventos de Porto Alegre. Projeto do Livro Turismo Oficial no Rio Grande do Sul – Resgate de uma Iniciativa Pioneira no Brasil; Projeto Farroupilha, responsáveis pela criação do Plano de Desenvolvimento Turístico de Farroupilha – Convênio Prefeitura Municipal e PUCRS – FAMECOS Turismo; Projeto de Valorização Turística do III Distrito/Sato Ventoso; Projetos de Levantamento de Patrimônio Turístico de Nove Municípios: Cruz Alta, Farroupilha, Flores da Cunha, Serafina Correa, Taquara, Antônio Prado, Santa Cruz, Porto Alegre, Lajeado. Prática de estágio supervisionada pelos professores. Participavam dos projetos diversos professores, Norma Moesch, Diney Adriana Oliveira, Berenice Pereira, Marutschka Moesch, Luis Patrucco, Hilda Flores, Carlos Alberto Krause, Luís Gustavo Welp, Antoninho Naime e Maria Helena Vacaro.

1991	I Encontro Estadual de Secretários de Educação, Cultura e Turismo; Seminário de Turismo Técnico; Encontro de Municípios e seus Inventários Turísticos; Seminário para Professores de Turismo; FAM – TOUR e III Ciclo de Estudos Turísticos de Caxias do Sul e Serra Gaúcha.
1992	City Tour Cultural, Hilda Flores, 06/06; Projeto Experimental de Turismo Ecológico, Norma Moesch, 06 e 07/06; Premiação “Amigos do Turismo”, José Fernando Silveira, 24/09.
1993	-
1994	-
1995	Seminário de Turismo junto aos Municípios de Dois Irmãos, de Presidente Lucena e de Nova Petrópolis. Neste ano o curso de Turismo manteve contatos e trabalhou junto aos municípios e as comunidades do Rio Grande do Sul.
1996	I Semana do Turismo, de 23 a 27 de setembro de 1996, realizada através da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e do Curso de Turismo, em conjunto com a ABAV – Associação Brasileira de Agentes de Viagens/RS e a Associação dos Municípios da Rota Romântica.
1997	Curso de Ecoturismo, com a Profª Me. Maria Luiza Paes, do IBAMA, PUCRS e Curso de Qualidade no Turismo, com o Prof. Dr. Luís Gonzaga Trigo/ USP, PUCRS
1998	Acordo de cooperação e termo de compromisso de estágio entre a viação aérea São Paulo AS – VASP e a PUCRS.
1999	Implantados vários laboratórios na Faculdade, dentre eles o Laboratório de Eventos, com a proposta de possibilitar aos alunos a vivência prática da organização e execução; realizada a V Semana do Turismo (Semana do Turismo é um evento anual realizado pelo curso superior de Turismo da FAMECOS, é um evento acadêmico e tem por finalidade discutir temas de grande interesse para a atividade turística, propiciando aos alunos uma oportunidade de aproximarem-se do mercado de trabalho); realizada a palestra “A Realidade do Ensino de Turismo nos Estados Unidos”, ministrada por Christina Blanchet, Bay State College, Boston/USA.
2000	Semana do Turismo, que teve como palestrante convidada a professora Maria Ângela Bissoli, PUCSP, São Paulo/SP; Workshop Viajando pelo Brasil e a apresentação dos Projetos Experimentais de Turismo; curso de extensão AMADEUS, sob a responsabilidade da Profª. Maria Helena Costa Lima.
2001	Aplicação de pesquisa com os visitantes do Salão Gaúcho de Turismo através da parceria PUC e Secretaria de Estado do Turismo; Nos anos de 2000/2001 diversas vezes o curso é convidado a participar das reuniões do plano “Viajando pelo Rio Grande do Sul” da Secretaria de Estado do Turismo, que foi lançado em dezembro de 1999. Nesse período o Secretário de Turismo era Milton Zuanazzi.; criação do Laboratório Experimental de Turismo – LABTUR, com o objetivo de possibilitar aos alunos uma maior compreensão teórico-prática no âmbito acadêmico por meio de suas participações em atividades acadêmicas; criação do LET - Laboratório de Estudos em Turismo - com a competência de fomentar e institucionalizar estudos acadêmicos no curso superior de Turismo, da FAMECOS PUC/RS, assim como de apoiar, através de discussões internas e a participação em redes de informação, o incremento à produção científica em Turismo e seus eixos correlatos – hotelaria, agências de viagens, animação e lazer, transporte etc e sua divulgação (convém salientar que esses laboratórios não se efetivaram ou se funcionaram foi por um período pequeno); apresentação dos Projetos Experimentais em Agências de Viagens, Animação Turística, Organização de Eventos, Marketing em Hotel e Restaurante e Planejamento Público, Porto Alegre/RS; Workshop Viajando pelo Brasil, Porto Alegre/RS; Concurso Fotografe suas Férias, Porto Alegre/RS; Organização e promoção da 1ª Reunião Oficial dos Coordenadores de Cursos Superiores de Turismo do Rio Grande do Sul, FAMECOS/PUCRS, Porto Alegre/RS.
2002	Stand Institucional, no II Salão Gaúcho do Turismo, Secretaria de Estado do Turismo, Desporto e Lazer, Porto Alegre/RS; VI Semana do Turismo Comemoração dos 30 Anos, PUCRS, Porto Alegre/RS; I Mostra dos Trabalhos Acadêmicos, PUCRS, Porto Alegre/RS; de 25 a 27 de agosto a 7ª edição da Semana do Turismo.
2003	Palestra “As Perspectivas do Turismo no Rio Grande do Sul, para os Próximos Anos”, com Luis Augusto Lara, Secretário do Estado do Turismo; evento Turismo Faz..., uma Mostra dos Trabalhos Acadêmicos; Reunião dos Coordenadores de Cursos

	<p>de Turismo do Rio Grande do Sul; VIII Semana do Turismo; palestra “O Papel da ABAV junto as Agências de Viagens no momento atual”, Mário Dick, Presidente da Associação Brasileira das Agências de Viagens, seção do Rio Grande do Sul; palestra “A Gastronomia e o Turismo”, Aires Scavone, Consultor Gastronômico; palestra “Turismo Aventura”, Álvaro Machado, Biólogo da Secretaria de Estado do Turismo; e palestra “O Convention &amp; Visitors Bureau e o Turismo de eventos”, João Luis dos Santos Moreira, Presidente da Federação Nacional de Conventions &amp; Visitors Bureaux. Nesse ano, foi celebrado o termo de cooperação entre a PUCRS e a Secretaria do Turismo, Esporte e Lazer tendo em vista o desenvolvimento conjunto de programas, projetos e atividades direcionadas ao incremento do setor turístico no Estado do RS; VIII Semana do Turismo, com o objetivo de integrar a Semana do Turismo no calendário de eventos da Universidade, destacando a importância do turismo como atividade sócio-econômico-cultural.</p> <p>Neste ano, o Departamento foi premiado no SET Universitário – Categoria Turismo Ecológico. Título do trabalho: Proposta de Reintegração do Parque Saint Hilaire com a comunidade; e na Categoria Turismo Cultural com o trabalho intitulado: A Gincana como instrumento de Produção Turística.</p>
2004	<p>Turismo faz... Mostra dos Trabalhos Acadêmicos; IX Semana do Turismo; 1ª edição do Prêmio “Os Melhores do Turismo”, entrega do Troféu/ 2004.</p>
2005	<p>10ª Semana do Turismo “Turismo e Consciência”, realizada pelo Laboratório de Turismo LABTUR do Curso de Turismo de 26 a 28 de setembro de 2005, com o objetivo de comemorar o Dia Mundial do Turismo promovendo um evento que visa a integração informação e discussão entre os alunos do curso de turismo da PUCRS e a comunidade em geral, de forma consciente. Em 29 de agosto de 2005, a PUCRS e o Ministério do Turismo firmaram um protocolo de intenções com o objetivo de reunir esforços para a realização do Projeto-Piloto Inventário da Oferta Turística Brasileira no Estado do Rio Grande do Sul. O protocolo foi assinado pelo secretário nacional de políticas do turismo, Milton Zuanazzi, e pelo Reitor, Joaquim Clotet. Esse projeto-piloto é o primeiro passo para a organização das informações turísticas do País, em um único banco de dados, para fins de planejamento e gestão da atividade.</p>
2006	<p>Implantação do Projeto Piloto do Ministério de Inventariação Turística dos Municípios de Porto Alegre, Viamão, Santana do Livramento, Uruguaiana e Quarai; entrevista para o jornal Zero Hora, intitulada “O que falta no Litoral”, p. 30 e 31, 08/01; Bem-vindo aos Calouros, 02/03; Diálogos Transversais, 02/03; 24/03; 11/04; 11/05; 23/05; 24/08; I Colóquio de Turismo – SISTUR (Sistema de Turismo), 13 a 15/03; Jantar Pedagógico, 25/05; lançamento do livro Alegorias Urbanas: passado como subterfúgio, de Susana Gastal, 31/05; II Colóquio de Turismo – avançar para viver a cultura da sustentabilidade, 31/05 e 01/06; Turismo Faz... Bancas de monografias, 01/07; 25/11; “Despertar da Bolívia e a construção de guias turísticos (a Rota Che Guevara e a Rota da Prata), Marcelo Câmara, Geógrafo, 02/09; “Sobre o urbano”, Encontro Nacional de Turismo, 25 a 27/09, convidados Ana Soster, Luis Custódio, Maria Beatriz Rahde, Paulo Bicca, Paulo Edy, Ieda Rodhen; saída de campo para São Francisco de Paula – Disciplina de Eventos e Fotografia e Imagem no Turismo; saída de campo para o Museu da Varig – Disciplina de Transportes Turísticos; saída de campo para os Hotéis Blue Tree Millenium Flat e Vila Ventura – Disciplina de Meios de Hospedagem e o Turismo; saída de campo para Cambará do Sul – Disciplina de Teorias do Turismo, Turismo e Meio Ambiente e Planejamento do Turismo; participação no programa Palavras Cruzadas, Canal 36, sobre Porto Alegre turística, 20/10; Seminário de Atualização do Turismo e o Mercado de Trabalho, outubro; elaboração do convênio e participação no Fórum Mundial do Turismo – destination 2006, coordenação do voluntariado com 150 alunos do Turismo, Hotelaria e Relações Públicas, coordenação da relatoria de 59 sessões, realizada por 22 professores e 33 alunos voluntários, 29/11 a 02/12; participação do Programa de Entrevista da TV Assembléia, Turismo e desenvolvimento do RS, dia 01/12; entrevista ao jornal Zero Hora, Turismo em Ação, p.1,2 e 3 do Caderno de Vestibular, 06/12; criação e organização da I Conferência Municipal de Turismo de Viamão, julho a dezembro.</p>

2007	<p>Regionalização do Turismo, Tânia Brizola, Ministério do Turismo, 02/03; Acolhimento aos Calouros de Turismo, 05 a 08/03; III Colóquio de Turismo: Desafios e Competências para o Profissional do Século XXI, 12 e 13/03; IV Colóquio de Turismo: Desvendando Viamão, 03/04; Turismo Sexual: O caso de Fortaleza, Rodrigo Boueri, UNESCO, 08/05; I Seminário de Sensibilização para a Compreensão do Turismo – Viamão, 24/05; V Colóquio de Turismo: Conhecendo o Profissional de animação e entretenimento, Dilson Nakaiama Miranda, 30/05; Jantar Acadêmico – Hotel Plaza São Rafael, 05/06; VI Colóquio de Turismo: Saberes e Fazeres do Turismólogo, 25/06; VII Colóquio de Turismo: Trilhando o Turismo Local, Beatriz Paulus, Caminhos de Pedra, 28/08; Dia Mundial do Turismo, 26/09; O Turismo pelas lentes dos idosos asilado: Um estudo no asilo Padre Cacique em Porto Alegre/RS, Luciana Babinski, Unisalle, 26/09; Exposição – Viamão: Parada Obrigatória! 26/09; Churrasco de Confraternização do Curso de Turismo, 24/11; VIII Colóquio de Turismo: saberes e fazeres do Turismo, 03/12; Mostra – Quem somos? Onde estamos? 19/11; Lançamento da Rota das especiarias – Viamão/RS, 08/12.</p>
------	--

Quadro 2 – Atividades do Departamento – 1974 a 2007

Fonte: Anuários da PUCRS

Ano	Eventos
1978	IV Congresso Nacional de Turismo, realizado em Belo Horizonte; I Encontro Nacional de Turismo, realizado em Porto Alegre.
1979	III Encontro Nacional de Educação e Turismo, promovido pela Associação Joventur do Brasil, em São Paulo; Encontro Técnico e de Integração dos Organismos Municipais de Turismo, em Atlântida – RS; VII Congresso Brasileiro de Agências de Viagens, em Recife – PE; Encontro do Capítulo Brasileiro da “American Society of Travel Agency” – ASTA, Rio de Janeiro; do Congresso da FUAHV, Buenos Aires, Argentina; Seminário para Investimentos da Embratur em Porto Alegre; III Expotur em Esteio – RS.
1980	Encontro das Associações dos municípios de Turismo; VIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Agentes de Viagens, no Rio de Janeiro; Congresso da COTAL, no México; 50º Congresso Nacional Americano de Restaurantes, em Chicago, além de outras participações.
1981	III Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo.
1982	Semana do Turismo; VI Congresso Nacional de Turismo, em Curitiba; Curso de Lazer e Planejamento, na Faculdade de Arquitetura da UFRGS; X Congresso Brasileiro de Agentes de Viagem, em Blumenau/SC.
1983	-
1984	-
1985	-
1986	Semana de Turismo, promovida pelo Sindicato das Empresas de Turismo do RS e Associação Brasileira de Agências de Viagem - Seção RS, juntamente com a Faculdade, em Porto Alegre; Seminário sobre “Programa Emergencial de Preparação de Recursos Humanos para o Turismo”, promovido pela Embratur, Rio de Janeiro.
1987	Congresso Brasileiro de Agências de Viagem; Promoção de Turismo Brasil – Uruguai, foram realizadas durante o ano diversas reuniões em Montevidéu junto à AUDAVI – Associação Uruguia de Agências de Viagem; Curso na Escola Oficial de Turismo da Espanha, em Madri, tendo como bolsista a Profa. Diney Adriana de Oliveira; I Encontro Rio-Grandense de Turismo, promovido pelo Centro Acadêmico Arlindo Pasqualini, com a colaboração do Departamento; I Seminário de Desenvolvimento Turístico do RS, organizado pelo Governo do Estado, em Porto Alegre; Presente e Futuro do Turismo no RS, encontro desenvolvido no auditório da Faculdade, e teve como palestrante o Arquiteto Günther Schlipper, presidente da Companhia Rio-Grandense de Turismo – CRTUR.
1988	Congresso Nacional da ABAV, em São Paulo; Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo/ENBETUR, em Curitiba; Curso de Especialização em Agências de Viagens – Lufthansa, em Frankfurt, Alemanha Ocidental; curso de aperfeiçoamento em Agências de viagens, EUA; Exploração Turística Espanhola: Uma Análise Técnica; Exposição Missionária; Mercado de Trabalho X Criatividade; Jornada de

	Estudos, projeto “Cultura Afro-Brasileira”; Oferta Turística Nacional e Internacional; Projeto “Viagem a Santo Angelo – São Miguel das Missões”; Projeto “Porto Alegre, Fluxos Turísticos e Receita Gerada”; Projeto “Inventário Turístico do Município de Torres”; Projeto “O Café Colonial como Suporte da Oferta Turística da Serra Gaúcha”; e Projeto “Aldo Locatelli em Porto Alegre”.
1989	3º Festival Internacional de Publicidade de Turismo, em Florianópolis; Festival Nacional de Turismo em Gramado e do Seminário “A Mulher no Mercado de Trabalho”; I Encontro Intermunicipal de Museus das Regiões Luso-Brasileiras em Gravataí e do Curso Rio Grande do Sul: História e Metodologia, promovido pelo Museu Arqueológico de Taquara; Comissão de Meio Ambiente e Turismo – Comissão de Estudos – Assembléia Legislativa – Uma Política de Turismo para o RS.
1990	II Ciclo de Estudos Turísticos de Caxias do Sul e Serra Gaúcha; Seminário Repensado a Festa da Uva, Caxias do Sul; Festival Nacional de Estudos e Seminário de Turismo em Gramado; Congresso Nacional da ABAV; Congresso Nacional da ABRASEL; Festival Internacional de Publicidade do Turismo; Seminário de Avaliação do Turismo em Flores da Cunha.
1991	Seminário de Turismo para SMEC, Bom Jesus/RS; XI Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo, Foz do Iguaçu/PR; Seminário de Turismo Técnico “CONESUL”, Buenos Aires/Argentina; Congresso da Associação Brasileira de Agentes de Viagens, Porto Alegre/RS; IV Set Universitário, FAMECOS/PUCRS; e Festival Nacional de Turismo de Gramado, Gramado/RS.
1992	Seminário 500 Anos da Emancipação da América Latina, Caxias do Sul/RS; no Seminário sobre Turismo Cultural, Nova Petrópolis/RS; no Seminário sobre Folclore e Tradicionalismo, Porto Alegre/RS; no Seminário Perfil Profissional e Mercado de Trabalho, Porto Alegre/RS; no Seminário Turismo: Perspectivas do Mercado de Trabalho, Porto Alegre/RS; Seminário Contabilidade do Turismo: de Olho no Balanço, Porto Alegre/RS; Seminário Planejamento e Economia Aplicada ao Turismo, Porto Alegre/RS; Seminário Segurança no Turismo, Porto Alegre/RS; e V Fórum da Liberdade, Porto Alegre/RS.
1993	Congresso Nacional de Agentes de Viagens, Foz do Iguaçu/PR; Festival de Turismo de Gramado, Nova Petrópolis/RS; XIII Encontro Brasileiro de Estudantes e Bacharéis de Turismo, Belo Horizonte/MG.
1994	Comitê MERCOSUL/Governo do Estado do RS, Porto Alegre/RS; Jornada Técnica de Turismo, SENA, Porto Alegre/RS; Festival Latino-Americano de Publicidade de Turismo, Canela/RS; e Festival de Gramado, Gramado/RS. Os cursos ministrados “Gerenciamento da Produção Turística”, SEBRAE, Natal/RN; “Recepcionistas de Eventos”, Nova Petrópolis/RS; “I Plenário das Tradições Imigrantes do RS”, Nova Petrópolis/RS; “Municipalização e Regionalização Turística”, em Maringá, Londrina, Ponta Grossa, Curitiba, Telêmaco Borba/PR.
1995	Seminário Internacional de Desenvolvimento Turístico, Canela/RS; Congresso de Turismo/Festival de Turismo/Salão Cone-Sul de Turismo, Gramado/RS.
1996	-
1997	-
1998	Curso de Formação de Guias de Turismo da Serra Nordeste, Mérica Produções e Eventos.
1999	Festival de Turismo, Gramado/RS; I Seminário Nacional de Dirigentes e Coordenadores dos Cursos de Turismo e Hotelaria, Universidade São Francisco, Bragança Paulista/SP; Elaboração da Proposta Nacional para Diretrizes Curriculares dos Cursos de Turismo e Hotelaria, Universidade São Francisco, Bragança Paulista/SP; O Turismo e a Globalização, FAMECOS, Porto Alegre/RS; Perspectiva do Turismo para o Próximo Milênio, FAMECOS, Porto Alegre/RS; Turismo – Proteção do Patrimônio Mundial para o Novo Milênio, FAMECOS, Porto Alegre/RS; e Turismo no Espaço Rural, PUCRS.
2000	-
2001	1º Workshop ABAV/Brasilturis de Integração Profissional junto ao 29º Congresso Nacional da Associação Brasileira das Agências de Viagens, Brasília/DF; Palestras na VI Semana do Turismo “Missões – patrimônio da Humanidade. Um produto Turístico Internacional”, “O Turismo como instrumento da paz: a experiência chilena em Turismo Rural” e “Turismo e a cultura brasileira no Terceiro Milênio”; 1ª Mostra dos Projetos

	Experimentais em Agências de Viagens, Organização de Eventos, Marketing em Hotel e Restaurante e Planejamento Público; Workshop “Viajando pelo Brasil”; Curso de “Tourism Super Tuesday”, São Paulo/SP; Fórum de Tecnologia da Informação Aplicada à Organizações de Eventos, Associação Brasileira das Empresas Organizadoras de Eventos – ABEOC/RS, Porto Alegre/RS.
2002	Feira, Jornadas Técnicas e Atividades Diversas em Lisboa/Portugal; Feira Internacional de Turismo, Madri/Espanha; XLIV Congresso Nacional da Indústria de Hotéis, ABIH Nacional Brasília, Brasília/DF; Congressos Nacionais da ABAV, Recife/PE; IV Congresso Internacional de Turismo da Rede de Mercocidades, Porto Alegre/RS; Laboratórios de Turismo, Seminário dos Professores de Turismo e Hotelaria, XXII Congresso Brasileiro de Turismo, ABBTUR, Foz do Iguaçu/PR.
2003	45º Congresso Nacional da Indústria de Hotéis, Anhembi, São Paulo/SP; 31º Congresso Brasileiro de Agências de Viagens e Exposição do Turismo, RIOCENTRO, Rio de Janeiro/RJ; Congresso Internacional do Tempo Livre, Hotel Plaza São Rafael, Porto Alegre/RS; 15º Festival de turismo de Gramado, Gramado/RS; Turismo com Base Local – Possibilidades e Necessidades. Prefeitura de Antônio Prado. Antônio Prado; Categorias do Espaço Turístico na Pesquisa Qualitativa, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul/RS; Encontro Nacional de Coordenadores e Docentes dos Cursos Superiores de turismo e Hotelaria, Porto Seguro/BA; XXIII Congresso Brasileiro de Turismo, Pernambuco/PE; VII Seminário Internacional de Comunicação: da Aldeia Global ao Ciberespaço: As Tecnologias do Imaginário como Extensões do Homem, Porto Alegre/RS.
2004	VI Congresso Internacional de Turismo da Rede Mercocidades, Porto Alegre/RS; 16º Festival de Turismo, Gramado/RS; Imaginário Urbano: Relendo o Texto Praça, VI LUSOCOM, Covilhã/Portugal; A Globalização e o Turismo de Fronteiras, I Seminário Internacional de Turismo de Fronteiras, Santa Maria/RS; O Tempo na Tessitura Pós-Moderna: Entre o Museu Acontecimento e o Souvenir – Memória, INTERCOM 2004, Porto Alegre/RS; Teoria X Prática: Experienciando a Pesquisa na Sala de aula, II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Caxias do Sul/RS; Oferta de Empregos e Programas de Formação Profissional em Turismo e Hotelaria: Quais as Compatibilidades?, Conferência Internacional AMFORHT para a América Latina, Natal/RN; O Uso da Imagem em Turismo, Seminário Internacional VICTUR, Caxias do Sul/RS; O Turismo e a Ciência do Século 21, EVENTUR, Maringá/PR; Imaginário na Produção de Artesanatos, I Fórum de Artesãos da Região da Uva e Vinhos, Garibaldi/RS; O Evento Científico, Trainee em Eventos, UCS, Caxias do Sul/RS; Comunicação e Marketing no Turismo, Mestrado, Caxias do Sul/RS; Conferência Mundial da Air Transport Research Society – ATRS 2004, Istanbul Technical University, - Istambul/Turquia; O Turismo de Aventura no Rio Grande do Sul, Seminário da Adventure Sports Fair, Pavilhão da Bienal, Parque do Iberapuera, São Paulo/SP; Regulamentação do Turismo de Aventura no Rio Grande do Sul, UCS, Bento Gonçalves/RS; Simpósio Nacional de Certificação em Turismo de Aventura, Simpósio da Adventure Sports Fair, Pavilhão da Bienal, Parque do Iberapuera, São Paulo/SP; e Visitação em Unidades de Conservação, Ministério do Meio Ambiente, São Paulo/SP.
2005	Festival de Turismo, Serra Park, Gramado/RS, 17 a 20/11; 2ª Conferencia Regional Amforht (Asociación Mundial para La formación Hotelera y Turística), Instituto vatel, Buenos Aires/Argentina, 8 a 10/09; Seminário – 4x Brasil – Itinerários da Cultura, Teatro Bruno Kiefer da Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre/RS, 13 e 14/09; 47 Congresso Nacional de Hotéis – CONOTEL, Palácio das convenções do Anhembi, São Paulo/SP, 20 a 23/09; Seminário – Metamorfoses da Cultura Contemporânea, Prédio da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS, 17 a 19/10; 18º Festival de Turismo, Centro de Feiras Serra Park, Gramado/RS, 16 a 19/10
2006	-
2007	XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Turismo e Hospitalidade; IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, GT-6ª Outras Interfaces; Festival de

## Quadro 3 – Participação do Curso em eventos da área de Turismo – 1978 a 2007

Fonte: Anuários da PUCRS

Ano	Conferencia/Palestras ou Curso
1988	Prof. Paulo Alberto Gália - “Ética: adequação aos guias turísticos”, no Seminário promovido pela CRTUR; Profª Norma Moesch - “Turismo e realidade nacional”, no ENBETUR, em Curitiba, Curso de Especialização de Guias de Turismo, CRTUR e Curso de Especialização para Disneylândia – UNESUL.
1989	Profª Diney Oliveira, no III Festival de Publicidade do Turismo, no III Seminário de Turismo e na III Exposição de Turismo, em Florianópolis; a Profª Norma, no III Encontro Riograndense de Turismo e no curso, promovido pelo CIPEL, Cultura Riograndense de Turismo; a Profª Hilda, palestrou sobre “História e Cultura no RS – Etnias”, promovido pelo CIPEL, “Elementos Etno-culturais” promoção Círculo de Pesquisas Literárias, CIPEL/POA, “Características Sociais na formação do RS”, no curso RS: História e Cultura, e “Imigração Alemã”, no curso de atualização para Guias em Turismo, promoção SENAC, Porto Alegre.
1990	Profª Norma, proferiu diversas palestras: “Turismo na Terceira Idade” em Canela; “Dimensão do Turismo: Sua Dinâmica Latinoamericana e suas Limitações na área de Recursos Humanos” no Congresso Internacional da Associação Mundial para Formação de Recursos Humanos/AMFORT, em São Paulo; “Formação de Recursos Humanos para o Turismo: Tentativas e Equívocos”, na EMBRATUR, no Rio de Janeiro; “A Animação Turística e seu Compromisso com o Futuro do Turismo Universal”, ABRASEL, no Congresso Nacional da Associação de Empresas de Lazer e Entretenimento em Porto Alegre; “Repensando o Turismo e a Festa da Uva em Caxias do Sul”, FEUVA S/A, em Caxias do Sul; “A Oferta Turística de Flores da Cunha e sua Demanda Cativa”, no Seminário de Turismo em Flores da Cunha; “Preservação Cultural – Suporte para o Turismo Regional”, no Clube de Mães em Caxias do Sul. Os docentes do Curso de Turismo ministraram diversos cursos, O “Curso Intensivo de Marketing Turístico em Canela” – Prof. Antoninho Muza Naime, Profª Diney Oliveira, Profª Norma; e o Curso de “Formação de Guias de Turismo”, Mérica Promoções e Eventos, Caxias do Sul - Profª Diney, Profª Norma, Profª Marutschka Martini Moesch, Prof. Carlos Alberto Krause, Profª Bernice Pereira, e Profª Hilda Flores.
1991	“Formação de Recursos Humanos”, em Lajeado e em Porto Alegre/RS; “Turismo ecológico”, em Porto Alegre; “Turismo para Empresários”, em Carlos Barbosa/RS; e “Turismo”, em Estância Velha/RS. Ministraram o Curso de Preparação para o Turismo “As Relações Humanas entre Visitantes e Visitados”, em Capão da Canoa/RS; Curso para Guias de Turismo, em Porto Alegre; curso “Turismo para Lideranças”, em Antônio Prado/RS.
1992	“Turismo: perspectivas para o século XXI”, em Camboriú/SC; “Turismo: prazer e responsabilidade”, Camboriú/SC; “Planejamento econômico do Turismo”, Canela/RS; “Distritos turísticos e suas características”, Caxias do Sul/RS; “Turismo – alternativa para o desenvolvimento da Região Missioneira”, Santo Ângelo/RS; “O marketing do turista”, Porto Alegre/RS; e “Turismo, profissionalismo e desenvolvimento regional”, Torres/RS; “Reestruturação curricular do Curso Superior de Turismo da PUCRS”, Porto Alegre/RS; curso de “Animação Turística e Lazer”, Porto Alegre/RS; curso de “Planejamento Turístico”, Curitiba/PR; e curso “Formação de Guias de Turismo”, Caxias do Sul/RS.
1993	“Turismo e desenvolvimento regional” no Simpósio de Turismo da Região Sul de Santa Catarina, Urussanga/SC; “Turismo no Rio Grande do Sul”, durante a Missão Comercial dos Órgãos Oficiais de Turismo e Setor Empresarial, Santiago/Chile; “O turismo como processo econômico”, no I Seminário de Turismo do Gravatal, Gravatal/SC; “Planejamento Turístico e Desenvolvimento Integrado”, no I Fórum de Administração Municipal do Mercosul, Porto Alegre/RS; “O Turismo na Serra Gaúcha”, no Conselho Municipal de Turismo, Caxias do Sul/RS; “Turismo e formação profissional”, no Simpósio Integração Regional Pró-Mercosul, Pelotas/RS; “O Planejamento turístico e os resultados práticos”, no I Simpósio Latino-Americano de Docentes e Pesquisadores de Turismo,



	Salvador/BA; “Conselho Escolar e seu papel pedagógico”, no Seminário da Gestão Democrática na Escola Pública SMED/Porto Alegre; “A relação do turismo com a cultura, lazer e desporto”, no I Fórum de Administração Municipal do Mercosul, Porto Alegre/RS; “Democracia e Escola Pública”, no Encontro de Professores Municipais de Caxias do Sul, Caxias do Sul/RS; “O Impacto do Turismo e suas resultantes”, no Curso de Avaliação de Guias de Turismo, Porto Alegre/RS; “Planejamento participativo e projeto pedagógico”, no XXI Encontro Nacional de Educação, Porto Alegre/RS; “O Turismo como estratégia de desenvolvimento econômico”, no I Fórum de Administração Municipal do Mercosul, Porto Alegre/RS; “Gestão da qualidade na área de serviços”, no Encontro de Superintendentes, Diretores e Chefias da Secretaria de Planejamento e Administração do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS; “Turismo ecológico no município de Porto Alegre”, Porto Alegre em Debate: Projeto Guaíba Vive, Porto Alegre/RS; “O carnaval de Porto Alegre”, no Seminário de Avaliação do Carnaval de Porto Alegre, Porto Alegre/RS; Curso de Gerenciamento Turístico, Aracaju/SE.
1994	“Planejamento participativo, repensando o currículo”, CPERGS, 39º Núcleo, Porto Alegre/RS; “Educação e tecnologia”, na II Conferência Internacional de Educação Tecnológica, Curitiba/PR.
1995	Curso “Planejamento Turístico”, Curitiba/PR; “Treinamento objetivo”, Porto Alegre/RS; “Turismo no Rio Grande do Sul”, em Abelardo-Cruz/SC, em Palmeira das Missões/RS e em Erechim/RS; e “História, Cultura e Turismo no Rio Grande do Sul”, Porto Alegre/RS.
1996	-
1997	“Geografia no RS” e “Recursos Audiovisuais no Turismo” no curso de extensão em formação Turística em Nova Petrópolis/RS; “Rota Romântica: Uma Experiência Docente/Discente”, “I Encontro Nacional de Turismo com Base Local”, USP, São Paulo/SP; “Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável de São Francisco de Paula/RS”; “Turismo e Geografia” e “Turismo e Cultura”, UNOESC, Joaçaba/SC.
1998	“Turismo e cultura”, SEBRAE/SC, Videira/SC e Concórdia/SC; e “Promoção Turística e integração regional” no Curso de Especialização em Turismo e Hotelaria, UNOESC, Joaçaba/SC.
1999	“Comunicação de Qualidade”, no II Seminário Internacional de Comunicação, PUCRS, Porto Alegre/RS; “Qualidade em Serviços”, no 12º Set Universitário, PUCRS, Porto Alegre/RS; “Turismo em Qualidade”, Programa SEBRAE, Porto Alegre/RS; “Marketing turístico”, no I Seminário de Turismo e Cultura, Caçapava do Sul/RS; “Marketing Turístico aplicado aos meios de hospedagem – estudos de casos”, Universidade de Caxias do Sul, Bento Gonçalves/RS; “Plano de ação imediata para o turismo receptivo”, Hotel Beira Mar, Itapema/SC; “Marketing turístico para hotelaria e gastronomia”, no Tecno Hotel’99, Hotel Continental, Canela/RS; “Turismo e impactos socioeconômicos e culturais”, na Universidade Católica de Pelotas, Pelotas/RS; “Turismo – profissão/mercado e cursos”, no Colégio Anchieta, Porto Alegre/RS; “As linguagens do turismo”, no 12º Set Universitário, PUCRS, Porto Alegre/RS; “A ética e a comunicação no julgamento das entidades carnavalescas”, no Curso de Preparação para Avaliadores, Associação das Entidades Carnavalescas de Porto Alegre e Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS; “A importância da realização do evento Carnaval para o Incremento da atividade turística”, no Curso de Turismo da UNISC, Santa Cruz do Sul/RS; Fórum de E-Business: O Futuro da sua Empresa na Internet, Federasul, Porto Alegre/RS; O Comportamento do Consumidor no Ano de 2000, Curitiba/PR; O Perfil do Agente de Viagens na Atualidade – Porto de Vista Técnico, Curitiba/PR; Marketing Hoteleiro, Porto Alegre/RS; O Marketing Turístico e o Crescimento de uma organização voltada para o cliente, Salvador/BA; e Turismo e Artesanato, no Fórum Municipal de Turismo, Porto Alegre.
2000	”As estratégias utilizadas para diferenciação dos serviços hoteleiros – estudo de caso ‘e-hotel’ Plaza São Rafael”, Tecnohotel 2000, Canela/RS; “Marketing Turístico para Implantação de Pousadas, SENAC – Hotelaria”, Porto Alegre/RS; e “Marketing Turístico e os Desafios do Século XXI” no Centro Empresarial Iguatemi, Salvador/BA.
2001	“Gerência geral de hotel”, curso de Turismo da Anhembi-Morumbi, São Paulo/SP; “Turismo e negócios”, III Semana do

	<p>Turismo, Universidade de Santa Cruz, Santa Cruz do Sul/RS; “Plano de ação imediata para o turismo receptivo”. TURISFEIRA 2001 e I Fórum Gaúcho do Turismo da Zona dos Vales, Associação dos Jovens Empresários de Lajeado, Lajeado/RS; “A ética no turismo”, XXI Congresso Brasileiro de Guias de Turismo, IV Congresso Internacional de Guias de Turismo, I Congresso de Guias de Turismo do Mercosul, Bento Gonçalves/RS; “O Lazer e a Cidade – possibilidade, esporte e turismo”, AABB, Porto Alegre/RS; “O carnaval e o turismo – a importância da avaliação dos desfiles”, curso de Preparação de Avaliadores do Carnaval 2002, Associação das Entidades Carnavalescas de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS; “A Segmentação do turismo e o mercado profissional para o bacharel em Turismo”, curso de Turismo, Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Taquara (FACCAT), Taquara/RS.</p>
2002	<p>“A gastronomia com o produto turístico”, I Ciclo de Palestras sobre o turismo, UNIFRA, Santa Maria/RS; “Comercializando o turismo rural”, III Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável, UNISC, Santa Cruz do Sul/RS; “Classificação de hotéis”, Congresso Internacional de Hotelaria e Gastronomia, Gramado/RS; “Construtores de dinossauros turísticos”, Cipaltur 2002, no Ciclo de Palestras de Turismo/II Paleontur, UNIFRA, Santa Maria/RS; “Ensinar por projetos? Como é essa prática?”, Instituto Estadual de Educação Olívia Lahn Hirt, Igrejinha/RS; “Refletindo sobre a prática do ensino em Geografia”, Encontro de Formação Continuada, Prefeitura Municipal de Educação, Caxias do Sul/RS; “O ensino da Geografia na pós-modernidade”, I Encontro Estadual de Ensino de Geografia, Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina, Florianópolis/SC; “Turismo de praia – inquietações geográficas”, XIII Encontro Nacional de Geógrafos, UFPB, João Pessoa/PB; VI Encontro Nacional de Turismo com Base Local, UEMS/UFMS/MS; “A comunicação integrada para o desenvolvimento do turismo”, 7ª Semana da Comunicação, URCAMP, Bagé/RS; “O Paraná como paisagem na ficção”, 46ª Feira do Livro de Porto Alegre, Porto Alegre/RS; “Falácias e verdades na ética do pesquisador em turismo”, Seminário Pensamento Estratégico do turismo, I Workshop – Perfil do Pesquisador em Turismo, São Paulo/SP; “Turismo e cultura”, Simpósio Brasileiro de Estudos do Turismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/MG; “A complexidade da atividade turística”, XIV Congresso Latino Americano de Parlamentos Municipais, Câmara Municipal de Vereadores, Porto Alegre/RS; “Marketing turístico para o século XXI”, II Fórum de Marketing da Região Sul do Rio Grande do Sul, UCPEL, Pelotas/RS; “Como Utilizar o Marketing Turístico no Século XXI”, ABBTUR – Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo, Porto Alegre/RS; e “Problematizando a Práxis em Geografia nas Séries Iniciais”, Secretaria Municipal de Educação, Florianópolis/SC.</p>
2003	<p>“Plano de ação imediata para o turismo receptivo”, I Seminário de Turismo e Cultura de Triunfo, Câmara Municipal, Triunfo/RS; “Atual situação da Hotelaria Brasileira”, painel, 45º Congresso Nacional da Indústria de Hotéis, Anhembi, São Paulo/SP; “Turismo com base local”. Universidade de Caxias do Sul, Canela/RS; “Geografia no Turismo”, 1ª Semana Acadêmica da Área de Ciências Humanas, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria/RS; “Turismo e a cultura urbana”, II Simpósio Nacional de Arquitetura e Urbanismo para o Turismo, Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de Vitória, Vitória/ES; “Porto Alegre e sua construção de imaginários”, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS; “Acadêmicos de Turismo: o que desejo para vocês” UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul/RS; “Animação em Hotéis Resort e Navios”, Hotel Plaza São Rafael, Porto Alegre/RS; “Como Utilizar o Marketing Turístico no século XXI”, ABBTUR/SINDETUR, Porto Alegre/RS; e “Sistematização dos Processos de Informação e Marketing Turístico Institucional, UCS” – Universidade de Caxias do Sul, Canela/RS.</p>
2004	<p>“O desenvolvimento e a implantação do projeto pedagógico do curso de Turismo da PUCRS”, no IV Seminário Turismo.</p>
2005	<p>“A formação técnica e a competência a serviço do turismo”, no 17º Festival de Turismo de Gramado, Gramado/RS; “Turismo de fronteiras: lugar ou não-lugar?”, no 2º Seminário Internacional de Turismo de Fronteiras, em Foz do Iguaçu/Paraná; “Planejamento turístico”, em Rolante/RS; “Turismo como</p>

	gerador econômico e turismo rural”, Camaquã/RS; “Turismo rural”, Porto Alegre/RS; “Os eventos e o mercado turístico”, no 33º Congresso Brasileiro das Agências de Viagens e Exposição de Turismo, Rio de Janeiro/RJ; “Reflexões sobre a viagem de estudos”, no Fórum de discussões nas atividades Integradas de Extensão, Unilasalle, Canoas/RS
2006	“Tendência do futuro da Hotelaria”, UNIFRA, Santa Maria/RS; “Novo Momento da Hotelaria”, FECOMÉRCIO, Porto Alegre/RS; “Comunicação e Turismo”, na Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela/Espanha; “Tempos contemporâneos e o Turismo, na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG; “O complexo fenômeno turístico”, na UNISINOS, São Leopoldo/RS; “Concepção de Turismo sustentável”, na Fundação Roberto Marinho/MTUR; “Patrimônio cultural e o Turismo”, na Faculdade de Arquitetura da PUCRS e na Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul/RS; “Sensibilizando para o Turismo”, UCS/Prefeitura de Nova Petrópolis; “Sociedade civil: associativismo e a organização comunitária como nova alternativa para o desenvolvimento”, na UNICENP, Curitiba/PR; “Turismo e desenvolvimento com base local”, na I Conferência Municipal de Turismo da Cidade de Viamão, Viamão/RS
2007	“O Lugar da Geografia no entre-lugar do espaço turístico, uma viagem complexa”, no IX Colóquio Internacional de Geocrítica, Universidade de Barcelona e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS e no X Encontro Nacional de Turismo com Base Local, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB; “Dos Espaços sem Fronteiras às Fronteiras dos Espaços”, no IV FRONTUR, Ministério do Turismo e SEBRAE/MT, Cuiabá/MT; “Experiências Positivas em Relações Públicas e Turismo”; “A Pesquisa e a Extensão como Ferramentas de Desenvolvimento do Turismo”; “Mercado Central Lugar de Memória de um Povo”; “A Experiência do Turismo no Contexto do COMTUR”; “Sensibilização para a Compreensão do Turismo: Mitos e Verdades para um Turismo Sustentável”, no I Seminário de sensibilização para Compreensão do turismo, FAMECOS, PUCRS, Viamão/RS; “Turismo: Políticas Públicas e capacidade de Governança Local”, Dourados/MS; “Desafios e competências para o profissional do turismo e construção da cidadania globalizada”, na Semana do Turismo, Foz do Iguaçu/PR; “Saberes para uma educação do futuro”, na II Semana de estudos turísticos da UFOP, Ouro Preto/MG; “O Lazer na Intersetorialidade das Políticas Públicas: novos olhares”, na 2ª Reunião Nacional dos Gestores e Agentes do Programa Esporte e Lazer da Cidade-PELUC, Brasília/DF

Quadro 4 – Conferências, Palestras e ou cursos proferidos pelos docentes do Departamento – 1988 a 2007  
 Fonte: Anuários da PUCRS

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)